Pernambuco
Governo Roberto Magalhães

O [illegible]ROSO LVCIDENO E TRIVMPHO DA LIBERDADE

PRIMEIRA PARTE

[illegible]

POR O P. MESTRE FREI MANOEL CALADO
da Ordem de S. Pa[illegible] Congregação dos
Frenetas [illegible] Ossa natural de Villauiçosa.

DEDICADA

AO S[illegible] R D[illegible] E[illegible]SIO
[illegible] Patrio, & Monarchia de Portugal

EM LISBOA.

[illegible] Sancta Inquisição, Ordinario, & Mesa do Paço

COLEÇÃO PERNAMBUCANA

2ª FASE

VOL XIII

O VALEROSO LUCIDENO E TRIUNFO DA LIBERDADE

Frei Manoel Calado

I

Prefácio de
JOSÉ ANTÔNIO GONSALVES DE MELLO

4ª EDIÇÃO

GOVERNO DE PERNAMBUCO
Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes
Fundação do Patrimônio Histórico e
Artístico de Pernambuco
— **FUNDARPE**
DIRETORIA DE ASSUNTOS CULTURAIS
RECIFE 1985

ISBN
85-85025-21-2
85-85025-22-0

CALADO, Manuel, Frei 1584-1654. *O valeroso lucideno e triunfo da liberdade*. 4 ed. Pref. de José Antônio Gonsalves de Mello. Recife, FUNDARPE. Diretoria de Assuntos Culturais, 1985. 2 v. il. (Coleção Pernambucana — 2ª fase, 13)

Reprodução gráfica da edição de 1942 do Governo do Estado de Pernambuco, com erratas e correções segundo confronto com a edição portuguesa de 1648. Índice onomástico elaborado por José Antônio Gonsalves de Mello.

C.D.U. 981 "16"

981.34 "16"

1. BRASIL — HISTÓRIA — DOMÍNIO HOLANDÊS, 1635-1646. 2. PERNAMBUCO — HISTÓRIA — SÉCULO XVII. PERNAMBUCO — COSTUMES E VIDA SOCIAL. I. Título. II. Mello, José Antônio Gonsalves de, 1916-

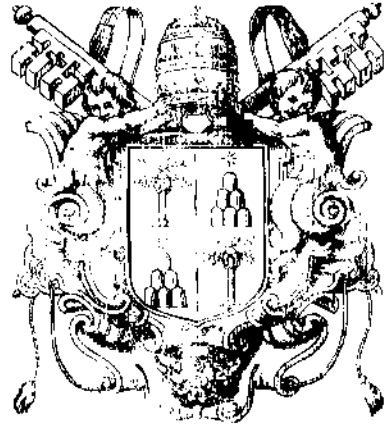
AHCC/APE

Nota do Editor

Leonardo Dantas Silva

DECRETVM

Sacræ Congregationis Eminentiſſimorum, & Reuerendiſſimorum DD. S. R. E. Cardinalium a Sanctiſs. D.N. ALEXANDRO Papa VII. Sanctaque Sede Apoſtolica ad Indicem librorum, eorumdemque permiſſionem, prohibitionem, expurgationem, & Impreſſionem in Vniuerſa Republica Chriſtiana ſpecialiter deputatorum, vbique publicandum.



SACRÆ Indicis Congregationis Decreto damnati, prohibiti, ac reſpectiue ſuſpenſi fuerunt infraſcripti omnes libri vbicumque, & quocumque idiomate impreſſi, imprimendiue. Nemo cuiuſcumque gradus, & conditionis eos in poſterum, vel imprimat, vel legat, vel retineat. Si quos interim habuerit Inquiſitoribus, ſeù locorum Ordinarijs à præſentis Decreti notitia tradat ſub pœnis in Indice librorum prohibitorum contentis.

LIBRI SVNT.

Benedict. Carpzou Opera ſequentia.

Practica noua imperialis Saxonica in partes tres diuiſa.

In legem Regiam Germanorum.

Deciſiones Illuſtres Saxonicæ rerum, & quæſtionum forenſium in Sereniſſimi Electoris Saxoniæ ſupremo appellationum Iudicio, & Scabinatu Lipſienſi vtramque in partem ventilatarum, ac diſcuſſarum, reſponſis, & iudicatis Dicaſterij vtriuſque corroboratæ.

Deciſionum Illuſtrium Saxonicarum Pars ſecunda, cauſas, & quæſtiones forenſes in Sereniſſimi Electoris Saxoniæ Senatus appellationum Dreſdenſi, Curia prouinciali ſuprema facultate Iuridica, & Scabinatu Lipſienſi vtramque in partem ventilatas, diſcuſſas, & determinatàs, reſponſiſque, & iudicatis Tribunalium horum, & Dicaſteriorum corroboratas exhibens.

Bernardiñi VVetuuies vera, & ſincera Informatio circa Originem, & Statum trium Ordinum Fratrum Minorum S.P. Franciſci.

Ioannis Markieuicz Canonici VVarmienſis Poloni Opuſcula ſequentia.

Scandalum expurgatum in laudem Inſtituti Societatis Ieſu.

Speculum Zeli à peſſimis ad exemplar malitiæ contra Sacros Canones, & Iuriſdictionem Eccleſiaſticam elucubratum, & ſic ſub nomine ficti cuiuſdam Adami Nieſielski ad contemplationem, & cenſuram Ioanni Markieuicz Canonico VVarmienſi in forma famoſi libelli dedicatum, & oblatum ab eodem contemplatum, cenſuratum, & tanquam peſtiferum, & ſcandaloſum refutatum.

Manuelis Calado liber Inſcriptus. O Valeroſo Lucideno, e Triumpho da liberdade primeira parte, donec corrigatur.

Petri de Alua, & Aſtorga liber cui titulus, Prodigium naturæ, & portentum gratiæ. In quorum fidem manu, & ſigillo Eminentiſs. & Reuerendiſs. D. D. Card. Spadæ Epiſcopi Præneſtini ſupradictæ Sacræ Congregationis Præfecti præſens Decretum ſignatum, & munitum fuit. Romæ die 24. Nouembris 1655.

B. Card. Spada Præf.

Loco ✠ ſigilli.

Fr. Hyacinthus Libellus Magiſter, & Sac. Congr. Secr.

Embora Francisco Adolfo de Varnhagen o trate com uma irritante injustiça, acusando-o de faltar "muitas vezes à dignidade histórica" (1), Robert Southey vê a obra de Frei Manuel Calado do Salvador com admiração, enfatizando suas qualidades de soldado, pregador, poeta e historiador (2), no que concorda Capistrano de Abreu ao escrever "Memórias de um Frade". (3)

Para José Honório Rodrigues, "Frei Manuel Calado, ou Manuel Salvador, como se chama a si mesmo nesta obra, escreve uma história singela do Brasil dos seiscentos, cheia de saborosas notícias da vida contemporânea. A ingenuidade e simplicidade com que se exprime dão a seu livro, com o qual tanto antipatizava o austero Varnhagen, um alto índice de autenticidade. É certo que foi parcial. Nem de outro modo poderia proceder quem, por tantas vezes, declarou, no correr de suas páginas vivas, tomar partido pelos da facção da liberdade... Este livro é um retrato vivo e autêntico dos sofrimentos e da rebeldia dos aflitos moradores do Nordeste. É a melhor crônica da época, onde o sabor das coisas seiscentistas se transmite ao leitor". (4)

Coube a José Antônio Gonsalves de Mello a melhor apreciação crítica da obra de Frei Manuel Calado para o qual deve ser vista como crônica "não como uma história das lutas contra os holandeses. Escrita por uma testemunha de vista, como amigo e fiel companheiro dos tristes e aflitos moradores de Pernambuco, e ainda, redigida com o propósito declarado de obter para eles o apoio do Rei de Portugal, não se pode esperar do 'tratado' a imparcialidade profissional do historiador, o cuidado de examinar os fatos sob aspectos diversos. Historiador, não o foi; viveu uma fase histórica, tomou partido, referiu-lhe os episódios. Assim considerado, o seu livro é admirável, pois, além de ser único que nos apresenta flagrantes reveladores da vida de portugueses

e holandeses, da cidade e do campo, da guerra e dos salões dos palácios nassovianos, no período de 1630 a 1646, é escrito como uma vivacidade encantadora. Da fase anterior ao movimento restaurador, iniciado em 13 de junho de 1645, o frade em vez de escrever a crônica miúda, do dia a dia dos acontecimentos, apresenta-se em painéis, salientando episódios marcantes a que a sua pena — quase um pincel de mestre pintor — dá vida e movimento". (5)

Frei Manuel Calado do Salvador é natural da Vila Viçosa (Portugal), sendo filho de Diogo Calado e Inês Martins. Sua data de nascimento é desconhecida, supondo Barbosa Machado ter nascido em cerca de 1584, pois faleceu em 12 de julho de 1654, quando contava 70 anos de idade e 47 de vida religiosa (6). Como religioso da Ordem de São Paulo dos Eremitas da Serra d'Ossa, nas proximidades de Évora (Portugal), Calado veio ao Brasil no início da década de 1620, com licença de seus superiores, para alcançar o necessário para o sustento de um pai e para o casamento de uma irmã "já capaz de tomar estado". Fixa-se inicialmente na Cidade do Salvador (Bahia), onde é preso em 1624 por ocasião da ocupação holandesa, indo posteriormente morar nos arredores de Porto Calvo, vila então pertencente a Pernambuco, onde possuía uma pequena propriedade, vinte e cinco escravos, e prestava assistência religiosa aos moradores. Em março de 1635 veio novamente a ter contato com os holandeses, quando do ataque comandado por Jan Corneliszoon Lichthardt àquela vila, assistindo ao cerco de Matias de Albuquerque, em julho do mesmo ano, e o enforcamento de Domingos Fernandes Calabar e Manuel de Castro, como traidores, tendo prestado assistência espiritual ao primeiro

A partir daí Frei Manuel Calado adere à causa dos da terra e vive o papel de religioso, pastor de ovelhas e guerrilheiro, reunindo uma tropa de 75 "mancebos atrevidos, entre os quais entravam 10 mulatos e 6 negros crioulos, os quais todos tinham armas de fogo", desobedecendo assim os seus superiores, as autoridades eclesiásticas que determinavam a todos sacerdotes de Pernambuco seguir para Bahia.

Inicialmente fixou-se no local onde hoje está localizada a cidade alagoana de Pão de Açúcar, a vinte léguas de Penedo, quando recebeu duas cartas do Conde João Maurício de Nassau oferecendo-lhe moradia em Maurícia, prome-

tendo-lhe o perdão para todos os crimes que havia cometido contra os holandeses.

Aceitando o convite do Conde de Nassau foi o frade residir em Maurícia, fixando-se depois nas cercanias do Terreiro dos Coqueiros, nas proximidades da atual Praça da Independência, "na travessa que vai dos Coqueiros para a Trincheira" (Inventário dos Prédios, *p. 167) transformando-se assim em testemunha ocular dos fatos vividos em Pernambuco durante o período que vai até julho de 1646, quando do seu retorno a Portugal com os originais do seu livro. Tinha o frade o apelido de Frei Manuel dos Óculos, já assim conhecido em Porto Calvo e conforme consta do* Inventário dos prédios edificados ou reparados até 1654, *tendo mantido notável apostolado entre cristãos, judeus e calvinistas.*

Terminada a sua licença de permanência em terras do Brasil, o frade conseguiu da Santa Sé, talvez por intervenção do Conde de Nassau, um Breve do Papa Urbano VIII, datado de 4 de junho de 1641, a permissão de ficar por mais seis anos em Pernambuco. (7)

Com o retorno do Conde João Maurício de Nassau Siegen para os Países Baixos, em 22 de maio de 1644, ressentiram-se os pernambucanos da presença do seu "Santo Antônio dos da terra", na expressão do próprio Calado, criando-se assim um clima de desentendimento entre portugueses e holandeses que culminou com o movimento iniciado a 13 de junho de 1645.

Tendo sido testemunha do movimento de insurreição que se iniciava na Várzea do Capibaribe e expandia-se por todo Brasil Holandês, Frei Manuel Calado resolveu fechar sua casa em Maurícia, e em julho do mesmo ano retirou-se para Apipucos, participando ativamente do movimento contra os holandeses. (8)

Ausente de Maurícia, de posse de seus manuscritos e anotações pessoais, Frei Manuel Calado iniciou a redação do seu livro em setembro de 1645, prolongando-se até julho de 1646, vivendo assim o duplo papel de cronista da guerra e pastor de almas.

"Embarcou-se o Padre Frei Manuel do Salvador secretamente, receoso de que o povo o não deixasse embarcar.

por a grande falta que lhe havia de fazer nos bens espirituais; e partiu-se em hábito secular e com a barba crescida"... (II, p. 300). Confirma José Antônio Gonsalves de Mello ter o frade embarcado depois de 15 de julho de 1646, tendo iniciado em Lisboa os contatos pertinentes às necessárias licenças para publicação do seu livro.

Sobre o livro afirma José Antônio Gonsalves de Mello "Além do testemunho do autor, a importância do livro é acrescida com a transcrição de vários documentos, como sejam o 'Manifesto do direito com que os moradores da província de Pernambuco se levantaram da sujeição em que por força das armas os tinha posto a sociedade de alguns mercadores das Provincias de Holanda', 'traslado verbum ad verbum'; o Edital do Supremo Conselho Holandês, datado do Recife, 18 de junho de 1645; a certidão dos serviços e da aclamação de João Fernandes Vieira como Governador da guerra datada do Arraial Novo 7 de outubro de 1645 e a 'Breve, verdadeira e autêntica relação das últimas tiranias e crueldades que os pérfidos holandeses usaram com os moradores do Rio Grande', escrita pelo Capitão Lopo Curado Garro". (9)

Com o extenso título, O Valeroso Lucideno e Triunpho da Liberdade. Primeira parte. Composta por o P. Mestre Frei Manoel Calado da Ordem de S. Paulo primeiro Ermitão, da Congregação dos Eremitas da Serra d'Ossa de Villaviçosa. Dedicada ao Serenissimo Senhor Dom Theodosio Principe do Reyno, & Monarchia de Portugal. Lisboa: Por Paulo Craesbeeck. Impressor, & Livreiro das Ordes Militares 1648, *apareceu o livro no formato de 28 x 18 cm, com 8 pp. sem numeração com dedicatória, prólogo, licenças e folha de rosto, 356 pp. impressas, algumas vinhetas e iniciais xilogravadas.*

Comenta Rubens Borba de Moraes, em sua Bibliografia Brasiliana: *"O livro foi impresso pelo famoso Paulo Craesbeeck, possivelmente o melhor impressor de sua época, aparecendo em 1648. Pouco tempo depois foi o livro suspenso, apesar de possuir todas as licenças necessárias. Varnhagen afirma que isso deveu-se as suas críticas ao vigário de Itamaracá. O fato é que pouquíssimas cópias foram colocadas à venda. Apenas vinte anos após, em 1668, o livro recebeu nova licença. Quando o impressor Domingos Carneiro imprimiu a nova folha de rosto acrescentou, às licenças da edi-*

ção original, esta nova, relativa ao Decreto, declarando que o livro havia sido revisto e considerado aceito. Essas foram as únicas manifestações que ocorreram na edição de 1668, não sofrendo o texto propriamente dito qualquer modificação. Conseqüentemente não é uma segunda edição". (10)

O Valeroso Lucideno e Triunfo da Liberdade *ingressou no* Index librorum prohibitorum *por Decreto datado de Roma 24 de novembro de 1655, com a observação "donec corrigatur" (até que seja corrigido).*

Na sua biografia do Frei Manuel Calado do Salvador, José Antônio Gonsalves de Mello examina [exaustivamente] as causas que poderiam ter levado a suspensão de O Valeroso Lucideno e Triunfo da Liberdade, *chegando à conclusão que "erros de doutrina não foram a causa da supressão, seguramente, pois o livro foi aprovado pelo Procurador geral e Notário Apostólico da Ordem de São Paulo, por um Mestre jubilado em sagrada teologia, pelo Vigário geral Apostólico e Prelado maior de toda a Ordem de São Paulo e, finalmente, pelo Revedor do Santo Ofício. Resta a hipótese de injúria a algum religioso". (11)*

Refere-se, expressamente, o biógrafo do Frei Manuel Calado do Salvador às acusações feitas ao Bispo do Brasil D. Pedro da Silva e Sampaio (1634-1649), ao jesuíta Francisco Vilhena, ao Vigário Geral Padre Gaspar Ferreira que segundo o frade "era um clérigo idiota, o qual não sabia rezar por seu breviário, nem dizer missa e tão desaforada em sua vida e costumes que não me atrevo a escrevê-lo, por não desdourar o crédito e respeito que se deve a ordem sacerdotal" (I, p. 132).

Traz ainda José Antônio Gonsalves de Mello, no seu trabalho, vários outros aspectos concernentes às intrigas entre Frei Manuel Calado do Salvador e outros religiosos do seu tempo, bem como outros fatos, propositalmente omitidos pelo frade no O Valeroso Lucideno, *encontrados nas atas do Supremo Concelho holandês do Recife, e em outros documentos hoje em Arquivos dos Países Baixos, como a denúncia por ele feita, em data de 12 de agosto de 1641, contra o Bispo da Bahia, D. Pedro da Silva e Sampaio que o havia excomungado. (12)*

Quase vinte anos após da edição de O Valeroso Lucideno, *foi levantada a proibição e autorizada a publicação do livro, pelo Decreto de 28 de março de 1667, da Sagrada Congregação ad Indicem librorum, o que veio acontecer em 1668, recebendo uma nova folha de rosto e novas licenças.*

Historiadores dos séculos XVIII e XIX praticamente desconhecem O Valeroso Lucideno e Triunfo da Liberdade, *dando, preferência ao livro de Frei Rafael de Jesus (1614-1693),* Castrioto Lusitano, *que nunca vindo ao Brasil escreveu o seu livro em 1675, a pedido de João Fernandes Vieira, tendo publicado em 1679 (Lisboa).*

Demonstra exaustivamente José Antônio Gonsalves de Mello ser o Castrioto Lusitano *baseado nos manuscritos de Diogo Lopes Santiago,* História da Guerra de Pernambuco *(publicado pela primeira vez em edição integral nesta* Coleção Pernambucana, *2ª fase, em 1984), "a maior parte dos fatos foram retirados desta obra, sendo do autor apenas a redação e os conceitos literários". E, mais adiante, continua: "Conhecidas as suas fontes, o* Castrioto Lusitano *perde completamente a sua importância, pois, de novo, só apresenta erros com que transcreveu algumas informações nelas obtidas... Com esse exame se acentua o valor do testemunho de Frei Manuel Calado do Salvador, pois nele se baseia 40% do texto da* História [da Guerra de Pernambuco] *atribuída a* [*Diogo Lopes*] *Santiago e é, com esta, base de maior parte do texto do Castrioto". (13)*

Na sua Bibliographia Brasiliana *(Amsterdam 1958) Rubens Borba de Moraes informa: "John Adamson, em sua* Biblioteca Lusitana *(New-Castle on Tyne, 1836) p. 21 diz 'este volume é de ocorrência muito rara. Inocencio Francisco da Silva*], *que descreve o 'caso' do* O Valeroso Lucideno, *muito propriamente, diz o seguinte: "ele foi sempre considerado um livro raro..."* (Diccionario bibliographico portuguez; *Lisboa 1858-1919, 22 v.). Southey no primeiro volume da sua* History of Brazil *(Londres 1810-1819), fez uma lista dos trabalhos raros aos quais não foi possível consultar e informou-se com outras pessoas a respeito dos mesmos.* O Valeroso Lucideno *foi listado entre eles.* [*Na introdução ao volume II de sua obra, Southey faz um agradecimento especial a Sir Charles Stuart pelo empréstimo do* Valeroso Lucideno, *o que é omitido por Rubens Borba de Moraes*]... *Na*

série de livros portugueses sobre o Brasil, publicados no século XVIII, é muito difícil encontrá-lo citado. José Carlos Rodrigues (in Biblioteca Brasiliense; *Rio de Janeiro 1907, p. 492) também o considera muito raro e diz possuir apenas a edição de 1668. É óbvio que a edição datada de 1648 é muito mais rara do que a de 1668".*

— *A propósito da edição do* O Valeroso Lucideno e Triunfo da Liberdade *de 1668, o livreiro Richard C. Ramer (225 East 70Th Street, New York), anunciou tal edição, em sua lista nº 116, março de 1985, pelo preço de 12.500 dólares. A mesma edição de 1668 foi anunciada no Catálogo nº 735/1984 da Livraria Kosmos Editora (Rio de Janeiro) ao preço de Cr$ 2.700.000; equivalente a cerca de 2.126 dólares no câmbio da época.*

Em 1942 por iniciativa da Cooperativa Editora de Cultura Intelectual de Pernambuco, apareceu em dois volumes a segunda edição do O Valeroso Lucideno e Triunfo da Liberdade, *seguindo-se no ano seguinte de uma terceira edição, também em dois volumes e com as mesmas falhas da precedente, pelas "Edições Cultura" de São Paulo. Comentando a segunda edição, afirma José Honório Rodrigues: "A edição que, modernamente, se publicou no Recife é indigna do merecimento de Calado. Sem introdução, sem notas críticas, esta obra não devia ser reimpressa e entregue ao público, pelas razões que dissemos acima. Livro saboroso, mas apaixonado, ele contém, naturalmente, falhas e excessos que devem ser anotados". (14)*

Nesta quarta edição, que é uma reprodução tipográfica da de 1942, solicitamos do Prof. José Antônio Gonsalves de Mello um confronto com a primeira edição (1648), sendo acrescido ao final de cada volume uma errata com as devidas corrigendas, de modo a proporcionar a segurança necessária ao leitor e estudiosos de tão importante período de nossa história.

A presente edição traz em sua abertura estudo introdutório assinado pelo Prof. José Antônio Gonsalves de Mello que, juntando os seus atributos de biógrafo do Frei Manuel Calado do Salvador e autor de uma extensa e invejável bibliografia sobre o domínio holandês no Brasil, traz importantes e desconhecidos subsídios para o entendimento de tão valioso livro.

Rico em pormenores e citações, O Valeroso Lucideno e Triunfo da Liberdade *é, no dizer do seu prefaciador, o mais valioso livro, escrito em língua portuguesa, sobre a dominação holandesa em nosso País.*

Acresce-se de importância esta edição da obra de Frei Manuel Calado a publicação do índice onomástico, que por certo virá facilitar as consultas e a citação desta obra, tão pouco conhecida de nossos estudiosos mas da maior importância para os Estudos Brasileiros.

A publicação desta edição de O Valeroso Lucideno e Triunfo da Liberdade, *do Frei Manuel Calado, vem dar continuidade ao programa por nós desenvolvido no sentido de proporcionar, aos que se dedicam ao estudo do período holandês no Norte-Nordeste do Brasil, uma bibliografia básica e indispensável para a sua compreensão. Assim publicamos, entre os anos de 1975 a 1978, na primeira fase da* Coleção Pernambucana *as obras* Nova Lusitânia — História da Guerra Brasílica, *de Francisco de Brito Freyre;* Diário de um Soldado, *de Ambrósio Richshoffer;* Olinda Conquistada, *do Reverendo João Baers;* Tempo dos Flamengos, *de José Antônio Gonsalves de Mello, e* O Brasil que Nassau Conheceu, *com os mapas de George Macgrav, C.B. Golijath e desenhos de Frans Post, elaborados especialmente para primeira edição do livro de Gaspar Barlaeus (1647). Dentro da* Coleção Recife, *entre os anos de 1979 a janeiro de 1983, foram publicados* História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil, *de Gaspar Barlaeus com as ilustrações da primeira edição (Amsterdam 1647);* Memórias Diárias da Guerra do Brasil, *de Duarte de Albuquerque Coelho, e, nesta segunda fase da* Coleção Pernambucana, *iniciada em setembro de 1983, a primeira edição integral da obra de Diogo Lopes Santiago,* História da Guerra de Pernambuco, *que de certa forma seqüencia* O Valeroso Lucideno e Triunfo da Liberdade, *sendo todas de imprescindível valor para o conhecimento de tão importante período (1630-1654) da História deste país-continente.*

Esta publicação contou com a programação visual do artista plástico Júlio Gonçalves e o acompanhamento industrial de Vicente Machado, sendo impressa nas oficinas da Companhia Editora de Pernambuco — CEPE.

Surge assim a quarta edição do O Valeroso Lucideno e Triunfo da Liberdade, *graças à chancela do Governador Roberto Magalhães Melo e à compreensão dos Secretários Luís Otávio de Mello Cavalcanti, da Fazenda, e Francisco Austerliano Bandeira de Mello, de Turismo, Cultura e Esportes, e ao incentivo do companheiro Roberto José Marques Pereira, Diretor-Presidente da Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco.*

Recife, Nossa Senhora do Rosário da Torre, 10 de abril de 1985.

LEONARDO DANTAS SILVA

NOTAS

1 — F.A. de Varnhagen. **História Geral do Brasil.** 4ª edç., 5 v. (São Paulo 1948-1953), III, p. 97.

2 — Robert Southey. **History of Brazil**, 1ª edç., 3 v. (Londres 1810-1819).

3 — Capistrano de Abreu, **Revista do Instituto Arqueológico Histórico Geográfico Pernambucano.** 1905-1906, nº 65, p. 18.

4 — José Honório Rodrigues, in **Manual Bibliográfico de Estudos Brasileiros,** organizado por Rubens Borba de Moraes e William Berrien (Rio de Janeiro 1949) p. 563.

5 — José Antônio Gonsalves de Mello, **Frei Manuel Calado do Salvador** (Recife 1954) p. 11-12.

6 — Diogo Barbosa Machado. **Biblioteca Lusitana,** vol. III, p. 211 (Lisboa 1752).

7 — José Antônio Gonsalves de Mello, liv. cit. p. 48-52.

8 — Liv. cit. p. 72.

9 — Liv. cit. p. 15.

10 — Rubens Borba de Moraes, **Bibliografia Brasiliana,** (Amsterdam 1958) p. 124.

11 — José Antônio Gonsalves de Mello, ob. cit. p. 23.

12 — Liv. cit. p. 53-63.

13 — Liv. cit. p. 20-23.

14 — José Honorio Rodrigues, liv. cit. p. 563.

Prefácio

José Antonio Gonsalves de Mello

O VALEROSO LUCIDENO

José Antonio Gonsalves de Mello

Este livro de Frei Manuel Calado do Salvador oferece-nos o mais importante testemunho, em língua portuguesa, de um contemporâneo da ocupação holandesa do Nordeste. E não apenas contemporâneo: participante de acontecimentos marcantes da história daqueles anos; convivente com personagens que fizeram história, em um episódio cuja importância transcende muito além da Restauração Pernambucana.

Posto em cotejo com a mais valiosa obra holandesa sobre o mesmo período, a História dos oito anos do governo do Conde de Nassau, *de autoria de Gaspar Barlaeus, ainda assim* O Valeroso Lucideno *guarda o primeiro plano.*

O depoimento de Frei Manuel Calado é insubstituível, tanto para o conhecimento dos últimos anos da "guerra velha", isto é, os da conquista do território pernambucano, (1634-37), quanto dos da "guerra nova", para usar as expressões do genealogista Borges da Fonseca, entendidos os de 1645-46, quando, nesse último ano, o autor deixa Pernambuco. E não apenas em relação aos figurantes de origem luso-brasileira, mas igualmente de muitos holandeses e estrangeiros de vária origem, inclusive judeus portugueses, que se transferiram para o Nordeste naquele tempo.

A guerra veio atingir diretamente Frei Calado no ano de 1635, quando ela chega à área de Porto Calvo, onde morava há anos. Frade da Ordem de São Paulo dos Eremitas da Serra d'Ossa, nas proximidades de Évora — frades que eram conhecidos como "beguinos", por serem mendicantes — Calado viera ao Brasil no começo da década de 1620, com licença dos superiores, para alcançar o necessário para manter um pai idoso e para o casamento de uma irmã. Para isso estabeleceu-se em propriedade rural nas proximidades daquela vila, então pernambucana, zona que sendo canavieira era

também importante centro de cultura de "mantimentos", sobretudo mandioca. Parece ter prosperado, pois no momento em que chegam os invasores contava ele com número surpreendente de escravos negros, 25, segundo sua própria indicação (I, p. 70). Por esse número pode admitir-se que fosse também lavrador de canas.

O Frade atendia espiritualmente os moradores das vizinhanças, e, por não haver igreja, dizia missa na sua própria casa, "no mato", onde confessava, pregava e administrava os Sacramentos (I, p. 69). Aí ficou desde a chegada dos holandeses (1635), tendo estado presente à reconquista da vila por Matias de Albuquerque (ocasião em que foi preso, morto e esquartejado Domingos Fernandes Calabar, nascido naquele mesmo lugar) e, pouco depois, com a volta dos holandeses, estiveram os moradores sob perigo de morte, em represália pelo que acontecera a Calabar. A este o Frade conhecia pessoalmente, e a sua mãe, e conta do prestígio que alcançara ele junto aos invasores por seus conhecimentos e inteligência ("em breves dias aprendeu a língua flamenga", I, p. 48), referindo-se ao batismo pelos Ministros da Igreja Reformada Holandesa de um filho seu, do qual fora padrinho Sigismundo von Schkoppe. (De fato, do livro de batismos da mesma Igreja consta, em data de 10 de outubro de 1634, o de um seu filho homônimo, do qual foram padrinhos o Dr. Servaes Carpentier, Von Schkoppe, Cristóvão Arciszewsky, o Almirante João Cornelisz Lichthardt e o Major Machtelt Daeys, algumas das mais importantes personalidades da administração civil e militar holandesa.)

Os moradores, ameaçados de morte, pediram à interferência do Frade e este, em tenso encontro com os chefes militares da Companhia holandesa, conseguiu deles o perdão. Desses chefes o livro fala com certo interesse: o Almirante Lichthardt, conhecia a língua portuguesa e Arciszewsky era "muito bom latino" (I, p. 62). Dos conhecimentos do primeiro não encontrei confirmação, mas do bom latim do segundo, polonês de nascimento, há provas abundantes. Arciszewsky, nessa mesma ocasião, recolheu boa impressão do seu interlocutor, pois disse dele que era "homem inteligente". Os assuntos então versados foram vários e entre eles o Frade deu-lhes conhecimento da existência de minas de prata em Itabaiana, em Sergipe, que foram o sonho de Robério Dias. Frei Calado tinha especial interesse na questão e nela interessou mais tarde o próprio Conde de Nassau

e da tentativa por este realizada para localizá-la o Frade foi intermediario, como se vê em correspondência conservada no arquivo particular de João Maurício.

Calado estava em suas terras quando chegou o Mestre de Campo espanhol que substituiu a Matias de Albuquerque no comando das tropas ibero-brasileiras, o qual trazia seu exercito. Era D. Luiz de Rojas y Borja. Mas, por não querer obedecer aos conselhos dos militares com experiência no estilo da "guerra brasilica", aceitou a batalha que lhe ofereceu Arciszewsky e foi derrotado e morto.

O comando passou então ao Conde de Bagnuolo, militar napolitano trazido ao Brasil com tropas da mesma origem, por estar Napoles aquele tempo sob domínio da coroa dos Filipes de Espanha, que também sujeitara Portugal. Calado é dos que acusam o Conde de covardia, como aliás o faz também Duarte de Albuquerque Coelho, que com ele conviveu de perto e escreveu depois as Memórias Diarias da Guerra do Brasil (1630-38). Bagnuolo chegou ao extremo de mandar abrir um "caminho secreto" para facilitar sua retirada de Porto Calvo para as Alagoas (I, p. 84), caminho que veio a ser chamado "do Conde". De Porto Calvo foi ele expulso por João Maurício (1637) e retirou-se com suas tropas para além do Rio São Francisco. Frei Manuel Calado foi igualmente levado à retirada e acolheu-se a local acima da Vila do Penedo, à margem do mesmo Rio (I, pp. 100-101). Daí, a pedido dos moradores luso-brasileiros de Pernambuco, mandou-o chamar o Conde de Nassau, prometendo-lhe proteção, com a garantia de que não seria incomodado por sua participação na guerra contra os invasores.

A situação de Frei Manuel Calado do Salvador era difícil, pois ele não podia pensar em acolher-se à Bahia, pois aí iria encontrar um duro inimigo: D. Pedro da Silva e Sampaio, Bispo da Bahia, ansioso por prendê-lo.

O Frade beguino fora dos que não obedeceu à determinação do Bispo para abandonar Pernambuco, quando da retirada de Matias de Albuquerque para o sul da Capitania. O Bispo era de opinião, com a qual concordaram alguns funcionários régios a quem consultara em Salvador, que os eclesiásticos da área ocupada pelos holandeses deviam acompanhar a população civil, à qual Albuquerque dera ordem de o seguir, abandonando bens e propriedades, para subtrair aos invasores a possibilidade de beneficiar-se das riquezas do açúcar produzido pelos engenhos. Grande número de senho-

res de engenho, seus dependentes e muitos moradores acompanharam Matias de Albuquerque na sua retirada e por fim chegaram à Bahia. Entretanto muitos outros proprietários rurais e gente da lavoura açucareira permaneceram em Pernambuco, arrostando assim o risco da desobediência às ordens daquela autoridade.

Do mesmo modo, muitos eclesiásticos desobedeceram às determinações do Bispo e dos seus Provisores e Vigários gerais da área ocupada e se deixaram ficar entre os Católicos que preferiram o risco da convivência com os hereges à retirada para a Bahia (I, p. 93).

Frei Manuel Calado, como lavrador de mantimentos e talvez, de canaviais e, ainda, como Religioso, estava duplamente compelido a retirada. Não o fez, porém, e justifica sua decisão neste livro, observando certeiramente que a ordem de retirada dada por Matias de Albuquerque teve como resultado "ficarem os portugueses pobres e desterrados e os holandeses ricos e prosperos". Isso porque as propriedades abandonadas foram confiscadas pela Companhia holandesa e vendidas a terceiros desde 1637. Alguns dos retirados, arrependidos, regressaram a Pernambuco e compraram à Companhia os seus próprios engenhos. Em relação aos eclesiásticos, pergunta-se Frei Calado: "qual é melhor e mais serviço de Deus, o ficarem os sacerdotes com os fiéis Cristãos seus próximos, ajudando-os em seus trabalhos com os Santos Sacramentos... ou irem-se fugindo, ou por vontade ou por força, e deixarem o miserável povo Cristão, cheio de tantas almas, ao puro desamparo, sem missa, sem confissão e metido entre tantas heresias? A resolução desta pergunta deixo eu a quem mais entende" (I, pp. 93-94).

A resposta a essa pergunta veio da metrópole, de um tribunal competente na matéria, formado por teólogos e juristas, a Mesa da Consciência e Ordens, em data de 5 de setembro de 1635. A Mesa, em seu longo parecer, afirmou que a questão em exame "é tão grave como se deixa considerar e não se poderia oferecer outra que obrigasse a maior cuidado, que é a salvação de tantas almas quantas há naquela Capitania". Deveria mesmo considerar-se que o momento não era de mandar retirar os religiosos, pois, se os fiéis Cristãos corriam risco na sua salvação, deveria cogitar-se de mandar mais religiosos que os assistissem. E, quanto ao perigo que esses religiosos pudessem correr estando entre hereges dizia a Mesa, "esses sofrimentos são próprios da condição dos

que se dedicam ao serviço da Igreja e muito maiores padecimentos e perigos o Clero padece na China, Japão e outras partes por aumentar a fé". E concluía por opinar que "o Bispo faltou muito à obrigação" com a ordem de retirada dos eclesiásticos e devia-se-lhe escrever que "por todas as vias e pelos mesmos Párocos ou por outros Sacerdotes (quando eles faltarem) trate de conservar e consolar aquela Cristandade"

Os moradores que se deixaram ficar na terra ocupada, desobedientes à ordem de retirada dada por Matias de Albuquerque, foram pouco depois perdoados pelo Rei, quando se percebeu a importância militar que eles representavam como apoio às tentativas de reconquista de Pernambuco, com a invasão do seu território por tropas espano-brasileiras. O Conde da Torre, que comandava a grande armada que em 1638 saiu do Reino com o objetivo de restaurar a soberania portuguesa no Brasil, trouxe consigo uma provisão de perdão para aqueles moradores, em três versões (todas da mesma data e assinadas pelo Rei), para uma delas ser aqui utilizada, conforme a conveniência do serviço régio. Uma das versões perdoava mesmo aqueles que "hajam servido e ajudado na guerra ao inimigo e em outras facções e empresas contra minhas armas", concedendo-lhes "perpétua absolvição e indulgência".

Menos indulgente foi, porém, o Bispo, ex-Inquisidor do Tribunal do Santo Ofício de Lisboa. Empenhou-se ele, por meio de autos da justiça eclesiástica, em demonstrar, com testemunhos de várias pessoas, os riscos que os Cristãos Católicos, inclusive os Religiosos, corriam ao conviver com Cristãos Reformados. Mais de um auto foi processado a partir de 1635, quer pessoalmente pelo Bispo, quer pelo Provisor e Vigário geral em Pernambuco, Padre Manuel de Azevedo.

Consta dos testemunhos desses autos que alguns Religiosos se aproximaram e conviviam de maneira estreita com os invasores, às vezes comendo e bebendo com eles e lendo livros heréticos em espanhol, que aqueles distribuiam, sendo que certos desses Religiosos chegavam "a gabar algumas cousas dos holandeses". Diversas testemunhas referiam-se a casamentos de mulheres luso-brasileiras com holandeses e uma dessas mulheres proclamava "que mais valia um flamengo que muitos portugueses". Algumas passavam a usar traje "à holandesa", levando trato, vida e costumes dos novos senhores da terra.

Entre os Religiosos mais freqüentemente citados nesses autos esta Frei Manuel Calado, mencionado ora como Frei Manuel aos Oculos ("que assim se chamava comumente"), ora como Frei Manuel dos Beguinos. Testemunhavam a seu respeito que convivia com os holandeses, bebia, comia e gaihojava com eles e guardava livros heréticos, como aquele que lhe mostrou o Padre Joao Gomes de Araújo, intitulado Católico Reformado *(I, p. 76). E, ainda, que começava a adotar costumes dos estranhos, como "tratar com muitas mulheres holandesas e lhes dar a paz na face, como eles costumam", expressão esta, "dar a paz na face", significando saudar com beijo no rosto, o chamado "ósculo da paz".*

Varios outros papeis o Bispo fez preparar contra Frei Manuel Calado e encaminhou a Mesa do Santo Ofício da Inquisição de Lisboa. Entre eles estao copias de precatorias contendo cartas datadas de 18 de agosto de 1634 e de 23 de fevereiro de 1635 pelas quais o Provincial Frei João da Cruz, da Congregação da Ordem de Sao Paulo dos Eremitas da Serra d'Ossa, a que pertencia Frei Calado, mandava pedir ao Bispo e a quaisquer justiças que "prendessem ao Padre Frei Manuel do Salvador por andar apostata, sem licença de sua Ordem e tho levassem em grilhões e seguro", o que não se tinha podido conseguir ate entao "por o dito estar entre os holandeses"

Foi Provisão datada da Bahia 9 de julho de 1641 o Bispo, depois de declarar que lhe constava que "em Pernambuco anda um homem por nome Frei Manuel do Salvador, debaixo da capa de pregador e confessor e procede muito diferentemente do que se pode esperar de um bom Religioso, quando ele o fora, e porque não nos consta que ele seja Religioso nem Sacerdote, nem tem licença nossa para pregar e confessar", acrescentava: "mandamos e proibimos que o não faça em nosso Bispado, até que apareça diante de nós e mostre que é frade de Religião aprovada". Mandava ainda que a Provisão fosse lida nas matrizes e que os vigários coadjutores e capelães não consentissem qde Frei Calado dissesse missa, pregasse e confessasse "e a todas nossas ovelhas que nenhuma lhe ouça sua missa nem pregação, nem se confesse com ele, sob pena de excomunhão maior". Esta Provisão foi lida em agosto seguinte nas matrizes em Pernambuco e está nominalmente citada a de Nossa Senhora do Rosário da Várzea do Capibaribe, não obstante a qual o Frade nunca quis obedecê-la, nem à ordem nesse sentido do Vigário geral

Padre Gaspar Ferreira, pelo que "sempre exercitou o ofício de pregador e confessor e celebrou e disse missa em todas as partes, assim nas igrejas como capelas e casas, alevantando altar portátil", inclusive na sua casa no Recife, na Cidade Maurícia. Ao vigário da Matriz de São Pedro de Olinda, Padre Antônio Bezerra, Frei Calado "mostrara uma carta em pergaminho que dizia ser de Roma, que lhe dava muitos poderes".

Essa carta deverá ser o Breve que Frei Manuel Calado aqui transcreve, no texto latino, no vol. I, pp. 106-108, datado de Roma, 9 de junho de 1641. Nesse Breve se diz que o Frade permanecia no Brasil a pedido dos moradores, tendo porém já vencida a permissão de seu Superior eclesiástico para essa permanência. A vista disso e na impossibilidade de alcançá-la, pela negativa dos holandeses de a obterem em Portugal, por não permitirem essa correspondência, recorriam os moradores a Roma. Tudo considerado, o Pontífice absolvia o Frade de quaisquer interditos e excomunhões lançados contra ele e lhe concedia seis anos mais para permanência no Brasil, permitindo-lhe o exercício de todos os atos religiosos.

Da Provisão do Bispo Frei Calado deu conhecimento ao Alto Conselho holandês do Recife, dizendo-lhe que o Bispo proibira que exercesse o ministério, proibição que começava a ser executada. O Alto Conselho proibiu expressamente a interferência do Bispo na área ocupada e mandou por isso proceder contra o Vigário geral, Padre Gaspar Ferreira.

Quando o Bispo tomou conhecimento do Breve pontifício que permitia ao Frade o seu ministério e sua permanência no Brasil, levantou suspeita sobre a autenticidade dele, sugerindo que o mesmo fora feito "por um judeu público no Recife". Esse judeu não mencionado deve ser o bem conhecido calígrafo, famoso como falsificador de documentos, então residente no Recife, chamado Jehudá Macabeu (aliás, Luis Nunes Vale, nome de Cristão), de quem se dizia que era capaz de "furtar [isto é, falsificar] a firma del Rei de Espanha e de todos os príncipes e pessoas que fosse necessário"

Se o Breve é ou não autêntico, fica na dependência de crítica interna do texto e de pesquisa no Arquivo do Vaticano — o que não se fez até hoje com relação ao período do domínio holandês no Nordeste, com exceção do da Congregação da Prodaganda Fide. *Mas o fato de Frei Manuel Calado o ter publicado textualmente no seu* O Valeroso Luci-

deno depõe em favor da sua autenticidade. Em contrário, há o fato de o livro ter estado incluído no Índice dos Livros Proibidos pela Cúria Romana, com a determinação: "até que seja corrigido". A inclusão foi feita pelo Decreto datado de Roma 24 de novembro de 1655 (o livro foi publicado em 1648) e permaneceu proibido até novo Decreto de 28 de março de 1667, pelo qual foi mandado retirar do Índice. Mas nada se corrigiu no livro — mesmo porque o autor faleceu em 1654 — e em 1668 imprimiu-se apenas nova folha de rosto e folhas de licenças e o livro voltou a circular. Um ilustre mestre da bibliografia histórica portuguesa, Frei Francisco Leite de Faria, diz mesmo que são mais raros os exemplares datados de 1668 do que os de 1648.

É certo que não é conhecido o motivo da inclusão do livro no Índice. A suposição mais difundida para explicá-la, é o fato de o autor atacar violentamente a vários eclesiásticos da época no Brasil — o próprio Bispo (falecido em 1649), o Padre Gaspar Ferreira e o Padre Francisco de Vilhena, S J., em especial.

Argumento em favor da autenticidade é que Frei Calado teve o cuidado de regressar a Portugal antes de decorrido o prazo de seis anos que o Breve lhe concedia para permanência no Brasil — tendo partido de Pernambuco com destino a Lisboa em julho de 1646. O prazo extinguia-se em julho de 1647.

O Bispo, ao saber que os autos e acusações que havia oferecido ao Santo Ofício de Lisboa não tinham sido suficientes para promover a prisão de Frei Calado assim que ele pisou na capital do Reino e que ele andava livremente nela, escreveu magoado ao Inquisidor, em carta datada da Bahia 24 de setembro de 1648 — pouco menos de seis meses antes de sua morte, aos 77 anos de idade, ocorrida em 15 de abril de 1649. Nela diz que sua saúde fraquejava "e será ajuda de chegar mais depressa à cova a notícia que andava aí de presente Frei Manuel de alcunha o dos óculos, Frade de São Paulo da Serra d'Ossa, duvidando se chegou [sic] às mãos de Vossa Senhoria os papéis que de cá enviei contra ele; há dias os fiz trasladar e torno a enviá-los e posto que nunca o vi, pela fama dele, o tenho por malíssima criatura e vi que não se lhe dava nada de excomunhões e pela experiência conheço que é bom emendar semelhante gente antes que se faça pior. Vossa Senhoria fará o que melhor for para serviço de Deus, que ele 25 anos pouco mais ou menos tem de

apóstata e fugido foi de cá pelo seu Geral querer lho levassem preso".

Parece que mais essa tentativa de Bispo nenhuma conseqüência teve em relação a Frei Manuel Calado do Salvador, pois por decisões régias de 1648, 1649 e 1650 foram-lhe feitas mercês diversas, sendo que essa última mandava antecipar-lhe uma pensão anual de 20$000 como parte da de 80$000 que lhe fora concedida em 1648. Nada se sabe dos seus anos finais, sendo que a morte o levou em Lisboa aos 12 de julho de 1654 (apud *Barbosa Machado*)

* * *

O Valeroso Lucideno *é o mais valioso livro do século XVII, em língua portuguesa, acerca do domínio holandês no Brasil. Não foi ele assim considerado até estes nossos dias, sendo que a preferência de leigos e estudiosos da História se voltava para o de Frei Rafael de Jesus,* Castrioto Lusitano *(Lisboa 1679). No Recife, no século passado, recorria-se a anúncio no* Diário de Pernambuco *para localizar-se dele um exemplar. Em número desse jornal, de 2 de setembro de 1867, lê-se o apelo seguinte: "A comissão de trabalhos históricos do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano precisa com urgência consultar* O Valeroso Lucideno *de Frei Manuel Calado. A pessoa que tiver um exemplar dessa valiosíssima obra e o queira ceder por venda ou por empréstimo, terá a bondade de mandar aviso à secretaria do mesmo Instituto, no Convento do Carmo, junto à Biblioteca Pública, para ser procurado pelo 2º Secretário".*

Os três grandes da historiografia pernambucana do século XVIII — D. Domingos do Loreto Couto, Borges da Fonseca e Frei Jaboatão — conheceram e citaram a obra, mas a preferência recaia sobre o Castrioto Lusitano. *Fernandes Gama, autor das* Memórias Históricas da Província de Pernambuco, *não a refere na edição de 1840, mas já a cita na de 1844.*

O livro em mais de um ponto esclarece e amplia aquela obra que lhe faz pendant: *a História do governo do Conde de Nassau, de Gaspar Barlaeus. A observação não é descabida, pois que* O Valeroso Lucideno *trata longamente e com simpatia da administração e da pessoa de João Maurício. Bastará consultar o índice onomástico desta edição — aqui acrescentado pela primeira vez — para comprovar a freqüência com que o nome do Conde ocorre nas páginas deste livro*

João Maurício, com sua afabilidade pessoal ("o alegre semblante que tinha ele para todos", I, p. 127), a que não era estranha a sua habilidade política, conseguiu atrair a simpatia e o apoio dos luso-brasileiros de Pernambuco durante o tempo do seu governo. É digna de atenção a série de depoimentos que as principais figuras do mundo luso-brasileiro desta Capitania endereçaram ao Conselho dos XIX, da Companhia das Índias Ocidentais, comunicando-lhe que o regresso a metrópole do Conde significaria momentos de crise na conquista holandesa e que a paz precária que nela se vivia teria fim desde logo. O que veio a suceder exatamente um ano após a partida de Nassau, confirmou por inteiro os prognósticos.

O depoimento pessoal de Frei Manuel Calado sobre o Conde neste livro, esclarece muito acerca da habilidade política do governante e confirma a orientação que deixou aos seus sucessores, no texto a que José Hygino chamou de "Testamento Político". Nassau, informado da pessoa do Frade e do seu prestígio entre os seus conterrâneos, atraiu-o para o Recife e insistiu para que aqui fixasse residência e chegou mesmo a ajudá-lo na construção de sua casa, permitindo-lhe ainda que nela, em segredo, dissesse missa (I, p. 110) — o que era expressamente proibido no âmbito da capital do Brasil holandês. Fez do Frade um comensal seu, entendendo-se ambos em latim (I, p. 102), pois que o Conde não conseguiu falar bem o português (I, p. 231) e mostrava agradar-lhe "a prática [isto é, a conversação] saborosa" de seu hóspede, de quem dizia em holandês (que o Frade não esqueceu de transcrever, pois estava longe de ser modesto) "Esgud vurind, *que na língua flamenga quer dizer bom amigo" (I, p. 231).*

Essas práticas não deixavam de ter intenções políticas, pois que o Conde tentou obter que o Frade aceitasse o encargo de chefe espiritual da comunidade Católica de Pernambuco, de forma a evitar a interferência aqui do Bispo da Bahia, no campo da administração eclesiástica, cousa que os Calvinistas holandeses não admitiam. O Frade não quis aceitar o convite, pois que somente o Bispo no Brasil, disse ele poderia conceder tal encargo, ou o Papa, como "universal prelado da Igreja" É de admitir a cooperação do Conde no encaminhamento das gestões de que resultou a expedição do Breve pontifício de 9 de junho de 1641, antes referido.

Do Conde refere que em Pernambuco era chamado Príncipe de Nassau e tinha o tratamento de Excelência, "porque assim o tratavam e apelidavam os holandeses" (I, p. 101). Calado menciona-o mais de uma vez como "Príncipe João Maurício, Conde de Nassau" (I, pp 101, 127, etc.).

Dos anos do seu governo em Pernambuco Frei Calado deixou-nos flagrantes notáveis, que constituem verdadeiros painéis históricos, como, por exemplo, o que descreve o empenho do Conde de "fabricar a sua nova cidade" que veio a ter o seu nome (I, pp. 111-112); o do recebimento de um grupo de senhoras luso-brasileiras que lhe foram pedir por D. Jerônima de Almeida (I, pp. 127-128) e o do enterro do seu irmão, João Ernesto (I, pp. 150-152).

Tendo conferido com documentação de outras procedências — sobretudo as fontes holandesas — muitos dos informes de Frei Manuel Calado constantes deste seu livro, posso assegurar que são eles em geral fidedignos. O "caso" de D. Jerônima de Almeida, por exemplo, é verídico: ocorreu em 1638 e ela foi condenada a ser decapitada e ao confisco dos seus bens, sendo perdoada a pedido de "todas as senhoras portuguesas destes contornos".

Entretanto o autor não está livre de erros e anacronismos, muitos dos quais certo cronista, que copiou largamente páginas e páginas de O Valeroso Lucideno, *apontou na sua obra. Refiro-me a Diogo Lopes Santiago, autor da* História da Guerra de Pernambuco, *redigida na década de 1660 e reeditada na sua integridade nesta mesma Coleção Pernambucana (2ª série).*

É digno de registro o gosto do Frade por pormenores, dos quais o livro é rico. Refere, por exemplo, que nas emboscadas os luso-brasileiros usavam espingardas de pederneira, e "assim não havia cheiro de morrão que nos descobrisse". Ao mencionar Gaspar Gonçalves Vila acrescenta que era natural de Alter do Chão, no Alentejo. De certo Mestre João, holandês, conta que era casado com Isabel de Araújo, mulher que havia sido do Capitão Souto. Refere que os holandeses estragavam a andadura dos cavalos "porquanto não lhes ensinavam outras habilidades mais que dar saltos e lhes faziam perder aquelas que haviam aprendido em as mãos dos portugueses". De André Vidal de Negreiros diz que era "de poucas carnes". De João Freire de Andrade esclarece que era "o melhor tangedor de ponto e dançante de toda esta Capitania e como tal mestre de muitos discípulos" (II, p. 145).

De sua convivência com os estranhos resultou algum conhecimento da língua holandesa, do qual há evidência ao longo do livro. Refere ele que os meninos do Recife diziam palavrões quando avistavam sacerdotes Católicos, palavrões que ele transcreve estropiadamente em holandês, porém facilmente identificáveis: Rut Papa, esquelmen, hurquent, deduvel, *com o próprio sentido que os Frades os traduz (I, p. 340). E, ainda,* brote, *pão;* bira, *cerveja (II, p. 58), da qual os holandeses tiveram uma fábrica no Recife;* cana, *uma medida de capacidade, o* kan *(II, p. 244); peixe-pau é tradução literal do holandês* stokvis, *significando bacalhau (II, pp. 73 e 175);* sacrament *é uma exclamação ou blasfêmia (II, pp. 38 e 65);* placa, *nome com que os de fala portuguesa designavam o* stuiver, *a 20ª parte do florim (II, pp. 244, 245)*

Do brote — *que foi a única palavra holandesa que perdurou no Nordeste até o início deste século — refere corretamente que "são uns pães negros feitos de farinha de favas, lentilhas, cevada, feijões, que se parecem com os pães de farelo que se fazem para os cachorros" (II, p. 244), pois que nos Países Baixos, onde não se cultivava o trigo, usavam-se vários outros cereais para substituí-lo.*

Como se vê, não deveria ser apetecível o pão do Recife holandês. Certo folheto da época (1649), De Zeeusche Verre-Kyker *(O telescópio zelandês), a propósito de como era a alimentação dos soldados holandeses no Brasil, sugeria que se perguntasse a um dos que de lá voltavam "se jamais dera uma dentada num bom pão ou se enchera a boca com boa comida fornecida pela Companhia". Mas o pão que então se comia nos Países Baixos é descrito por um autor dos nossos dias (Paul Zumthor) como fabricado de centeio, cevada, milho, aveia e mesmo de favas e era, por isso, "preto, brando viscoso, denso e difícil de digerir", sendo o pão branco de trigo muito caro.*

Apesar do modo desdenhoso com que Frei Calado se refere ao brote, *em Portugal o pão de trigo era consumido apenas nos centros urbanos mais importantes e pelas classes mais abastadas (o chamado pão de molete), enquanto na maior parte do País usava-se o "pão de segunda", feito de milho, centeio, cevada ou de mistura de farinhas de diversas qualidades.*

A dieta da tropa holandesa no Brasil incluía na cidade o pão mole (week brood), *ao passo que em viagens marítimas ou nas campanhas militares e guarnições distantes do*

sede do governo usava-se o pão duro (hard brood). *Era a essa segunda espécie que Frei Calado se refere ao mencionar a dieta dos soldados holandeses em campanha: "um pouco de biscoito negro e carne seca ao fumo, ajudada com cerveja e aguardente" (II, p. 34). Em outra ocasião refere-se ao "biscoito de guarnição" (II, p. 111).*

O Padre Rafael Bluteau, autor do Vocabulário Português e Latino *(1712), diz que o biscoito era "o pão do mar" e que o chamavam assim "do latim* bis, *duas vezes e* coctus, *cozido, como quem dissera pão duas vezes cozido", com o que se procurava retirar toda a umidade da massa, para garantia de conservação prolongada. Embora o nome dê hoje a impressão de alguma cousa pequena feita de trigo, na verdade o biscoito naquele tempo era "um pão do feitio de um pequeno bolo, muito duro, de que se faz provisão para as viagens por mar", conforme definição de outro dicionarista, Frei Domingos Vieira.*

Ao que parece, o biscoito fabricado em Portugal (nos célebres fornos do Val do Zebro) para as expedições marítimas do século XVII, era predominantemente de trigo, tanto do trigo da terra quanto do trigo do mar, isto é, vindo do exterior — portanto de melhor qualidade do que o biscoito usado pelos holandeses no Brasil. Na "Relação do que D Fernando Mascarenhas (Conde da Torre) achou na visita que por ordem de Sua Alteza fez nos fornos de Sua Majestade de Val de Zebro, para ver e reconhecer a quantidade e qualidade dos biscoitos que neles estavam fabricados para a Armada de socorro do Brasil" (5 de maio de 1638) encontrou quatro qualidades de biscoito: a 1ª de trigo da terra, a 2ª de trigo do mar palhinha, a 3ª de trigo das Ilhas dos Açores e a 4ª a do biscoito branco de trigo da terra, o que, como se vê desta última, permite supor que os anteriores não eram brancos, talvez com vestígios do pó das eiras.

Foi esse "biscoito branco de trigo" que no Nordeste do Brasil ficou conhecido com o nome holandês de brote *— sendo na verdade um biscoito ou bolacha pequeno e duro não um pão, o qual, para ser comido, era necessário umedecê-lo*

Não foi aliás Frei Calado o primeiro a registrar a palavra brote, *pois que certa "Memória" do que se passou na Bahia de 6 de outubro de 1636 a 30 de maio de 1638, há a*

referência seguinte: "Em quinta-feira 26 de maio (de 1638) amanheceu o inimigo holandês retirado (da Bahia) e o fez tão apressadamente que deixou nos seus quartéis as tendas armadas, muitas armas, sapas, palas, marracos, alviões, enxadas, mais de cem quartos de farinha de que fazem seus brotes, muitos outros legumes e arroz e nos fornos que tinha feito estava muito pão a cozer e muitos caldeirões com legumes".

FR. MANUEL CALADO

O VALEROSO LUCIDENO

E

TRIUNFO DA LIBERDADE

Iº VOLUME

RECIFE

AO SERENISSIMO SENHOR

DOM THEODOSIO

PRINCIPE DO REYNO,

& Monarchia de Portugal.

EPISTOLA DEDICATORIA DO AVTOR.

IAM NUNC ASSUESCE VOCARI.

PRINCIPE Theodosio, em quem se encerra
A gloria da afamada Monarchia,
Que nos fins remotissimos da terra
A lei plantou do Filho de Maria.
Com quem Minerua, & Marte, empaz, & em guerra,
Repartirão prudencia, & valentia,
Pois sois filho de hum Rey pelo Ceo daas,
Acostumaiuos ja a ser inuecado.
Pronepote da Regia Catharina,
Neto de Theodosio Duque Sancta,
De Ioão filho, em quem se [illegible]
A ruina total de Radamanto;
Ià de ouuir vosso nome desatina
O turbante Agareno, & [illegible] espanto.
Vendo que sois o defensor da Fe,
Do fruito da [illegible] de Nazaré.
Nada me marauilha que em [illegible],
Antes [illegible] natural,
Se [illegible] o fim cotejo.
Por [illegible] Portugal:
Por [illegible] de seu desejo,
Por [illegible] de bens, liure de mal.

AO SERENÍSSIMO SENHOR DOM TEODÓSIO

PRÍNCIPE DO REINO, E MONARQUIA DE PORTUGAL

EPÍSTOLA DEDICATÓRIA DO AUTOR

Iam nunc assuesce vocari

Príncipe Teodósio, em quem se encerra
A glória da afamada Monarquia,
Que nos fins remotíssimos da terra
A lei plantou do Filho de Maria.
Com quem Minerva, e Marte, em paz, e em [guerra,
Repartiram prudência, e valentia,
Pois sois filho de um rei pelo céu dado,
Acostumai-vos já a ser invocado.

Pronepote da Régia Catarina,
Neto de Teodósio Duque Santo,
De João filho, em quem se vaticina
A ruína total de Radamanto,
Já de ouvir vosso nome desatina
O turbante agareno, e cobra espanto,
Vendo que sois o defensor da Fé,
Do fruto da cecém de Nazaré

Nada me maravilha o que em vós vejo,
Antes, segundo a regra natural,
Se c'o fausto princípio o fim cotejo
Por vós há de ir subindo Portugal,
Por vós o fim verá de seu desejo,
Por vós cheio de bens, livre de mal,
Mediante o valor da espada, e lança,
Conservado na Casa de Bragança.

Pode-se ter por cousa milagrosa,
No mundo todo, vista raras vezes,
Que uma estrela lucífera, e formosa
Gere boninas, e produza arnezes,
E pois o rei nos deu Vila Viçosa
Para restauração dos portugueses,
Sendo o príncipe vós, afirmo, e juro,
Que haveis de vir a ser milagre puro.

Pois tem nome de graça o tronco vosso,
(Cujas obras são dignas de memória)
Porque, o proveito em tudo seja nosso,
Deus vos concedera nome de glória,
Bem quisera espraiar-me (mas não posso
Relatar vossas prendas nesta história
Deste meu valeroso Lucideno)
Porque mui grande sois, e eu mui pequeno.

Grande é vosso valor, grosseira a pena,
Humilde o cabedal, grande a Alteza,
E assim o atrevimento me condena
Quando escrevendo estou tão brava empresa,
Mas pois o natural amor me ordena,
Que largue a rouca voz, nada me pesa,
Pois para ser de Momos defendida,
Basta que a vossos pés vá submetida.

O assunto é de Olinda libertada
Do tirano furor dos holandeses
Obrada pela lança, e pela espada
Dos já ressuscitados portugueses,
Empresa com vitória laureada
Em terríveis encontros, muitas vezes
Da Virgem Mãe de Deus favorecida,
E do que por nós deu a própria vida.

O ser o filho, e o vassalo honrado
É do pai, e do príncipe alegria,
E a proeza do heróico soldado
Em honra cai do capitão que o guia,
E pois esta facção se há começado
Em prol da lusitana Monarquia,
Os olhos ponde com benignidade
Nesta empresa da morta liberdade.

Não faltarão poetas, e oradores
(Quando favoreçais este tratado)
Que com rosas, com lírios, e com flores
Desejem de fazer-vos laureado,
Tenho tosco o pincel, mortas as cores,
Mas pois o amor me tem sacrificado
A vos servir, e amar, negar não posso,
A honra que tirei de escritor vosso.

Deu-lhe Vila Viçosa o ser, e a vida,
A Casa de Bragança a cortesia,
O primor, honra, ensino, e a comida,
E a virtude, que ali se gera, e cria,
De um Teodosio foi favorecida
Até saudar a Santa Teologia
Esta humilde barquinha, e é razão
Que outro Teodosio tenha por bordão.

Depende a Monarquia Portuguesa,
Para se sustentar em paz, e em guerra,
Fazendo a larga mão larga despesa,
Que possua o dominio desta terra,
Outra tal não tem toda a redondeza
Pois no Estado Brasilico se encerra,
E reparte um dulcissimo tesouro,
A quem pagam tributo a prata, e ouro.

No meio das esquadras belicosas,
Ao som das culebrinas, e roqueiras,
Entre o estrondo das armas sanguinosas,
E o arvorar nos muros as bandeiras,
Ao ressonar das caixas clamorosas,
Entre o render, e defender trincheiras,
Furtei ao corpo aflito seu sossego,
Por fazer nesta empresa largo emprego

Agora acompanhando os esquadrões
Dos leais, e brasilicos soldados,
Infundindo-lhe ardor nos corações
Para que obrassem feitos afamados,
Agora administrando as confissões
Aos de confissão necessitados,
Outras vezes pregando a lei divina,
Que o filho deu da Virgem Palestina.

Agora pelos lodos caminhando,
A vau passando impetuosos rios,
Ora c'o ardor da calma rebentando,
Ora sofrendo sede, fome, e frio,
Aflito, ora desperto, ora sonhando
Rodeado de atrozes desvarios,
As horas dizimei, para memória
Deixar entre os humanos desta história.

Nos peitos dos fiéis (quando pregava)
Entre os discursos vários, que fazia,
Heróicos exemplos semeava,
E façanhas heróicas colhia,
Os de robustos braços incitava,
Os de corações frios acendia,
Com que os Pernambucanos por mil modos
Queriam defender a pátria todos.

Os velhos aos mancebos compeliam
A renovar a fama portuguesa,
Os de mui tenra idade, que isto ouviam
Aos pais, ora na praça, ora na mesa,
Com tal orgulho, e brio se sentiam,
Com tal resolução, tal altiveza,
Que cada qual ao pai já pede espada
Para ir também na empresa começada.

Entre os pueris jogos de maneira
Se sente de furor Marte assanhado,
Que este de papel tinto faz bandeira,
Aquele é capitão, e este soldado,
Este pretende estar na dianteira,
Aquele por sargento é nomeado:
As mães que isto estão vendo, de temor
Lhes foge o sangue, e se lhes muda a cor

Aqui ponho os pés de Vossa Alteza
(Príncipe soberano) este tratado,
Da valerosa gente portuguesa,
Que a terra do Brasil tem restaurado,
É sublime, e heróica a empresa,
E se o escritor é tosco, e acanhado,
Basta que à vossa sombra se publique,
Para que ornado, e defendido fique.

Inclinai esse aspeito generoso
A este humilde servo, pois que são
Vossas mãos de Alexandre dadivoso,

Vossa espada de Heitor, e de Roldão,
Nas guerras Aníbal vitorioso,
E na paz sábio Numa vos verão
Os olhos dos que à vossa sombra chegam.
E em vos servir seu cabedal empregam

Erasmus lib. 4. apoth. D. Basil. homhil. 24. Dion Niseo de institution. Princip. Plutart. in moral. il. de music. Ovid. lib. I. de arte amandi. Rodolf. I. 9. cap. 2. D. Chris. Serm. 10. in Ps. 28. Homer. Od. lib. 3. Virg. Georg. 4. Carolus Steph. verbo Orpheus. Herodot. lib. I. Ovid. de tristib. in fabul. Atlonis. Abulês. I. Reg. 16. q. 32. Joseph an tiq lib. 6 I. Reg. 16.

Tinha Alexandre Magno por grandeza
Dous músicos de tanta habilidade,
Que cantando-lhe a guerra, estando a [mesa
Lhe roubavam de sorte a liberdade,
Que arremetia às armas com braveza,
Com tal ira, furor, e crueldade,
Como se no maior transe, e perigo
Ante si vira o mais fero inimigo

E quando da ira estava arrebatado
Se de amor, e clemência lhe cantavam
Se via incontinenti tão mudado,
Que do peito o furor lhe desterravam.
E porque este portento celebrado
Se veja, a estes músicos chamavam
Os raros Zenophonto, e Timoteo
(Não chega aqui Mercúrio, Apolo, Orfeu)

Fica Arquiloco atrás, fica Anfion,
Menandro, Isménias, Mársias, Filoxeno,
Fica a suavidade de Arion
(Peso para o golfinho mui pequeno)
O qual ouvindo a lira de Helicon
Ao navio chega mui sereno,
E porque do alterado mar se saia
Livre, sobre seu lombo o põe na praia.

(Ficções a parte) quando atormentava
Satanaz a Saul, e o oprimia,
No ponto que David a harpa tocava
Diga a Santa Escritura o que fazia:
Logo o demonio dele se apartava,
O furor, e a cruel malenconia,
Ficando mui quieto, e sossegado
C'o tanger do Pastor, Rei coroado.

Quando tão destra a mão, e a voz tivera,
Estai certo, Senhor, que vos cantara,
Porque certeza a mim me prometera,
De que em vos mil virtudes semeara,
Do amor de Deus cantara, e mais fizera
Que também do próximo tratara,
Para que ouvindo tão suave canto
Andásseis sempre ardendo em amor santo

Não vai mais defecado, grão Senhor,
E subido de ponto este tratado,
Porque de Marte o bélico furor,
Me trouxe sempre desassossegado,
Outro tenho entre mãos de mais valor
Ao bem das almas todo encaminhado,
Que os fruitos há de dar de meu trabalho,
E da doutrina que no mundo espalho

Este a vos também tenho oferecido
Com a vontade até que a obra chegue,
Se agora for de vós favorecido,
Eu vos prometo, que a vós se entregue,
Inclinai esse aspeito esclarecido,
A quem o amor obriga a que se empregue
Em vos servir com todo o cabedal
Como servo a senhor, e natural.

Não colhereis aqui nesta floresta
Os estupros de Júpiter maligno
As torpezas de Vênus desonesta,
Do fementido Apolo o desatino,
Os ódios novercais de Juno infesta
Ao piadoso Enéias peregrino,
Senão verdades puras, e perfeitas
Obras por vossos portugueses feitas.

Outra pena pedia mais limada,
Mais ligão de poetas, e oradores,
Esta empresa de Olinda libertada
Pelos brasilianos moradores,
Pode ser que saisse laureada
Com rosas, e boninas de mil cores,
A mim se cometeu como perdida,
Eu a remeto a vós para ter vida.

A vossa sombra fica defendida,
De ingratos, e perversos traidores,
E de invejosos vis, que têm por vida
O desdenhar, e ser murmuradores,
Se minha pena for favorecida
De vós, de vos dira tantos primores,
Que venha a conhecer-se em todo o mundo
Que sois o Teodósio sem segundo.

Prezai-vos de Mecenas invocado
Do pobre rico, sábio, e idiota
E será vosso nome eternizado
Na região do mundo mais remota,
Prosperidades tenha vosso Estado,
E mil rotas vejais de Algiba rota,
E vida vos dê Deus por largos anos
Como o desejam vossos lusitanos.

O M. Fr. Manuel Calado

PRÓLOGO AO LEITOR

Persuadido (pio, e benigno leitor) de muitas importunações de amigos, e obrigado do amor da Pátria, e levado do primor, e timbre do nome português; e sobretudo por acudir por a honra, e infalível palavra, e nome de S. Majestade, e dar alento aos moradores de Pernambuco, para levarem com suavidade a carga dos trabalhos, e o peso da guerra, na qual andam em roda-viva de dia, e de noite, por libertarem a terra das mãos dos holandeses, tomei a pena na mão para fazer este tratado, como testemunha de vista, pois em companhia dos tristes, e afligidos moradores daquela Província, como amigo, e fiel companheiro, me achei presente, com a espada em uma mão, e com a língua ocupada na propagação, e defensão da Fé Católica. E suposto que esta empresa da liberdade da Pátria, em defensão da Fé de Cristo, pedia outro escritor mais defecado, e mais douto, pode ser que qualquer outro que seja o escreva com menos evidência, e verdade, pois vai muita diferença entre o que escreve como testemunha de vista, e o de ouvida. E suposto que se me pode imputar a culpa, ou negligência, o tomar eu entre mãos emprese de guerra, podendo sair à luz com alguma obra de minha profissão, e ofício, que poderia ser de mais serviço de Deus, e proveito das almas? Respondo, que cedo porei as mãos na obra, com o favor divino. E como este tratado é feito com pouco sossego, entre o estrondo das armas, e somente para que os soldados valorosos portugueses cobrassem alento, sabendo que se escreviam suas proezas, mando diante esta sentinela perdida a descobrir o campo, e se o achar seguro de inimigos, tomarei esforço para obras mais altas, e continuarei com a segunda parte, que me fica entre mãos e já pode ser que seja com mais honra, e proveito, e com mais alívio dos católicos cristãos; mais glória de S. Majestade, e acreseentamento em sua Monarquia, e Império. Pus-lhe por título: *O Valeroso Lucideno, e Triunfo da Liberdade;* porque (segundo se verá no discurso deste tratado) tudo convém com propriedade ao valor do braço português.

EM LOUVOR DO AUTOR

O MESTRE FREI MANUEL CALADO

DO PADRE MANUEL ADRIÃO

NATURAL DA NOTAVEL VILA DE AVEIRO

Soneto

De Tullio o sutil, e o eloqüente,
De Tácito o politico, e galante,
Com espírito vemos mais avante
Em vós, pois escreveis tão doutamente

Se o metro tem de Homero o excelente,
A prosa tem de Lívio o elegante,
Empresa é de um ânimo gigante,
Este, que dais à luz livro eminente

Reduzis a noticias, em sustância,
Com peregrino estilo, e evidência,
Do luso contra o belga a repugnância.

Invejado vos faz em competência
Na prosa destes versos a elegância,
Nos versos desta prosa a eloqüência

DO MESMO PADRE MANUEL ADRIÃO, AO MESMO PROPÓSITO

Décimas

Nesta que ofereceis doutrina,
Entre as Musas, e o Marcial,
Vos mostrais tão sem igual,

Que a voz usurpais divina,
Com ação tão peregrina,
Com tão zeloso desdém
Mostrado esse engenho tem
Que vós só, pelo atinado,
Sois o primeiro Calado,
Que falou muito, e mui bem.

Aqui nos dais tal conceito
Da Ordem que professais,
Que de eremita passais
A ser um Paulo perfeito,
Admiro em vosso sujeito
Tal ser, que me maravilho,
Pois se à prédica me humilho
Na erudição, com tais modos,
Deixais em dúvidas todos
De qual dos Paulos sois filho.

Ria-se Olinda de Holanda,
E do belga o luso forte,
Admire o mesmo Mavorte
Tão porfiada demanda,
Pois obra tão admiranda
A fama está provocando,
Que às facções diga cantando
Do lusitano tremendo,
Pois lhe dá vida escrevendo
Quem o animou pregando.

DE PEDRO DE NORONHA DE ANDRADE, EM LOUVOR DO AUTOR, E DA OBRA

Soneto

A vossa História, oh Tácito, se deve
Que voe ilustre exemplo a toda a idade
Nas asas imortais da eternidade
A ação maior, que o lusitano teve.

Tão doutamente nela se descreve
O motivo da egrégia liberdade,
Que rompendo da inveja a obscuridade
Pura a verdade aparecer se atreve.

Dais nova vida ao nome lusitano,
A holandesa perfídia descobrindo,
E a paciência contra o vil engano.

As glorias igualmente repartindo
Ao nome português, ao vosso, ufano
Caminho à eternidade ides abrindo

DE ANTONIO PINHEIRO DE MARIZ, SOBRINHO DO AUTOR

Soneto

Quien con tan dulce voz, y claro estylo,
Al Pierio sube, y cumbre del Parnaso,
Será Camões, Petrarca, ó Garcilaso,
El Sulmonense Ovidio. ó el Tansilo?

Y quien en el cristal, que en rico hilo,
Parar hiço al quadrupede Pegaso,
Com tanta suavidad colmó su vaso,
Que suspende tormentos de Perilo?

El Tacito es por Dios gran lusitano,
Que del luso valor, en sacro coro,
Heroica virtud canta. y la existente

Malicia del rebelde pueblo insano,
Tacito tan supremo, pico de oro
Se llame, y de laurel ciña su frente.

Pues en la sacra fuente
Le dió el nitido Apolo soberano,
Voz a la lengua, y cithara a la mano.

APROVAÇÃO

DO

REVERENDO PADRE FREI JOÃO DO DESERTO

PROCURADOR GERAL

E NOTÁRIO APOSTOLICO DA ORDEM DE S. PAÚLO

PRIMEIRO ERMITÃO DA CONGREGAÇÃO DOS EREMITAS

DA SERRA D'OSSA.

Por comissão do nosso Reverendíssimo Padre Mestre Frei Rodrigo da Ponte, lente jubilado e Vigario Geral Apostólico da Ordem de nosso Padre S. Paulo primeiro ermitão, nestes Reinos de Portugal, e Algarves, etc. Li este livro intitulado. *O Valeroso Lucideno, e Triunfo da Liberdade,* composto pelo Padre Mestre Frei Manuel Calado, Pregador Apostólico da mesma Ordem; e não só não achei nele cousa que encontre a pureza de nossa Fé, ou inteireza dos bons costumes, senão que me pareceu obra digna de adquirir, e granjear a seu autor eterna fama de português honrado, pois no meio de perseguições tão repetidas, agora fugindo, depois acometendo, como a oportunidade o pedia, sendo fiel companheiro, e espiritual alivio aos naturais de Pernambuco, acrescentou, sobre o mais, este trabalho de escrever de vista as proezas em que se avantajaram os Portugueses, como honrado filho deste Reino, para que não obscurecesse o descuido (inimigo comum de toda a honra) a glória, que o incansável esforço havia granjeado; pelo que me parece; que não só se lhe deve a licença que pede para imprimir, mas ainda que se obrigue a que o faça, porque vendo os naturais de Pernambuco sua fama gloriosa estampada, façam maravilhas pela conservar, e os portugueses invejando esta honra (que nisto

de invejar foram sempre primos) se animem a ganhá-la Lisboa, em 20 de abril de 1648.

Fr João do Deserto

APROVAÇÃO

DO

REVERENDO PADRE FREI CORNÉLIO DE S. PAULO

MESTRE JUBILADO EM A SAGRADA TEOLOGIA, RELIGIOSO DA MESMA ORDEM DE S. PAULO

Frei Cornelio de S. Paulo mestre jubilado em Sagrada Teologia, etc. Por mandado do Reverendissimo Padre Mestre Fr. Rodrigo da Ponte Vigário Geral Apostólico, e Prelado Maior da Ordem de nosso Padre São Paulo primeiro ermitão nestes Reinos, e Senhorios de Portugal, e Algarves vi, e examinei um livro intitulado: *O Valeroso Lucideno, e Triunfo da Liberdade*, composto por o Reverendo Padre Mestre Fr. Manuel Calado, Religioso de nossa Ordem e Pregador Apostólico por Sua Santidade; e não achei nele cousa alguma que contradiga a pureza de nossa Santa Fé Católica, e bons costumes; antes muita, e qualificada doutrina, corroborada com autoridades da Sagrada Escritura, e exposições dos Santos Doutores, segundo as muitas letras, e manifesta virtude do dito Padre Mestre Frei Manuel Calado, e um grande motivo para que os ânimos portugueses cobrem alento para acometer heróicas empresas em serviço de Deus, e de seu Rei natural, pelo que julgo a obra por dignissima de se imprimir; e se for necessário de que se obrigue o dito Padre Mestre a sair com ela à luz com a maior brevidade possível. Este é meu parecer, em fé do qual passei a presente. Neste nosso convento de São Gião em Alenquer aos 3 dias de janeiro de 1648.

O.M Fr. Cornélio de São Paulo

LICENÇA

DO

REVERENDÍSSIMO PADRE MESTRE FR. RODRIGO DA PONTE,

VIGÁRIO GERAL APOSTÓLICO,
E PRELADO MAIOR DE TODA A ORDEM DE S. PAULO
PRIMEIRO ERMITÃO DA CONGREGAÇÃO
DOS EREMITAS DA SERRA D'OSSA,
NOS REINOS DE PORTUGAL, E ALGARVES.

Nós o Mestre Frei Rodrigo da Ponte, Vigario Geral Apostólico, e Prelado maior da Ordem de S. Paulo primeiro ermitão da Congregação dos Eremitas da serra d'Ossa, nestes Reinos de Portugal, e Algarves, pela presente damos licença ao Reverendo Padre Mestre Frei Manuel Calado religioso professo de nossa Ordem, e Pregador Apostólico por Sua Santidade, para que possa imprimir um livro que compôs, entre o estrondo das armas da empresa da liberdade de Pernambuco, intitulado: *O Valeroso Lucideno, e Triunfo da Liberdade,* visto não ter cousa contra nossa santa Fé Católica, e bons costumes, antes muita, e boa doutrina segundo as muitas letras do dito Padre Mestre, e ser um motivo para alentar a todos os valorosos soldados portugueses, que andam ocupados no serviço de Sua Majestade contra seus inimigos, segundo as informações que temos dos padres de nossa Província, a quem cometemos este ministério; antes rogamos muito com amor fraternal ao dito Padre Mestre Frei Manuel Calado, que tendo saúde, e dando-lhe o tempo lugar saia à luz com alguns tratados dos muitos sermões que tem feito por espaço de quarenta anos, com muita aceitação, e proveito das almas, em diferentes partes da nossa Europa, e na Brasílica América, o que esperamos que resulte em grande serviço de Deus. Em fé do qual lhe demos a presente licença do nosso hospício da Corte de Lisboa, em 7 de fevereiro de 1648.

M. Fr. Rodrigo Vigário Geral Apostólico

APROVAÇÃO

DO

MUITO REVERENDO PADRE MESTRE FR. DUARTE DA CONCEIÇÃO

MINISTRO PROVINCIAL DA TERCEIRA ORDEM DO SERÁFICO PATRIARCA SÃO FRANCISCO, E REVEDOR DO SANTO OFICIO.

Por mandado do supremo Conselho da Santa Inquisição vi com particular atençao, e curiosidade esta primeira parte do *Valeroso Lucideno, e Triunfo da Liberdade,* composta pelo muito Rerevendo Padre Mestre Fr. Manuel Calado da Ordem do glorioso São Paulo primeiro ermitão da Congregaçao dos Eremitas da serra d'Ossa, e não só não tem cousa que encontre a verdade de nossa Fé, ou bons costumes, antes me parece obra mui curiosa, importante, e necessária, em especial para estes nossos tempos pela matéria de que trata, que o autor conta, e escreve com toda a certeza, e verdade, como testemunha de vista, que se achou presente em os mais dos encontros, e facções, ajudando aos portugueses com sua pessoa, vida, fazenda, e letras, como também o tinha feito em todo o mais tempo antecedente, em que eles estavam sujeitos ao jugo tirânico dos holandeses, levado só do zelo da Fé, amor da Pátria, e de seu Rei natural. No discurso do livro verá o leitor como os ânimos, e brios portugueses ainda hoje são os mesmos que eram antigamente no tempo de seus reis naturais, e como Deus os ajuda e favorece em todas as ocasiões, obrando milagres, e maravilhas em seu abono, e defensão; e também em como não há que fiar em hereges luteranos, calvinistas, e judeus, nem em suas promessas, porque não têm Fé, nem Lei, nem Deus; e assim me parece muito digna de se imprimir. Lisboa em o convento de N. Senhora de Jesus, em 14 de outubro de 1647

Fr. Duarte da Conceição Ministro Provincial

APROVAÇÃO

DO

MUITO REVERENDO PADRE MESTRE FREI ALEXANDRE DE JESUS,

LENTE ATUAL DA SAGRADA TEOLOGIA NO CONVENTO DE SÃO FRANCISCO DA CIDADE DE LISBOA E REVEDOR DO SANTO OFÍCIO

Por ordem do Conselho Geral do Santo Ofício, examinei este livro primeira parte do Valeroso Lucideno etc., fruto das muitas letras e singular autoridade do Reverendo Padre Mestre Frei Manuel Calado, da sagrada Ordem de S. Paulo contém as guerras do Brasil de nossos tempos, que provocou a tirânica perfídia dos inimigos da Fé e aconselhou a Católica impaciência dos fiéis Cristãos, vendo profanados os Templos de Deus, conculcadas as imagens dos Santos, impedidos ao culto divino os ritos Eclesiásticos, e acometeu a liberdade oprimida e generosa resolução dos Portugueses empresa tão heróica como justificada, que nos representa o calamitoso século dos invencíveis Macabeus, tiranizados pelo sacrílego Rei Antíoco. Meritíssima julgo a obra de se aplaudir na estampa. Primeiro, para incentivo dos zelosos da Fé, com o exemplo do novo Matatias, Omnis qui zelum habet legis, fiatuens testamentum exeat post me. I. Mach. 2. Segundo, para desengano dos perjúrios e fraudulências heréticas, com a justificação do moderno Judas, Simul ostendebat gentium fallaciam et juramentorum praevaricationem. 2 Mach. 15. Terceiro, para esforço e coragem dos fiéis que acometem guerra justa, tendo na causa de Deus certas as vitórias, com a exortação do mesmo Herói, Hortabatur suos. ne formidarent ad adventum nationum, sed in mente haberent adjutoria sibi facta de Coelo et nunc sperarent ab omnipotente sibi affuturam victoriam. Estas três utilidades se oferecem em sua leitura: onde vem acomodado o encômio a Marco Aurélio Flamínio. de fructu lectionis psalm.

Sive tuis nocuit grassator finibus hostis,
Non alia melius pellitur hostis ope.

Seu res est peculata tuas manus improba furum,
Inde, quod ablatum reddere possit, erit.

Exactum patria premit invidiosa tyrannis,
Hinc tua soleris tristia facta licet.

Insidias possuere tui tibi et undique captant,
Cum Davide Deum consule, tutus eris.

Este é meu parecer, salvo etc. Em São Francisco da Cidade, 5 de novembro de 1647.

Fr. Alexandre de Jesus.

LICENÇA DA SANTA INQUISIÇÃO

Vistas as informações pode-se imprimir este livro, que tem por título O Valeroso Lucideno, autor o Padre Fr. Manuel Calado, e depois de impresso tornará ao Conselho, para se conferir com o original, e se dar licença para correr, e sem ela não correrá. Lisboa, 8 de outubro de 1647.

Frei João de Vasconcelos. Diogo de Souza. Pedro da Silva de Faria. Francisco Cardoso de Torneo. Pantaleão Rodrigues Pacheco.

LICENÇA DO ORDINÁRIO

Pode-se imprimir, Lisboa, 12 de novembro de 1647.

O Bispo de Targa

APROVAÇÃO

DO

MUITO REVERENDO PADRE DOUTOR FR. FRANCISCO BRANDÃO,

DOM ABADE DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO DESTERRO NA CORTE DE LISBOA, DA ORDEM DO GLORIOSO S. BERNARDO E CRONISTA-MOR DO REINO DE PORTUGAL

Vi este livro em que o Autor deu princípio com indústria e encaminhou com assistência e conselho a liberdade

dos moradores de Pernambuco, que Deus reduzirá a cumprido efeito. Em todo o processo da escritura se não acha cousa que não mereça admiração, ou seja do valor com que aqueles leais vassalos se dispuseram a sacudir o jugo injusto de Holanda, por se reduzir à devida sujeição de Vossa Majestade, ou seja da constância e paciência com que sofreram os rigores da tirania; e finalmente, a fineza com que perseveraram, conservando a pureza da Religião Católica, impugnada de tantos heresiarcas. Por todas estas razões merece esta obra ser estampada, para que os executores de resolução tão heróica comecem a lograr a estimação das gentes, que avaliarem pela leitura dela o prêmio de honra que se lhes deve; e os ministros que hão de concorrer na prossecução da restauração do Estado do Brasil alcancem interiores do modo de proceder da nação competidora e outros mais, com que se facilitará aquela empresa. Em N. S. do Desterro, 20 de novembro de 1647.

O Dr Fr. Francisco Brandão
Cronista-mor.

LICENÇA DA MESA DO PAÇO

Que se possa imprimir, vistas as licenças da Inquisição, e do Ordinário, e depois de impresso virá à Mesa para se taxar, e sem isso não correrá. Lisboa, 22 de novembro de 1647.

Coelho Casado. Pinheiro.

Revi este livro e está conforme com seu original. Lisboa em o Convento de Nossa Senhora de JESUS, em 18 de junho de 1648.

Fr. Duarte da Conceição
Ministro Provincial.

Visto estar conforme com o original pode correr este livro. Lisboa, 22 de junho de 1648.

Francisco Cardoso de Torneo. Pantaleão Rodrigues Pacheco.

Taxam este livro em 450 réis em papel Lisboa 27 de junho de 1648.

Pinheiro Menezes

Vista a informação que de novo se houve, e conformando-se com o Decreto de 28 de março de 1667, da Sagrada Congregação Ad Indicem Librorum, dirigido ao Santo Ofício, acerca do livro intitulado: *O Valeroso Lucideno, e Triunfo da Liberdade*, composto pelo Padre F. Manuel Calado Religioso da Ordem de São Paulo primeiro ermitão, levantamos, e havemos por levantada a proibição que o dito livro até agora teve, e mandamos que possa correr livremente. Lisboa, 20 de março de 1668.

Diogo de Souza Fr Pedro de Magalhães

Luiz Alves da Rocha D Verissimo de Alancastre

O VALEROSO LVCIDENO, E TRIVMPHO DA LIBERDADE.

TRATASE DA RESTAVRAC,AM DE Parnambuco, & da expulsaõ dos Olandeses, do Estado do Brasil, debaixo do titulo, & acclamação seguinte.

ACCLAMAC,AM.

Morrão as tyrannias, & viua a liberdade!

LIVRO PRIMEIRO.

A LIBERDADE restaurada canto,
Obrada por a espada Portuguesa,
Guiada pela luz do Polo Santo,
(terrena obra, mas celeste empresa)
Canto hum Ioanne, que he terror, & espanto
Do Belga, & quebrantou sua braueza,
E de seus esquadroes em tempo breue
Muitos triumphos, & victorias teue.
Não me [illegible] de Circes, & Medea
Trans[illegible] de seu fingido encanto.
Nem [illegible] a Artil vez,
Nem [illegible] grande espanto.
Porque quem cânta ao certo, não recea
E quem pura verdade estima tanto
Bem pode esereuer glorias, & mais penas,
Tendo a intacta Virgem por Mecenas
Primeiro faltaraõ agoas no Nilo,
Do que falte o castigo ao Olandes,
Pois com crueis tormentos de Perilo,
Tanto tyranizou ao Portugues:
O qual tendo no Ceo seguro asilo,
Do Brasil o desterra, em que lhe pes,
Pondo freo a seus brios com a espada,
Por mão de Lucideno meneada.

O VALEROSO
LUCIDENO
E TRIUNFO DA LIBERDADE

Trata-se da restauração de Pernambuco, e da expulsão dos holandeses, do Estado do Brasil, debaixo do título, e aclamação seguinte.

A C L A M A Ç Ã O

Morram as tiranias, e viva a liberdade!

Livro Primeiro

A LIBERDADE restaurada canto,
Obrada por a espada portuguesa
Guiada pela luz do Pólo Santo,
(terrena obra, mas celeste empresa)
Canto um João, que é terror, e espanto
Do belga, e quebrantou sua braveza,
E de seus esquadrões em tempo breve
Muitos triunfos, e vitórias teve.

Não me assombram de Circes, e Medéia
Transformações de seu fingido encanto,
Nem de Homero invejo a fértil veia,
Nem sirenas me causam grande espanto
Porque quem canta ao certo, não receia
E quem pura verdade estima tanto
Bem pode escrever glórias, e mais penas.
Tendo a intacta Virgem por Mecenas.

Primeiro faltarão águas no Nilo,
Do que falte o castigo ao holandês,
Pois com cruéis tormentos de Perilo,
Tanto tiranizou ao português.
O qual tendo no céu seguro asilo,
Do Brasil o desterra, em que lhe pez,
Pondo freio a seus brios com a espada,
Por mão de Lucideno meneada

Sacrossanta donzela, que escolhida
Fostes do Padre Eterno, e soberano,
Para instrumento ser da eterna vida,
E libertar da morte o povo humano:
Sinta-se de vós favorecida
Esta fação do bravo lusitano,
Lá donde o sol levanta o carro ardente
Até as remotas partes do Ocidente.

Vós que de humana carne a Deus vestistes
Em vosso ventre sacro limpo, e puro,
E com vosso humildade descobristes
Caminho para o céu certo, e seguro:
Vós que da glória a porta nos abristes,
E sois, da santa Igreja torre, e muro,
Tinta e pena me dai Virgem sagrada
Para escrever de Olinda libertada.

Sem que encarregue em nada a consciência,
Relatarei aqui verdades puras,
Porque aprendi por larga experiência
A não julgar jamais por conjeturas:
Arme-se o traidor de paciência,
E espere o bom de ouvir suas venturas,
Que não hei de abater peitos honrosos,
Nem sublimar covardes, e medrosos.

Platano junto aos rios de agua clara,
Oliveira nos campos produzida,
Escada de Jacob, de Moisés vara,
Torre de escudos, e armas fornecida
De Cadés palma, de firmeza rara,
Terra que o pão nos deu da eterna vida,
Rosa de Jericó, cheirosa e bela,
Do segundo dos três, madre, e donzela

Dai neste canto meu melhor ventura,
Do que a muitos as vãs Musas têm dado,
Pois quando seu favor os assegura,
O Cérbero Trifauce os tem tragado:
A vós bendita Virgem Santa, e pura
Este meu canto tenho consagrado.
Alumiai-me Estrela de Balão
Para que cante o que é justo e razão

A honra é vossa (vara de Jessé)
E da sagrada flor que produzistes.
A mesma as portas da arca de Noé
Pois a todos dos céus a porta abristes;
Se a mão vir que me dás (cetro da fé)
Consolação darei aos olhos tristes
Dos pobres olindanos moradores,
E cantando direi vossos louvores

Este humilde escritor a vós se chega
(Virgem sagrada) de cabedal pobre:
Porém que à boa árvore se apega
(Diz o refrão) que boa sombra o cobre;
O tosco, e vil, que em vos servir se emprega
Fica estimado douto, rico, e nobre.
Portanto (mãe donzela) com razão
Vos tomo por guedelha de Sansão

A vós em meus sermões honro, e venero,
(Segundo por tão larga experiência
o tem todos notado) porque espero
Como de Mãe de Deus correspondência:
Das fantásticas Musas eu não quero
Favor, porque não tenho paciência
Quando vejo invocar o infame Jove,
Ou do fingido Apolo as irmãs nove

Vós sois (Virgem sem par) a que deveis
Dos poetas cristãos ser invocada,
Pois alcançais de Deus quanto quereis,
E não há aí para vós porta fechada:
Em vosso seio a todos recolheis,
E a todos para o céu servis de escada,
E assim (seguindo o modo que se usa)
Vos escolho por minha amada Musa

Vamos tirando a luz este Sileno
De Alcebíades não, mas da afamada
Fação do Valeroso Lucideno
Com seu brio, e valor executada:
Soe no monte erguido, e vale ameno
O vigor de seu braço, e sua espada:
E vós ingratos, falsos traidores
Aprendei a fazer cousas maiores.

Cantemos pois (oh Musa) os bens que achei
No arriscado discurso desta guerra,
Tu farás o compasso, eu cantarei
Maravilhas do céu, feitas na terra.
Tu serás o piloto, e eu serei
A nau, que da mentira se desterra,
Tu levarás o leme, e a bandeira,
E eu navegarei desta maneira.

CAPÍTULO I

Da origem da destruição, e ruína de Pernambuco

Conta-se na Sagrada Escritura, que indo antigamente o grande Capitão Josué conquistando toda a região da outra parte do rio Jordão, desde o Deserto, e Líbano, até o Eufrates, por mandado de Deus, o qual lhe tinha prometido toda aquela terra, e primeiro a Moisés por algumas vezes, havendo entrado, e destruído com facilidade a Jericó, principal, e a mais populosa cidade daquela Província, sem que lhe perigasse, nem morresse na empresa um só soldado. Chegando a Hai cidade pequena, e de pouca consideração, tão mal lhe sucedeu, que no primeiro encontro foi constrangido a virar as costas, e a fugir. E admirado da novidade do sucesso clamou a Deus com todo seu exército, e Deus lhe respondeu: Peccavit Israel. *Pecou Israel. Fez Josué diligente inquirição, e achando que Achão dos despojos de Jericó havia escondido, e reservado para si certas peças, contra o preceito de Deus. Conhecendo que este crime era a causa de suas desgraças, disse ao delinqüente.* Quia turbasti nos, turbet te Dominus. *Porquanto com teu pecado nos perturbaste, e nos puseste em risco de nossa total ruína, Deus te conturbe, e te castigue asperamente. E mandou que morresse apedrejado com sua mulher e filhos, e que fosse abrasada toda sua fazenda.*

Este é o próprio efeito do pecado, de turbar, perverter e destruir todas as cousas. Esta verdade se achará bem provada em muitos lugares da Santa Escritura; e para que levantemos o edifício do primeiro fundamento, ouçamos o que diz Santo Agostinho in varijis quaest. ad Simplic. q. 2 Peccatum est ipsa deordinatio. *O pecado é a mesma desor-*

dem, e desconcerto. Acrescentemos a isto a definição do monstro, dada por Aristoteles. Monstrum est peccatum naturae. *O monstro é pecado da natureza, donde poem o nome ao pecado por género sumo de toda a desordem, e desconcerto; donde se segue, que se o pecado é desconcerto, aquele que peca, tudo desbarata, e acaba a perder. Esta doutrina confirma a theologia sagrada com o seu doutissimo professor Santo Thomas in prim. secund. quaestion. 71. art 2. Isto nos ensina David no Psalm. 36. num. 4 dizendo* Peccatum meum contra me est semper *Que homem há tão cruel inimigo de outro, que lhe não conceda tréguas seguer por um instante; e nunca cesse de lhe armar ciladas? Só o pecado tem esta natureza, e condição.* Peccatum meum contra me est semper. *E se consultarmos ao Apóstolo São Paulo, in 1. Corint 15. num. 56. dir-nos-á que esta destruição, que é o parto do pecado, não sossega até não pôr ao homem na garganta da morte.* Stimulus enim mortis peccatum est. *Esta solicitando a morte a que chegue depressa. Muitos testemunhos nos darão nesta parte os santos padres, porem contentemo-nos com o que diz Santo Anastácio in quaest. 16.* Iniquitates nobis mala conciliant universa. *Considerai todos os trabalhos, ânsias, fadigas e aflições, que podem vir sobre um homem, e sobre uma república, e achareis que todo o pecado traz consigo, e é tão conhecida esta condição do pecado, que até os gentios trataram muito dela. E assim diz Plutarco in lib. 1. de Curiositate.* Magnus artifex infelicitatis est ipsa perversitas *Que o pecado é um grande artífice de todas as infelicidades, e desgraças.*

Venhamos à experiência, e eu remeto o negocio às testemunhas domesticas, ou pelo menos a vossos vizinhos, considerai quantas casas tendes visto florentissimas, representadoras do terreal paraiso, que entrando nelas o pecado, em poucos, e breves dias foram desfloradas, e se secaram, e feneceram: Sicut tugurium in cucumerario. *(Isaiæ 1.8.) como a choupana do melgal, depois de colhido o fruto, tudo deitado por terra, e destruído o pai de famílias, a mulher, os filhos, os criados, e escravos (espectáculo miserável, e indício claro do rigor do fogo da divina justiça. Deuteronom. 32 num. 22)* Ignis succensus est a furore meo, e ardebit usque ad inferni novissima. *Porque o fogo com que se ateia, e arde a indignação de Deus, é o pecado. Que cousa tão vistosa e bela era ver o Reino de Israel no princípio de sua desejada felicidade, e no cume de suas bonanças, quando alcançaram*

de Deus que lhe desse rei; e se julgaram por os mais bem-afortunados de todo o mundo. Pecou Saul (que foi o rei escolhido por Deus) e não tinha cabalmente acabado de consumar sua inobediencia, quando o núncio de Deus, o Projeta Samuel chegou dizendo. 1 Reg. 13. Stulte egisti; quod si non fecisses, iam nunc præparasset Dominus Regnum tuum super Israel in Sempiternum; sed nequaquam Regnum tuum ultra consurget. *Néscia, e loucamente o tens feito; se não pecaras Deus perpetuaria teu Reino, para todo sempre, porém já agora cedo cairá por terra, e não se tornará á levantar. Porque com teu pecado tudo tens desbaratado, e posto de lodo, e quebranto; e isto lhe disse segunda vez.* Scidit Dominus Regnum a te.

Vamos estendendo mais esta materia para que conheçamos claramente os males, que o pecado traz consigo. Fazendo os estoicos, mais que com filosofico desengano, um agregado de todas as miserias da humana vida, foram-nas pesando, umas com outras, na balança da razão, pouco a pouco. Puseram em uma parte da balança a perda da fazenda, riquezas, possessões, e na outra a da honra, e acharam que pesava mais a honra, porque como as riquezas, e mais gostos desta vida (segundo disse Periandro referido de Laércio in vitaeius) tem o prazo curto, e momentaneo o periodo de suas felicidades. Porem a honra tem raízes, e imortal, e dura, e é tão excelente, que com ser quem é a virtude, disse Aristoteles 3 Eth. cap. 14 que era prémio seu; e Tulio Tuscul. 3. Ea virtuti resonat tanquam imago gloriæ. *Vendo isto tiraram da balança as riquezas, e deitaram a morte com todos os infortunios, e calamidades, que o homem passa, e a uns pareceu que a morte pesava mais. Pois como disse Aristóteles. 3. Eth.* Mors maxime omnium terribilis. *A outros lhe pareceu que pesava mais a desonra; e assim diz Valério Máximo lib. 3.* Potior est bonis dignitas sine vita, quam vita sine dignitate. *A um peito nobre mais val morrer com honra, que viver sem ela. E assim tirando da balança peso tão duvidoso, deitaram nela o pecado, e não havia bem caído, quando deu com a balança em terra, donde diz Eurípides in Med.* Malus male perivit. *Pior é a morte do pecado, que a natural; pois a natural muitas vezes é boa, e a do pecado sempre é má. Foram acrescentando logo o que haviam tirado, deitaram na balança contrária as desonras, e não a moveram, porque a verdadeira desonra é a do pecado; acrescentaram a perda de amigos, fazenda, e*

todos os bens da fortuna, e esteve queda; encheram-na de cuidados, aflições, tormentos, e desventuras, e não fez sinal de movimento, e quando viram isto disseram, como afirma Eugubino, ad illud psalm. 4. Irascimini. Nil esse timendum, nisi culpam, e peccatum *Não há que temer no mundo, senão a culpa, e pecado; tema o que está na privança do rei, cair dela, tema o rico a perda de suas riquezas, tirem-lhe o sono, os aposentos dourados, tema o enfermo a purga, o cirurgião, e o trago incomportável da morte, que o que com verdade se há de temer, é a culpa, e o pecado. Todos os demais verdadeiramente são uns simples desgostos, e receios.*

Parece que haviam lido esta doutrina no Real Projeto David, Psalm. 4. o qual para espantar aos que o perseguiam diz. Irascimini, e nolite peccare. *Irai-vos, e não pequeis O verbo* Ragnesu *significa (como aaverte Eugubino) nao so irar-se, senao temer. E neste sentido entendem a Davia quase todos os hebreus, Rabbi David, Rabbi Abenesdra,* Pachadu, Timete, *Rabbi Salamao,* Charadu, Timete, o *Thargum de Jonatas,* Zubi, contremiscite nolite peccare. *Temei, e tremei ao pecado, e do estado miseravel da culpa, que ela é a que entre todas as cousas terriveis da terra com mais razao merece ser temida; todas as mais figuras espantosas são sombras que enganam os olhos; porém o pecado porque o não vêem os olhos, não o temem como é razão que seja temido. Três primores acho aqui que ponderam bem a horribilidade do pecado: O primeiro advertiu Abenesdra, e é, que quando David disse isto, foi.* Cum eum turpiter abiecerant, contumeliaque affecerant *Quando com ignominia, e desonra, o haviam deitado de seu Reino seus inimigos, quando se viu na suma das calamidades, quando contra ele desembainharam as espadas, tocaram as caixas, juntaram soldados, quando em boca do mais bisonho, a maior posta de David havia de ser a orelha; então para refrear seu orgulho, e pôr-lhe medo, lhe apresenta diante o pecado. Poderoso Deus que é isto? Pois não lhe fizera outros ameaços? Não lhe pusera diante dos olhos o esforço de seus braços, pois jogueteava com ursos, e leões, como si foram mansos cordeirinhos, e os despedaçava?* Cum leonibus lusit quasi cum agnis, e in ursis similiter fecit? *A destreza de sua mão: pois ao voltear de sua funda baqueava gigantes? A glória de seus triunfos, que voaram por todo o mundo? Não os ameaçara com aqueles batalhões de soldados, que jamais soube-*

ram ser vencidos, não os reprimira melhor trazendo-lhe á memoria o que havia feito com os filhos de Amon, porque ajrontaram a seus embaixadores; não lhes pôs senão o pecado, porque é o que verdadeiramente merece ser mais temido: pois se queria dizer-lhes que temessem o castigo. Improbis nequitia ipsa est supplicium, *disse Boecio lib. 4. O mesmo pecado é tormento, e castigo do mau. E S. Gregorio Magno in 15. moral.* Culpa perversis sua poena est. *Se queria dizer-lhes que se guardassem de um leão furioso, que o faria em pedaços; bem o significou com dizer que temessem o pecado, pois como disse um Sábio Eccles. 27.* Leo venationi insidiatur, sic peccata operantibus iniquitatem. *Se os queria espantar com setas, tiros, arrojadiços dardos, balas, passadores, bem fez em ameaçá-los com o pecado, pois (como diz o Espirito Santo. Eccles. 21.)* Romphœa bis, acuta, omnis iniquitas, e plagœ illius no est sanitas *Si com outras mil desgraças, e calamidades todo o pecado encerra em si, e por isso Aquilas, e o Targum Caldeo, trasladaram,* contremiscite *tremei com todo o corpo, estremeçam-se todos vossos ossos, antes que pecar, perseguindo a quem deveis obediência, e respeito.*

O segundo é, que para significar isto David, ponha um verbo, que como nota Eugubino in Psal. 4. quer dizer, irar-se, e temer (cousa de particular consideração, e mistério) e irar-se é obra de ânimo, pois (como disse Aristóteles) para acometer as cousas árduas, e dificultosas proveu a natúreza ao animal de ira; e o temor é obra de pusilanimidade, e fraqueza. Pois como é possivel, que esforço, e covardia, ânimo, e temor caibam em um saco? Ai vereis quão horrendo é o pecado. ire-se o pecador para cometê-lo, anime-se, brasone, que ainda que mais faça, sempre está tremendo, a aparência é de animoso, porém as veras são de pusilânime, por onde diz Plutarco de ser. aumer. vindict. Mali semper timent, *não há lebre mais medrosa que um pecador no estado da culpa, sempre teme, sempre está medroso.*

O terceiro é, nolite peccare, *não se contentou David com dizer, não pequeis; senão não queirais pecar, como se dissera nem ainda por o pensamento vos passe. É tão perverso o pecado, que só imaginado mata, para encarecer Fausto a terribilidade da morte, disse:*

Horribilis visu terremur imagine mortis.

É a morte tão contra o gosto do homem, e tão amargo, que ainda pintada, que os olhos a vejam, os cabelos se arripiam

e todo o corpo se estremece; porem que tem que ver com a terribilidade ao pecado. Mil vezes cuida um homem na morte, e a deseja, e se fica sem lesão, e tão inteiro como dantes, porém o pecado com só um desejo, prende, cativa, mata, e faz a um homem escravo. Por grande encarecimento disse o Espirito Santo do Imperador Alexandre, que siluit terra a conspectu eius, *ainda abrir a boca, e menear os beiços contra ele, nao se atreviam os mais esforçados: não só meter gente em campo, armar soldados, desembainhar a espada, porém ainda com palavras temiam ofendê-lo. Porém isto que comparação tem com a terribilidade do pecado? Alexandre era terrivel aos que contra ele faltavam; porém o pecado a seus devotos, aos que buscam com ele pazes, não só com obras, nem só com palavras, mas com o desejo que o queirais, vos dará logo a morte; e pois isto passa.* Irascimini, e nolite peccare, *guarde-se tudo de tão poderoso inimigo, obras, palavras, e desejos, que para tudo é prejudicial, e nocivo*

Porem perguntara (e com razão) qualquer curioso ao Real Profeta, que é o que faz o pecado, que tanto é digno de temer sua vinda? Mil misterios apontam neste passo os autores graves. São João Crisóstomo orat. 3, diz. Peccatores equi diaboli sut. *Que os pecadores são cavalos do demônio. Grande sentimento fez Roma por o desacato, que o outro barbaro fez ao Imperador Valeriano, pondo-o, como diz Fulgoso, lib. 9, cada dia junto ao cavalo em que andava para que lhe servisse de escabelo, para pôr o pe ao tempo de cavalgar: porém isto que tem que ver com a tirania do pecado, que faz a um homem cavalo, no qual o demônio vai cavaleiro; e não só cavalo que parece cousa honrada, senão jumento seu.* Comparatus est iumentis insipientibus. *De asno de carga serve ao demônio, de um jumento que leva às costas o esterco dos vícios; aquele a quem Deus criou para Príncipe, e senhor da terra; aquele que fez para convidado seu o faz a culpa um asno, que carrega esterco toda a vida* Comparatus est bestiæ mutuæ, *diz o Targum Caldeo, que jumento há aí que quando a carga lhe quebranta os ossos não gema debaixo dela? Que cachorro que ofendido não arreganhe os dentes, e ladre? Que leão que não brame? So o pecador é tão miserável, e tão escravo, que ainda isto não lhe permite.* Dentibus suis fremet, e tabescet, *diz David apertando, e roçando os dentes, e roendo-se-lhe as entranhas. rebentando com a carga, ainda falar não lhe é permitido*

está como uma besta muda. Pergunto, qual é a causa de que quando entrou a ver o convite aquele parabolico Rei, que introduz São Mateus in cap. 22? Vendo um homem que afrontava sua mesa, mandando-o atar de pés, e de maos, entregá-lo aos ministros da justiça, dar com ele nas masmorras, que jora da cidade tinha; nao se lhe ouviu palavra, nem se queixou, nem pediu misericordia, nem chorou, senão que com particular mistério diz o Evangelista. At ille obmutuit. *Não falou mais que uma pedra; se não que o pecado o tinha tal, que ainda falar não o deixava, feito o tinha uma besta muda, um jumento sem língua.*

A ainda pior poem ao pecador sua culpa, ouçamos o que diz o Espirito Santo por Sofonias 3. Nugas, quæ a lege recesserunt, congregado: *Nugas chama aos pecadores, e ainda que alguns digam que o nome hebreu,* nugæ, *significa os afligidos; contudo em rigor quer dizer uma cousa vil, baixa, sem preço, sem valor, e sem estima, uma cousa de que todos zomoam; e assim Tulio ad S. frat.* Nugas maximas omni mea comitate complexus sum. *E Plauto in Menech.* Nugæ sunt meæ. *Este é o estado a que traz ao pecador sua culpa, que o que sem ela era estimado, com ela é escárneo, e zombaria de todos. E não ha para ai senão que ainda o humilha mais.* Factus est quasi vas immundum, *diz Deus por Ojéas 8. e os hebreus trasladam.* Factus est quasi matula *E declara o Rufino; como imaginais que põem ao pecador sua culpa: como um vaso sujo, como um vaso aonde se deitam os excrementos, como um vaso, que serve para o ofício mais vil da casa,* vas incontumeliam, *lhe chamou São Paulo, vaso em afronta, vaso que por servir do mais humilde ofício, que há ai na casa, não mereceu outro nome senão servidor; e pois isto é assim, com razão diz David, que temam, e tremam do estado da culpa, pois tão miserável deixa a quem o segue.* Contremiscite, e nolite peccare.

Outra razão admirável se colige do Apóstolo S. Paulo, porque é digno de temer este inimigo. Quer animar aos hebreus ao seguimento de Cristo, e diz. Deponentes omne pondus, e circundans vos peccatum, e c *Deixando toda a carga, e pecado que vos cerca. Dois epitetos deu ao pecado, o primeiro é toda a carga; não há ai peso, que na culpa não se ache, nem carga que tanto pese, diz o Evangelista S João. 6. Apocal, que quando os maus hajam de aparecer no juízo, chamarão aos montes que caiam sobre eles.* Dicent montibus cadite super nos. *Pois como tão fortes om*

bros tem, que se atreveram a levar um monte, e não um, senão muitos? Pouco se lhe faz esse peso ao que leva o da culpa; montes, penhascos, e mundos, todos são uma palha, em comparação do que ela pesa. Deponentes omne pondus. *Quereis saber o que pesa? Pois vede a Cristo sem pecado, que levando as cargas dos ossos para os sacrificar na cruz, ajoelha com seus trabalhos, aquele de quem diz David Psal. 94 que com sua mão sustenta o âmbito, e redondeza da terra.* In manu eius sunt omnes fines terræ. *E não tem necessidade de ajudar-se de ambas para criar as esferas, não foi necessário mover a mão, senão somente os dedos.* Opera digitorum suorum sunt cœli. *Não move com tanta facilidade o organista as teclas do manicórdio, como ele criava os céus, àquele que a um virar de olhos, tornara todas as cousas no nada de que foram feitas.* Avertente te faciem, turbabuntur, e in pulverem suum revertentur. *Este feito homem, e enquanto tal ajoelha com a carga dos pecadores porque nela vão todos os pesos.* Deponentes omne pondus. *E que se atreva uma formiga a deitar sobre si esta carga? Que se atreva a pecar, e ofender a aquele Senhor, de cuja mão foi criado? Isto é cegueira intolerável.*

Porém pudera-se perguntar ao sagrado Apóstolo, que tem o pecado que tanto pesa? O sábio não disse, que é teias d'aranha. Telas araneæ textuerunt? *São Bernardo in Serm de Annunt não diz que o pecado é nada?* Peccatum est nihil. *Pois donde vem tanta carga? Um monte se pesa muito é por a imensidade de sua grandeza, porém o pecado que é menos que uma palha, e que um mosquito, e enfim menos que tudo, como pesa tanto? Outrem responderá melhor a esta dúvida; porém o que a mim me parece é, que ainda que o pecado é nada, põem tal ao pecador, que ainda o nada é para seus ombros mais incomportável que mil mundos. Desentranhemos este secreto; para um gigante são tanto dez arrobas, como para um menino duas onças, por a diferença das forças de ambos; pois vejamos as forças que ficam ao pecador depois da culpa, e daí coligiremos o que o pecado será para seus ombros. Perguntemo-lo a David Psalm. 30 que ele responderá como bem acutilado.* Infirmata est in paupertate virtus mea, e ossa mea conturbata sunt *E S. Jerônimo traslada.* Infirmata est in iniquitate. *Não cresce a fortaleza no pecado, não é a dificuldade da culpa, como o árduo, e apertado de outras cousas, nas quais ao varão forte se lhe acrescenta o ânimo, pois (como diz Sêneca epist. 2*

Non est vir fortis, cui non acrescit animus in ipsa rerum difficultate. *Não se acrescenta a virtude na miséria da culpa, senão que se faz enferma, pusilânime, e temerosa.* Infirmata est in iniquitate. *Eu que despedaçava leões, e de uma pedrada derrubava um gigante. E com só meu nome atemorizava meus inimigos, em pecando fiquei enfermo, fraco, pusilânime, e perdido* Et ossa mea conturbata sunt. *No Hebreu (como nota Eugubino) está o verbo,* Asesu, *que quer dizer,* Tineauerunt. *Meus ossos se corromperam, se encheram de caruncho, sarna, e podridão, e se desfizeram, e consumiram. Pois para tão poucas forças, para virtude tão enferma, para ossos podres, pouco peso basta para que pareça muito. E ainda Deus o ponderou melhor por um profeta, dizendo.* Erit fortitudo uestra ut fauilla stupæ; *menos força lhe fica a um pecador, que a uma mosca; o mais forte, e mais animoso, chega a ser como uma aresta de estopa, que o vento a leva, pois para quem tão fraco está, e tão pouco é, que carga haverá que seja leve, que peso que não seja mais que um monte? São Paulo I. Corint. 13. deita o selo nesta matéria dizendo.* Se linguis hominum loquar, e Angelorum, ec. charitatem autem non habuero, nihil sum. *Profetize, seja a fé do pecador, que passe os montes de uma parte a outra; fale as línguas de todas as gentes, falte-lhe a caridade, esteja no Argel do pecado, que é nada; pois para nada o que menos pesa que uma aresta, será mais que mil montes, e mil mundos, e assim por pouco que pese o pecado, fica sendo todos os pesos, e cargas para quem o leva.* Exponentes omne pondus, e circundans vos peccatum.

O segundo apelido é que cerca a um homem; não só é peso aonde todos se acham, senão peso que cerca; por grande penitência disse o grande Poeta Virgilio lib. 6 Æneid que Sisifo levava uma pedra por um monte arriba, e que tanto que chegava ao alto descia rolando ele, e ela. Porém andou curto, não declarou, como é a miséria do pecado; não é peso, que se pode levar só com as mãos, senão uma roda que cerca a um homem por todas as partes, e por todas o quebranta, e circundans vos peccatum. *Diz Marco Cláudio Paradino lib. I. de Simbol. que em símbolo de um homem medroso pintaram os antigos uma roda de navalhas, e dentro uma lebrezinha, tremendo sem poder sair por parte alguma; desta sorte é a roda do pecado, cercado tem ao pecador por todas as partes, e não há aí sair senão é por os fios das navalhas, e por as pontas das espadas, como diz o*

Santo Job 16 Non credit quod revesti possit de tenebris ad lucem circuns pectans undiq; gladium. *Não lhe parece que há aí já para ele dia, nem remédio, porque de todas as partes se vê cercado de cutelos, e metido em uma roda de espadas, viradas as pontas para dentro. E pois isto passa muita razão tem David em dizer que temamos o pecado, porquanto todas as misérias, e desventuras, que imaginar se podem, traz consigo, como o diz S. Anastácio q. 16.* Iniquitates nobis mala conciliant

Quem se houvesse achado na vila de Olinda, cabeça da grande capitania de Pernambuco, e das demais da parte do Norte, antes que os holandeses a ocupassem, e a tornasse a ver depois que nela entraram os holandeses, e a renderam, sem muito parafusar, em breve alcançaria, que havia sobre ela caído a vara da divina justiça; a instância dos pecados em que estava enlodada. Era aquela república antes da chegada dos holandeses a mais deliciosa próspera, abundante, e não sei se me adiantarei muito se disser a mais rica de quantas ultramarinhas o Reino de Portugal tem debaixo de sua coroa, e cetro. O ouro, e a prata era sem número, e quase não se estimava; o açúcar tanto que não havia embarcacões para o carregar, que com entrarem cada dia, e saírem de seu porto grandes frotas de naus, navios, e caravelas; e se andarem as embarcações encontrando umas com outras, em tal maneira, que os pilotos faziam mimos, e regalos aos senhores de engenho, e lavradores, para que lhes dessem suas caixas, não se podia dar vazão ao muito que havia. As delícias de mantimentos e licores, eram todos os que se produziam assim no reino, como nas ilhas. O fausto, e aparato das casas era excessivo, porque por mui pobre, e miserável se tinha o que não tinha seu servico de prata. Os navios que vinham de arribada, ou furtados aos direitos do Peru, ali descarregavam o melhor que traziam. As mulheres andavam tão loucãs, e tão custosas, que não se contentavam com os tafetás, chamalotes, veludos, e outras sedas, senão que arrojavam as finas telas, e ricos brocados; e eram tantas as jóias com que se adornavam, que pareciam chovidas em suas cabeças, e gargantas as pérolas, rubis, esmeraïdas, e diamantes. Os homens não haviam aderecos custosos de espadas, e adagas, nem vestidos de novas invenções com que se não ornassem os banquetes quotidianos, as escaramucas, e jogos de canas, em cada festa se ordenavam, tudo eram delícias, e não parecia esta terra senão um retrato do terreal paraíso.

Entrou nela o pecado, foram-se os moradores dela, entre a muita abundância, esquecendo de Deus; e deram entrada aos vícios, e sucedeu-lhes o que aos que vieram no tempo de Noé, que os afogaram as águas do universal dilúvio, e como a Sodoma, e Gomorra, e às mais cidades circunvizinhas, que foram abrasadas com fogo do céu. Desdourou-se esta terra com grande desaforo; as usuras, onzenas, e ganhos ilícitos era cousa ordinária, os amancebamentos públicos sem emenda alguma, porque o dinheiro fazia suspender o castigo: as ladroíces, e roubos sem carapuça de rebuço: as brigas, ferimentos, e mortes eram de cada dia; os estupros, e adultérios era moeda corrente; os juramentos falsos não se reparava nisso: os cristãos novos seguiam a lei de Moisés, e judaizavam muitos deles, como bem o mostraram depois que o holandês entrou na terra, que se circuncidaram publicamente e se declararam por judeus; os ministros da Justiça, como traziam as varas mui delgadas, como lhe punham os delinquentes nas pontas quatro caixas de açúcar, logo dobravam, e assim era a justiça de compadres; as causas das viúvas não entravam nas casas dos advogados, para as amparar, e defender, nem nas dos julgadores para as despacharem, como era razão, ainda que uma, e muitas vezes entravam as viúvas, e saíam de pior condição do que entravam, que é uma das abominações que Deus antigamente estranhava muito por um de seus profetas aos juízes de seu povo. *Causa viduæ ingressa non est adeos*. E tantas eram as injustiças que se faziam, que um homem honrado chamado Gaspar de Mendonça, senhor do engenho dos Apipucos, e sua povoação, vendo-se quase desesperado de uma injustiça notável que lhe fizeram, se pôs no meio da rua nova, e as altas vozes exclamou dizendo: *Aonde estão os irmãos da Santa Casa da Misericórdia, tão zelosos das obras de caridade, e do serviço de Deus? Venham aqui para darem sepultura à Justiça, que morreu nesta terra, e não há quem a enterre honradamente*. E o ouvidor estimulado desta queixa feita com tanta causa; mandou chamar o tabelião Luiz Marreiros, e com ele fez um auto de afronta, e quis prender ao sobredito Gaspar de Mendonça, e castigá-lo (o que fizera se ele se não escondera). Finalmente os desaforos iam tanto de foz em fora, que subindo ao púlpito, em um dia solene, o Padre Fr. Antônio Rosado da Ordem do Patriarca S. Domingos, o qual havia vindo a Pernambuco por Visitador do Santo Ofício; vendo o que se passava disse estas palavras: *De*

Olinda a Olanda não há aí mais que a mudança de um i em a, e esta vila de Olinda se há de mudar em Olanda, e ha de ser abrasada por os olandeses antes de muitos dias; porque pois falta a justiça da terra, há de acudir a do céu. E assim como o dito padre o ameaçou assim sucedeu em breves dias, como no seguinte capítulo se dirá

O. M. Fr *Cornélio de São Paulo*

CAPITULO II

No qual se trata da entrada dos holandeses na vila de Olinda, e como conquistaram toda a Capitania de Pernambuco, e quem foram os que ajudaram nesta empresa

Antes que os holandeses ocupassem a vila de Olinda e Capitania de Pernambuco, já na Bahia tinha o Governador Geral Diogo Luiz de Oliveira aviso de Portugal de como em Holanda se aprestava uma grossa armada, para as partes do Brasil, e que se dizia ser para Pernambuco, e que estivesse de sobreaviso, e desse rebate a todas as outras Capitanias do dito Estado, para que se preparassem para se defenderem (o que ele deu à execução com muita diligência). E como tinha bem fortificada a Cidade do Salvador, Bahia de todos os Santos, aonde residia, porquanto depois que entrou no governo, todo seu cuidado pôs em fazer preparações de guerra, e fortificações, umas sobre outras, e duas bizarras fortalezas, uma em Vila Velha, chamada o forte de S. Diogo, e outra junto à Água dos Meninos, chamada o forte de N Senhora do Rosário, bem petrechadas de artilharia, e munições, e com água dentro, e tendo toda a cidade cercada de baluartes, e trincheiras, e a praia bem guarnecida. Despachou para Pernambuco, a petição de André Dias da Franca seu capitão-mor, a Pedro Correia da Gama sargento-mor de todo o Estado, soldado mui antigo na guerra, e mui prático nas cousas dela, e sobretudo inteligente na matéria de fortificações, e bem-afortunado em muitas ocasiões, em que se achou, por espaço de sessenta anos, que servia a El-Rei em diversas partes, para que preparasse, e fortificasse a vila de Olinda, e o Recife aonde visse ser necessário, chegou o dito sargento-mor do Estado a Pernambuco, e fez trinchei-

ras por a praia na vila, e cercou o Recife de uma paliçada forte de pau a pique, que era o benefício que se lhe podia fazer. E faço advertência, que estas cousas vou tratando por maior só para fundamento desta história da liberdade da pátria, que tomo entre mãos, porque para haver de tratar as cousas que sucederam em Pernambuco com a entrada dos holandeses, em particular, seriam necessários muitas resmas de papel.

Neste tempo chegou de Portugal Matias de Albuquerque com título de capitão-mor, e superintendente em todas as cousas tocantes à milícia, e rendeu do cargo a André Dias da Franca; e como neste comenos havia nascido o Príncipe de Espanha, que então o era também de Portugal. Tratou Matias de Albuquerque de celebrar seu nascimento com grandiosas festas (como o fez) chegou nesta ocasião um aviso do governador do Cabo Verde, em como era passada para as partes do Brasil uma grossa armada de Holanda. Ouviu-se o aviso, e não causou muito cuidado, ainda que com ele alguns ficaram sobressaltados, e perderam o sono algumas noites. Começaram-se a fazer as festas do príncipe, com muitas escaramuças, canas, e encamisadas, e com muito disparar de artilharia, senão quando apareceu a armãda de Holanda, com a qual se alegraram muito os cristãos novos, porque vinham nela interessados muitos deles, e tinham contratado com os holandeses da Companhia das Índias Ocidentais de dar certa soma de dinheiro para os gastos dela, só a efeito de serem livres do Tribunal da Santa Inquisição, da qual se tinha notícia que vinha a assentar casa em Pernambuco.

Veio a armada holandesa endireitando com o Recife, e começou a despedir tantas balas com a artilharia, que parece que choviam do mar para a terra. Alvoroçou-se a gente da vila, e todos acudiram com suas armas a defender os postos que lhe foram encomendados por o capitão-general, com muito esforço, e ânimo; e os moradores do circuito de Olinda imaginando que as peças, que se disparavam eram da festa, não acudiram com tanta pressa como convinha: já os que habitavam em lugares distantes quando souberam a nova, suposto que com muita pressa partiram de suas casas, não puderam chegar senão depois que a terra estava entrada, e rendida. Tanto pois que os holandeses começaram a combater o forte do mar, logo o Recife com muita artilharia, e a nossa gente tinha acudido abaixo; despediram algumas naus para a parte do Norte, e foram deitar em terra muita

gente de infantaria no Pau-Amarelo, que é distância de grandes três léguas do Recife. Acudiu Matias de Albuquerque a lhe impedir o desembarcar, ou ter com ele encontro no caminho; e suposto que levava consigo uma luzida tropa de gente, entre os valorosos, e honrados que o acompanharam com grande ânimo de defender a terra, iam outros ricaços, e de inchadas barrigas, que como não estavam acostumados a morrer, tudo era por inconvenientes a tal determinação, e persuadiram ao general, que não tivesse encontro com o inimigo no caminho, nem na praia, senão, na vila, aonde tinham seus reparos, e trincheiras; e isto diziam a gritos, porque como na vila lhe ficavam suas mulheres, e filhos, e suas riquezas, queriam pô-las em salvo, e a suas pessoas também tanto que se cerrasse a noite (o que não se atreviam a fazer de dia por vergonha, e pejo) viu-se o general tão perseguido de tantos protestos, que tendo quase certa a vitória na passagem do rio Doce, se veio com toda a gente retirando à vila, e daí mandou com alguma fornecer o Recife.

Cerrou-se a noite, e começaram todos a deitar fora das vilas suas mulheres, e filhos, e o mais precioso que puderam de suas fazendas. O querer agora tratar da grande confusão, e desamparo em que se viram as viúvas, casadas, e donzelas, e os meninos inocentes, por ásperos caminhos, deles nunca vistos, nem andados, metendo-se por atalhos, que iam a parar nos meios dos matos desertos, passando rios com grande descomodidade, e com tanta pressa, que o marido não sabia da mulher, nem a mãe dos filhos, e filhas; o temor era grande, o perigo certo, a morte presente, o remédio não era outro senão dar clamores ao céu, com os olhos arrasados de lágrimas. E assim cada qual foi a parar aonde as fprças lhe faltaram, e aonde o levou sua ventura, ou desgraça Aqui ficava a donzela desmaiada no caminho, ali choravam as crianças, de acolá gritava o outro: aqui vem o inimigo Enfim a atribulação foi tanta, que não se pode declarar com palavras; e é mui diferente cousa o vê-lo com os olhos, ou querer escrevê-lo com pena, e tinta.

Tanto pois que os holandeses desembarcaram no Pau Amarelo, e não acharam resistência que os reprimisse, vieram caminhando por a praia; e suposto que de dentro do mato circunvizinho alguns valorosos mancebos da nossa gente lhe deram algumas cargas, com que lhe mataram muitos dos seus soldados, todavia respondendo eles com outras de mais força, lhe ficou a praia desembaraçada; e caminhando por

ela, ao entrar do rio Tapado, deixaram a praia onde os nossos os esperavam, sendo guiados por dois mulatos, que certos cristãos novos lhe haviam mandado; tomaram por entre um cajusal, e por um largo caminho, que vem a dar na vila por junto a N. Senhora do Amparo, e por detrás do Colégio da Companhia. E suposto que os moradores de Pernambuco lhe fizeram ali grande resistência, e houve um terrível combate, aonde perderam muita gente, todavia como traziam grande força, entraram na vila, e a ganharam: e retirando-se os poucos de nossa parte para o Recife, eles os vieram seguindo por a restinga da areia, e com a artilharia que deitaram em terra, vieram a combater o forte de Diogo Pais, e ganhando-o em poucos dias, se fizeram senhores do forte do Mar, e do Recife, e o dia, em que o rebelde holandês ocupou a vila de Olinda foi aos dezesseis de fevereiro de mil e seiscentos e trinta e um, sábado ao meio-dia, pouco mais, ou menos. E o General Matias de Albuquerque com sua gente, cada um por sua parte, e por os caminhos que acharam mais acomodados, se retiraram para o sertão, e para os engenhos, e fazendas mais vizinhas da Várzea, e Apipucos

Ficaram os holandeses senhores da vila, e Recife, e começaram a saquear tudo com grande desaforo, e cobiça. Este entrava por as casas, e saía carregado do melhor que nelas achava. Aquele quebrava com machados as portas das que estavam fechadas, as caixas, os escritórios, os contadores cheios de finas sedas, de ouro, e de prata, e ricas jóias; outros entravam por as igrejas, depois de lhe roubarem os ricos, e custosos ornamentos, e fazerem em tiras nitiitos deles, quebravam em pedaços as imagens de Cristo, e da Virgem Maria, e dos outros santos, e as pisavam com os pés com tanta coragem, e desaforo, como que se com isto lhe parecesse que extinguiam a Fé Católica Romana, outros entravam por as lojas dos mercadores, e achando-as cheias de pipas de vinho, bebiam tanto que as ruas estavam alastradas de bêbados; outros como andavam esquentados, e azougados, punham fogo nos conventos, e edifícios suntuosos, dando com eles em terra, outros andavam calçados com os chapins das mulheres, e vestidos nas opas das confrarias, e balandraus dos irmãos da Misericórdia, e com as varas dos vereadores, e almotacéis, dizendo. *Por mim grandes cavalheiros*. E como andavam bêbados caíam a cada passo, e tornavam-se a levantar, dizendo. *Non força*. Enfim a barafunda, e alarido era tanto, que com a muita mosquetaria, que dispara-

vam, parecia um dia de juízo. Acabadas as horas que deram de saque, umas esquadras ficaram na vila, e o demais corpo de gente no Recife; e suas naus entraram para dentro do porto, algumas, ficando as outras ao largo, e desembarcando a gente, trataram de se fortificar, e preparar, como quem estava em terra alheia, e desconhecida, e por espaço de um ano foram fazendo algumas fortalezas, e baluartes para seu resguardo, e por o tempo adiante se acabaram de fortificar em forma.

Foi neste tempo o General Matias de Albuquerque ajuntando a gente, e por conselho de homens práticos na guerra, fez uma fortaleza quase inexpugnável uma légua em distancia do Recife, e outra da vila, pouco mais ou menos, para fazer ao inimigo todo o mal que pudesse, e impedir-lhe a que não saisse por a terra dentro a destruir as fazendas, e matar os moradores; acabou-se a fortaleza com brevidade e forneceu-se com artilharia, e formou-se ali arraial em forma: logo lhe acudiram de toda a Capitania muitos, e valorosos mancebos, que divididos em estâncias, entre o arraial, vila, e Recife, tinham tão encurralado o holandês, que não era senhor nem de sair a buscar agua para beber, nem faxina para suas fortificações, porque em saindo de suas trincheiras, logo davam sobre eles, e os matavam, e nem senhores eram de sair da vila para o Recife, nem do Recife para a vila, senão em grandes tropas, porque os nossos se deitavam a nado, e se era ocasião de maré vazia, passavam o rio; e postos em emboscadas cada dia lhe faziam tanto dano, que andavam assombrados; também se veio a oferecer ao general um índio da terra, chamado Antônio Camarão (que era o principal, e capitão de uma aldeia) com toda sua gente mui destra na flecha, e arco, e com todos seus parentes, e amigos, que se lhe congregaram, e o elegeram por maioral, por esforçado, e animoso. Este tomou também sua estância, em o lugar mais arriscado, e tanto mal fez ao inimigo, que sonhava com ele de sobressalto; fazia-lhe emboscadas de consideração, e dava-lhe venturosos assaltos; e até fojos mui fundos lhe mandava fazer por os caminhos, e veredas, com muitos estrepes no fundo, para que saindo o inimigo fora caísse neles, como caíram muitos por muitas vezes; e este índio foi o mais leal soldado que El-Rei teve nesta guerra, porque sempre acompanhou aos portugueses com sua gente em todos os trabalhos, e fadigas; e com os holandeses teve bizarros encontros, e os desbaratou de tal sorte, que chegou

a dizer nos Apipucos, o Mestre de Campo dos holandeses chamado Cristovao Artixof soldado velho, e mui experimentado na guerra, polaco de nação, que só um indio brasiliano tivera poder para o fazer retirar desonrando-o, e fazendo-lhe perder a reputação, e nome que tinha ganhado, e conservado por tantos anos. E tantas bravezas, e obras heróicas fez no decurso desta guerra este Antônio Puti (ou o que tanto monta Camarao) que S. Majestade lhe deu Dom, e o fez cavalheiro do hábito de Cristo, e lhe deu título de governador, e capitão-general de todos os índios do Estado do Brasil: e os fidalgos portugueses, e governadores do Estado se prezam muito de o admitir entre si, e lhe fazem muita honra, e cortesia, não só por seu grande valor, e esforço, se nao por seu bom natural, honrado procedimento, e cristandade, e mui zeloso do serviço de Deus, e dos santos.

Conservou-se o arraial ate a chegada de Duarte de Albuquerque, Governador, e Donatário de Pernambuco, e de Joao Vicêncio São Félix Conde de Banholo e Mestre de Campo de um terço italiano, os quais também trouxeram consigo de socorro algumas companhias de soldados portugueses, e desembarcaram em Tamandaré, entre o rio de Una, e o de Sirinhaém, porque se apartaram da armada de Dom Antônio de Oquendo, que vinha da Bahia acompanhando este socorro ate o deitar em terra, na Capitania de Pernambuco, e logo ir fazendo sua direita viagem para as Índias de Castela, para ir em companhia, e defesa dos galeões de prata. E o tempo em que este socorro desembarcou em terra foi no mês de setembro de mil e seiscentos e trinta e dois anos; e meio depois que se tomou a terra, pouco mais, ou menos. Sabendo pois o inimigo que a armada de Espanha estava na Bahia com o socorro, e da derrota que havia de levar (que de tudo tinha avisos por via dos cristãos novos) Saiu com sua grossa armada ao mar em busca do General Dom Antônio de Oquendo, com toda sua gente ajuramentada a vencer, ou a morrer, na qual ia por general um valoroso, e bravo holandês, chamado Opatria. Encontraram-se as duas armadas, e começaram a brigar de parte a parte com grande coragem, e resolução; e foi a briga tão travada, que no mar não se ouvia mais que o estrondo das peças de artilharia, e mosquetaria. Algum destroço houve da nossa parte, e duas naus estiveram a risco de se irem ao fundo, e dois patachos de serem queimados, se não fora a boa diligência com que se lhe acudiu, aonde também houve alguns mortos

e feridos, que sao os ordinarios frutos que se colhem nas batalhas, assim do mar, como da terra; porém os espanhois, e portugueses, que vinham nos galeoes com Dom Antonio de Oquendo, se houveram tao valorosamente, e com tanta furia, e orgulho, que deitaram ao inimigo tres naus no fundo, e outras destroçaram. E brigando a nossa capitânia com a sua, vendo que era uma nau mui forte, alterosa, e bem fornecida de muitos mosqueteiros, tendo-lhe já derrubado o mastro grande, meteram sobre a bala de uma peça reforçada um envoltorio de um pano breado, e fazendo-lhe tiro lh'o meteram dentro no bojo da sua nau junto ao paiol das munições; começou-se a atear o fogo na nau, e sair dela fumo, o que visto por o general holandês, se envolveu no estandarte da Holanda, dizendo. *Muy gran soldado es Don Antônio de Oquendo!* E dizendo isto se deitou no mar, e morreu afogado, por não se ver cativo; e os mais que na nau ficaram, uns morreram abrasados, e outros se deitaram ao mar, dos quais os nossos salvaram a alguns, que levaram consigo prisioneiros. Vendo-se os holandeses desbaratados se vieram retirando para o Recife; e Dom Antônio de Oquendo se foi reparar, e tomar algumas águas na Bahia da Tração; e dai foi fazendo sua viagem para as Índias, segundo o preceito, e ordem que ele trazia.

Quando a batalha naval se começou a travar, se apartaram da armada Duarte de Albuquerque, e o Conde de Banholo com o socorro que trazia para Pernambuco, e vieram a aportar na barra grande, e em Tamandaré, e desembarcaram em terra; e mandando meter no porto de Nazaré, Cabo de Santo Agostinho, e deitar em terra alguma artilharia grossa, armas, munições, e outras vitualhas, e fazendas, que do Reino traziam, se vieram caminhando para o nosso arraial, e a artilharia, e mais munições, e bastimentos, foram comboiados por terra em carros, com muito grande dispêndio, e trabalho. Tanto pois que o Conde de Banholo assentou casa no arraial com título de Mestre de Campo, e Governador de um terço italiano, que consigo trouxe; começou-se a fazer mais caso dos capitães, e soldados que haviam vindo do Reino; e os soldados de Pernambuco, que até então haviam defendido a terra, e reprimido o inimigo, com tanto esforço e valor, metidos por os matos, passando rios descalços, e por lamas, e atoleiros, com grandes descômodos, vendo que não eram tratados com o amor, e benevolência com que o General Matias de Albuquerque os havia

até então tratado, uns se foram indo para suas casas, outros afrouxaram do contínuo trabalho, assim diurno, como noturno, com que andavam oprimidos, dizendo que trabalhassem os soldados, que haviam vindo do Reino, pois eram pagos, e que soubessem, e experimentassem ao que sabia o andar por matos, e atoleiros, o que eles até então tinham feito, sem outro interesse mais que o zelo da defesa da pátria, e mostrassem que eram vassalos leais de Sua Majestade, em companhia do seu Governador Matias de Albuquerque.

Em resolução, desde o tempo em que o Conde de Banholo entrou em Pernambuco, logo os sucessos da guerra foram caminhando de mal em pior; logo começou a mandar embaixadas ao inimigo, e recebê-las; mandava os regalos, e frutas da terra, e recebia em retorno frasqueiras de vinho, cunhetes de manteiga, e queijos; e tiveram alguns traidores entre estas idas, e vindas ao Recife, lugar de mandar avisos ao holandês de tudo o que entre nós se passava; neste tempo se meteu com os flamengos um mancebo mameluco, mui esforçado, e atrevido, chamado Domingos Fernandes Calabar, o qual entre eles, em breves dias, aprendeu a língua flamenga, e travou grande amizade com Sigismundo Vandscope, governador da guerra, ao qual tomou por compadre de um filho que lhe nasceu de uma mameluca, chamada Barbara, a qual levou consigo, e andava com ela amancebado; e a causa de se meter com os inimigos este Domingos Fernandes Calabar foi o grande temor que teve de ser preso, e castigado asperamente por o Provedor André de Almeida, por alguns furtos graves, que havia feito na fazenda d'El-Rei. também lhe cobrou muita afeição o general do mar dos holandeses, que o trazia em sua companhia, para que lhe ensinasse as bocas dos rios navegáveis, e as paragens aonde podia deitar gente em terra, e por meio deste Calabar dava muitos assaltos, e fazia muitos furtos, e vexações nos moradores que tinham suas casas, e fazendas junto ao mar, por toda a costa de Pernambuco; chamava-se este general do mar João Cornelicen Lictart.

Determinaram os holandeses de tomar por cerco ao nosso arraial, e trazendo um patacho com algumas peças de artilharia por o rio Capibaribe acima a deitaram em terra, com muita gente de infantaria, e puseram sua determinação em efeito uma quinta-feira de Endoenças, a tempo que os nossos portugueses estavam celebrando os ofícios da Semana Santa, e ocupados em se confessar, e comungar, recolheu-se

toda a gente dentro na fortaleza, que era grande, e espaçosa, e ficaram de fora algumas companhias de soldados aventureiros volantes, para lhe darem assaltos cada hora, e sucedeu-lhes aos flamengos tão mal esta cavalgada, que depois de lhe matarmos muita gente, os obrigamos a se retirarem tão descompostos, que se o Conde de Banholo se não pusera na porta da fortaleza, e impedira aos nossos soldados o sairem, e irem em seu alcance, ali houveram de perder a maior parte de seu cabedal (segundo todos afirmam). Não perdeu o inimigo as estribeiras, antes com sua armada foi sobre a fortaleza do rio Grande, e a tomou, e tomou também a ilha de Itamaracá, e a Paraíba depois de muitas batarias, e encontros perigosos, e muito derramamento de sangue, assim da sua como da nossa parte; e na Paraíba, para se non graçarem com os moradores, e os assegurarem em sua amizade, fizeram com eles assentos de contrato mui favoráveis, a saber, que lhes concederiam o viverem na pureza de sua Fé Católica Romana, com suas igrejas abertas, e sacerdotes, e que se não meteriam nas cousas tocantes ao eclesiástico; que outrossim, concediam a todos os moradores todas suas fazendas, e escravos, livremente, e que os conservariam em sua posse, e os defenderiam de toda a casta de inimigos, e lhe acudiriam com todo o gênero de mercadorias, e lhe pagariam os frutos da terra pdr seu justo preço, e lhe guardariam em tudo justiça, e igualdade com cláusula, de que lhe pagaríamos os dízimos, e mais tributos, que costumávamos pagar a S. Majestade, enquanto foi senhor desta Capitania Ficaram os moradores algum tanto consolados com estes, e outros mais favoráveis assentos, que com eles celebraram, vendo-se livres da garganta da morte, aonde poucos dias antes se viram postos, por lhe faltar o Conde de Banholo com o socorro a seu tempo, porque mandando-o o General Matias de Albuquerque com muita gente a socorrer a Paraíba, que estava em combate com os flamengos, e em grande aperto; ele se deteve onze, ou doze dias no caminho, e não chegou a tempo, sendo que quando se tornou para o nosso arraial, depois da Paraíba ganhada, não pôs mais que três dias no caminho, metendo em cabeça aos que o acompanhavam, que o inimigo ia em seu alcance.

Tendo o inimigo ganhado a Paraíba, e mais capitanias da parte do Norte, tratou logo de ganhar as barras da parte do Sul; e como o porto de Nazaré era o principal, e mais vizinho ao nosso arraial, e por onde nos entravam mui-

tos navios com provimento, e saíam os açúcares para o Reino, partiu a ele com sua armada, e como a distância do nosso arraial não era mais que de oito léguas, entrou por a boca da barra; e suposto que de um reduto pequeno, que tínhamos na entrada com quatro peças de pouca consideração, lhe deitamos dois navios ao fundo; todavia as outras naus e navios entraram no lagamar, e ficaram senhores do porto. Sabida a nova partiram logo do arraial o General Matias de Albuquerque, e o Conde de Banholo com toda a gente de guerra, deixando a fortaleza bem apetrechada de gente, e mantimentos, aonde ficou por Governador Andrés Marin, soldado mui animoso, e experimentado nas coisas de guerra, para que o defendesse. Chegado pois Matias de Albuquerque a Nazaré assentou arraial sobre o monte do Cabo de S. Agostinho, lugar forte, e quase inexpugnável, que fica senhoreando a barra, que está em sua raiz, e as embarcações para entrarem, e saírem se hão de ir roçando com a terra; e assim fez boas, e fortes trincheiras, e dali começou com as peças de artilharia que tinha a combater as naus inimigas, que estavam dentro do porto, parecendo-lhe (segundo o juízo de prudente varão) que as tinha por suas, e se prometia de embarcar nelas açúcar para o Reino, porém o inimigo se afastou por a enseada dentro, aonde as nossas peças não alcançavam; e fez em terra beira-mar uma fortificação bem guarnecida de artilharia, e gente sobre a fábrica, da qual houve muitas escaramuças, e encontros dos nossos com eles, sendo o principal agente o Capitão Francisco Rebelo, chamado por antonomásia o Rebelinho, o qual lhe fez grande dano, e lhe matou muitos de seus soldados.

Vendo os holandeses governadores do Recife o grande perigo, e risco em que sua armada estava, e que não podia sair para fora da barra, abalaram a maior parte de seu exército, que era grande em número, e mandaram pôr cerco ao outeiro de Nazaré, e com o restante de sua soldadesca vieram cercar o nosso arraial, tomando-lhe todos os caminhos por onde lhe podia entrar socorro, e mantimento. Vendo pois Matias de Albuquerque que se se deixava cercar em forma, ficava impossibilitado para socorrer ao arraial com mantimento, e tendo quase evidentes suspeitas em como o Conde de Banholo tinha vendido aquela praça aos holandeses por dinheiro, o qual ele tinha mandado buscar aos Afogados por os seus italianos, e o viera receber ao engenho de Jurissacá por não se ver preso, e afrontado com traição. Deixou bem

fortificado, e provido de gente de guerra o sitio de Nazare, e se partiu com o mesmo Conde de Banholo para Sirinhaém de donde socorria com farinha, e gado, assim aos que ficavam no arraial, como aos de Nazaré, para que não descoroçoassem com o aperto dos cercos: e vendo que o aperto era muito, e que o inimigo tinha tomado os portos a todo o remédio, e indo-lhe novas que o nosso arraial era rendido, por via da grande fome, e por indústria de traidores, que de dentro da nossa fortaleza avisavam ao holandês da angustia, em que os nossos estavam, e como comiam os couros das vacas cozidos, por não terem outra cousa que comer. E como Andres Marin havia enforcado a Pedro da Rocha Leitão, e a Augustinho de Holanda, por lhe achar cartas escritas para o inimigo, mandou retirar muita farinha, e gado, que mandava para o arraial com boas tropas de soldados: e por nao se ver vendido, segundo a suspeita, e aviso que tinha, mandou ao Conde de Banholo, que com os seus italianos marchasse para as Alagoas, e que nela se entrincheirasse, enquanto ele ficava comboiando os moradores da terra com mulheres, e meninos, para os levar consigo, e salvar-lhe as vidas, e que nas Alagoas esperariam até a chegada do socorro da armada real, que por momentos se esperava

Neste tempo despediu o inimigo doze naus suas, aonde ia o General do mar Joao Cornelicen Lictart, e Domingos Fernandes Calabar em sua companhia, e tomaram porto na barra grande, cinco léguas da povoação de Porto Calvo, aonde os moradores tinham feito algumas trincheiras nas bocas dos rios, e lugares mais perigosos. E sabido por a terra dentro em como o inimigo estava na barra grande, logo dois traidores dentre nós se foram a ver com ele, e lhe facilitaram a entrada oferecendo-lhe para isso cavalos, e guias, e lhe levaram presentes dos mimos, e regalos que a terra tinha, e tornaram carregados de passaportes: os quais da parte do holandês deram a muitos dos moradores daquele distrito, assegurando-os que não padeceram perda, nem dano, assim em suas fazendas, como nas pessoas, porque o holandês queria viver com os moradores, e conservá-los na posse de suas fazendas, e defendê-los de toda a casta de contrários. E com isto solicitaram os ánimos de muitos, o que tudo constará de uma devassa, que tirou sobre esta matéria o Provedor da Fazenda André de Almeida da Fonseca que na ocasião se achou com vinte soldados no Porto Calvo fazendo comboiar vacas, e farinha, e algumas pipas de vi-

nho, que ali naquele porto haviam deitado em terra duas caravelas, que haviam vindo do Reino, para que com aquela ajuda se alentassem os que ficavam em cerco, para nao se entregarem, e achou tantas culpas sobre estes traidores que logo determinou de os prender, e fazer enforcar, o que suspendeu por a grande apertura em que se via, e por o nao matarem com peçonha. E nao declaro aqui os nomes destes dois traidores, porquanto nao me é lícito, nem permitido acusar a ninguem em casos crimes, porém como a devassa foi com o dito Provedor André de Almeida para o Reino, por ela se conhecerá quem eles foram, e pode ser que no decurso desta historia nos seja forçado o nomeá-los por seus públicos desaforos, e perseverantes traições, e aleivosia, tão mal castigadas, antes sofrida com paciência, porque nos viamos sujeitos ao tirano jugo dos holandeses, que as cousas que são públicas, e notórias nenhuma culpa se comete em tratar delas.

Neste tempo em que o inimigo aportou na barra grande, e começava a desembarcar sua gente em terra, chegou ao Porto Calvo o Conde de Banholo com a sua tropa italiana, e com alguns outros soldados castelhanos, e poucos portugueses: entre os quais vinha o Mestre de Campo espanhol Dom Fernando de Ribaguero, valoroso soldado, e experimentado na milícia, os quais iam na derrota das Alagoas: persuadiram os moradores da terra ao Conde de Banholo com requerimentos da parte de Sua Majestade, que os ajudasse a defender aquela praça, pois se achavá ali naquela ocasião, o que ele fez. E mandando marchar para diante uma esquadra de sens soldados em defesa, e guarda de sua fazenda em carros, que para isso lhe deu Cristóvão Botelho, senhor de dois engenhos em Camarajibe, se ficou ali conosco aquele dia, e mandou fazer ao redor da igreja velha daquela povoação (que está em um alto) um reparo de pau a pique e couçoeiras, aonde os soldados meteram suas mochilas, e cabedal, pretendendo fazer-se ali fortes, e defender-se, veio nova em como o inimigo vinha marchando, e toda aquela noite ocupou o Padre Fr. Manuel do Salvador religioso da Ordem de S. Paulo em confessar gente, e principalmente aos que como verdadeiros vassalos d'El-Rei, pretendiam defender a pátria. Apontou o seguinte dia o inimigo, e as sentinelas vieram a dar nova em como o holandês vinha caminhando, já duas léguas em distância da povoação, e requerendo os moradores do Conde que lhe man

dasse fazer uma emboscada em um atalho por onde sabiam que o inimigo havia de vir secretamente, ele o não quis fazer, senão esperá-lo na mesma povoação para ali chocar com ele; senão quando o inimigo, que havia caminhado por o dito atalho, arrebentou sobre o outeiro de Amador Alures pouco mais de dois tiros de mosquete da povoação, e dali vendo a nossa gente, que o esperava, temeu, e arreceou a descer por o monte abaixo, e o general do mar fez uma prática a seus soldados, em como já naquela paragem, e tão perto dos portugueses não lhe convinha retirar-se, porque se perdiam de todo o ponto, e os portugueses lhe haviam de ir dando as costas, e matando-os até a barra grande, e respondendo-lhe todos que queriam pelejar, abalou seu esquadrão de setecentos homens por o outeiro abaixo, e o Conde de Banholo o esperou com a nossa gente de cara a cara, de trás da igreja; tanto que o inimigo se viu no baixo do outeiro, lhe deram quatro surriadas com arcabuzes, e espingardas uma tropa de mancebos da terra, e alguns mamelucos de um lado, por entre um arvoredo, e alagadiço, junto à casa do Padre Coadjutor Antônio Pacheco da Silva, aonde sem o saber o Conde se haviam emboscado, e dali lhe mataram alguma gente. Investiram os holandeses com os nossos, e os nossos com eles, com grande ânimo, e coragem; e começando a chover as balas de parte a parte, chegou ao Padre Frei Manuel do Salvador o Mestre de Campo D. Fernando de Ribaguero, e se confessou com ele brevemente, segundo o perigo, e risco presente dava lugar; e logo com os cinqüenta soldados que tinha, e com um chuço na mão se meteu entre os inimigos, animando, e excitando a pelejar os seus soldados, que não parecia homem, senão um leão assanhado, sem temor das balas, nem da morte, e fez retirar ao holandês alguns passos atrás.

O Conde de Banholo, que estava a cavalo acompanhado de alguns moradores daquele distrito, daqueles de barrigas inchadas, e não acostumados a morrer, nem a se acharem em semelhantes festas, e convites; vendo a briga travada, e no maior rigor, e que os holandeses vinham ganhando a terra, virou as costas, e se veio retirando com grande pressa, deixando aos que brigavam no meio do perigo. O que visto por os soldados, cada qual se foi retirando por entre os matos. E Dom Fernando de Ribaguero se meteu por um alagadiço, e passou o rio Mangaba da outra parte, e assim salvou a vida, que tão arriscada a viu, que o poder es-

capar com ela se pudera julgar por milagre. Foi o Conde caminhando para Camarajibe, a quem os soldados foram seguindo cada um por onde melhor pôde; e daí se foi para as Alagoas, ficando a gente do Porto Calvo, mulheres, homens, e meninos, metidos por os matos com grande desamparo, cercados de temor, e sobressaltos.

Vendo o inimigo que o Conde se havia retirado, e que a demais gente havia fugido, e desamparado suas casas, e que os caminhos iam cheios de gente, entrou na povoação, e se alojou nela, achando nas mais das casas as panelas postas ao fogo com a carne que os moradores tinham a cozer para jantar aquele dia, aonde também acharam muitas pipas de vinho, e azeite, e muita farinha, que o provedor tinha ali junta para mandar com socorro a Nazaré; não fez o inimigo dano algum na povoação, nem quebrou portas, ou derrubou casas, tomando somente os seus soldados algumas cousas manuais, que acharam por as casas, que era o interesse de sua pilhagem; ao segundo dia depois da entrada na povoação mandou o inimigo por ordem de dois traidores, que temos atrás apontado, a chamar todos os moradores da terra, que viessem livremente, e sem temor a ver-se com ele na povoação para tratarem de paz, e fixa amizade; acudiram os mais principais, e foram todos juntos a buscar o Padre Mestre Frei Manuel do Salvador à sua casa aonde morava no campo, e se estava preparando para se meter por os matos até que chegasse o General Matias de Albuquerque para se ir em sua companhia; e lhe rogaram, e ainda persuadiram que os acompanhasse por mais autoridade; e para falar por todos, e requerer o que mais importasse aos moradores para sua quietação: foi-se o padre com eles, e ao entrar na povoação, o General do mar João Cornelicem Lictart os mandou receber com três cargas de mosquetaria, em modo de festa, e os convidou a jantar sobre umas mesas sem toalhas, nem guardanapos, mas com muitos manjares de Holanda, e alguns da terra, que os dois traidores lhe haviam mandado, e com muitos brindes, e tocar de trombetas, e caixas ao beber do vinho, que tão pouco dinheiro lhe havia custado; e a todos fez muitos prometimentos de boa amizade, e de muitas mais liberdades do que haviam espitulado com os da Paraíba; e mandou vir de dentro da casa aonde morava um cálice, que os seus soldados haviam tomado em uma igreja na Várzea, e mandou nele deitar vinho, fez ao Padre Frei Manuel um brinde, e levantando-se o Padre como que se que-

ria sair por a porta a fora, estranhando-lhe esta fação, e dizendo-lhe que não condizia aquilo com a liberdade, e favores que estava prometendo, porquanto aquilo era notável agravo e a maior injúria, e afronta que podia fazer aos católicos romanos, o profanar-lhe, e consentir que lhe profanassem os vasos sagrados, nos quais se consagra o sangue de Cristo no sacrifício da missa: e que esta só injúria bastava para os portugueses não terem por firme, e estável sua amizade; ele mandou deitar o vinho fora, e tomando o cálice por o pé, o beijou, e o deu ao Padre Fr. Manoel com grande cortesia.

Acabou-se o jantar, e estando todos os moradores do distrito do Porto Calvo para se partirem para suas casas, o general tomou de parte ao Padre Fr. Manuel, e lhe disse em como ele era católico romano, e que se servia ao holandês na guerra, era por seu interesse, e que o não declarar a religião que seguia, era porque lhe não tirassem o cargo de almirante do mar, e lhe não empatassem, e ainda negassem o muito que lhe deviam de seu soldo, porém que em breve se determinava embarcar para Holanda, e que pagando-lhe a companhia muito dinheiro que lhe estava devendo de seu soldo, logo havia de ir a Roma, ou mandar a buscar perdão do Papa, da culpa em que havia caído. Ele se embarcou como prometeu, porém nem foi a Roma, nem mandou, antes se tornou para Pernambuco com sua mulher, e filhos, e com o mesmo cargo de general do mar, como dantes; e hoje que é setembro de seiscentos e quarenta e cinco o está servindo. Esteve este João Cornelicem Lictart no Porto Calvo dois meses, e como sabia a língua portuguesa por haver estado algum tempo em Lisboa, tratava com os moradores da terra, porque os entendia, (o que não fazia o fiscal Nicolas Ruiter, nem os outros oficiais da milícia, senão era por intérprete, e este era o Domingos Fernandes Calabar de que atrás temos feito menção). E no tempo que se deteve naquela povoação mandou sob pena de três tratos de corda, que nenhum soldado seu saísse fora do quartel, e corpo da guarda com armas, por escusar alguns desaforos contra os moradores; e outrossim deitou bando, com pena de morte, que nenhum soldado seu fizesse agravo a algum morador, nem lhe tomasse coisa alguma contra sua vontade; e porque três soldados sairam do quartel, e foram à casa de João Velho Braga, que morava no Varadouro perto da povoação, e lhe mataram um boi de carro, vindo-lhe o dito João Velho

a fazer queixa, elc os mandou logo prender, e arcabuzar, e ainda que se meteram muitos rogadores, assim flamengos, como portugueses, para que lhe perdoasse aquela culpa, por ser a primeira, nada foi bastante para que ele revogasse a sentença, e assim morreram atados a três paus, com que os moradores ficaram desassombrados de se lhe fazerem agravos. Fez na povoação um reduto de terra com quatro peças, e deixou nela ao Calabar, que comia praça de sargento-mor, e ao Sargento-mor Picardo; com três companhias, a saber, uma de clavinas, e duas de mosqueteiros, e tornou-se a embarcar nas suas naus para o Cabo de Santo Agostinho, e porto de Nazaré a ajudar os seus, que tinham posto em cerco àquela praça.

Mas tornando os nossos, que haviam ficado na fortaleza do arraial, e por respeito da grande fome, e sede se haviam rendido, e entregado a partido. Tanto que os holandeses se viram sennores da fortaleza, e os nossos desarmados, logo lhe quebraram todas as promessas que lhe haviam feito antes de se entregarem, e nenhuma coisa assentada no contrato lhe cumpriram, antes levaram a todos prisioneiros para o Recife, e ali lhe disseram que se haviam de resgatar cada um por cabeça, como se fossem cativos de Argel; e eles mesmos sinalavam o preço, que cada um havia de pagar por si. E como ali estavam muitos homens nobres, e ricos, senhores de engenhos, e lavradores de canas, uns marcavam a cem cruzados, outros a duzentos, outros subindo mais, e houve homem que comprou a liberdade por quatro mil cruzados. E desta sorte, e com esta tirania nunca vista, ajuntaram grande soma de dinheiro, e ficaram os moradores empenhados; e preadivinhando as tiranias que com eles se haviam de usar pelo tempo adiante.

Os que estavam em cerco em Nazaré, enquanto tiveram que comer, se defenderam mui valorosamente; porém tanto, que lhe tomaram todos os portos, por onde lhe podia entrar mantimento, com o qual não faltou Matias de Albuquerque, enquanto teve algum caminho, e traça para o meter no quartel; porém como lhe faltou o mantimento foi-lhes forçado render-se a partido. Assenhorearam-se os holandeses do quartel aonde estavam por cabeças o Sargento-mor do Estado; e o Coronel Luiz Barbalho; e a todos embarcaram para Holanda, tirando alguns que compraram a liberdade por dinheiro; e também ficou no Recife Pedro Corrêa da Gama por estar mui enfermo, e debaixo da palavra

de Cavalheiro da Ordem de Nosso Senhor Jesus Cristo, lhe deram licença para se ir curar na Várzea de Capibaribe à casa de Luiz Braz Bezerra, e ao depois o mandaram para a Bahia.

Vendo Matias de Albuquerque que a fortaleza de Nazaré estava rendida, ajuntou toda a gente da terra que se quis retirar com segurança em sua companhia, assim homens, como mulheres, e meninos, uns em carros, outros a pé, e levando-os a todos diante, provendo-os de mantimentos, ele se partiu na retaguarda com toda a gente da guerra, que tinha, marchando para as Alagoas, onde tinha mandado fazer alojamento, fortificado pelo Conde de Banholo. E passando à vista do Porto Calvo, sendo um dia de antes certificado do poder que o holandês ali tinha: por Sebastião do Souto, um mancebo mui animoso, e atrevido, e que ele lhe entregaria ao holandês nas mãos. Mandou a carruagem fora do Porto Calvo uma légua em distância por uma estrada, que atravessa do Morro para Camarajibe por casa de Baltazar Bolarte. Ele veio com a gente de guerra a aparecer no alto do outeiro de Amador Alures, e mandou secretamente aos capitães Francisco Rebelo, e Ascenso da Silva fazer uma emboscada entre o outeiro, e a povoação; e por o outeiro abaixo mandou cousa de vinte soldados, e outros tantos índios do Camarão a fazer algazarra ao inimigo.

Agora saibamos o que fez Sebastião do Souto? Estava na povoação com os holandeses, e disse ao Sargento-mor Picardo, que lhe emprestasse o seu cavalo, que era muito bom, e brioso, e que lhe desse duas pistolas, e que ele iria a descobrir o que aquilo era. Foi facilmente crido por o sargento-mor, porquanto tinha ao Souto por amigo, deu-lhe o cavalo, e as pistolas, e ele partiu correndo, e entrando na emboscada, tirou o chapéu da cabeça, e deixou cair em terra um escrito que dentro nele levava, no qual dizia que estivessem alerta, e que ele lhe meteria o inimigo nas mãos, e que tanto que ele voltasse com o cavalo, e atirasse com as duas pistolas (isto lhe disse de palavra) lhe respondessem com duas mosquetadas, tiradas para o ar, e passando um pouco mais adiante para onde os soldados e índios vinham descendo saiu um soldado nosso do mato, e tomou o escrito, e o levaram; disparou então o Souto as duas pistolas, e virou o cavalo, fugindo à rédea solta, porque era estremado cavaleiro, e tirou o chapéu da cabeça, e com ele na mão veio fazendo algazarra aos nossos, os quais lhe responderam com

duas mosquetadas em vão; e tudo isto estavam os holandeses vendo de cima do seu reduto, suposto que não viram o escrito, que ele deixou cair, nem ouviram as palavras que ele disse aos nossos, por ser a distância do lugar mais de um tiro de mosquete. E tanto que chegou à povoação disse ao Sargento-mor Picardo, que aquilo eram quatro soldados, e quatro índios, os quais Matias de Albuquerque, mandou fazer aquela ostentação, para entreter aos holandeses a que não saíssem a lhe impedir o caminho, e tomar as riquezas que na carruagem levava, portanto que saíssem a matar aqueles velhacos atrevidos, e que logo iriam a lhe cortar o caminho, e a granjear uma mui rica pilhagem, porque na tropa iam muitas mulheres, e meninos, e apertou tanto com eles a que saíssem, que ele iria diante, que fez sair do reduto ao Sargento-mor Picardo com duas companhias, deixando três na povoação, e a Domingos Fernandes Calabar com elas, e tanto que os teve na emboscada, deu volta com o cavalo, e como quem ia descobrindo o campo, se meteu por um atalho, e fugiu para os nossos, os quais saíram, e a mão-tente lhe deram ao inimigo a primeira surriada, em que lhe mataram alguns soldados, e logo correndo atrás dos outros, os trouxeram à espada, e rodela, fugindo para o primeiro reduto, acutilando, e matando, e entraram com eles por a porta da força, e outros subindo pela paliçada se meteram dentro, levando todos aos que nela acharam ao fio da espada, tirando o Sargento-mor Picardo, que com doze soldados se retirou, fugindo para a segunda fortificação aonde estava a outra gente sua com o Calabar

Tanto que Matias de Albuquerque viu a primeira fortificação entrada, e escalada, desceu do monte com todo o restante de soldados, e com as mesmas peças de artilharia, que nela achou, começou a combater-lhe a segunda, e os nossos soldados arremeteram com a paliçada de que estava rodeada com muita coragem, entendendo podê-la derribar à força de braço: o que não foi possível por ser mui forte, e ali nos mataram dois soldados, e feriram cinco. Cerrada a noite mandou Matias de Albuquerque combater o inimigo por todas as partes com a mosquetaria, e o meteu em grande aperto; e mandou minar todas as casas que estavam desde a primeira fortificação rendida até a segunda, e por os portilhos que abriam nas paredes, mandou levar as peças de artilharia até um plaino, que a povoação fazia a tiro de arcabuz da fortificação inimiga; e dali lhe foi esburacando as

casas em que o inimigo estava feito forte, as quais estavam aterradas por cima dos sobrados, para que debaixo não pudessem as balas dos nossos mosquetes passar os sobrados, e matá-los, porquanto as casas estavam fundadas sobre grossos esteios de madeira; e chegada a noite lhe mandou meter lenha debaixo para os abrasar, senão se quisessem render, na qual obra nos mataram a um capitão, e a doze soldados atrevidos. Chegou o dia, e vendo os holandeses em como a casa estava cheia de lenha por baixo o que não podiam remediar sem sair fora de suas trincheiras aonde se perdiam de remate, por estarem cercados dos nossos, e que por outra parte as peças não cessavam em disparar, e lhe iam derrubando as casas pouco a pouco (suposto que o Calabar contradisse muito esta resolução) o Sargento-mor Picardo chamou com um pano branco, sinal de que se queria entregar a partido, acudiu logo o Sargento-mor Martim Ferreira a saber o que queriam, foram e vieram com petições, e réplicas, até que o nosso General Matias de Albuquerque lhe concedeu que o Sargento-mor Picardo, e os mais oficiais sairiam com suas insignias militares. E os demais soldados com suas armas, e balas em boca até tantos passos, onde seriam despojados delas, e que o Calabar ficaria preso até a mercê d'El-Rei.

Aceitaram os holandeses o partido, e posta toda a nossa gente em ala a modo de esquadrão, repartido por dois lados, e o Sargento-mor Picardo veio saindo, e após dele todos os demais que dentro na força estavam com suas armas, e no fim da povoação lh'as foram tomando Manuel Camelo de Quiroga, e outros cinco homens graves, que para a tal fação estavam deputados, e dentro na fortificação ficaram presos Domingos Fernandes Calabar, sem que os holandeses fizessem muita força por lhe libertar a vida nos consertos que trataram antes de se renderem (que este é o pago que eles costumam a dar aos que deles se fiam, que se servem deles enquanto os hão mister, e no tempo da necessidade, e tribulação os deixam desamparados, e entregues à morte). Também prenderam a um Manuel de Crasto, homem de nação, o qual servia de almoxarife, ou para que melhor digamos, de meirinho dos provimentos aos holandeses, que lhe buscava farinha, e vacas para se sustentarem e se ficou com eles dentro na fortificação.

Mandou o General Matias de Albuquerque assegurar os rendidos entre a nossa infantaria para os levar consigo.

como os levou. E mandou deitar os feridos holandeses por as casas dos moradores ali vizinhos, para que os curassem, os quais todos em breve morreram, uns porque iam muito mal feridos, e outros por não lhe aplicarem os medicamentos necessários, e se lhe errar a cura por falta de cirurgiões, e os nossos feridos, a uns levou consigo, e a outros mandou levar para as casas dos moradores, que dali vinham distantes, porque se o inimigo viesse com seu exército como veio os não achasse ali perto, e os matasse. E Manuel de Crasto foi condenado à morte por traidor, e o mandou o Auditor Geral enforcar em um cajueiro, e sobre o Calabar se fez junta no que se havia de fazer dele. E como se havia de entender aquela promessa dos consertos, que ficaria a mercê d'El-Rei, e se resolveu em que Matias de Albuquerque representava ali a pessoa d'El-Rei, pois era seu general naquela guerra, e exército, e assim o general com o auditor, o condenaram a morrer enforcado, e esquartejado, por traidor, e aleivoso à sua pátria, e a seu Rei, e Senhor, e por os muitos males, agravos, furtos, e extorsões que havia feito, e foi causa de se fazerem aos moradores de Pernambuco. Mandou logo Matias de Albuquerque chamar ao Padre Frei Manuel do Salvador ao mato, onde ele morava, que não era muita distância da povoação, e lhe pediu que fosse a confessar ao Calabar, e o encaminhasse a que não perdesse a alma, pois com tanta infâmia tinha perdido a vida; foi o padre logo aonde ele estava preso, e lhe disse o que lhe importava para sua salvação, e que se preparasse para se confessar, como que naquele dia havia de ir dar conta a Deus; e depois de lhe fazer algumas exortações necessárias em tal tempo, o deixou só, e se saiu para a rua por espaço de uma hora, para que naquele meio tempo se aparelhasse como convinha.

Dentro de uma hora tornou a ter com ele, e das oito da manhã até o meio-dia esteve com ele, e se confessou com muitas lágrimas, e com punção de espírito, segundo demonstrava, e entendeu o padre, que com muito, e verdadeiro arrependimento de seus pecados, segundo o que o juízo humano pode alcançar; e lhe fez certos apontamentos de dívidas, e obrigações em que estava, e de boa quantia de dinheiro, que os do Concelho supremo dos holandeses lhe deviam de seu soldo, e de algumas peças de ouro, e prata, e alfaias de seda, que no Recife tinha, para que dali se pagassem algumas dívidas, em que estava obrigado e lhe mandou que estes apontamentos entregasse a sua mãe Ângela Alures, o que o pa-

dre fez pontualmente; e tornando a vê-lo pelas três horas da tarde se tornou a reconciliar com as mesmas lagrimas, e mostras de arrependimento. Chegou neste tempo aonde ele estava com o padre o Ouvidor João Soares de Almeida com o Escrivão Vicente Gomes da Rocha, e lhe perguntou que se sabia que alguns portugueses haviam sido traidores, e tratavam com o inimigo secretamente, levando-lhe, ou mandando-lhe avisos do que entre nós se fazia, que o declarasse? Ao que ele respondeu, que muito sabia, e tinha visto nesta materia, e que nao eram os mais abatidos do povo os culpados, e que tomaria conselho com o padre se o podia fazer, que ele o declararia na hora de sua morte, porém que de presente não se atrevia a furtar o tempo, que lhe restava de vida, e deixar de chorar seus pecados, e pedir a Deus perdão deles, e ocupar-se a fazer autos, e denunciações por mão de escrivão. Avisou o padre sobre o caso a Matias de Albuquerque de algumas cousas pesadas que o Calabar tratou com ele, que lhe deu licença para que as dissesse ao dito Matias de Albuquerque, o qual em o ouvindo mandou que não se falasse mais nesta matéria, por não se levantar alguma poeira, da qual se originassem muitos desgostos, e trabalhos; e ao padre mandou que se fosse descansar à sua casa, e que ao seguinte dia tornasse logo pela manhã, e lhe mandou dar um cavalo seu para ele se ir.

Tanto que apontou a noite se pôs a soldadesca em ordem, e o Sargento-mor dos italianos Paulo Barnola, com o proboste, e mais ministros da Justiça, tiraram ao Calabar da prisão, e a um esteio que ali estava junto à casa lhe deram garrote, e o fizeram em quartos, os quais puseram em cima dos paus da estacada, que havia servido de trincheira aos holandeses, e com tanta pressa, que nem lugar lhe deram a se despedir, e pedir perdão aos circunstantes, como queria, receosos de que dissesse, ou declarasse algumas cousas pesadas, o que ele não tinha intenção de fazer, segundo o havia prometido ao padre. Morto o Calabar mandou Matias de Albuquerque carregar em carros as peças de artilharia, que ali achou, e as foram esconder em um rio secretamente, para se tirarem a seu tempo, e em outros carros puseram as armas, que haviam tomado aos rendidos, e outras vitualhas, mandou tocar caixa, e marchou com todo o peso da gente de guerra para as Alagoas, com o qual se foram também alguns dos moradores daquela freguesia, deixando suas casas, e fazendas ao desamparo.

Ficou a povoação despovoada, e sem gente, e alguns moradores dos que se ficaram na terra, e negros, e mulatos foram a ela, e achando-a deserta trouxeram para suas casas muitos mosquetes, e arcabuzes quebrados, e alguns sãos, muito açúcar, farinha, feijão, arroz, despojos de casa, e outras muitas cousas que os nossos soldados não puderam carregar, e nenhum teve caridade para enterrar os quartos do Calabar, que foi uma coisa que esteve a risco de ser ocasião de todos os moradores daquele distrito serem passados a cutelo (como logo se dirá). Esteve a povoação despovoada de gente três dias no último, dos quais chegou a ela o Governador holandês Sigismundo Vandscop com todo o peso de seu exército, e com patachos por o rio acima, e entrando na dita povoação, e vendo pendurados dos paus da trincheira os quartos do Calabar, e a cabeça espetada em um pau, se encheu de tanta ira, e cólera, que mandou deitar bando, que todos os portugueses que se achassem naquele distrito, morressem a ferro e fogo, e antes que despachasse seus soldados em quadrilhas, para darem à execução este cruel, e tirano édito, tratou de dar sepultura ao Calabar, e metendo em um caixão seus quartos, e cabeça, mandou pôr seus soldados em ala, e acompanhado de toda a gente de guerra com as cerimônias de tristeza, e sentimento, que na milícia se costumam, o fez enterrar na igreja, disparando toda a gente de guerra três grandes surriadas de mosquetaria.

Chegou aos moradores da terra, que andavam desgarrados por os matos a nova do tremendo edital de Sigismundo, e acudiram os mais deles à casa do padre ao mato aonde ele se estava, preparando já para ir seguindo a Matias de Albuquerque, e com muitas lágrimas, e soluços, lhe pediram que os quisesse remediar naquela opressão, acudindo por tantas vidas de inocentes que estavam condenados à morte e que Deus seria em sua ajuda, pois isto era obra de tanta caridade, e de seu serviço, e remédio de todo um povo de tanta gente quanta andava desgarrada, e escondida por as brenhas, e matos desertos, aonde se escapassem do rigor do inimigo, não podiam escapar da morte em breves dias, forçados da pura necessidade, e fome. Tantas foram as lágrimas que diante do padre seus olhos derramaram, que se deliberou a ir à povoação, aonde estavam o Governador Sigismundo Vandscop, e o General do mar João Cornelicen Lictart, o qual falava a língua portuguesa, e o Mestre de Campo Cristóvão Artixof, o qual era muito bom latino, e falava

o latim mui discreta, e eloqüentemente. Tanto que chegou junto da povoação à ponte do rio Mangaba, que a cerca por um lado; logo as sentinelas dos holandeses o prenderam, e o levaram aonde estavam os três cabeças da milícia, os quais o receberam com irados semblantes, e lhe fizeram muitas perguntas, só a título de o mandarem matar, e no fim lhe perguntaram o que queria, e que intento tinha em entrar naquela povoação, estando eles ali? Ao que respondeu que obrigado de caridade, e zelo do serviço de Deus, vinha a lhes pedir misericórdia, e perdão para os moradores daquele distrito, e a que suspendessem o rigor com que tinham apregoado a sentença de morte contra todos, e respondendo-lhe eles, que a sentença era justa, e bem merecida dos moradores, por haverem ajudado a Matias de Albuquerque a lhe ganhar, e escalar suas fortalezas, e matar-lhes seus soldados, e por o grande agravo que lhe tinham feito em enforcar, e esquartejar ao Calabar, e sobretudo o haverem deixado seus quartos, e a cabeça dependurados de paus, só para que eles o vissem, e ficassem mais afrontados, e como todos haviam sido traidores, e mancomunados na maldade, que todos haviam de morrer, e o padre com eles.

Algum tanto ficou o padre confuso, e sobressaltado com esta tão dura resposta; porém considerando, em que morrendo por o serviço de Deus, e proveito de seus próximos, e por livrar da morte tantas vidas, e as mais de inocentes, fazia o que devia o cristão, e ao estado de religioso que professava, e que morria por honra de quem lhe daria glorioso galardão. Tomou algum alento, e lhe respondeu desta sorte: *Senhores, pouca culpa têm os súditos do que faz o Rei, e o Senhor que governa. Se Matias de Albuquerque fez a Vossas Senhorias alguns agravos, gente de guerra, e cabedal têm, para tomarem dele cruel vingança; os moradores da terra que se foram com ele, esses podem ter alguma culpa na opinião de Vossas Senhorias, ainda que como eram livres, e não tinham prometido a Vossas Senhorias, nem aos Estados de Holanda, fidelidade, sem agravar a ninguém, podiam fazer de si o que quisessem, e seguir ao seu general, e fazendo o contrário não lhe seria bem contado, antes se aqui se ficassem lhes poderia Sua Majestade fazer cargo desta culpa; e os que se têm aqui ficado também se se quiseram ir com Matias de Albuquerque, bem o puderam fazer, pois tiveram tempo bastante para isso; e ainda hoje o farão se se virem perseguidos, pois andam pelos matos, e sabem os caminhos de*

sertão; porém ficando-se aqui é certo, que querem viver na companhia de Vossas Senhorias; e se Vossas Senhorias pretendem viver nesta terra, e conservá-la, é impossível o poderem fazê-lo sem os moradores que sabem plantar os mantimentos, e beneficiar os canaviais, e fazer o açúcar, e criar os gados, o que os holandeses não sabem fazer, nem podem, porque para isso é necessário que vivam por o sertão, e apartados uns dos outros em largas distâncias, e que estejam sujeitos a lhes virem cada dia os soldados portugueses a quebrar as cabeças, sem o poderem remediar, e a queimar-lhes os canaviais de açúcar, e os engenhos, ainda que andem dez mil soldados flamengos em quadrilhas vigiando porquanto a campanha é mui larga, e os matos mui densos, por os quais sempre podem andar soldados nossos sem que lhes possam fazer dano. Assim que sem o favor dos moradores é impossível poderem Vossas Senhorias conservar-se na terra, portanto tomem seu conselho, e suspendam a rigorosa sentença que têm publicado, e deêm-se bem com os moradores, e tratem com eles com amor, e brandura, pois eles se oferecem de boa-vontade a estarem à sua obediência.

Estas, e outras muitas razões lhe disse o padre, por ver se podia escusar tantas mortes, e por não ver pobres, e em miserável estado aos moradores sem remédio algum, e aos holandeses ricos, e abundantes, porque os moradores que se haviam retirado, haviam partido entre aflição e miséria, deixando em poder do inimigo seus engenhos, canaviais, casas de purgar cheias de açúcar, suas roças, seus gados, todo o meneio de suas casas, e seus escravos, os quais nesta água envolta lhe fugiram quase todos, por se livrarem do trabalho, e assim ficaram os portugueses pobres, e desterrados, e os holandeses ricos, e prósperos, porque logo mandaram tomar posse de todas as fazendas dos que se haviam retirado; os quais a meu parecer como não eram soldados, nem acostumados à guerra, nem se haviam retirado para pelejar a seu tempo, senão para fugir da ira dos holandeses; muito melhor o fizeram em se retirar para os matos até aplacar o rigor, e ao depois por meio de terceiros tornarem-se para suas casas a beneficiar seus canaviais, moer com seus engenhos, fazer açúcar, plantar roças, conservar suas vacas, e bois, e estarem com cabedal, e mantimentos para ajudar a nossa gente tanto que chegasse o socorro do Reino, que por momentos se esperava. Isto, e outras coisas lhe disse o padre, e sobretudo que de sua pessoa fizessem o que lhes parecesse,

porquanto ele já estava deliberado a morrer por seus irmãos os católicos romanos.

Tudo lhe ouviram com carrancudos semblantes, e logo o mandaram meter em uma câmara com um soldado de guarda a porta (ponto em que o padre se julgou por morto, e tratou de fazer seus atos de contrição, e pediu a Deus perdão de seus pecados de todo seu coração, e lhe ofereceu aquela morte, se os holandeses lha dessem em satisfação de erros). Assentaram-se os holandeses em uma mesa em conselho, e com dois frascos um de vinho, e outro de aguardente, começaram a falar, e a beber; e porque era já mais de meio-dia, mandaram preparar a mesa, e por nela as viandas, e logo o General do mar, e o Mestre de Campo entraram dentro na câmara aonde o padre estava e lhe deram ambos a mão dizendo. *Esgut vurind*. Que na sua língua quer dizer: bom amigo. E o trouxeram para fora, e o fizeram assentar à mesa, e lhe deram de jantar, e acabado o comer o mandaram que fosse aonde os moradores estavam escondidos, e os fizesse vir a tomar passaportes, ou salvo-condutos dentro de três dias naturais, sob pena de que todos os que dentro neste termo não viessem, seriam tidos, e havidos por traidores, e como tais castigados.

Despediu-se o padre deles, e tornou-se para a sua casa, aonde por os mates circunvizinhos o estavam aguardando muitos moradores postos em vigia; deu-lhes a nova que trazia, e logo se repartiram a dar rebate aos outros, e nos dois seguintes dias tornou com eles à povoação, e receberam seus passaportes de segurança, e concessão de todos seus bens, como de antes os possuíam, e de presente lhe puseram pensão a cada cabeça de casal de um alqueire de farinha para se sustentarem os soldados enquanto ali se detivessem, e que por o tempo adiante seriam obrigados a acudir com os mantimentos necessários pagando-lhes pontualmente por seu justo preço. Detiveram-se os governadores holandeses na povoação doze dias, e deixando nela duzentos soldados de guarnição, se partiram com toda a outra gente por mar, e por terra, dizendo que iam em seguimento de Matias de Albuquerque, e chegando a Parapueira (que é um sítio na praia entre o rio de Santo Antônio o grande, e as Alagoas, fabricaram uma bizarra fortaleza de terra, e faxina, a qual guarneceram com seiscentos soldados, e boa artilharia, e deixando nela por cabeça o Mestre de Campo Artixof, vieram fazer outro reduto no rio de Camarajibe, aonde chamam o

Passo, aonde ficou com cento e vinte soldados, Jacobo Estacour, um dos que assistiam no seu supremo Concelho) com o que tomaram todos os caminhos, assim por a praia do mar, como por o sertão, por os quais se podia ir, e vir às Alagoas. ainda que logo os nossos soldados abriram outros por o mato. Isto feito se partiram o Governador Sigismundo, e o General do mar para o Recife a se preparar de gente, e bastimentos, com os mais apetrechos de guerra necessários, para irem na derrota das Alagoas a buscar a Matias de Albuquerque, e desaloja-lo do sitio aonde estava.

Tanto que os indios da terra Potiguares, chamados ordinariamente Caboclos, e os Tapuios, todos grandes inimigos do sangue portugues, virain as duas fortalezas do Arraial, e de Nazare rendidas, e que o General Matias de Albuquerque, e seu irmão Duarte de Albuquerque Coelho se haviam retirado para as Alagoas, aonde estavam com o Conde de Banholo, esquecidos que haviam sido criados entre nós, e aos peitos da Santa Madre Igreja, com os quais os religiosos da Companhia de São Bento, de São Francisco, e do Carmo, haviam trabalhado tantos anos em os doutrinar na Santa Fe Catolica, vivendo eles de antes como brutos animais, e selvagens das brenhas, e havendo-os os portugueses conservado com tanto amor em suas aldeias, livrando-os de serem cativos, merecendo eles ser mais que cativos por suas grandes maldades; e logo ao ponto se foram meter com os holandeses, e se ofereceram a lhe dar toda a Capitania de Pernambuco conquistada, e tão sujeita que não houvesse jamais português que ousasse a levantar os olhos, e logo começaram a sair com os holandeses em tropas, ensinando-lhe os caminhos que eles não sabiam, e esquadrinhando os matos, por entre os quais muitos moradores estavam escondidos com suas familias, e ali os matavam, e roubavam, não perdoando a mulheres, nem a meninos, e fazendo com toda a casta de mulheres, assim eles, como os flamengos outros desaforos, que não é lícito por honestidade, e por não ofender os ouvidos fiéis, de que sejam escritos.

Começaram os moradores a cobrar tanto medo aos índios Caboclos, que mais os temiam que aos próprios holandeses, porque como eram criados nos matos não lhes ficava canto que não revolvessem, e bastava dizer qualquer deles aos holandeses: este acompanhou a Matias de Albuquerque, ou falou com seus soldados, para logo o mandarem matar.

o que eles executavam como cruéis, e carniceiros algozes; e bem se deixa ver claramente a raiz desta ma progenie em sua lingua, na qual nao tem L, nem R, nem F, no que apregoam, que e gente que nao tem Lei, nem Rei, nem Fe, e daii por diante sempre acompannaram aos holandeses, e brigaram contra nos a ferro, fogo e sangue, e deram tanto animo, e brio aos holandeses, que os facilitaram a descobrir a má intençao que tinham contra nos, e a começaram a usar de crueldade, e tirania com os moradores, que ate entao por nao se atreverem tinham encoberta com bem magoa de seus coraçoes. Começaram os holandeses a entrar por a terra dentro com este favor, e chegavam as casas dos moradores e em suspeitando que teriam dinheiro, ou jóias de ouro, ou prata de manos à boca lhe levantavam falsos testemunhos, e os acusavam de traidores, e lhes davam cruéis tormentos, metendo-lhe os pes em azeite, e breu fervendo, e a outros enforcando-os por os braços, ou por os pes, e a outros metendo-lhes os dedos nos fechos das clavinas, ate que obrigados dos tormentos davam o que tinham, e prometiam o que não tinham; e a muitos dos moradores enforcaram, degolaram, e arcabuzaram sem outra causa mais que de os roubarem; assim que os malvados, e ingratos indios Pitiguares, e Tapuias foram a causa, e o principal instrumento de os holandeses se apoderarem de toda a Capitania de Pernambuco, e de a conservarem tanto tempo

Passados cinco meses pouco mais, ou menos, que Matias de Albuquerque se alojou nas Alagoas, chegou à sua barra Dom Luiz de Roxas e Borja com o socorro que Sua Majestade nos mandava, e vinha por Mestre de Campo General, e Tenente do Marquês da Valada, que estava eleito para vir por general da real armada, com que Sua Majestade tinha resolvido de mandar restaurar esta terra, trouxe consigo dois mil homens entre castelhanos, e portugueses, muitos dos quais eram bisonhos, e os outros já práticos, e experimentados na guerra, que já eram soldados.

Desembarcou Dom Luiz de Roxas e Borja na ponta de Jaraguá, e deitou a gente em terra, e algumas peças de artilharia, e a frota foi passando para a Bahia, para onde também se partiu Matias de Albuquerque para se embarcar (como se embarcou) para o Reino, segundo a ordem que lhe veio de Sua Majestade. E porque alguns curiosos podem perguntar, e com razão, com que cabedal, e munições fizeram os moradores de Pernambuco guerra aos holandeses de-

pois que a vila de Olinda foi tomada, e toda a gente saiu fugindo por caminhos extraordinários, e na vila deixaram a maior parte, ou quase todos seus bens, sem nenhum tratar mais que de salvar a vida? A isto respondo, que vendo Lourenço Guterres Meirinho da correção a bulha da revolta, o negócio tão perdido, e o combate tão aceso, podendo salvar toda sua fazenda, o não fez antes com seus negros carregou onze barrís de pólvora, e os levou a Nossa Senhora do Monte, e dali os retirou para outro lugar mais oculto, aonde estiveram guardados, e seguros, até que no tempo de necessidade ele os foi buscar e os entregou ao Provedor da Fazenda André de Almeida, a quem o General Matias de Albuquerque lh'os mandou entregar, e dali se foi dando pólvora aos soldados dos assaltos até a chegada do primeiro socorro.

CAPÍTULO III

Das coisas que sucederam em Pernambuco depois da chegada de Dom Luiz de Roxas até a hora de sua morte

Tanto que se divulgou a nova da chegada de Dom Luiz de Roxas à ponta de Jaragua logo o Mestre de Campo dos holandeses Cristóvão Artixof, que estava por governador na fortaleza da Paripoeira com mil e quinhentos homens, temendo como soldado velho, e prático na milícia, que poderia Dom Luiz de Roxas vir marchando por o sertão, e senhoreando-se de toda a campanha para lhe impedir os mantimentos, e adjutório, mandou com pena de morte sem remissão, que todos os moradores do Porto Calvo, e seu distrito de Camarajibe, e Furricosa dentro de dez dias naturais se retirassem com suas famílias, e gado para as terras de Sirinhaém, para o Cabo de Santo Agostinho, Ipojuca, Muribeca e Várzea; porque lá lhe dariam terras aonde vivessem, e casas aonde morassem, e fazendas de que se sustentassem, porquanto estavam muito despovoadas, que haviam sido dos moradores que se tinham retirado para as Alagoas, e que ninguém fosse ousado a quebrar este edital sob pena de ser logo metido a ferro e fogo em se acabando o termo de dez dias.

Acudiram os moradores à casa do Padre Frei Manuel no mato aonde ele lhes dizia missa, e pregava, e saía a lhes administrar os Sacramentos por suas casas, por não haver igrejas; e lhe perguntaram o que lhe parecia acerca daquele edital, e que lhes aconselhasse o que deviam fazer? Aos quais ele respondeu que se emboscassem por os matos com boa provisão de mantimentos, e que ali esperassem a chegada de Dom Luiz de Roxas, e da nossa infantaria, porquanto ele tinha recado certo de que não podia tardar muitos dias; e que entretanto os mancebos que se achassem mais desemba-

raçados de obrigações, e se prezassem de amigos, e zelosos do serviço de Deus, e liberdade de sua pátria, se viessem ajuntar com ele com suas armas, para que andássemos fazendo emboscadas ao inimigo, e lhe impedíssemos o sair da povoação a correr a campanha, e matos e que ele lhe daria a todos de comer e beber abundantemente, porquanto tinha cabedal para isso, e que se os holandeses se haviam de gozar da fazenda, mais valia que a gastássemos nós em defensão da Fé Católica, e que não somente se oferecia a darlhes de comer, e mandar-lh'o guisar de noite por seus escravos, que então tinha vinte e cinco; senão que também queria ser seu companheiro nos trabalhos que se oferecessem, e que quando este conselho lhe não parecesse bem, que se ficassem embora, porquanto ele estava deliberado a enterrar seus livros, e papéis manuscritos, e partir-se por entre os matos na seguinte noite para as Alagoas para vir com a nossa gente quando viesse; e que sobretudo cada um tomasse conselho consigo, e fizesse o que lhe fosse conveniente, e estivesse mais à conta.

Vendo os moradores esta resolução do padre disseram todos a uma voz, que seu conselho era o acertado, e que não era justo deixarem eles suas fazendas perdidas ao desamparo, e entregues ao inimigo, e irem a povoar novas terras, e meterem-se mais dentro dos quartéis dos holandeses; e logo ali se lhe ofereceram setenta e cinco mancebos atrevidos, entre os quais entravam dez mulatos, e seis negros crioulos, os quais todos tinham armas de fogo. Partiram-se os moradores a tratar de fazer barracas por entre os matos para se esconderem; e no seguinte dia tornaram a ter com o padre os setenta e cinco mancebos, todos mui bem armados de espingardas, espadas e rodelas. Escondeu o padre no mato as coisas principais de sua casa com os seus escravos, para que ali fizessem de noite de comer para os soldados por não ser descoberto por o fumo o lugar aonde ele os tinha, e deixou a casa com boas sentinelas ao longe, o que lhe era necessário para o meneio, e serviço quotidiano, e repartiu os soldados em cinco esquadras, com as quais tomou todos os caminhos que iam, e vinham para a povoação, aonde fazíamos emboscadas: e de dia estavam os soldados em casa do padre comendo, e bebendo, e limpando suas armas, tendo postas vigias sobre os outeiros que estavam dali para a povoação, e à boca da noite todos íamos a tomar nossos postos junto ao inimigo, e algumas vezes em distância de um tiro de arcabuz, e desta

sorte lhe matamos vinte soldados, e lhe tomamos seis vivos, os quais o padre mandou a D. Luiz de Roxas por o Alferes Sebastião de Souto (o qual também trouxe cartas para alguns moradores) e lhe agradeceu o bom exercício em que andava, e que tivesse mão, porque se partiria em breves dias, e então de presente lhe daria os parabéns de seu trabalho.

Acabou-se o tempo, e prazo do edital, e saiu Jacobo Estacour do reduto de Camarajibe com sessenta soldados correndo as casas por a Mata Redonda, e achando a Dona Maria da Silva, mulher de Cristóvão Gomes de Melo com sua gente de casa em um alojamento junto a um mato, mandou queimar o tijupar aonde morreram dois meninos abrasados, e a outra gente, escravos, e escravas fugiram alguns feridos; e a Dona Maria deram duas cutiladas, de que esteve em artigo de morte. Tanto que o padre soube isto por um moleque que havia fugido, lhe mandou fazer uma emboscada, imaginando que viria por aquele caminho, segundo o julgaram duas sentinelas que haviam ido a descobrir campo; porém não passaram por o lugar da emboscada mais que seis holandeses, os quais foram logo mortos; e o Estacour se tornou da Mata Redonda para o seu reduto. No seguinte dia, que era domingo, estando o Padre Frei Manuel acabando de dizer missa, apareceram ao longe, descendo por um outeiro, sete flamengos, que vinham a se juntar com o Estacour; e ele fez uma prática aos que ali se acharam, que pois os flamengos abrasavam os meninos inocentes, que não usássemos nós com eles de clemência alguma, mas antes fôssemos logo a matá-los. Partiram-se todos, e por dentro de um mato lhe saíram de través, e todos sete caíram mortos; e logo fomos junto ao rio Mangaba, aonde estava muita roupa posta a enxugar, e os nossos soldados a apanharam, e com ela três flamengos vivos, os quais mandou a Dom Luiz de Roxas o Padre Frei Manuel com boa guarda.

Deteve-se Dom Luiz de Roxas mais vinte dias do que tinha avisado ao padre, esperando que se acabasse de abrir um caminho por entre o mato para vir marchando sem passar por o pé da fortaleza do inimigo, e os holandeses andavam por todas as casas dos moradores do distrito do Porto Calvo, saindo de umas, e entrando em outras, de dois em dois, de três em três, roubando o que os moradores haviam deixado, sem haver quem lh'o impedisse, aos quais iam os soldados do padre matando, e metendo no mato aonde eram comidos de cachorros, e urubus. Neste meio tempo da tar-

dança de Dom Luiz de Roxas, veio um mulato forro à povoação, e disse aos holandeses que nela estavam, que Baltazar Leitão de Holanda, e Julião de Araújo, moradores junto ao Morro, não se haviam retirado, segundo o edital do Mestre de Campo Cristóvão Artixof, antes tinham metido toda sua fazenda nos matos, e dele estavam com suas casas com boas vigias, esperando que a nossa gente chegasse para se meterem com ela, e que o mesmo tinha feito Manuel Camelo de Quiroga senhor do engenho do Escurial, e seu genro Miguel Bezerra; foi logo o Padre Frei Manuel avisado desta maldade por um espia, rebuçado com capa de amizade, o qual tinha entre os holandeses, e lhe dava bom estipêndio para que lhe declarasse suas determinações; e este lhe veio dizer em se cerrando a noite em como o inimigo era saído fora da povoação com cento e cinqüenta soldados clavineiros, e sessenta índios Pitiguares na derrota do Morro, e que dali haviam de marchar logo para o Escurial. Pagou-lhe o padre o trabalho do aviso que lhe trouxe, e despedido ele mandou levantar as emboscadas, e junta toda sua gente, partiu para o Escurial, e engenho de Manuel Camelo, aonde o achou com Miguel Bezerra seu genro, e lhe deu notícia do que se passava. Havia naquele engenho muito que comer, ovelhas, e carneiros, perus, galinhas, e enquanto os soldados tomaram refeição, as sentinelas, que mandou pôr nos caminhos, mataram a dois espias dos holandeses, que vinham a descobrir campo, e a saber o que no dito engenho havia.

Acabada a ceia, deixou vinte e sete soldados no dito engenho, e com o restante da gente foi fazer duas emboscadas por onde o inimigo forçosamente havia de passar entre as quebradas de uns outeiros, e mato, cada uma de trinta homens. O inimigo partiu da povoação, e ao ponto da meia-noite chegou ao Morro, e prendeu a Baltazar Leitão de Holanda, e a Julião de Araújo, aos quais achou em casa, e apertando com eles com ameaças de tratos, e tormentos, para que declarassem aonde tinham suas famílias, e fazenda; e negando eles dizendo que o não sabiam, por não se deterem ali muito, e perderem a ocasião da noite, os amarraram, e com eles presos se partiram logo para o Escurial para ali prenderem a Manuel Camelo de Quiroga, e a seu genro Miguel Bezerra, e os que com eles estivessem, e mandá-los enforcar a todos juntos. E mandaram diante uma sentinela a descobrir o caminho, a qual foi morta por os nossos.

Chegou a luz do dia, e os soldados que vinham marchando começaram a entrar por as nossas emboscadas em demanda do Escurial, chegaram à primeira, e foram passando um, e um, por ser o caminho mui estreito, mas seguramente, porquanto, como tudo eram espingardas as armas que tinhamos, não havia cheiro de morrão que nos descobrisse, foram entrando na segunda, e ali lhe deram os nossos soldados uma boa carga, e lhe mataram dezessete homens, e tornando eles por detrás, desfechamos com outra carga da primeira emboscada em que lhe matamos doze soldados; eles vendo-se cercados, arremeteram a fugir por um alagadiço, o qual os foi levar junto à porteira do engenho, já com outra carga, aonde acharam vinte e três homens nossos, que os receberam com grande esforço, e coragem, e começaram a brigar com eles em forma de cara a cara sem que nós os pudéssemos socorrer com a diligência, que desejávamos, por ser o caminho mui estreito, e o mato mui fragoso, e cheio de cipós, que nos impediam o caminhar; e já quando chegamos a poder brigar com o inimigo nos tinham eles morto dos nossos a cinco homens, um dos quais foi Miguel Bezerra genro de Manuel Camelo de Quiroga, Domingos Antônio, e João Rodrigues, e dos outros dois me esquecem seus nomes, e nos feriram seis, e os demais foram fugindo para os matos, e com esta bulha tão travada tiveram lugar Manuel Camelo com sua gente, e Baltazar Leitão, e Julião de Araújo de fugirem por entre o mato, e escaparem da morte. Neste terceiro assalto matamos ao inimigo dezoito índios, e ao ajudante que ia a cavalo, e alguns ficaram feridos. Buscou o padre seis soldados para se pôr em forma de brigar, e não achou mais que trinta, e vendo a disparidade da gente entre nós, e o inimigo, nos metemos para dentro do mato, e nos viemos retirando, e o inimigo nos não seguiu por arrecear que lhe tivéssemos feito emboscada, antes se pôs em um campo com sua gente junta; e dali foi caminhando para o engenho, no qual não achou gente alguma, e depois de saquear as coisas manuais, que no engenho achou, enterrou os seus mortos, e se veio por outro caminho recolhendo para a povoação.

Chegou o Padre Frei Manuel à sua casa com vinte soldados, e dois deles feridos, mas com tudo sem perigo. Estando assim em vela toda aquela noite, e vendo que até às dez horas do dia não acudia mais nenhum soldado, foi levantar de dentro do mato os escravos que ali consigo tinha,

e carregados de mantimento (de que tinha abundância) se foi com os vinte soldados, que já dissemos acima, a esconder nos matos de Camarajibe, cinco léguas em distância da povoação, junto ao caminho, por onde havia de passar o Mestre de Campo Dom Luiz de Roxas com a nossa gente; quando viesse, para lhe sair ao encontro, e acompanhá-lo.

No seguinte dia depois que o padre se ausentou saiu o comendor da povoação com toda a gente que nela tinha a buscá-lo à sua casa, e não o achando nela nem nos matos circunvizinhos, queimou a casa com tudo o que nela deixou; e as casas dos negros, e até os gatos, e cachorros, que ali se haviam ficado, mandou matar a arcabuzadas. Tudo isto que aqui tenho escrito, e o mais que se escrever neste capítulo, em o particular do Padre Frei Manuel, além de ser público, e notório, está qualificado por instrumentos públicos, e sumários de testemunhas, e por certidões autênticas das cabeças que governavam o nosso exército, o que tudo deve de estar já apresentado a S. Majestade, ou a seus ministros; e quando o não esteja, em breve se apresentará com o favor de Deus.

Aos seis dias depois que o padre se emboscou nos matos de Camarajibe, um soldado que estava em vigia em cima de uma árvore alta, divisou um tropel de gente, que vinha marchando por entre os dois engenhos de Cristóvão Botelho de Almeida, certificando-nos do que era, achamos que era o Capitão Francisco Rebelo (chamado o Rebelinho) o qual com duzentos homens, aonde vinham os capitães Dom Francisco de Souza e Pedro Manuel Pavão, dos quais o Rebelinho era cabeça: a quem Dom Luiz de Roxas tinha mandado uma jornada diante a descobrir campo, e assegurar o caminho: aos quais o padre saindo do mato foi seguindo a uma vista. Chegou o Rebelinho ao rio Mocaita, duas léguas em distância da povoação, e deixando o caminho ordinário tomou por um atalho, e veio surgir menos de meia légua da dita povoação, detrás do outeiro da casa de Amador Alures para a parte do engenho de Francisco de Faria de Alpõem. E ali se emboscou para saber de noite o que o inimigo fazia: estava neste tempo o Governador Sigismundo na povoação, ordenando o que lhe importava para sair ao encontro a Dom Luiz de Roxas com outra muita gente que esperava, e em companhia do Mestre de Campo Artixof, a quem tinha mandado recado a Parapueira, que se viesse a unir com ele: e havia mandado o seu secretário com seis soldados, e dois

índios brasilianos a buscar um magote de ovelhas, que tinha deixado em casa de Joseph de Almeida; e tornando o secretário com as ovelhas, sucedeu que Dom Francisco de Souza, com dez soldados ligeiros se tinha apartado da mais tropa, e metido por entre o mato, para que de um alto, sem ser visto, pudesse ver toda a povoação, e o que nela havia, e de caminho viu vir ao secretário com as ovelhas, e dando sobre eles de súbito, matou cinco dos holandeses, e tomou às mãos vivo o secretário, o qual pedindo-lhe bom quartel, ele lh'o concedeu, por lhe parecer pessoa grave, segundo vinha bem tratado, e a cavalo, ainda que alguns murmuradores quiseram dizer, que lhe outorgou a vida por certas moedas de ouro com que lhe adoçou as mãos, o que eu nunca tive por certo, nem me pude persuadir que um fidalgo como ele se deixasse levar do interesse, senão da fidalguia, e generosidade de seu peito; e enfim tomou todas as ovelhas, que foram bom regalo para seus camaradas.

O holandês, e o índio, que escaparam com vida, foram correndo à povoação, e contaram o sucesso ao Governado. Sigismundo, o qual logo mandou tocar caixas, e trombetas, e com quatrocentos soldados, que ali tinha veio, marchando apressadamente para o posto aonde o Rebelinho estava escondido, e chegando a um outeiro passando a casa de Amador Alures fez alto, e tornando a tocar as trombetas, se abalançou para ir por diante; o que visto por o Rebelinho, e achando-se metido em um lugar estreito, e apertado, aonde não podia reprimir o ímpeto do inimigo, fez da necessidade virtude, saiu ao campo, e mandou tocar as caixas, e preparou sua gente em forma de brigar; parou o Sigismundo, e considerando que aquilo podia ser estratagema para o meterem em alguma emboscada, e resolvendo consigo que estava cercado da gente de Dom Luiz de Roxas, tornou a voltar para a povoação, e dali foi logo marchando apressadamente para a barra grande, levando consigo amarrados Amador Alures, e o filho de Garcia, para que fossem guiando (como foram) por um atalho esquisito; e chegando à barra grande se embarcou nas suas naus, que ali tinha, e largou aos dois que levava presos, e dizendo-lhe: *"Ide embora, que já aí tendes a vossa gente"*.

Cerrou-se a noite, e o Rebelinho se veio chegando à povoação, e não sentindo nela rumor, entrou nela, e não achando gente se aproveitou do que achou de comer, e esteve toda a noite com as armas nas mãos, e boas vigias. Ao se-

guinte dia por a manhã vieram entrando por a povoação alguns flamengos, uns a pé, e outros a cavalo, que vinham em seguimento do seu Governador Sigismundo, e se o não acharam, todavia acharam os nossos soldados, a cujas mãos morreram. Também na povoação se achou muita pólvora, e chumbo, e morrão, que os holandeses não puderam carregar por a muita pressa com que foram fugindo. Logo no seguinte dia veio chegando a nossa soldadesca com Dom Luiz de Roxas Mestre de Campo General, e os dois tenentes, e do Conselho de Guerra Manuel Dias de Andrade, e Alonso Ximenes Almiron, e os nossos soldados foram logo cercando a povoação por todas as partes, para que não se lhe escapasse nada do que nela estivesse; e vindo entrando por todos os lados acharam nela o Rebelinho, o qual se não se manifestara, ali apanhávamos ao governador holandês às mãos lavadas. Porém suposto o assalto das ovelhas, e carneiros, e da saída do Sigismundo fora da povoação, foi-lhe forçado o manifestar-se, e fazer (como se diz comumente) das tripas coração.

Entrou Dom Luiz de Roxas na povoação, a quem o Padre Frei Manuel vinha acompanhando, porque o foi esperar ao caminho com os vinte soldados que tinha, e perguntando ele (antes de lhe falar) a Manuel Dias de Andrada, quem o padre era? Lhe respondeu que era aquele padre que lhe havia mandado à ponta de Jaraguá os holandeses vivos; então o abraçou com alegre semblante, e lhe agradeceu muito o achá-lo naquela forma; e estando com ele em prática lhe perguntou que causa o movera a se ficar entre o inimigo, e tão vizinho de seus quartéis? E respondendo-lhe o padre, que o amor de Deus, e a caridade para com seus próximos, e que se ele se retirara com Matias de Albuquerque ficavam todos aqueles moradores sem quem lhe dissesse missa, nem os confessasse, e lhe pregasse a palavra de Deus, e os exortasse na perseverança da Fé Católica Romana, e que se ele ali não houvera ficado entre eles, muitos haviam de ser mortos sem confissão, e os pusilânimes haviam de ter titubeado na fé, e haviam de estar envoltos em muitos erros, e heresias; porquanto os predicantes dos holandeses haviam derramado por toda a terra uns livrinhos, que se intitulavam. *O Católico reformado*, em língua espanhola, compostos por Fulano Carrascon, cheios de todos os erros de Calvino, e Lutero, e persuadiram aos ignorantes (e ainda aos que não o eram) que a verdadeira religião era a que naqueles livros

se ensinava; e finalmente lhe disse, que se ele não houvera ali ficado não acharia Sua Senhoria naquele ocasião morador algum que lhe acudisse com farinha, e carne, e outros mantimentos para a infantaria. Então se alevantou da cadeira aonde estava sentado, e o abraçou apertadamente, e lhe disse estas palavras: *Padre, mui bem o tem feito, e com muita prudência, e por vida d'El-Rei, que os que deixaram suas casas, e fazendas, e se retiraram para as Alagoas, esses são os traidores, e os que se ficaram em suas casas, esses são os leais vassalos de S. Majestade; porque se eles se não houveram ficado, não tivera eu agora quem me acudisse com a sustentação para os soldados, e com seus escravos, e carros para comboiar as munições; que eu se me parti tão depressa para esta povoação não foi tanto a fazer guerra ao inimigo, como a buscar mantimento para sustentar a gente que trago E os que se retiraram deixando todas suas fazendas, e bens, fizeram muitos males: o primeiro ficarem eles pobres, e sem remédio; o segundo irem comer aos soldados sua sustentação; o terceiro fazendo ao inimigo rico, e próspero; o quarto impossibilitarem-se para poder acudir ao serviço d'El-Rei nesta ocasião, nem terem com que, o que tudo se remediara, se eles se deixaram ficar em suas casas, com salvo-conduto do inimigo, que enfim eles eram portugueses, e oferecida a ocasião sempre haviam de seguir, e servir a Sua Majestade, como a seu natural Rei, e Senhor.*

Tanta afeição mostrou este fidalgo ao padre, que em quatro dias que se deteve naquela povoação, sempre o teve em sua companhia de dia, e de noite, e praticava com ele em diferentes matérias, e se informava de coisas importantes. Tanto que o Mestre de Campo Artixof soube que Dom Luiz de Roxas era passado com sua infantaria, entendendo que o Governador Sigismundo, que estava na povoação, estaria em grande aperto, ou cercado, e que tinha pouca gente consigo, partiu da Paripueira com mil e quinhentos soldados, e veio em seguimento de Dom Luiz de Roxas, o qual sabendo como ele era partido, e não estando certo do caminho por onde vinha marchando mandou espias por todas as partes, e principalmente à praia, porquanto por ali lhe diziam que podia o inimigo vir com mais facilidade; e ele mesmo se abalou com toda a infantaria a esperá-lo, e nunca sua gente descansou até que soube de certo o por onde o inimigo vinha marchando; e sendo certificado de que vinha por Camarajibe, e que ali abrasara com fogo três engenhos, e todas as

casas dos moradores daquele distrito, e que vinha entrando por o caminho da Mata redonda na derrota da povoação, logo lhe saiu ao encontro com mil e trezentos infantes, e deixou na povoação ao Tenente-General Manuel Dias de Andrada com trezentos e cinquenta soldados em resguardo da polvora, e das mais munições, e bastimentos. Partido Dom Luiz de Roxas com a nossa gente em busca do Artixof um dia a tarde, foi a encontrar com ele de noite na Mata redonda, aonde os holandeses descobridores do campo nos assaltaram de emboscada á nossa retaguarda, e nos mataram ao Capitão Dom Pedro Marinho, e a quatro soldados, e revirando os nossos sobre os holandeses, os perseguiram com tanto furor, que os fizeram fugir, e lhes mataram cinquenta homens, e muitos deixaram as armas, e as mochilas, cheias de mantimentos, por escapar da morte com menos embaraço.

Amanheceu o seguinte dia, e como ainda não eram chegados a povoaçao os dois capitaes nossos Manuel de Souza de Abreu, e Ascenso da Silva, que vinham mais atras do nosso exército, comboiando os cansados, e doentes, e algumas munições. O Tenente-General Manuel Dias de Andrada lhe mandou ordem que fossem seguindo o inimigo por a trilha, e que tanto que ouvissem estrondo de peleja lhe tocassem à arma por detrás das costas, porque assim o perturbariam de sorte, que apesar de sua soberba, ficasse vencido. O Capitão Ascenso da Silva bem aporfiou, e determinou de dar à execução a tal ordem, porém Manuel de Souza de Abreu o não quis fazer, dizendo que ele era capitão mais antigo, e que trazia ordem do Mestre de Campo General de ir comboiando aquela bagagem até a povoação, e assim foi seguindo o caminho que trazia, sem se querer apartar dele, no que esteve mui dividido, e encontrado com Ascenso da Silva, e a ponto de brigarem; e o certo é que se eles tocaram armas detrás das costas do inimigo, ele houvera de ser ali desbaratado de remate.

Mas tornando ao fio da história, tanto que amanheceu, e o nosso exército se pôs à vista do inimigo pouco mais de tiro de mosquete, mandou Dom Luiz de Roxas ao Capitão Rebelinho que com uma manga de soldados ligeiros fosse picar, e assanhar o inimigo por um lado, o que também fez por outro lado o Governador Camarão com parte de seus índios, e lhe fizeram dano; e porque o inimigo não se moveu do sítio que tinha tomado, encheu-se Dom Luiz de Ro-

xas de tanto fervor, que deu vozes aos capitães, e soldados, dizendo: *Não se gaste mais morrão, vamos a eles, invistamos, que a vitória é nossa*. Tocou-se a investir, e movidos os dois batalhões um contra o outro, se começou a brigar valorosamente com muitas mortes, e feridas de ambas as partes, soava a vozeria, tocavam as trombetas, retumbavam as caixas, assoviavam as balas por o ar, tudo era confusão de parte a parte; e indo já o inimigo perdendo alguma terra, e os nossos carregando sobre eles, andava Dom Luiz de Roxas no meio do nosso esquadrão, animando os soldados, e provendo os postos como via ser necessario, e tendo a cara para o inimigo, eis que vem uma bala de entre o nosso esquadrão, e lhe deu por as costas, e o passou de parte a parte, caiu ele em terra, e logo se tornou a levantar, dizendo. *Não é nada, adiante soldados, que o inimigo vai vencido; dêem-me o meu cavalo*. E querendo pôr o pé no estribo para cavalgar, disse estas palavras: *Es possible que esto se me baze estando entre fidalgos portugueses?* E logo caiu estendido em terra morto. Henrique Teles de Melo, e o Padre Frei Manuel o retiraram para um mato, e o meteram em uma quebrada, e o cobriram com folhas secas por não ser achado, e tornando para o esquadrão, que andava mui aceso na briga, correu palavra, que o Mestre de Campo General era morto, e logo os de barrigas grandes, que nos haviam acompanhado a cavalo, não para pelejar, senão para ver touros de palanque, de cima de um outeiro, logo começaram a virar os cavalos, e a fugir; e os soldados vendo isto, imaginando que o inimigo poderia ter deitado alguma manga para os acolher no meio, começaram a virar, e em breve se começaram a meter por entre os matos, e uns após outros desampararam o campo, e se vieram retirando para a povoação, cada um por o caminho, ou vereda que se lhe oferecia; e só o Capitão Camarão, e o Rebelinho saíram de dentro do mato (donde brigaram) saindo ao alto do monte, e dali com vagaroso passo, e ordem, se vieram retirando, fazendo alto algumas vezes, e virando a cara ao inimigo, o qual não veio em seu seguimento, antes se deixou ficar no mesmo lugar da batalha, aonde tinha duzentos mortos, dos quais enterrou os oficiais no mato, e levou mais de quatrocentos feridos, e se tornou por o mesmo caminho por onde havia vindo, para o forte de Parapueira.

Veio o tropel da nossa gente entrando por a povoação, e alguns com tanto medo, que não havia fazê-los parar, aos

quais saiu ao encontro o Tenente-General Manuel Dias de Andrada, e os fez deter, e provendo de munições, e armas aos que estavam faltos delas, se preparou para sair ao encontro do inimigo fora da povoação, em um plaino ao sair de um mato, aonde mandou logo fazer duas emboscadas, e animou a todos prometendo-lhe uma gloriosa vitória; ajudou muito a todos cobrarem novo alento o verem que o Capitão Ascenso da Silva pôs logo sua companhia em ala, dizendo. *Vamos a eles, que estão cansados, e tresnoitados, e mortos de fome, e eu quero ser o primeiro*. O mesmo fizeram o Governador Camarão com seus indios, e o Capitão Rebelinho, mas como o inimigo se havia retirado parou o intento na preparação, e ali fez o tenente-general ficar toda a gente, que entrou na povoação, tirando ao Sargento-mor Marco Antonio, filho do Conde de Banholo, o qual vendo a rota, se retirou para as Alagoas aonde estava seu pai, e levou consigo a tropa italiana, e a muitos outros soldados espanhóis com seus capitaes, que nos primeiros dias nao se soube o que lhe havia sucedido, ou se eram mortos.

No segundo dia depois da batalha, foram por ordem de Manuel Dias de Andrada, Henrique Teles de Melo, e o Padre Frei Manuel com negros, e uma rede ao sitio aonde haviam deixado escondido o corpo de Dom Luiz de Roxas, e depois de haver visto o destroço, e contado os mortos, que estavam pelo campo, e achado algumas armas de fogo, as quais esconderam no mato para as mandarem buscar daí a alguns dias. Como mandaram meteram na rede o corpo do defunto Dom Luiz de Roxas, o qual já fedia muito, e o vieram a pôr junto à casa do padre, uma légua da povoaçao, aonde ele com seus escravos lhe fez uma cova junto a um mato, e metido em um caixão, com terra, e cal, o enterrou, e junto à cova se levantou uma cruz para sinal; e benzeu a água, e lhe rezou o ofício da sepultura com as cerimônias, que a Santa Igreja Romana ordena, no melhor modo que lhe foi possível; e antes que o enterrasse lhe tirou de uma abertura que tinha da roupeta no sovaco do braço esquerdo, uma bolsa de relíquias de santos, metida em outra bolsa maior, aonde também tinha o seu hábito de Santiago, e duas chavezinhas douradas, que eram de um contador aonde trazia as provisões, e ordens de Sua Majestade, a qual bolsa entregou ao Tenente-General Manuel Dias de Andrada, certificando-o em como o corpo do defunto ficava enterrado em

lugar oculto, e que ninguém o havia visto trazer, nem enterrar.

Abriu Manuel Dias de Andrada o contador, e achou nele as ordens d'El-Rei, e como vinha em segundo lugar para suceder no cargo a Dom Luiz de Roxas, um Mestre de Campo Castelhano, mui experimentado na guerra, cujo nome perdi da memória, e se me lembrar eu farei menção dele ao diante. Este havia ficado enfermo nas Alagoas e morreu no mesmo dia em que foi morto Dom Luiz de Roxas; e como em terceiro lugar vinha nomeado por Mestre de Campo General o Conde de Banholo; logo Manuel Dias de Andrada lhe mandou as ordens d'El-Rei às Alagoas, requerendo-lhe com grandes protestos, que logo se partisse para o Porto Calvo com a infantaria que consigo tinha, porquanto estava mui distante nas Alagoas; e no Porto Calvo estando o corpo do exército junto podiam facilmente fazer ao inimigo grande dano. Deteve-se o Conde de Banholo nas Alagoas quatro meses, e neste meio tempo despediu a seu filho o Sargento-mor Marco Antônio para o Reino, e Manuel Dias de Andrada esteve esperando por o Conde no Porto Calvo, governando a infantaria com muita prudência, e tratando os moradores da terra com tanta benignidade, que todos se davam por satisfeitos, e lhe acudiam com tantos mantimentos para os soldados, que chegava a haver competências sobre quem havia de dar mais.

Logo começou a vir chegando alguma infantaria das Alagoas, e muitas munições, até que no fim de quatro meses, chegou o Conde do Banholo com Duarte de Albuquerque Coelho, governador e donatário de Pernambuco, com cuja chegada ficou incorporada toda a nossa gente de guerra. Neste tempo chegou da Holanda uma grossa armada aonde veio João Maurício Conde de Nassau, por Governador, e Capitão-General de mar, e terra, com cuja chegada começaram a se revolver as cousas; e o Mestre de Campo Artixof largou a Parapueira, e arrasou a fortaleza, e se veio para o Recife a saber o que seu general ordenava. Neste meio tempo principiou o Conde de Banholo no Porto Calvo, no sítio da igreja matriz, em lugar alto, e inexpugnável, uma bizarra fortaleza, para a qual concorreram todos os moradores com suas pessoas, e escravos a trabalhar, e não ficava soldado, nem sacerdote de qualquer qualidade que fosse, que não andasse abrindo cavas, carregando terra, o faxina, e pondo as mãos na obra com muito fervor. Acabou-se a for-

taleza em três meses, e se apetrechou com muita, e boa artilharia, que havia vindo do Reino com Dom Luiz de Roxas; e das Alagoas foi trazida por mar para Porto Calvo, com o que ficou a fortaleza a melhor que havia em Pernambuco.

Partiu-se Manuel Dias de Andrada para a povoaçao de Una, desta parte do rio com trezentos soldados para impedir que o inimigo nao mandasse suas tropas a correr a campanha, e prendesse, e matasse alguns moradores que viviam por o sertao; e junto ao rio, da parte do sul fez suas trincheiras nas paragens por onde o rio se podia passar a vau; e tanto que se soube que ele ali estava se abalaram contra ele o Governador das Armas Sigismundo Vandscop; e o Mestre de Campo Artixof com dois mil homens de guerra, e grande cópia de índios Pitiguares, e Tapuios gente de arco, e flecha, chegaram à povoação de Una, e se começaram a sitiar meia légua do posto aonde Manuel Dias de Andrada estava, o qual mandou logo dizer ao Conde de Banholo, e a Duarte de Albuquerque, que lhe mandassem socorro, porquanto o inimigo tinha grande poder, e estava com ele à vista, e que o não mandassem retirar, porque estava resolvido, ou em morrer governando-se a guerra por sua cabeça, ou fazer algum feito heróico. O Conde lhe mandou logo dezoito mosqueteiros os quais chegaram ao seguinte dia com o Ajudante Pedro Marinho Dessa, e após aqueles setenta arcabuzeiros, os quais chegaram depois de três dias, sendo a distância do caminho não mais que de oito léguas. Os holandeses sendo avisados do pouco cabedal que Manuel Dias de Andrada tinha (porque nesta guerra nunca faltaram traidores). Deixaram de fazer sítio estável, e com um furor nunca visto ar remeteram ao rio para investirem com Manuel Dias de Andrada, e degolar-lhe sua gente, o qual se lhe apresentou, e os reprimiu tão generosa e animosamente, que lhe matou mais de oitocentos soldados, e os fez recuar fugindo descompostos, e se recolheram na igreja de S. Gonçalo, e junto a ela, em parte segura, distante da nossa gente dois tiros de mosquete pouco mais. E vendo Manuel Dias de Andrada que lhe não chegava o socorro, e cheio de suspeitas de que o Conde de Banholo não se alegrava com suas bonanças, mas antes o desejava abatido, e morto, por conhecer nele a lealdade com que servia a El-Rei, e o valor, e brio de seu braço; ordenou uma estratagema: e foi esta. Mandou a todos os moradores daquele distrito, que se ajuntasse com suas mulheres, e

filhos, e escravos, e escravas, e cavalgaduras, e gado, detrás de um mato junto a sua estancia, e mandou-lhe quatro tambores, e mandou que viessem saindo do mato, dando mostras de si, com paus as costas, em um descampado, que podia ser bem visto por o inimigo, e que logo viessem marchando para o vale, e isto fizessem tres, ou quatro vezes ao som de caixa. Assim se fez como elle ordenou e se ajuntou grande copia de gente. Vendo pois o inimigo tao grande tropa, que vinha aparecendo no outeiro em tres grandes turmas, e logo vinha por dentro do mato para o lugar aonde Manuel Dias de Andrada estava, pareceu-lhe que todo o peso da nossa gente vinha em seu socorro, e logo se foi retirando com muita pressa para Sirinhaem, ficando Manuel Dias de Andrada com os seus trezentos soldados gozando da vitoria alcançada por os merecimentos do glorioso Sao Gonçalo, pois foi junto da sua igreja aonde resplandece com muitos milagres, do que elle obrigado, e reconnecido, lhe foi a dar as graças no seguinte dia, e recolheu a imagem do santo, que o inimigo havia quebrado, e a tornou a pôr no altar, até lhe mandar fazer outra de novo; daqui se veio para o Porto Calvo donde se despediram algumas tropas de soldados ligeiros a correr a campanha ao inimigo, os quais lhe fizeram grande dano, principalmente o Capitao Sebastião de Souto, e o Capitão Rebelinho, e o Camarão com seus índios, e Henrique Dias com seus crioulos, e mulatos, suposto que alguns se adiantaram a fazer mais do que lhe mandavam seus superiores.

Informado o Conde de Nassau João Mauricio das coisas da terra, tanto que se aliviou da viagem do mar, desejoso de provar a mão com os portugueses, e exercitar o cargo em que vinha provido, ajuntou um exército de cinco mil homens, e uma grande turba de índios Pitiguares (aos quais no Brasil, comumente chamam Caboclos) e por mar, e por terra pôs por obra o ir desalojar do Porto Calvo ao Conde de Banholo, e ganhar-lhe aquela praça, o qual tanto que soube desta determinação mandou deitar um bando, que nenhum morador daquele distrito fosse ousado a se ausentar com mulheres, ou filhos por a terra dentro, nem a retirar seu gado, com pena de traidores, e confiscação de seus bens. E quarenta dias antes que o holandês chegasse mandou o Conde de Banholo toda sua fazenda para as Alagoas pouca e pouca, com soldados italianos de guarda, e para não ser sentido a tirava de sua casa de noite, e para que o Padre Frei

Manuel o visse, o chamou o Tenente-General Manuel Dias de Andrada, pondo-o em paragem aonde viu tudo, e outras pessoas com ele; logo fez um reduto alem da casa de Amador Alures fora da povoaçao para se meter ele, e Duarte de Albuquerque com um caminho secreto para o rio Mangaba, aonde mandou fazer uma ponte de pau para se retirar no tempo da necessidade; e logo chamou a conselho de guerra, no qual se ajuntaram Duarte de Albuquerque Coelho governador, e donatario de Pernambuco, e os dois tenentes-generais Manuel Dias de Andrada, e Afonso Ximenes Aimiron, e os dois sargentos-mores Martim Ferreira, e Paulo Barnola italiano, e os dois governadores dos indios, e crioulos António Camarao, e Henrique Dias, e os capitaes Ascenso da Silva, Francisco Rebelo, e Joao Lopes Barbalho, e os dois capitaes dos cavalleiros Joao Pais Barreto, e Rodrigo de Barros Pimentel, e outros capitaes, e finalmente Martim Soares Moreno, governador que havia sido do Ceara mui valoroso soldado, e pessoa de grande conselho nas cousas de guerra, o qual sabia muito bem falar de boca, e obrar de maos.

Propôs o Conde de Banholo a questão em conselho para se assentar o que se havia fazer naquela ocasião; e suposto que houve vários pareceres sobre o modo que se havia de ter em brigar com o inimigo, e reprimir a sua fúria; todavia Manuel Dias de Andrada foi de parecer que pois o inimigo havia de desembarcar na barra grande, cinco léguas em distância da povoação (a qual já se chamava a Vila do Bom Sucesso, porquanto Duarte de Albuquerque a havia feito vila, como também fez as povoações de Alagoas do Sul, e a do Penedo no rio de S. Francisco, segundo uma provisão que tinha d'El-Rei para fazer três vilas) disse pois Manuel Dias de Andrada, que pois o inimigo havia de marchar cinco léguas para chegar à povoação, e havia de subir, e descer outeiros, e passar por caminhos estreitos, alagadiços, e passos perigosos, que lhe fôssemos fazendo trincheiras nos lugares apertados, e emboscados, e viéssemos fazendo emboscadas por todo o caminho, brigando sempre com ele, e retirando-nos de uma em outra trincheira, e que deste modo o desbaratariamos, e que de nenhum modo o deixássemos chegar à vista da povoação, e da nossa fortaleza, porque se a via com os olhos a havia de tomar, e render sem remédio, e se ofereceu ser ele o que governasse esta fação. Inclinaram-se a este seu parecer o Capitão Ascenso da Silva, e o Capitão João Lopes Barbalho, e o Governador Camarão, e Henrique

Dias, e Francisco Rebelo, e Martim Soares Moreno, e outros capitães, que se prezavam de valorosos; e na ocasião o mostraram por obras. Porém o Conde de Banholo resolveu que havia de esperar o inimigo na povoação, e ali brigar com ele, e com todo o corpo de sua infantaria junto, com bem mágoa de Duarte de Albuquerque, o qual como prudente, e sábio bem pressentia a ruína.

Vendo os moradores da terra com os oficiais da Câmara, e os mais capitães portugueses a pouca diligência que o Conde de Banholo punha em preparar-se para resistir ao inimigo, e que todas as noites tinha a sua gente italiana posta em ala ao redor de sua casa, repartida em três vigias, e que isto era sinal de querer fugir. Determinaram de o prender, e levantar por Mestre de Campo General a Manuel Dias de Andrada, e logo o foram buscar à sua casa, e lhe ofereceram o cargo, e lhe pediram com grandes encarecimentos da parte de Deus, e de S. Majestade, e do povo cristão, que o aceitasse, e que eles prenderiam logo ao Conde de Banholo, e que para o fazerem não se detinham mais senão que ele dito Manuel Dias de Andrada aceitasse o cargo que lhe ofereciam, aos quais ele respondeu que tal não havia de aceitar, porquanto se prezava muito de vassalo fiel de S Majestade, e não queria quebrar suas ordens, que lhe seria mui mal contado; e que outrossim ele não aspirava à dignidade, nem cargos levantados, senão servir lealmente a seu Rei, e Senhor, só com o nome de Manuel Dias de Andrada, que era o nome por quem era conhecido; e os persuadiu a todos a desistirem do intento que levavam. E idos todos bem tristes com esta resposta disse Manuel Dias de Andrada ao Padre Frei Manuel, e a três capitães que ali ficaram com ele, que não obstante que o perigo estava à vista dos olhos, e seria coisa mal acertada o fazer poeira, e revolta entre nós, e haver algum motim estando o inimigo tão perto; todavia se os vereadores, capitães, e gente do povo houveram preso ao Conde de Banholo antes de lhe virem a ele oferecer o cargo, então aceitaria ele, porque não havia então ocasião de se presumir, nem dizer que havia ele dado favor, ou traça para se conseguir o que se intentava; porém como em primeiro lugar haviam vindo atentar sua vontade, que não havia lugar de aceitar o que lhe ofereciam.

Começou a se ouvir o som dos tambores do inimigo na povoação, e dizendo-o ao Conde, ele respondia que não era tal, até que chegaram duas sentinelas, as quais afirmaram

que os haviam visto com os olhos, e toda a multidão de seu exército, e que já vinha marchando espaço de uma légua da dita povoação. Aqui se pode agora notar a grande tribulação, e alvoroço, os suspiros, as lagrimas, os ais, que se viram naquela povoação com a nova do inimigo estar já tão perto. As mulheres saíam fugindo, umas com as crianças nos braços, outras com os meninos pelas mãos, os escravos carregando as alfaias de seus senhores, os capitães chamando aos sargentos, estes aos soldados, e pondo-os em ordem, aqueles arremetiam a tomar as armas, uns se confessavam, os sargentos-mores metiam coragem aos soldados; o Conde de Banholo discorria de uma para outra parte a cavalo, sem dar ordem a nada. Meteram-se na fortaleza três capitães com trezentos soldados, dos quais era cabo, e superintendente João Rodrigues de Souza, e com mantimentos para quase quatro meses, e umas quarenta vacas em um curral debaixo da artilharia, e com outras vitualhas de legumes, e licores, que deixaram por não o puderem levar os que se iam retirando, que não eram soldados; e fechada a fortaleza apareceu o Conde de Nassau no alto do outeiro de Miguel Fernandes à vista da povoação; e por mar mandou muitas lanchas por o rio de Mangaba acima com munições, e mantimentos.

Visto o inimigo, partiu logo a recebê-lo ao caminho o Tenente-General Alonso Ximenes Almiron com os capitães Ascenso da Silva, João Lopes Barbalho, Francisco Rebelo, Manuel de Souza de Abreu, e outros, cujos nomes se me passaram da memória; partiu também Dom Antônio Felipe Camarão, que já então tinha o hábito de Cristo, e S. Majestade lhe tinha dado Dom, e o tinha feito fidalgo por seu grande valor, e fidelidade, e lhe havia dado título de Governador, e Capitão-General de todos os índios, do Estado do Brasil; partiu pois o Camarão, e não somente levou consigo todos os índios de sua esquadra, senão que também levou em um cavalo com uma lança na mão a sua mulher Dona Clara, também partiu a este encontro o Governador Henrique Dias (negro na cor, porém branco nas obras, e no esforço) com sua quadrilha de negros crioulos. Outros capitães ficaram na retaguarda na passagem do rio Comendaituba, por a qual se entra na povoação. Feito isto mandou o Conde de Banholo queimar a povoação (certo sinal de que não queria morar ali mais) a qual ardeu toda em breve à vista do inimigo, que como nela havia muitas casas cober-

tas de palha, entressachadas com as outras, nas quais se agasalhavam os moradores, e soldados, soprou o vento, e tudo em breve espaço de tempo se fez em pó, e em cinza, ficando somente a fortaleza em pé, a qual estava em lugar alto, e afastado das casas.

Isto feito o Conde de Banholo com Duarte de Albuquerque, e alguns soldados, se foi pôr no alto do monte, aonde atrás temos dito, que tinha feito o reduto, não para pelejar, senão para fugir quando se visse apertado; e levou consigo ao Tenente Manuel Dias de Andrada, a quem negou licença de ir a investir com o inimigo, assim por lhe impedir a glória que podia alcançar em algum bom sucesso que Deus lhe desse, e principalmente porque temeu, que a soldadesca, e capitães o aclamassem por Capitão-General. Veio o inimigo descendo do monte, e a nossa gente subindo, e encontrando-se no meio da ladeira, se começou a travar uma cruel batalha, aonde houve muitos mortos, e feridos de parte a parte; e como o poder do inimigo era mui superior ao nosso, veio carregando de sorte que os nossos se vieram retirando sempre brigando, e com ordem, e tal orgulho, que o Conde de Nassau, sendo acostumado a se achar em batalhas em Flandres, notando a braveza de nossa pouca gente contra seu grande poder, ficou admirado, e disse, que aquele era o primeiro encontro que havia visto de tanto valor.

Enfim a nossa gente se veio retirando, e brigando, até que o esquadrão do inimigo chegou a tiro de peça; e suposto que a fortaleza começou a jogar com a artilharia, que era boa, e de bronze, e lhe matou alguma gente, todavia como eram muitos, uns por um cabo, e outros por outro, vieram brigando com os nossos até junto ao rio Comendaituba aonde estava o corpo de nosso exército, e ali se travou uma cruel, e sanguinolenta batalha, aonde o inimigo perdeu muita gente com pouca perda da nossa parte. Vendo Manuel Dias de Andrada que o inimigo nos vinha ganhando terra, ferveu-lhe o coração no peito, e levado de um belicoso furor, não fez caso do Conde de Banholo, que o detinha, e subindo em seu cavalo partiu para o rio, e chegando se meteu entre o inimigo com a espada nua, ferindo a uma, e a outra parte; e como tudo já andava revolto não se distinguia quais eram os inimigos, e quais os nossos; a fortaleza que tinha já abaixado as peças de ponto, e carregadas com sacos de pregos, e balas de mosquete, começou a fazer ao inimigo tão grande

estrago, que lhe foi forçado tocar logo trombetas, e caixas a retirar, e não passou o rio.

Neste encontro nos matou o inimigo a D. Antônio Coutinho, o qual andava brigando valorosamente no seu próprio esquadrao, e deixou bem vingada sua morte com muitas vidas tiradas aos contrários, também nos tomou o inimigo às mãos vivos os capitães Manuel de Souza de Abreu, e Baltazar da Rocha Pita, os quais ao depois mandou para Holanda, e nesta bulha saíram feridos da nossa parte muitos soldados, entre os quais foi o Capitão João Lopes Barbalho, que estando atravessado com uma bala de parte a parte, por não ser morto por mãos dos índios Pitiguares, se escondeu entre um cipoal mui denso, aonde esteve dois dias, não comendo outra coisa, senão as postas de seu mesmo sangue, que por o buraco da ferida lhe saía, e de noite se acolheu, e se veio sem curar, caminhando até as Alagoas, aonde achou o Conde de Banholo; também saiu ferido o Governador dos negros crioulos Henrique Dias, o qual andando fazendo proezas no meio da travada escaramuça, lhe fizeram a mão esquerda em pedaços, com uma bala, e ele teve tanto ânimo que não quis que lhe curasse a mão por não se deter muito à cura, e porque se dizia que os holandeses atiravam com balas eivadas com toucinho, e que aos feridos logo lhe davam herpes, e mandou ao cirurgião que lhe cortasse a mão por a junta do pulso, o que se executou, e sarou em breve tempo; e dizia algumas vezes, que se os holandeses lhe haviam tirado a mão esquerda, que ainda lhe ficava a direita para se vingar, o que ele fez por muitas vezes, com muitas veras, depois daquela ocasião; outros muitos foram mortos, e ficaram feridos da nossa parte, cujos nomes não me atrevo a ir aqui especificando, por não fazer larga história, e chegar com brevidade a tratar da restauração de Pernambuco, que é o que pretendo fazer neste tratado.

Ficou o inimigo da outra parte do rio Comendaituba, e a nossa gente da parte da povoação; e em se cerrando a noite, o Conde de Banholo se saiu do reduto aonde estava, e por o caminho secreto, e ponte que tinha preparado, passou o rio Mangaba, que cerca por um lado a povoação, e achando ali os cavalos que tinha mandado pôr naquela paragem, se partiu para Camarajibe, e dali para as Alagoas, e para que a soldadesca se fosse após ele, mandou deitar do reduto abaixo uma caixa, a qual veio rodando por o outeiro, e fazendo estrondo como que a tocavam; e os capitães ima-

ginando que o inimigo vinha por aquela parte, se puseram em ala, e mandando saber o que era, e achando a verdade, e como o Conde de Banholo ia já caminhando, e levava consigo a Duarte de Albuquerque, e uma tropa de soldados, logo todos desampararam a povoação, e se puseram a caminho em seu seguimento, e tanto temor levava o Conde, que indo caminhando por a mata que estava entre a povoação, e Camarajibe, levava velas acesas por ver por onde ia, e se afastar dos grandes atoleiros, e ia dizendo: *Passe-se palavra que ninguém fale*. (O que ouvido por um magote de mulheres, que se iam retirando, e estavam junto ao caminho esperando que amanhecesse, para verem o caminho por onde iam) lhe começaram a dizer muitas injúrias, chamando-lhe infame, covarde, traidor, aleivoso, fementido, e outras afrontas semelhantes a estas, ao que ele não respondeu coisa alguma, senão: *Marcha, marcha*.

Chegou o Conde de Banholo a Camarajibe, e em comendo o que lhe apresentou Cristóvão Botelho, se pôs logo a caminho para as Alagoas; e porque Manuel Dias de Andrada se não ficasse atrás e fosse ajuntando os capitães, e soldados, e se ficasse no distrito da povoação fazendo guerra, e dando assaltos ao inimigo, e metesse socorro de mantimentos na fortaleza, o levou diante de si, e se foi para as Alagoas. aonde esperou quinze dias até que se lhe ajuntasse toda a gente de guerra, e os moradores com suas mulheres, e filhos foram em seu seguimento, uns por o sertão, e os que levavam suas fazendas móveis, em carros, tomaram por a praia; e porque estes iam mui arriscados ao inimigo por mar lhe cortar o caminho, e os roubar, e matar a todos, teve tanta caridade o Tenente-General Alonso Ximenes Almiron, que com a tropa de soldados que trazia lhe foi sempre na retaguarda, e os defendeu do inimigo que os ia seguindo, e o não deixou desembarcar. Considerar agora a multidão de gente de todas as idades que se ia retirando, assim por a praia, como por entre os matos, e o como iam deixando por os caminhos as alfaias de suas casas, por não as poderem carregar; aqui os tristes ais dos meninos, os suspiros das mães, o desamparo das donzelas descalças, e metidas por as lamas, e passarem os rios com pouca compostura de seus corpos, alheios da honestidade, e recolhimento em que haviam sido criadas (o que sentiam mais que perder as vidas) aqui umas desmaiadas, outras com os pés abertos, porque o descostume de andar não as deixava dar um passo adiante;

as pragas que rogavam ao Conde de Banholo (o qual depois que entrou em Pernambuco tudo foi de mal em pior) o ver os amancebados levar a cavalo as mancebas brancas, mulatas, e negras, e deixarem ir suas mulheres a pé, e sem saberem parte delas, a fome que todos iam padecendo, o dormirem por os pés das árvores, sem amparo, nem abrigo; não é coisa que se pode escrever, porque muitos dos que o viram com os olhos, como eu, tendo os corações férreos, não se podiam refrear sem derramar grande cópia de lágrimas.

Vendo o inimigo a povoação queimada, e sem gente de guerra, passou o rio Comendaituba, e pôs cerco à fortaleza a qual se defendeu bravamente: e vendo que o inimigo lhe tinha feito quatro baterias, e por os quatro lados a combatia, e que a força da gente era muita, e cada vez vinha crescendo mais, e que da nossa parte todos se haviam retirado, e não havia sinal, nem esperança de socorro, ao fim de vinte dias de contínuo combate, de dia, e de noite, se entregou a partido de outorga das vidas, e saírem todos com suas armas, e balas em boca, e os soldados com o que puderam carregar em suas mochilas. Entrou o inimigo na fortaleza, e tomou posse dela, e rebuscando os seus soldados a povoação por ver se lhe havia ficado alguma pilhagem, viu na igreja um quadro, no qual estavam pintadas as armas de Dom Luiz de Roxas; e é de saber que um mês antes que o holandês viesse a combater o Porto Calvo, pediu um sobrinho de Dom Luiz de Roxas, e o Tenente Almiron ao Padre Frei Manuel, que lhe mostrasse aonde tinha enterrado o corpo do Mestre de Campo General, o que ele fez, e foram desenterrar seus ossos, e metidos em uma pequena caixa, coberta de luto, os trouxeram à povoação, e lhe fizeram um ofício de defuntos, com a maior solenidade, e aparato que foi possível; e pondo a caixa a uma parte da capela-mor com um quadro pendurado na parede, no qual estavam pintadas as armas, e brazão de sua nobreza; vendo pois os soldados holandeses este painel o levaram ao seu General o Conde de Nassau, o qual o estimou muito, e o mandou para o Recife, e o pôs na sala de sua casa pendurado na parede, por ser brazão, e armas de um tão valoroso soldado como Dom Luiz de Roxas e Borja havia sido.

Descansou o Conde de Nassau na povoação despovoada poucos dias, e deixando reformada a fortaleza, e provida de gente de guerra, e por comendor o Capitão Pedro Vanduerve, se partiu logo com toda sua gente por mar, e por

terra em seguimento do Conde de Banholo, o qual informado da partida do inimigo, se pôs logo ao caminho com toda a gente de guerra para o rio de São Francisco, deixando aos pobres moradores, e filhos expostos ao rigor do inimigo. Vendo isto os moradores, perguntaram a Manuel Dias de Andrada, que lhes dissesse o que haviam de fazer em tão grande apertura, e desamparo? Aos quais ele respondeu, que os que quisessem ir para a Bahia, e tivessem ordem, e mantimento para se sustentar, ou para o comprar, que ele os iria defendendo por o caminho até passar o rio de S. Francisco, e que lhes fazia a saber que o Conde não havia de parar aí, senão marchar por diante, pelo que os que se quisessem ficar, seria mais acertado meterem-se pelos matos, e mandarem buscar salvo-condutos, ou passaportes do inimigo, para se tornarem para suas casas, e viverem quietamente (ainda que em cativeiro) até que Deus acudisse com sua misericórdia, e de Portugal viesse socorro para a restauração da terra, e que mais valia o estarem eles em suas casas granjeando suas fazendas, e plantando mantimentos para se sustentarem, e ajudar a infantaria d'El-Rei quando chegasse, do que irem a morrer por brenhas desabitadas, e caminhos desusados, aonde os mais haviam de morrer sem falta ao puro desamparo, e com as inclemências dos tempos; ouvido isto muitos tomaram seu conselho e mandaram pedir passaportes ao Conde de Nassau antes que chegasse, o qual lh'os concedeu graciosamente, e assim se tornaram para suas casas.

Outros foram caminhando até passar o rio de S. Francisco, outros chegaram até Sergipe d'El-Rei, e outros foram logo varando para a Bahia, e alguns, que por cansados, ou por mais não poderem se ficaram por entre os matos sem tomar passaportes, os índios Pitiguares, que vinham em companhia dos flamengos, os foram matando a quantos acharam com uma nunca vista crueldade, não perdoando às crianças dependuradas dos peitos das mães. Chegaram os holandeses por mar, e por terra com todo seu exército ao rio de S. Francisco com cuja chegada o Conde de Banholo se passou da outra banda do sul, e foi marchando para Sergipe d'El-Rei, aonde se aposentou; e o Conde de Nassau João Maurício chegando ao Penedo não passou da outra banda do rio, antes dali fez alto, enquanto os soldados andaram saqueando todas as coisas dos moradores retirados, e deu princípio a uma fortaleza que ali edificou; e os moradores do

Porto Calvo, e das mais povoações que lhe ficaram atrás, que quiseram vir tomar passaportes para se tornarem para suas casas, ficando debaixo de seu domínio, lh'os concedeu, e lhe deu caminho seguro para se tornarem, e o mesmo fez aos moradores do rio de S. Francisco, e depois de se deter ali dois meses, se tornou por mar para o Recife deixando no rio ao Governador Sigismundo Vandscop com a maior parte da gente de guerra acabando a fortaleza, e tanto que no Recife reformou o exército de gente, e armas, e munições; mandou ao Sigismundo que fosse desalojar de Sergipe ao Conde de Banholo, o qual o fez com tanto rigor, que foi matando a quantos moradores achou, que não se puderam retirar com tanta pressa como convinha; o Conde de Banholo se foi sem ver o inimigo retirando para a Bahia, e o inimigo o seguiu até o rio Real, aonde fez uma fortaleza, a qual proveu de artilharia, e soldados, e se tornou a vir ao Recife. E é de notar que em Sergipe d'El-Rei, e em toda sua Capitania não ficou morador algum, porque todos como puderam, e por caminhos desviados se retiraram com suas vacas, e cabedal, ainda que os campos ficaram com muito gado espalhado por lhe haverem derrubado os currais, e não haver vaqueiros que os ajuntassem.

O Conde de Nassau General dos holandeses, tanto que teve toda sua gente junta, parecendo-lhe que de uma vez havia de conquistar, e ganhar todo o Brasil, fez uma grossa armada de trinta e cinco naus, e outras embarcações menores, e metendo-lhe dentro todas as coisas necessárias para a empresa, e com muitos artifícios de fogo, e seis mil homens de guerra, determinou de ir tomar a Bahia de Todos os Santos, cabeça de todo Estado do Brasil; o que sabido por Gaspar Dias Ferreira, homem em parte de nação hebréia, o qual se havia metido com os holandeses, e vivia entre eles com mulher e filhos dentro de suas fortificações, para ganhar mais terra com os holandeses, se ofereceu ao Conde de Nassau para o acompanhar nesta jornada, e darlhe conselho nas coisas de importância; o Conde de Nassau lhe agradeceu a oferta, e o levou consigo na sua nau capitânia, e à sua mesa com cargo de Comissário das Fazendas, e Riquezas que na Bahia se tomassem dos despojos, e ia tão confiado em a tomar, que já o julgava por feito; e ao diante tratarei de quem era este Gaspar Dias Ferreira, e de sua vida, modo, e trato, porque há de ser necessário.

CAPÍTULO IV

Do estado em que ficou Pernambuco com a retirada do Conde de Banholo, e da jornada do Conde de Nassau à Bahia, e de outras coisas notáveis que sucederam desde o ano de trinta e seis até o de trinta e nove

Tanto que o Conde de Banholo se retirou para a Bahia com toda a gente de guerra, ficaram os moradores de Pernambuco, e das mais Capitanias da parte do norte com grande tribulação, e desamparo, porque suposto que em suas casas, todavia por uma parte cada dia se viam sobressaltados dos rigores do inimigo, a quem se viam sujeitos, e por outra suas igrejas derrubadas, e feitas estribarias de cavalos, as imagens dos santos feitas em pedaços; e o que mais é de lastimar, faltos de sacerdotes, que lhes administrassem os Sacramentos da Santa Madre Igreja, e os doutrinassem, e corroborassem na perseverança da Fé Católica, porque uns se foram com o Conde, e com a infantaria por temor do inimigo, que havia dado morte a alguns que pôde achar, e outros, porque ainda que a caridade cristã, e o zelo da salvação das almas os obrigava a ficarem; todavia o Vigário Geral Manuel de Azevedo os obrigava a se retirarem, e lhe punha censuras para que o fizessem, e a alguns porque se haviam ficado mandou prender, e os molestou rigorosamente dizendo que assim o mandava o Bispo Dom Pedro da Silva de Sampaio; e não sei eu com que razão, e justiça; e assim ponho em questão, e pergunto: Qual é melhor, e mais serviço de Deus, o ficarem os sacerdotes com os fiéis cristãos seus próximos, ajudando-os em seus trabalhos com os Santos Sacramentos: pois lemos a cada passo na Sagrada Escritura que quando Deus castigava aos de seu povo com cativeiros bem merecidos por seus pecados, também permitia que fossem com os delinqüentes cativos os santos profetas, para

que os consolassem em suas tribulações, e com seus rogos abrandassem a ira de Deus, e aplacassem a vara de sua justiça, e usasse com eles de sua misericórdia, dando-lhes liberdade? Ou irem-se fugindo, ou por vontade, ou por força, e deixarem o miserável povo cristão cheio de tantas almas, ao puro desamparo, sem missa, sem confissão, e metidos entre tantas heresias, e diferentes seitas, como toda a Capitania estava cheia, e os simples moradores em tão evidente perigo de caírem nos laços do demônio? A resolução desta pergunta deixo eu a quem mais entende, e me pode ensinar nesta matéria, e também aos que mais faltos forem de entendimento, contanto que julguem a causa com ânimo fiel, e desinteressado.

Alguns sacerdotes ficaram na terra, os quais nos primeiros princípios andaram escondidos até que o rigor dos holandeses se modificou, e o Conde de Nassau permitiu que aparecessem em público, e que nas igrejas do campo exercitassem seus ofícios; e isto persuadido das muitas petições dos moradores, nas quais lhe disseram, que ou lhe havia de permitir na terra os sacerdotes, ou lhes havia de dar licença, e embarcações para se irem da Capitania, porquanto estavam resolutos a não morar na terra, nem cultivá-la se lhes negavam os sacerdotes para lhe ministrarem os Sacramentos. E como o Conde de Nassau era bem inclinado de natureza, e o sangue real donde procedia o inclinava ao bem, lhes despachou suas petições, segundo o desejavam ainda que com algumas cláusulas ásperas, e duras, por não encontrar de todo os decretos dos que assistiam no seu supremo Concelho, os quais persuadidos dos seus predicantes tinham grande ódio a todo o gênero de sacerdotes, e não os podiam ver com bons olhos; e permitindo que os judeus tivessem suas asnogas patentes, assim no Recife, como em Santo Antônio, nunca quiseram permitir que dentro de suas fortificações se dissesse missa em público, como adiante tratarei mais de espaço.

Acabou o Conde de Nassau João Maurício de preparar sua armada, e com bizarria, e ostentação partiu para a Bahia, a qual chegou com vento próspero, e como chegou de repente sem ser esperado, entrou por a boca da barra livremente, porque tem de largura quase três léguas, e só um baixo no meio do canal, aonde em baixamar de águas vivas se descobre uma lajem mui larga, chamada a Paraúna, e desembarcou sua gente da parte da Pirajá na praia da água

dos meninos e deitou em terra algumas peças de artilharia, e dali veio logo marchando para a cidade, que é distância quase de meia légua, e com tanta fúria acometeu a cidade que chegou sua infantaria até às portas da cidade, e houvera de entrar, se não fora o bom governo, e generoso ânimo com que acudiu o Governador Pedro da Silva (o Mole por alcunha) o qual se mostrou neste dia, e noite tão duro, e tão férreo contra o furor holandês, que o fez retirar apesar de sua soberba, e arrogância com muitos mortos, e feridos, o qual vendo-se atalhado, e reprimido de seu primeiro orgulho, fez alto detrás do convento do Carmo, aonde ficava reparado da nossa artilharia, e ali se fez forte, e no seguinte dia começou com seus gastadores a cavar, e acarretar terra, e faxina para fazer plataformas, e bater a cidade; porem o Governador Pedro da Silva — o Mole, lhe impediu todos seus intentos, porque por conselho do Tenente-General Pedro Correia da Gama deitou fora da cidade a quatro capitaes dos que naviam vindo com o Conde de Banholo de Pernambuco, já destros, e qualificados em semelhantes ocasioes, os quais como eram destros em andar por os matos, e sagazes em fazer emboscadas, e animosos em cometer, e de nenhum medo em entrar nos perigos, tal perturbaçao lhe deram, e tanta gente lhe mataram, que o holandês para cortar quatro feixes de faxina para suas fortificações lhe era necessario pôr muita gente em ala com as armas nas mãos, e nem tudo isso bastava, porque em se ouvindo a pancada da foice, que cortava os ramos, logo também se ouvia o estrondo do arcabuz, ou espingarda, que com sua bala tirava a vida a quem o cortava. E os nomes destes quatro capitães valorosos, que acometeram esta empresa, além de outros que também saíram em seu seguimento, eram o Capitão Andre Vidal de Negreiros, o qual por seu valor, e esforço, e grande nome que granjeou por seu braço, veio ao depois a ser Tenente-General, e Mestre de Campo, e Sua Majestade ornou seu peito com a insígnia do hábito de Cristo, e o despachou com o cargo de Governador do Maranhão, e foi uma das cabeças, que governou os moradores de Pernambuco na fação da liberdade da pátria, não porque El-Rei nosso Senhor lh'o mandasse, senão levado da caridade cristã, zelo do amor da pátria, e desejo de ver o Brasil livre de holandeses, e de tantas falsas seitas, e heresias, e restituir o Estado de Pernambuco ao Império de Sua Majestade El-Rei Dom João o IV deste nome, cujo era de jure heredi-

tário, como a seu tempo o trataremos na façáo da liberdade divina, principiada por João Fernandes Vieira.

O segundo era o Capitao Ascenso da Silva acostumado a ser o primeiro nas ocasioes de acometer aos holandeses, o qual muitas vezes os fez perder terra, e retirarem-se, ainda que algumas vezes saiu ferido, porem de ordinario nunca na guerra morre, ou sai ferido, senao aquele que briga de cara a cara com o inimigo, e vem com ele as maos, o que este capitao sempre fez, e hoje atualmente o esta fazendo; e nesta hora em que estou escrevendo este capitulo me chegou ele a porta ferido com duas balas, uma em um braço e outra no peito esquerdo, de um encontro que tivemos com os holandeses, querendo lhe escalar uma fortaleza. O terceiro foi o Capitao Francisco Rebelo, o qual na guerra de Pernambuco antes que o Conde de Banuolo se retirasse, teve muitos encontros com o inimigo, e lhes fez muito dano, e por seu valor era conhecido, e temido dos holanneses. O quarto foi o Capitao Sebastiao de Souto, do qual temos tratado atras na ocasião em que Matias de Albuquerque alcançou a vitória no Porto Calvo. Este capitao foi morto nesta empresa, e nao sei se diga por sua culpa, porque havendo em um só dia dado tres gloriosos assaltos ao inimigo, aonde lhe matou muita gente, no fim destes bons sucessos, levado do orgulho e generosidade de seu coração, se apresentou em público aos holandeses, e lhes disse: *Ah cães, que a todos vos hei de tirar as vidas, porque eu sou o Capitão Souto, que tantas vezes vos tenho feito fugir em Pernambuco;* então disparou toda uma fileira do inimigo os mosquetes, e lhe meteu uma bala por os peitos, da qual morreu dai a poucas horas, dando-lhe Deus lugar de primeiro se confessar com o Bispo Dom Pedro da Silva de Sampaio, e foi enterrado com a solenidade que a opressão, e apertura presente deu lugar, porém foi sua morte mui sentida de todos.

Ainda que o Conde de Nassau João Maurício experimentou a resistência grande dos nossos portugueses, todavia não desistiu de seu intento, e como mais possível lhe foi, fez duas plataformas, nas quais assentou oito peças de canhões reforçados, e começou a bater a cidade, e o mesmo faziam do mar todas suas naus, ao que da cidade lhe respondiam com honrado, mas não gostoso retorno; e logo despediu um tambor por terra, e uma lancha por mar com embaixada ao governador; e dizem muitos que por a letra conheceram ser Gaspar Dias Ferreira o secretário, que no-

tou, e escreveu a carta da embaixada, na qual lhe dizia, que bem estava vendo da cidade a grossa armada, que ali estava, e em terra a multidão de soldados, e que em breves dias lhe havia de chegar de Pernambuco outro tanto poder, portanto que se entregasse a partido, o qual lhe seria concedido com muita liberalidade, e largueza, e quando não quisesse render-se estivesse certo que passados três dias naturais, que se lhe assinavam de prazo para se resolver o haviam de meter a ferro, e fogo, e a todos os que na cidade estivessem sem remissão alguma.

Ao Conde de Nassau respondeu o Governador Pedro da Silva desta sorte (ainda que com outras palavras, porem equivalentes a estas.) *As cidades a el-Rei Nosso Senhor nao se rendem senao com balas, e com a espada na mao, e depois de muito sangue derramado, e os animos portugueses nao se acovardam com palavras, senao com obras, nem se humilham a bravatas, e ameaças; estamos na ocasiao, quem ficar com vida podera contar o sucesso desta empresa; o que eu aconselhava a V. Senhoria (ainda que seja temeridade dar conselho a quem não o pede, nem lhe parece que o há mister) e é que tratasse Vossa Senhoria de conservar a vida, e lograr a verdura florente de seus anos, nao se metendo em representar comedias, que se lhe hão de converter em tragédias; eu tenho muita pólvora, e balas com que lhe fazer um presente, e muitos pajens para lhe servirem á mesa nesta festa; e por o que achar em mim, com ser tão môle, poderá conjeturar o que será em meus soldados, que são de natureza duros, e enfim portugueses, acostumados a não serem vencidos, e mais em tempo que estamos esperando que a galinha acabe de chocar os ovos, dos quais sendo o número quarenta, há de sair um galo, ou para melhor dizer um basilesco, que com seu canto, e com sua vista há de assombrar, e quebrantar a fúria dos mais orgulhosos do mundo; trate Vossa Senhoria das armas, que é o que lhe importa, e deixe de crer em sonhos que se lhe hão de converter em carvão; e perdôe a curteza de minha resposta, porque o que falta na língua suprirão logo as mãos, assim minhas, como de meus soldados, que não querem embaixadas, nem queriam permitir que eu lesse a carta de V. Senhoria, a quem Deus guarde de pensamentos fantásticos.*

Tanto que os embaixadores do Conde de Nassau chegaram aonde ele estava, se começou uma travada, e horrenda bataria de parte a parte, assim por mar, como por terra,

aonde houve muitas mortes entre os holandeses, e o Governador Pedro da Silva. Deitou fora da cidade por a porta que vai para S. Bento alguns capitaes com suas companhias para inquietarem o inimigo, os quais o fizeram valorosamente; e entre eles foram dois capitaes-mores Dom Antonio Camarão, e Henrique Dias, um com seus muios brasilianos, e outro com a tropa de seus negros crioulos, e mulatos, os quais o fizeram com tanto valor, e com tanta perda dos holandeses, que se fizeram dignos de immortais louvores; e neste tempo o governador nao perdia ponto em visitar as fronteiras, e baluartes, prover os postos de munições, e gente, animar os soldados, mostrando o esforço, e valor, que dentro em seu peito se encerrava. Viu-se o Conde de Nassau tão perseguido, e oprimido por todas as partes, e com tanta perda de sua gente, e que os portugueses cada vez se emboraveciam mais, e o punham em maior aperto, e que o iam chegando a ponto de totalmente ficar desbaratado, e perdido, que ao terceiro dia do combate, tanto que cerrou a noite, mandou disparar com grande fervor sua artilharia, e mosquetaria sem cessar até a madrugada. E neste entretanto que à noite durava se embarcou em suas naus com toda sua gente, deixando na Bahia os lugares circunvizinhos da cidade juncados de corpos mortos de seus soldados, aonde também deixou a artilharia que tinha tirado das naus, e outras munições, e bastimentos, e levando consigo muitos feridos com pernas, e braços quebrados, e passados por outras partes dos corpos (amêndoas confeitadas com que na Bahia os banquetearam) e assim se saiu da barra para fora, e se fez na volta de Pernambuco, aonde chegou, e desembarcou no Recife, não com tanta festa como se prometia, nem com tanto contentamento como desejava.

Neste tempo mandaram algumas pessoas principais de Pernambuco pedir encarecidamente ao Bispo que lhe mandasse da Bahia alguns sacerdotes para que lhes administrassem os Sacramentos, e que não permitisse que perecessem as almas ao desamparo, pois não faltavam caminhos secretos por onde podiam vir, e que eles ditos moradores os teriam escondidos, e resguardados de perigo enquanto o rigor dos holandeses não se amansava, e um religioso grave e douto chamado o Padre Frei Manuel do Salvador da Ordem de São Paulo, lhe escreveu uma carta, tomando por tema aquelas palavras de Cristo Nosso Senhor. *Messis quidem multa, operarii autem pavei, rogate ergo Dominum*

messis, ut mittat operarios in messem suam. Cheia de muitos encarecimentos, e autoridades de santos, e tão acomodado para mover a piedade, como se esperava das letras, virtude, e zelo cristão de quem a escreveu, e o povo em comum fez a mesma petição a El-Rei por via de Holanda, porém nos primeiros meses não chegou sacerdote algum da Bahia, nem houve resposta das cartas, só por via de Holanda veio nova a Pernambuco em como Sua Majestade, e o Coletor do Reino mandaram fazer advertência encarecida ao Bispo sobre esta matéria, estranhando-lhe o descuido que nisto mostrava, e boas aparências teve isto de verdade, (além de ser prática corrente) pois dali a cinco, ou seis meses das petições feitas, começaram a vir da Bahia alguns sacerdotes por caminhos secretos, e do mato, ainda que não passaram de oito, a saber seis religiosos, e dois clérigos, os quais retirados em lugares ocultos acudiram às obrigações de seus ofícios, e com os mais religiosos, e clérigos, que se haviam ficado na Capitania, começaram os moradores a se sentirem mais aliviados no espírito, e consolados entre os trabalhos que padeciam.

Sucedeu neste tempo que um frade, que era prelado do convento de Igarassu, ou por causa de suas eleições de prelazias, ou por outras queixas frivolas, e sem consideração, e mais em tempo de tantas ânsias, aonde os religiosos não haviam de tratar mais do que tratarem do serviço de Deus, e remédio das almas; o qual prelado se chamava Frei João da Cruz, mandou à Bahia secretamente com cartas um frade leigo seu súdito, chamado Frei Junipero; e aconselhando-lhe algumas pessoas timoratas, e prudentes, que tal não fizesse, pois os holandeses tinham posto por público edital pena de morto a todo o morador de Pernambuco, que ninguém escrevesse à Bahia, nem recebesse de lá cartas, nem agasalhasse, ou tratasse com alguns soldados que viessem a correr a campanha, ou a outra qualquer pessoa que da Bahia viesse, e que os que soubessem de algum morador que cometesse culpa nesta matéria, sob a mesma pena o fosse logo declarar ao seu tribunal supremo. E pois tinham visto o rigor com que castigavam esta culpa, e tinham já degolado, e enforcado alguns moradores, e dado tormento a outros, só por qualquer leve suspeita; todavia não obstante todas estas advertências o dito Frei João da Cruz mandou ao Frei Junipero à Bahia, o qual chegou lá, e deu as cartas que levava; e de lá trouxe outras, não somente dos religiosos do

convento, para seus irmãos, que cá estavam em boa quietação, mas também trouxe outras de alguns seculares, e ja pode ser que aviso, e mexerico em algumas delas para os holandeses.

Tornou Frei Junipero para Pernambuco e chegou ao seu convento, e deu as cartas, que para ali trazia, ao seu prelado, e mandou outras para os mais conventos da Ordem, aonde os holandeses permitiam que estivessem frades na vila de Olinda, na Paraiba, e em Ipojuca, mas tambem deu as que trazia para outras pessoas, e dentro em poucos dias os holandeses souberam desta jornada, e logo mandaram vir presos ao Recife ao dito Frei Joao da Cruz, e a Frei Junipero, e querendo lhe dar tratos, Frei Junipero com o temor do potro, que tinha diante dos olhos, e do algoz que se estava preparando, confessou logo que era verdade que fora, e viera, por assim lho mandar seu prelado, a quem tinha obrigação de obedecer por voto solene, e que ele prelado diria o que escreveu nas cartas, o qual perguntado por o que nisto se passava, respondeu que sobre certas coisas de sua religião, e de seus frades, escrevera a seu prelado maior, para prover nelas, e que as cartas não continham coisas tocantes à perturbação de seu governo, nem matérias de guerra, nem avisos do que na terra se passava; e porque com tudo isto lhe quiseram dar tratos, entregou as cartas, as quais lidas por um judeu português, os holandeses souberam muitas coisas, que entre os religiosos passam, e que não convinha que os seculares soubessem; nem eu me atrevo, nem me é lícito escrevê-las, porque como entre os religiosos entram ódios, logo o descrédito entra por as portas, e nascem muitas inquietações. Ficaram os holandeses sabendo os segredos dos religiosos, e desdenhando deles a bandeiras despregadas; e deram sentença que os dois religiosos morressem enforcados; e o houveram de ser se não acudiram muitas pessoas graves que rogaram ao Conde de Nassau que lhes perdoasse, e mitigasse este rigor, e porquanto o Conde se abrandou, que era benigno de natureza; e choveram dobrões nas mãos do fiscal, e mais ministros da Justiça, que é o caminho por onde se chega ao fim que se pretende entre os holandeses se lhe perdoou a morte, porém ficaram presos.

Tiveram notícias os moradores de Pernambuco em como o Padre Frei Manuel do Salvador estava retirado sobre o rio de São Francisco, arriba da força dos holandeses vinte

léguas ao sertão (aonde eles nunca foram) esperando ali a armada do Reino, que se esperava, para se embarcar: ou porque lh'o dissesse Frei Junipero, que passou por aquela parte para a Bahia, e por ali tornou, por ser parte segura, e secreta, ou o soubessem por dois moradores que ali com ele assistiam, por não tornarem a ver a cara ao inimigo; e logo que souberam do padre, por a experiência que tinham dos anos atrasados do cuidado, e boa-vontade, com que os acompanhou, e ajudou em seus trabalhos, assim no espiritual como no temporal, e dos bons serviços que então fez a Deus e S. Majestade, e a todo o povo, de dia, e de noite, não cessando no ministério de seu hábito, e logo se foram as pessoas mais qualificadas de Pernambuco ao Conde de Nassau (ao qual chamam Príncipe, e por Excelência, porque assim o tratavam, e o apelidavam os holandeses) e os portugueses por não caírem em sua desgraça e por granjearem benevolência para com ele, ainda lhe dariam mais altos títulos (se ele os aceitara) a respeito da sujeição de cativos, e o império de senhor; e assim que daqui em diante se eu o nomear com tal título, é por me acomodar à comum linguagem que então corria nas bocas de todos, e ao diante tocarei alguma coisa sobre este título, porque há de ser necessário.

Foram-se pois os nobres de Pernambuco ao Príncipe João Maurício Conde de Nassau, presenteando-o primeiro com alguns mimos, e regalos de consideração, para granjear seu beneplácito; e em nome de todos os portugueses moradores da terra, lhe pediram encarecidamente fosse servido de lhes conceder licença para vir assistir o dito Padre Mestre Frei Manuel do Salvador entre eles; e tantas coisas lhe disseram acerca dele só, a efeito de o honrarem, e acreditarem, em virtude, letras, e exemplar vida (coisa de que o padre se sentia tão falto, e minguado, quanto eles abundantes em cuidar que com o louvarem, e dizerem o que ele não presumia de si lhe faziam favor). Porém o que os moradores intentavam era granjear por este caminho que lhes pregasse a palavra de Deus, de que tanto careciam. Cresceu-lhe ao Príncipe a cobiça de ver ao padre, e falar com ele, que não somente lhes deu licença para o mandarem chamar, mas também ele mesmo lhe escreveu que viesse com toda segurança, pois era pedido dos moradores. Mandaram os moradores aviso ao Padre Frei Manuel do Salvador por um próprio, porém ele em lendo as cartas, trouxe à memória como havia trazido soldados contra os holandeses, e lhes tinha

feito muitos males, e que o ódio que lhe tinham se poderia renovar com qualquer ocasiãozinha, por leve que fosse, e tomarem vingança dele, e começou a temer, e a recear, e determinou de mudar sítio, e rancho para onde não fosse achado; e despediu o mensageiro, respondendo que ele iria, e com uma carta mui cortês, e agradecida ao Príncipe, porém antes que o mensageiro lhe chegasse com a resposta, já ele tinha despedido outro com outra carta, que ao padre foi dada por ordem dos moradores, na qual lhe pedia que viesse sem mais dilação, e sem temor algum das coisas atrasadas, porque ele lhe dava sua palavra de que não seria molestado, antes ele o tomava debaixo de sua proteção, e amparo para o defender nas opressões, e favorecê-los nos trabalhos

Tanto que o Padre Frei Manuel do Salvador recebeu esta segunda carta, logo sem mais tardar se pôs ao caminho, e veio apear-se a porta do Príncipe, e como ele o nao conhecia, nem o tinha ainda visto, o seu capitão da guarda Carlos de Torlon, com quem o padre já tinha falado algumas vezes, o foi apresentar ao Príncipe, e lhe disse quem o padre era, o qual o recebeu com muita cortesia, não por quem o padre era, senão por o que os moradores lhe haviam dito de sua virtude, e letras; e aquele dia lhe deu jantar a sua mesa, à sua mão direita, e praticando com ele em diferentes matérias em língua latina (na qual ele era doutrinado) lhe ofereceu sua casa para morar, e apertou muito com o padre que aceitasse a oferta, ao qual depois de lhe agradecer, e ainda beijar a mão com as mais corteses palavras que lhe ocorreram, por a mercê e favor oferecido, respondeu o padre, que pois Sua Excelência lhe tinha feito mercê de lhe dar licença para morar em Pernambuco, em qualquer parte ele assistisse lhe chegariam os favores, e mercês de sua mão; e que o morar de suas portas a dentro nem a Sua Excelência lhe estava muito a conto, nem a ele dito padre convinha por algumas razões, porque como ele era sacerdote, e pregador, haviam de acudir a ele, assim nas festas principais, como nas necessidades da administração dos Sacramentos aos portugueses; e não era justo o andarem-lhe todos atravessando sua casa, e rompendo a sua guarda, ainda que Sua Excelência desse ponto a seus ministros, e licença para que todos os que com ele dito padre quisessem falar, entrassem e saíssem livremente, e secundariamente, que como ele era homem enfermo, algumas vezes lhe seria necessário estar despido, e outras gemer, e chorar, e que não queria que lhe

entrassem por a porta sem bater seus criados, e familiares, e o vissem descomposto no trajo, que isto lhe seria mui penoso, e que outrossim estando ele dito padre das portas a dentro dele dito Príncipe, não se lhe havia de consentir o dizer missa, nem administrar as confissões, e mais Sacramentos da Igreja Católica Romana, o que morando em outra parte podia facilmente, e com comodidade exercitar, e pregar o Santo Evangelho, pois para isso o povo o havia pedido; e S. Excelência lhe havia feito mercê de licença para vir a assistir entre os moradores para remédio de sua salvação, e consolação de suas almas; e que morando em sua casa, se tivesse a porta fechada como lhe convinha, poderiam os de sua casa ter mau conceito dele, assim na familiaridade como em matéria de soberba; e no fim de outras razões lhe disse, que pois Sua Excelência o tinha chamado por suas cartas, por se mostrar benévolo, e afeiçoado aos portugueses, que todas suas faltas haviam de correr por sua conta para com os senhores do supremo Concelho, para responder por ele, e assim que para ele desempenhar o favor, e mercê que lhe fãzia, lhe convinha viver fora de sua casa aonde todos notassem seu modo de proceder, e grandes, e pequenos fossem fiscais de sua vida, e costumes, o que não se podia conseguir morando de suas portas adentro, porque ali ainda que ele comesse meninos, tudo se lhe encobriria por seu respeito, e ninguém se atreveria a condenar seus erros vendo-o fão chegado à sua sombra.

Ouvindo o Príncipe João Maurício estas razões aceitou a escusa, porém com condição de que não morasse muito longe do Recife, e que todas as vezes ali viesse agasalhar-se à sua casa, porquanto folgava muito de falar com ele. Esteve o padre com ele três dias experimentando o favor que lhe fazia, e consigo revolvia mil pensamentos sobre descobrir o fim a que tiravam estes favores, porém deviam de nascer de sua benignidade, e de querer por este caminho mostrar-se propício aos portugueses, que tanto haviam solicitado sua vinda. Soube-se logo em como o padre era chegado, e o vieram muitos visitar, e entre eles o obrigou a se ir para sua casa Francisco Berenguer de Andrade, pessoa muito nobre, e de generoso peito, morador na Várzea de Capibaribe, e que não querendo viver de suas portas adentro lhe mandaria fazer uma casa junto à sua, na qual estaria à sua vontade, e lhe não faltaria a sustentação, e nesta conformidade lhe mandou logo um carro para levar nele os seus livros e, al-

guma roupa que trazia. Mandaram-lhe fazer uma casa junto ao rio Jiquiá detrás da capela do Bom Jesus, aonde o padre lhe dizia missa a todos os que por ali moravam, e dali saía a pregar nas festas principais, e acudia a administrar os Sacramentos a todos os que o chamavam, e tinham necessidade.

Não tinha o padre morado naquela paragem dez dias contínuos, quando o Príncipe o mandou chamar, e depois de lhe perguntar o como se achava na terra, e se estava já descansado da viagem, lhe disse que os moradores portugueses lhe haviam feito petição em como eles viviam na Capitania de Pernambuco à obediência dos senhores Estados de Holanda, com permissão de liberdade de consciência, e de poderem viver na pureza da Santa Fé Católica Romana, e que para isso lhes havíamos permitido a assistência de sacerdotes, entre os quais não havia homens letrados, nem estes sacerdotes tinham cabeça que os governasse, e provesse das licenças eclesiásticas para a administração dos Sacramentos, e decidisse as coisas pertencentes à Igreja, o que só podiam fazer os provisores, e vigários gerais, ou administradores, como de antes os havia em Pernambuco; e como de presente estavam necessitados deste bem, nem o podiam procurar da Bahia, por não haver, nem se permitir por os senhores do supremo Concelho a comunicação com ela, lhe pediam licença para fazer uma junta dos sacerdotes, que se achassem na Capitania conquistada por armas de Holanda, para elegerem cabeça, que no eclesiástico os governasse, e que antes da tal junta todos, assim eclesiásticos, como seculares de mão comum, lhe pediam ao dito padre para o tal cargo, como se podia ver em três papéis, que ele tinha em sua mão, nos quais estavam assinados os mais dos moradores, e clérigos, em nome de todo o mais povo, os quais papéis lhe meteu na mão, e como ele se queria mostrar propício, e benévolo para com todos os portugueses, e por o que do dito padre tinha alcançado, o tinha também eleito no tal cargo, pelo que não duvidasse de o aceitar, pois era pedido, e desejado; ao que ele respondeu, que não podia ter o tal cargo, porquanto lhe faltava a jurisdição, que suposto que no temporal a podia Sua Excelência dar, e os senhores do supremo Concelho, como senhores conquistadores da terra, e possuidores dela, todavia no espiritual só a podia dar

o Bispo que estava na Bahia, como prelado de todo o Brasil, constituído por prelado por Sua Majestade, e confirmado por a Santa Igreja Romana, ou por o Papa como universal prelado de toda a Igreja, e sucessor de São Pedro em Vigário de Cristo, ao que o dito Príncipe lhe respondeu, que mandasse buscar a dita licença, e jurisdição, ou do Coletor de Portugal, ou de Roma, por via de Holanda, que ele o aceitaria; mas que não lhe falasse na Bahia, nem no Bispo que nela estava, porquanto não se queria encontrar com as ordens de Holanda, nem com o decreto de seu supremo Concelho, pedidos, e solicitados por os seus predicantes.

Aceitou o padre os três papéis, aonde vinham assinados muitos sacerdotes, e os mais dos moradores de Pernambuco, dizendo que ele faria a diligência necessária debaixo do beneplácito de Sua Excelência. Porém não quis tratar deste negócio, porque era coisa que muito o acovardava a tomar sobre os seus ombros almas alheias, tendo ele tanto em que lidar, para dar a Deus conta da sua, mas antes vendo que se lhe ia acabando a licença que tinha Apostólica, e da Mesa da Consciência, para assistir nestas partes, determinou de se embarcar para o Reino, e para sua religião por via de Holanda, e alcançou do supremo Concelho licença para isso, o que sabido por os moradores da terra, acudiram ao Príncipe com um papel assinado por muitos, em nome de todo o povo, e com uma petição em forma de embargos na qual lhe pediram que lhe não desse a tal licença, antes lh'a negasse, e impedisse sua saída desta terra com as penas que lhe parecesse, porquanto ficavam desamparados nos bens espirituais com sua ausência; e defendendo-se o padre, que se lhe ia acabando a licença que tinha, e que não podia com boa consciência assistir mais nestas partes; os moradores se comprometeram em que lhe mandariam vir a tal licença de Roma por via de Holanda; e assim o fizeram impetrando-lhe de Sua Santidade o Sumo Pontífice Urbano VIII o breve, que aqui vai escrito de verbo ad verbum, sem que dúvida faça, e se deitou no livro das notas do público tabelião Manuel João de Nerva, para estar ali vivo, e seguro, e em mão do padre ficou o original para sua guarda, e quietação de sua consciência. Segue-se o traslado do Breve.

DILECTO FILIO FRATRI

Emanueli á Salvatore Religioso Ordinis S. Pauli Eremitæ de Provincia Regni Portugaliæ, in Capitaneatu de Pernambuco in partibus Indiarum.

URBANUS Pp VIII

Dilecte fili, salutem, e Apostolicam benedictionem. Nuper nobis oblata pro parte dilectorum in Christo filiorum fidelium Christianorum habitantium in Capitaneatu, seu Provincia de Parnambuco Brasilieæ terræ in Indiis petitio cum laudabili informatione multis oculatis testibus, per publicos Scribas recognitis, confirmada, continebat: quod eum Parnambucum intrasses cum licentia Regis data in supremo Senatu suo Mensæ Conscientiæ, e per nostrum Collectorem, e Vicenuntium Regni Portugaliæ, qui Vicarii Generalis Ordinis tui manus obtinet confirmata, pro acquirendis eleemosinis ad patrem tuum senio confectum sustentandum, vitæque statum sorori tuæ puerperæ iam nubili administrandum; intra paucos menses post tuum accessum, Belgæ de partibus Aquilonis cum ingenti classe, copiosoque exercitu aduentarunt, qui Parnambucanam Provinciam invadentes, armorum ui totam sub sua ditione redegerunt, concremando domos; templa profanando, frangendo Sacras Sanctorum imagines, viros, mulieres, e pueros interficiendo, alios variis modis cruciatus afficiendo, e præcipue Ecclesiasticos, ut Ecclesiarum thesauros traderent, utentesdenique, tantis crudelitatibus, peius quam fieri solet incivitatibus captis vastatione hostili. Quapropter omnes habitatores terræ illius fugæ se dederunt, pergentes ad loca deserta, ubi per campos, montesque invios, steriles, e inaquosos miseriarum pleni, consolatione orbati, absque victualibus, alii fame periebant; cæteri morte semper ante oculos obversante, vitam degebant. Pronuntiato tamen edicto per Belgarum Gubernatores, ut quicunque incolarum terræ in domos suas revesti voluissent; facultas eis dabatur cum permissione libertatis conscientiæ, ut in fide Catholica, sicut antea, sine impedimento possent vivere, cum onere tamen soluendi Belgico potentatui victori decimas, gabellas, aliosque redditus, quos Portugaliæ Regi soluere consueverant; quasi omnes Incolæ in domos suas, ne inter deserta loca perirent, reversi sunt. Sed cum non haberent Sacerdotes, quieis Sacramenta

ministrarent (metu namque mortis aufugerunt) magna tristitia affligebantur. Audientes tamen te Fratrem Emmanuelem á Salvatore inter siluas, desertumque locum latitare facultate á Belgarum Gubernatoribus accepta, per nuntium vocarunt, teque adueniente petitio, e electio corum vacua non exivit. Nam onus grave cum magna alacritate accepisti, e per quinquennium Sacramenta ministrando, confessiones audiendo, missam per domos celebrando, predicando verbum Dei, pusilanimes in fide confortando, hæreticam pravitatem detestando inpublicis concionibus, disputationibusque quam plurimos hæreticos ad fidei Catholicæ Romanæ cognitionem, e confessionem reduxisti, e quanuis propter hoc magna odia inter Belgas adversum te orirentur, vita tamen tua honesta, honestique mores tui inimicorum manus ligabant, tantam que benevolentiam tibi ostendebant; ut mediante intercessione tua, furorem, rigoresque erga Catholicos mitigarent, e cum in vinea Christi indefesse die, noctuque ægra quase semper valetudine laboondres; loco patris te omnes habebant. Videntes tamen incolæ Parnambucani, te ut in Portugaliam, tuamque, Religionem revertereris operam dare propter licentiam, quæ quasi finita erat; e ad tuum superiorem recurrere erat difficilimum ob defectum commeatus. Prædicti incolæ terræ prævidentes sua lucra cessantia, damnaque ex tua absentia in rebus spiritualibus emergentia; de precatione ad Belgarum Gubernatore facta tuam discessionem, exitumque impedierunt; promittentes se á Sede Apostolica prorrogationem licentiæ per viam Belgicæ regionis consequuturos. Quapropter cum largis, laudabilibusque, informationibus de tuis moribus, e vita, multisque, laboribus in fidei propagatione perpessis, quæ visæ, examinatæ, e approbatæ fuerunt per personas ad id negotii deputatas, Nos, e Sedem Apostolicam humiliter, e suppliciter deprecari fecerunt, ut benigne, e misericorditer necessitati eorum de benignitate Apostolica succurrere dignaremum, concedendo tibi Fr. Emmanueli á Salvatore licentiam, ut in Parnambucana Provincia in Indiis inter illos secundum beneplacitum nostrum, vel in quantum bella durarent, e necessitas id postularet assistere potuisses. Nos igitur eorum supplicationibus inclinati; e attento quod ad Regnum Portugaliæ tutus non poteat accessus propter bellicos tumultus, e alia incommoda, quæ ex tuo discessu possunt oriri in ipsa Provincia. E paternali animo animarum salutem desiderantes, in primis te Fratrem Emmanuelem á Salvatore Religiosum, e

prædicatorem Ordinis Sancti Pauli de Provincia Portugaliæ á quibusuis excommunicationis, suspensionis, interdicti aliisque Ecclesiasticis censuris á iure, vel ab homine propter defectum licentiæ, vel aliquo alio titulo collatis, si quibus quomodolibet innodatus existis, absolvimus, e absolutum esse volumes: e tenore præsentium tibi concedimus ut per subsequentes sex annos in Brasilia Regione in Indiis in Capitaneatu á Belgis occupato possis commorari. Non cessando á prædicatione verbi Dei, sed te sicut á Deo fecisti, in propagatione fidei Catholicæ, curaque animarum exercendo ad cuius exequutionem, te prædicatorem Apostolicum constituimus, e ut tibi hic labor maioris sit meriti apud Deum. hoc tibi in virtute obedientiæ commendamus: præterea tibi facultatem administradi omnia Sacramenta, e absoluendi in casibus reservatis, dispensandique in impedimentis matrimonii, sicut Episcopi solent in suis Diæcesibus, quando magna necessitas ie ad indicium prudenis viri postulaverit: concedimus; in quo netogio conscientiam tuam oneramus, durante tandem patio huius sexennii licentiæ nostræ. Immunitates, e privilegia tuæ Religionis non amissurum scias. Datum Romæ apud Sanctum Petrum sub Annulo piscatoris. Pridie nonas Junii Anno domini M. DC.XXXXI. Pontificatus nostri decimo-octavo.

M.A Maraldus.

Tendo já o Principe descansado do trabalho da infausta viagem que havia feito à Bahia, e de uma tão importuna, e terrivel guerra, continuada por quarenta dias, aonde achou tão grande resistência que o fizeram retirar com as mãos na cabeça, e aonde os capitães, e soldados portugueses mostraram tanto valor, e o Conde de Banholo deitou as mãos de fora, acudindo à defensão da cidade com a infantaria que havia levado de Pernambuco, que como soldados velhos, e costumados a brigar com os holandeses, foram a principal causa de a Bahia se defender, o ficar vitoriosa (como se poderá ver nos tratados que pessoas curiosas com particularidades escreveram esta história). Estomagado do mau sucesso, ainda que quanto podia encobrir o sentimento; e vendo que vinham entrando alguns capitães com pequenas tropas de soldados ligeiros da Bahia em Pernambuco correndo a campanha, e que saíam de entre os matos, e davam assaltos nas casas, e fazendas dos holandeses, e

judeus, que viviam no sertão, e os roubavam, e matavam, sem poderem ser tomados as mãos, e que entre estes capitães os que mais dano lhe faziam eram André Vidal de Negreiros, e Paulo da Cunha, se ajuntaram todos os do supremo Concelho, e receosos de que da jornada que Frei Junipero havia feito à Bahia lhe viessem muitos danos, querendo na raiz atalhar o mal que podia vir nos ramos, e frutos, e tomando também ocasião de que alguns confessores frades haviam negado a absolvição a alguns holandeses, e franceses católicos, porquanto tomavam armas contra cristãos em uma guerra tão injusta, e lhe aconselhavam que não servissem os flamengos, ou se fossem para a Bahia aonde se lhes daria passagem livre para suas terras, passaram um edital em que mandaram o seguinte.

Que todos os religiosos de qualquer Ordem, hábito, e condição que fossem, assistentes nas terras subjugadas aos estados de Holanda dentro em um mes, termo preciso, e peremptorio, com pena de morte se recolhessem dentro na Ilha de Itamaracá, o que se cumpriu a risca, ainda que dois ou três se ficaram escondidos entre o mato, esperando que o rigor se mitigasse, e até ver que fim isto tinha. Tanto que os religiosos estiveram na Ilha de Itamaracá os soldados flamengos lhe fizeram muitas injúrias, e agravos, e lhe roubaram toda a roupa, e miudezas que consigo haviam levado e lhe davam a comer por esmolas, o que sabido por o Príncipe lhe mandou uma pipa de vinho, e algum mantimento de sua fazenda com que se sustentaram alguns dias, que seriam até um mês, no fim do qual os mandaram embarcar, repartidos por as naus de uma frota que saiu do Recife; e tanto que os embarcaram, os que iam nas naus, soldados, e marinheiros, despojaram logo os religiosos de seus hábitos, e os deixaram em ceroulas, e em camisa, e os foram deitar por essas praias desertas das Índias de Castela, e em outros portos diferentes, com tanta descomodidade, que quase todos morreram. E feito isto mandaram tomar as armas a todos os moradores da terra, sem lhes deixarem um bordão ferrado para se arrimarem no tempo da chuva, por não escorregarem, e caírem.

O Padre Frei Manuel do Salvador também esteve sentenciado ao embarcarem, e deitarem fora da terra com os outros religiosos, se não fora o Príncipe, o qual se pôs da sua parte, e disse aos do supremo Concelho que não convinha que o desterrassem, pois estando ele em lugar seguro

ele o mandara chamar, e que não era justo que se dissesse que sua palavra era falsada, e se quebrava, e que o havia chamado com engano, e que se o desterrassem seria inquietar, e agravar a todos os portugueses moradores da terra, que lhe haviam pedido, que o mandasse buscar aonde ele estava quieto, e que pois pretendiam viver na terra era necessário estar bem com os moradores que a cultivavam, e lhe davam proveito, e que ele Príncipe tinha bem esquadrinhado o modo de viver do dito padre, e tinha achado que se não metia em matérias de guerra, nem do governo, se não somente em fazer seu ofício de sacerdote, e em pregar o Evangelho ao povo católico, para o que se tinha dado liberdade aos portugueses, como também se tinha dado aos judeus, e com mais largueza, pois aos judeus se concedia o terem suas asnogas patentes dentro de suas fortificações e fazerem suas cerimônias judáicas, e que se proibia aos portugueses dizerem missa, e pregar nos tais lugares senão somente nas suas igrejas fora do Recife, e que se eles ditos assistentes no supremo Concelho tinham alguma culpa, que alegar contra o dito padre, ou algum cargo que lhe impor, que o manifestassem, e que em tal caso iria degradado com os outros; e não havendo o que alegar contra ele, que não havia de ir fora da terra, e que para escusar algum falso testemunho ele o traria logo para sua casa, e nela moraria: e por este meio ficou na terra.

Logo o Príncipe mandou chamar ao padre aonde ele habitava junto ao rio Jiquiá, e lhe disse que se viesse para sua casa, porque importava que assim o fizesse, ao que lhe replicou, que de nenhuma modo lhe convinha viver de suas portas adentro, dando-lhe tais razões que ficou satisfeito; porém tornou-lhe a dizer, que pois não aceitava sua casa para morar, que pelo menos fizesse uma casa dentro das suas fortificações, pois muitos mercadores, e portugueses faziam casas para morar na sua cidade nova, chamada Maurícia que ele atualmente com tanto gosto estava edificando na ilha de Santo Antônio, a qual dividia do Recife o rio Capibaribe; e que ele lhe daria o sítio, que escolhesse, e o ajudaria a fazer a casa, e apertando-lhe a mão, lhe disse em secreto que também lhe daria licença para dizer missa em sua casa às portas fechadas para sua consolação, e de alguns católicos seus amigos. Aceitou a mercê, e lhe beijou a mão por ela, mandou cortar a madeira para a casa, e ajuntou a cal, e tijolo, e mais materiais em breve, e escolheu uma pa-

ragem apartada, e o Príncipe lhe ajudou a fazê-la com seu cabedal. A casa feita se veio a morar dentro das fortificações, e dali saía a pregar por os lugares, e nas festas, para cuja solenidade o chamavam os moradores; e ali naquele sítio fez mais serviços a Deus, e foi de mais proveito às almas de muitos, do que o fazia morando fora, e no campo, como ao diante se dirá, por ser coisa pública, e notória, e constar por papéis autênticos, e juntamente para exemplo dos que alguma vez se virem nestas partes, e acharem em semelhantes ocasiões.

Andava o Príncipe Conde de Nassau tão ocupado em fabricar a sua nova cidade, que para afervorar os moradores a fazerem casas, ele mesmo, com muita curiosidade, lhe andava delineando as meadas, e endireitando as ruas, para ficar a povoação mais vistosa, e lhe trouxe a entrar por o meio dela, por um dique, ou levada, a água do rio Capibaribe a entrar na barra, por o qual dique entravam canoas, batéis, e barcas para o serviço dos moradores por debaixo das pontes de madeira, com que atravessou em algumas partes este dique a modo de Holanda, de sorte que aquela ilha ficava toda rodeada de água: também ali fez uma casa de prazer, que lhe custou muitos cruzados, e no meio daquele areal estéril, e infrutuoso plantou um jardim, e todas as castas de árvores de fruto que se dão no Brasil, e ainda muitas que lhe vinham de diferentes partes, e a força de muita outra terra frutífera, trazida de fora em barcas rasteiras, e muita soma de esterco, fez o sítio tão bem acondicionado como a melhor terra frutífera; pôs neste jardim dois mil coqueiros, trazendo-os ali de outros lugares, porque os pedia aos moradores, e eles lh'os mandavam trazer em carros, e deles fez umas carreiras compridas, e vistosas, a modo da alameda de Aranjués, e por outras partes muitos parreirais, e tabuleiros de hortaliça, e de flores, com algumas casas de jogos, e entretenimentos, aonde iam as damas, e seus afeiçoados a passar as festas no verão, e a ter seus regalos, e fazer suas merendas, e beberetes, como se usa em Holanda, com seus acordes instrumentos; e o gosto do Príncipe era que todos fossem ver suas curiosidades, e ele mesmo por regalo as andava mostrando, e para viver com mais alegria deixou as casas aonde morava, e se mudou para o seu jardim com a maior parte dos seus criados.

Também ali trazia todas as castas de aves, e animais que pôde achar, e como os moradores da terra lhe conhe-

ceram a condição e o apetite, cada um lhe trazia a ave, ou animal esquisito que podia achar no sertão, ali trazia os papagaios, as araras, os jacis, os canindés, os jabotis, os mutuns, as galinhas de Guiné, os patos, os cisnes, os pavões, os perus, e galinhas grande número, tantas pombas, que não se podia contar, ali tinha os tigres, a onça a suçuarana, o tamanduá, o búgio, o quati, o saguim, o apeteá, as cabras do Cabo Verde, os carneiros de Angola, a cutia, a paca, a anta, o porco javali, grande multidão de coelhos, e finalmente nao havia coisa curiosa no Brasil que ali não tivesse, porque os moradores lh'as mandavam de boa-vontade, por a boa inclinação que viam de os favorecer, e assim também lhe ajudaram a fazer as suas duas casas, assim esta do jardim aonde morava, como a da Boa Vista sobre o Capibaribe aonde ia muitos dias passeando a se recrear, porque uns lhe mandavam a madeira, outros a telha, e o tijolo, outros a cal, e finalmente todos o ajudaram no que puderam; e ele se mostrava tão agradecido, e favorecia de sorte aos portugueses, que lhe parecia que tinham nele pai, e lhe aliviava muito a tristeza, e dor de se verem cativos.

Estava neste tempo Pernambuco mui florente de fazendas, que vinham de Holanda, e tanto era o dinheiro de prata e ouro, que até os negros, e negras traziam dobrões nas mãos, haviam vindo com os holandeses quando tomaram a Pernâmbuco alguns judeus, os quais não trazendo mais que um vestidinho roto sobre si, em breves dias se fizeram ricos com seus tratos, e mofatras, o que sabido por seus parentes, que viviam em Holanda, começaram a vir tantos, e de outras partes no Norte, cada um com suas baforinhas, que em quatro dias se fizeram ricos, e abundantes. porque como os mais deles eram portugueses de nação, e haviam fugido de Portugal por temor da Santa Inquisição, e juntamente sabiam falar a língua flamenga, serviam de línguas entre os holandeses, e portugueses, e por esta via granjearam dinheiro, e como os portugueses não entendiam os flamengos, nem eles aos portugueses, e não podiam negociar nas compras, e vendas, aqui metiam os judeus a mão comprando as fazendas por baixo preço, e logo sem risco, nem perigo as tornavam a revender aos portugueses com o ganho certo sem trabalho algum; também tomaram todos os ofícios de corretores, dados por os flamengos, e por esta via não havia coisa de proveito que lhe não passasse por as mãos, e assim eles tomavam para si o de que maviam de ter

a ganância certa, e o de mais passavam a terceiros, e quando os portugueses haviam de fazer algumas petiçoes aos ministros da justiça holandesa, ou mover alguma causa, os judeus faziam as petiçoes, e eram os procuradores das causas, e vinham em conhecimento de todas as coisas, e por se congraçarem com os holandeses lhes descobriam todos os segredos que na terra havia, e tambem nisto tinham seu ganho; deram tambem em dar alvitres aos holandeses para os enriquecer, e fazer aos moradores pobres, e assim em muitas coisas iam flamengos, e judeus torros, e a partir, e os mercadores flamengos vendo que nao vendiam nem compravam por razão de os portugueses nao saberem sua lingua, e que so os judeus negociavam, e se faziam ricos, levantaram um motim contra eles, e os pretenderam deitar fora da terra, o que não puderam conseguir, porquanto os judeus como eram muitos, e estavam ricos, ajuntaram boa cópia de dinheiro, com o qual untaram as mãos aos do supremo Concelho.

Os moradores holandeses alegavam de sua parte, que eles, e os de sua nação haviam ganhado a terra com muito derramamento de seu sangue, e com muitas vidas perdidas na empresa, e com muito dispêndio de sua saúde, e fazenda, e que os judeus depois da terra ganha vieram de Holanda a ela, e como sabiam a lingua portuguesa, eles eram os que negociavam, e tiveram o proveito, e se faziam ricos, e os flamengos por falta de saberem a língua tinham as fazendas postas aos cantos sem as venderem, senão aos mesmos judeus, aos quais as vendiam por baixo preço, por não lhe apodrecerem, e se comerem da traça, e assim os judeus sem lhe haver custado trabalho, nem dispêndio, estavam prósperos, e os flamengos se iam perdendo de remate; e esteve o negócio mui baralhado, porém como os judeus que haviam vindo de Holanda tinham muitos parentes em Pernambuco, os quais havendo vivido na lei de Cristo até a tomada da terra; todavia depois que os holandeses a ganharam haviam tirado o rebuço com que andavam encobertos, e se circuncidaram, e declararam por judeus publicamente, e estes tinham muitas fazendas de raiz na terra, mancomunaram-se uns com os outros, e prevaleceram, e se fizeram senhores de engenhos e lavradores de canas, e apoderando-se do melhor da terra, e os portugueses caindo de cabeça abaixo Entre os cristãos novos, que se circuncidaram com grande escândalo do povo cristão, pois se haviam criado aos peitos da S. Madre Igreja Romana, foram Gaspar Francisco

da Costa, Baltazar da Fonseca, e seu filho Vasco Fernandes, e seus filhos, Miguel Rodrigues Mendes, Simão do Vale, e outros muitos, que por não ser molesto ao leitor, não ponho aqui; e era prática comum entre os judeus (segundo lhe ouvi dizer por muitas vezes), que não havia homem de nação em Pernambuco que não fosse judeu, e que se se não declaravam era por temer que o mundo desse volta, e que tornasse a terra a ser de Portugal, e que se isso não fora, já todos se haviam de ter declarados por judeus. Porém entendo que diziam isto por desacreditarem aos homens de nação honrados, e verdadeiros cristãos, que viviam em boa reputação, e não queriam seguir sua maldade, e pertinácia. E (salvo o melhor juízo) eu me resolvo que os homens de nação que viviam em Pernambuco, o nesta ocasião não seguiram a lei dos judeus, nem se apartaram da Fé de Cristo, antes se mostraram mais observantes dela, tendo a porta aberta para o poderem fazer; estes tais digo que são verdadeiros cristãos, e qualificados, e por tais se podem ter, e estimar em muito

Declarani-se algumas coisas concernentes a este assunto da liberdade de Pernambuco

Havia em Pernambuco dois homens, que privavam muito com o Príncipe João Maurício Conde de Nassau, e com os do supremo, e político Concelho dos holandeses, e ambos mui encontrados na vida, e costumes, um se chamava João Fernandes Vieira, e outro Gaspar Dias Ferreira; um tratava de granjear sua vida, e também a amizade dos holandeses com dispêndio de sua fazenda, e o outro tratava de seu próprio interesse, e de fazer ricos aos holandeses a custa da fazenda, e sangue dos moradores. Gaspar Dias Ferreira foi o primeiro português, que com sua mulher, e filhos se veio a meter dentro das fortificações dos holandeses, e os encaminhou para granjearem muitas riquezas; e desta heróica virtude o vi eu gabar-se ao famoso pirata o Pé de Pau, para granjear terra, e familiaridade para com ele; este acompanhou ao Príncipe João Maurício na jornada que fez à Bahia, com intento de a arrendar aos Estados de Holanda (como temos dito atrás). Não havia alvitre que não inventasse para que os holandeses granjeassem dinheiro, e se apoderassem das fazendas dos moradores, ficando-lhe a ele a sua parte; também maquinou outra traça para

se fazer rico, e enriquecer ao Príncipe, e foi persuadir aos senhores de engenho, e lavradores de cana, que fizessem um presente de caixas de açucar ao Príncipe para o terem de sua parte, e propicio em todas suas necessidades; e ele em pessoa foi as portas de todos a fazer esta diligencia, e por outra mandou a Manuel Ribeiro Dessa, e tambem foi Fernão de Holanda, e ajuntaram seiscentas caixas de açucar; e no seguinte ano quinhentas, e no terceiro ano tornando a fazer a mesma viagem, sabendo os moradores que Gaspar Dias Ferreira se ficava com a maior parte daquelas caixas, e que aquilo era por-lhe imposição, e foro sobre seus ombros, do qual ao diante se não poderiam livrar, lhe responderam alguns, que quando eles quisessem fazer um mimo ao Príncipe de algumas caixas de açucar, eles o fariam pessoalmente, para que conhecesse quem lhe fazia o tal serviço, e lh'o agradecesse; e nem queriam que ele Gaspar Dias Ferreira lhe apresentasse aquela soma de caixas, ou as que ele quisesse apresentar da soma que ajuntava, para que o Príncipe lh'o agradecesse somente a ele, sem saber, nem conhecer quem lhe fazia o tal serviço, e que se ele dito Gaspar Dias Ferreira queria enriquecer, que o ganhasse com trabalho como os demais faziam; e que se queria privar com o Príncipe, e com os holandeses que lhe desse do seu, e não do alheio; e assim no terceiro ano parou esta tramóia, e Gaspar Dias ficou assaz confuso, e sobressaltado, vendo que iam os homens descobrindo suas estratagemas.

Outro modo inventou de ajuntar dinheiro para si, e congraçar-se com o Príncipe, e isto debaixo de capa de virtude, e bom zelo. Tinham os padres de São Bento na Capitania de Pernambuco um engenho de açúcar em Mussurepe, e um partido de canas em Jaguaribe, e outro na Paraíba, com administração das quais fazendas corriam quatro padres da dita Ordem, que haviam ficado na terra, e as beneficiavam, sustentando-se delas, e davam aos holandeses o que podiam de renda; e estes padres se chamavam Frei Cipriano, e Frei Estêvão de Jesus, e Frei Anselmo, o qual depois foi eleito em abade, e Frei Simão frade leigo. Que fez pois Gaspar Dias Ferreira? Ajudado com o favor do Príncipe, fez petição aos do supremo Concelho, que para que os portugueses lhes ficassem mais afeiçoados, e obrigados, lhe largassem aquele engenho, e fazendas, para sustentação dos vigários das freguesias, que na Capitania havia; o que eles fizeram mais por granjearem os ânimos dos portugueses do

que por vontade. Mandou logo Gaspar Dias chamar a todos os vigarios, e lhes disse que fossem a beijar a mão assim ao Principe, como aos senhores do supremo Concelho, por a mercê e favor que lhe haviam feito, e ajuntando-os em sua casa, assentou com eles, que o Padre Frei Estêvão de Jesus correria com este engenho, e fazendas, e que ele Gaspar Dias seria o cobrador, e depositário da renda, para pagar a cada vigário sessenta mil reis cada ano, e de todos tirou certidões daquele grande beneficio que lhe havia feito; ele cobrou as rendas por cinco anos, porem nenhum vigário se gabara que recebeu de sua mão nem um vintém; e indo alguns a ele que lhe pagasse o seu ordenado, lhe respondeu que aquela potava era para o Principe, e que assaz mercê se lhe fazia em os permitirem assistir na terra. Ele cobrou o dinheiro, e fez dele o que lhe pareceu, e os pobres vigários ficaram olhando para o Norte, não ousando nenhum de se queixar em público por o grande temor que tinham de eles lhes fazer algum mal. E outras coisas fez este homem dignas de memória, as quais tocaremos em seus lugares, e constarão por as devassas que S. Majestade será servido de mandar tirar tanto que a terra estiver restaurada, que será assim necessário para que venha em conhecimento das pessoas, que neste tempo de tribulação, e cativeiro foram dignas de prêmio, e merecês; e quais merecedores de repreensão, e castigo. E pois neste parágrafo falamos no Padre Frei Anselmo, é de saber, que quando degradaram aos mais religiosos, temendo ele a morte, como prudente, e sábio, e velho, se meteu por entre os matos, e em hábito secular, e crescida a barba, passou seis meses uma áspera, e trabalhosa vida, e achando-se muito enfermo, recorreu a Gaspar Dias para que lhe alcançasse licença para sair em público, a qual ele lhe dificultou até que lhe mandou meter na mão cem dobrões, e isto feito logo teve licença.

Vendo também que as petições que os portugueses faziam ao Príncipe todas mandava que as entregassem ao seu secretário (que também era do seu Concelho) para que lh'as apresentasse ao tempo de despachar (o que também se fazia no supremo Concelho) congraçou-se com os secretários, e lhes disse que ele os faria ricos em breves dias se quisessem tomar seu conselho, e este foi que não despachassem petição, nem coisa alguma sem primeiro falarem com ele, que como conhecia toda a gente da terra, ele lhes diria o que cada um lhes poderia dar por bom despacho, e que nos ca-

sos mais árduos mandassem os requerentes a falar com ele, e que ele lhes dificultaria os negócios, e faria que lhes enchessem as mãos de ouro, e prata, por modo de mimo, e presente. Seguiram os secretários este conselho, e assim não faziam os moradores petição, nem moviam causa que não corresse por as mãos de Gaspar Dias Ferreira, ou para cuja expedição não fosse chamado, e ele o fazia de tal modo, que nenhum vinha com petição, ou demanda, que não deixasse o velo, e às vezes o sangue; e como os holandeses viram que se iam enchendo de prata, e ouro, e outros regalos por este caminho, deram em não despachar nada, senão por a mão de Gaspar Dias Ferreira, e cada vez que queriam dinheiro logo levantavam falsos testemunhos aos moradores, que escreviam, e recebiam cartas da Bahia, e tratavam com os nossos soldados da campanha, e lhe davam de comer, e logo sem mais prova os prendiam, e logo davam de beber a qualquer negro seu, e o embebedavam, ou lhe metiam medo, que o haviam de enforcar, se não o dissesse o que eles queriam, e com esta estratagema punham aos moradores em questão de tormento, e logo vinham alguns judeus, que também andavam nestes enredos, e aconselhavam aos miseráveis presos, que não se quisessem ver nas mãos do algoz, e que se valessem de Gaspar Dias, o qual cabia, e valia muito para com os holandeses, e que só por este caminho podiam ter remédio, acudiam os oprimidos a este valhacouto, e como largavam o que tinham, ou se empenhavam, pedindo emprestado o que não tinham para o largar, ou passavam créditos de obrigação de dívida a pagar em tempo limitado, logo se tratava de seus negócios, e em breve saíam soltos, e livres, sem mais dúvidas.

Entre os muitos que foram presos, e soltos por este caminho, sucedeu que prenderam a um homem grave, assacando-lhe uma grave culpa, que não tinha, e lhe meteram medo que lhe haviam de dar tratos, e que estava em risco de o enforcarem; valeu-se este homem de João Fernandes Vieira para que o favorecesse, e seísse por sua inocência, o qual tenteando o negócio com grandes veras, e zelo cristão, achou que somente Gaspar Dias Ferreira podia sair com vitória nesta empresa, porquanto além de ser mui cabido com o Príncipe, e com os do supremo Concelho, era mui sagaz, e sabia os caminhos, e traças por onde se negociava com os holandeses. Vendo isto João Fernandes Vieira, suposto que não corria em estreita amizade com Gaspar Dias, por a

causa que ao diante se dirá; todavia fez do ladrão fiel (como se costuma dizer), e o foi visitar à sua casa, e depois de muitos cumprimentos lhe pediu que quisesse apadrinhar o negócio daquele inocente, que estava preso sem culpa, e que ele lh'o saberia agradecer, e ouvindo por resposta que se faria tudo o possível em sua liberdade, se veio para sua casa, e mandou a Gaspar Dias boa quantia de dobrões, e João Batista da Silva, que era o agente de João Fernandes Vieira, e corria com todos seus negócios, me afirmou com juramento que ele fora o que levara estes dobrões, e os contara, e entregara a Gaspar Dias, e que eram trezentos, que segundo então corria na terra, faziam soma de mil cruzados, os quais João Fernandes Vieira deu de sua fazenda, e por amor de Deus, para que aquele homem honrado não fosse trateado, como se dizia que o havia de ser; e logo após o dinheiro chegou o livramento do preso, e foi solto, e se disse que fora preso sem culpa, e que haviam errado o nome do culpado; outras coisas se dirão por o decurso desta história, as quais calamos aqui por não parecer que vai aqui algum ódio, ou malquerença envolta, porém coisas públicas, e manifestas, nenhuma culpa se comete em as escrever para exemplo, e emenda dos vindouros, salvo o melhor juízo; e assim por estes caminhos, e com estas estratagemas paliadas, com rebuço de virtude, e com outras muitas se veio este homem a fazer tão rico, que nenhum lhe chegava em Pernambuco, e tão soberbo que desprezava aos homens nobres, e os fazia estar esperando à sua porta, e mais trabalho custava o haver de falar com ele, do que com o mesmo Príncipe.

Outro homem, que em Pernambuco achei encontrado com este nos costumes, se chamava João Fernandes Vieira, mancebo solteiro, natural da ilha da Madeira, homem bem inclinado, e amigo de todos, e que acabava com os holandeses muitas coisas por árduas, e dificultosas que fossem; o qual morava na Várzea de Capibaribe, com o qual tomou tanta amizade um dos holandeses, que governavam a terra, chamado Jacobo Estacour, a quem havia cabido grande parte das fazendas na repartição que os primeiros governadores holandeses fizeram entre si dos bens dos moradores retirados logo depois de tomada a terra; entre os quais bens lhe coube um bom engenho, o qual ele comprou aos da companhia em satisfação do salário de seus serviços; e indo-se este Jacobo Estacour para Holanda, acabado o tempo de seu governo; por a grande confiança que tinha em João Fernan-

des Vieira, e por a grande fidelidade, e verdade que nele tinha achado, lhe deixou todos seus bens em sua mão, e este engenho, com plenário poder de dispor, dar, e doar, comprar, e vender, segundo lhes parecesse, com só condição de que lhe iria mandando as rendas nas frotas que de Pernambuco partissem para Holanda; e também lhe deixou crédito para tudo o que ele comprasse, para se lhe dar sobre sua palavra, e que todos os créditos, e letras que ele passasse as receberia, e daria plenária satisfação em Holanda, obrigando para isso sua pessoa, e bens. E tanta confiança fez este Jacobo Estacour de João Fernandes Vieira, que sendo um flamengo de estranha nação, lhe deixou um escrito feito por mão pública, que morrendo ele nenhum seu herdeiro poderia tomar conta ao dito João Fernandes Vieira, e que tudo o que dissesse em matéria de suas fazendas fosse crido, e somente se estivesse por o que ele afirmasse, assim de dívidas, como de melhoramentos, porquanto esta era sua última vontade.

Com este crédito, e boa opinião, e com sua honrada correspondência com todos, veio a ter tanta entrada com os flamengos, que lhe eram mui afeiçoados, e o estimavam sobremodo; começou a comprar muitas fazendas de toda a sorte, assim secas, como molhadas, e pôs suas lojas de mercância, assim dentro no Recife, como fora dele, nas quais pôs homens portugueses de confiança, para que lhe corressem com elas. E como era mui fácil em fiar de todos, e vendia por preço mais acomodado que os outros mercadores, e enfim como era português todos acudiam às suas lojas, e deu-lhe Deus tão boa mão direita, e tanta ganância, que em breve se fez senhor de muitos mil cruzados, e comprou o engenho ao Jacobo Estacour, e outros quatro mais, e ficou senhor de cinco engenhos, os quais preparou, e pôs moentes, e correntes, providos de bons lavradores, e fornecidos com muitos escravos, e com todas as coisas necessárias para os engenhos moerem; e com esta prosperidade não se ensoberbeceu, antes se fez mais humilde, e tratável do que dantes era; e começou a despender sua fazenda com os pobres, casando órfãos, vestindo as viúvas, e donzelas, dando-lhes saias, e mantos, e o necessário, por cuja falta deixavam de ir à igreja a ouvir missa nos domingos, e festas; acudindo por os que estavam presos por dívidas, pagando por uns, e ficando por fiador de outros, e não havia necessitado que chegando a ele não viesse remediado, e era tido, e havido

por pai dos pobres; reformou as igrejas que estavam desbaratadas por os holandeses, e levantou as confrarias dos santos, e principalmente as do Santíssimo Sacramento, e da Virgem Maria Nossa Senhora, servindo nelas com muita devoçao, e dispêndio de sua fazenda. E como Deus o viu tão inclinado a remediar pobres, a servir em seus templos, e a exercitar-se em outras obras de caridade, parece que se pôs de propósito ao favorecer, e acrescentar seus bens, segundo aquelas palavras do Profeta David. *Junior fui, etenim senui, non vidi instum derectum, nec semen eus quærens panem.* E segundo explica este passo Santo Agostinho. *Non memini male mortuum, qui opera misericordiæ libenter exequitur.* E como os esmoleres têm sempre a porta aberta para negociar com Deus, e certos, e infalíveis os bons despachos por os muitos intercessores que no céu têm, que são os santos por cujo respeito fazem as esmolas por amor de Cristo, ou dos santos, por cujo amor lh'as pedem, quando estes esmoleres pedem mercês a Deus, todos os santos por cujo amor, e respeito eles têm feito as esmolas, como obrigados também pedem a Deus o que o esmoler pede; e assim tendo tantos intercessores, e tão qualificados como são as chagas de Cristo, a Virgem e os santos, não é possível o deixar de alcançar bom despacho na mão de Deus, e é o que diz S. Jerônimo. *Habet enim intercessores multos, e ideo non poterit pati repulsam.*

Sucedeu que depois que a Majestade d'El-Rei Dom João Nosso Senhor Quarto deste nome, a quem Deus guarde muitos anos, para amparo da Santa Fé Católica, recebeu a coroa, e cetro da Monarquia do Reino de Portugal, os holandeses à falsa fé, como ao diante diremos, e debaixo de capitulações de pazes, tiranicamente ocuparam o Reino de Angola; e estando depois desta aleivosia, enquanto a causa se determinava em paz, e boa amizade com os portugueses, que haviam ficado em Angola retraídos ao sertão; uma madrugada deram sobre eles, e por a cobiça de lhes roubarem suas riquezas, mataram a muitos, ainda em sangue frio, e ao Governador Pedro César cativaram, e trouxeram prisioneiro para a Cidade de Loanda, e a todos os portugueses que com ele estavam, assim religiosos como clérigos, e seculares, e deixando ficar na Cidade de Loanda ao governador preso, aos outros meteram em uma nau, e os mandaram para Pernambuco, rotos, despidos, mortos de fome, e sede, e em tal estado, que os mais deles vinham enfermos, e alguns em

artigo de morte; e verdadeiramente que era grande lástima o vê-los em tão grande miséria, e estreitura, acudiram-lhe logo alguns dos moradores de Pernambuco, cada um com o que podia, este com as camisas, aquele com os sapatos, e meias, outro com o chapéu, e roupeta, ou calções.

Tanto que Joao Fernandes Vieira soube a triste nova da chegada dos miseráveis moradores de Angola a Pernambuco, logo se partiu de sua casa, e veio ao Recife com boa cópia de dobrões, e patacas, as quais despendeu por os necessitados, e de sua loja mandou prover aos que viu que vinham despidos, e nus; e as pessoas graves que ali vinham, como eram capitães, e oficiais d'El-Rei mandou ir para sua casa, aonde os mandou curar, e os sustentou esplendidamente os dias, que em Pernambuco se detiveram; e sucedeu que estando ele para se pôr a cavalo para se tornar para sua casa, chegou ao Padre Frei Manuel do Salvador um piloto, que havia ido a Angola com uma nau sua, homem bem falante, e segundo parecia pessoa honrada, e rica em Portugal, porém tão miserável que não trazia sobre si mais que uma camisa, e umas ceroulas, e lhe disse que havia chegado a Gaspar Dias Ferreira, dizendo-lhe como era um homem honrado, e rico, porém que sua desgraça o havia chegado ao miserável estado em que o via, e que se houvesse de fazer alguma esmola, não seria nele a mais mal empregada, porquanto poderia Deus dar tempo em que lh'a soubesse agradecer; e ele lhe havia respondido que não estava em tempo de fazer esmolas, porquanto tinha grandes gastos, e sobretudo que dava pousada, e mesa aos sacerdotes clérigos, e religiosos que haviam vindo na nau (mas não lhe disse que se os agasalhava era por conta do Príncipe João Maurício, o qual de sua fazenda lhe tinha mandado dar o provimento) e que com secas palavras o havia despedido.

Ofereceu o padre então ao pobre homem sua casa, e mesa, por não chegar a mais sua possibilidade, e pouco cabedal, e juntamente lhe disse que chegasse a João Fernandes Vieira, e lhe manifestasse sua miséria, e respondendo ele que o não conhecia, o padre lh'o mostrou; chegou-se o homem a ele, e lhe propôs sua prática, ao qual ele respondeu estas palavras: *Eu me estou pondo a cavalo para me tornar para minha casa, a qual dista daqui légua e meia até duas léguas, e não estou já em tempo de poder ser bom a Vossa Mercê, porém se Vossa Mercê se atreve a ir em seguimento meu, em minha casa achará o provimento de susten-*

tação até onde minhas forças alcançarem, e quando não houver que comer, cortarei uma perna, e comê-la-emos todos de mão comum; e quando não se atreva ir a pé, eu lhe mandarei cavalo, para que vá nele. E com isto se despediu.

Ficou o homem confuso vendo que não lhe respondera com alegre semblante; e ao padre fez queixume disto, ao qual ele respondeu. *Senhor, não vos desconsoleis, porque eu conheço a João Fernandes Vieira o qual é homem que raramente mostra semblante alegre, senão composto, e sisudo, e tem melhores obras, que palavras, e estai certo que vos há de favorecer, e que basta haverdes manifestado vosso estado miserável.* Recolheu-se o homem com o padre à sua casa, aonde tomou refeição do que nela havia; e não se passaram quatro horas inteiras, quando estando o padre com ele praticando sobre algumas coisas de Angola, e a aleivosia, e traição, que os holandeses haviam feito, quando chegou um mulato à porta do padre com um cavalo, e lhe disse. *O Senhor João Fernandes Vieira, meu senhor, manda este cavalo, para que vá nele aquele homem que diante de vossa Paternidade lhe pediu esmola* E o padre reparou que o cavalo era o mesmo em que ele costumava andar. Subiu-se o homem no cavalo, e chegou à casa de João Fernandes Vieira, aonde logo foi provido de vestido (que para a presente necessidade tinha chamado alfaiates à sua casa) e ali esteve banqueteado, com outras pessoas nobres, e graves, que naquela infausta ocasião haviam vindo de Angola, aos quais todos mandou dar vestidos dobrados para o caminho, e para a praça pública.

Chegado o dia, em que os holandeses decretaram que os que haviam vindo de Angola se partissem para a Bahia, em um patacho aos que se foram por mar deu João Fernandes Vieira a matalotagem, e dinheiro para quando saíssem em terra, que não saíssem pedindo esmolas; e aos que quiseram vir por terra lhes mandou dar cavalos em que fossem e escravos que os acompanhassem na jornada, e estes não emprestados, senão dados, e dinheiro para os gastos do caminho, como eles todos o dirão; se é que têm corações agradecidos aos benefícios que se lhe fazem, e quando não, a publicidade o apregoará; e o agente de João Fernandes Vieira me afirmou que nesta ocasião havia seu amo despendido mais de quatro mil cruzados, não falando nas esmolas que havia feito em secreto de sua mão às dos pobres, das quais ele dito agente João Batista da Silva não tinha notícia clara

Vendo o Padre Frei Manuel estas coisas, logo assentou consigo que era coisa impossível não dar Deus satisfação ainda nesta vida a este homem, e mostrar o quando lhe agradavam os esmoleres, e amigos de favorecer aos necessitados. Logo este bem inclinado mancebo tratou de tomar estado, por escusar as ocasiões de ofender a Deus, as quais andam de ordinário anexas ao estado dos mancebos; e se casou com uma nobre, e virtuosa donzela, chamada Dona Maria César, filha de Francisco Berenguer de Andrada. E vendo o como o Estado de Pernambuco ia de cabeça abaixo, pôs em seu peito o acometer a heróica empresa da liberdade da pátria, e tirar de cativeiro aos moradores da terra, que tantas titanias, e agravos padeciam em poder dos holandeses, e pôs por obra, dando-me matéria para o assunto que tomei para fazer este tratado. Sempre se carteou secretamente com os governadores da Bahia, declarando-lhe o estado da terra, e os desígnios dos holandeses, e os soldados, que da Bahia vinham a correr à campanha, e fazer o que os governadores gerais lhe ordenavam, ele os escondia em lugares secretos, e os provia da sustentação, e lhes dava dinheiro para o caminho, e para outras suas necessidades, e com tanta prudência, e segredo, que ainda que alguns malsins, e traidores o acusavam, nunca os holandeses puderam descobrir coisa certa por onde o prendessem, e condenassem. Muitas outras coisas dignas de sua pessoa, e zelo cristão fez João Fernandes Vieira, as quais não escrevo aqui, por não parecer que falo afeiçoado; e todas estas remeto a uma atestação, ou certidão, que sem ele a pedir, nem procurar, lhes passaram as Câmaras, e mais pessoas de Pernambuco, assim eclesiásticas, como seculares, a qual mandam a Sua Majestade, cujo traslado de verbo ad verbum é o seguinte. Esta atestação vai adiante em lugar mais acomodado

ADVERTÊNCIA SEGUNDA

sobre este capítulo

Chegaram de Holanda ao Príncipe cartas dos Estados, e dos confederados na Companhia, e de seu irmão sobre as coisas do governo desta terra; e seu irmão o Conde João de Nassau lhe dizia em um capítulo, que se admirava de lhe dizerem, e escreverem, que fazia algumas coisas muito fora de caminho, levado de interesse, e por conselho de um por-

tuguês, que era muito de seu seio, e que sendo ele em Holanda um cordeiro manso, se tinha no Brasil convertido em leão assanhado, perseguindo, ou consentindo que fôssem perseguidos os moradores, para por este caminho ajuntar riquezas, as quais adquiridas por maus títulos, nunca se logravam; e que para que estivesse certo em que em Holanda se sabia tudo o que no Brasil passava, lhe fazia a saber como em Holanda se afirmava, em como ele João Maurício tinha três grandes amigos portugueses, com os quais de contínuo tratava; a saber um frade chamado Frei Manuel do Salvador, e o segundo João Fernandes Vieira, e o terceiro Gaspar Dias Ferreira; e que o primeiro lhe servia de alívio e entretenimento, porque gostava muito de sua boa, e honesta conversação, porquanto este mônnco não se metia em coisas de guerra, nem em matérias de governo, mas antes como era letrado, e prudente, o advertia de muitas coisas concernentes a seu bom crédito, e reputação, e em benefício dos moradores da terra, com as quais ele se fazia amado, e querido de todos; e o segundo granjeava sua amizade, presenteando-o com mimos, e regalos, e alguns de muito porte, porém tudo à custa de sua fazenda; e o terceiro fazendo-lhe empreender coisas injustas, e executar alguns desaforos, e injustiças com os moradores, que tinham mais cara de tirania, do que de obras de pessoa de sangue real, e imperial; e que o caminho por onde este homem o levava era o interesse de ajuntar dinheiro, à custa do sangue dos pobres, e inocentes, com o que este homem o fazia rico a ele, e se fazia rico a si, pois sendo pouco antes tão pobre que não tinha um prato de farinha para comer, todavia com sua sombra, e com o favor que lhe dava, se tinha feito este homem tão altivo, que se fazia estimar, e venerar mais do que ele dito Príncipe, e que também (sem ele o saber) em seu nome fazia muitas coisas mal feitas, e que também se dizia que a primeira causa de tanta privança havia tomado fundamento por via de certa mulher, portanto que pusesse os olhos em quem era, e o tronco donde procedia, e que arrenegasse de riquezas, e delícias, que desdouravam a fama, e nobreza.

Este capítulo da carta mostrou o Príncipe ao padre mui sentido, e enfadado; e sabendo, ou suspeitando, que os mesmos flamengos invejosos de o verem tão rico, e ao seu secretário tinham mandado estes mexericos à Holanda, e deitando o pensamento a quem poderia ser o mexeriqueiro, resolveu que de dentro de sua casa lhe haviam feito o mal; e

assim disse ao padre. *Inimici hominis domestici eius. Verba Christi sunt, quae non possunt justificari pati.* E logo tirou o ofício a Carros de Torlon, que era o seu capitão da guarda, o qual se havia casado com D. Ana Pais, a mais desenvolta mulher de quantas houve no tempo deste cativeiro, na Capitania de Pernambuco, porque sendo filha de nobres pais, e rica, e havendo sido casada com Pedro Correia da Silva homem fidalgo; por sua morte vendo-se viúva e moça, se foi casar, ou para melhor dizer amancebar com um calvinista, e quis ser recebida por um predicante desta falsa seita, com grande escândalo do povo católico. Tornando pois ao Torlon, tanto o perseguiu o Príncipe, que impondo-lhe culpa de que ele tratava de entregar esta Capitania aos portugueses, o prendeu com grande rigor, e vitupério, e o embarcou para Holanda, onde morreu com morte apressada; e D. Ana Pais ficou prenhe dele, e pariu uma criança, que ainda é viva, e vendo-se viúva deste segundo marido, se tornou a casar terceira vez com Gilberto de Bitte um dos do Concelho político, e se veio a receber com ele na igreja dos franceses calvinistas e luteranos da Cidade Maurícia, por mão de outro predicante da mesma errônea seita, com tanto desaforo, e pouco pejo, que os mesmos holandeses, que acompanhavam este ato, e se acharam presentes, se admiraram de sua desenvoltura; e tanto que se viu casada, ou amancebada esta terceira vez, deu em ser tão inimiga dos portugueses, que ela era o seu acusador para com os dd supremo Concelho, e lhes aconselhava que os roubassem, e matassem a todos.

Outro de quem o Príncipe se mostrou queixoso, foi o Doutor Pizon, medico seu, e de sua casa, com quem ele comia, e bebia, e comunicava de dia, e de noite, com muita familiaridade, também a este deitou logo fora de sua casa, e nunca mais se fiou dele; e quando algum lhe falava nele, ou no Torlon, respondia: *Pessimi nebulones erga me*. Com a vista desta carta, e com outros avisos, e ordens, que vieram de Holanda, acenderam o Príncipe e os do supremo Concelho de fazer uma junta dos portugueses, a modo de Concílio, ou Cortes, para se assentarem, e decretarem estatutos, e leis para se governarem em paz, e quietação; e assim mandaram chamar as pessoas mais nobres, e graves de toda a Capitania, de cada freguesia três, e quatro, para certo dia determinado. E tanto que todos estiveram juntos na Cidade Maurícia, o Príncipe lhes mandou preparar um ban-

quete na sua sala das casas aonde morava, e ali os banqueteou esplendidamente, achando-se tambem ali presentes os do supremo Conselho, e politicos, e principais ministros de guerra, aonde comeram todos ao som de trombetas, e caixas, e de quando em quando, se disparavam muitas peças de artilharia, assim do mar como da terra, e dali sairam os mais dos flamengos como costumavam sair de semelhantes festas, por nao degenerarem dos costumes de Holanda.

Nos seguintes tres dias se ajuntaram todos em cabido na mesma sala; e cada um dos portugueses propos as necessidades que havia nos distritos aonde moravam, e as coisas que eram necessarias para o bom governo, e quietaçao da terra; e sobretudo pediram licença para poderem mandar vir sacerdotes de fora para lhes administrarem os Sacramentos, o que eles concederam, contanto que nao viessem da Bahia; e que de Portugal, ou de França os podiam mandar vir por via de Holanda. Em resoluçao ouvidas todas as petiçoes, e razoes de todos os portugueses ali congregados a sombra dos frascos de vinho, e cerveja, que andavam fazendo salva aos que tinham sede, assentaram umas capitulações para se guardarem de uma, e outra parte, sem dúvida, nem quebrantamento, e para mais firmeza mandarem fazer instrumentos por mãos de oficiais públicos, aonde todos assinaram, para que pelo tempo em diante não se pudesse algum chamar a engano.

Estas capitulações (que ocupavam uma mão de papel) transladaram muitas pessoas de Pernambuco, e estao deitadas nos livros das Câmaras; e a mim me ficaram em Pernambuco, por a muita pressa com que me parti, e as tenho mandado vir, e se me chegarem a tempo que as possa aqui inserir, o farei, para que a todos conste que os holandeses as fizeram todas encaminhadas a seu proveito, e cheias de laços para prender, e roubar aos moradores da terra, as quais todas os holandeses quebraram por muitas vezes, sem castigo, nem emenda; e se algum português faltava uma vírgula, ou ponto do a que os moradores se tinham obrigado a cumprir, logo era preso, vexado, e castigado, assim no corpo, como na fazenda, que era o principal alvo a quem estas balas se encaminhavam.

Tornaram-se os moradores para suas casas, imaginando que com as tais capitulações estavam seguros de lhe fazerem cada dia novas leis, e imposições para lhes roubarem suas fazendas, e lhes tirarem as vidas; porém não se passa-

ram quinze dias quando os holandeses ministros da justiça, e guerra, que moravam por as freguesias da Capitania, em seus quarteis, tornavam de novo aos costumes atrasados, roubando por as casas, e assacando culpas aos moradores, vexando-os, e prendendo-os, e trazendo-os ao Recife, aonde suposto que o Principe compunha as coisas por o melhor modo que podia; todavia para os pobres moradores se verem livres dos outros ministros, primeiro deixavam a la nas maos dos tigres feros, e a pena nas unhas das aguias, ou o sangue e a vida nas maos do algoz, e só a D. Jerônima de Almeida mulher de Rodrigo de Barros Pimentel (o qual se havia retirado para a Bahia) lhe custou peitar por mão de Gaspar Dias Ferreira com noventa caixas de açúcar, para escapar da morte, porque do Porto Calvo a trouxeram presa ao Recife, impondo-lhe por culpa, que ela havia agasalhado em sua casa, e dado provimento de comer a uma tropa de soldados, que havia vindo da Bahia a correr à campanha, e lhe haviam trazido cartas de seu marido; e por esta culpa, a qual não puderam provar, senão com o dito de um negro seu escravo, a quem ela tinha mandado açoitar, por um roubo que lhe havia feito, e ele por se vingar da senhora lhe foi levantar este falso testemunho; e como os holandeses só um dito de um negro lhe bastava para prova bastante para entenderem com os moradores, puseram a dita matrona mãe de nove filhas já quase mulheres perfeitas, e três filhos, em uma áspera prisão, aonde a não deixavam falar com português algum, e a condenaram a morrer degolada; e para que o Príncipe depois da sentença dada lhe perdoasse a morte, foi necessário ajuntarem-se as mulheres dos homens nobres, e principais que moravam em contorno do Recife, e irem todas em corpo a deitar-se aos pés do Príncipe, e por outra parte guarneceram o muro com ameias de caixas de açúcar para alcançarem o fim de seu intento.

O Príncipe João Maurício Conde de Nassau recebeu a estas mulheres com alegre semblante (que o tinha ele para todos) e as fez levantar da terra com muita cortesia, e lhes disse, que se soubera que havia de ter tão formosas, e honradas hóspedas, que estivera preparado com um banquete, segundo elas mereciam, porém que já que o haviam tomado de sobressalto as convidava a jantar com ele com a sua mesa ordinária; elas lhe beijaram a mão por a mercê, e favor, e lhe responderam que o banquete que elas vinham buscar à sua casa era, que achando graça em seus olhos, fosse servido

S. Excelência de acudir a tão grande crueldade, e perdoar a Dona Jerônima; e que o jantar à sua mesa haviam por recebida a merce, porem que não era uso, nem costume entre os portugueses comerem as mulheres, senão com seus maridos, e ainda com estes era quando não havia hóspedes em casa (não sendo pai, ou irmão) porque nestes casos não se vinham assentar a mesa; porém que aquele favor que S. Excelência lhes oferecia tinham elas posto no íntimo de seus corações, o Príncipe ficou satisfeito com a cortês, e honrada resposta, e as despediu dizendo, que no despacho de sua petição faria tudo o que pudesse, e com isto as despediu, vindo-as acompanhando até o topo de sua escada; e logo passou um decreto, em como ele perdoava a morte a Dona Jerônima de Almeida, por autoridade, e poder que tinha de Governador, e Capitão-General de Pernambuco, e das mais Capitanias conquistadas, e sujeitas aos Estados de Holanda.

Escrevo isto, para que daqui colija o pio leitor as tiranias, e crueldades que se usaram com os homens, aos quais por qualquer leve causa trateavam, e enforcavam; e a Julião de Araújo estando já no teatro, e o algoz já preparado para o degolar, só por se lhe imputar que havia falado com soldados da Bahia, o Príncipe João Maurício lhe mandou perdão movido de compaixão de ver diante de si prostrada em terra, e banhada em lágrimas a mulher do dito Julião de Araújo, rodeada de cinco filhos, o maior dos quais não chegava a doze anos. Usavam mais outra maldade, e era que não queriam consentir que os portugueses que condenavam à morte, se confessassem, nem chegassem sacerdotes aonde eles estavam, nem os acompanhassem até o pé da forca, antes lhe mandavam os seus predicantes luteranos, e calvinistas, para que os pervertessem, e os inclinassem às suas falsas seitas. E o Padre Frei Manuel alcançou do Príncipe licença para ir confessar, e acompanhar alguns padecentes, e dali por diante se guardou esta ordem; porém eram tão mal inclinados os predicantes, e tão grande o ódio que tinham à nossa sagrada Religião Católica Romana, que tanto que prendiam algum português culpado, logo acudiam a ele como lobos carniceiros, e lhe metiam em cabeça que eram sacerdotes, e confessores, e que lhes confessassem a culpa, porque os haviam preso, que eles os ajudariam a livrar, e com suas razões satíricas faziam vomitar a alguns ignorantes as culpas, que não se podiam verificar, senão por suas confissões, e logo iam dizer aos do supremo Concelho, e ao

fiscal o que os pobres ignorantes lhes diziam, e às vezes dizendo de suas casas o que nem por pensamento tinham ouvido; e os ministros da Justiça, e o fiscal, só com os ditos dos predicantes pronunciavam a sentença de morte, sobre a qual materia teve o Padre Frei Manuel com os ministros da justiça no supremo Concelho grandes duvidas, e queixas pesadas, diante do Tenente-Coronel André Vidal de Negreiros, o qual se achou presente a pedir a vida para três, que eles haviam condenado por serem soldados da campanha. Havia vindo André Vidal de Negreiros da Bahia a Pernambuco com salvo-conduto, a certo negocio de importância; e sendo rogado por os moradores que acudisse com sua autoridade a ver se podia livrar da morte aqueles três padecentes, ele o fez, e entrando no supremo Concelho achou ali ao Padre Frei Manuel embaraçado com os ministros sobre lhe mostrar como aquelas mortes eram injustas, e que aquele rigor em querer provocar aos moradores a ódio, e rancor, e a que viessem a dar em desesperação; enfim o Tenente-General André Vidal de Negreiros com sua autoridade, e cargo que tinha, e o padre com suas boas, e más razões, alcançaram perdão para um, e os outros dois foram enforcados, e a um deles chamado Domingos Pereira do Porto Calvo, antes de o enforcarem lhe cortaram as mãos em um cepo. E pedindo-lhes André Vidal licença para levar para a Bahia alguns soldados, que andassem por a campanha fugidos, ou homiziados na Bahia, para que se escusassem tantos rigores; eles lh'o concederam, e fazendo o dito André Vidal diligência por um escrito seu. Todos se lhe ajuntaram, e foram por terra, e a um que por muito enfermo não pôde caminhar, suposto que André Vidal deixou com ele a um alferes seu para o levar, todavia tanto que André Vidal se partiu por o mar para a Bahia, logo os holandeses mandaram prender o soldado enfermo, e sem valerem rogos, nem protestos de quebrantamento de palavra, o mandaram enforcar.

Até nas coisas tocantes à jurisdição eclesiástica se metiam os seus escoltetos, e os do supremo Concelho não queriam permitir que nas igrejas curadas servissem de párocos os que tinham provisão do Bispo, senão os que do princípio da guerra haviam assistido na Capitania com os moradores, dizendo que os que haviam padecido trabalhos era razão que gozassem os proveitos. E verdadeiramente que neste ponto parece que tinham razão, quando eles lhe não impedissem o mandar à Bahia buscar provimento de jurisdição

espiritual, e quisessem, ou mandassem que se provesse do Reino, ou de Roma. E para justificação desta verdade, mandando o Bispo da Bahia ao P. Mateus de Souza Uchoa por vigário da vila de S. Antônio do Cabo, logo incontinenti o mandaram embarcar para a Bahia, tomando por achaque que o Bispo não lhe mandara pedir a eles licença, sendo que eram senhores da terra, pois a haviam ganhado, e eles eram os que haviam de pôr os vigários de sua mão; porém os moradores usavam de boa traça, porque mandavam pedir ao Bispo em secreto as provisões, e jurisdição espiritual para os sacerdotes que haviam mister e secretamente lh'as entregavam, e assim tinham quem com boa consciência lhes administravam os Sacramentos.

Sucedeu pois que mandando o Vigário geral Gaspar Ferreira da Paraiba ordem por seu despacho ao vigário de S. Lourenço da Moribara (ex causa allegata, e probata) para que antes de se correrem os banhos recebesse a Fernão Bezerra com Dona Ana Cavalcanti na casa dos mesmos contraentes; e fazendo o dito vigário o que seu superior lhe mandava, sabido isto por o Escolteto Paulo Antônio Damas, o mandou prender, e o dito vigário lhe fugiu, e andou escondido por os matos, e mandou por sua petição pedir ao Príncipe um seguro real para se livrar solto, e poder aparecer em público, para alegar de sua justiça, levou o Padre Frei Manuel do Salvador a petição ao Príncipe, o qual lhe concedeu o seguro que lhe pediu. Apareceu o Vigário Gaspar de Almeida Vieira ante o Príncipe, o qual lhe perguntou porque causa havia recebido, e casado a Fernão Bezerra em casa particular, e não na igreja, e mais antes das denunciações? Ao que o dito vigário respondeu estas palavras. *Senhor entre os católicos romanos é coisa ordinária o dispensarem em semelhantes casos os Bispos, ou seus provisores, e vigários gerais, e pois V. Excelência, e os senhores do supremo Concelho permitem que o Padre Gaspar Ferreira exercite este cargo: eu que sou seu súdito tenho obrigação de obedecer às suas ordens, sob pena de que se eu não lhe obedecer, me suspenderia do cargo que tenho, e me perseguiria com censuras eclesiásticas, e eu não quero ser excomungado: a culpa se aqui a há não é minha, senão do Vigário geral, que me mandou receber os contraentes, cujo pároco eu sou.* A isto replicou o Príncipe dizendo. *E vossa mercê tem ordem, e mandado em escrito do vigário geral? Aqui o trago,* respondeu o Padre Gaspar de Almeida, *e V*

Excelência o pode ver. Leu o Príncipe o mandado, e disse. *Isto é contra nossas ordens; logo o vigário geral ha de vir aqui preso, portanto vossa merce me va esperar a porta do supremo Concelho, daqui a duas horas, que hei de ir para la, e vossa merce ficara livre, e o vigario geral será castigado.*

Veio-se o padre caminhando por a praça da Cidade Maurícia, esperando que chegasse a hora de ir ao Concelho e encontrou ali a Gaspar Dias Ferreira, o qual ia falar com o Príncipe, e perguntando-lhe que negócios tinha na Corte? O padre atentando que Gaspar Dias era o que trazia sobre seus ombros ao vigário geral (ou para falar mais ao certo) ao ouvidor da vara Eclesiastica, e tinha tomado à sua conta o defendê-lo de quantas exorbitâncias fazia, por seu proprio interesse, e por o muito que lhe dava; lhe contou a injustiça, que o escolteto lhe fazia, e que já tinha falado com Sua Excelência, o qual mandava que fosse a Concelho, pediu-lhe Gaspar Dias Ferreira, que lhe esperasse ali até ele tornar, e que tudo se poria em bem; despediu-se, e foi falar com o Príncipe, e tornou logo, e disse ao padre que não quisesse andar em demandas, porque se ia a Concelho haviam de mandar vir ao vigário geral, e o haviam de embarcar. acumulando-lhe muitas culpas, de que estava acusado diante do tribunal supremo, e que tirado ele do cargo os holandeses não haviam de consentir outro, e assim havia de ficar a Capitania sem prelado, que mais valia perder ele dito Padre Gaspar de Almeida meia dúzia de dobrões, e dá-los ao escolteto, do que andar em pleitos com flamengos, e que ele faria com o escolteto que se desse por satisfeito, e não falasse mais na matéria; e respondendo-lhe o dito Padre Gaspar de Almeida, que aqueles seis dobrões mais bem empregados seriam em comprar três saias para três órfãs, ou viúvas pobres, que eram os príncipes com quem ele costumava gastar tudo quanto ganhava com suas ordens, e ofício pastoral, e não dá-los ao escolteto para se emborrachar, e que esses seis dobrões lh'os desse o vigário geral, pois lhe mandara receber os contraentes, e não ele que havia feito o que seu superior lhe havia mandado. Todavia Gaspar Dias Ferreira para poder deitar o garavato a ambas as partes, o persuadiu com rogos, e com razões a que não fosse ao supremo Concelho: e foi dizer ao Príncipe que já tinha composto o vigário de S. Lourenço com o escolteto; e assim lh'o disse o Príncipe que folgava muito de que Gaspar Dias

houvesse composto este negócio; ficou o padre sem saber responder, e logo se foi a casa de Gaspar Dias a saber que havia feito, e depois de muitos dares, e tomares lhe disse que se ia a Conceino, ainda que ficasse livre, e solto, todavia havia de ficar mal com o vigario geral, e com o escolteto, os quais o haviam de perseguir, e assacar-lhe culpas, ainda que sua vida fosse tao ajustada que fizesse milagres; e que ao Principe lhe parecia bem de que se compusesse com o escolteto, e tais medos lhe meteu que lhe fez pagar oitenta dobrões, os quais pediu emprestados, e os deu na mão de Gaspar Dias, e logo ficou livre, e nunca mais se falou em culpa E todas as vezes que ao dito padre lhe falavam nesta matéria, se queixava grandemente a Deus, de lhe haverem feito gastar aqueles oitenta dobrões, com os quais ele podia casar duas órfãs.

E para que se saiba quem é este Padre Gaspar Ferreira, que ocupava o cargo de vigário geral (as coisas públicas, notórias, e manifestas a todo o povo não se comete culpa em as dizer, pois não é descobrir faltas, senão estranhá-las, para aviso dos vindouros) era um clérigo idiota, o qual nao sabia rezar por seu breviário, nem dizer missa, e tao desaforado em sua vida, e costumes, que não me atrevo a escrevê-lo, por não desdourar o crédito, e respeito que se deve à ordem sacerdotal.

Mas por que poderá alguém perguntar por curiosidade como pôde este clérigo chegar a ser vigário geral, sendo tão inábil para o cargo? A isto respondo que mandando o Bispo secretamente por amor dos holandeses provisão de vigário geral ao Padre Simão Ferreira, vigário da vila de Olinda, que era um padre mui bem entendido, e de idade de setenta anos, de vida mui louvável, e exemplar, como não lhe sabia o nome próprio pôs o Ferreira na provisão, e deixou o nome em branco; veio esta provisão por via de Gaspar Dias Ferreira, e cá em Pernambuco o nome, que havia de ser Simão, se converteu em Gaspar; e como Gaspar Dias era seu amigo, e nesta ocasião achou um enzolo fútil (o para que considere o pio leitor, que os de Pernambuco bem o sabem) lhe deu a tal provisão que tinha para o outro virtuoso sacerdote, ficando todos os moradores faltos de quem lhes desse exemplo de vida honesta; e os incitasse ao serviço de Deus, e lhes servisse de farol, e guia para o benefício da salvação de suas almas; e assim Gaspar Ferreira ficou servindo o cargo, e eu, e muitas outras pessoas ouvi-

mos ao Padre Simão Ferreira queixar-se desta estratagema, ainda que como era virtuoso, e velho, e tratava somente da salvação de sua alma, não puxou por o negócio, antes dizia, que se lhe viesse à mão provimento do cargo, o havia de rejeitar, porquanto se não atrevia a governar almas, e exercitar o tal ofício em tempo tão trabalhoso, e de tantas tribulações.

Sucedeu que vieram da Bahia a este Pernambuco o Tenente-General Martim Ferreira, e o Sargento-mor Pedro de Arenas com uma embaixada do Vice-rei, e Marquês de Montalvão Dom Jorge Mascarenhas ao Príncipe, e aos do supremo Coricelho; e quando o Tenente-General Martim Ferreira se tornou para a Bahia, veio da Paraíba este Padre Gaspar Ferreira (porque ali tinha sua assistência, e como vigário encomendado da igreja matriz) e por ele escreveu ao Bispo, dando-lhe os parabéns, ou agradecimentos da mercê, que lhe havia feito do geral, e lhe mandou por o mesmo portador umas contas com extremos de ouro, de rico feitio, e preço, e boa cópia de dobrões, e juntamente em seu favor, e abonação escreveu Gaspar Dias Ferreira, e o Bispo houve por bem que ele fosse servindo o cargo; o Sargento-mor Pedro de Arenas não tornou para a Bahia, porque morreu em Pernambuco, e o Príncipe o mandou levar no seu bergantim por mar, até o varadouro da vila de Olinda, acompanhado de todos os seus familiares, aonde o vieram buscar o vigário, e mais sacerdotes, que na vila se acharam, com toda a capela da música, e as cruzes das confrarias, e com grande pompa, e aparato lhe deram sepultura na igreja de São Bento, e lhe fizeram ofício de corpo presente com tanta solenidade que os holandeses ficaram admirados de ver o modo com que os católicos romanos enterravam seus defuntos, coisa não usada em suas terras, como ao diante diremos, tratando da morte do irmão do Príncipe.

Cresceram as desenvolturas deste padre de sorte, que os moradores da Paraíba vieram por duas vezes a fazer queixume dele ao Príncipe, e aos do supremo Concelho com cinqüenta capítulos enormes, e todos provados com sumários de testemunhas, pedindo que lh'o deitassem fora da terra porque não se davam por seguros os homens casados com sua assistência nela, e que se o não deitavam fora, ou eles haviam de despejar a terra, ou o haviam de matar, e estas papeladas trouxe o secretário da Câmara Fernão Rodrigues de Bulhões, e outros homens principais da Paraíba (e estes

capítulos de diferentes culpas se podem ainda ver porquanto estão vivos, e também foram ao Reino, no tempo que ainda reinava nele El-Rei de Espanha) acudiu o vigário com dinheiro, e por via de Gaspar Dias Ferreira tudo se fez em água, e sal; e tudo se empatou, porquanto os flamengos não atentavam a mais que a encher as bolsas, e os portugueses mais que a má ventura os levasse; escreveram os moradores à Bahia ao Bispo, e ao governador, e responderam que proveriam na matéria, mas não se atreveram por amor de Gaspar Dias.

Chegaram os holandeses a saber em como o vigário geral havia mandado ao Bispo boa quantia de dinheiro das lutuosas dos clérigos que morriam, e da sua chancelaria, e das condenações, e de outras peitas, dos que queriam ser vigários; e vendo que o dinheiro lhe ia para fora da terra por este caminho, e querendo eles ser senhores desta nata, e porcão, mandaram chamar ao vigário geral, e lhe pediram todo o dinheiro, que tinha mandado para a Bahia, e negando ele que não havia mandado tal dinheiro, o tiveram quase embarcado, e deitado fora da terra, deitando-lhe em rosto o pouco agradecimemo que lhe dava havendo-o eles defendido, e livrado de tantas culpas, como lhe tinham posto, e provado; e lhe perguntaram que lhes dissesse a quem reconhecia por senhor, e superior, se a eles holandeses, ou ao Bispo? Ao que ele respondeu que a eles senhores holandeses; e logo fez um termo no livro do supremo Concelho, em como não conhecia ao Bispo do Brasil por seu superior, nem dali em diante teria comunicação com ele, nem obedeceria a seus mandados, e que daquela hora em diante não faria senão o que suas Senhorias lhe ordenassem no ofício de vigário geral; e com isto o deixaram ficar, mandando-lhe que não pusesse excomunhões, e que as ganâncias, e percalços que lhe viessem das condenações as mandasse ao supremo Concelho; e mandaram ao escolteto que entendesse com os portugueses amancebados, o qual fazia tão bem seu ofício, que não havia mais, quem suspeitasse que um andava amancebado, e em mandando as cem patacas, ou as cinqüenta, logo estava absolvido de culpa, e pena; e estando o Padre Frei Manuel com o Príncipe uma tarde em boa conversação, lhe disse por modo de entretenimento, que pois os senhores do supremo Concelho haviam dado poder aos escoltetos, para castigarem nas bolsas aos portugueses amancebados, ou que davam suspeitas de o andarem; e o castigo era dinheiro, que

o fizesse a ele dito padre escolteto sobre os flamengos, os quais todos andavam amancebados, sem castigo, nem causar escândalo, e que ele repartiria com Sua Excelência a ganância das penas? Ao que ele lhe respondeu, rindo-se, que nos flamengos a matéria de mulheres, e o embebedarem-se era moeda corrente, e que não se atrevia a pôr novas leis por não pôr em risco ao dito padre, de se levantarem as mulheres contra ele, e lhe tirarem às pedradas, ou ir a dar com algum bêbedo, que lhe perdesse o respeito, que não se compra com nenhuns ganhos.

Ordenou o Príncipe com os do supremo Concelho uma Câmara de Justiça, na qual pusetam quatro juízes portugueses, e quatro flamengos para servirem cada ano, aos quais chamaram escabinos, para julgarem as causas, e demandas que se movessem entre os portugueses, flamengos, e judeus; e sobre esta fizeram outra chamada o Concelho político, aonde se ia por apelação, aonde puseram os ministros todos flamengos, como se fosse casa da Suplicação; e o supremo Concelho era como a Mesa do Paço, aonde presidia o Príncipe com os da bolsa da Companhia; na Câmara da Justiça puseram por secretário a Manuel Ribeiro Dessa, para tomar as causas dos portugueses, aonde eles fossem réus, e outro flamengo para os holandeses; fizeram outros escrivães, e procuradores, os quais por a maior parte eram judeus, porque como sabiam falar a língua portuguesa, e flamenga, em tudo se intrometiam para tirar suas ganâncias; porém há de se advertir, que proposta a causa para se haver de aceitar qualquer petição, primeiro se havia de apresentar meia pataca para se lhe deferir, e pôr despacho, e raramente se movia demanda entre portugueses contra flamengos, ou judeus: ou por o contrário, na qual saísse sentença por os portugueses salvo se o suborno andava de antemão, ainda que tivesse muita justiça; e como os escabinos portugueses poucas vezes se ajuntavam todos quatro, por morarem em lugares distantes, e os flamengos estavam ao pé da obra, sempre eram mais os votos dos flamengos, e assim sempre a justiça, ou injustiça, pendia para a parte dos flamengos, e quando os escabinos portugueses se ajuntavam todos, se punham os flamengos a falar uns com os outros na sua língua, e davam o despacho como lhe parecia, e o punham diante dos escabinos portugueses, os quais por força, ou por grado assinavam o que os flamengos queriam. O que vendo João Fernandes Vieira, que foi eleito escabino,

a primeira vez lhe pareceu mau aquele modo de despachar, e a segunda disse, que para pôr o seu sinal lhe haviam de ler primeiro em língua portuguesa a demanda e o despacho dos holandeses, porque não havia de assinar sentença que não fosse mui justa; e da terceira vez, ou quarta, prometeu de não se ajuntar mais em Concelho por não encarregar a consciência, e assim o fez, escusando-se com achaques de doenças, e outras ocupações, e assim mui raras vezes se achou no Concelho da Câmara no ano do seu juizado. Outra tran ordenaram os holandeses em todos os três tribunais, para desentranharem a sustância aos portugueses, e lhe roubarem seu dinheito; e esta foi, que tendo judeus, que eram procuradores, nas causas, e outros flamengos destros na língua portuguesa, todavia mandaram que qualquer português que movesse causa, ou fizesse petição para ser despachado, a fizesse em língua flamenga; e sem esta cerimónia não era ouvido, e tinha consignadas pessoas que trasladavam estas petições, e por cada uma levavam uma pataca. Considere agora quem quer que isto ler, quantas patacas haveria mister qualquer pleiteante, assim réu, como autor, para dar no decurso de uma demanda, nas réplicas, e tréplicas, e agravos, no tirar das testemunhas, fazer processos, contrariar, e para alegar de seu direito, e defender-se; e assim por o temor destes excessivos gastos deixaram muitos moradores perder ao desamparo todas suas causas, por não lidarem com flamengos, os quais todo seu cuidado punham em os roubar, e destruir.

Sobre o parágrafo antecedente a este me puseram certas pessoas nobres, e prudentes, duas dúvidas sobre o Vigário geral Gaspar Ferreira. A primeira foi, como podia este padre exercitar o ofício em boa consciência, pois havia negado a obediência ao Bispo, que lhe havia dado o cargo, e havia feito termo no livro do supremo Concelho dos holandeses, que não conhecia ao Bispo por seu superior, nem lhe queria obedecer dali em diante, nem estar por suas ordens, senão por as dos senhores holandeses, aos quais tinha, e conhecia por seus verdadeiros superiores, e prometia obrar segundo seus estatutos, e mandamentos? A esta proposta respondeu Gaspar Dias Ferreira, que o Vigário geral Gaspar Ferreira havia feito o tal termo, e o assinara por medo dos holandeses que o embarcassem para fora da terra, e com temor de que lhe tirassem o cargo, e ofício que servia, e que o tal termo não o fizera de coração, mas somente pro forma;

e que para o assegurar na consciência ele dito Gaspar Dias Ferreira havia pedido ao Bispo perdão, e suplemento, o qual ele lhe havia mandado, à qual resposta lhe replicaram que isto que é ser cristão (segundo o ensina o P. M. Inácio Martins da Companhia de Jesus na Cartilha da Doutrina Cristã, que fez para os meninos) quer dizer, homem que crer, e professa a lei de Cristo, e a confessa por a boca até morrer por ela; e que se a um cristão lhe pusesse um tirano a espada nos peitos para o matar, quando não negasse a Fé de Cristo; que este tal homem perseverando em confessar a Cristo, e sendo morto por esta causa, ficava mártir, porquanto (diz Santo Agostinho) a morte padecida não faz ao mártir, senão a causa porque a padece, e que negando o tal homem a Cristo por escapar da morte, ficava sendo apóstata da Fé; e que o Bispo enquanto Prelado, e Príncipe da Igreja, representa a Cristo, e quem o negava a ele, e mais no tribunal dos inimigos da Fé, pelo conseguinte ficava negando a Cristo.

A esta réplica acrescentaram mais, que os holandeses não haviam ameaçade ao dito vigário com morte, nem tormentos, e que somente ali houve um temor de desterro para fora da terra de cristãos, on suspensão do ofício, e que não eram causas urgentes, nem medo manifesto caído sobre constante varão, e finalmente que dado caso que o Bispo lhe houvesse mandado perdão, e absolvição da culpa, era necessário que esse perdão se manifestasse aos moradores, porquanto enquanto lhe não constava deste perdão não o queriam ter por verdadeiro prelado, nem obedeciam a seus monitórios, e excomunhões, e diziam que pois a culpa do termo, no qual negou ao seu Bispo, era mánifesto; assim não era bem que a absolvição da culpa fosse oculta, e em secreto. Enfim o perdão não apareceu, nem se soube dele, e o vigário foi continuando seu ofício, e hoje em dia o está servindo. Este caso podem averiguar os que mais souberem, que eu o deixo por certas causas sem resolução.

A segunda pergunta foi, porque razão havia de andar este vigário geral com sapatos brancos, meias encarnadas, calções de veludo de cor, gibão de tela, e sotaina, ou loba, e capa de seda, e a loba com as aberturas tão largas, que lhe andavam aparecendo as galas do vestido. Sendo que os sacerdotes deviam andar mui honestos, e compostos, e mais os que tinham semelhantes cargos, para darem exemplo aos súditos, e em tempo que estávamos entre inimigos da Fé, e

estado sacerdotal? A isto respondi que ou o padre devia padecer enfermidade de melancolia, e se queria alegrar, com as galas para aliviar a enfermidade, ou como era moço, os poucos anos, e experiência das coisas o deviam de impelir a querer andar polido, e loução, entendendo que era mais gravidade, e pompa, ou para dar a entender que tinha muito dinheiro, com que comprar semelhantes galas, e que os que quisessem saber de raiz a resolução desta proposta, a perguntassem ao mesmo Vigário Gaspar Ferreira, porque só ele a podia dar verdadeira, e certa, como testemunha ocular.

CAPÍTULO V

Do que sucedeu até a nova da aclamação do Excelentíssimo Senhor Duque de Bragança Dom João, em Rei de Portugal, sucessor e herdeiro daquela Monarquia por linha direita, e jure hereditário.

No ano de mil e seiscentos e trinta e cinco chegou à costa do Brasil Dom Fernando Mascarenhas Conde da Torre por Governador, e General de uma grossa armada, para a restauração de Pernambuco, e passando à vista da terra, de sorte que as sentinelas que o inimigo holandês trazia no mar tiveram vista dela; foi passando para a Bahia, sendo que se logo investira com o porto de Olinda, tinha a terra ganhada com pouco trabalho, porquanto os holandeses estavam descuidados, sem provisão de mantimentos, com pouca gente de guerra, e essa espalhada por toda a Capitania, as fortalezas desmanteladas com as paliçadas caídas por terra, poucas munições, e menos aparelho de guerra, e somente com cinco naus, no porto do Recife, e essas postas à carga, em vésperas de se partirem para Holanda. Mandaram um patacho, e um barco em seguimento da armada, e souberam que havia entrado na Bahia, e dali em diante sempre trouxeram embarcações naquela altura para saberem para onde a armada saía, porém logo foram sabedores do que se passava por avisos que tiveram de alguns homens de nação da Bahia, mandados por terra aos judeus seus parentes moradores no Recife.

Enfim a armada entrou na Bahia, já pode ser segundo as ordens que trazia d'El-Rei de Espanha (que então era ainda Rei de Portugal) e ali se deteve a armada um ano inteiro ancorada, e neste meio tempo escreveram os holandeses de Pernambuco a Holanda, aos Estados, e aos Dezenove da Companhia das Índias Ocidentais, os quais lhe man-

daram muitas naus grossas, e muita gente de guerra, munições, e bastimentos, com o que ficaram confiados em seu poder; e neste entretanto reformaram suas fortificações, provendo-as de artilharia, e rodeando-as de cavas cheias de agua, e boas e fortes trincheiras de pau a pique, e recolheram muito mantimento dentro de suas trincheiras; e para ficarem mais seguros mandaram tomar as armas, a todos os moradores da terra, sem lhe deixarem uma faca para poderem cortar um ramo de árvore, e sobre isto publicaram um edital com pena de morte que nenhum morador fosse ousado a ter em sua casa arma alguma ofensiva de qualquer qualidade, e condição que fosse; e que a todo o negro cativo, que declarasse que seu senhor tinha alguma arma, lhe dariam liberdade; e por este caminho fomm presos alguns homens, e destes foram uns trateados, e outros enforcados, e outros por escaparem dos tormentos, e morte, largavam tudo quanto tinham, e o davam aos holandeses, e andavam os negros cativos tão desaforados, e soberbos, que se seus senhores os ameaçavam com castigo, ou lh'o davam por suas desenvolturas, ou ensino, logo ameaçavam aos senhores com os holandeses, e que os haviam de acusar, que tinham armas escondidas; e nesta matéria usavam de uma maldade nunca vista, e era que davam de beber aos negros cativos, e lhe diziam que se queriam ser forros mexericassem a seus senhores que tinham em tal, e tal parte as armas escondidas, as quais os mesmos flamengos haviam escondido nos mesmos lugares, em ódio dos portugueses, e com intenção de por esta via lhes roubarem as fazendas, e alguns foram destruídos, e condenados com esta estratagema, e muitos moradores se foram esconder nos matos com temor.

No maior rigor desta tribulação acudiu Deus com sua piedade ao desamparo dos inocentes por meio de um escravo crioulo, o qual sendo solicitado por os flamengos a que fosse acusar a seu senhor, e havendo-lhe mostrado o lugar aonde tinham escondidas duas espadas, e dois mosquetes, o dito crioulo foi contar tudo a seu senhor, o qual em ouvindo isto foi buscar ao Padre Frei Manuel do Salvador à sua casa, tremendo como varas verdes, e lhe declarou ao que vinha, pedindo-lhe que o remediasse, e lhe valesse naquela agonia, e tribulação; ele se partiu logo com o dito homem à casa do Príncipe, e lhe contou tudo o que se passava, e lhe estranhou muito aquela crueldade, e maldade nunca vista nos antigos tiranos, e lhe disse que se esta crueldade ia por dian-

te, e não se atalhava, os moradores de desesperados tinham tomado resolução de despovoar a terra, e se lh'o impedissem a morrer pelejando; pois melhor era morrer com as armas nas mãos (pois no Brasil em dois dias se faziam muitos mil arcos, e flechas) do que morrer a mãos de uma tirania, rebuçada com capa de virtude, e paliada com razões de Estado. Mandou o Príncipe vir o crioulo, e tanto que o ouviu, mandou ao lugar aonde lhe disse que estavam as armas escondidas, e achando-as, mandou prender aos dois flamengos, os quais confessando sua maldade nos tormentos, foram enforcados; e com isto parou tão grande maldade.

Enquanto a armada se deteve na Bahia, sempre os holandeses trouxeram naus de vigia pelo mar, e tomaram algumas caravelas nossas, que da Bahia saiam para o Reino, e nelas acharam muitas cartas, por as quais ficaram informados de todos os designios da nossa gente, e da intenção que tinham, e de como os soldados haviam comido todos os mantimentos que haviam trazido, e se tinham mandado prover ao Rio de Janeiro, e a S. Vicente, até lhe vir do Reino ordem do que haviam de fazer; e entre as muitas cartas que os holandeses tomaram nas caravelas que iam para Portugal, acharam algumas que continham secretos notáveis, e faltas de muitas pessoas, e principalmente do Bispo Dom Pedro da Silva de Sampaio, em matéria de avareza, ambição, e simonias, e em uma delas se dizia, que tão ambicioso era, que até o Santíssimo Saeramento venderia, se lh'o comprassem por dinheiro, e outras baixezas tão enormes, que não é possível que tal pudesse ser, nem que um prelado tão honrado, e de tantas cãs, letras, e sobretudo enfermo, já com os pés para a cova cometesse tantos defeitos; mas logo se julgou ser isto ódio, e malquerença, e que os que tais escreveram deviam ser grandes seus inimigos, e que por este caminho o queriam desacreditar, e desonrar; porém os predicantes calvinistas, e luteranos, cruéis inimigos do povo católico tanto que acolheram às mãos estas cartas, não quiseram mais que este pé de cantiga para motejarem, e blasfemarem do Papa, dos bispos, e dos sacerdotes. E em prova das infâmias que falavam, mostravam logo as cartas aos moradores. Eis aqui os males que causa o escrever cartas infames, e mais por caminhos cercados de inimigos da Fé Católica.

Em resolução a armada se deteve na Bahia, e os moradores dela podem dizer o que lá se passou no entretanto que ali se deteve. E no fim do ano partiu em demanda de

Pernambuco com determinação de deitar em terra dois mil infantes, dos que se haviam retirado para a Bahia, para que movessem a guerra por a parte da terra, e a armada brigasse do mar, para que apertando o inimigo por todas as partes se rendesse, e se este intento se afeiçoara, sem dúvida se conseguiria a restauração de Pernambuco; ainda que o inimigo prevenindo sua total ruína, tinha posto na Candelária, que é uma praia distante do Recife quatro léguas da parte do Sul, um batalhão de mil soldados, aos quais governava o Sargento-mor Manssuel, para impedir o poderem os portugueses desembarcar; e da parte do Norte, na paragem chamada o Pau Amarelo, três léguas em distância do Recife, tinham outros mil homens, cuja cabeça era Carlos de Torlon Capitão da Guarda do Príncipe; e no mar defronte do Recife tinham vinte naus grossas com alguns patachos bem providas de munições, e gente, e artifícios de fogo, com todos os demais petrechos de guerra, e estas naus postas sobre a terra, e aos capitães delas, e mais oficiais de guerra, fez o Príncipe João Maurício Conde de Nassau o seguinte arrazoado.

Aqui tenho estes colares, e cadeias de ouro para premiar aos que se houverem valorosamente nesta guerra, e pelejarem como bons, e leais soldados. E aqui esta espada, e cadeias de ferro, com cordas ensebadas para degolar, e enforcar aos pusilânimes, medrosos, e covardes. E todos lhe prometeram com juramento, de fazerem cada um sua obrigação como ele o veria. Veio a nossa armada navegando com vento, e águas em popa, e passando por a barra grande, que é distância de vinte e cinco léguas do Recife da parte do Sul, requereram os capitães, e soldados da terra ao general, e ao Conde de Banholo, que com ele vinha, que os mandasse deitar em terra, e o mesmo requerimento lhe fizeram junto a Tamandaré, que é outro porto aonde podiam desembarcar livremente dezessete léguas do Recife, prometendo-lhe de irem ganhando a terra com muita facilidade; porém como o Conde se via com uma armada tão grossa, e parecendo-lhe que melhor, e mais proveito era deitar gente em terra junto ao Recife, não deferiu ao protesto; vieram navegando, e como era princípio de inverno, que tinha entrado rigoroso e as águas, e ventos corriam do Sul para o Norte, não puderam tomar porto, aonde ele determinava, nem ainda ancorar defronte do Recife, mas antes rolando por o mar, foram com a grande tempestade, e fúria dos ventos derrotando para a

parte do Norte; e nem puderam tomar a enseada do Pau Amarelo, nem outro porto vizinho. Vendo pois os holandeses como a armada ia derrotada, levantaram ferro do posto aonde estavam ancorados, e foram em seu seguimento com vinte naus grossas, e alguns patachos, levando-lhe ganhado o barlavento, e começaram a brigar animosa, e denodadamente; e querendo abalroar com a nossa capitânia, lhe sucedeu mal do partido, porque acharam grande resistência, e dela lhe atiraram algumas peças tão bem empregadas, que a três naus que se chegaram mais ao perto, lh'as desmantelaram, e lhe derrubaram os mastros, e velas, e a uma delas fizeram em pedaços, e lhe mataram o capitão com muita gente, e a outras fizeram muitos portilhos com as balas.

Abonançou o vento por espaço de três, ou quatro horas, e vendo os holandeses que as nossas naus se iam ajuntando para se porem em som de guerra, temendo de se verem desbaratados se foram afastando de modo, que houve lugar de os nossos deitarem em terra na Bahia da Traição, mil e tantos homens soldados valorosos de Pernambuco, que se haviam retirado para a Bahia com o Conde de Banholo, e querendo deitar mais gente em terra, para ficarem mais desembaraçados para a briga, tornou o vento, e tempestade desfeita a recrescer com tal fúria, que não tiveram outro remédio, senão pôr as proas para o Norte, e navegar para as Índias de Castela, segundo a ordem que tinha d'El-Rei, que averiguado o negócio de Pernambuco, ou deixado em bons termos, fossem em direitura às Índias, para virem acompanhando os galeões da prata. Nesta refrega andando de um bordo ao outro, um navio nosso, no qual vinha por capitão Antônio da Cunha Cavalheiro do hábito de Cristo, e natural da ilha da Madeira, deu em uns baixos entre a Paraíba, e Goiana, aonde se afogou alguma gente, e os holandeses acudiram à pressa, e trouxeram cativo ao capitão, e alguma gente do mar, fazendo pilhagem do que acharam no navio, o qual em breve se fez em pedaços; e deram busca aos que no navio acharam, e os despiram, e lhe tomaram quanto traziam; e vinha ali um mancebo da ilha da Madeira, chamado Diogo da Silva seu familiar, a quem havia dado três cadeias de ouro, para que as escondesse, e ele as meteu entre a camisa, e a carne, e não foram achadas, porquanto os holandeses não fizeram caso de o despir, porquanto o viram com um vestido velho, e roto. E estas três cadeias de ouro deu este capitão a Gaspar Dias Ferreira na

sua mão, para que abrandasse ao Príncipe, e a Matias Vancol, e a João Crisilim, que eram os dois do supremo Concelho, para que lhe dessem passagem para Holanda, e o não maltratassem, o que conseguiu efeito. Porém enquanto o não embarcaram esteve preso no Recife.

Tanto que a nossa armada foi derrotando para a parte do Norte, tornaram os holandeses com a sua para o Recife, trazendo na sua capitânia um estandarte negro em sinal que vinha nela o seu coronel morto. E tanto que fizeram fundo, e deitaram âncoras defronte da barra, mandou o Príncipe que saíssem os capitães em terra, e os pilotos, e tomando informação do que havia sucedido, mandou enforcar a cinco, porquanto na batalha haviam mostrado covardia, e enforcou também a dois pilotos, porque fizeram pouca diligência para investir com a nossa capitânia, e ao almirante do mar mandou degolar em um teatro no meio da praça do Recife, e o degolaram por detrás por pusilânime, e covarde, e lhe fizeram em público a espada em pedaços, em sinal de ignomínia, e afronta. Se assim fizeram todos os generais não lhe faltaram soldados animosos nas ocasiões de importância; mas vai a coisa por tão diferente caminho, que muitos não se assentam por soldados mais que para comer, e beber, e levar vida licenciosa, e estão muitos anos comendo a fazenda de seus reis, e recebendo seu soldo, e nas ocasiões não têm mãos para brigar, senão pés para fugir, e acovardar com seu mau exemplo os generosos ânimos dos outros soldados honrados, e briosos, porém fazem isto porque não temem o castigo. Não digo isto por os portugueses, porque enquanto tiveram reis naturais, que os sabiam premiar, assombraram o mundo com seu valôr, e puseram os pés sobre as cabeças mais soberbas de muitas nações, e conquistaram diversos, e muitos reinos, até as últimas partes da terra, como as crônicas antigas estão cheias, e de presente tanto que se viram favorecidos do céu com um Rei dado por Deus, e legítimo herdeiro da coroa, e cetro da Lusitana Monarquia, o qual é a Majestade d'El-Rei D. João IV deste nome, a quem Deus conserve em seu santo serviço, e lhe prolongue a vida por felizes anos, para glória da cristandade, e aumentação da sua Igreja, e defensão da Santa Fé Católica. Logo como despertando de um profundo sono cobraram tanto brio, e valor, que já o mundo treme de ouvir seu nome, e se pode bem conhecer na resmuçãd com que entregaram a coroa, e cetro a seu Rei natural, e o estão de-

fendendo da furia d'El-Rei da Espanha, fazendo tantas proezas nas fronteiras da Castela, que os castelhanos estão confusos, atonitos, e pasmados, ajuntando-se a isto os favores que Deus lhe faz, com evidentes, manifestos, e muitos portentosos milagres, e se até agora estiveram acovardados, não, mas acanhados, e metidos ao canto, foi porque viam o mau galardão que se lhes dava, e quão mal premiados eram os que melhor serviam, e quão mal pago era o sangue português, derramado na guerra, e que os cargos honrosos se davam por respeito, e a quem com mais dinheiro os comprava aos castelhanos, e que de ordinário os ofícios os levavam os criados dos ministros, e os soldados que serviam toda a vida na guerra, depois de haver derramado o sangue, haviam de ir gastar a fazenda à Corte de Espanha, e no fim ficavam com as mãos vazias, e por esta causa não tinham gosto de acometer perigos.

Mas tornando a tratar dos mil soldados que a nossa armada deitou na Bahia da Traição. Vendo o Mestre de Campo Luiz Barbalho, que ficou para os governar, em como a armada se havia partido para as Indias, e que ele com aquele tão luzido terço de infantaria ficava naquela praia deserta, sem mantimento mais que o que os soldados haviam trazido em suas mochilas, e arriscado a morrer naquele desamparo, e no meio das terras conquistadas pelo inimigo, fez uma exortação de capitão valoroso a todos seus soldados, e sendo avisado que os moradores da terra o não podiam ajudar, nem agregar-se a ele, porquanto todos estavam despojados de armas que lh'as tinha o inimigo tomadas até as foices de cortar lenha; fez volta para a Bahia, rompendo por mil dificuldades, atravessando por todas as povoações, e terras ocupadas por os holandeses, matando aos que lhe resistiam, e tomando todo o mantimento que achava, e levando diante de seu esquadrão alguns bois, e vacas, e cavalos, para os que cansassem, ou fossem enfermos; e passando por Goiana achou ali um quartel dos holandeses com quinhentos e trinta soldados, e investiu com ele, e o ganhou, e os matou a todos, sem que lhe morresse algum de seus soldados, se bem coisa de quarenta ficaram feridos, coisa que o Príncipe, e os do supremo Concelho sentiram muito.

Seis meses antes que a nossa armada partisse da Bahia haviam chegado às partes de Pernambuco alguns capitães destros nos secretos caminhos dos campos, e matos com os quais veio o Capitão Paulo da Cunha; e por cabo de

todos o Capitão André Vidal de Negreiros, para que trouxessem ao inimigo inquieto, e sobressaltado, e na ocasião dessem passo seguro à nossa gente da armada, quando quisesse desembarcar em terra, e como a armada tardou tanto tempo, repartiram-se estes capitães em tropas pequenas, de vinte até trinta soldados, para lhe ser mais fácil o buscarem mantimento, e assim andavam metidos por os matos, padecendo muitos trabalhos, e dali saíam como salteadores, e davam nas casas, e fazendas que os holandeses tinham por o campo, e sertão, e os roubavam, e matavam, e muitas vezes saiam os soldados sem ordem de seus capitães, e roubavam aos moradores da terra portugueses, chamando-lhes de velhacos, e traidores, e fazendo-lhes outras muitas moléstias, até romperem as orelhas das mulheres, para lhe tomarem os brincos de ouro, que nelas tinham, o que os capitães não podiam remediar, por a apertura do tempo em que se viam: e como estas tropas andavam por os matos mudando cada dia sitio, e alojamento, o qual era os pés das árvores, não podiam ser achados por os holandeses, que andavam em seus alcances: neste entretanto ajuntou o Capitão, e Cabo André Vidal a si a tropa do Capitão Paulo da Cunha, e com três barcas, que tomou em um porto, entrou em uma noite na ilha de Itamaracá, e saqueou muitas casas, e matou alguns flamengos que nelas moravam, e entre estes a dois capitães, e lhes tomou as armas, e se tornou a sair da ilha sem perda, nem desgraça de sua gente. E sabendo que a nossa armada vinha aparecendo por a costa de Pernambuco, se uniram estas tropas para irem a esperá-la no porto aonde surdisse, porém vendo que ia derrotada alguns se agregaram a Luiz Barbalho, e outros se tornaram para a Bahia por seus caminhos ocultos, como também se tornou o Conde de Banholo, e o Conde da Torre D. Fernando Mascarenhas nas naus em que haviam vindo na armada tanto que a viram ir com velas estendidas para as Índias.

Como o inimigo estava mui fornecido de muita, e boa gente de guerra, sabendo que o Mestre de Campo Luiz Barbalho se tornava com o seu terço na volta da Bahia, despediu contra ele três batalhões, cada um de mil soldados, o primeiro dos quais governava Carlos de Torlon, Capitão da Guarda do Príncipe, e o segundo o Sargento-mor Martim Dais, e o terceiro o Sargento-mor Manssuel, para que o perseguissem, e desbaratassem, e como a força era grande, e o mantimento faltava aos nossos, e vinham alguns cansados

e feridos, foi necessario a Luiz Barbalho meter-se muito ao sertão, aonde não havia outro mantimento mais que milho zaburro, e este pouco, e a carne dos cavalos que levavam lhe servia de gallinhas, e capões, porem sempre foi marchando com tanto animo, e tão boa ordem, que não desamparou aos moradores da terra, assim homens, como mulheres, e meninos, que se quiseram retirar para a Bahia em sua companhia, por não ficarem sujeitos ao rigor dos holandeses, e algumas vezes mandava algumas tropas pequenas de soldados ligeiros a buscar mantimentos, com o qual foi sustentando a gente até passar o rio de S. Francisco na parte do Sul.

Chegou o inimigo com seus tres mil homens ao rio, e não quis passar dali, temendo que ali se ajuntasse muita gente nossa, e ficassem lá todos por as custas. Foi Luiz Barbalho caminhando para a Bahia, já com mais algum alivio, e descanso, e os holandeses se tornaram para o Recife, roubando aos portugueses moradores a destro, e a sinestro, e matando a muitos por mãos dos indios brasilianos nossos capitães inimigos; e bastava dizer um negro este morador falou com os soldados da Bahia, quando já estava enforcado, ou arcabuzado com rigor nunca visto; também os flamengos mataram a todos os nossos soldados, que haviam ficado atrás, ou enfermos de doença, ou feridos, sem perdoar a nenhum, e para acharem aos que estavam escondidos, fizeram grandes diligências, e a todos os que acharam, tiraram as vidas, e perseguiram com tormentos, e mortes aos moradores que suspeitavam que lhe davam de comer, ou os curavam; e assim ficou esta terra em grande tribulação

APÊNDICE AO CAPITULO

precedente

Tanto que os holandeses se viram livres da nossa armada pelo mar, e das nossas tropas, que andavam por a campanha, por não terem ociosos os muitos soldados com que se achavam, mandaram ao Capitão Torlon com uma boa esquadra de naus à Bahia, a qual entrando por a barra (a qual tem de largura quase três léguas) fez grande estrago nos engenhos, que estavam à beiramar nos rios navegáveis, principalmente no de Paraguassu, saqueando-os, e queimando-os, no entretanto que da cidade chegou a nossa infantaria de socorro aos moradores, que se haviam recolhido aos

matos, e por a terra dentro, por não terem cabedal, nem forças para lhe resistir; e como a nossa infantaria não pôde chegar, senão depois de se meterem seis dias de permeio, por ser a distância dos caminhos grandes, e haverem de dar muitas voltas, e passar os muitos rios, de que a Bahia está rodeada, que parece um eixo, e carreta com seus raios; porém tanto que a nossa soldadesca chegou, reprimiu com tal valor sua soberba, que o Torlon se tornou a sair por a barra fora na volta de Pernambuco, carregado porém de tudo o que pôde saquear, e até os eixos, e chapeaduras, caldeiras, e os mais trabalhos dos engenhos levou consigo, com os quais fabricou em Pernambuco um engenho junto à casa de D Ana Pais, com a qual se havia casado.

Poucos dias se passaram quando chegou a Bahia o Marques de Montalvão, D. Jorge Mascarenhas por Governador do Estado do Brasil com titulo de Vice-Rei; o que sabido por o Principe João Mauricio o mandou visitar, e dar-lhe as boas-vindas com um presente de mimos, e regalos, e procurou sua amizade (a intençao pode-a julgar o prudente leitor) e mandou com esta visita a um dos tres do supremo Concelho, chamado Manuel Code, e por seu intérprete a Abrahão Taper, secretario do Concelho politico, destro na lingua portuguesa, e juntamente mandou pedir, e capitular tréguas com o dito Vice-Rei, com intenção do que ao diante se conhecerá por o efeito que se viu, tanto que se ofereceu ocasião; o Vice-Rei Dom Jorge Mascarenhas como velho, sagaz, e prudente, despediu aos embaixadores cheios de muitas obrigações, por afabilidade com que os havia recebido e a majestade, e largueza com que os havia agasalhado, e por os mimos, e regalos de que os encheu, e lhe respondeu com muitos cumprimentos, e cortesia, do que o Conde de Nassau, e os mais do supremo Concelho, ficaram muj satisfeitos, parecendo-lhes que tinham seus intentos postos em bom caminho, e passados poucos dias mandou o Vice-Rei com uma caravela a visitar o Conde de Nassau, e os do Conselho supremo, com outro presente mais avantajado do que havia recebido (cá os portugueses em matéria de primores, e grandezas nunca souberam ficar atrás) e mandou por embaixadores ao Tenente-General Martim Ferreira, e o Sargento-mor Pedro de Arenas, e envolto com este presente, e debaixo deste rebuçado Sileno de Alcibíades, mandou tratar com o Conde de Nassau certo negócio de grande importância, de muito proveito, e honra para o Conde, e não de pe-

queno interesse para os moradores do Brasil, e para a coroa de Portugal, e com um largo oferecimento (cujo cumprimento lhe certificava ser infalível) lhe mandou um bastão de general, com os remates de ouro, entressachados com pedras preciosas, peça de grande valor, e o Príncipe João Maurício se viu tão embaraçado no meio destes primores, e oferecimentos, que para se resolver no que faria, foi detendo os embaixadores, e os mandou aposentar, suposto que não dava licença a toda a gente para falarem com eles, principalmente a portugueses, que lhe não era permitido o fazê-lo, senão com licença, e essa dada poucas vezes; e ali os mandava banquetear com o mesmo serviço de sua mesa, e fausto, e algumas vezes os convidava a comer com ele, e outras os vinha visitar pessoalmente com seus oficiais de guerra, e familiares.

Tornando pois ao Marquês, e Vice-Rei Dom Jorge Mascarenhas, sendo mformado do estrago, que o Torlon havia feito na Bahia, despediu algumas tropas de soldados volantes para a campanha de Pernambuco, e por cabo delas ao Capitão Paulo da Cunha, com ordem de queimarem todos os canaviais de açúcar, e todos os engenhos, e matarem quantos bois mansos achassem naquela Capitania, para que os holandeses não tivessem açúcar que carregar nas suas frotas, nem esperanças de tirarem do Brasil proveito algum, e por este caminho, obrigados dos muitos gastos que faziam, e desesperados de tirar ganância alguma, desamparassem a Pernambuco em que lhe pez; e logo despediu também secretamente ao Governador dos crioulos, e mulatos, chamado Henrique Dias, para o mesmo efeito; e após estas tropas despediu um correio ao Conde de Nassau com uma carta, na qual lhe dizia, que da Bahia lhe haviam fugido muitos soldados, e alguns deles facinorosos, e que tinha entendido que vinham na volta de Pernambuco a lhe pedir embarcações, e passagem para Portugal, por via de Holanda, ou para fazerem alguns desaforos, como costumam fazer os soldados, fora da obediência de seus maiores, e livres do temor do castigo; pelo que lhe pedia encarecidamente, que lhe não concedesse a tal licença, e passagem, antes os mandasse enforcar, se os pudesse apanhar às mãos. Escreveu isto com tal confiança, porque sabia que os soldados, que havia mandado eram mui fragueiros, acostumados a andar por os matos, e que era impossível o poder o holandês apanhá-los, salvo eles mesmos se lhe quisessem ir a meter nas mãos, porque quan-

do amanheciam em uma parte, anoiteciam dali a seis, ou sete léguas, e quando os holandeses tivessem novas deles, já estavam postos em salvo no meio dos matos, comendo e bebendo alegremente.

Tratou neste meio tempo o Vice-Rei de fortificar a Cidade da Bahia, e reformar o que achou desmantelado, e pôs a cidade (como costumamos dizer) em ponto em branco e mandou fazer duas galeaças com muitos remos por banda, e fornecidas com boas peças de artilharia, e cada uma era bastante para investir com qualquer nau guerreira, e rendê-la; e na matéria do governo público se houve com tanta prudência, e madureza, que a todos roubou os corações, e se fez não somente benquisto por sua afabilidade, senão temido, e respeitado por sua gravidade, e ânimo desapegado de respeitos, e interesses mal adquiridos, os quais desdouram as pessoas constituídas em dignidade.

Chegaram as tropas dos nossos soldados ao distrito de Pernambuco, e repartidos de dez em dez, e de quinze em quinze por as freguesias de toda a Capitania, começaram a por fogo aos canaviais, e houve grande perturbação entre os moradores, e holandeses; os moradores, porque viam arder suas fazendas, porque o fogo em canaviais é como se fora em estopas, e porque não sabiam o intento desta obra, entre os holandeses porque se viam perdidos de remate sem ter que levar de Pernambuco, e que se lhe acabam suas ganâncias, se acudiam a uma parte para impedir este mal, viam que não somente não achavam os malfeitores, mas antes se ateava o fogo em dez, e vinte partes, e que não lhe podiam dar remédio humano, e assim andavam pasmados; mas como entre estes nossos soldados vinham alguns amigos do interesse, e cobiçosos de dinheiro, tanto que se viam ausentes de seus capitães (que não podia ser menos, segundo andavam espalhados) deixaram de pôr fogo a muitos canaviais por respeito do dinheiro, que os senhores dos engenhos, e lavradores lhe davam; e por este caminho ficaram muitos intactos, e outros lhe punham fogo de contravento, e fugiam, acudindo os lavradores com seus escravos o apagavam em breve. O que sabido por o Vice-Rei jurou de enforcar aos culpados, tanto que se tornassem a recolher para a Bahia, o que não teve efeito, porque ao diante se dirá.

Andava neste tempo por o mar à pilhagem com quatro naus grossas o irmão do Príncipe João Maurício, chamado João Arneste, o qual também se intitulava Conde de Nas

sau; e no mar lhe deu uma enfermidade de câmaras de sangue da qual morreu, e o trouxeram morto ao Recife para lhe darem sepultura. Mandou o Príncipe meter o corpo defunto em uma casa aonde o embalsamaram, e mandou pedir aos moradores mais nobres da terra, que viviam mais perto do Recife, que se quisessem achar presentes, e acompanhá-lo na hora de seu enterramento, o que eles fizeram com muita pontualidade, vestindo-se os mais deles de vestidos negros, para representarem a tristeza, e luto; e o Príncipe os agasalhou à sua mesa a muitos deles; e chegadas as duas horas depois do meio-dia mandou por muitas barcas, e batéis no porto da Cidade Maurícia (a quem divide do Recife a corrente dos Rios Capibaribe, e Beberibe) para passar toda a gente, sem pagar frete, e logo mandou tirar o corpo morto da casa aonde estava, e metido em um ataúde, o passaram da outra banda do Recife, e o puseram ali no areal, aonde o estavam esperando os do supremo Concelho, e os do político, e todo o mais povo do Recife, assim flamengos, franceses, e alemães, como também judeus. E a forma com que levaram a enterrar o corpo, é a seguinte.

Puseram ao defunto em uma tumba coberta de veludo negro, com as armas da casa de Nassau esculpidas nele; e afastando-se toda a turbamulta para uma banda, e a outra parte, saiu o mordomo do Príncipe com dois açafates cheios de luvas negras, e pedaços de fita de seda negra, e larga, cada pedaço de comprimento de quatro palmos, e a todos os familiares da casa do Príncipe, capitães, e pessoas conhecidas, foi dando a cada um umas luvas, e atando-lhe nos braços esquerdos um pedaço de fita, que este era o luto, e o sinal de tristeza. Isto feito chegaram oito familiares do Príncipe, e levantaram a tumba aos ombros, e a cobertura dela ia quase arrojando por a terra, e diante da tumba se pôs um homem vestido de luto, com um escudo, aonde iam pintadas as armas, e brazão dos Príncipes de Orange; e junto a este homem um cavalo vestido de baeta negra, que só as orelhas, e os olhos lhe apareciam, e os cascos dos pés, e mãos; e começando a caminhar se pôs no meio de todos um pregoeiro com um rol nas mãos, e foi nomeando por seus nomes a todos os que haviam de ir naquele acompanhamento por sua ordem cada um, no lugar que ali lhe sinalavam.

Detrás da tumba foi o Príncipe vestido de veludo negro ao ligeiro, com luvas negras nas mãos, e uma plumagem branca no chapéu, junto ao qual ia o seu Capitão da Guarda

com doze alabardeiros, seis de cada parte, logo iam todos os criados do Príncipe, e oficiais de sua casa, cada qual com o vestido que trazia ordinariamente; após estes se seguiam os três do supremo Concelho com os seus secretários, logo iam os do Concelho político, logo os da Câmara da Justiça ordinária, a que chamam escabinos, com todos os oficiais daquele tribunal, logo os oficiais maiores da milícia, logo os portugueses, que haviam sido chamados para aquele ato, logo os mercadores flamengos, franceses, e alemães, logo os judeus, e após estes se seguiam todos os capitães com suas companhias postas em ordem, e detrás destes iam os índios brasilianos com suas armas, assim de fogo, como arcos e flechas; e no fim desta procissão ia toda a outra turbamulta do povo. Com esta ordem foram entrando por a porta do Recife, e foram dando volta por todas as ruas, sem ninguém falar palavra, antes iam todos em um profundo silêncio, e depois de darem volta a todo o Recife, entraram na igreja do Corpo Santo, que a eles lhe serve hoje de pregarem suas falsas seitas, e fazerem suas diabólicas cerimônias, e ali enterraram o corpo, metido em uma caixa, sem música, nem lagrimas, nem outras demonstrações de preces, e sufrágios; e enquanto o enterraram, deu toda a soldadesca três cargas de mosquetaria, e as fortalezas da terra, e naus do mar, dispararam muitas peças. Isto acabado tornaram todos acompanhando ao Príncipe com a mesma ordem que haviam vindo, até fora da porta do Recife, aonde o Príncipe com o chapéu na mão, fez a todos uma profunda reverência; e isto feito se foi cada um para sua casa. E aqui me falta uma advertência, e é, que antes que levassem o corpo a enterrar, estava posta uma mesa na casa do Príncipe, sem toalhas, mas com muitos pratos cheios de carne cozida, e assada, e peixe de escabeche, outros com pedaços de queijo, outros com manteiga, e muito pão partido em fatias, e muitos frascos de vinho de Espanha, e França, cerveja, e aguardente, aonde cada um ia tomar sua refeição, e fazer seus brindes, segundo levava gosto, e estes eram os Pater Nostres, e responsos, que rezavam por o defunto; e o mesmo tornaram a fazer depois que lhe deixaram o corpo enterrado. E para isto se fundam em sua falsa seita, a qual pregam, e crêem que não há ai purgatório, nem são necessárias preces, e sufrágios feitos por os defuntos, porque todos os que crerem em Cristo, hão de ir ao céu, ainda que não façam boas obras, e para isto alegam aquelas palavras do Evangelho. Mac. 16. num. 16.

Qui crediderit, e baptisatus fuerit, salvus erit. Não atentando que está dando vozes o Apóstolo Santiago na sua Epístola Católica, cap. 14. *Siquis dixerit sidem se habere, opera autem non habeat, nihil illi proderit*. E São Paulo in Epist. ad Rom, cap. 9, n. 32 e I. Corinth. 15. *Fides sine operibus mortua est*. Que pouco aproveita que um homem creia em Cristo, se a esta fé a não acompanham as boas obras, porquanto a fé sem obras, é fé morta.

O VALEROSO LVCIDENO, E TRIVMPHO DA LIBERDADE,

ACCLAMADA NA RESTAVRAC,ÃO de Parnambuco.

LIVRO SEGVNDO.

CAPITVLO I.

Das cousas que sucederão no Estado do Brasil com a felice noua da acclamação do Excellentissimo Principe Dom Ioão Duque de Bargança, & como lhe foi entregue o Trono, Coroa, & Sceptro do Reyno, & Monarchia de Portugal como a seu legitimo Rey, & Senhor natural.

CHEGADO o anno do nascimẽto de nosso Senhor Iesus Caristo de mil & seiscentos & quarenta, chegou com elle a naçaõ Portuguesa hũa soberana alegria, quando seu Reyno estaua mais sepultado em hum profundo mar de agonias, & tristezas; & verdadeiramente que se pode aplicar aos Portugueses aquillo que o Sancto Propheta diz dos Sactos Padres, que estauão no Limbo, situado as portas do inferno, tolhado com as sombras da morte. *Sedentibus in tenebris, & umbra mortis lux orta est eis.* Porque quem tivesse visto a Monarchia do Reyno de Portugal, Oriente, taõ largas terras, & Estados cõquistados na America, tantas Ilhas descubertas, & sogeitas no meio das ondas do grande Occeano, tantas proesas feitas na propagaçaõ da sancta Fe Catholica por todas as partes do mundo; o nome Portugues tão temido, & respeitado de todas as naçoens; a Africa ardente tremendo da furia de seu braço, & despois que lhe faltaraõ os Reys naturaes, tão abatido, & acanhado, tão sem fama, sem lustre, & sem adorno, tão cheo de miserias, & trabalhos, bem pudera cõ razão chorar suas desgraças com aquellas palauras, com que o lacrimoso Propheta Ieremias choraua de antemão as de seu pouo, & a ruina que estaua para cahir sobre a cabeça da Cidade de Ierusalem. *[illegible] domina gentium Prin[illegible] sub tributo non est [illegible]* Aquella que era senhora das gentes esta como hũa triste, & desemparada viuua, que tem perdido o marido, que a trataua com charidade, amor, & caricias; a Princesa, ou principal de todas as Prouincias do mundo está

O VALEROSO
LUCIDENO
E TRIUNFO DA LIBERDADE
ACLAMADA NA RESTAURAÇÃO DE PERNAMBUCO

Livro Segundo

CAPÍTULO I

Das coisas que sucederam no Estado do Brasil com a feliz nova da aclamação do Excelentíssimo Príncipe Dom João Duque de Bragança, e como lhe foi entregue o trono, coroa, e cetro do Reino, e Monarquia de Portugal como a seu legítimo Rei, e Senhor natural

Chegado o ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil e seiscentos e quarenta, chegou com ele à Nação portuguesa uma soberana alegria, quando seu reino estava mais sepultado em um profundo mar de agonias, e tristezas; e verdadeiramente que se pode aplicar aos portugueses aquilo que o Santo Profeta diz dos Santos Padres, que estavam no Limbo, situado às portas do inferno, toldado com as sombras da morte. Sedentibus in tenebris, e umbra mortis lux orta est eis. *Porque quem tivesse visto a Monarquia do Reino de Portugal no tempo que tinha reis de sua nação, que a governavam, tantos reinos, e reis seus tributários nas partes do Oriente, tão largas terras, e Estados conquistados na América, tantas ilhas descobertas, e sujei-*

tas no meio das ondas do grande Oceano, tantas proezas feitas na propagação da Santa Fé Católica por todas as partes do mundo; o nome português tão temido, e respeitado de todas as nações; a África ardente tremendo da fúria de seu braço, e depois que lhe faltaram os reis naturais, tão abatido, e acanhado, tão sem fama, sem lustre, e sem adorno, tão cheio de misérias, e trabalhos, bem pudera com razão chorar suas desgraças com aquelas palavras, com que o lacrimoso Profeta Jeremias chorava de antemão as de seu povo, e a ruína que estava para cair sobre a cabeça da cidade de Jerusalém. Facta est quasi vidua domina gentium. Príncipe Provinciarum facta est sub tributo; non est qui consoletur eam. *Aquela que era senhora das gentes está como uma triste, e desamparada viúva, que tem perdido o marido, que a tratava com caridade, amor e carícias; a Princesa; ou principal de todas as Províncias do mundo está cativa, e feita tributária.*

De muitos artifícios usou Deus para refrear um dos desejos de mais dura boca que o homem tem, o qual é o apetite insaciável das prosperidades desta vida; porém o Sábio diz umas palavras, que se bem se considerarem, são bastantes para fazer deter o passo ao mais cobiçoso, e fora de caminho Beatus vir, qui inventus est sine macula, qui post aurum non abist. *Eccles. cap. 31, num. 1. Bem-aventurado chama ao que não vai após o outro; porém pudera-se perguntar ao Sábio, que tem o ouro, que é bem-aventurado o que não pisa seu caminho? Não diz Deus, que ao ouro tudo lhe rende vassalagem?* Pecuniæ obediunt omnia e *Horácio.*

omnes eninm res,

Virtus, fama, decus, divina, humanaqui, pulchris Divistiis parent, *ec. Que tudo lhe tem respeito, e os acompanha. E Eurípedes lib. 3.* Sed nihil est nobilitas comparata pecuniis. *Que, sem elas, nem a nobreza tem seu lustre, e com elas a prosápia mais obscura resplandece. Pois porque há de ser bem-aventurado o que não as seguia? A esta dúvida responde o Apóstolo São Paulo, com umas palavras dignas de seu autor.* Qui divites volunt sieri, incidunt in tentationem, e in laqueum diaboli, e desideria multa, e inutilia, e nociva. *Três tropeços diz o Apóstolo que tem este caminho, e qualquer deles basta para quebrar a cabeça ao que o segue. O primeiro são tentações.* Incidunt in tentationem.

Caem em tentação. Varie solicituntur ad divinas, e humanas leges transgrediendas. *Diz Adamo, de mil maneiras são solicitados para traspassar as humanas, e as divinas leis. E é o que disse Ovídio*. Esso diuntur opes, irritamenta malorum. *São as riquezas umas esporas de agudas pontas, com que o cavalo do apetite é incitado, a se despachar por todos seus gostos. Imagina o rico que tudo lhe é lícito, e que seu gosto é a lei, e premática por onde há de fazer caminho*. Jactancia effrenatur, currit ad libitum. *Diz Inocêncio, como um cavalo desbocado faz caminho por seus gostos; não corre por onde ensinam as leis de Deus, nem a das repúblicas políticas, senão por onde quer o apetite*.

O segundo é. In laqueum diaboli. *Caem nos laços do demônio; mil generos de caaaas, e laços tem o Principe das trevas no mundo, e em quase todos cai o rico. A uns pesca com laços, e laços são as riquezas, diz S Bernardo Serm 4, in psal. qui habitat*. Laqueus diaboli divitiæ sunt. *E Santo Antonino 1. p. de rapic. 12*. Amor divitiarum implicat mentem, ut non valeat quæ sursum sunt quærere. *As riquezas são laços do demônio, aonde caem as almas dos néscios, e são redes de malhas tão miúdas, que poucos corações há aí, que nelas não fiquem enredados, outros caça com visgo, e também são visgo os bens da fortuna, diz Cassiano, são visgo que prende as penas do espírito, não o deixando levantar ao centro de sua esfera; a outros com atoleiros, e tremedais, e outros com piozes, e tudo são as propriedades do mundo, segundo o diz o Profeta Abacuch. 1* Væ ei, qui multiplicat non suam usquequo, e aggravat contra se densum lutum *Lodo espesso chama às propriedades, não só porque mancham a pureza do espírito, como o diz S. Remígio*. Et gravissimo iniquitatis pondere mentem deprimunt *E também porque deitam piozes à alma, para que não se levante senão porque são uns atoleiros, e tremedais aonde estanca a alma seus desejos. e sem poder dar um passo ddiante é presa de seu inimigo*.

E é de notar aquela palavra, Densum, *não se contenta com chamar lodo às propriedades, e riquezas, senão lodo denso para significar quão certa tem o demônio a caça. Se cai um homem em um rio, fazendo força se sustenta na água, e com bracejar um pouco, e ajudar-se sai à terra; porém se a água é cenagosa, e lodacenta, e o lodo é pesado ainda que saiba muito bem nadar, não há aí remédio; e assim o Santo Rei David para significar quão metido estava nas*

misérias, dizia. Infixus sum in limo profundi, e non est substantia. *Psalm. 68. Metido estou no sono, e lodo da profundidade dos trabalhos, e não acho aonde tomar pé, lodo apegadiço são as riquezas, e prosperidades, aonde se vê o homem atolado, e é dificultosíssima a saída, e mui certa a caça do demônio, de maneira que rara é a rede, e laço da eterna morte, que não esteja escondida debaixo do rebuço das riquezas e prosperidades; e não vá o homem com a beleza e formosura delas levado como a empurrões para sua perdição, segundo o diz o Espírito Santo. Proverb. 21* Et impingetur ad laqueos mortis. *Que isto significa o verbo,* Impingere. *E assim Virgílio. 9. Æneid.* Examinata sequens impingeret agemina muris. *Pecados, e vícios há em que para meter neles há mister o demônio, e a morte todas suas máquinas, e artifícios, porém o amor das prosperidades, a olhos vistos mete o homem os pés em seus laços, e entrar por as portas do inferno, por onde disse São João Crisóstomo. Homil. 9. super Math, que as riquezas têm grilhões, cadeias, e laços, que nesta vida preparam aos homens para o fogo eterno da outra.*

O terceiro tropeço é, In desideria multa inutilia, e nociva, *em desejos muito inuteis, e danosos; que veia tão fértil de desejos é o coração de um rico! Não lhe matará a fome quanto as Índias criam. Escrevendo Aristóteles os livros da natural Filosofia disse, que é impossível haver no mundo coisa infinita; porém considerando a coisa com mais maãureza, nas políticas, tornou a dizer.* Desiderium divitiarum vadit in infinitum. *Que a exceção desta regra é o apetite das riquezas, e prosperidades, e dá a razão São Gregório Magno in lib 15, moral, dizendo.* Avaritia desideratis rebus non extinguitur, sed augetur. *Que as riquezas não são água que mata o desejo, senão lenha que o aviva, de onde aqueles embaixadores que os Citas mandaram a Alexandre Magno o que entre outras coisas lhe disseram, segundo o que refere Quinto Curcio, lib. 7, foi.* Quid tibi divitiis opus est, quæ et esurire cogunt. *Que necessidade tem teu apetite de mantimento, que causa fome, e quanto mais se come, menos farta; o que bem confirma S. Agostinho dizendo, que o apetite do rio é como o inferno, que ainda que mais, e mais almas trague, jamais se satisfaz, assim os ricos, quanto mais têm, mais desejam, como o fogo que quanto mais lenha lhe deitam, mais se aumenta; e nesta conformidade diz David. Psal. 33.* Divites eguerunt, é esurierunt

Os ricos tiveram necessidade, e fome; coisa digna de consideração, que o que tem a casa feita uma colmeia, os celeiros atulhados de trigo, legumes, e licores, a fazenda bem parada, as rendas certas, os tributos de cada dia, este tenha necessidade, e fome? Esta é a condição dos bens de fortuna, que são lenha que aumenta o fogo, e não água que o apaga. E isto diz Quinto Curcio lib. 7. que disseram os embaixadores dos Citas a Alexandre. Primus omnium satietate parasti famen. *E S. Agostinho, Serm. 13 de verbis Domini, deita o selo neste ponto, quando diz,* Divitiæ corporales paupertate plenæ sunt. *Que as riquezas, e prosperidades estão cheias de pobreza, e assim não fartam, mas causam fome, nem matam o fogo, senão que o aumentam, e acendem.*

Para mais exagerar esta verdade, diz o Espirito Santo. Provero. 29. Infernus e perditio nunquam explentur, similiter, e oculi hominum. *O inferno, e a perdição nunca se fartam, e a uma conta, vão com eles os olhos do avarento, não só são como o inferno, e como o fogo, senão como a perdição (encarecimento raro) e inferno é insaciável, porque pode receber muitas, e muitas mais almas que as que tem, e com o fogo de suas chamas atormentar mais números de espíritos do que há aí de estrelas; porém é de tal condição que ainda que não houvesse condenado algum, ele ficaria na natureza de sua substância tão inteiro, e tão perfeito, como Deus o criou no princípio; não consiste sua conservação no número das almas, porem a perdição se não houvesse almas, em que se cevar, não a haveria, porquanto é impossível haver perdição sem coisa perdida por onde David Salm. 48. tratando das almas dos maus, diz.* Circut oves in inferno positi sunt, e mors depascet eos. *Estão como ovelhas no inferno, e a morte se repasta neles, são seu alimento, e a herva que come, e o manjar de que se sustenta; e como nisto consiste a conservação da morte, é seu desejo ardente, insaciável, e fogoso, e com ser tal, corre com ele de par a par o do avarento, é tão grande o desejo do cobiçoso como o da morte, se a morte fora capaz de desejo.*

A segunda circunstância é, que estes desejos são inúteis. Et inutilia. *Porém vejamos para que são inúteis para a vida humana? Para o contentamento? Para a sabedoria? Ou para que? Responde que para tudo, e principalmente para o que se pretende com as riquezas, e prosperidades, deseja-as um homem, e depois de adquiridas fica tão pobre como dantes; assim o disse Valério Máximo, Serm. 25*

Quid quæso continua bominum eupiditate egent. *Assim o dizem Pitocles, apud Senecam lib. de remed. fortuit, e Seneca lib. de morib.* Si vis dividem sacere, non pecuniæ addendum est, sed cupiditatibus detrabendum. *Isto diz o Espírito Santo, Proverb. 77.* Vir, qui festinat ditari, aliis invi det, ignorat quod egestas veniet ei. *E finalmente o Santo Job.* Agite nunc divites, plorare ullulantes in miseriis vestris. *O que o mundo chama riquezas, chama Job misérias, e desventuras, e nestas diz que gemem, e bramam os ricos, não diz que choram e enchem os ares com suspiros, e vozes humanas, senão com bramidos que é próprio dos animais brutos, não está um rico para formar vozes de homem, senão que como uma besta brama, e como um jumento geme debaixo da carga, e se bem se considera, muitas vezes está pior que os brutos, segundo diz S. Agostinho, lib. de verbis Domini.* Que est ista aviditas concupiscentiæ, cum e epsæ bellua habeant modum? Tunc enim rapiunt cum esuriunt parcunt vero prædæ cum senserint satietatem. Insatiabilis est sola averitia divitum, semper rapit, e nunquam satiatur.

A terceira circunstância dos desejos dos ricos, e Nociva. *Não só são inúteis, néscios, e piores que de brutos, senão nocivos, ordenados em dano dos que o tem, como afirma o Espírito Santo, Proverb. 21.* Multos perdidit aurum, e argentum. *A muitos deram morte os bens da fortuna, e foram como os filhos das víboras, dos quais diz Santo Ambrósio, que ao nascer rompem as entranhas a suas mães, e lhe dão morte; são como o baço, o qual como diz Sexto Aurélio, quanto mais engorda, e cresce, mais se debilitam as mais partes do corpo; quanto os desejos das riquezas mais crescem, mais decrescem, e míngua todo o bom, que um homem possui por onde diz o Sábio nos Provérbios.* Qui congregat divitias lingua mendaci vanus, e excors est. *O que ajunta os tesouros com mentiras, é vão, e sem coração, privam, e despojam do coração as riquezas ao que as buscam, e com maus meios as adquire.* Vanus, e excors. *Novo modo de falar por certo a um homem que tem uma chancelaria de cuidados, e uma frágua aonde de dia, e de noite se estão forjando mil despropósitos, e variados pensamentos chamais sem coração? A um homem, que é uma ataraçana aonde se armam naus, que querem conquistar o mundo, e tê-lo por seu; a um mar alto de desejos chamais sem coração?* Vanus e excors. *Sem coração está; porque o coração, como disse*

Engubino, e princípio de vida, e o seu é o começo de sua morte; sem coraçao está, porque o coração ordena-se, ao que a todo o homem convém; e o seu é uma ferraria aonde se forjam as setas que o atravessam; não é coraçao, senão o touro de Perilo, aonde seu próprio autor se abrasa com o fogo de dores, e se enregela com os frios dos temores, como bem o adverte S. Isidoro, i. ad Timoth. 6. Qui bona mundi dilexit, velit, nolit, timoris, e doloris pœnæ succumbit.

E se quiserdes saber o fim a que as riquezas, e prosperidades levam aos ambiciosos; perguntai a S. Paulo, que ele o diz claramente. Mergunt homines in interitum, e perditionem. *Afogam a um homem nas aguas da eterna morte, ja-se aelas, e a melhor tempo o deixam frustrado; não entendeu mal isto o que (como diz Volaterrano lib. 3. Philol.) pintou a fortuna com muitos homens nos braços, que metendo-os na profundeza das águas, ela se ia tao livre como de antes estava; pelo que o Real Profeta, Salm. 61, nao cesse de visar ao homem, dizendo.* Divitiæ si affluant, nolite cor apponere. *Se te vierem em abundância as riquezas, e prosperidades, não lhe entregues o coraçao, não as deixes fazer em ti remanso, nem represa, porque te afogarão facilmente. Olha que assim como os rios, se lhes póem algum estorvo que detenha sua corrente, como se vão multiplicando as águas, ao fim ver a crescer tanto, que rompem o açude, e dão com tudo de través, tornando-se eles á sua corrente acostumada, que assim são os bens da fortuna, se fizer de teu coração represa, e se vão aumentando, hão de rompê-lo, e quebrá-lo, e desconcertado tudo, hão de dar com ele no mar alto da morte; e pois isto assim passa, não há ai que fiar deles, porque são tentações, laços, ciladas, visgo; e redes do demônio; são princípio de infinitos desejos inúteis, prejudiciais, e nocivos, que se um homem não se precata, e está alerta, o metem nos abismos da eterna morte.*

Foram os portugueses no princípio de sua Monarquia, tão amados, e queridos de Deus, que como a tais lhe deu gloriosas vitórias de todos seus inimigos caseiros, e vizinhos, e os encheu de opulentos despojos dos apartados da sua Santa Fé Católica, e fez chegar seu nome, sua fama, e o valor de seus braços, até as últimas partes do mundo, fazendo descobridores, e conquistadores de todo o Oriente, fazendo-lhe sujeitos, e ainda tributários muitos reis, e metendo debaixo de seus pés muitas tiaras, cetros, e coroas; dando-lhe novos Estados, e Províncias, na América, Brasílica, as mais das

ilhas, que no mar Oceano, e Índico, se conhecem, e habitam, enfim pondo-os em tão alto trono, que uns temiam de ouvir seu nome, e o reverenciavam, e outros invejavam suas riquezas, e prosperidades, mas como estas costumam perverter, e desencaminhar aos corações humanos; vendo-se os portugueses tão prósperos, e abundantes, deram entrada aos vícios, entrou com eles a soberba, confiaram mais do que convinha em seu valor, e esforço, se esqueceram de dar a Deus as devidas graças, por os benefícios que de sua liberal mão haviam recebido; e como a ingratidão é um pecado que mais provoca a Deus a executar sua ira, e justiça, começou Deus a castigá-los para que tornassem ao verdadeiro caminho, que encaminha para o céu.

Quereis saber que coisa tão estranha é de Deus a ingratidão, e o desconhecimento das mercês recebidas de sua mão? Pois ouvi o que diz Santo Agostinho, in soliloquiis, falando com Deus. Scio quod ingratitudo multum tibi displiceat. *Senhor eu sei que a ingratidão vos desagrada, e enjada terrivelmente. E se vos parece que diz Santo Agostinho muito, ouvi a S. Bernardo.* Dico ego vobis quoniam pro meo sapere nil ita displicet Deo, præsertim in filiis gratiæ, hominibus conversis, quemadmodum ingratuto. *Em tudo o que eu posso alcançar da condição de Deus, não há ai no mundo coisa que seja mais contra seu gosto, que um ingrato. Muito o são todos os mais géneros de pecadores, muito as desonestidades, as murmurações, os furtos, os homicídios; e outros géneros de desajoros, porém a ingratidão, e má correspondência, o desagradecimento, e pouca cortesia, não há sofré-la, nem tragá-la; e pois isto assim é, quem se há de atrever a pôr os olhos em coisa que Deus tanto abomina? E se tudo isto não basta para que recobremos sobre nós, ouçamos, o que o desagradecimento faz com Deus, e Deus com o desagradecido; ouçamos o que diz por Sofonias: 3.* Væ civitas provocatrix, e redempta. *Ai da cidade provocadora, e redimida, ai de uma cidade que redimida por mão de Deus, e tirada de mãos de seus inimigos, a qual provoca a Deus, mostrando-se ingrata, fala aqui a letra, segundo S. Jerônimo sup. cap. 3. e outros, da santa Cidade de Jerusalém, que havendo-a Deus tirada tantas vezes dos perigos, não tinha a correspondência que era razão. E que é o que faz com esta sem razão?* Redempta, e provocatrix *E no grego, em lugar de* provocatrix, *está,* Deum amarum facientis. *Um ingrato faz a Deus de fel, e vinagre, não*

há amargura para ele, como uma má correspondência. Dulcem dominum, atque clementem vertens in mansuetudinem, ut qui misereri vult, punire cogatur. *Diz S. Jeronimo: a ingratidão converte a doçura, e clemência de Deus, a suavidade, e brandura de seu peito, em um vinagre ajeitado, e cheio de amargura. Diz pois Deus.* Væ civitas provocatrix, e redempta. *Ai de ti cidade de Jerusalém, porque te mostras ingrata, havendo-te eu redimido; e como a redimia: Se vamos ao tempo de Senacherib com sangue de cento e tantos mil homens, se ao tempo de Faraó, quando tirou o povo do Egito, redimiu-o com as jóias dos egipcios, com mortes dos primogênitos, e com afogar no mar Roxo todos seus exércitos, e armadas, de maneira que tanto sente Deus a má correspondencia que tem ao havê-los redimido com sangue inimigo, e jóias alheias. Pois que sentira vendo-os a vos, e a mim desagradecidos, a quem redimiu, como diz São Pedro. 1.* Non corruptibilibus auro, e argento redempti estis, etc. *Não com ouro, e jóias corruptíveis, senão com sangue sem mácula do cordeiro. Se redimindo os judeus com vidas de seus contrários, é fiel para seu gosto o vê-los ingratos; a nós outros os cristãos, que por preço de sua propria vida nos comprou, e libertou do cativeiro do demónio, que sentirá? que fará? que? Ouvi o que se segue.*

Mané mané indicium suum dabit in lucen, e non abscondetur. *Pela manhã, pela manhã fará justiça do ingrato; porém Senhor vejamos, pela manhã, o haveis de justiçar? Não esperareis ao meio-dia, ou à tarde, senão tão piedoso? Não aguardareis a que se convertesse? Ouvi umas temerosas palavras de S. Agostinho; vai tratando da ingratidão, e diz.* Obstruens fontem divinæ misericordiæ super hominem. *A ingratidão fecha, e tapa a fonte da divina misericórdia a pedra, e cal, é um betume tão terrível que não deixa sair gota. Pecados há, que ainda que provocam a Deus a ira, e sanha, todavia não estanca toda a corrente de sua misericórdia, e assim quer por aqui, quer por ali, sempre sai alguma gota, e sempre a misericórdia detém a Deus a mão; e se pela manhã pecamos, faz que Deus espere por a tarde para nos castigar, dando lugar a que nos convertamos; porém a um ingrato,* mané, mané, *mui de manhã o castiga Deus; quantos colhe Deus ao despontar de suas mocidades? Quantos leva a morte em abraço? Quantos morrem em flor? Pois que é isto? Sabeis que? É o vício da ingratidão, que provoca a Deus a vingança, e assim sem esperar mais, desembainha Deus sua espada,* mané, mané.

Ora, notai. Sai o pai de famílias mui de manhã a alugar obreiros, e sai depois à hora de terça, à de sexta, à de nove, de sorte que quase até o fim do dia saiu, e os recebeu em sua vinha; pois Senhor, como esperastes tanto aos obreiros? E aos ingratos não vos contentais com dizer que por a manha acabareis com eles, senão que para que entendamos quão de manhã sera o castigo, o repetis duas vezes, mané, mané? *Sabeis que? Aqueles obreiros o vício que tinham era de ociosos, e assim desse lhe fez Deus cargo.* Quid hic statis tota die otiosi? *Math. 20. A um ocioso espera-lhe Deus todo o dia, porém a um ingrato, e desconhecido, pela manhã acaba com ele muitas vezes.*

E notai mais. Quer Davia exagerar quanto em rosto dão a Deus os homens derramadores de sangue, e enganadores de seus proximos, e diz, por grande coisa. Viri sanguinum, e dolosi non dimidiabunt dies suos. *Salm. 54. Homens espadachins, alvorotadores dos povos, e acutiladores não chegarao à metade de seus dias; Deus lhe tirara a vida apressadamente, e não se lograrao, não chegarão à metade do dia; e um ingrato a menos chegara que isso, pois ao despontar da aurora o tirará ao cadajalso, e fará justiça dele* mané, mane. *Pois Senhor, que tem este vicio mais que os outros, que não lhe esperais sequer ao meio-dia? Esperais ao ocioso não só até o meio-dia, senao até o pôr do sol; e ao ingrato tirais a vida antes que nasça? Aguardais ao derramador de sangue até a metade do dia, e ao ingrato justiçais pela manhã? Que é isso? Sabeis que? Ouvi a Santo Agostinho, de ingratitudine.* Mala mortua iam oriuntur, e viva iam opera moriuntur, e ultra non adipiscuntur. *É a ingratidão tão perversa, que ressuscita quantos males um homem tem feito, e acumula-se os processos antigos, para que os males lhe venham juntos, tira a vida a quanto um homem tem de bom, e tira-lhe a esperança de alcançá-lo, assim como coisa rematada, e de quem nenhum bem se espera não espera Deus mais senão que pela manhã tira a vida* Mané, mané. *E por isso S. Bernardo, Serm 5 1. in cant definindo a ingratidão, diz é inimigo da alma, uma bomba que tira do coração os merecimentos, um desterro das virtudes, e uma perdição dos benefícios.* Ingratitudo inimica est animæ, exinanitio meritorum, virturum dispersio, beneficiorum perdito.

Subido estava no campo de Ourique Jesus Cristo nosso Salvador no trono das alegrias de seu coração, aonde rece-

beu a coroa, e o título de Rei, segundo o tinha profetizado David, Salm. 95. n. 10. Dicite in gentibus, quia Dominus regnavit a ligno. *E vencendo ao inferno, e morte, alcançou o triunfo de nossa liberdade, e averiguou a empresa do nosso resgate, posto nos braços da cruz, se mostrou ao afligido e angustiado zelador, e defensor de sua santa Fé Católica D. Afonso Henriques; e prometendo-lhe gloriosa vitória de tão grande imensidade, e número de mouros, como consigo tinha Ismael, e os outros reis seus confederados; e em lhe dando o título de Rei de Portugal, e por armas, o brazão sua santa cruz, e as insígnias de nossa redenção, que são as cinco chagas, os trinta dinheiros, porque o Senhor foi vendido, e nos sete castelos, os sete dons do Espírito Santo; e prometendo-lhe a propagação dos reis seus sucessores no trono da Lusitana Monarquia, e certificando-lhe em como o tinha escolhido, e aos portugueses, para que levassem seu nome, e sua fé até as últimas partes do mundo; e no mesmo tempo, e hora em qde lhe prometeu tão assinaladas mercês, benefícios, deitando os olhos de sua presciência à ingratidão, e má correspondência, que pelo tempo adiante os portugueses haviam de mostrar para com ele, logo os ameaçou com o castigo, para que se emendassem, e o ameaço lhe servisse de piozes, que os detivessem no caminho de seus apetites, em lhe dizendo, que prosperaria, e dilataria os reis de Portugal da descendência do Santo Rei Afonso, até a décima-sexta geração.* Usque ad decimam-sextam generationem. *Logo acrescentou.* Tunc attenuabitur. *Passada a décima-sexta geração, então se adelgaçará o Reino de Portugal, e ficará sua coroa pendurada de um delgado fio, a risco de cair em terra, e se quebrar de todo em todo. Consta isto em Maris, no juramento d'El-Rei Dom Afonso Henriques.*

Pois dizei-nos Senhor, como é possível que sejam aguadas, e limitadas as mercês de vossa mão, e que regateeis vossos favores tanto, com os descendentes de um santo Rei, a quem vós tanto quereis, e amais? Eu vô-lo direi. Estava Deus vendo com os olhos de sua persciência a ingratidão dos portugueses, e põe-lhe diante dos olhos o ameaço do castigo, para que com o temor dele detenham o passo, e não sigam os vícios, antes façam um forte muro de amor, rodeado de ameias de virtudes, que saiam ao encontro à divina justiça, e reprimam seu rigor; e assim façam com Deus que mude a rigorosa sentença. Sempre foi costume de Deus, quando prometia mercês aos de seu povo, fazer as promes-

sas com cláusula de que não se apartassem de sua santa lei, nem de cumprir sua santa vontade; porém que tanto que se esquecessem de Deus, e seguissem o caminho dos vícios, logo seriam castigados com fomes, sede, peste, guerra, e cativeiros, e cumpria rigorosamente sua palavra esta verdade acharemos em muitos lugares da sagrada escritura, e assim enquanto o povo de Israel andava por o caminho da virtude sempre Deus o favorecia, e conservava em sua felicidade Assim do mesmo modo entre tantos benefícios como Deus prometeu aos portugueses, lhe pôs o ameaço do castigo, que lhe tiraria os reis, e adelgaçaria seu Reino, e o poria a ponto de se acabar, isto se entende quando se mostrassem ingratos, e maus correspondentes a seus benefícios. Tunc attenuabitur.

Chegou o tempo de se adelgaçar, por pecados nossos, e nossas ingratidoes a coroa de Portugal, que foi com a desgraçada jornada d'El-Rei D. Sebastiao à Africa, e sucessão do Injante, e Cardeal Dom Henrique no real trono portugues, com cuja morte começou o Reino a ser combatido com terriveis vai-véns, e canhões reforçados, com o primeiro dos quais se viu cativo de Castela, no qual cativeiro, e áspera masmorra esteve sepultado sessenta anos, entre ânsias, fadigas, tribulações, desfavores, injustiças, e tão pusilânime, abatido, e achando que até os humildes bichinhos da terra se lhe atreviam. Os holandeses lhe tinham tomado muitos portos na Índia Oriental, no Brasil lhe tomaram a Bahia, e depois desta restaurada lhe tomaram a Pernambuco, com toda sua costa até o Maranhão, lhe tiraram de poder toda a costa de Guine, e África; no mar cada dia lhe tomavam as naus os holandeses, ingleses, e franceses, turcos, e mouros, não havia quem não tivesse ânimo, e brio contra os portugueses, tanto que lhe faltou rei; e verdadeiramente que se pode dizer deles o que os demônios dizem (por a boca do Real Profeta, Salm. 70) de uma alma tanto que a vêem em pecado. e por esta via odiada com Deus Deus dereliquit eum persequimini, e comprebendite eum, quia non est qui eripiat. *Deus tem largado de sua mão a esta alma, pois a ela, a ela todos, porque em Deus lhe faltando com seu favor, não haverá quem a livre de nossas mãos.*

Nunca Deus desampara de todo o ponto a um pecador enquanto a vida dura, nem se esquece de o favorecer com os auxílios suficientes, antes com o grande cuidado, que tem de acudir a nosso desamparo, desmente a maldade dos perver-

sos pecadores, e a obstinação com seus vícios, assacando a Deus que não se lembra de lhe acudir em suas tentações e isto é o que lhe imputava a sinagoga para seguir seus desaforos, segundo o refere o Profeta Isaías, cap. 49. n. 14, e 15. Dixit Sion Dominus oblitus est mei. *Disse Sion, o Senhor se tem esquecido de mim, e tem deitado detrás das costas minhas necessidades, ao que Deus replica logo, dizendo* Si potest mater oblivisci infantem suum, ut non misereatur filio uteri sui; e si illa oblita fuerit, ego tamen non oblviscar, quomodo obliviscar tui, ecce in manibus meis scripsi te, muri tui coram oculis meis semper. *Será possível povo ingrato, que uma mãe se esqueça do filho que trouxe nas entranhas, e pariu com tantas dores, e criou a seus peitos? Pois sabe que mais possível será isto do que o poder-me eu esquecer de ti; porque te faço saber que te trago retratado em minhas mãos, e tenho sempre diante dos olhos os muros de tua cidade, junto aos quais me encravaram em uma cruz, e me tiraram a vida entre os maiores, e mais ásperos tormentos, que jamais padeceu pura criatura. Introduz o grande poeta a Heitor, aparecendo na noite, em que Tróia foi abrasada, a Enéias, mui cuidadoso, e admirado do sucesso da traição, e diz que trazia vertendo sangue as feridas, que os gregos lhe haviam dado na guerra.*

> Vulneraque, illa gerens, quæ circum plurima mutos accepit patrios.

Porque verdadeiramente capitão ensangüentado mal se pode esquecer da pátria, por cujo respeito lhe acutilaram o corpo na guerra; e a este respeito, diz S. Agostinho, que quis Cristo Nosso Senhor ressuscitar com suas chagas, não só para brazão de seu escudo, e troféu de suas vitórias, senão para nos demonstrar que para que se não possa esquecer de nós nos traz escritos nas chagas, que por nosso amor recebeu nos pés, no lado, e nas mãos. Sunt incorpore vestigia vulnerum, quasi tituli gloriarum.

Não desamparou Deus aos portugueses de todo o ponto, nem se esqueceu deles, mas somente os castigou por sua ingratidão, porém como lhes tinha feito tantos favores, e o fazer Deus mercês aos homens é empenho para lhe fazer outras muito mais avantajadas; como tinha escolhido aos portugueses por filhos queridos, e amados, vendo-os fustigados com a vara de sua justiça, e desejando de os visitar com a clara luz de sua misericórdia, mete-os no caminho, por

qual para a casa da misericórdia se caminha, que são os trabalhos, e aflições. Fingiram os poetas, que se queixou o trabalho ao deus Júpiter, porque dando a todas as outras coisas filhos, e seus descendentes, e sucessores, a ele o deixavam estéril, e sem filhos; entraram em cabido, e acordo, e ao fim de consentimento de todos os deuses, dizem que lhe deram um filho, e este foi a glória, assim o afirma Píndaro, quando diz. Natus laboris gloria. *O trabalho é fidalgo de todos os quatro costados, e assim um filho que tem: esse é a Glória: os contentamentos do mundo, as prosperidades, as festas, os saraus, e tudo o de mais, são pais vilões ruins, porque os filhos que têm são canseiras, misérias, desventuras pobrezas, infâmias, e desonras, e outras mil coisas, que a estas cheiram: porém o trabalho é grande personagem, e assim tem por filho o mais precioso de tudo, que é a glória.*

Um admirável hieróglifo desta verdade fez Camerário, in Emblem pintando a mirra, a quem os ventos com grande força meneavam com esta letra: Concussa uberior. *E a razão desta causa é, porque sendo a mirra uma árvore, a qual, como dizem Plínio, Dioscorides, e todos, tem as folhas cheias de duras pontas, e espinhas, porém sarjadas, e cheias de sangrias*

Uberior ventis mirrha agitata fluit.

Quando os ventos mais a combatem, e a maltratam, metendo-se aquelas puas, e pontas agudas por sua casca, e fazendo-lhe buracos em sua casca, então destila aquele preciosíssimo licor, que preserva de corrupção os corpos mortos Quando o justo com os trabalhos é perseguido, quando com os ventos das adversidades é maltratado, quando as águas das tribulações o emaream, então destila a preciosíssima mirra, que preserva o espírito de corrupção, conserva a alma, e aumenta a coroa, e assim os justos o dia do trabalho esse tem por dia de contentamento, e alegria. Ibant gaudentes a conspectu com illi, quoniam digni habiti sunt pro nomine Jesu contumeliam pati. *Actor. 1. Acabavam de ser perseguidos, atormentados, e cheios de afrontas, e trabalhos, iam com umas caras de Páscoa, com uns rostos banhados de alegria. E eu o jurara, que o trabalho esse filho havia de ter.*

E notai o que nos diz São Lucas, que a alegria não procedia dos trabalhos, senão de que foram dignos de padecê-los por Cristo. Quoniam digni habiti sunt. *Pois não dis-*

sera, que se alegraram de padecer por Deus, senão de ser dignos? Oh! excelência rara dos trabalhos! Oh! perfeição imensa, e prerrogativa soberana! Com serem os apóstolos a nata do mundo, e a flor da terra, o escolhido, o puro, e o de mais estima, e preço, com tudo isso é tão grande coisa o trabalho padecido por Deus, que não cabem de gozo, de que os há aí Deus achado dignos de o merecer, aqueles a quem o mesmo Deus chama seus amigos, e privados, aqueles de quem disse São Paulo, ad Hebreos, que o mundo não era merecedor deles. Quibus dignus non erat mundus. *Aqueles o cujos pés renderam os imperadores suas coroas, aqueles a quem o mesmo Deus chama luz do mundo.* Vos estis lux mundi. *Esses fazem tal estimação do trabalho, que de haver sido merecedores de tanto bem se alegram, e enchem de contentamento.*

Entre os regalos que Deus manda aos seus nesta vida, não é menor o que promete por David, Salm. 79. Cibabis nos pane lacrimarum. *Pão de lágrimas chama ao trabalho. O pão tem esta excelência entre todas as coisas que se comem, que nunca farta, nem enfastia; dão em rosto as caças, e os pescados, as conservas causam aborrecimento, as carnes põem fastio quando se comem continuadamente, porém o pão sempre tem sua razão, e seu gosto, desta sorte é para os que bem sentem o trabalho, cansam as honras, fatigam as dignidades, enfadam as riquezas, porém o trabalho é pão, após quem o homem se come as mãos, e os que mais abundância têm de trabalhos, esses são os que melhor passam, e são mais bem-aventurados.* Labores manuum tuarum quia manducabis, beatus es, e bene tibi erit, *dizia David. Salm. 127. num. 2. Homem que sempre tem trabalhos à mão, e lhe são o pão de cada dia, esse é bem-aventurado, e é muito de notar a frase com que o profeta diz isto* Beatus es, e bene tibi erit. *Bem-aventurados és, e bem te irá; de maneira que dois frutos tem o trabalho, um nesta vida, e outro na outra, agora é bem-aventurado, e depois lhe irá bem, para cá, e para lá são os trabalhos bons; para cá porque criam esperanças, e as prosperidades as consomem Notou Santo Agostinho, ad illud Psalm, umas palavras do profeta.* Moab olla spei meæ. *Moab é a panela, o cobre, e o vaso de minha esperança; os de Moab eram inimigos mortais do povo de Deus; eles que o fatigavam, e perseguiam, diz David, que eram o fermento, e motivo de suas esperanças.* Non consumptionis meæ, sed spei. *Não conso-*

mem os trabalhos, não assolam as adversidades, não criam desesperação, senão firmes esperanças.

E não só para esta vida são bons, senão que para a outra são muito melhores, porque por eles se nos há de dar a coroa. Noli tantum attendere qua iturus es, sed quo venturus es, *dizia S. Agostinho, in Psalm. 2. Não consideres homem o caminho por onde hás de ir somente, senão o fim a donde este caminho vai parar. Qual é a causa porque aos homens se lhes fazem tão de mal os trabalhos, e tão costa arriba as tribulações desta vida? Sabeis qual? Eu a direi Não consideram o que por elas se alcança, e o fim aonde leva seu caminho; que se o considerassem, o peito deitariam a água, e romperiam por tudo. Quando o patriarca Jacob abençoou a seus filhos, e chegou a Isachar disse-lhe uma coisa, que pode dar em que cuidar a qualquer curioso.* Vidit requiem, quod esset bona, e terram quod optima, e supposuit humerum suum ad portandum. *Genes. c 49. num 15. Viu o descanso que era bom, e a terra mui fértil, e pôs o ombro para levar a carga. Pois vejamos por lhe contentar o descanso, e agradar-se da tranqüilidade, e sossego, por isso pôs o ombro ao trabalho? Antes por isso havia de descansar, e gozar dela Em um homem conhecendo o que monta, e vai aquele descanso, para onde foi criado, logo se dispõe a qualquer trabalho, que muito pois tão pouco é o deste vale de lágrimas, e tanto o que na outra vida se espera. Bem entendia esta verdade o Profeta Abacuch, cap 3. quando disse.* Ingrediatur putredo in ossibus meis, e subter me scateat. *Ou como se lê São Jerônimo.* Computrescant ossa mea, e sub ter me scateant. *Encham-se de carun cho meus ossos, fervam os bichos em minhas carnes, destruam-se meus membros, e perca-me eu todo, a troco de que ache descanso no dia da tribulação e entre naquele povo aonde os fortes habitam.*

De todo o dito consideremos a alegria de que hoje gozam os portugueses com a aclamação de seu novo Rei o Invictissimo Senhor Dom João Quarto deste nome, e acharemos que o caminho por onde chegaram a alcançar tanto bem, foram os grandes trabalhos que padeceram depois que a coroa, e cetro do Reino de Portugal passou a Castela Tanto que a coroa do Reino de Portugal, depois da morte do Cardeal, e Rei D. Henrique (virtuoso, e santo, segundo sua vida exemplar) passou a Castela, tão indevidamente, mas

com uma capa de paliada virtude, e com um engodo de prometidas mercês, e solapados castigos, executados nos corpos dos fiéis portugueses, e com uma injusta sentença dada em Ajamonte, vila de Castela, por inimigos do nome português, contra a Senhora Dona Caterina Duquesa de Bragança, filha do Sereníssimo Infante Dom Duarte, legítima herdeira do lusitano cetro, e coroa, por via masculina; logo começaram a entrar tantas desgraças no Reino, que mais merecem ser choradas com lágrimas de sangue do que escritas em papel (levantaram-se as tripeças e abaixaram-se as cadeiras segundo o adágio comum) os que eram grandes ficaram abatidos, e os que não valiam água, nem sal, somente porque seguiram as partes de Castela ficaram entronizados; a muitos que sustentaram a justiça da Senhora D. Caterina, mandou El-Rei Felipe Segundo prender, e nas prisões acabaram as vidas a outros mandou levar para Castela; e lá se consumiram, e mandando levar, entre outros, ao Doutor Frei Heitor Pinto, religioso da Ordem do glorioso S. Jerônimo, lente da Universidade de Coimbra, cujos escritos tanto tem ilustrado a Santa Igreja Católica, e tanta luz, e doutrina tem dado aos professores das divinas letras, e que tem ofício de pregar o santo evangelho, vendo que o levavam para Castela, afirmam testemunhos oculadas e verdadeiras que disse estas palavras El-Rei Felipe bem pode meter a Frei Heitor Pinto em Castela porém meter Castela em Frei Heitor Pinto é impossível o podê-lo ele fazer.

Os ofícios, cargos, e dignidades se começaram a dar não a quem mais merecia, senão a quem mais dava, ou a quem maior traidor era contra sua pátria; começaram a entrar os roubos, e tiranias, suposto que com capa de virtude, tomaram princípio as desenvolturas, porquanto as mulheres portuguesas, que eram exemplo de honestidade a todas as outras nações, pois para se pôr freio às mulheres desencaminhadas, pintavam em hieróglifo da compostura, uma mulher vestida, e toucada ao modo português, a que chamavam portuguesa honesta; as mulheres portuguesas, que não sabiam sair fora de suas casas, senão quando iam à igreja a ouvir missa, nem aparecer às janelas, se não eram as casadas, junto a seus maridos, e isto raras vezes; as donzelas, que não se deixavam tratar, nem ver de homens estranhos, enquanto não tinham tomado estado, com a comunicação das castelhanas, que são acostumadas a andar por as ruas, em lugares públicos em mais número que os homens, e com os

rostos tapados, e de meio olho, por não serem conhecidas, (ocasião exposta a grandes desenvolturas em corações mulheris) com este exemplo tomaram ousadia para seguirem seus passos, sem por isso serem estranhadas; entraram as fintas, e os tributos, não para sustentar as conquistas, mas para festas e saraus; foram-se perdendo muitos lugares de África, que os reis de Portugal com tanto dispêndio de vidas, e fazenda, tinham conquistado. O mesmo sucedeu na India Oriental, que a puseram os potentados do Norte a risco de se perder de todo o ponto, por falta de lhe acudirem de Portugal com o socorro, e com as naus a seu tempo, que por não partirem de Portugal nas monções, ordinariamente arribavam ao Porto de Lisboa. Os do Brasil anos há que estão chorando suas desgraças, os mouros, turços, arrocheleses, os holandeses, e outros piratas, não saem da costa, e portos de Portugal, sem haver cabedal, nem armadas em forma para os reprimirem. Berberia se encheu de cativos portugueses, em cujo resgate se despendia cada ano tanto dinheiro, que com ele se puderam sustentar no mar galeões guerreiros, para limpar a costa, as rendas qile vinham das terras, e reinos ultramarinos, da conquista, navegação, e comércio, todas se gastavam em Castela; e no fim averiguada a tramóia, sem que se pudesse esconder à vista dos olhos, este cabedal se gastava em máscaras, em mercês feitas a privados, e a damas, e em fabricar palácios de bom retiro, e galinheiros para criar galinhas (certo presságio da que no tempo de necessidade, quem tratava com galinhas, e em criá-las punha seu regalo, bem se podia preparar, e retirar, como fraca galinha).

Os requerentes depois de haverem derramado seu sangue, e arriscado as vidas por muitos anos na guerra, e trabalhado em outros misteres, iam a gastar as fazendas à Corte de Espanha, e muitas vezes com a vida corporal gastavam, e perdiam a da alma, ficando as mais das vezes sem remuneração, e suas mulheres, e filhos sem remédio; e se pôs em conselho em Madrid, e mais entre os portugueses que nela assistiam, se era bem que se sustentasse a India, e se largasse, por não se poder sustentar, e esteve a coisa mui dependurada; os reis de Castela, e os de seu conselho não tratavam de outra coisa senão como aniquilariam a Portugal, e o poriam em tão miserável estado, que não pudesse jamais levantar cabeça, querendo por esta via impedir a palavra de Deus, que empenhou no campo de Ourique ao seu primeiro

rei, que quando se visse no ultimo fim de suas desgraças, então ele lhe poria nos olhos de sua piedade, e lhe daria rei que o governasse com amor, e justiça, e como se vinha chegando o ano de mil e seiscentos e quarenta, ano tão desejado aos portugueses, mostrado quase com o dedo, por tantos ditos de santos, e outras pessoas qualificadas, pelo efeito que temos visto em suas escrituras, que bem lhe podemos chamar profecias, pois tanto ao certo falaram. Tratou El-Rei Felipe Quarto de levar ao Excelentíssimo Senhor Dom João, Duque de Bragança, legítimo herdeiro deste Reino, e a todos os titulares, e fidalgos de Portugal ao socorro de Catalunha (que não podendo sofrer suas tiranias se lhe havia levantado) para que lá ficassem todos, os mortos na guerra, ou por mãos dos castelhanos, e assim ficasse Portugal sem remedio para se defender de seus maus intentos; e isto se viu, claramente na praia, que mandava tomar às igrejas, e extinguir as capelas, e prazos, e mandar prender, e anexar tão descomedidamente ao Colector do Papa, e mandá-lo ir preso a Castela, porque acudiu por a imunidade da Igreja, por a qual razão esteve a Cidade de Lisboa interdita tanto tempo. e finalmente este mau propósito de aniquilar ao Reino, teve Felipe Quarto, quando mandou a Dom Antônio Oquendo com uma tão grossa armada a levar o dinheiro de socorro para Flandres, com ordem que da torna viagem viesse a ancorar ao porto de Lisboa, para ali com força de armas, tirar da cabeça de Portugal e real coroa, e fazê-lo Provincia, o que se houvera de conseguir, se Deus o não estorvara, permitindo que os holandeses destruíssem esta armada de todo o ponto no canal de Inglaterra, e com bem pouco cabedal porque contra o céu não valem mãos, nem estratagemas humanas.

Havia Cristo nosso Senhor prometido ao nosso primeiro Rei Dom Afonso Henriques, que quando o Reino de Portugal estivesse mais dependurado de um delgado fio, e mais a ponto de se perder, e acabar. In ipsa attenuata, ego respiciam, e videbo. *Que ele lhe poria seus benignos olhos, e acudiria seu desamparo. Duas coisas acho aqui dignas de notar; a primeira é a diferença que vai dos olhos de Deus aos olhos dos homens; e a segunda o como é Deus pontual em cumprir sua palavra. Pelo que toca ao primeiro sabemos que todas as vezes que Deus põe os olhos nos homens, e em suas criaturas, sempre é para lhe fazer bem, e os homens quando põem os olhos nos outros as mais das vezes é*

para lhe fazer mal, ou para cometer pecados, e desaforos reto que toca aos efeitos dos olhos de Deus se pode ve: aquele passo ao livro ao Genesis, cap. 4. num. 4. Respexit Dominus ad Abel, e ad munera eius, *e em outros muitos lugares, pois se falarmos dos olhos de Deus homens, de Jesus Cristo nosso Salvador, raramente pôs seus olhos em pecador, que não fosse para o melhorar, e usar com ele de misericórdia, e piedade. Bastou pôr os olhos em São Pedro e em Santo André, que andavam pescando no mar de Galiléia, para os chamar para o apostolado, e fazê-los de pescadores de peixes, pescadores de almas para o céu.* Venite post me, faciam vos fieri piscatores hominum. *Bastou pôr os olhos em São Mateus, quando estava sentado no Telônio para o levar após si, e fazê-lo de escrivão de mofatras e trapaças, cronista de seu sagrado evangelho, e a Zaqueo o vê-lo sobre o sicômoro para o converter de publicano, e pecador em um esmoler grandioso, e em um justo. Bastou dizer o evangelista que viu o Senhor a um cego de nascimento, para logo lhe dar dois olhos de esmola. Bastou pôr os olhos na Cidade de Jerusalem para se comover à piedade, e chorar as desventuras que estavam para vir sobre ela, em castigo dos pecados de seus moradores.* Vicens Civitatem flevit super illam. *Bastou pôr os olhos naquela multidão de cinco mil homens, que o seguiam pelo deserto de Bethsaida, para logo lhe preparar o convite de cinco pães, e dois peixes* Cum sublevasset ergo oculos Jesus, e vidisset quia multitudo maxima venit ad eum dixit ad Philippum unde ememus panes, ut manducem hi. *E são quase inumeráveis os lugares do sagrado evangelho, e santos doutores, com que se pode provar a benignidade, e misericórdia, que vem de companhia a visitar ao pecador, tanto que Deus põe nele os olhos; por onde diz o Profeta David, Salm. 24. n. 16* Respice in me, e miserere mei. *Senhor ponde em mim vossos olhos, que eu estou certo que se olhardes para mim logo me haveis de perdoar meus pecados.*

Muito ao contrário sucede ordinariamente nos olhos dos homens, que sempre se encaminham a obrar males. Bastou ver nossa Madre Eva o fruto da árvore que Deus lhe tinha mandado com pena de morte que não comesse, para logo quebrar o preceito de Deus, e obedecer ao conselho do demônio. Bastou ver Judas a sua nora Thamar rebuçada em uma encruzilhada para tomar atrevimento a suspeitar mal

de sua honestidade, e ter com ela ajuntamento. Bastou pôr David os olhos em Betsabe, mulher de Urias, para logo a cobiçar, e mandar solicitar, e cometer com ela um adultério tão estranhado, e sobre isto mandar lhe matar o marido. Bastou o verem os depravados velhos, de quem trata Daniel, cap. 13. n. 8. a casta Suzana, que se estava banhando dentro no pomar, para logo solicitarem sua honestidade, e para a porem em artigo de ser apedrejada, se Deus não acudiro por sua causa. Bastou pôr a mulher de Putifar os olhos em Joseph, para solicitar tão eficazmente, e por tantos meios sua pureza, até o fazer meter em um profundo, e escuro cárcere, porquanto ele não quis condescender a seus importunos rogos. Enfim a cada passo toparemos na divina Escritura com muitos testemunhos fiéis desta verdade; por onde dizia o Santo Job 4. num. 7. Oculus meus deprædatus est animam meam. *Meus olhos são uns terríveis corsários, que pretendem roubar-me a vida da alma. Sendo pois assim que o pôr Deus os olhos em qualquer pecador é o mesmo que usar com ele de misericórdia. Prometendo ao Santo Rei Dom Afonso Henriques, que quando Portugal se visse sem rei legítimo, e mais cheio de tiranias, e pendurado por um delgado fio, e estando já dando a última boqueada para expirar, e acabar de todo o ponto, então poria ele em Portugal seus olhos, e olharia para ele.* Ego respiciam, e videbo. *Foi o mesmo que empenhar sua palavra, e prometer de o socorrer, ajudar, e dar-lhe rei de sua nação, e com ele todas as felicidades que antigamente este Reino tinha, e ainda aumentá-lo com vantagens tão excelentes, que mostrassem logo serem obras da divina mão.*

A segunda coisa que apontamos para declarar, é como Deus é mui pontual em cumprir sua palavra. Sobre este ponto se me representa àquele colóquio que nossa Madre Eva teve com o demônio em figura de serpente, porque perguntando-lhe o demônio a razão por que não comia o fruto da árvore de que Deus lhe tinha mandado que não comesse, Curpræcepit vobis Deus, ec. *Ela lhe respondeu.* De fructu lignorum, quæ sunt in Paradiso, vescimur, de fructu vero ligni, quod est in medio Paradisi præcepit nobis Deus ne comederemus, e ne tangeremus illud. *Genes. cap. 3. Todas as árvores deixou Deus a nosso mandar, só a que está no meio do Paraíso é a proibida, não só para comer seu fruto senão que até o tocá-lo nos proibiu Deus. Pois pergunto senhora Eva, como dizeis vós que vos proibiu Deus que não*

tocásseis o fruto de árvore que estava no meio do Paraíso, se a sagraaa Escritura não diz tal coisa? É verdade que vos mandou Deus que não comésseis tal fruto, porém não vos mandou que o não tocásseis; responde Enguvino, que como importava tanto o não comer a fruta, para deter o passo a nossos primeiros pais, lhe mandou que a não tocassem. Manda um fidalgo um presente por um pajem, e porque o não coma, não só o ameaça se o come, mas também se o toca, assim se houve Deus com os primeiros homens ameaçando-os, não só se comiam a fruta da árvore vedada, senão também se a tocavam. Quer Deus não só tirar o pecado, senão também a ocasião da culpa. Viam iniquitatis amove a me, *dizia David, Salm. 118. Senhor eu vos peço por as entranhas de vossa misericórdia, que aparteis meus pés do caminho do pecado; donde pondera divinamente Santo Ambrósio, Serm. 4 in Salm 118. que não se contenta David com que aparte Deus a culpa de sua alma, senão que pede mais que o aparte do caminho, não se contenta com ver-se justo amigo de Deus, limpo, e puro, senão que a ocasião do pecado queria ver longe de si.*

Porém deixando a parte o pensamento de Engubino, que nos servirá de fundamento em outra matéria; o mais certo é, como dizem Santo Ambrósio, Abulense, Lira, Caetano, e os melhores intérpretes, que de se mesma acrescentou a mulher estas palavras, e ne tangeremus illud. *E não é pequena conjetura o não haver Moisés feito menção delas, nem ser tanta a inclinaçao, que o homem tem de quebrar o preceito, que fosse necessário aquele resguardo: são as palavras de Deus como as pinta David Salm. 11.* Eloquia Domini; eloquia casta. *Palavras castas. São Jerônimo traslada.* Eloquia munda. *Palavras castas, e limpas, e sem mistura de coisa que não seja ditada por a boca de Deus; e que tão limpas?* Argentum igne examinatum, probatum terræ, purgatum septuplum. *Considerai uma lâmina de prata acrisolada no fogo, purificada uma, e outra vez, e a terceira; e que fica uma quinta essência, e não só quinta, senão sétima. limpa, brunida, e formosa. Dessa sorte são as palavras de* Deus. Argentum igne examinatum. *Prata purificada com o fogo; e que mais?* Probatum terræ. *Prata examinada com fogo, e o que o examinou foi o autor da terra. Muitos ourives, ou prateiros há aí, a quem a pobreza faz que no fogo não só purifiquem, senão que façam liga nos metais; outros há aí que por saber pouco os deixam com sua imper-*

feição, e escória. Não é assim na prova que nesta prata se faz, porque como Deus é o ourives, segundo a trasladação de Felix, Conflatum, e examinatum a Domino terræ. *Nem por pobre deixará de a purificar; sendo ele o de quem diz Homero.*

Ipsa suis proles opibus no indiga nostri. *E Davia, Saim. 15.* Dixi Domino, Deus meus es tu quoniam bonorum meorum non eges. *Nem por falta de sabedoria, pois ele é um quem, como diz S. Paulo.* In quo sunt omnes thesauri sapientiæ, e scientia Dei absconditi. *Estão todos os tesouros da ciencia, e sabedoria de Deus escondidos. E o examina-la não foi de qualquer maneira, senão* in vase chimico, vel infusorio, *diz o Turgum Caldeo, em vasos de que as artes quimicas usam, não se fazem tantas transmutações, para fazer do alquime ouro, como Deus fez neste metal divino, para fazer da terra céu, e do lodo deuses por graças, e participação na terra.* Argentum separatum a terra, *trasluda Sao Jeronimo, prata tão sem mistura, e tão sem junta, das invenções da terra que não tem, nem um senão, nem um ápice, nem uma sombra delas; e que mais?* Purgatum septuplum. *Aqui deitou David o selo (se deitar-se pode na pureza das palavras de Deus) prata purificaaa sete vezes, a maior purificação que até hoje o mundo tem achado são as quintas essências, porém as palavras de Deus são essências setimas.* Purgatum septuplum. *São tão limpas, tão puras, e tão sem mistura, que parece que grão a grão, sílaba a sílaba, dição a dição, palavra a palavra, as tem passado Deus sete vezes.* Purgatum septuplum, *por o número setenário se entende na sagrada Escritura, como nota Genebrardo; um número que não há aí aritmética, que o possa compreender. E segundo isto é como se dissera, são as palavras de Deus castas, uma pasta sem escória, nem mácula, são limpas, sem mistura de coisa que não seja divina; são como uma prata purificada por mão do mesmo Deus, sem terra sem coisa que não seja pura, limpas, não uma vez, senão mil vezes; e que com tudo isso se atreva uma criatura a acrescentar nelas, e fazer com elas liga de suas malícias?* Et ne tangeremus illud.

E não pára aqui o agravo que às palavras de Deus fez. Ne forte moriamur. *Aqui duvidou da palavra de Deus, comeu o mel das adulações do demônio, e por isso com tanta pressa começou a usar os bens em que Deus a havia criado. Uma coisa acho de grande consideração neste passo; e e.*

como pôde tanto a serpente com Eva, que a fizesse duvidar do que Deus havia dito? Serpente, Eva, e dúvida de Deus, impossível parece caberem em um saco; duvidar das palavras de Deus, que coisa mais repugnante? Porventura não é Deus àquele que diz por São Lucas, cap. 21. Cœlum, e terra transibunt verba autem mea non transibunt *Antes faltará o céu, e a terra do que minhas palavras faltem. E ainda o encareceu mais por S. Mateus, cap. 5. dizendo* Jota unam, aut unus apex *Nem uma jota, nem um ápice, nem uma vírgula, nem um ponto faltará de minhas palavras; o céu faltará, e não faltará de minhas palavras nem uma letra, nem (o que menos é) uma vírgula, ou um ponto, com que estão escritas; que divina contraposição, o céu é a maior das criaturas, tanto que dizem os matemáticos, que há esfera que tarda em seu movimento trinta e cinco mil anos, e estrela oitenta vezes maior que a terra, e por outra parte a jota é a menor letra de todos os alfabetos do Grego, Latino, e Hebráico; e o ápice é um pontinho, que se põe em cima do i; pois conforme a isto é como se dissera, antes faltará o maior de todo o criado, do que falte o menos de minhas palavras, tudo poderá faltar mas não o mais pequeno ápice de minhas palavras; com esta frase declara a santa Escritura todo o resto do que o universo encerra, segundo aquilo do Gênesis, cap. 1.* in principio creavit Deus cœlum, e terram. *E aquele outro do Êxodo, cap. 4. Deuteron. 32* Audite cœli quæ loquor audiat tetra verba oris mei. *E dá a razão Sao Gregorio Nisseno, porque debaixo do nome dos extremos se compreendem os meios, e segundo isto é como se dissera, os céus com seus signos, e planetas, as estrelas fixas, e erráticas, os astros que vestem de claridade a noite os excêntricos concêntricos, e cíclicos, os elementos, conquanto neles se produz e cria, e tudo quanto este universo encerra, padecerá mudança, antes que as vírgulas, e pontos com que Deus tem sua lei escrita e empenhada sua palavra por onde diz David, Salm. 144. n. 3.* Fidelis Dominus in omnibus verbis suis, e Sanctus in omnibus operibus suis. *E Deus fiel, e verdadeiro em suas palavras, e santo em suas obras; e o desentranhar a sustância destas palavras, e os conceitos que sobre elas se podem formar, remeto aos pregadores, porquanto mais servem para o púlpito, e não se compadecem com o assunto de minha história, a quem vou apressadamente dando alcance.*

Havia Cristo Nosso Redentor prometido ao nosso primeiro Rei Dom Afonso Henriques, que quando o Reino de Portugal estivesse entre suas maiores desventuras, e desgraças, e posto no ultimo fim, quase para expirar. In ipsa attenuata ego respiciam, e bidebo, *então poria nele seus benignos olhos, e o socorreria dando-lhe novo rei, e com ele muitas felicidades. E suposto que muitos dos portugueses estavam quase incrédulos do cumprimento desta mercê, uns por a tardança de sessenta anos de cativeiro, em que a execução desta palavra faltava; outros porque esperavam por vinda d'El-Rei Dom Sebastião, o qual esperavam que viesse a entrar no seu Reino porquanto não se acabou de averiguar se morrera nos campos de Alcácer Quibir em África; e outros porque tinham os corações entregues a Castela, e se eram portugueses no nome, eram castelhanos nas obras; e outros finalmente porque viam ir o Reino de cabeça abaixo, e as muitas estratagemas, que El-Rei de Castela fazia, para lhe tirar as forças, e o cabedal, e a possibilidade de poder recobrar sobre si. Porém como a palavra de Deus é fixa, firme, pura, e sem falência, para que os portugueses não descoroçassem, sempre os foi animando com particulares revelações, que ia fazendo a muitos santos varões, para que animassem a seus proximos, e com muitos ditos de outros, assim sabios, como idiotas, que mais parece que foram profecias, do que outra coisa. E assim os portugueses, que se prezavam de o ser traziam as maos cheias destas papelaadas, a quem chamavam profecias do Bandarra, de S. Isidoro, de Fernão Gomes, de S. Tomé, e outras semelhantes, e as tinham guardadas nos escaninhos de seus escritorios, como coisas sagradas; e todos estavam esperando por o ano de mil e seiscentos e quarenta (não sei com que unánime consentimento) para haverem de receber esta grandiosa mercê da mão de Deus, e verdadeiramente que tantos foram os presságios, novidades, e maravilhas, que precederam a este ano, que quem com entendimento repousado o considerasse, a poucos passos viria a dar, que tantos prodigios, prometiam alguma grande novidade. Destes presságios não trato aqui, porque já estão tratados por outros escritores, aos quais eu reconheço grandes vantagens, assim por haverem sido testemunhas de vista, como porque as esquadrinharam com vagarosa madureza, como também por suas letras, erudição e maduro conselho. E eu somente aqui relatarei duas coisas que passaram achando-me eu pre-*

sente. Foi uma em Portugal, e outra no Estado do Brasil na Bahia de Todos os Santos.

Minha pátria é Vila Viçosa, aonde nasci, e me criei à sombra da Casa de Bragança, e aonde aprendi os primores, que daquela Real Corte se derivaram para todo Portugal, e mais províncias, e reinos de Europa, e ali aprendi os primeiros rudimentos da língua latina, em duas aulas, que os duques de Bragança ali têm de Gramática e Retórica, cujos mestres, pagos por sua conta, são os religiosos de S. Agostinho no convento de N. Senhora da Graça; e fazendo-lhe ali em certo dia de festa, ostentação do que cada um sabia, houve sortes de entretenimento, e alguns enigmas com prêmios, a um dos quais me opus eu, e o expliquei ao certo, e com algum desenfado, e energia na explicação. Acharam-se ali para autorizar este ato o Excelentíssimo Senhor D. Teodósio Duque de Bragança e o Senhor Dom Duarte, e o Senhor Dom Alexandre, e o Senhor Dom Felipe seus irmãos com toda a fidalguia, que servia naquela Casa Real; e vendo-me o santo duque (que ainda era solteiro) explicar o enigma, tanta graça achei em seus olhos, que logo me mandou para a Universidade de Évora, aonde estudei a Lógica, e Filosofia, por sua conta, e me formei em bacharel, licenciado, e mestre em artes, pagando-me Sua Excelência os gastos de meus graus; e no ano, em que me graduei em mestre em artes, casou o Excelentíssimo Senhor Duque com a Senhora Dona Ana de Velasco, filha do Condestable de Castela, em cujas bodas se fizeram as suas grandiosas, e majestativas festas, que em nossos tempos se viram em nossa Europa, aonde houve casas de aposentadoria, e mesas francas, com toda a abundância de manjares que imaginar se podiam, segundo as qualidades dos hóspedes, e pessoas, que de muitas partes acudiram a se achar presentes naquelas festas, e todo o dispêndio se fazia por conta da bolsa e tesouro de Bragança; e era tanta a abundância, que os moradores daquela Corte, quando lhe deitavam um, e dois hóspedes para os agasalharem em suas casas, pediam aos aposentadores que lhe deitassem muitos mais, por a grande ganância que disso tiravam, porque a este título enchiam suas casas de mantimento, para se sustentarem muitos dias, segundo a largueza com que os despenseiros do duque abriam as mãos, e despendiam, por assim lhe ser mandado por seu senhor (para assombro dos castelhanos).

Vieram acompanhando a Senhora Duquesa de Bragança alguns duques, marqueses, e os condes castelhanos seus primos, e enquanto duraram os dias das bodas, e eles se detiveram em Vila Viçosa, sempre o Duque de Bragança, e sua Alteza, com a duquesa sua nora comeram em público, agasalhando à sua mesa aos titulares castelhanos, os quais vendo o aparato, a grande riqueza das baixelas de prata, e ouro, e pedraria que estava nas copas, a muita, e nobre fidalguia, que servia à mesa, as variadas librés dos reposteiros, pajens, moços de câmara, moços fidalgos, fidalgos que serviam com capa, tantos hábitos de Cristo, e das outras Ordens militares, tantos comendadores criados daquela casa, a majestade no trazer as viandas à mesa, os porteiros da cana, os reis de armas, a gente de guarda de uma, e outra parte, os vedores da casa com tanta gravidade, o mestre-sala com seu bastão, o modo de meter, e tirar da mesa as iguarias, a ordem dos assentos, as continências, e cerimônias reais, que sempre naquela casa se conservaram; vendo isto, e outras muitas grandezas, os castelhanos assentaram consigo, que no aparato, majestade, e grandeza, ficava muito atrás El-Rei de Espanha.

Houve muitos jogos de canas, e touros, galhardas encamisadas, todas as noites ardia aquela nobre vila em luminárias, postas por as janelas, o castelo, que é a melhor fortificação e inexpugnável que tem Espanha, disparou por muitas vezes toda sua artilharia, e foi tão grande o estrondo, e abalo da terra, que os mais dos vinhos se toldaram nas talhas, e pipas aonde estavam, houve torneios reais, nos quais entraram por mantenedores de uma, e outra parte o Senhora Dona Caterina, e o duque, e duquesa, que eram os celente Senhor Duque, e se representaram os encantamentos de Amadis de Gaula, e Clarimundo, com alguns de Palmeirim de Inglaterra, e se desfizeram com graciosa traça; os fidalgos quando se vinham apresentar ante Sua Alteza a Senhora Dona Caterina, e o duque, e duquesa, que eram os que estavam autorizando aquele ato, uns entravam em figura de gigantes, outros em carros de fogo por os quais puxavam leões, grifos, e cavalos, com custosos, e diferentes jaezes; outros representando vários modos de encantamentos, os quais todos ali se desfizeram. Enfim cada um entrou com sua nova invenção, e como esta festa se fez de noite, e o terreiro do paço estava todo cheio de luminárias, e fachos acesos, foi uma coisa mui agradável aos olhos, e mui nova aos

que se acharam presentes por ser coisa desusada em Espanha, assim que os príncipes castelhanos se tornaram para suas terras cheios de admiração, de verem as grandezas da Casa de Bragança; e o que mais os admirou foi ver que mandando o Condestável de Castela ao Duque de Bragança trezentos mil cruzados, do dote que lhe prometeu com a Senhora Duquesa Dona Ana de Velasco, o duque lh'os tornou a mandar, dizendo que tanto dinheiro como aquele, e mais gastava ele em um dia, e que se havia casado com sua filha, não fora pondo os olhos no dinheiro, e riquezas, que com ela lhe haviam de dar, senão somente pondo os olhos em sua virtude, e honestidade, nome, fama, e sangue, e que este era o dote, que ele estimava, e não dinheiro, pois tinha muito que dar, e de que fazer mercês, não só a seus criados, mas aos que o não eram, e se chegaram a valer de seu favor

Teve o Duque Dom Teodósio quatro filhos, três machos, e uma fêmea; a fêmea se chamava Caterina, para que nela se perpetuasse o nome de Sua Alteza a Senhora Dona Caterina sua avó, e dos três machos o primeiro se chamou João, que nasceu Duque de Barcelos, por ser a preeminência da Casa de Bragança, que o filho morgado goze logo o título de Duque de Barcelos, enquanto não morre o pai, e entre na possessão de todos os títulos daquela Casa; o segundo se chamou Duarte; e o terceiro Alexandre; o morgado a respeito do Duque Dom João seu avô, e os dois a respeito dos príncipes seus tios irmãos de seu pai o Senhor Dom Duarte, e Senhor Dom Alexandre; e o Senhor Dom Duarte se chamou também deste nome, a respeito do Sereníssimo Infante Dom Duarte seu bisavô, filho de El-Rei Dom Manuel de gloriosa, e eterna memória. Tinha o Duque de Bragança de costume de cavalgar, e correr em público com toda a fidalguia de sua Casa quatro vezes no ano. A primeira em dia de Santo Antônio, por ser da nação portuguesa, a quem fazia assinaladas festas. A segunda em dia de Santiago, o qual tem edificada uma igreja junto a Vila Viçosa distância pouco mais de um tiro de mosquete, em uma campina nas fraldas do outeiro de Ficalho, em cujo contorno em distância de um tiro de arcabuz estão outras três igrejas, a primeira de S. Lázaro, a segunda o convento de S. Francisco dos Capuchinhos, e a terceira de S. Luiz na entrada da horta do Gouveia; também pelo lado esquerdo, saindo da vila, está outra igreja de S. Domingos sobre o monte, junto à horta da trombeta, cuja raiz vão regando as águas que

saem de Vila Viçosa, por a parte da fonte dos Cunhados, e as do poço do Mandroal que correm com muita abundância, regando muitas hortas, e pomares, e ao pé deste outeiro se ajuntam com outras águas que nascem com grande ímpeto no fim da horta de Antônio Mouro, chamadas as Fontainhas. No dia de Santiago mandava o Duque de Bragança arvorar em seu castelo muitas bandeiras, e estandartes de guerra; e em uma grande oliveira, que está junto à porta principal da igreja de Santiago, mandava pôr a sua bandeira com as armas reais de Portugal, e ali depois de fazer oração ao Santo Apóstolo na sua igreja, subia a cavalo, e com todos os fidalgos de sua Casa, corria, e mandava fazer sua festa de cavalo.

A terceira vez era dia de São João Batista, o qual tem a sua igreja no meio de uma larga, e alegre campina, pegada com as casas da vila, em distância de um tiro de espingarda, chamada o Carrascal, e neste dia saía o duque a cavalo por a manhã ao romper da alva, e ia ouvir missa na igreja de S. João, cantada com grande solenidade, e depois de a ouvir corria uma carreira à porta da igreja do Santo Batista, e todos seus fidalgos com ele adornados de curiosas libréis, e ricas vestiduras, e se tornava para seus paços; e pela tarde mandava correr jogo de canas, com grande aparato, no seu terreiro do paço, o qual é feito em quadrângulo todo plano, e tão espaçoso, que se pode nele formar um campo de seis mil homens, o qual está repartido nesta forma. Uma das quadras ocupam os paços do Duque de Bragança, cujas paredes no exterior são feitas de pedra de cantaria, mármore, e jaspes de Estremoz, os quais ali se criam naquela vila, e em seu contorno, em grande abundância, e estas pedras são todas lavradas à escoda, e tão lisas, e resplandecentes, que parecem espelhos, e postas com tanto primor, e assentadas com tanto artifício, que sendo muitíssimas e com muitos lavores e molduras, e frisos, que a arte ensina, parece que é uma só pedra, segundo estão inseridas umas com outras, a frontaria destes paços está toda cheia de janelas, cujas portas são verdes, como também é a libré daquela Casa, por o direito, e ação que os duques de Bragança têm na coroa, e cetro do Reino de Portugal. No meio desta frontaria está uma escada por onde se sobe às salas, com três recebimentos largos, e espaçosos, em três voltas que faz até a entrada nas salas; e nas paredes está pintada a guerra de Azamor com muito primor, e sutileza; e o teto todo de

painéis de óleos finos, como também o estão os tetos das mais salas, e aposentos. No meio, e alto do frontespício destes paços está o escudo das armas reais de Portugal, esculpido em uma brunida pedra mármore, branca, e preta, com tanta sutileza e arte, que demonstra o primor, e artifício de quem a lavrou; e em um dos ângulos deste frontespício está um arco por onde se abre espaçoso caminho para o Reguengo que é um jardim plantado de muitas, esquisitas árvores, regado com muitas fontes, e engenhos de água, e com muitas ruas largas, e compridas, cujas paredes são de murta miúda, com muitas, e diferentes figuras, para cujo ministério tem ali o duque jardineiros mui primos na arte de suas curiosidades, tem ali um lago de água nascediça, com muitos peixes, e outras noras, e poços, dos quais se tira a água com engenhos para isso feitos, com a qual se regam as partes aonde as águas correntes não podem chegar. Também por este arco se abre caminho para o comum serviço do paço antigo, e para a capela, a qual por os muitos capelães, deão chantre, e tesoureiro-mor, e mais oficiais eclesiásticos, e por os muitos músicos, que são os melhores que se acham em Portugal, e por o colégio dos moços do coro, riquíssimos ornamentos, e aparato, leva grandes vantagens a muitas sés de Portugal. Também por aqui se abre caminho para todas as oficinas da Casa de Bragança, que são muitas em número, por o grande tráfego dos ministros, e oficiais da Casa. Também ali está um bizarro jogo de péla, aonde os mancebos fidalgos vão por as tardes a fazer exercício, e as damas de uma espaçosa janela vêm a tomar alívio de dentro do paço, entretendo-se com as dúvidas, e refertas dos jogadores; porém sempre com elas se acha um dos porteiros das damas, que é o que abre a janela.

O outro quadro deste terreiro ocupa o jardim das damas, o qual está a parte de dentro terraplenado, e nele plantadas muitas árvores, e canteiros de várias flores, e boninas e as paredes todas cheias de janelas, nas quais se vêm assentar as damas, no dia em que se fazem festas, no terreiro aonde os cavaleiros vão fazer suas continências às damas, e abater suas lanças a aquelas a quem são afeiçoados, ou conjuntos em parentesco, e obrigação, e no fim deste jardim estão três janelas, duas ordinárias, e uma rasgada, com seu balcão, por as quais entra luz a uma casa de prazer, aonde S. Alteza a Senhora D. Caterina se vinha sentar com suas donas algumas tardes do verão, para se entreter

com ver passar a muita gente, que ordinariamente entra por aquela rua, quando vem de Borba, Estremoz, e de outras vilas circunvizinhas; e a muita que também sai da vila a tomar refresco ao contorno das igrejas de S. Bento, e S. Jerónimo, as quais estão logo pegadas aos muros da vila sobre dois outeiros, matizados de várias boninas do campo, e com muitas oliveiras de um lado, e do outro, com cópia de pinheiros mui altos E tinha S Alteza grande alívio, e regalo em perguntar aos que passavam, e principalmente às mulheres, que iam, e vinham de romaria, quem eram, e aonde moravam, e outras mais coisas. Logo após estas janelas mais um pouco arriba estava a porta dos nós com as armas reais, e com uns nós corridos, feitos de pedra, e uma letra que dizia. Depois de vós. *E abaixo destes nós estavam outros cegos nos batentes da portada, com uma letra, que dizia.* Depois de nós, *para significar o que se segue. Depois da pessoa real, nós somos os primeiros na grandeza, e pretensão do Reino; e todos os outros duques, marqueses e condes, são depois de nós. Por esta porta dos nós se entra também para a capela, e para um terreiro rodeado de casas, a que chamam a ilha, e para a cozinha do duque, e mais despensas, que servem para este ministério. E a um lado estão as estrebarias dos cavalos, aonde ordinariamente estavam duzentos, afora outros, que estavam em outras estrebarias, em outras muitas mulas, e azêmolas, para o serviço da casa.*

O terceiro quadro da parte esquerda do terreiro ocupava o mosteiro das Chagas, aonde as mais das freiras são parentas da Casa de Bragança, e filhas de fidalgas ilustres, o qual mosteiro por a parte de detrás, que cai sobre o Reguengo, tem um locutório com uma grade mui miúda, e grossa, e cheia de pontas de ferro para a parte de fora, aonde as duquesas de Bragança com suas damas iam alguns dias por dentro do Reguengo a se entreter com a santa conversação das religiosas. Junto a este mosteiro se principia a rua dos fidalgos (chamada assim por morarem ali muitos). E passada esta divisão da rua se seguem as casas que foram de Antão de Oliveira aonde se agasalham os fidalgos que vêm a visitar o duque, ali são hospedados com a larguesa, e grandeza que naquela Casa se costuma usar. Logo se seguem duas grandes portas, por as quais se entra em um espaçoso terreiro, repartido em ruas, e com muitas casas pequenas, mistas umas com as outras, aonde agasalhavam

suas fazendas os mercadores, que acodem de diferentes partes às três festas francas, que naquela vila se fazem cada ano, uma em janeiro, outra em maio, e outra no fim de agosto, e este terreiro da feira tem outras duas portas para os outros dois lados, para que tenha boa vazão a gente que entra, e sai a comprar, e vender. E as outras fazendas, que não são de muita estima, e preço, se vendem em tendas portáteis, por o meio do terreiro.

O quarto quadro ocupa o convento de Nossa Senhora da Graça, e as suas aulas de Latim e Retórica, aonde os mestres são religiosos da Ordem de Santo Agostinho, e tem suas janelas de grades para dentro do mosteiro, aonde vêm os religiosos coristas, que sabem pouco, a ouvir suas lições. Também neste quadro estão as casas aonde se metem os coches, em que as duquesas de Bragança vão fora com suas donas, e damas, nos dias de alguma festa de santo, ou nas ocasiões de sair a se regalar ao campo. Entre estes dois últimos quadros do terreiro do paço, está uma obra grande, por a qual se entra em outro terreiro pouco menor que o atrasado, rodeado todo de suntuosas casarias de fidalgos; a uma parte do qual está uma grandiosa fonte de cristalinas águas, em quadro, e cada painel tem quase vinte e cinco palmos. É toda feita de pedra mármore com dois peitoris nos dois lados, aonde se arrimam os que querem beber na fonte, ou tirar água dela, e aonde as moças de serviços, e escravas põem os cantarinhos, e talhas, para as levantarem, à cabeça e por outros dois lados tem esta fonte escadas de pedra mármore em triângulo, por cada um dos quais podem descer doze homens a parelha a beber de bruços na fonte, e os degraus não são mais que quatro; tanta água nasce nesta fonte, que sempre está deitando em ondas a água fora por os dois lados, a qual água se some por dois canos, e vai a dar em um lavadouro de roupa; a um lado um pouco mais abaixo da borda da pedra tem esta fonte um ralo de bronze, por o qual entra grande cópia da água, a qual por um cano secreto vai responder a um chafaris quadrado e de pedra mármore, de três, ou quatro palmos em alto, no qual podem beber mais de duzentas cavalgaduras, sem se impedirem umas a outras; no meio deste chafaris está um cavalo de pedra, o qual por a boca, olhos, ventas, e ouvidos está deitando esta água.

Logo pegado a este terreiro está o outro mais pequeno, aonde está outra fonte ainda de mais majestade que esta de que até agora tratamos, a qual se chama a fonte pequena,

em respeito desta de quem quero tratar, a qual se chama a fonte grande, por ser de mais feitio, e ostentação, e deitar de si mais água que a pequena; porque por duas partes deita tanta água por duas bicas, que com ela pode moer um moinho de trigo, esta água cai em uns tanques pequenos, e dali por uns canos vai correndo por dentro de um muro feito de pedra, e betume, o qual tem seus canos por onde esta água corre dentro em um lavadouro ao qual podem lavar mais de cem mulheres, sem se estorvar uma a outra, e cada uma tem sua pedra para bater a roupa, e sobre cada pedra lhe cai um torno de água; este lavadouro chama a balona; e é feito pela traça de um que está em Roma por ordem de João Alures de Camilha, sendo vereador naquela vila, toda esta água se vai saindo para fora da vila, e regando tantas hortas, e pomares, que fazem aquela terra o retrato de um paraíso, e qualificam bem o nome com que se apelida, que é Vila Viçosa. Tem esta vila quatro conventos de religiosos, um de S. Francisco, outro de S. Agostinho, outro de S. Paulo da congregação dos Eremitas da serra d'Ossa, de quem os duques de Bragança são protetores, e uma casa professa dos padres da Companhia; tem mais três mosteiros de freiras, um das Chagas, e outro de Nossa Senhora da Esperança, ambos da Ordem de S. Clara, e o mosteiro de S. Cruz da Ordem de S. Agostinho; tem duas igrejas paroquiais, uma chamada do Espírito Santo, e outra de N. Senhora da Conceição, em cujo dia também o Duque de Bragança subia a cavalo em público, e celebrava sua festa com a maior solenidade, que se pode imaginar; esta santa imagem (segundo a comum tradição) trouxe para Vila Viçosa o Conde D. Nuno Alures Fereira, e obra de Deus, por ela tantos, e tão extraordinários milagres, que rara é a semana, que não ressuscite morto, ou dê vista a cego, ou fala a mudo, ou pés, e mãos a aleijados, ou saúde a enfermos, ou cure endemoinhados, e isto deixo aqui sem ir mais por diante, porquanto andam livros, e tratados impressos de seus qualificados milagres; e eu queio tornar à minha história donde me apartei que é tratar dos dois portentos de que prometi fazer memória, os quais precederam a aclamação d'El-Rei Dom João o Quarto deste nome, cuja vida, e estado Deus lhe aumente para consolação dos portugueses, e propagação da Fé Católica.

Morta a Senhora Duquesa de Bragança D. Ana de Velasco, não tornou o Duque D. Teodósio a casar, porquanto

era tão amigo da castidade, que segundo afirmam seus criados antigos, e modernos, e as pessoas eclesiásticas, que mais sabiam de sua vida, e costumes, em toda sua vida não conheceu outra mulher, senão aquela com quem foi casado Tratou de criar a seus três filhos na pureza da Santa Fé Católica, e bons, e louváveis costumes, dando-lhe por mestre o doutor Jerônimo Soares, varão de grande prudência, letras, e virtude, o qual se desvelou muito para que aqueles príncipes saíssem consumados em todos os bons costumes. Também os mandou ensinar em algumas artes mecânicas, segundo a inclinação de cada um, porque para príncipes tudo isto é necessário, para sair ao encontro às adversidades, que as mudanças do tempo costumam trazer consigo. Foi o Duque Dom Teodósio varão de santos, e louváveis cóstumes, e sua vida mais parecida de um perfeito religioso, que de duque, e príncipe secular; todos os dias rezava o ofício divino das sete horas canônicas; a humildade nele era natural, e tanto que se não era em um dia de festa, e de ostentação, sempre andava vestido de um trajo ordinário, suas palavras eram cheias de benignidade, seu semblante majestativo, porém mui alegre; mentira nunca jamais se ouviu de sua boca Gostava muito de tratar com pessoas consumadas em letras, e virtude; grande aborrecedor das vaidades do mundo, inclinado a ler livros santos, e honestos; quando saía por a Quaresma a correr os santos passos, ia descalço, e vestido todo de luto com opa de rabo, a qual levava três, e quatro moços da Câmara; na Semana Santa desde que se encerrava o Santíssimo Sacramento, na quinta-feita até o dia de Páscoa, que se cantava a Aleluia, não saía do coro de sua capela, nem se deitava em cama, antes ali estava em oração, acompanhando o Santíssimo Sacramento, o qual até o dia de Páscoa estava encerrado com grande perfeição; no dia da quinta-feira de Ceia, depois da pregação do Mandato, mandava mostrar ao povo o Santo Sudário, que é o verdadeiro lençol em que foi amortalhado, e posto no sepulcro o corpo de nosso Senhor Jesus Cristo. E este é o maior morgado da Casa de Bragança; e o modo com que se mostrava ao grande número de gentes, que naquele dia se ajuntam ali de todas as vilas circunvizinhas, era este. Vestia-se o duque de luto, e descalços os pés, e seus irmãos, e filhos, e cada um com sua tocha acesa nas mãos, iam ao oratório secreto da casa, no qual estão muitas santas relíquias, e por um sacerdote, o qual ordinariamente era o Padre Jerônimo Dias

seu esmoler varão de grande virtude, mandava abrir um cofre, forrado por fora, e por dentro de veludo negro matizado com pregaria, e ferramenta de prata, dentro no qual estava outro cofrezinho mais pequeno de altura de um palmo, e quatro de comprido, também forrado de veludo negro, e com pregaria, e ferramenta de ouro, e dali tirava o padre o Santo Sudário, não com poucas lágrimas, derramadas por os olhos do santo duque, e com grande veneração, e silêncio, vinham a sair a uma janela, que cai sobre o terreiro da porta dos nós, a qual estava toda armada de panos de damasco negro, e dali o mostrava o sacerdote ao povo, e eram tantas as lágrimas, soluços, e gemidos de todo o povo, vendo a própria figura de Cristo nosso Redentor ali estampada, que eu me não atrevo a escrevê-la com a pena.

Na quinta-feira da Ceia do Senhor lavava o duque os pés a doze pobres, e lhes dava de comer, servindo-os à mesa, e os vestia com vestidos honestos; e com tanta humildade fazia este ato, que em todos os circunstantes causava devoção, e lagrimas, originados de compunção. No dia da Pascoa de Ressurreição fazia o duque uma grandiosa festa, e assoalhava todos os ricos ornamentos eclesiásticos, que tinha no tesouro de sua capela, e mandava armar suas mais bizarras tapeçarias, por os lugares por onde havia de passar a procissão do Santissimo, e não somente todos os seus capelães iam com capas de Asperges de brocado, e vela fina, mas também era lícito, e permitido a todos os sacerdotes daquela vila os quais são muitos o entrarem na sacristia da sua capela com suas soprepelizes, aonde o tesoureiro-mor os revestia a todos com capas; acompanhavam esta procissão todos os cavalheiros das quatro ordens militares, que serviam à Casa de Bragança, assistentes em Vila Viçosa, todos com os mantos, e insignias militares de Cristo, de Santiago, de São Bento de Avis, e de S. João de Malta; a música era a melhor que em Portugal havia, porque se prezava o duque de ter em sua capela os melhores músicos do Reino, e lhes dava grandes partidos, e se eram sacerdotes pensões nos benefícios, que vagavam em suas terras, os estrondos dos atabales, charamelas, e trombetas, as folias, e chacotas atroavam os ares com suave melodia, e o duque com seus irmãos, enquanto os teve, e depois com seus filhos, e com alguns fidalgos da primeira classe, parentes da casa, levava as varas do pálio, debaixo do qual ia o Santíssimo. Os entretenimentos do duque eram ir a ver fazer várias curiosidades de

vidro, em dois fornos que ali tinha dos muros de seu paço para dentro, com oficiais estrangeiros, mestres na arte deste ministério. Muitas vezes ia à sua tapada, que é a melhor coisa que tem Espanha, por a abundância de diferentes castas de animais, que nela tem, e se criam, depois de trazidos de longes terras, e outras vezes se ia à caça de porcos monteses, coisa a que era inclinado.

Entre outras muitas virtudes que nesse príncipe resplandeceram, em duas se avantajou mais; as quais eram ser mui contínuo em estar em oração, e contemplação em Deus e nisto gastava muitas noites inteiras, e juntamente tinha grandíssima caridade, e era mui inclinado a fazer esmolas aos pobres, e para este ministério mandava dar cada ano ao seu esmoler boa cópia de dinheiro, e não satisfeito com isto ele mesmo descia ao topo da escada do seu paço, e por sua mão dava esmola a todos os pobres, que ali se ajuntavam. Estamos no ponto de que nos apartamos atrás. Sucedeu pois, que no mês de maio houve uma grande seca em Alentejo, e com ela grandíssima fome, porquanto os trigos se iam secando em herva antes de engrandecer, e começaram a andar pelas portas muitos pobres, os quais por a fama de que o duque dava cada dia a cada pobre um vintém de esmola, todos acudiam por as manhãs a porta de seu paço, para se remediarem, e alguns temendo que não chegassem ao tempo que o duque descia, e por vagarosos perdessem a esmola, dormiam por baixo das alpendoradas do paço. Têm estes paços no mais alto do frontespício um bizarro aposento com três janelas, no qual por ser apartado da comunicação e trájego, entrava o duque de noite sem ser sentido, e ali diante de uma imagem de Cristo crucificado se punha a orar; e estando uma noite em oração, passaram por junto das janelas três cavaleiros, em três cavalos brancos, e vestidos de extraordinário resplandor; e o primeiro disse estas palavras. A um dos três tenho escolhido. *E o segundo disse.* A um dos três tomo à minha conta. *E o terceiro disse.* Em um dos três cumprirei, e desempenharei minha palavra.

Parece que estava o santo duque pedindo a Deus que cumprisse a palavra que havia dado a El-Rei Dom Afonso Henriques, que quando Portugal estivesse mais a pique de se acabar, mais perseguido, e molestado, então poria ele nos portugueses seus olhos de misericórdia, e lhe daria rei que os governasse com caridade, e amor, e aumentasse sua Monarquia; e que lhe estava dizendo, que já que ele era o legí-

timo herdeiro ao Reino, e não pretendia para si reinados, nem imperios, que pelo menos escolhesse a um de seus tres filhos, ou a outro principe português para o trono real, e não permitisse que se acabasse um Reino tão estimado, e querido em outros tempos de sua divina Majestade; e a esta petição respondeu Deus por seus anjos, com as palavras que tenho referido, e bem parece que ficou o santo duque confiado, e certo destas palavras, quando ao depois em certa ocasião, dizendo-lhe um fidalgo. Ah, senhor duque, quando chegara o dia em que os portugueses não de ver a V. Excelência com o cetro na mão, e com a coroa na cabeça, e sentado no trono de Portugal, aclamado por rei? *Ao que ele respondeu, como ao descuido.* Eu não, mas meu filho sim *Passada pois a noite, tanto que amanheceu, e apareceu a luz do dia, todos os pobres que estavam nos corredores baixos, e escadas do paço, começaram a contar o que tinham visto, e ouvido, e a nova se divulgou por todo o povo; e tanto que estando o duque jantando ao meio-dia, lhe disse um chocarreiro da casa, chamado Manuel Machado.* Duque, vós sabeis o que se diz por esta terra? *E perguntando ele.* Que? *lhe respondeu o chocarreiro.* Dizem que esta noite falaram convosco três cavalheiros, vestidos de grande resplandor, e custosas libres, sobre três cavalos brancos, e passando por junto das janelas do vosso paço novo, vos disseram tais, e tais palavras. *Ao que o duque respondeu.* Cala-te louco, que sempre falas parvoices, que não têm pés nem cabeça, não sabes que se vem chegando a festa do glorioso Santo Antônio, e que se andam os cavaleiros adestrando para os jogos de cana, e mais festas de cavalo, que tenho preparado para esse dia. *E com isto tapou a boca ao chocarreiro, e logo moveu prática sobre outras matérias diferentes.*

O segundo presságio sucedeu no Brasil, na Cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, no ano de quarenta, entre o mês de agosto, e setembro. Vive ali um sacerdote velho, chamado Antônio Viegas, cura da Sé, mui virtuoso, porém tão grande sebastianista, que sempre andava acompanhado das profecias do Bandarra, de Santo Isidoro, e outras semelhantes, e lhes dava as exposições a seu modo, e quem queria granjear sua amizade, e alcançar dele alguma coisa lhe havia de falar em El-Rei Dom Sebastião, e com os que contradiziam sua vinda a tomar posse do Reino de Portugal, punha grandes apostas, e era tão crente em Portugal haver de ter rei, que já andava em adágio entre todos, e

diziam vamos a falar com o cura da Sé, e contradigamos o haver de ter Portugal rei, para o vermos metido em cólera Sucedeu pois, que estando alguns capitães praticando com ele, entre os quais se achou o mestre de campo do terço castelhano, que ali estava; movida a prática por entretenimento, soore Portugal haver de ter rei, disse o cura tantas coisas, e apontou tantas escrituras, e profecias (segundo ele lhe chamava) que o mestre de campo lhe respondeu, que quando os cavalos se vissem andar por cima dos telhados sem quebrarem as telhas, então teria Portugal rei da nação portuguesa. Despediu-se logo o cura muí enfadado, e a conversação se desfez com riso, e galhofa dos circunstantes; e não se passaram muitos dias quando se viu um cavalo andar por cima dos telhados das casas da praia, sem se quebrarem as telhas, de cujo sucesso toda a gente daquela cidade, que acudiu a ver aquele espetáculo, ficou admirada. E não se passaram cinco meses quando chegou a feliz nova da aclamação de Sua Majestade El-Rei Dom João Quarto, nosso Senhor.

Chegou o ano de mil e seiscentos e quarenta, por quem tanto os portugueses esperavam, e não sei com que profético espírito suspiravam, para nele lhe cumprir Deus a palavra de pôr os olhos no Reino de Portugal; e suposto que o ano se ia despedindo, e tinha entrado o mês de dezembro, que é o último mês do ano, e havia muitíssimos incrédulos do cumprimento da palavra de Deus naquele ano, todavia entre estas desconfianças acudiu Deus por sua honra, e fidelidade. Fidélis Deus in omnibus verbis suis. *E deu aos portugueses novo rei, entre tão raras circunstâncias, como tem escrito muitos autores.*

E verdadeiramente, que são tantas as maravilhas que sucederam na aclamação deste serenissimo príncipe (segundo o que tenho lido nos que como testemunhas de vista escreveram esta história) que se não temera o ser julgado por temerário houvera de combinar a criação d'El-Rei Dom João, nosso Senhor, assim ao tosco vilão de nossa aldeia (como lá dizem) com a vinda de Cristo nosso Salvador ao mundo, porém quero acometer a empresa, e se houver quem repreenda minha temeridade por a insuficiência, e pouco cabedal de minhas letras; também confio que não faltará quem me desculpe com dizer, que o que me falta de suficiência, suprirá o amor da pátria, que é o que me vai abrindo o caminho; e que os erros por amor, dignos são de perdoar. Pri-

meiramente se começamos por o Eterno, e Divino. O Eterno Padre gerou, e gera a seu unigenito filho, no principio, sem principio de seu eterno ser, por via de entendimento, tendo presente na eterna geraçao a salvaçao das almas, e tudo o que Cristo havia de padecer por elas. Assim o dizem aquelas palavras do real profeta. Salm. 109. Tecum principium in die virtutis tuæ, in splendoribus Sanctorum ex utero ante luciferum genui te. *Estas palavras as entendem da eterna geraçao do Verbo divino, Sao Jerônimo, in salm. 109. Lira, Titel Magno, Jansenio, e outros. Palavras de Jansênio.* Antequam luciferum, aut solem, aliamque creaturam facerem, ego te genui mini consubstantialem ex secreto divinitatis meæ, ac propria mea substantia, quasi ex utero. *Filho meu, eu te gerei ab eterno, antes que criasse o mundo, consubstancial comigo das medulas de minha divindade. Suposto que este lugar se entende da geração eterna do Verbo, é necessario advertir que Sao Jeronimo, e S. Agostinho, arrimando-se muito à letra original, aonde a nossa vulgata diz.* Tecum principium in die virtutis tuæ, *dizem estes Santos.* Teenm principatus, e imperium in die virtutis tuæ. *Como se dissera o Paare Eterno: Filho meu, quando eu te gerei ab eterno, contemplando estava eu em teu império, que é tua Igreja, e teus fiéis, e como havias de morrer por eles. O mesmo parecer tem S. Basílio Magno, homil. 10. in Exam. e Eutímio, in Psal. 109.*

E se disseram os teólogos que não é boa Teologia esta, porque quando o Eterno Padre gerou a seu filho ab eterno, contemplava em sua essência, e em seus atributos. E assim o Verbo saiu tão parecido ao Padre, que é uma imagem, e vivo retrato seu; sua substância, seus atributos, e finalmente não se diferencia dele, mais que na pessoa. Digo que isso é verdade, porém secundário não implica que tivesse presentes as almas, e o sangue, que Cristo havia de derramar por elas; opinião é de teólogos, a quem favorece não só Santo Tomaz, 1. p. q. 34, senão S. Agostinho, lib. 5. de Trinit. cap. 13, e 14, que o Verbo divino procede do conhecimento de tudo quanto Deus conhece Verbum divinum, *diz Agostinho,* esse de omnibus, quæ sunt in scientia Dei, nam si aliquod minus esset in Verbo, quam in scientia; non esset Verbum adæquatum. *Logo quando o Padre Eterno gerou ao Filho na forma que deixamos dito, contemplava, e tinha presentes os homens, por quem o Filho havia de morrer, e como havia de derramar seu sangue por eles, e co-*

mo para redimir o gênero humano, e derramar seu sangue por os homens, dando a vida por eles, não era possivel podêlo fazer o Filho de Deus enquanto divino, porque como o nota S. Ambrósio, de fuga sæculi cap. 2. Nec unquam moritur plinitudo divinitatis. *Obrigado o Eterno Padre do amor dos homens, se resolveu em mandar à terra seu unigênito Filho a se fazer homem para poder padecer na carne mortal, e é o que diz São João, cap. 3.* Sic Deus dilexit mundum, ut filium suum unigenitum daret, *e em outro lugar,* e Verbum caro factum est, e habitavit in nobis, ec.

E como o mistério da Encarnação se havia de obrar no puríssimo ventre de uma santa donzela por obra do Espirito Santo, sem sombra de impulso carnal, a qual donzela havia de conceber, e parir ao mesmo Filho de Deus feito homem, e revestido do faial de nossa humana natureza, sendo virgem antes do parto, e ficando virgem no parto, e depois do parto, segundo o que tinha profetizado Isaias, c. 11. Ecce virgo concipiet, e pariet filium. *E como a mãe de Deus homem havia de ser a Virgem Sacratissima Maria, segundo lh'o manifestou o Arcanjo S. Gabriel na embaixada, que lhe trouxe do céu, como o refere S. Lucas, cap. 2.* Missus est Gabriel Angelus á Deo in Civitatem Galileæ, Ec ad Virginem desponsatam viro, cui nomen erat Joseph, de domo David, e nomen Virginis Maria. *Como esta obra era extraordinária, nunca vista no mundo, e que excedia todas as forças, e cabedal da natureza, notemos algumas das muitas maravilhas que se viram nesta maravilhosa obra, digna somente de braço, e virtude de Deus.* Facit potentiam in brachio suo.

Primeiramente a Abrahão, e a David fez Deus expressa menção, e promessa de haver de mandar seu unigênito Filho ao mundo, a se entranhar como ouro em veias nas puríssimas, virginais, e maternais entranhas da Rainha dos Anjos, fazendo-se nela homem em tempo, tomando do preciosíssimo sangue de suas veias a libré de nossa humanidade, para nela nos remir das algemas do pecado; a Abrahão, segundo diz o Profeta Zacarias, e o aponta S. Lucas, cap. 1. Jusiorandum quod juravit ad Abraham patrem nostrum daturum se nobis. *E a David.* Juravit Dominus, e non pœnitebit eum, de fructu ventris tui ponam super sedem tuam. *E somente a estes dois fez a promessa reafirmada com juramento, a Abrahão por ser o pai de todos patriarcas, e a David por ser o primeiro rei ungido da tribu de Judá, de cuja des-*

cendencia por linha direita havia de nascer Cristo; e esta é a razão de São Jerónimo, e outros santos interpretes, porque escrevendo São Mateus, cap. 1. a geneologia, e temporal descendencia do Salvador. Liber generationis Jesu Christi. *Pos na cabeceira do livro a Abrahão, e a David, ambos juntos.* Filii David, filii Abraham. *Que o fez assim o evangelista sagrado, porque só a estes dois havia feito Deus a promessa reafirmada com juramento.* Quia ad nos tantum facta est de Christo repromissio. *Tambem Deus fez esta mesma promessa por os santos patriarcas, como se pode ver nas bençaos, que Jacob deitou a seus filhos, e nos testamentos que seus doze filhos fizeram na hora de suas mortes, segundo o escreve Roberto Bispo Lincolinense, que foi o que trasladou do Grego estes doze testamentos, no ano do Senhor de 1140. Tambem fez outras muitas promessas desta merce por os santos profetas, como se acham a cada passo na sagrada escritura, porem todas elas traziam certo genero de rodeo, e obscuridade, e tem necessidade de explicação umas; e outras de aplicação. Esta grandiosa merce fez Deus ao mundo, quando a vara da divina justiça estava para se descarregar sobre todo o genero humano, à vista dos desaforos, maldades, e pecados, em que estava enlodado, como diz São Leão Papa, in cap. 1.* Cum iam delendum erat mortalium genus propter tyrannidem peccati, qua opprimebatur. *E bem se pode conjeturar o que passaria nas outras Provincias, e Reinos do mundo, quando em uma República, que Deus tinha escolhida para nela se invocar seu nome; e a quem mais conhecimento tinha dado de si, qual era o povo judaico, nas metrópoles deste Reino, tinham os cargos do governo secular, Herodes, e Pilatos, Filipo, e Lisanias; e no eclesiástico, Anás, e Caifás, e todo o de mais povo seguia os desajoros, e desenvolturas de seus príncipes, segundo é coisa certa que sempre os membros seguem os foros de suas cabeças, como o diz o Espírito Santo.* Qualis est Rector civitatis, tales e habitantes in ea.

A promessa desta felicidade, e bonança de que hoje goza a Portugal, com a exaltação de seu Serenissimo Príncipe, e Senhor, El-Rei Dom João Quarto deste nome, prometeu Deus nos campos de Ourique ao santo Dom Afonso Henriques, primeiro rei, e patriarca de toda a Lusitana Monarquia; e não faça dúvida o chamar-lhe patriarca, pois ele foi a primeira pedra fundamental deste soberano edifício, e o pai de todos os reis portugueses, e centro, donde se derivam

as linhas da nobreza, e sangue real, para a circunferencia da esfera, aonde estão colocados todos os principes da cristandade, e os que não trazem a origem deste principio, não podem ter sua nobreza por fixa e segura, ao depois que faltaram os reis nesta Monarquia, foi Deus fazendo promessas de sua reparação por muitos santos, e outras pessoas, a quem revelava seus segredos, e bem as podemos julgar por profecias, segundo os effeitos que hoje vemos dados á execução. E esta mercê tão grandiosa fez Deus ao Reino de Portugal, quando os portugueses andavam mui atados em vaidades terrenas, e delicias mundanas; e quando as tiranias de Castela tinham o Reino posto a ponto de se acabar, e El-Rei de Espanha o queria fazer provincia. Acrescentemos aqui um pensamentozinho ao nosso tosco modo, e é, que assim como Cristo nosso Senhor, enquanto Deus, nasceu do entendimento do Eterno Padre, por geração eterna, e o Padre se chama fonte de vida. Quoniam apud te est fons vitæ. *E o Filho por consubstancial ao Padre, se chama vida.* Ego sum via, veritas, e vita. *Tambem este filho de Deus, enquanto homem, nasceu da puríssima Virgem Maria, a quem o Espirito Santo, no livro dos amorosos Cânticos, cap. 4. num. 15 chama fonte de jardins, e poço de aguas vivas.* Fons hortorum, puteus aquarum viventium. *Digo pois assim (sem fazer comparação, que será odiosa) ao tosco vilanaz: que também a Majestade d'El-Rei Dom João, nosso Senhor, traz o seu primeiro principio, e origem de outra fonte, que foi o santo Rei Dom Afonso Henriques. Afonso se chama na língua latina,* Alfonsus, *ou* Illefonsus, *e é o mesmo que aliquis* fons, ou ille fons; *ele é fonte; e assim o santo Rei Afonso foi a fonte, e origem, donde se derivam os caudalosos rios dos reis portugueses, e donde também procede o rei de que hoje gozamos, descendente por linha direita, e masculina deste santo rei, e desta clara fonte.*

Cristo nosso Senhor, enquanto Deus não tem mãe, e enquanto homem não tem pai na terra, e assim dando o de Deus a Deus, e o de homem a homem, enquanto revestido no traje de nossa carne humana teve a Deus por pai, e por mãe a Serenissima Rainha dos Anjos a Virgem Maria, e segundo a etimologia das línguas hebráica, siríaca, e caldéia, e a explicação de muitos santos doutores, Maria quer dizer, Senhora, e mar de bonanças, e a universal dominadora; assim o advertem São Jerônimo, super Matth. Santo Ambrósio, Serm. de nativ. Virgin. S. Bernardo, e outros; esta Se-

nhora teve por pai a São Joaquim, que quer dizer preparação de Deus, e por mãe a Santa Ana, que quer dizer, graciosa, ou graça; assim também o nosso grandioso rei se chama João que quer dizer graça, gracioso, e piedoso, o que tudo ele tem em se por particular mercê do céu; sua mãe foi a Senhora Duquesa Dona Ana de Velasco, e seu pai o santo Duque Dom Teodósio; e pois Ana quer dizer graça, e graciosa, e Teodósio quer dizer dote de Deus; assim bem podemos dizer, que se a Virgem Maria, como universal Senhora do céu, e da terra, nos deu por fruto de seu ventre o universal Senhor de tudo Rex Regum, e Dominus dominantium, *Apoc. c. 1. e como inventora da graça.* Invenisti gratiam apud Deum, *Luc. 1. e preparada como graciosa nos olhos de Deus, nos deu por fruto do seu ventre ao autor da graça, ficando mãe da graça. Também Deus deu a Portugal um rei, que tem nome de graça, e se chama João, e quis que sua mãe se chamasse Ana, que quer dizer graciosa, e seu pai Teodósio, que significa dote, e mercê de Deus para significar, que o ter hoje Portugal o rei que tem, se originou da graça, que o santo Rei Dom Afonso Henriques achou nos olhos de Deus, para lhe prometer em dote, e arras de seu amor, de pôr os olhos em Portugal, no tempo de sua maior tribulação, e dar-lhe um rei, que fosse gracioso em seus olhos, e piedoso, e benigno para com seus vassalos, e assim se chamasse João. E se é costume da divina Escritura o chamar pais aos avós, também este ínclito rei é neto de Sua Alteza a Senhora Dona Caterina, a qual sempre se chamou Senhora, por ser a legítima herdeira do Reino de Portugal, que tão indevidamente lhe foi usurpado por os reis de Castela.*

E se Cristo nosso Salvador, se chama Príncipe da paz. Princeps pacis. *E veio à terra em tempo que o mundo todo estava em paz, como o tinha profetizado Isaías, cap. 9. n. 6. dizendo, que por a muita paz em que os homens viveriam, desfariam suas lanças e espadas, e fariam delas foices, e ferros de arados, para cultivar a terra com quietação.* Conflabunt gladios, suos in falces, e lanceas suas in vomeres *E se prova esta verdade com o édito que mandou publicar Augusto César, que todos os homens do mundo acudissem às suas vilas, e cidades a se empadroarem, e registrarem, para saber quanta gente havia em todo o descoberto; certo sinal de que toda a terra estava sujeita ao povo romano, e esta foi a causa, porque a Virgem Maria, acompanhada de seu*

virgíneo esposo o Santo José, acudiu à Cidade de Belém de Nazaré a se empadroar, e ali em uma pobre manjedoura de animais, debaixo de um portal, pariu ao Santíssimo menino Jesus, segundo o diz o Evangelista S. Lucas, cap. 2. Exiit, edictum a Cæsare Augusto, ut describeretur universus orbis. *E o notam agudamente São Gregório Magno, mit. octava in Evang. e S. Ambrósio, lib. 2. in caput secundum Luc. Também a Majestade de El-Rei Dom João entrou na posse do Reino de Portugal com tanta paz, que não sendo mais que quarenta fidalgos os que o aclamaram, todo o mais povo do Reino se lhe sujeitou, e o aceitou por Rei, e Senhor, sem contradição alguma, e até as treze fortalezas, que El-Rei de Espanha tinha nos portos marítimos de Portugal, providas com presídios castelhanos, também logo lhe renderam obediência em que nem um só português derramasse sangue; e com ser o Rei Dom João de ánimo guerreiro, e sobremodo valoroso, contudo tão benigno, e pacífico é de condição, que a coisa, que traz posta nas meninas dos olhos, é conservar a paz entre seus vassalos, e meter pazes entre Deus, e seus súditos, dando-lhes exemplo de heróicas virtudes, para que com isto se ponham em paz e amizade com Deus.*

E se Deus veio ao mundo, procedendo seis meses antes a nascença do sagrado S. João Batista, a quem o filho de Deus escolheu por pregador, e precursor de sua chegada; e a Igreja Católica antes de se celebrar o dia do nascimento de N. Senhor Jesus Cristo, que é aos vinte e cinco de dezembro; primeiro por todo este mês faz memórias das grandes saudades, que os santos patriarcas, e profetas tinham da vinda deste Senhor, e assim a este mês chama o mês do Advento, e nas domingas dele se cantam os evangelhos aonde se tratam as prerrogativas, graças, e excelências de S. João Batista; assim também no mês de dezembro antes de chegar o dia da festa do Nascimento de Cristo, no ano de mil e seiscentos e quarenta, aclamou a fidalguia de Portugal ao seu novo Rei Dom João, e lhe entregou a coroa, e cetro, e celebrou com gloriosas vivas seu triunfo; e não somente na Cidade de Lisboa, mas em todas as outras cidades, e vilas do Reino, se fez o mesmo, e se renderam a Deus as devidas graças, de tão soberano benefício com missas, solenemente cantadas, e com devotas procissões, e sermões altíssimos, pregados por os mais abalizados pregadores do Reino. E se algum curioso me disser, que quando os escribas, e fariseus do judáico povo mandaram perguntar ao sagrado Ba-

tista, se era ele o Messias prometido na Lei? Tu es qui ven tutus es, an alium spectanus? *Lu. cap. 5. E lhe ofereceram a coroa, e cetro de seu Reino; o Batista o não quis aceitar, antes disse que o oferecessem a Cristo, cujo era de direito; e que o Duque Dom João não o fez assim, antes aceitou a coroa, e cetro de Portugal, tanto que lh'a ofereceram? A isto respondo, que se ofereceram algumas vezes (como também o tinham feito a seu pai o santo Duque Dom Teodósio) e que ele não o quis aceitar, suposto que era seu de jure hereditário, por não deitar sobre seus ombros carga tão pesada, como é o governar um Reino tão dilatado, e dar conta a Deus de tantas almas como nele se encerram, e que muitas se poderiam perder por sua negligência; porém vendo que o Reino se ia acabando, se ele não lhe acudisse, e que a fidalguia estava deliberada a entregá-lo a outro príncipe, dos mais chegados à Casa Real, então o aceitou, por não ceder de seu direito, e também por remediar o Reino, por meio de trabalhos, despendendo na reparação dele todos seus tesouros, e riquezas. Mas respondendo, em forma, à dúvida proposta, digo, que S. João Batista, quando lhe ofereceram os príncipes de Jerusalém o reinado, segundo o conta São Lucas em seu Evangelho, cap. 2.* Confessus est, e non negavit. *Confessou, e não negou. Confessou que não era ele o Messias esperado; e não negou que Cristo era o verdadeiro Rei dos Judeus; antes os persuadiu, que a Cristo, como a seu verdadeiro Rei, deviam oferecer a coroa; o que bem qualificou em outra ocasião, mostrando-lh'o com o dedo, e dizendo.* Ecce agnus Dei, qui tollit peccata mundi. *Vêdes ali o cordeiro de Deus, que tira os pecados do mundo. Assim também no mês, em que a santa Igreja faz memória desta proeza, confessou a fidalguia, e povo de Portugal, que não era El-Rei Dom Felipe o Quarto de Espanha, o legítimo Rei de Portugal; e não negou ser o Senhor Dom João Duque de Bragança, o herdeiro legítimo, e verdadeiro desta Monarquia, antes com o dedo o mostrou ao povo dizendo-lhe este é o vosso legítimo Rei, e Senhor, o qual vos vem a livrar das tiranias de Castela; e como a tal lhe entregaram todos a coroa, e o cetro, e o juraram por seu Rei.*

CAPÍTULO II

Do que sucedeu no Brasil tanto que a ele chegou a nova da aclamação d'El-Rei Dom João Quarto deste nome

Tanto que o Sereníssimo Principe Duque de Bragança Dom João foi aclamado, por Rei de Portugal na Cidade de Lisboa e nas mais cidades e vilas de todo o Reino, e tomou pacífica posse de sua Monarquia, logo despachou correios por mar aos reinos da Índia Oriental, e aos mais Estados, e ilhas marítimas, sujeitas à sua coroa, fazendo-lhes a saber aos governadores deles, em como já tinham rei de sua nação, para os governar em paz, e amor, como pai, e para os defender com seu braço de todos os inimigos do nome português, e que como bons, e leais vassalos, festejassem sua felicidade, e o fizessem a saber aos reis circunvizinhos, para que os amigos o festejassem, e os inimigos abatessem o orgulho, trazendo à memória os heróicos feitos dos antigos portugueses, no tempo que tinham reis de sua nação; e o mesmo fez aos príncipes do Norte, mandando-lhes embaixadores a estabelecer, e assentar em seu nome com eles pazes perpétuas, amizade, e aliança; e principalmente mandou por o Bispo de Lamego dar a obediência, e o devido reconhecimento de verdadeiro cristão, e católico rei, ao Sumo Pontífice Romano Urbano Papa Oitavo, e estes embaixadores foram mui bem recebidos de todos os príncipes do Norte, e em particular de El-Rei Cristianíssimo de França, e da Sereníssima Senhora Cristina Rainha de Suécia, nos quais reinos se fizeram extraordinárias festas, e se mostrou com efeito o grande gosto que receberam com a alegre nova da coroação de S. Majestade, mandando-lhe cartas mui corteses, e armas, e gente, para ajuda de defender seu Reino da ira, e sanha dos castelhanos, que o haviam de querer privar de seu trono.

Esta alegre nova da aclamação, e coroação d'El-Rei nosso Senhor chegou ao Estado do Brasil no fim do mês de janeiro, e o mensageiro que trouxe esta nova à Bahia foi o Padre Francisco de Vilhena, religioso da Companhia de Jesus, o qual entregou a carta d'El-Rei ao Marquês de Montalvão Dom Jorge Mascarenhas, que estava governando todo o Estado do Brasil, com título de Vice-Rei. Recebeu o marquês a carta, e tanto que a leu, logo mandou chamar aos prelados das quatro religiões que na Cidade do Salvador têm seus conventos de S Bento, de Nossa Senhora do Carmo, de S. Francisco, e da Companhia de Jesus, e os oficiais da Câmara; e finalmente aos mestres de campo, e sargentos-mores dos terços da milícia portuguesa, que ali assistiam; e diante de todos leu a carta que havia recebido, e pediu a todos, que cada um dissesse nesta matéria o que lhe parecia porque seus ditos se haviam de escrever em forma pública; altercou-se a questão proposta, e alguns disseram, que se aclamasse logo El-Rei, e os mais foram de parecer que se dilatasse a resolução para o seguinte dia, porquanto o negócio era de muita consideração, e assim não se podia tomar acordo de repente, porquanto pedia maduro conselho, e considerar primeiro os bens, e males, que se podiam dali seguir, e que como El-Rei de Espanha era Rei de Portugal, e tinha tanto poder, certo era que havia de fazer extraordinários castigos nos que lhe fossem traidores, quando a fação dos portugueses não conseguisse bom efeito. E que esta novidade era tão grande, que não se atreviam a dar seu voto, sem primeiro considerar a causa com muita madureza. Ao que o Marquês Vice-Rei respondeu, que a resolução se havia de tomar logo ali, sem que ninguém saísse das casas reais, aonde estavam juntos; a esta resposta se levantou em pé o Mestre de Campo João Mendes de Vasconcelos, e pondo as mãos nos cabos da espada, e apertando o chapéu na cabeça, disse estas palavras. *Temos rei de nossa nação portuguesa, e este é o Senhor Dom João Duque de Bragança, a quem o legítimo direito do Reino pertence, como todo o mundo sabe. Pois não se esperem mais pareceres. Viva El-Rei Dom João Quarto deste nome, Rei de Portugal.*

O Marquês Vice-Rei, que não esperava mais que por um voto resoluto como este, disse, que não havia mais que esperar nesta matéria, e logo disse. *Viva El-Rei Dom João o Quarto de Portugal, e ninguém o contradiga.* E logo sem mais tardar, antes que ninguém saísse da casa, mandou pôr

toda a soldadesca, que na Bahia havia (que eram quase cinco mil homens) em ala, e em forma de fazer mostra, ou de irem marchando, para alguma ocasião de inimigos oculta; e mandou que à vanguarda levassem os dois terços dos castelhanos, e italianos; e assim como iam passando, lhe mandou que fossem arrimando as armas; e tanto que as tiveram arrimadas, mandou pôr na praça dos Guindastes toda a infantaria portuguesa. E os vereadores, e mais oficiais da Câmara trouxeram a sua bandeira, e logo o Marquês Vice-Rei vestido de gala, com todos os mais oficiais maiores da milícia, e todo o povo que se ajuntou, sem saber o para que; e mandando tocar todas as caixas, em elas parando, mandou deitar um pregão em voz sonora, e alta, por um pregoeiro, o qual disse estas palavras. *Ouvi, ouvi, ouvi, e estai atentos*. E logo disse o Vice-Rei estas outras palavras. *Real, Real, Real, por o Senhor Dom João Quarto deste nome, Rei de Portugal*. E todo o povo respondeu. *Real, Real, Real, viva El-Rei Dom João o Quarto deste nome, Rei de Portugal*. E logo toda a infantaria portuguesa deu três surriadas de arcabuzaria, e mosquetaria, e em cada surriada abatiam os alferes as bandeiras, e o povo aclamava. *Viva El-Rei Dom João*. E com esta cerimônia de gloriosos vivas, foram até à igreja da Sé, aonde deram todos a Deus as devidas graças por tão soberano benefício como lhe havia feito em lhe dar rei; e tal rei. Logo mandou o Vice-Rei disparar toda a artilharia das fortalezas da cidade, e de fora dela, e de todas as naus, e navios que no porto estavam. E tanto que se chegou a noite, mandou que todos os moradores da cidade pusessem luminárias em suas portas, e janelas, e acender outros muitos fachos e celebrou a aclamação d'El-Rei nosso Senhor com muitas encamisadas, e com festas de cavalo, com músicas, chacotas, e danças, fazendo todas as demonstrações de alegria, que lhe foram possíveis.

E logo despediu um patacho para o Reino, e mandou nele a seu filho o marechal a beijar em seu nome a mão a S. Majestade, e dar-lhe os parabéns de seus gostos; e juntamente despachou caravelas, e barcos, para todas as outras Capitanias da costa do Brasil, a dar a feliz nova da aclamação d'El-Rei nosso Senhor, para que de todos fosse festejada; e também mandou esta nova a Pernambuco (por João Lopes piloto da barra) ao Príncipe João Maurício Conde de Nassau, com o qual tratava estreita amizade, por o secreto, e particular respeito, que atrás, debaixo de rebuço, deixamos

apontado, e aos do supremo Concelho, que governavam a terra em nome dos dezenove da Companhia das Índias Ocidentais. Chegou João Lopes ao porto do Recife, com o seu barco todo embandeirado (coisa que causou grande alteração nos holandeses) e dando muitas surriadas de mosquetaria, entrou dentro no porto, sem mandar pedir licença, e foi ancorar defronte das casas do Conde de Nassau, e saindo em terra, acompanhado de muitos flamengos, e judeus, que tinham acudido à praia, a ver que novidade aquela seria. Entrou em casa do Príncipe João Maurício, e lhe entregou a carta do Marquês Dom Jorge Mascarenhas, e lendo-a ficou tão alegre, que deu ao mensageiro uma rica jóia de alvíssaras, e depois que o mandou a entregar aos do supremo Concelho as cartas, que para eles trazia, as quais eles festejaram, o mandou aposentar, e hospedar oito dias que ali se deteve, e respondeu por ele ao Vice-Rei, agradecendo-lhe muito o favor, que lhe havia feito, em lhe mandar tão feliz nova, enquanto o não mandava visitar em forma, com uma nau que ficava pondo em caminho para a Bahia.

Tanto que João Lopes se partiu para a Bahia, tratou o Príncipe festejar a aclamação d'El-Rei Dom João com grandes festas, e ostentações de alegria, e para isto mandou terraplenar, e aplainar uma comprida carreira, que estava defronte das suas casas, e para que os cavalos se não pudessem desgarrar, mandou fazer uma estacada baixa da parte do mar, e muitos palanques, e teatros de madeira, para se assentar a gente que viesse ver as festas; e da outra parte da carreira estavam todas as casas bem providas de janelas; e logo tomada boa informação de pessoas, que bem sabiam deste particular, escreveu cartas a todos os homens mancebos, e bons cavaleiros, e que tinham cavalos regalados, em toda a Capitania de Pernambuco, para que lhe fizessem mercê de se quererem achar com seus cavalos em umas festas solenes, que pretendia fazer. Tanto pois que os mancebos cavaleiros de Pernambuco se viram avisados por as cartas do Príncipe, logo se prepararam de custosas librés, e ricos jaezes, como se requeria para festas que se haviam de fazer em honra de seu Rei, e Senhor; e alguns houve, que para aparecerem ricamente adornados, se empenharam mais do que suas posses, e cabedal alcançava; e outros pediram emprestadas a seus amigos, e parentes muitas jóias de preço, e de valor; e chegado o dia aprazado, se vieram apresentar ao Príncipe, o qual os recebeu com alegre semblante, e os hos-

pedou à sua mesa com esplêndidos manjares, e com muitas músicas, e diversos, e acordes instrumentos.

Fez o Príncipe duas quadrilhas de cavaleiros, a saber de uma parte era o Príncipe, que capitaneava a quadrilha dos holandeses, franceses, ingleses, e alemães; e da outra parte capitaneava a quadrilha dos portugueses Pedro Marinho Falcão. E os flamengos, e portugueses eram os seguintes.

HOLANDESES

O Príncipe João Maurício Conde de Nassau.
Paulo Antônio de Mas, Escolteto.
O Capitão Pistol.
O Capitão Alexandre Bucocht.
O Capitão Pelnes.
O Secretário do Conde Charles Tornel.
O Capitão Teodosio de Estrate
O Capitão André Vandloi.
O Capitão Doctri.
O Capitão Carlos de Torlon.
O Capitão Abraham Taper, Coronel dos Burgueses
O Capitão João Guint.
O Capitão Moxi.
O Capitão Lindanão.
Cristóvão, Camareiro do Príncipe.
O Alferes Huitonovem.
Pajem Estrembon.
E outros, cujos nomes me não lembram.

PORTUGUESES

Pedro Marinho Falcão.
Antônio Cavalcanti de Albuquerque
João Fernandes Vieira.
Antônio Bezerra.
João Pais Cabral.
Inácio Mendes de Azevedo.
Pedro Correia da Cunha.
Manuel Gonçalves Diniz.
Tomé Lopes.
Pedro Cardigo, o velho.
João Gomes de Melo.

Henrique Afonso Pereira.
Vicente Rodrigues da Costa.
Valentim Cardoso.
Lourenço Nunes Vitória.
Simão Ferreira.
Apolinario Gomes Barreto
Fernão Bezerra.
E outros, de cujos nomes não estou lembrado.

Preparadas todas as cousas requisitas para estas festas, as damas estrangeiras de todas as partes do Norte, postas por as janelas; e a mais gente grave subida nos palanques, e teatros, e a outra gente comum repartida cada um por onde póde, e o rio cheio de bateis, e barcas carregadas de homens, e mulheres. Fizeram os cavaleiros sua entrada na Cidade Mauricia, que antes se chamava Santo Antônio. Desta sorte diante de todos, iam os trombetas tocando seus instrumentos; e logo se seguia o Principe João Mauricio só, e após ele iam os cavaleiros de dois em dois, misturados um holandês, e um português; e assim deram volta por as ruas da cidade, até chegarem ao posto aonde haviam de correr; e subidos os juízes em um teatro de madeira, todo toldado de panos de seda, com uma mesa, aonde estava uma salva de prata grande com os prêmios, e jóias, que se haviam de dar aos que as merecessem, por os juizes, os quais eram os do supremo Concelho Pieres Boniur, mestre-sala do Príncipe. Passearam a carreira os holandeses com sua quadrilha, e os portugueses com a sua; e logo o Príncipe correu só diante de todos, e os portugueses, e os holandeses de dois em dois com suas lanças, e como os holandeses todos cavalgavam à bastarda, sempre se descompunham em picar os cavalos, que suposto que eram os melhores da Capitania, que todos os de fama haviam adquirido, assim por fás, como por nefas; todavia em dando em suas mãos logo se deitavam a perder, porquanto os holandeses não lhes ensinavam outras habilidades mais que a dar saltos, e lhes faziam perder aquelas, que haviam aprendido em as mãos dos portugueses.

Os portugueses como todos iam à gineta corriam tão fechados nas selas, e tão compostos, e airosos, que levavam após si os olhos de todos, e principalmente os olhos das damas; porém nenhumas se poderiam gabar, que português algum de Pernambuco se afeiçoasse à mulher das partes do Norte: não digo eu para casar com ela, mas nem ainda para

tratar amores, ou para alguma desenvoltura; como por o contrário o fizeram quase vinte mulheres portuguesas, que se casaram com os holandeses, ou para melhor dizer, amancebaram, pois se casaram com hereges, e por predicantes hereges, porquanto os holandeses as enganaram, dizendo-lhes, que eram católicos romanos; e também, porque como eles eram senhores da terra, faziam as coisas como lhes parecia, e era mais honroso, e proveitoso; e se os pais das mulheres se queixavam, não eram ouvidos, antes os ameaçavam com falsos testemunhos, e com castigos. Enfim tornando à história, tanto que todos correram a primeira carreira, se armou a corda da argolinha; estavam postos muitos anéis de ouro com custosas pedras, e trancelins do mesmo, e voltas de cadeias de ouro, e cortes de tela, e seda, e começaram todos a correr, sendo o Príncipe João Maurício o primeiro, com umas lanças de um pau mui agudo, e de comprimento de dez até doze palmos, e os portugueses com lanças de vinte e cinco palmos. E o primeiro prêmio levou Henrique Pereira, que foi uma cadeia de ouro miuda de três voltas, o segundo prêmio foi um anel de um diamante de preço, o qual ganhou João Fernandes Vieira, mas como o seu competidor no pôr das lanças foi o secretário do Príncipe, os juízes lhe quiseram dar o prêmio, e mandaram que tornassem a correr outras três lanças, porem nunca o secretário se pôde melhorar, e tanto que a João Fernandes Vieira se julgou o prêmio, ele o aceitou, e o deu ao secretário, dizendo-lhe que a ele pertencia, por melhor cavaleiro; os mais dos outros prêmios levaram os cavaleiros portugueses; e correndo no fim patos à mão, e à espada, partiu Vicente Rodrigues de Souza a carreira na selá, e logo se pôs nas ancas do cavalo, e quando se foi chegando ao pato, pôs a cabeça na sela, e levantou os pés para o alto, e deu com eles no pato, e foi acabar a carreira assentado na sela (coisa de que os holandeses ficaram admirados) já o partirem dois portugueses juntos, e abraçados, e no meio da carreira passar-se um ao cavalo do camarada nas ancas, isso era coisa ordinária, porque em Pernambuco há muitos, e mui bons homens de cavalo. Enfim, os portugueses correram com tanto ar, e com tanta bizarria, que algumas damas inglesas, e francesas, tiraram os anéis dos dedos, e os mandaram oferecer por prêmios, só por os ver correr. Acabado este jogo se apartaram as quadrilhas, cada uma por sua parte, e vieram, como que cada um buscava seu inimigo, e quando se encontraram, indo passando

uns por os outros, levavam das espadas, e se iam acutilando ao falso; e entretanto a mosquetaria, que estava emboscada, saía a dar suas surriadas; e com isso se acabou a festa deste dia.

No dia seguinte mandou o Príncipe disparar toda a artilharia, assim da terra, como do mar, e convidou a todos os cavaleiros, aonde houve muitos brindes, como é costume de sua terra, e com umas cerimonias a modo de jogo, e quem as errava lhe faziam beber três vezes em castigo de seu erro, e todas as vezes que se brindava a saúde d'El-Rei Dom João o Quarto deste nome Rei de Portugal, tinham obrigação de se levantarem todos os circunstantes com os chapéus nas mãos, e não se tornavam a cobrir, nem assentar, até que o brinde não dava volta a toda a mesa; e enquanto o brinde durava, não se calavam as trombetas, que eram muitas nem parava o estrondo das caixas de guerra; e se o banquete era jantar durava a beberronia até a noite, e se era ceia até a madrugada; e nestes convites se acharam as mais lindas damas, e as mais graves mulheres, holandesas, francesas, e inglesas, que em Pernambuco havia, e bebiam alegremente melhor que os homens, e arrimavam-se ao bordão de que aquele era o costume de suas terras.

No terceiro dia ordenou o Príncipe João Maurício um jogo de canas e laranjadas, o qual se fez na praça dos Coqueiros com muito regozijo; o Príncipe de uma parte com os de sua quadrilha, e da outra os cavaleiros portugueses, e com duas emboscadas de mosqueteiros, os quais disparavam todas as vezes que o Príncipe corria, ao som de muitas caixas, e trombetas; e ao depois se fizeram escaramuças, nas quais os portugueses deixaram muito atrás os hollindeses, em destreza, e galhardia; e chegada à noite, depois da ceia, mandou o Príncipe representar uma comédia em língua francesa, com muita ostentação, suposto que poucos, ou nenhum dos portugueses entendeu a letra da comédia, senão praticada por os mesmos franceses na nossa língua materna; e no seguinte dia despedin o Príncipe os cavaleiros portugueses, com muitos agradecimentos da mercê, que lhe haviam feito em se querer achar nas suas festas. Porém a muitos dos holandeses lhe ficou o olho aberto à vista das muitas jóias, e ricas libréis, de que haviam visto adornados os portugueses; e começaram a deitar traças como ordenariam alguma estratagema para lh'as roubar, que este era o intento que sempre tiveram depois que entraram em Pernambuco, o tratar

de roubar aos moradores, e tirar-lhes a sustância, e as vidas por todos os caminhos que podiam, e nunca fizeram obras, por as quais se julgasse que queriam conservar a terra, e os moradores dela.

Estas festas se fizeram no mês de abril do ano de mil e seiscentos e quarenta e um, entre Pascoa, e Pascoa; e não eram elas bem acabadas, quando chegou ao porto de Pernambuco uma nau de Holanda, aonde veio a nova da aclamação d'El-rei D. João, e de como se haviam assentado as pazes por dez anos entre Portugal e Holanda, e as capitulações delas, tratadas, e aceitadas por Tristão de Mendonça, em nome de S. Majestade; logo o Príncipe João Maurício Conde de Nassau despediu uma nau para a Bahia a visitar ao Marquês de Montalvão Dom Jorge Mascarenhas, e a dar os parabéns aos três governadores, que estavam de novo eleitos, os quais eram o Bispo Dom Pedro da Silva de Sampaio, e o Mestre de Campo Luiz Barbalho, e Lourenço de Brito Correia, e esta nova lhe chegou ao Príncipe João Maurício por uma caravela que passava para o Reino, e tomando porto com o grande temporal no Rio Formoso, contaram os passageiros, que nela iam, em como já o Marquês Vice-Rei estava privado do cargo de governador, e também contaram o modo como fora tirado do governo, que segundo o Príncipe teve por carta, foi o seguinte.

Trouxe o Padre Francisco de Vilhena à Bahia a feliz nova de como o Serenissimo Príncipe Dom João Duque de Bragança estava aclamado por Rei de Portugal; e com ordem de Sua Majestade, para que se o Marquês Dom Jorge Mascarenhas o aceitasse, e aclamasse por Rei, de boa vontade, e com ânimo, e ostentação de vassalo leal, e verdadeiro, segundo de sua prudência, e cristandade se esperava, o deixassem ficar no governo, sem alteração, nem novidade alguma; porém que se ele duvidasse de o aclamar por Rei, ou desse evidentes mostras de que lhe pesava de Portugal ter rei de sua nação legítimo senhor, em tal caso, fosse logo deposto do cargo de governador, e embarcado para o Reino, com soldados de guarda, e lhe sucedessem nos cargos três governadores atrás nomeados; porém não obstante que o Marquês Vice-Rei se mostrou tão zeloso do bem de sua pátria, e tão diligente na aclamação de seu novo Rei, e Senhor, e tão satisfeito da felicidade de Portugal; e em mostras de sua alegria havia mandado ao Reino seu filho o marechal a beijar a mão a Sua Majestade. Todavia o Padre Francisco

de Vilhena, levado do interesse, que faz cometer algumas baixezas, entregou ao Bispo, e a Luiz Barbalho, e a Lourenço de Brito, a segunda via de Sua Majestade, os quais logo que a tiveram recebido, a mandaram apresentar na Câmara, e depuseram do cargo do governo ao Marquês de Montalvão Dom Jorge Mascarenhas, o qual vendo a ordem de Sua Majestade a beijou, e a pôs sobre a cabeça, e largou o cargo com alegre semblante, e se recolheu no colégio da Companhia de Jesus, aonde esteve até que os novos governadores lhe deram embarcação para se ir para o Reino.

Mandou pois o Conde de Nassau João Maurício uma nau à Bahia, na qual foi por embaixador Manuel Conde, um dos três que assistiam no supremo Concelho, e com ele Abraham Paper secretario do politico Concelho, e alguns capitães a despedir-se do Marquês Vice-Rei, e a dar os parabens aos novos governadores, e a pedir-lhes, que pois Holanda tinha estabelecido pazes com Portugal, ou tréguas por dez anos, que também Snas Senhorias fossem servidos que houvesse tréguas entre a Bahia e Pernambuco, para que assim tratassem de amizade, e honrada correspondência, de se poder tratar, e escrever de uma para outra parte, assim por mar, como por terra; e qde para maior certeza de aliança, e amizade, fossem servidos de mandar retirar para a Bahia as tropas dos soldados da campanha cujo cabo era o Capitão Paulo da Cunha, os quais andavam fazendo muitos danos, e grande estrago por toda a Capitania de Pernambuco, queimando os canaviais de açúcar, e os engenhos, e matando os bois mansos do serviço dos lavradores, e roubando aos moradores da terra. Chegaram os embaixadores à Bahia, aonde foram benignamente recebidos, e hospedados, com a largueza possível; e em breves dias os governadores os despediram, mandando com eles ao Tenente-General Pedro Correia da Gama, cavalheiro do hábito de Cristo, e Comendador de São Pedro de Olorosa, soldado mui antigo no serviço d'El-Rei, e mui experimentado nas armas, e sobretudo varão mui prudente nas coisas políticas para que em Pernambuco respondesse ao Conde de Nassau, e aos do supremo Concelho, e assentasse com eles as capitulações convenientes, e mandasse retirar para a Bahia a todos os soldados, que andavam na campanha. E mandaram com ele o Licenciado Simão Alures de la Penha, para assistir aos assentos que se fizessem e ficassem estáveis, e fixos, segundo as leis civis.

Também com eles vieram a Pernambuco o Padre Francisco de Vilhena da Companhia de Jesus, e o Padre João de Avelar, porquanto o Padre Vilhena pediu licença aos governadores para vir a Pernambuco, a efeito de desenterrar a prata dos padres da Companhia, e a de Matias, e Duarte de Albuquerque, que estava enterrada, e escondida em maos secretas, e leva-la para a Bahia, e dali para o Reino. É suposto que o Padre Vilhena trazia um aranzel de como se havia de haver com o Conde de Nassau, e os do supremo Concelho, sobre as materias de El-Rei de Portugal, e preceito, posto de que nao saisse daquela ordem, porquanto convinha assim ao serviço d'El-Rei (a qual ordem eu li) todavia ele, tanto que se viu com o Conde de Nassau, lhe deu um abraço da parte d'El-Rei Dom Joao, e lhe fez outros oferecimentos, de que o Conde de Nassau ficou confuso, e disse a alguns seus amigos particulares que as palavras daquele padre eram lisonjas, e mentiras, porque quando El-Rei de Portugal o mandasse saudar havia de ser por carta sua, para que ele a estimasse, e a guardasse por prenda de grande estima, e mercê particular; porém mostrou grande agradecimento ao padre, e o mandou aposentar com seu companheiro, em uma boa casa, aonde lhe mandou o necessário provimento, e ao Tenente-General Pedro Correia da Gama agasalhou aquele dia à sua mesa, e o mandou aposentar com o Licenciado Simão Alures de la Penha, em outra casa mui grave, aonde lhe mandou para dormir a cama, e leito aparamentado, aonde ele mesmo dormia, e ali o visitou algumas vezes, e outras o convidou a comer, e ali lhe mandava o provimento das viandas com o seu mestre-sala, e com todo o aparato de sua casa; e gostava muito de conversar com ele, porquanto, além de ser prudente, era destro em falar a língua flamenga e francesa, a qual tinha aprendido nos muitos anos, que havia militado naquelas partes, e muitas vezes vinha o Conde de Nassau João Manrício a buscá-lo à sua casa, e saía a passear com ele fora de suas fortificações.

Quando o Padre Francisco de Vilhena veio do Reino com a nova da aclamação d'El-Rei Dom João o Quarto, nosso Senhor, trouxe muitas cartas d'El-Rei, para as dar às pessoas graves, e beneméritas do Estado do Brasil, nas quais Sua Majestade encomendava a lei de bons, e leais vassalos, e os fazia sabedores de sua felicidade, e de como já Deus lhe havia feito mercê de lhes dar rei, que os livrasse do cativeiro,

em que estavam; e como estas cartas vinham sem capa, nem subscrito, e remetidas a disposiçao do Padre Francisco de Vilhena, como a quem bem connecia os homens nobres, e de consideraçao, do Estado do Brasil, para que lhe pusesse a capa, e lhas entregasse. Ele fez destas cartas materia de mercancia, e ganancia, e as deu a pessoas que as nao mereciam, por o suborno que lhe davam para terem uma carta d'El-Rei para o tempo de seus requerimentos, e destas cartas trouxe algumas a este Pernambuco, as quais deu a quem mais lhe deu, e a alguns homens que mereciam enforcados por suas traições, e aleivosias; e chegou a Pernambuco apregoando tanta privança para com Sua Majestade, e prometendo tantas bulas falsas, e tantas mercês fantásticas, que muitas pessoas, assim eclesiásticas, como seculares, lhe deram grande soma de dinheiro para que em Portugal, para onde se partia, lhes alcançasse de S. Majestade ofícios, e dignidades. Mas como o mal adquirido nunca se logra, segundo o antigo refrão. *Male parta, male dilabuntur*. Ele se tornou para o Reino em uma caravela, e chegando à ilha da Madeira a salvamento por assegurar a muita riqueza que levava, largou a caravela, e se meteu em uma nau de Levante, que estava de partida para Lisboa, e permitiu Deus que a nau foi tomada de turcos, e levada a Argel, aonde o padre acabou a vida em miserável cativeiro, e a caravela aonde ele vinha chegou a Lisboa com próspero tempo, e a salvamento.

Mas tornando a tratar do Tenente-General Pedro Correia da Gama, e do Licenciado Simão Alures de la Penha seu camarada; tanto que descansaram oito dias do trabalho da viagem do mar, foram com o Conde de Nassau ao supremo Concelho, aonde diante dos que nele assistiam, fez Pedro Correia da Gama o seguinte arrazoado. *Notório é a todo o mundo, que enquanto Portugal teve reis de sua nação, sempre teve paz, amizade e aliança com os príncipes do Norte, e que uns aos outros se ajudavam nas ocasiões de importância, e que tanto que o Reino por pecados dos portugueses, ou por outros ocultos juízos de Deus, foi tirado a Sua Alteza a Senhora Dona Caterina Duquesa de Bragança, filha do Infante Dom Duarte, sendo ela a legítima Rainha de Portugal de jure hereditário por via masculina, e possuído por os reis de Castela, logo em ódio dos reis de Espanha, que se introduziram em reis de Portugal, os ditos príncipes do Norte se foram apoderando de muitos portos marítimos*

da Índia Oriental, e roubaram a Portugal o comércio, que era seu, por os portugueses haverem sido os primeiros descobridores, e conquistadores do Oriente; e por o tempo adiante se apoderaram da Bahia, onde foram por força de armas desalojados; e agora estão senhores do Estado de Pernambuco, e das mais Capitanias circunvizinhas, fazendo estes agravos a Portugal tão indevidamente sem que Portugal lhe desse ocasião, nem matéria para isso. Hoje já não têm estes agravos lugar, porque tanto que o Sereníssimo Príncipe Dom João Quarto deste nome, foi eleito em Rei de Portugal, logo mandou estabelecer, e firmar pazes, e amizade com todos os príncipes do Norte; e em Holanda os Senhores Estados têm assentado tréguas por dez anos, e pois isto assim é, não é razão que se continuem as guerras principiadas. Os senhores governadores da Bahia me mandam aqui, para que faça a saber a Vossas Senhorias em como eles não podem assentar pazes em forma obrigatória, sem expressa ordem de S Majestade; porém enquanto ela não chega do Reino, eles assentam com Vossas Senhorias cessação de armas, e comunicação; e em certeza disto venho eu a mandar retirar da campanha de Pernambuco para a Bahia todas as tropas de soldados, que andam repartidos por diferentes partes, fazendo os males, e danos, que Vossas Senhorias mandaram representar aos senhores governadores; e também mandaram aqui navios, e caravelas de Portugal, com mercâncias, pagando os direitos, que em Portugal pagam os holandeses, e levando daqui as drogas da terra, comprando, e vendendo livremente, como se costuma em todas as nações.

Aceitaram os holandeses do supremo Concelho a cessação das armas, e a comunicação; porém ao virem navios nossos com mercadorias a Pernambuco, responderam, que o não podiam fazer sem ordem de Holanda, porém que logo escreveriam, e lhes viria a resolução com muita brevidade; e que se debaixo deste pretexto quisessem vir antes de vir recado de Holanda, havia de ser com condição, que as mercâncias que trouxessem as haviam de vender somente a eles ministros do supremo Concelho, e receber de sua mão o retorno nas drogas, e frutos da terra, sem poder comerciar com outras pessoas particulares, e que sobretudo haviam de pagar as entradas, e saídas segundo em Pernambuco estava por eles decretado. E como isto se acabou o Concelho, e assento, dizendo o tenente-general, que sobre esta última cláusula avisaria aos senhores governadores à Bahia.

Sempre os holandeses trataram com os portugueses de Pernambuco com risonhas palavras, e mãos aladroadas, cheias de estratagemas, e enganos, proveitosos para eles, e danosos para nós; e nesta ocasião queriam que viessem os nossos navios ao porto do Recife, e que depois de pagarem os direitos, ou tortos, da entrada, ao depois de furtos, se vissem obrigados por fás, ou por nefas, a lhes venderem as mercadorias por o preço, que os holandeses do Concelho quisessem, para que eles ganhassem muito na revenda aos moradores, e ao depois por se não deterem muito tempo no porto, fazendo muitos gastos, ou por não se saírem sem carga, a necessidade os obrigasse a comprar aos do supremo Concelho os açúcares, ou paus do Brasil, e as outras drogas, que lhes davam em retorno, por excessivos preços; pois eles eram os que punham o preço do que compravam, e vendiam, e sobre tudo isto os extraordinários direitos da saída, de sorte que os portugueses, ou haviam de sair sem carga, ou deixar a pele por as custas, e sair em osso, sem sustância.

CAPÍTULO III

Das traições que os holandeses fizeram ao Reino de Portugal, tanto que se viram livres das tropas dos nossos soldados da campanha

Neste meio tempo se embarcou o Marquês de Montalvão Dom Jorge Mascarenhas da Bahia para Lisboa, e não sem algumas queixas, antes mui sentido de alguns agravos, e acintes, que os governadores lhe fizeram, e houve tal que em sua ausência, lhe chamou de traidor, e que pois seus filhos em Portugal haviam fugido para Castela, e sido traidores a El-Rei, que sem dúvida também ele o era, pois quais são os filhos, tais são os pais; tudo isto soube o marquês com outras mais coisas a estas semelhantes, e tudo sofreu com paciência, prudência, e sagacidade, nem por isso deu mostras de ânimo irado. Chegou a Lisboa aonde foi bem recebido de S. Majestade, e por sua prudência, fidelidade, e maduro conselho, e por a grande experiência nas matérias do governo, e da milícia o ocupou em cargos mui honrosos. Também neste tempo embarcaram os governadores aos soldados castelhanos, e napolitanos, que na Bahia estavam, e lhes deram uma urca grande, e capaz para a viagem; e temendo que indo em direitura para algum dos portos de Espanha, seria em grande proveito para El-Rei de Castela, achar setecentos soldados práticos com seus oficiais maiores, experimentados na guerra, e seria isto dar armas contra El-Rei Dom João seu senhor. Não lhes deram provimento de comer, e beber, mais que para poderem chegar às Índias de Castela; nem lhe permitiram que o comprassem por seu dinheiro. Partida pois esta infantaria da Bahia em direitura para as Índias, tanto que passaram o cabo de S. Agostinho, começaram a velejar em direitura para os portos de Castela, e como os ventos eram contrários, e as águas corriam de tra-

vés, se lhe rendeu o mastro grande, e fingiram que a urca fazia água, e vieram a surdir na Paraiba, com intenção de ali se proverem de mantimentos, e das mais coisas necessárias, para fazerem viagem para Cadiz, ou para algum dos portos de Galiza, e se irem apresentar todos juntos a El-Rei de Castela. Os holandeses que estavam senhores da Paraíba, os fizeram desembarcar a todos em terra, e os prenderam; e como são inimigos capitais d'El-Rei de Espanha, apertaram com eles grandemente, e para lhes darem o ordinário mantimento para comerem, os faziam trabalhar em suas fortificações, e estiveram em conselho sobre se os mandariam enforcar a todos, ou lhes dariam passagem. Alcançou o Mestre de Campo Heitor de la Calche licença para vir ao Recife a falar com o Conde de Nassau, e com os do supremo Concelho, e tantas queixas lhe fez dos governadores da Bahia, e tantas lástimas contou, e alegou de razões, que os holandeses mandaram aos soldados espanhóis, e napolitanos em um porto das Índias, e na Paraíba deixaram ficar os mestres de campo, e aos mais capitães, e oficiais da milícia, para que os soldados, não tendo quem os governasse, nem mandasse, se metessem nas Índias por a terra dentro, e assim se desfizesse àquele terço de tão boa infantaria. Andou o Mestre de Campo em Pernambuco, vestido de dó, e escondido o hábito de Santiago, em requerimentos que lhe dessem passagem, e ao cabo de quatro meses o mandaram para Holanda em uma frota que partiu, e aos outros oficiais, repartidos por as naus, e então se vestiu de gala, e manifestou o hábito, e cingiu espada, enquanto não se partiu, e levava feitas grandes papeladas para entregar a El-Rei de Espanha contra os portugueses, e como poderia sujeitar o Brasil.

Mas tornando ao fio de nossa história, mandou o Tenente-General Pedro Correia da Gama fixar editais seus, em nome dos governadores, por todas as portas das freguesias de Pernambuco, para que em breve viessem à notícia de todos os camponeses, para que logo sem mais tardar, sob pena de serem julgados por traidores, e como tais castigados, se saíssem das terras de Pernambuco, e se recolhessem para a Bahia; e que os que quisessem ir por mar se viessem logo a ver com ele ao Recife, debaixo de toda a segurança, porque ali se lhes daria embarcação. Os mais dos nossos soldados não se confiaram dos holandeses, porque não reparam em quebrar a palavra, e fidelidade, e se partiram por terra em

tropas; e o Capitão Paulo da Cunha veio ao Recife, aonde estava Pedro Correia da Gama, e trouxe consigo uma luzida tropa de valentes soldados mancebos, e todos mui bem tratados, porque para entrarem no Recife haviam deixado os vestidos da campanha, e se haviam vestido de libré melhor, segundo a soldadesca costuma. Soube o Conde de Nassau em como esta tropa era chegada, e mandou convidar a Pedro Correia da Gama a jantar, e que levasse consigo ao Capitão Paulo da Cunha, que o queria ver, e falar com ele.

Chegaram à casa do Conde, Pedro Correia da Gama, e Paulo da Cunha, acompanhados do mestre-sala do Conde, por quem os havia mandado chamar, e como a mesa já estava posta, e nela as viandas, não houve mais que as primeiras cortesias de como estais, e como vindes, muito folgo de vos ver, e eu a vós muito mais. E logo se assentaram a comer com muitas práticas, entressachadas com saborosos brindes; e no meio do comer disse o Conde de Nassau ao Capitão Paulo da Cunha, por modo de riso, passatempo, e graça. *É possível, senhor capitão, que se atreveu vossa mercê a prometer dois mil cruzados de prêmio a quem lhe desse a minha cabeça, ou me matasse?* Ao que o Capitão Paulo da Cunha respondeu. *Vossa Excelência se espanta de prometer eu dois mil cruzados a quem o matasse; e vejo que não se espanta de si mesmo em haver prometido quinhentos florins a quem me matasse a mim; eu se prometi dois mil cruzados a quem matasse a Vossa Excelência, já os tinha preparados para os entregar à vista, ou à notícia certa do feito; e mais me admiro eu de que tendo V. Excelência tantos soldados não se atrevesse a me mandar buscar aos matos, e aos passos, por onde eu andava com minha gente, e mandar-me matar como soldado; e mais me admira o ver que, sendo eu um capitão d'El-Rei de Portugal, e nobre por geração, me estimasse V. Excelência em tão pouco, que quisesse comprar minha vida por tão baixo preço, como são quinhentos florins, que tantos, e mais topo eu em uma mão aos dados, e se eu fora Conde de Nassau, como V. Excelência o é, e V. Excelência fora Paulo da Cunha e eu o tivesse por meu inimigo capital, dera eu toda a renda de meu Condado a quem matasse meu inimigo, por me ver livre dele; e se eu fiz oferecimento de dois mil cruzados a quem matasse a V. Excelência, foi conformar-me com minha pobreza, e negar a meu ânimo, condição, e brio, o que lhe devo como nobre, e honrado. Enfim a mim me admira o estimar Vossa Exce-*

lência em tão pouco preço os capitães d'El-Rei de Portugal Dom João o Quarto meu Senhor. O Príncipe João Mauricio recebeu a resposta com alegre semblante, e por modo de entretenimento, e fez a Paulo da Cunha um brinde à saúde de Sua Majestade El-Rei Dom João.

Já nesta matéria havia sucedido outra coisa semelhante ao Capitao André Vidal de Negreiros, quando andava por a companha por cabo de todas as tropas dela, sendo então o Capitão Paulo da Cunha seu soldado, porque vendo-se os holandeses tão oprimidos, e que não tinham lugar de sair do Recife, nem fora de suas fortificações a buscar mantimentos e a comerciar com os moradores, sem dar nas mãos do Capitão André Vidal, ou de suas tropas, que andavam espalhadas por diferentes partes, e matavam a quantos holandeses achavam desgarrados, e que quando os mandavam buscar com grande número de gente os não podiam encontrar por as boas vigias que traziam, e se meterem por entre os matos, quando viam que não podiam conseguir bom efeito; mandou o Conde de Nassau fixar por as portas das freguesias editais, nos quais prometia dois mil florins de prêmio, e perdão de quaisquer crimes que tivesse, a quem lhe desse a cabeça do Capitão André Vidal, ou o matasse, o que vindo a notícia ao Capitão André Vidal, mandou fixar às portas das mesmas igrejas outros editais na forma seguinte. *André Vidal de Negreiros Capitão da Infantaria d'El-Rei de Portugal meu senhor, por este crédito por mim assinado, prometo seis mil cruzados em ouro, pagos à vista, a quem me trouxer a cabeça de João Maurício Conde de Nassau, ou me fizer certo como o matou*. E deste feito aprendeu Paulo da Cunha a fazer o mesmo, em ocasião semelhante. Enfim o certo é, que enquanto estes dois capitães andaram correndo a campanha, tão perturbados, e amedrontados andavam os holandeses, que não se sabiam dar a conselho, porque se os queriam buscar com grandes tropas de gente, não os podiam encontrar, nem sabiam aonde se alojavam, porque nunca tinham lugar certo, nem amanheciam aonde anoiteciam, e se os não buscavam lhe vinham novas de que andavam ao redor do Recife, e muitas queixas de mortes, e roubos, que aos holandeses faziam.

Em resolução os nossos soldados da campanha se retiraram para a Bahia por mandado dos governadores, e o Capitão Paulo da Cunha quis ir por terra, para ir levando consigo todos os soldados que andavam desgarrados, desde

o Recife até o Rio de S. Francisco. Tanto que o Conde de Nassau, e os do supremo Concelho se viram livres desta pontada, e tão grande opressão, logo começaram a usar de suas aleivosias, e traições, (que este é seu ordinário costume) e mandaram em quatro naus gente de guerra, e trabalhadores a Sergipe d'El-Rei, a qual Capitania estava despovoada, e fizeram no porto da cidade uma fortaleza, e a proveram de soldados, para se aproveitarem de todos os frutos da terra, que os havia em abundância, e do muito gado que haviam deixado os moradores quando se retiraram com o Conde de Banholo, e andava desgarrado por os campos; e esta fortificação fizeram em vingança do grande dano que o Marquês de Montalvão Dom Jorge Mascarenhas lhes havia causado, matando-lhes muita gente no rio Real, e desalojando os holandeses à força de armas da fortaleza, que ali tinham feito; e como neste tempo aportou em Pernambuco o Pé de Pau, famoso corsário, que andava nas costas das Índias de Castela, e se viram com muita gente, e muitas, e guerreiras naus, deitaram fama, que mandavam a esperar a frota das Índias, e os galeões de prata, e debaixo de rebuço mandaram uma forte armada, e nela o Pé de Pau por general, e foram a tomar Angola, e S. Tomé. Os moradores de Angola, como estavam despercebidos, e com poucas munições, se retiraram por a terra dentro com o seu Governador Pedro César de Menezes esperando que do Reino lhe viesse socorro, para poderem revirar sobre a Cidade de Loanda, e desalojar dela o inimigo; ficou em Loanda por Governador o Coronel André Son, e o Pé de Pau se partiu para S. Tomé, e ganhou aquela praça; e de doença que lhe deu pagou as custas com a vida, e a mais da gente, que consigo levou, assim flamengos como índios Pitiguares do Brasil, todos morreram de doença da terra; e tantas foram as mortes, que o Pé de Pau mandou que o não enterrassem em tão pestilencial terra como aquela, e assim depois de morto o foram deitar no mar dez, ou doze léguas afastado da terra, e dos que escaparam com vida ficaram trezentos na fortaleza, e os portugueses se retiraram para o sertão; e dos holandeses, que tornaram para Pernambuco, se alguém lhe perguntava, como lhe havia sucedido em S. Tomé? E se era boa terra? Respondiam *Leve diabo S. Tomé, non queres magis S. Tomé*. Enfim com a mesma armada foram sujeitar todos os mais portos da costa de Guiné, e deixaram neles naus para o contrato do ouro, e negros.

Também de Pernambuco despacharam os holandeses seis naus com a gente de guerra, para conquistar o Maranhão, as quais chegaram à boca da barra do Maranhão com bandeiras de paz, e mandaram batel à terra a pedir licença para ancorar dentro do porto; e vendo o Governador Bento Maciel Parente, que tinha ordem de Sua Majestade, para receber benignamente aos franceses, e holandeses, que ali aportassem, e para lhes dar por seu dinheiro todo o provimento necessário para suas viagens, mandou-lhes licença que entrassem, os quais tanto que entraram, desembarcaram em terra, e de noite tomaram armas, e deram sobre os moradores da terra de sobressalto, e por terra, e por mar combateram a fortaleza, e a ganharam, e com ela toda a terra, matando a muitos moradores, e roubando a todos; e depois de saqueada a terra, se tornaram a fazer na volta de Pernambuco, deixando na fortaleza quatrocentos soldados, e guarnecendo-a de mais artilharia além da que tinham. Os moradores vendo tão grande aleivosia, se retiraram por a terra dentro, e se prepararam, animando-se uns aos outros, porquanto o Governador Bento Maciel foi mandado vir por terra, pobre, e miserável, e veio a morrer entre o Rio Grande, e Goiana; enfim os moradores do Maranhão se fingiram amigos dos holandeses, e tomaram seus salvo-condutos, e se tornaram para suas casas, e foram ajuntando armas, e mantimentos, e convocando muitos gentios Tapuios amigos, e também se valeram de socorro do Grão Pará, e em um dia de festa fizeram um esplêndido convite, e convidaram ao governador flamengo, e aos seus oficiais maiores, e no convite os mataram, e deram logo em todos os outros, que andavam desgarrados, e também os mataram, e somente escaparam da morte os que estavam na fortaleza, e os que se recolheram debaixo da artilharia: e logo equiparam um navio ao Recife a pedir socorro.

Chegou-se o tempo de se partirem para a Bahia, o Tenente-General Pedro Correia da Gama, e o Licenciado Simão Alures de la Penha, e sabendo de certo em como os holandeses haviam feito fortaleza na Cidade de S. Cristóvão, Capitania de Sergipe d'El-Rei, depois das tréguas apregoadas, entre Portugal e Holanda, fez ao Príncipe João Maurício Conde de Nassau, e aos do supremo Concelho um requerimento por papel, escrito em forma de direito, por o Licenciado Simão Alures de la Penha, no qual lhes requeria da parte de S. Majestade, que mandassem largar a fortaleza,

que haviam feito em tempo de paz, e tréguas, porquanto aquilo cheirava a embuste, falsidade, e traiçao. Costumava Gaspar Dias Ferreira visitar muitas vezes ao tenente-general, e ao licenciado, e debaixo de capa de amigo, e de leal vassalo d'El-Rei de Portugal, movia diferentes praticas, para lhes esquadrinhar os coraçoes, e descobrir os segredos de seus peitos, para os manifestar aos holandeses, e entre pratica lhe mostrou o tenente-general o requerimento que tinha para apresentar ao Conde de Nassau, e aos do supremo Concelho, e Gaspar Dias Ferreira lhes respondeu, que os holandeses nao haviam de deferir a aquele requerimento sem primeiro avisar a Holanda, porquanto ele sabia de certo que os que estavam no Brasil tinham ordem para conquistar quanto pudessem, e nao para largar o conquistado; despediu-se Gaspar Dias, e no seguinte dia apresentou o tenente-general o requerimento no Concelho supremo, e responderam-lhe de palavra, e nao por escrito (que é o que ele pediu encarecidamente) que eles nao podiam responder neste caso sem primeiro escreverem a Holanda, e darem conta aos Senhores Estados, e aos dezenove da ilustre Companhia das Indias Ocidentais, por onde o tenente-general, e o licenciado acabaram de conhecer o que muitas pessoas lhes tinham afirmado, que Gaspar Dias Ferreira era o que fazia, e desfazia no Concelho, e o maior inimigo que os portugueses tinham em Pernambuco, debaixo de uma amizade paliada, e de uma virtude sorrateira, e como a tal lhe davam os holandeses praça de concelheiro.

Com esta resposta se partiram para a Bahia o Tenente-General Pedro Correia da Gama, e o Licenciado Simão Alures, e a noite antes que se partissem convidou o Conde de Nassau ao Tenente Pedro Correia da Gama a cear com ele só por só, e lhe fez pôr a espada de parte, e no fim da ceia quando se despediram, pedindo Pedro Correia da Gama a sua espada, o camareiro do Conde de Nassau o ornou com uma rica espada de grande feitio, pendurada de um vistoso talim, bordado de fio de ouro, a qual espada o Conde costumava trazer nos dias festivais; e replicando Pedro Correia da Gama, que não era aquela a sua espada, lhe disse o Conde de Nassau. *Senhor tenente-general, essa espada é a minha mimosa, com a qual eu me costumava ornar nas ocasiões de honra, e agora faço a vossa mercê serviço dela, para que m'a faça em sua mão valorosa, e honrada, e a de vossa mercê eu lh'a mandarei levar à casa.* Agradeceu-lhe muito

o tenente-general a mercê, e favor, e o camareiro do Conde o acompanhou até sua casa, e nela lhe entregou a sua espada; e no seguinte dia por a manhã se partiu Pedro Correia da Gama, e o Licenciado Simão Alures por mar para a Bahia, aonde chegaram em espaço de três dias, por os favorecerem os ventos, e as águas.

Dali a poucos dias chegou ao Recife o Coronel André Son de Angola, aonde deixava já outro sucessor no cargo, e trouxe consigo três embaixadores negros do Conde de Consonho (que se havia rebelado contra os portugueses) a pedir socorro aos holandeses, e firmar com eles amizade, e aliança; e do Recife partiram para Holanda a propor sua causa no Tribunal dos Dezenove da Companhia, e o André Son trouxe de Angola muito ouro, e prata, e jóias, e todas as mais alfaias, que achou por as casas dos moradores, de ornato, e serviço ordinário, e quotidiano. Tanto que ele chegou ao Recife, e descansou da viagem do mar, logo o mandaram de socorro ao Maranhão em seis naus, e dois pataxos com oitocentos soldados; porem os moradores do Maranhão não se mostraram descuidados, porque enquanto tardou o socorro do Recife, fizeram eles um forte reduto de terra, e taxina à prova de canhão, e o rodearam de bizarras paliçadas, e trincheiras, e o guarneceram com algumas peças de artilharia, que mandaram buscar ao Grão Pará, e ali se fizeram fortes, mandando retirar por a terra dentro suas mulheres, e filhos, e cabedal. Tanto que o André Son chegou, desembarcou em terra a sombra da fortaleza, e desesumando aos nossos portugueses, os foi logo a buscar com intenção de os passar a todos ao fio da espada, porém os nossos lhe apresentaram encontro em campo aberto, e lhe saíram de um lado com uma emboscada, e lhe mataram a mais da gente, que havia levado, e logo abocaram as peças que tinham no reduto, e lhe fizeram as naus em rachas, e não teve o André Son outro remédio para salvar a vida com a pouca gente que lhe ficou, senão encastelar-se na sua fortaleza, e temendo que a entrassem os portugueses à escala vista, e o degolassem com seus companheiros, saiu-se uma noite da fortaleza, com os que nela estavam, e se meteu em dois barcos, e se veio safando para o Recife, e temendo vir por mar, por serem os barcos pequenos, saiu no Ceará em terra até o Rio Grande, e dali para o Recife; e desta sorte ficaram livres, e vitoriosos os moradores do Maranhão, e

vingados da aleivosia, e traição que os holandeses lhes haviam feito.

E tornando a tratar dos moradores de Angola, que estavam retraidos na conquista de Massangano, buscaram ordem com que mandaram à Bahia aviso de suas desgraças, e grande miseria em que estavam; e da Bahia lhe mandou o Governador Antonio Teles da Silva, que havia chegado de novo com o governo, uma caravela com algum provimento, e munições, a qual chegou a bom tempo, e entrando por a barra de Pinda, descarregou, e entregou o que levava, e por não ser sentida dos holandeses, se tornou na volta da Bahia, com algumas peças em retorno. Também logo o governador avisou a S. Majestade da aleivosia, que os holandeses tinham feito depois de capituladas, e apregoadas as tréguas; e Sua Majestade mandou dizer ao Governador Pedro César de Menezes, que cessasse em Angola com a guerra contra os holandeses, e tratasse com eles amizade, enquanto ele fazia queixa aos Estados de Holanda, e lhe pedia a restituição do Reino de Angola, e da ilha de S. Tomé, e mais portos maritimos daquela costa, pois lh'os haviam usurpado tiranicamente, e debaixo do assento das tréguas, e que fizesse muito por se vir a sua gente alojar junto ao mar, perto de algum porto navegavel, aonde estivesse preparado para tudo o que o tempo desse de si; assim o fez o Governador Pedro César, e começou a comerciar com os holandeses de Loanda, recebendo deles o provimento de comer, e beber, e roupas para vestir, e dando-lhes em retorno escravos, o que também faziam os mais moradores.

Usavam os holandeses tão mal das tréguas, que tinham assentadas com Sua Majestade, que depois delas apregoadas tinham tomadas dezesseis embarcações que vinham de Portugal para o Brasil, e do Brasil iam para Portugal; e o Recife andava cheio de pilotos, e marinheiros, queixosos de lhe haverem tomado seus navios, e caravelas, e a nenhum se respondia com resolução, antes os detinham grandes temporadas, até que uns se iam por terra para a Bahia, e outros feitos seus protestos, e papeladas, se embarcavam para Holanda a requerer sua justiça; e não ouvi dizer que fosse lá algum despachado, e se lhe restituísse o que lhe haviam tomado. Sucedeu pois que ia da Bahia para Lisboa um navio carregado de açúcar, e uma grossa nau, que ia do Recife para Angola o encontrou, e o tomou, e metendo os mercadores do navio com o mestre, e piloto, e quatro, ou cinco pas-

sageiros na sua nau, os levaram consigo para Angola, e meteram no navio quinze soldados, e o mandaram com os marinheiros do navio para o Recife, com cartas aos do supremo Concelho, em como haviam pilhado aquele navio, e que lhe guardassem ao capitão da nau, e aos oficiais dela o seu quinhão da pilhagem; levava o navio bom provimento, e algum vinho, do qual começaram a beber os soldados, tanto que se fizeram na volta de Pernambuco, porem os marinheiros de noite deram sobre os holandeses, e os amarraram, e tornaram com o navio para a Bahia, e o entregaram ao Governador Antonio Teles da Silva com as cartas que levavam para Pernambuco. Mandou o governador meter na cadeia aos holandeses, e esteve para logo os mandar enforcar, porém porque fazia mais ao caso o tê-los vivos, lhe mandou fazer perguntas do sucedido, e mandou trasladar as cartas em forma publica, e firma-las pelos mesmos holandeses presos, e ficando-lhe as cópias, despachou a Pernambuco um barco, e nele o Licenciado Simão Alures de la Penha com as próprias cartas, a estranhar ao Conde de Nassau, e aos do Concelho aquela tão grande aleivosia, e traição, e o licenciado o fez melhor do que lhe encomendaram, e não quis aceitar casa de aposentadoria dada por os holandeses, porque assim o trazia por ordem, antes se agasalhou em casa de um amigo seu.

Também o Governador Antônio Teles da Silva escreveu ao Conde de Nassau uma carta, na qual lhe dizia em como estava informado, e certificado de que os holandeses que assistiam em Pernambuco, depois de tréguas públicas, haviam tomado, e roubado como piratas muitas embarcações, que vinham do Reino para o Brasil, e iam do Brasil para o Reino, e que esta traição, e desaforo, se os governadores seus antecessores o haviam sofrido, que ele os não havia de sofrer, porquanto era muito mau para sofrer cosquilhas, e atrevimentos, e que de presente lhe havia tomado um corsário, que ia de viagem do Recife para Angola um navio de açúcares, como o portador diria, e o certificariam as cartas que lhe mandava, e os holandeses que ficavam na cadeia da Bahia, e que se não se metera de permeio a palavra real de seu Rei, e Senhor, e a ordem que trazia de tratar com amizade aos holandeses, logo houvera de tomar satisfação daquele tão notável agravo, e traição, porque para isso não lhe faltava causa, ânimo, razão, e cabedal; e que protestava haver dos holandeses todas as perdas, e danos

causados aos homens interessados no navio, recâmbios de letras, gastos de viagem, e pessoas, e que se os holandeses lhe faziam outra desenvoltura semelhante àquela, de nenhum modo o havia de sofrer que passasse sem tomar satisfação, ainda que lhe custasse ser castigado por Sua Majestade, e que Sua Excelência desse ordem com que se satisfizessem as perdas, e danos daquele feito a juizo de prudente varao, e que os malfeitores com o capitão da nau fossem castigados, de sorte que soubesse ele de seu castigo. O Conde de Nassau, e os do supremo Concelho lhe responderam, que não sabiam de tal coisa, nem tal mandaram fazer, e que lhes pesava muito do atrevimento do capitão da nau, e que eles escreveriam à Holanda, para que tudo se remediasse, e o capitão da nau fosse castigado; porém nem eles escreveram à Holanda, nem veio resposta de tal querela, como também não escreveram, nem tiveram resposta sobre o requerimento, que o Tenente-General Pedro Correia da Gama lhes fez sobre largarem a fortaleza, que depois de tréguas assentadas, haviam feito em Sergipe d'El-Rei. E por esta razao mandou o Governador António Teles da Silva a Dom Antônio Felipe Camarão a assentar com todos seus índios alojamento em Sergipe d'El-Rei, para que se aproveitasse dos frutos da terra, e do gado amontoado, e com ordem que não consentisse que os holandeses saissem fora da sua fortificaçao a buscar mantimentos por a terra dentro, e que encontrando-os a primeira, e segunda vez lhes tomassem as armas, e os avisasse, que se saíssem a terceira vez o haviam de pagar com as vidas, o que ele fez com tanto cuidado, que nunca mais os holandeses saíram de sua fortificação, e não comiam senão o que lhe ia do Recife, ou algum peixe, que pescavam debaixo de sua artilharia.

Além da resposta da queixa, mandou o Conde de Nassau visitar o Governador da Bahia, dando-lhe as boas vindas, e oferecendo-se a seu serviço, e procurando sua amizade, e a nota da carta fez Gaspar Dias Ferreira, a qual logo o governador conheceu por os trocadozinhos das palavras, e satíricos cumprimentos, coisa que os holandeses não sabem fazer, e mais o Conde de Nassau que não sabia bem falar português; e nesta carta tratou ao governador por Senhoria, havendo-o o governador tratado a ele por Excelência; em companhia da carta do Conde, escreveu Gaspar Dias Ferreira outra ao governador assoalhando-se nela por grande privado do Príncipe, e mui cabido com os holandeses do

governo, e que com eles acabava tudo quanto queria, pelo que Sua Senhoria o ocupasse em coisas de seu serviço, porque receberia grande alívio, e gosto de empregar-se em lhe dar prazer. Esta carta tanto que o Governador Antônio Teles da Silva a recebeu, e a leu, disse para os circunstantes. *Esta carta é de Gaspar Dias Ferreira, e que hei eu agora de responder?* E tomando a pena, lhe respondeu estas palavras. *Recebi a sua carta, na qual me certifica em como possui boa saúde. Deus lh'a dê como a há mister; eu tenho saúde, a Deus graças Nosso Senhor.*

Ao Conde de Nassau João Mauricio respondeu o Governador Antonio Teles da Silva com uma carta mui cortes, e avisada, segundo sua muita prudência, e lhe agradeceu muito os oferecimentos que lhe fazia, e se a carta tinha trinta regras, tinha vinte e nove senhorias; e entre elas lhe disse. *Sobre algumas coisas que Vossa Senhoria me diz na sua carta não faço por agora resposta, porque conheço que não tem Vossa Senhoria a culpa, senão o secretário, que notou a sua carta, e a escreveu, suposto que fez muito por fingir outra letra diferente da sua.* Ficou Gaspar Dias Ferreira mui estomagado da breve, e seca resposta do governador, e procurou com muitas veras de meter ao Conde de Nassau João Mauricio em ódio com ele, tomando ocasião de o Governador Antônio Teles da Silva o haver tratado por Senhoria, tendo ele Excelência, e sendo tratado de todos com este título. O Conde de Nassau ficou algum tanto enfadado com o que Gaspar Dias Ferreira lhe havia dito; porque todos diziam que este homem lhe havia dado feitiços, e que fazia dele o que queria, e para este ministério alegavam, que tivera Gaspar Dias Ferreira em sua casa duas grandes feiticeiras, as quais peitou bem, para que lhe fizessem certos caldos. E eu digo que os feitiços que ele lhe dava, eram muitos alvitres para lhe encher a bolsa, e muitos conselhos, e tramoias para tirar com rebuçada raposia o sangue aos pobres.

Foi o Padre Frei Manuel do Salvador na ocasião que veio esta carta, a visitar o Conde de Nassau, e achou-o muito confuso, e triste, e passeando só, e de quando em quando abria a carta, que trazia na mão, e a lia e tanto que viu ao padre o chamou, e o levou a passear por o seu jardim, e estando só com ele, lhe perguntou se conhecia o governador da Bahia, e quem era? E respondendo-lhe o padre, que conhecia muito bem a seus pais, e a ele mui melhor, e

que era um fidalgo ilustre, chegado à Casa Real, e ele por sua pessoa homem de grandes prendas, mui prudente, benigno, e grave, e sobretudo muj brioso, e animoso, e que não sofria emoustes, nem maranhas, nem se deixava abrandar com dadivas para tirar a justiça a quem a tinha, entao lhe disse o Conde João Mauricio. *Eu estou mal com ele, porque desprezou minha pessoa, e me tem feito um agravo notavel*. E perguntando-lhe o padre que agravo? E em que forma? Entao lhe perguntou segunda vez. *Com que cortesia, preeminência, e titulo saúdam, e falam os portugueses ao Governaaor da Bahia?* Disse o padre, *por Senhoria, porquanto é governador, e capitão-general de todo o Estado ao Brasil*. Disse-lhe então o Conde de Nassau. *Êle me escreveu uma carta, chamando-me nela por Excelência, e eu para lhe responder me informei de um português prudente, a quem tenho por amigo, do modo que o havia de saudar, e do título que lhe havia de dar, e ele me disse que por Senhoria, e eu assim o fiz, e agora veja que na resposta desta carta me trata de Senhoria, não uma, senão muitas vezes, e me diz que não tenho eu a culpa de algumas coisas, que na minha carta iam, senão o secretário que a havia escrito, e havia sido o conselheiro*. Então ao padre mostrou a carta do governador, e lhe pediu que desinteressadamente lhe dissesse o como se havia de haver neste particular; leu o padre a carta do governador, e ficou suspenso, e a tornou a entregar ao Conde, sem lhe responder palavra.

Disse-lhe então o Conde de Nassau João Mauricio *Senhor padre não me responde ao que lhe pergunto?* O padre lhe tornou. *Senhor Príncipe aqui há duas coisas, ou Vossa Excelência quer que lhe fale afeiçoado, o que não hei de fazer por nenhum modo, porquanto tenho por infame ao homem lisonjeiro, ou quer que lhe diga sem ódio, nem amor, senão só desinteressadamente o que entendo neste particular* Ao que o Conde João Maurício lhe respondeu. *Senhor padre, diga-me o que entende que é justo, e razão*. Então com cortesia, e submissão lhe respondeu dizendo. *Vossa Excelência em Holanda não tem mais que Senhoria, e se aqui no Brasil os moradores da terra o tratam por Excelência é porque vêem que os holandeses assim o tratam, e também os portugueses o tratarão por Eminência, Alteza, e Majestade, se entenderam que nisso lhe dão gosto, porque um homem que se vê sujeito, rendido, e cativo, todo o possível e impossível fará por comprazer a seu senhor, e superior; po-*

rém Vossa Excelência de jure não tem mais que Senhoria, e o darem-lhe aqui Excelência é matéria de lisonja, a qual não tem lugar na gente plebléia, e como o Governador Antônio Teles da Silva é mui prudente, e tem obrigação de dar o seu a seu dono, e conhece as preeminências que se guardam nas cortes dos reis, e os títulos que têm todas as castas de pessoas altas, e baixas, e como o dar títulos altos a quem os não tem, não somente é lisonja, senão também soberba de quem os dá, mas também ignomínia, e afronta das pessoas a quem se dão, e ignorância de quem os recebe, e se deixa levar por louvaminhas, por isso tratou a Vossa Excelência por Senhoria, que é o que lhe cabe, e não por Excelência, que não lhe convém; e se Vossa Excelência me replicar que esse modo devia ele guardar na primeira carta que lhe escreveu, e não mudar o estilo na segunda. A isto respondo que na primeira carta tratou a Vossa Excelência como particular amigo; e entre amigos tão bem diz um vos, ou vossa mercê, como uma Senhoria, Excelência, e Alteza; e que vendo que Vossa Excelência o não tratava a foro de amigo, e lhe dava a Senhoria, que ele tinha enquanto governador, e capitão-general; também tratou de dar a Vossa Excelência a Senhoria que lhe era devida, e não a Excelência que não tem, senão enquanto os próprios holandeses lh'a querem dar.

E ainda digo mais, confiado na licença que Vossa Excelência me tem dado para falar, se tratamos da representação dos cargos, Vossa Excelência representa aos Dezenove da Companhia das Índias Ocidentais, que são uns mercadores, e alguns deles judeus, a quem o Senhor Príncipe de Orange chama por vós, e a gente ordinária por vossa mercê. E como ninguém pode dar o que não tem, como é possível que quem não tem mais que mercê, e vós, possa dar Excelências. O Governador da Bahia representa a Sua Majestade El-Rei de Portugal Dom João o Quarto, o qual pode dar Senhorias, Excelências, e Altezas a quem lhe parecer, e com eles os principados, e dignidades competentes aos tais títulos; e suposto que não dá mais que Senhoria aos seus governadores do Brasil, todavia vai muita diferença na representação de um rei soberano a mercadores; e pois o Governador Antônio Teles da Silva, conservando o apelido que os holandeses, e moradores de Pernambuco davam a Vossa Excelência, o saudou por Excelência, nada perdia Vossa Excelência em lhe dar igual retorno na sua carta, respeitando não tanto a sua nobreza, e fidalguia, que é ilustre, como a

ser um governador geral de Sua Majestade, e de um Estado tão grande como é o Brasil, ou pelo menos pouca razão mostra de se dar por agravado em dar a Vossa Excelência o apelido de Senhoria que é seu, e então a tivera quando lhe chamara por mercê, e se devera de dar por afrontado de lhe chamar Excelência, deitadas de fora as licenças dos particulares amigos, e respondendo àquela palavra que o governador diz na sua carta, que não tem Vossa Excelência a culpa de algumas coisas que lhe escreveu, senão o secretário que escreveu a carta, e o concelheiro que tal coisa lhe meteu em cabeça, digo que o governador por a letra, e por a nota conheceu ser Gaspar Dias Ferreira o secretário, e o concelheiro. e como ele não está bem reputado na Bahia por muitas coisas que aqui faz, a ele foi encaminhada esta bala de canhão

Sobre todas estas coisas contou o Padre Frei Manuel do Salvador ao Conde de Nassau Joao Mauricio uma historia dizendo. *Vossa Excelência ha de saber, que quando El-Rei de Espanha Dom Felipe Terceiro veio a Portugal, trouxe consigo ao Duque de Useda, que era seu particular privaão, e o que fazia condes, marqueses, e duques, e fazia grandes. e enfim governava toda a Monarquia de Espanha, e temendo que o Senhor Dom Teodósio Duque de Bragança o não chamasse em Portugal por Excelência, senão por Senhoria. mandou diante atentar o vau, e a visitá-lo por Dom Diniz de Faro, filho de Dom Estêvão, Conde de Faro, em nome de seu pai, o qual depois de beijar a mão ao Duque com a reverência, e pretensão, mas não com o efeito, porquanto o Duque o não consentiu, lhe disse estas palavras. Senhor Excelentissimo, meu pai Dom Estêvão de Faro manda por mim beijar a mão a Vossa Excelência, e se oferece a todas as coisas do seu serviço, e em cumprimento desta verdade lhe manda oferecer cem mil cruzados para ajuda dos gastos, que Vossa Excelência há de fazer em Lisboa quando for assistir nas cortes, aonde se há de jurar o Príncipe de Espanha por Príncipe de Portugal; e juntamente com este humilde oferecimento, lhe manda pedir uma mercê, em nome de todo o Reino, da qual resultará a todos os portugueses grande bem. e Vossa Excelência não perderá nada de sua fazenda, ou crédito, antes fará nisto um grande serviço a Deus; bem sabe Vossa Excelência em como o Reino de Portugal está mui pobre, e debilitado, e que o fazer Sua Majestade muitas mercês aos fidalgos dele, tudo está na mão do Duque de Useda*

pois ele é o que governa a toda Espanha, e Sua Majestade não faz senão o que ele quer. Este duque vem mui receoso de que Vossa Excelência não lhe dé Excelência, senão que o trate por Senhoria, e se isto for, os portugueses o hão de pagar, porque ficando ele desgostoso, persuadirá a Sua Majestade, que em vez de fazer mercês aos portugueses, lhes faça moléstias, e agravos. Pelo que meu pai por obviar a estes danos, pede a Vossa Excelência encarecidamente, que pois lhe não custa trabalho, nem cabedal, encontrando-se com o Duque de Useda, lhe dê Excelência e com isto ficará saboreado para fazer muitos bens a Portugal. A isto respondeu o Excelentíssimo Senhor Dom Teodósio Duque de Bragança: Eu agradeço muito a vosso pai o oferecimento, que me faz dos cem mil cruzados, e eu o porei em lembrança para o tempo em que me ocupar em coisas de seu gosto, e proveito, porém haveis de saber que os duques de Bragança os mesmos gastos fazem em Vila Viçosa, aonde têm sua corte, como em Lisboa, e em outra qualquer parte, porque, onde quer que se acham são servidos com os mesmos fidalgos, e com a mesma grandeza, e aparato, e com os mesmos gastos, sem que as mudanças dos tempos façam mudança na grandeza.

E respondendo ao que o conde vosso pai me manda pedir, que chame ao Duque de Useda por Excelência, eu o fizera de boa vontade por lhe dar gosto, quando eu não fora Duque de Bragança, e quem sou, que tenho obrigação de saber os modos, e títulos com que hei de apelidar a cada pessoa. Haveis de saber que em toda Espanha só os duques de Bragança têm Excelência de jure, e todos os demais titulares não a têm, salvo é por permissão dos reis. E assim se eu chamar ao Duque de Useda por Excelência, ter-me-ão por muito soberbo, e dirão que me faço rei, dando Excelências a quem as não tem; e se eu for tão néscio que as dê, terá muita razão de se queixar de mim, e mostrar-se-á agravada a pessoa a quem as der, e dirá que faço escárneo, e zombaria, dando-lhe o grau que não lhe cabe; e outrossim se eu lhe chamar por mercê, e não por Senhoria, que é o que lhe convém de jure, serei julgado por temerário, tirando e roubando a cada um o que é seu, e negando-lhe o que lhe é devido; pelo que esta petição não tem lugar para comigo, sendo eu filho de Sua Alteza a Senhora Dona Caterina, e neto do Sereníssimo Infante Dom Duarte. Assim também digo eu agora, que o Governador Antônio Teles da Silva nenhum agravo fez a Vossa Excelência em o tratar por Senhoria, pois

lhe dá o que é seu, e o contrário quando não fora debaixo do título de uma estreita amizade podia ser julgado por ignomínia, e afronta, e quem a Vossa Excelência lhe diz o contrário, disto é porque tem o coração danado e o deseja derramar cizânia entre V. Excelência, e o Governador Antônio Teles da Silva Em o padre acabando de dizer estas palavras, o Conde João Maurício lhe pegou da mão direita, e lh'a apertou, dizendo. *Esgud vurind,* que na língua flamenga quer dizer; bom amigo. E logo lhe disse em língua latina, (porque na portuguesa se embaraçava muito). *Senhor padre, agora acabo de crer, que só vossa mercê me fala a verdade limpa, e puramente, e sem interesses, ódios, nem afeição. Pois agora lhe quero declarar um segredo, e é que a mim me certificou certa pessoa, em como vossa mercê era espia, e que andava notando o que aqui fazíamos, e de tudo mandava avisar à Bahia. E eu fiz grandes diligências, e pus grande cuidado em esquadrinhar o modo, trato, e vida de vossa mercê, e achei que não se ocupava mais que com os seus livros, e com seu ofício de sacerdote, e de pregar o santo Evangelho aos portugueses, segundo a religião católica romana; e nunca pude descobrir coisa em sua vida, que lhe imputasse em culpa, por a qual o prendesse, e molestasse; e agora acabo de me resolver, que quem me fez esta queixa de vossa mercê foi com inveja de ver que eu lhe fazia favor, e o convidava muitas vezes à minha mesa, e conversava com vossa mercê, por achar sua prática saborosa; e que ordenaram com o mexerico que me fizeram a apartar a vossa mercê de minha amizade. E assim esteja certo que no que me ocupar, e eu o puder servir, que o hei de fazer de boa vontade.* O padre lhe beijou a mão, e se despediu do Conde, e ele ficou com as razões, que lhe deu mui desafogado, e satisfeito. (?)

CAPÍTULO IV

Das coisas que sucederam em Pernambuco, até a partida do Conde de Nassau para Holanda, que foi no ano de mil e seiscentos e quarenta e três

Chegaram a Pernambuco duas naus de Angola, carregadas de negros, e trouxeram novas em como o Governador Pedro César de Menezes tinha vindo da Conquista com parte de gente moradora da terra, e tomando salvo-conduto dos governadores holandeses, debaixo de paz, e aliança, tinha feito seu alojamento junto a um porto do mar, e ali lhe levavam os holandeses as mercadorias, e provimento necessário, recebiam em retorno escravos; e que tudo estava em muita paz, e quietação, e como os moradores de Pernambuco estavam mui faltos de escravos para beneficiarem seus canaviais, e roçarias, e trabalharem nos engenhos de açúcar. Os holandeses deitando mão da ocasião, lhe venderam os negros por muito alto preço, a trezentas patacas cada peça, e os mais pequenos, e enfermos, a duzentas e oitenta; e aos que os levavam fiados, lh'os vendiam por preço extraordinário, e lhes punham de pensão de pagarem as ganâncias de quatro por cento cada mês, e que acabado o mês, e não a pagando iriam ganhando estes quatro por cento, assim como fossem multiplicando, e o mesmo faziam nas fazendas, e provimento, que lhes vendiam, assim para as necessidades ordinárias, como para o fornecimento dos engenhos; e com esta traça se foram fazendo senhores de todo Pernambuco, porquanto as peças morriam aos moradores de doença que traziam do mar, aonde os flamengos lhes davam a beber água salgada, para que morressem aos moradores; e oprimidos da necessidade lhes tornassem a comprar outras; e os moradores começaram a empobrecer, e impossibilitar-se para pagar, e por respeito das ganâncias houve muitos, que empenhan-

do-se com os holandeses em dez mil cruzados, ao cabo de quatro anos tomando conta por seus livros de razão, acharam que tinham pago quarenta mil cruzados, e ainda ficavam a dever os mesmos dez mil cruzados da dívida principal; e a este respeito corria a coisa nos mais moradores, qual mais, qual menos, segundo as dívidas em que se empenhavam. E se isto passava assim, era porque não tinham a quem comprar, nem a quem vender, senão com os flamengos, ou judeus.

Vendo Gaspar Dias Ferreira, que os negros se vendiam em Pernambuco por tão alto preço, e que também havia grande falta de vinho, e que nestas duas espécies se podia tirar excessiva ganância, e proveito, persuadiu ao Conde de Nassau a que ambos fizessem uma companhia, e mandassem uma nau ao Cabo Verde, ou à ilha da Madeira, com cópia de dinheiro, e alguns açúcares, e pau do Brasil, e tabaco, a carregar, ou de negros, ou de vinhos, e que ele daria ordem para que na torna viagem viessem a tomar qualquer porto da Capitania de Pernambuco como não fosse o do Recife, e que dali ele faria desembarcar qualquer fazenda que trouxessem, e a meteria por a terra dentro, e a venderia sem ser sentido, com o favor, e à sombra dele dito Conde, e que assim granjeariam à mãos lavadas grande soma de dinheiro, e que para que nos portos de Portugal lhe dessem carga para a nau, ele buscaria piloto, e marinheiros portugueses, para que se entendesse que a nau ia da Bahia, e não de Pernambuco; e como esta matéria de interesse atropela com todos os impossíveis, pareceu-lhe bem ao Conde João Maurício o apontado, e logo deu ordem para que Gaspar Dias comprasse aos do supremo Concelho uma grande nau, que estava desmastreada no porto do Recife, para se lhe dar querena; e a calafetaram em breves dias, e a puseram a vela, e como no Recife andavam muitos pilotos, e marinheiros portugueses requerendo as suas embarcações, que os holandeses lhe haviam tomado depois do tempo das tréguas, e andavam oprimidos da necessidade, sem lhe falarem a efeito; foi-lhe facil o achar gente do mar para a viagem, e consertou-se Gaspar Dias com Antônio Machado para piloto, e com outros marinheiros portugueses para irem na nau, debaixo da estratagema de dizerem que iam a Setúbal a carregar de sal para levarem à Holanda, para que os do supremo Concelho não alcançassem o intento de Gaspar Dias Ferreira na viagem da nau, e enquanto ela não partiu fez o Príncipe João

Maurício muito favor ao piloto Antônio Machado, e o convidou algumas vezes à sua mesa, e lhe prometeu largas mercês; porém o piloto Antônio Machado disse a alguns portugueses seus amigos que não fazia aquela viagem por sua vontade, senão forçado, e por não cair em desgraça de Gaspar Dias, e do Conde; porém que ele levava determinação de ir a meter a nau no porto de Lisboa, e entregá-la a El-Rei, ou se tomasse outro qualquer porto da coroa de Portugal, havia de declarar a estratagema aos governadores daqueles portos; os portugueses seus amigos lhe guardaram segredo, e lhe passaram certidões do que lhe tinham ouvido

E porque dois marinheiros portugueses se deixaram dizer, que tanto que se vissem no mar, haviam de levar a nau para Lisboa, ou entregá-la aos ministros d'El-Rei por perdida, e de contrabando, não faltou quem o contou a Gaspar Dias Ferreira, o qual os fez logo meter na cadeia, aonde os não deixavam falar com pessoa viva, e determinou de os fazer enforcar, o que não teve efeito, porque temeu que os dois mancebos declarassem a causa, porque os enforcavam, e viessem os do supremo Concelho a conhecer a tramóia que Gaspar Dias tinha ordenado; e assim Gaspar Dias os fez tirar da cadeia de noite, e os meteram em uma embarcação, e saíram por a barra fora, e nunca mais se soube notícia deles Enfim a nau partiu do Recife com piloto, e marinheiros portugueses, com boa cópia de dinheiro, e com algumas drogas de Pernambuco, e Gaspar Dias Ferreira mandou nela por mercador a um sobrinho seu, chamado João Batista, e a um seu cunhado Valentim Cardoso por mestre, e porque temeu que o piloto, e marinheiros portugueses lhe fizessem alguma traição, pediu ao Conde de Nassau que lhe metesse na nau dez soldados flamengos, e dois bombardeiros; e assim se fez como Gaspar Dias o pediu; e também levou um sota-piloto flamengo, para o que sucedesse.

Partiu a nau do Recife, e chegou em direitura ao Cabo Verde, aonde o piloto Antônio Machado descobriu ao governador o embuste, e maranha, e tinha confiscada a nau, porém o capitão, e o mestre dela, sobrinho, e cunhado de Gaspar Dias alegaram que vinham para fazer torna viagem em direitura para a Bahia, e para isto deram as testemunhas que em semelhantes ocasiões costumam ter mais crédito, e lugar (e fique isto aqui reservado para o juízo do prudente varão) e deram fiança de seis mil cruzados, de que fariam viagem para a Bahia, e assim se lhe largou a nau, e se lhe

deu carga, porém o piloto Antônio Machado não quis tornar nela.

Veio a nau carregada de escravaria, e passou à vista do Recife com uma bandeira de certo sinal, que lhe haviam dado, e fingindo ser nau de Portugal, que ia de viagem para a Bahia, andou todo um dia em uma, e outra volta, até que da terra lhe foi um barco de pescar com ordem de Gaspar Dias, que passasse o cabo de S. Agostinho, e fosse a entrar no rio de Camarajibe, junto ao porto Calvo, o que assim se fez; porém do Recife com os óculos de longe, se conheceu claramente ser a nau que Gaspar Dias havia comprado; o qual logo mandou pessoa de sua fação, para que fizessem desembarcar em terra tudo o que na nau viesse, e o pusessem em lugares secretos com muita brevidade, e tiradas todas as enxárcias e velas, e mais petrechos de nau, lhe dessem um rombo, e a metessem no fundo; tudo isto se fez com grande diligência, porém não se pôde fazer com tanto segredo, que o não viessem a saber os do supremo Concelho e se não endireitaram logo com Gaspar Dias Ferreira foi por respeito do Conde de Nassau, o qual sabiam que era a pessoa mais interessada na nau, e guardaram a coisa para quando o Conde se fosse de Pernambuco. Em resolução a nau deitou toda a escravaria em terra, e em lotes se foi repartindo por diferentes freguesias, e vendendo por excessivos preços; e Gaspar Dias Ferreira, com cartas escritas em nome do Conde João Maurício, e firmadas por ele, foi mandando a maior parte destas peças a alguns senhores de engenhos, e lavradores ricos de seis em seis, dizendo-lhes que lhe haviam feito um presente de escravos, e que ele lh'os mandava para suas casas para se servirem deles, e que lh'os pagariam pelo preço que quisessem, e quando quisessem. Alguns as aceitaram mais por não desagradarem ao Conde, do que por vontade de comprar peças. Outros porque conheciam mui bem as manhas de Gaspar Dias, se escusaram que não haviam mister peças, nem tinham com que as pagar, porém que agradeciam muito a Sua Excelência o favor que lhes fazia, e a grande mercê, por a qual ficavam mui obrigados. Não se passaram oito meses, quando Gaspar Dias Ferreira deu com a mão do gato sobre todos os que haviam aceitado as peças, e lh'as fez pagar a cem mil réis, e a noventa mil réis cada peça, e isto com rigor; e porque se não divulgasse esta maranha, teve Gaspar Dias escondidos a João Batista seu sobrinho, e a Valentim Cardoso seu cunhado mestre, e capitão

da nau, e não deram cópia de suas pessoas por espaço de três meses.

As peças, que não se puderam vender, secretamente mandou Gaspar Dias trazer para o engenho de sua sogra Izabel Cardoso, e para que as vendesse sem ser sentido, comprou com um judeu chamado Gaspar Francisco, ajudado também do Conde de Nassau, uma partida de peças Ardas, Minas, e Calabares, que haviam vindo da costa de Africa em um patacho, e as pos a vender à sua porta na Cidade Maurícia, e com estas mandou misturar os negros Caboverdes, que lhe haviam sobejado, e assim com este rebuço, bem conhecido de todos, se desfez de todos eles, e sucedeu neste particular um caso mui ridículo, e foi, que indo passando por a porta de Gaspar Dias alguns holandeses, e franceses mercadores, encontraram ali ao predicante francês Vicente Soler, valenciano de naçao, o qual havendo sido frade Agostinho, tinha fugido da religiao e passando a França, se fez ali calvinista, e se casou, e se fez predicante da seita de Calvino, e com este título assistia em Pernambuco, e na ocasião estava alguma coisa agravado do Conde, por haver desprezado o amor de sua filha Margarita Soler, e acomodando-se com uma filha do Sargento-mor Baia, cujo sentimento havia sido causa de a filha do Soler morrer de paixão, e tristeza. Enfim encontrando-se os mercadores com o predicante, disse um deles. *Ali estão negros, que vieram do Cabo Verde, entressachados com aquel'outros Minas, e Ardas, e assim os vai vendendo Gaspar Dias Ferreira, por não se vir a saber de como ele, e o Conde mandaram a nau ao Cabo Verde, porém os senhores do supremo Concelho bem sabem tudo, e se agora não puxam por seus direitos, e por a nau que é perdida, para a Companhia, eles sairão a seu tempo tanto que o Príncipe se for, e Gaspar Dias pagará o pato, e ao Príncipe se lhe pedirá em Holanda a restituição desta perda que deu à Companhia.*

A isto respondeu o predicante Soler com esta história *Senhores, em minha pátria havia uma mulher, casada, a qual se amancebou com um mancebo, que a servia, e regalava, e não satisfeita com aquele se namorou de outro, por amor do qual desprezou o amor, e comunicação do primeiro, o qual agravado deste atrevimento encontrando-a certo dia em uma rua lhe deu com uma navalha uma cutilada por a cara; caiu a virtuosa senhora desmaiada em terra, a quem certo vizinho recolheu para dentro de sua casa, e mandou*

chamar um cirurgião, o qual lhe deu os pontos necessários e lhe pôs uma estopada de claras de ovos sobre a ferida, e enfim a curou. Tornou a senhora casada em si, e vendo a muita gente que estava à porta notando aquele sucesso, se pôs de joelhos, e com as mãos levantadas disse a todos. Senhores, por as chagas de Cristo peço a vossas mercês, que não saiba isto meu marido, ao que o cirurgião respondeu Puta, velhaca, se tu tiveras a cutilada em um braço, ou perna, bem a puderas encobrir com o vestido, porém tendo-a no meio da cara como o é possível encobri-la que a não veja teu marido. Assim digo eu agora, senhores, se Gaspar Dias tem aqui à sua porta, e em público os negros do Cabo Verde a vender, os quais estão dizendo donde vieram, porque alguns são ladinos, como é possível encobri-los por mais estratagemas que faça, e por mais que os misture com os Minas, e Ardas? E com esta história se desfez a conversação, e cada um se foi para sua parte.

Neste tempo chegou uma nau de Holanda, e trouxe ordem para que ao Conde de Nassau se lhe tirasse a metade do estipêndio que lhe davam, e que não se lhe desse mais mesa franca, senão limitada, porquanto a Companhia estava mui pobre, e não podia fazer tantos gastos, nem sustentar ao Conde tão grande número de criados como tinha; e também os do supremo Concelho lhe tinham ódio, e o desejavam ver fora da terra, porque ele era o que despachava tudo, e tinha todos os prós, e percalços, e eles estavam postos ao canto sem proveito algum, e não se atreviam impedir ao Conde, que não se metesse em sua jurisdição, por ele ser primo do Príncipe de Orange; e assim pediram aos de Holanda que lhes tirassem o cargo, e o mandassem ir de Pernambuco, porque havia de resultar em grande proveito da Companhia.

Ficou o Conde João Maurício mui enfadado com esta ordem, e logo começou a se preparar secretamente para se partir dentro em seis meses, começou a ir vendendo seus cavalos, que tinha trinta muito bons, que lhe haviam custado dinheiro, porque tanto que sabia que algum morador tinha algum cavalo bom, ou lh'o gabava, para que assim lh'o oferecesse, ou o mandava buscar por algum de seus criados, e pedia que lh'o vendessem, e os moradores por não se porem em preço com ele, porque o haviam mister para os favorecer em suas necessidades, lh'o ofereciam de graça, e assim veio a ajuntar tantos, e tão bons, dos quais alguns mandou para Holanda, e os outros vendeu por trezentas, e quatro-

centas patacas, e rompendo-se entre os holandeses como o Príncipe determinava de se ir, começaram a molestar de novo aos moradores portugueses, e até os pícaros os ameaçavam, que se haviam de vingar deles, tanto que o Príncipe (que era o seu Santo Antônio) se partisse, de Pernambuco.

Neste tempo chegou uma nau de Angola carregada de peças, e em sua companhia um patacho, no qual vinham muitos dos moradores de Angola, e sacerdotes, assim clérigos, como frades, e quatro religiosos da Companhia, os quais os holandeses haviam roubado, e mandado para Pernambuco com a traça seguinte. Tanto que o Governador Pedro César de Menezes se veio da conquista para junto ao mar com passaporte, e salvo-conduto dos holandeses governadores, começaram todos a tratar, e comerciar amigavelmente, e os nossos portugueses vinham a Cidade de Loanda, e os holandeses iam ao nosso Arraial, e se convidavam a beber, e a comer uns aos outros. Foi uma vez o governador dos holandeses com alguns dos seus capitães ao nosso Arraial, aonde o Governador Pedro César os banqueteou espendidamente, e se serviu à mesa com muito, e bom aparato de prata, e os holandeses tanto que viram a prata despertou-se-lhe o olho, e logo fulminaram traição, e convidaram ao Governador Pedro César a ir comer com eles à cidade com os seus capitães, e gente principal de Angola, do que o Governador Pedro César se escusou, dizendo que andava mui enfermo, porém que os capitães, e homens nobres iriam de boa vontade a receber aquele favor, que lhe faziam

No dia em que os portugueses estavam para vir à cidade a comer com os holandeses, eles na noite antecedente sairam da cidade, e se vieram emboscar junto ao nosso arraial, e deram sobre os nossos portugueses de madrugada, achando-os nas camas, e descuidados, e mataram a muitos, e cativaram ao Governador Pedro César de Menezes, e a todos os mais que ali estavam, e roubaram quanta prata, e ouro, jóias, e riquezas acharam, e ao governador deixaram preso na Cidade de Loanda, e aos demais prisioneiros mandaram para Pernambuco despidos, e descalços, cobertos de piolhos, e mortos de fome, dando-lhe a beber água salgada na viagem, de sorte que os mais deles vinham enfermos, e tanto que estes miseráveis chegaram a Pernambuco, logo João Fernandes Vieira mandou o seu agente ao Recife com

dinheiro, para que provesse aos mais necessitados de camisas, e calçado, e vestido, e ele veio logo em pessoa, e levou para sua casa as pessoas graves, e as banqueteou largamente o tempo que no Recife se detiveram, enquanto se dava querena ao patacho em que haviam de ir para a Bahia, e vestiu a cada um de dois vestidos, e aos que se quiseram ir por mar lhes mandou fazer a matalotagem, e aos que por terra lhes deu cavalos em que fossem, e negros para os acompanharem, e estes não emprestados, senão dados liberalmente; e nesta ocasião gastou boa soma de dinheiro. Também os holandeses que estavam em S. Tomé fizeram neste tempo outra traição semelhante a esta aos portugueses, porém como o Governador Álvaro Pires de Távora lhe conhecia as manhas tinha escondida a artilharia nos matos, e no seu alojamento tinha uma trincheira, da qual se defendeu, e suposto que lhe mataram alguns homens também os nossos lhe mataram alguma da sua gente, e tiveram lugar de se retirar para o sertão. De sorte que de holandeses não se pode esperar fidelidade, nem cumprimento de palavra, porque o não têm de natureza.

Entre os clérigos, que vieram de Angola, veio também um primo da mulher de Gaspar Dias Ferreira, meio cristão novo, e já ordenado em Angola de ordens de Epístola com instrumentos falsos que Gaspar Dias lhe havia mandado de Pernambuco, e Gaspar Dias o mandou para a Bahia, e escreveu ao Bispo Dom Pedro da Silva de Sampaio, que lhe fizesse mercê de o acabar de ordenar, porquanto era parente seu, e mui chegado, e os homens de Pernambuco que na Bahia estavam disseram ao Bispo, que aquele mancebo era mais de meio cristão novo, pelo que o Bispo o não quis ordenar, antes disse. *Não queira Deus que eu venda o sangue, e a honra de Cristo por respeitos humanos*. O que sabido por Gaspar Dias Ferreira, lhe escreveu outra carta, como de desafio dizendo nela, que esse era o galardão que se lhe dava de ele haver defendido, e impedido, por muitas vezes, que os flamengos deitassem fora de Pernambuco a todos os sacerdotes, como queriam deitar, e ele fora o que o havia impedido, porém que ele se iria para Holanda em companhia do Príncipe, e que então se conheceria o proveito, que ele havia feito em Pernambuco, porque dentro em poucos dias os holandeses que ficavam governando Pernambuco, logo haviam de embarcar todos os clérigos; e esta carta mostrou

o Bispo a João Pais Barreto, e a outras pessoas graves, e logo veio a cópia dela a Pernambuco, por onde algumas pessoas prudentes, e que conheciam bem as manhas, e embustes de Gaspar Dias Ferreira, logo disseram. Este homem por se acreditar, e dar a entender ao mundo, que ele favoreceu aqui aos sacerdotes, agora quando se for ha de deixar urdida alguma teia, e feita alguma alhada, com que desterrem os sacerdotes, pelo que é necessario que estejam avisados para que não deem com suas vidas, e costumes alguma ocasião de queixa, ou de culpa, donde os holandeses deitem mão para lhes fazer a eles, e a nós algum mal, porque sem dúvida este nomem, por se acreditar a si, nos há de desacreditar a nós, e aos sacerdotes, e ficaremos sem quem nos diga missa, e nos administre os Sacramentos.

Oh! poderoso Deus! Assim como estes homens o imaginaram assim sucedeu, porque antes que o Principe se partisse vieram os homens nobres da Paraiba a Pernambuco, e com eles dois predicantes dos holandeses com cinqüenta e dois capitulos infames, porém provados, contra o Padre Gaspar Ferreira vigário encomendado da Paraíba, e pediram ao Príncipe, e aos senhores do supremo Concelho, que lh'o deitassem fora da terra, e outrossim o privassem do cargo de vigário geral, e se não que protestavam de o matar, porquanto nenhum homem casado da Paraíba se dava por seguro com suas mulheres, e filhas, com tal padre na terra; ou que não se agravassem se os moradores despejassem a terra; nas ancas desta queixa mandou o Vigário Gaspar Ferreira um mimo de preço ao Príncipe, e mandou fazer um largo oferecimento aos do supremo Concelho, e assim o Príncipe empatou o negócio até sua partida; e Fernão Rodrigues de Bulhões secretário da Câmara, que vinha por principal procurador nesta queixa, tomado primeiro conselho com as pessoas prudentes, cessou com a queixa, e requerimento até que saísse de Pernambuco o Príncipe. Também o Padre Gaspar Ferreira escreveu a Gaspar Dias Ferreira, que até então favorecia suas maldades, por o grande interesse que dali tirava, que lhe mandasse entregar o dinheiro dos rendimentos do engenho de Mussurepe, e dos dois partidos dos padres de S. Bento, que havia cobrado, porquanto queria repartir por os vigários o ordenado que lhe pertencia, segundo a mercê que os senhores do supremo Concelho lhes haviam feito de lhes consignar para seu sustento a renda das

fazendas dos padres de S. Bento, do que Gaspar Dias ficou mui enfadado, e pretendeu de se vingar, e mais porque lhe caía a sopa no mel, para dar à execução o rancor que tinha ao Bispo, por não lhe haver querido ordenar o sobrinho, ou primo; e o intento do Vigário Gaspar Ferreira era pedir estes reditos a Gaspar Dias, que os havia cobrado sem dar vintém a vigário algum, e presentear com este dinheiro aos do supremo Concelho, para que o sustentassem no cargo, e dissimulassem com suas maldades.

Chegou-se o tempo de se partir o Príncipe, o qual antes de sua partida acabou a ponte, que havia principiado da Cidade Maurícia para o Recife. E para que tratemos em forma desta ponte, é de saber, que o Príncipe, e os do Concelho, para ganharem muito dinheiro, mandaram fazer uma ponte de pilares de pedra de cantaria, sobre os dois rios Capibaribe, e Beberibe, que juntos em um entram no mar, dividindo o Recife da Cidade Maurícia, chamada assim por o Príncipe João Maurício a edificar, sendo que de antes se chamava a ilha de S. Antônio, a respeito de um convento de Capuchinhos que ali estava. Tomou a metade desta ponte por contrato, em preço de noventa mil cruzados, Baltazar da Fonseca, homem de nação, o qual neste tempo se circuncidou, e declarou por judeu publicamente, com grande escândalo do povo cristão (não há aí que fiar em homens de nação por mais virtuosos que se finjam, ainda que não nego que alguns desta nação hebréia deram grandes mostras de verdadeiros cristãos nesta ocasião, aonde os judeus tinham suas asnogas patentes, e podiam viver na liberdade de suas consciências, se bem os judeus do Recife diziam a bandeiras despregadas, que não havia homem de nação em Pernambuco, e em seu contorno, que não fosse judeu, e que se se não acabavam de declarar era por o temor que tinham, de que o tempo desse alguma volta, e tornassem a vir a dar nas mãos dos portugueses).

Tanto que este judeu Baltazar da Fonseca teve feita a metade da ponte com muita perfeição, pediu o pagamento aos do Concelho, e eles lhe armaram tantas tramóias, que foi o pleito a Holanda, e não está ainda resolvido. No princípio desta ponte pôs o Príncipe de uma parte as armas do Príncipe de Orange, e da Casa de Nassau, esculpidas em uma pedra, douradas, e prateadas, e com outras várias tintas, a quem o rigor do tempo não desfaz; e da outra parte outra larga pedra, e nela gravado este letreiro.

FUNDABAT ME ILLUSTRISSIMUS HEROS IOANNES MAURICIUS COMES NASAVIÆ, EC. DUM IN BRASILIA TERRA SUPREMUM PRINCIPATUM, IMPERIUMQUE TENERET. ANNO DNI MDCXXXX

A metade da ponte, que faltava por fazer, a mandou acabar o Príncipe de bons esteios de madeira fincados no fundo do rio ao bugio, e com muita, e boa pregaria, e taboado, por a qual passavam carros com muita segurança, e também fez outra ponte de madeira na Boa Vista, aonde tinha edificado umas bizarras casas, por baixo da qual passava também o mesmo rio Capibaribe. E para o primeiro dia que a gente havia de passar por a ponte grande para o Recife, ordenou o Príncipe uma festa, e convidou aos do supremo Concelho a comer; e a festa foi que mandou esfolar um boi inteiro, e encher-lhe a pele de herva seca, e o pôs encoberto no alto de uma galeria que tinha edificada no seu jardim; e logo pediu a Melchior Alures emprestado um boi muito manso, que tinha; o qual como se fora um cachorro andava entrando por as casas, e o fez subir ao alto da galeria, e depois de visto do grande concurso de gente que ali se ajuntou, o mandou meter dentro em um aposento, e dali tiraram o outro couro de boi cheio de palha o fizeram vir voando por umas cordas com um engenho, e a gente rude ficou admirada, e muito mais a prudente, vendo que com aquela traça ajuntara ali o Conde de Nassau tanta gente para a fazer passar por a ponte, e tirar aquela tarde grande ganância, e tanta gente passou de uma para outra parte, que naquela tarde rendeu a ponte mil, e oitocentos florins, não pagando cada pessoa mais que duas placas à ida, e duas à vinda.

No seguinte dia fez o Conde de Nassau outro banquete às damas, e a quantas taverneiras havia no Recife, e as mais delas emborrachou, e com isto se deu por despedido de Pernambuco. Vendo Gaspar Dias Ferreira que, se o Príncipe se ia, e ele ficava na terra, que os holandeses o haviam de destruir, e prender, e os portugueses o haviam de matar, por os muitos, e notáveis agravos que lhes havia feito, e as fazendas que lhe havia roubado, pôs em ordem de se ir com ele, e assim o fez, e levou consigo a dois filhos seus, e a duas filhas, deitando fama que os levava para receberem mercês grandiosas d'El-Rei D. João; as quais o dito senhor Rei lh'as pode fazer de poder absoluto, mas por via de merecimen-

tos, se Sua Majestade mandar tirar informações agora que os homens de Pernambuco se veem livres, e não tem temor de Gaspar Dias de que lhes faça mal, e os acuse aos holandeses, os moradores da terra direo a verdade, e Sua Majestade virá em conhecimento de muitas malidades, e traiçoes. Antes que Gaspar Dias se partisse, falou com os do supremo Concelho, e com os predicantes, e lhes fez grandes queixumes dos sacerdotes portugueses, e lhes pediu que os deitassem fora da terra, alegando-lhe para isso muitas razões, com que os encheu de cólera, e sanha; e tambem mandou chamar ao Padre Frei Anselmo Abade de Sao Bento, e lhe disse da parte do Principe, que se deixasse estar no engenho de Mussurepe, e cobrasse a renda dos mais partidos, porque ninguem o havia de agravar, e que não dissesse a pessoa alguma o em que se haviam despendido as rendas, e fazendas dos padres de S. Bento, que os senhores do Concelho haviam decretado para a sustentação dos vigários das freguesias; e isto fez, porque como deixava feito o fermento para deitarem fora da Capitania de Pernambuco a todos os sacerdotes, sem apelação, nem agravo, e sem lhe ouvir de sua justiça, sempre ficaria encoberto o roubo que ele tinha feito aos vigários em lhe tomar seu ordenado.

Chegou o dia em que o Conde de Nassau se partiu de Pernambuco para Holanda, que foi no mês de maio de mil e seiscentos e quarenta e três, e foi por terra a se embarcar na Paraíba, e na jornada o acompanharam todos os do governo; e muitas das pessoas graves dos portugueses por se mostrarem agradecidos a alguns favores que haviam recebido de sua mão e ao sair-se do Recife toda a infantaria holandesa se pôs em ala, e deu três surriadas de mosquetaria, e todas as fortalezas da terra, e naus que estavam ao mar dispararam sua artilharia, e o Conde se partiu com as lágrimas nos olhos, mostrando o sentimento de se apartar de Pernambuco, aonde havia adquirido a mãos lavadas tanta cópia de ouro. Gaspar Dias Ferreira saiu de sua casa por outro caminho que foi por as Salinas acompanhado de uma dúzia de mosqueteiros, porque temeu que nesta água envolta algum dos portugueses, ou holandeses agravados lhe pusesse as mãos, e a boa vontade, e tomasse dele vingança, e se foi a unir no caminho com o Conde de Nassau, de cuja ilharga nunca jamais se apartou até dar a vela na Paraíba; porém quando se despediu de sua casa, vendo que nunca português o visitava, nem lhe dava as boas idas, disse mui sentido

Nunca imaginei que tinha tantos inimigos, como agora o vejo por experiência. Deixou este homem mui poucas saudades na terra, e levou consigo muitas pragas de pobres.

Na Paraíba, temendo Gaspar Dias que o vigário descobrisse a tramóia, com que se haviam usurpado os ordenados que os do supremo Concelho tinham consignado nas rendas do engenho dos padres de S. Bento, e nos partidos de cana aos vigarios da Capitania, tratou de se fazer grande amigo seu, e lhe disse, que logo de Holanda havia de passar a Portugal, aonde com o favor do Conde de Nassau lhe havia de alcançar grandes acrescentamentos em dignidade, e honra; e com isto o saboreou para que calasse a boca, e temendo o dito vigário que indo-se o Príncipe tornassem os do Concelho a puxar por as culpas, que os homens da Paraíba, e os predicantes flamengos haviam capitulado contra ele, a puxar por elas, porquanto o procurador desta fação era Fernão Rodrigues de Bulhões, secretário da Câmara, o acusou diante dos do Concelho, de que por sua via se havia morto um flamengo, e Gaspar Dias Ferreira favoreceu a causa para com o Príncipe João Maurício, e o dito Fernão Rodrigues de Bulhões foi preso com um cunhado seu chamado Francisco de Aranzedo, os quais, não obstante que deram testemunhas fiéis, e larga prova em defensão de sua inocência, estiveram a ponto de os enforcarem; porém tanto que o Príncipe se partiu, logo os do supremo Concelho mandaram vir ao Recife a estes dois homens presos, os quais peitaram largamente, e meteram grandes valias para os deixarem livrar soltos, dando-lhe o Recife por prisão, da qual fugiram na água envolta, quando se manifestou a fação da aclamação da liberdade da pátria, e restauração de Pernambuco ordenada por João Fernandes Vieira; porém em outra água envolta enforcaram, e esquartejaram a este Fernão Rodrigues de Bulhões no Rio Grande.

Tanto que o Príncipe João Mauricio se partiu, logo se ajuntaram no Recife todos os predicantes calvinistas, e luteranos a fazer um conciliábulo para determinarem algumas coisas concernentes às suas falsas seitas, e para darem à execução a expulsão dos sacerdotes católicos romanos das terras de Pernambuco, segundo o que Gaspar Dias Ferreira lhe tinha metido em cabeça, e um dos do supremo Concelho, chamado Manuel Code, foi eleito para ser presidente daquele conciliábulo. Era este homem um mancebo mui bem inclinado, e nobre, e mui afeiçoado aos portugueses, e os defen-

dia em seus trabalhos, e opressões; e indo o Padre Frei Manuel do Salvador um dia a visitá-lo, porque estava enfermo, e se mostrava seu afeiçoado, lhe declarou o intento que os predicantes tinham que era fazerem deitar fora da terra todos os sacerdotes; declarou-lhe o Padre Frei Manuel os muitos males, que aos holandeses lhe podiam vir com esta fação, e lhe disse que se fora lícito ele iria a dar suas razões no Concílio, diante dos senhores predicantes, com as quais eles ficassem satisfeitos, e desistissem do intento, que tinham, ao que ele lhe respondeu, que ele lhe dava licença, e que no seguinte dia por a manhã viesse à sua casa, e que ele o meteria dentro da casa do Concílio, e lhe daria toda a ordem necessária para falar o que quisesse.

O Padre Frei Manuel do Salvador lhe beijou a mão por a mercê, e favor, e no seguinte dia entrou com ele no conciliábulo, e juntos todos os predicantes, lhe mandou que falasse o que tinha para falar, e então o padre fazendo-lhe a ele, e aos mais predicantes a cortesia, e vênia, que lhe pareceu necessária naquela ocasião, ainda que não devida, começou a falar desta maneira. *Ilustríssimo Senhor, e Religiosos Domines Predicantes, à minha notícia tem chegado em como Vossas Senhorias determinam neste Concílio mandar deitar fora da terra a todos os sacerdotes portugueses, que nela assistem, ministrando os sacramentos aos moradores de todo este distrito; primeiramente isto é quebrar-nos a palavra, e ir contra os assentos, que tem feito com os moradores de que os deixariam viver na liberdade, e pureza da Santa Fé Católica Romana, e se lhe tirarem os sacerdotes quebram-lhe a palavra, e não terão ação de se queixarem se os portugueses lhe negarem a obediência, e rebelarem porquanto os portugueses quem os quiser ter sujeitos, e por amigos, não lhe há de tocar na matéria da Fé que professam, nem agravar-lhe suas mulheres, e quem se atrever a quebrar-lhe a lealdade em alguma destas coisas, bem se pode aparelhar para os ter por seus capitais inimigos para todo sempre.*

Secundariamente bem se sabe por a terra, ou pelo menos se suspeita com indícios manifestos, que o autor desta fação é Gaspar Dias Ferreira, pelo que me é necessário declarar a Vossas Senhorias este ponto. Gaspar Dias Ferreira é um homem, que tem raça de nação judáica; e sua mulher é cristã nova, e tem raça de mourisca; e aqui nesta terra lavrava com um arado de duas pontas, aqui fazia seu proveito por vias licitas, e ilícitas, e com os da Bahia se acreditava

escrevendo ao Bispo, e aos governadores, que ele só era o que nesta terra sustentava a Fé Católica Romana, defendendo, e amparando aos sacerdotes, assim clérigos, como frades. Aqui lhe cortou o fio da prática Manuel Code, e disse. *Ele era o que aqui levantava a poeira contra os sacerdotes católicos romanos, e nos punha em contingência de os deitarmos fora da terra, e estamos bem informados que os sacerdotes acudiam a ele para que os favorecessem, e lhe davam grandes peitas, das quais ele se ficava com a maior parte; e a menor nos dava para abrandar nosso rigor, e com estes estratagemas se fazia rico, como é, se congraçava com o Príncipe João Maurício, e fazia crer aos sacerdotes portugueses que ele os amparava; porém lá vai para terra aonde se lhe tomará conta de muitas coisas, e aqui o pagará sua fazenda, porque já estamos tirando devassa dele, e se tem jurado contra ele coisas notáveis.* Tornou o padre seguir sua prática, e disse. *Vossas Senhorias hão de saber em como no navio, que veio de Angola com os portugueses prisioneiros, veio um mancebo primo de sua mulher, ou seu, o qual vinha ordenado com Ordens de Epístola, porque o Bispo de Angola o tinha ordenado com instrumentos falsos, que daqui lhe foram; e Gaspar Dias Ferreira o mandou ao Bispo da Bahia, para que o acabasse de ordenar das Ordens de Evangelho, e de missa, e porque o Bispo o não quis ordenar, porque achou ser de nação judáica (que é impedimento para as Ordens, segundo um breve do Sumo Pontífice Romano) Gaspar Dias Ferreira escreveu ao Bispo da Bahia uma carta, como de desafio, dizendo nela, em como ele Gaspar Dias Ferreira havia sido o defensor, e protetor dos sacerdotes, que assistiam em Pernambuco, e que pois o Bispo lhe dava tão ruim galardão de tão bom serviço, que logo veria o que se passava, tanto que ele se partisse para Holanda em companhia de Sua Excelência, porque logo os sacerdotes haviam de ser expulsados de Pernambuco, tanto que lhes faltasse seu favor.* E dizendo isto lhes mostrou o Padre Frei Manuel do Salvador aos predicantes a cópia da carta, a qual Gaspar Dias Ferreira havia escrito ao Bispo, a qual lhe veio da Bahia. *Esta é a causa porque Gaspar Dias Ferreira deixou urdida esta teia por se acreditar com o governador da Bahia, e com Sua Majestade em Portugal.*

Outrossim bem lembrados estão Vossas Senhorias em como os senhores do supremo Concelho fizeram mercê, e graças aos vigários do distrito de Pernambuco dos rendimentos

do engenho de Mussurepe, e dos partidos de cana, que ficaram dos padres de São Bento, retirados, para que a cada vigário se dessem cada um ano sessenta mil réis para sua sustentação, todas estas rendas cobrou Gaspar Dias Ferreira, e a nenhum vigário deu nem uma placa; e se Vossas Senhorias se quiserem inteirar desta verdade, mandem chamar a todos os vigários, e dêem-lhe juramento se algum deles recebeu destas rendas alguma coisa; estes são os bens, que Gaspar Dias Ferreira fazia aos padres; e outras, muitas coisas pudera dizer, e alegar, as quais deixo por não ser enfadonho. Mas tornando à expulsão dos sacerdotes, eu requeiro a Vossas Senhorias da parte de Deus, que não bulam com eles, porque se os molestarem, façam de conta que não tem a Pernambuco, porque logo todo o povo se há de levantar, e rebelar, e tomar armas, ou desamparar a terra; e um povo, enquanto está quieto, pode-se governar com o bico do pé, e uma vez rebelado há mister grande cabedal para o tornar a aquietar; e com isto não tenho mais que dizer neste Concílio. Tão satisfeitos ficaram os predicantes com as razões do Padre Frei Manuel do Salvador, que não somente suspenderam o mau intento que tinham, mas antes deste dia em diante nunca mais fizeram agravos, nem moléstias aos sacerdotes, antes os trataram com muito primor, e cortesia.

O VALEROSO LVCIDENO, E TRIVMPHO DA LIBERDADE

E RESTAVRACÃO DE PARNAMBVCO, principiada, & dada a execução por o valeroso Portugues Ioão Fernandes Vieira.

LIVRO TERCEIRO

CAPITVLO I.

Das causas, & origem de [illegible] aclamar a liberdade, & se leuantar o pouo de Parnambuco, & tomar as armas para [illegible] do catiueiro dos [illegible].

AVERIGVADA cousa he na opinião dos que [illegible] consideraõ as cousas, que maiores proezas [illegible] para a sal[illegible] [illegible] a pobreza, & desapegamento dos bens transitorios, [illegible] que em outros a muitos [illegible] & prodigios, & que Deos [illegible] hum coraçaõ desapegado [illegible] terra, do que a hum milagre [illegible] o milagre de Naaman Syro [illegible] Naaman de Syria ao Profeta Eliseo [illegible] curasse de hũa grande lepra [illegible] mandoulhe o Profeta que se lauasse [illegible] vezes no Iordaõ; assim o fez [illegible] lepra, & por se mostrar agradecido [illegible] ao Profeta Eliseo [illegible] coram eo, & ait: [illegible] vere scio quod non sit alius Deus in vniuersa terra, nisi tantum in Israel: obsecro itaque vt accipias benedictionem à seruo tuo. 4. Reg. 5. O milagre lhe venceo o entendimento; & assim disse, *non est alius Deus in vniuersa terra*, por a qual lhe daua grande soma de dinheiro, & joias, que isso significa aquella palaura, *obsecro itaque vt accipias benedictionem à seruo tuo.* Porem em chegando a offerecerlhe interesse, & respondendo o Profeta: *Viuit Dominus non accipiam.* Quando Naaman vio a Eliseo desapegado de todo o interesse, & que professaua tanto menosprezo de todo o temporal, naquelle ponto se conuerteo, & disse: *Non enim faciet vltra seruus tuus holocaustum, aut victimam dijs alienis, nisi Domino.* Pois o excesso que ha entre vencer o entendimento, & namorar a vontade, que he muito, pois a cada passo se vem entendimentos vencidos, & vontades naõ namoradas, esse ha entre o objeto milagroso, & o desapegado do interesse, & bens temporaes; de modo que Eliseo fazendo

O VALEROSO
LUCIDENO
E TRIUNFO DA LIBERDADE

E RESTAURAÇÃO DE PERNAMBUCO, PRINCIPIADA, E DADA À EXECUÇÃO POR O VALEROSO PORTUGUÊS

JOÃO FERNANDES VIEIRA

Livro Terceiro

CAPÍTULO I

Das causas, e origem de se aclamar a liberdade, e se levantar o povo de Pernambuco, e tomar as armas para se livrar do cativeiro dos holandeses

Averiguada coisa é na opinião dos que bem consideram as coisas, que maiores proezas obra para a salvação das almas a pobreza, e desapegamento dos bens transitórios, em uns santos, do que em outros a multidão de milagres, e prodígios, e que Deus estime mais a um coração desapegado dos bens da terra, do que a um milagroso. Provo-o com o milagre de Naaman Siro. Veio Naaman de Síria ao profeta Eliseu, a que o curasse de uma grande lepra que tinha, mandou-lhe o profeta que se lavasse, sete vezes no Jordão; assim o fez, e sarou da lepra; e por se mostrar agradecido, ofereceu ao profeta Eliseu uma grande quantidade de dinheiro, e jóias. Reversusque ad virum Dei cum universo

comitatu venit, e stetit coram eo, e ait; vere scio quod non sit alius Deus in universa terra, nisi tantum in Israel; obsecro itaque ut accipias benedictionem a servo tuo. *4. Reg 5. O milagre lhe venceu o entendimento; e assim disse,* non est alius Deus in universa terra, *por a qual lhe dava grande soma de dinheiro, e jóias, que isso significa aquela palavra,* obsecro itaque ut accipias benedictionem a servo tuo. *Porém em chegando a oferecer-lhe interesse, e respondendo o profeta.* Vivit Dominus non accipiam. *Quando Naaman viu a Eliseu desapegado de todo o interesse, e que professava tanto menosprezo de todo o temporal, naquele ponto se converteu, e disse.* Non enim faciet ultra servus tuus holocaustum, aut victiman diis alienis, nisi Domino *Pois o excesso que há entre vencer o entendimento, e namorar a vontade, que é muito, pois a cada passo se vêem entendimentos vencidos, e vontades não namoradas; esse há entre o objeto milagroso, e o desapegado do interesse, e bens temporais; de modo que Eliseu fazendo milagres, não converteu a Naaman, e mostrando-se desapegado de todo o temporal, naquele ponto o converteu ao culto do Deus de Israel, logo bem dizem os que dizem, que na casa de Deus mais importante é um coração desapegado dos bens terrenos, que um milagroso, e bem podemos dizer que a desapropriação dos interesses, e riquezas deste mundo, está afrontando, e repreendendo aos cobiçosos da terra, e a avareza dos filhos de Adão.*

Quem agora quiser saber os males que faz, e traz consigo a ambição, e cobiça destes tempos, repare um pouco, e verá que muitas vezes pode mais com alguns pecadores, que o mesmo Deus, quando El-Rei Balac pediu ao profeta Balaam, que amaldiçoasse ao povo de Deus, não lhe prometeu coisa alguma; consultou o profeta o negócio com Deus, o qual lhe disse que o não amaldiçoasse. Noli ire cum eis, neque maledicas populo, quia benedictus est *Numeros 22. Tornou segunda vez El-Rei Balac a mandar segundo recado ao falso profeta, acompanhado com interesses, e dádivas; e tanto que o falso profeta viu o interesse ao olho, logo em seu coração determinou infalivelmente de amaldiçoar o povo, e ainda que consultou segunda vez a Deus, e lhe deu licença para amaldiçoar o povo. Diz a Glossa interlineal, num. 22, que foi deixá-lo Deus de sua mão, vendo-o tão cobiçoso, e tão determinado a amaldiçoar o povo.* Cedit Deus cupiditati, e dimittit eum secundum desiderium cordis sui. *É*

muito de notar aquela palavra Cedit Deus. *Que foi como se dissera Deus: com tão poderoso inimigo, como é a cobiça, eu me dou por vencido, de modo que com o cobiçoso podem mais as riquezas, que a onipotência de Deus.*

Em confirmação do dito, conta São Marcos, que entrando Cristo Nosso Senhor na Província de Nazaré, entrou nela fazendo mil mercês com ânimo de encher de suas maiores misericórdias, e a primeira foi livrar a dois endemoinhados de uma legião de demônios, os quais os faziam habitar em uns sepulcros, de onde saíam a espantar os passageiros, tirando-lhe pedradas. Ao sair os demônios daqueles corpos, lhe pediram por mercê que os deixasse entrar em uns porcos Concedeu-lhe o Salvador do mundo, porém não podendo aqueles imundos animais sofrer tão má companhia, se precipitaram no mar, e se afogaram Quando os donos daquele gado consideraram a perda de sua fazenda, rogaram a Cristo encarecidamente que se saísse daquela Província. É advertência esta de Caetano, Marci 5, o qual diz assim. Illi qui egressierant de civitate timentes ne peius aliquid iacturæ porcorum subsequeretur, rogant venerand. ut dissedat a regione illa. *De modo que a cobiça antepõe o temporal aos bens espirituais, e misericórdias que Cristo lhes pudera fazer, e temendo segunda ruína de quinze, ou vinte animais imundos, rogam a Cristo Senhor Nosso, que se saia de sua Província.*

Porém digamos outro encarecimento maior. Acordaram os inimigos de Cristo nosso Senhor de o não crucificarem em dia de festa. Non in die festo. *Matth. 26. Disseram juntos, e mancomunados. Advertiu Teofilato, in Matth. 26. que não foi isto escrúpulo, porque uma maldade tão grande como tirar a vida ao Filho de Deus, bem se deixa entender que enchia todos os vazios de uma má consciência, sem que ficasse nela lugar algum para escrúpulos. O caso é, diz Teofilato, que se em dia de festa o crucificaram, perdiam as ofertas, que se haviam de oferecer no templo.* Ne populus propter homicidium a sacrificiis absisteret, perderent que, ipsi lucrum, quod ex sacrificiis habetant. *Com uma mão querem empunhar a cobiça do temporal, e com outra a morte do Filho de Deus, que tudo cabe em um coração cobiçoso, e inclinado ao temporal; porém o que a mim me admira neste caso é o que diz S. Jerônimo, in Matth. 26, que as perdas da avareza as recuperaram os avarentos à custa da vida de Deus, diz este grande doutor, que Judas tomou oca-*

são para vender a Cristo do ungüento, com que a Madalena o ungiu, o qual disse que fora melhor vender o ungüento por trezentos reales, e dá-los aos pobres: isto disse porque os trezentos reales em que se apreciava aquela unção, quisera que entraram no Colégio Apostólico, para de trezentos furtar trinta, que este era seu costume furtar de dez um; e como se lhe despintou este furto, diz S. Jerônimo que quis ressarcir esta perda à custa do sangue, e vida de Jesus Cristo, vendendo-o por trinta dinheiros, que esta é a condição dos cobiçosos, e ovarentos, restaurar as perdas de sua cobiça à custa da vida de Deus. As palavras de S. Jerônimo são estas. Infelix Judas damnum, quod ex effusione unguenti se fecisse credebat, vult magistri pretio compensare. *E pois o mesmo Judas apreciou o ungüento em trezentos reales, e vendeu a pessoa de Cristo em trinta, nem mais, nem menos, daqui se colige que filava de dez um, e que dos trezentos reales lhe haviam de vir trinta, e pois se gastou em serviço do Salvador do mundo o que ele quisera que entrara em seu poder, que por não haver entrado recompensa a perda com vender a seu Mestre por trinta dinheiros. Excelentes imitadores tem este traidor nos holandeses, que por sua grande cobiça, e ambição atropelam com a justiça, com a amizade, e lealdade prometida, e jurada, e com a honra de Deus, como adiante diremos largamente.*

Sigamos por diante este discurso dos males que consigo traz a ambição, e cobiça, que faz muito ao nosso intento, e mostraremos como a ambição não tem respeito a pai, nem a mãe, nem a parentes, nem amigos. Um preclaro lugar acho no Gênesis, cap. 4. desta doutrina. Abençoa o Santo Patriarca Jacob a seus filhos, e em chegando a Simeon, e a Levi, diz. In concilium eorum non veniat anima mea, e in cætu illorum non sit gloria mea. *Guarde Deus minha vida de seus conselhos; e minha honra de seus ajuntamentos; pois porque Profeta Santo? Quem há de olhar melhor por a honra de vossa pessoa, que vossos filhos? Sabemos que o prudentíssimo Rei Agesilau, sendo perguntado, como podia um rei viver seguro sem as contínuas guardas que de presente usam os reis? Respondeu, segundo afirma Plutarco, in apoth.* Si civibus pro filiis utatut. *Se têm aos cidadãos em lugar de filhos, porque então eles como tais atentam por sua honra, e vida? David, Salm. 12, chama bem-aventurado ao que tem filhos.* Beatur vir, qui implevit desiderium suum ex ipsis. *E ali o hebreu,* qui implevit pharetram

suam. *Bem-aventurado o que de filhos enche sua aljava, porque eles são como setas contra os que se levantam a prejudicar sua honra.* Non confundetur cum loquetur inimicis suis in porta. *Eles lhe tiraram o pé ao todo, pois se isto é assim, como não se atreve Jacob a fiar de seus juízos sua honra, nem sua vida? Daí logo a razão dizendo* Quia in furore suo occiderunt virum, e in voluntate sua subjoderunt murum. *A palavra* Sor *hebreia, que corresponde à latina* murum *significa muitas vezes boi, ou touro; e assim trasladaram os Setenta*, e in voluntate sua sub nervaverunt taurum. *Três coisas fazem claro este lugar, e delas se colige o que a ambição pode. A primeira é, que este nome de touro se atribuiu a Joseph, e se colige porque abençoando Moisés a seu Tribu, o comparou ao primogênito do touro. A segunda é, que conforme à opinião dos hebreus, na conjuração que se fez contra Joseph, os principais foram Simeon, e Levi; e provam admiravelmente Caetano, porque os irmãos mais pequenos não haviam de ser, nem de tanta malícia, nem de tanta consideração, para uma empresa tão feia; e os maiores, que eram Rubem, e Judas, procuraram livrá-lo, e assim o Targon Jerosolimitano.* Et in voluntate sua vendiderunt Joseph.

A terceira é, que a causa desta conjuração foi o sonho de Joseph, como se colige daquelas palavras. Ecce somniator venit. *De ambição saiu; e ambição nascida de um sonho, porque é tão terrível, que nem ainda por sonhos quer que passe a ninguém, que há de ser mais, e lhe deite o pé diante; diz pois agora o Patriarca Santo: livre Deus minha vida de seus conselhos, e minha honra de seus ajuntamentos, que em reinando a ambição, ainda de filhos não se pode fiar. E teve razão, por certo, porque nem os irmãos estão seguros dos irmãos. Vejamo-lo em Abimelech, que em cima de uma pedra degolou setenta irmãos. Vejamo-lo em Jugurra, de quem diz Salústio, que por reinar só em Numedia, deu morte a seus irmãos. Vejamo-lo em Cambises, que só porque sonhou que seu irmão Mergides se assentava na cadeira real, dizem Trogo Pompeio, e Herodoto, que o mandou matar; nem ainda por sonhos quer um ambicioso que outro seja mais que ele. Vejamo-lo em Simeon, e Levi, não reis, não príncipes, senão pastores, e filhos de pastores e tão ambiciosos, que até a seu próprio irmão não perdoaram; e é de considerar que nem lhe tirava cetros, nem coroas, nem tiaras, nem diz que será senhor, e eles seus criados; senão*

que suas gabelas adoravam a sua, tudo em razão de lavoura, e agricultura, ainda que debaixo havia mais mistério; porém ainda isso não podem sofrer, e tratam de comprar a honra com o sangue de seu irmão. In voluntate sua subverterunt murum: *muro lhes parecia que impedia suas ambições, e assim determinaram derrubá-lo por terra.*

E não só não respeita a ambição aos irmãos, senão que contra os proprios pais se levantam. Baste-nos para isto o exemplo do maldito Absalão, que diante de todo o povo macultou a honra de seu pai, e procurou tirar-lhe a vida. Reg. 2. c. 15 e 16. Baste a maldade dos filhos de Senacherib, que estando no templo de seu Deus, depois de uma calamidade tão grande, em vez de o consolar, lhe deram de punhaladas no templo. 2. Paralip. 16. Não há sagrado, nem resguardo contra um pensamento ambicioso: e pois isto passa, razão tem o Santo Patriarca Jacob em desejar de não ver sua vida, nem sua honra, nos concílios, e ajuntamentos de seus filhos. Pois se os holandeses, depois que entraram em Pernambuco nunca trataram de outra coisa mais, que adquirir para si, roubar, e destruir toda a sustância da terra e quanto mais furtavam, muito mais desejavam de furtar, como faz o hidrópico doente, que com o beber lhe cresce maior secura. Daqui pode coligir o pio leitor quantos desaforos cometeriam: quantas estratagemas inventariam: e fariam de tiranias para conseguir seu intento. Nos seguintes parágrafos irei relatando algumas de suas maldades para dar a conhecer a todo o mundo quão perversa, e infame casta de gente é esta. Porém quero aqui pôr neste lugar o manifesto que o povo de Pernambuco mandou a Sua Majestade, trasladado de verbo ad verbum, e logo tratarei por miúdo as tiranias, que os holandeses usaram com os moradores.

MANIFESTO DO DIREITO

com que os moradores da Província de Pernambuco se levantaram da sujeição, em que por força de armas os tinha posto a sociedade de alguns mercadores das Províncias de Holanda

Em tranqüilidade, e pública alegria estavam mais de trinta mil almas portuguesas, logrando os frutos da dilatada Província de Pernambuco, pela justa ocupação que nele fizeram os senhores reis antecessores de Vossa Majestade, por comum repartição dos príncipes para reduzir ao lume da Fé

da Igreja Romana tantos milhares de almas, que na gentilidade por o desconhecimento de Deus se perdiam; quando por invectiva de tiranos roubadores, não tementes da divina justiça, se fez nas Provincias de Holanda uma mercantil Companhia, encaminhada a roubar com crueldade esta Capitania de Pernambuco aos Reinos de Vossa Majestade; e depois de urdida tal simulaçao, e latrocinio, prepararam a toda a destreza os navios necessarios para fazerem sua investida, dotando-os de tais capitaes, e tripulando-os de tais soldados, que pudesse o livre de suas consciencias dizer com a execuçao do efeito, bem com o capitão de salteadores, que na escolha de sua companhia agrega por mais mimosos aos mais tiranos, e mais cruéis.

Saida de Holanda esta terrivel companhia, e quadrilha, bateu os mares do infeliz Pernambuco, aonde tendo bem demarcado a praia por onde podia pisar a terra, tomou porto na do Pau-Amarelo, e lançando nela os vorazes lobos, que a toda a sede anelaram o inocente sangue do catolico portugues; e apenas com o seu alfange esgrimiram no descuidado rebanho, o cuidadoso, como alevoso trato, quando o clamor fez empacar a muitos, e fugir a todos, sem bastar o esforço de alguns, para fazer tornar a outros do sobressaltado acidente, ate que correndo ao galarim as tiranias, fez o portentoso espanto delas desamparar a vila de Olinda, que a oito dias andados ficou Holanda com as seguranças das forças do Recife, que logo renderam.

O valor do General Matias de Albuquerque fez recordar a nobreza deste povo dos sustos, que tão divertidos os tinha; e em exército formado, que sua diligência fez ajuntar, impediu a campanha à gente holandesa por espaço de sete anos, sem bastarem momentâneos socorros, que de suas províncias lhe vinham para o desbaratarem, até que pondo-se-lhe sítio por força, renderem-se alguns, e outros retirarem-se.

Durante este tempo, padeceu este povo tantas vexações, e agravos, quais nunca os maiores tiranos imaginaram, de que senão faz particular menção a V. Majestade, por não fazer o processo infinito e também porque enquanto este povo via os seus em exército, livrava na esperança da satisfação de tudo padecido, porém depois que se conheceu desamparado, e entregue ao alvedrio de quem sempre havia de eleger o maior rigor, e a maior tirania; logo seus corações agouraram os desastrados sucessos, as calamitosas vidas,

como tiranas mortes, que ao diante padeceram, cujos trágicos pede humildemente aos pés de V. Majestade, ouça como pai, remedie como Rei, e ampare como Senhor.

No ano de mil e seiscentos e trinta e cinco renderam a Cidade da Paraiba, com partido de nos deixarem viver na lei de Jesus Cristo, na forma, que nos ensinava a Igreja Romana nossa mãe, e que em nossas fazendas assistiriamos, gozando-as como de antes, sem acrescentar coisa alguma; passando de tudo editais, não só para o conteúdo, mas ainda para se recolherem a suas casas os ausentes (como fizeram) provendo na destruiçao daquela Capitania, a saber Paraiba, Goiana e Itamaraca por governador Aipo Enfens, o qual tanto que esteve de posse mandou fixar editais que todos fossem a tomar passaportes com pena de morte, e de saque de suas casas, e fazendas, com termo peremptório de quatorze dias, o qual acabado fez segurar os moradores, e pôr em seguro em suas casas a pouca fazenda, que tinham enterrado; e tanto que assim os teve, depois de bem desfrutados com os passaportes, com que tirou muita soma de dinheiro, lhes formou acusaçoes fantasticas com os testemunhos falsos que achava mais convenientes a seus propósitos, dando sempre em prova três homens seus parciais, a saber João Vinais, e Hans Wilens Comendor dos caboclos brasilianos, e João Guterres seu secretário, que servia de lingua, por falar bem português, e um morador mulato por nome o Almeida, filho da França, procedendo a este respeito à prisão com os mais deles, dando-lhes cruéis tormentos, até lhe tirar as grandes somas que pretendia.

Faltando este tirano no governo, entrou outro por nome Henrique Isquilt em seu lugar, seguindo as mesmas pisadas, nos roubos, nas prisões, e nos tormentos, com tanta mais crueldade, que mamlou por o seu secretário matar ao Padre Álvaro Mendes capelão do engenho do Ubó, por lhe roubar uma peruleira de patacas, e a prata da igreja, aonde foi morto ao pé do altar.

Rendido o Arraial, lhe outorgaram entre outros partidos, lhe dessem os moradores livres com suas fazendas para as darem, os quais a todos fintaram com notável excesso, assim como a Pedro da Cunha de Andrada em cinco mil cruzados, e a Antônio de Bulhões em dois mil cruzados, e a outros muitos: trateando, e descompondo sem culpa alguma a Antônio de Freitas da Silva, tomando-lhe quanto de seu tinha.

Depois de rendido (como dito temos) o Arraial, mandaram Guilherme Escoto a governar a vila de Sirinhaém, donde roubando aos pobres moradores, tirou muita quantidade de fazenda.

Seguindo o Artixof a Dom Luiz de Roxas, fez conselho no engenho de João Lins de não dar vida a nenhum homem, mulher, nem menino, assolando tudo a ferro, e a fogo, queimando muitas pessoas vivas nos canaviais, sem embargo de terem passaporte seu, em que os segurava

Andando Gerardo Rabier Comendor dos brasilianos Pitiguares, lançado finta de farinhas, e carnes pelos moradores, entrando por a casa de um deles, parecendo-lhe bem a mulher, com que estava casado, prendeu o marido, e o mandou para fora até gozar da pobre mulher e como o fez o mandou soltar.

Recolhendo-se o Artixof da rota que fez em Dom Luiz de Roxas, se deteve um ano em Sirinhaém, aonde com seus companheiros executou as mais atrozes, e rigorosas mortes nos homens principais daquela República, assim como Jerônimo de Albuquerque, e Francisco Rodrigues do Porto, e seu filho, e outros, aos quais todos confiscaram seus bens que possuiam debaixo de seu aleivoso passaporte.

Entrando o Capitão Rebelinho nesta campanha, o seguiu Sigismundo Vandscop, matando mais de quatrocentos moradores entre meninos, e mulheres, tendo todos passaportes, e se a muitos perdoou foi por o muito dinheiro que lhe deram.

No ano de mil e seiscentos e trinta e nove na Alagoa do Sul, o sargento-mor Mansfelt, e por escolteto Arnão Vandliberguem levantaram a aqueles moradores que tinham farinhas, e mantimentos para os soldados da Bahia, e mandando chamar aos ditos moradores, a saber Sebastião Ferreira morador no rio de S. Miguel, Manuel Pinto lavrador de canas, Gabriel Soares senhor de engenho, e sem prova alguma, mais que de sua danada tenção, os mandou tratear a todos cruelmente, pondo-lhes fogo debaixo dos pés, de que ficaram aleijados, e a poder de dinheiro com as vidas.

Aos que governavam no supremo Concelho no Recife eram publicamente presentes as tiranias do dito Mansfelt assim pela notoriedade delas, como pelas contínuas queixas que os moradores lhes faziam, a que não deferiam nunca antes o remédio que lhe deram foi mandar outro pior em seu lugar por nome Walrraven Vand Malburch, o qual há pou

cos dias fingiu que tinha notícia, que vinham nossos campanhistas, e com este motivo profanou, e queimou nossos templos sagrados, roubando a todos os moradores, sem lhes guardar passaportes, antes fazendo serviço das crueldades que usavam, para requererem por elas mercês dos que governavam.

No tempo que veio a armada do Conde da Torre a estas costas, tendo os do supremo dado passaportes aos frades de Santo Antônio, e S. Bento, e do Carmo que serviram de confortar, e animar a estes cativos, por de todo os desconsolar sem respeitarem o dito passaporte, os embarcaram, dizendo que iam para as Índias, sendo coisa certa mandá-los martirizar, lançados vivos ao mar com pedras nos pés, como fizeram aos mais dos nossos soldados rendidos do Arraial velho, ficando alguns poucos clérigos tão atemorizados, que por nenhuma maneira ousavam celebrar missa, nem meter se em nenhum outro ato de cristandade.

Para assolação de toda a Província inventaram, e inovaram variam diversidades de ofícios, a saber escoltetos, e financeiros, que nenhum outro cargo executavam mais que arguir aos pobres moradores de tudo aquilo, que lhe ditava a imaginação para condenarem para si, usando de seus poderes com os maiores insultos do mundo, até tomarem as mulheres casadas com força, e violência, e usarem delas por mancebas, tendo-as, e mantendo-as em suas casas, como o fez o Escolteto Alardo Hol das freguesias de Ipojuca, e Santo Antônio do Cabo, a uma mulher de um homem muito honrado, que tudo era patente aos do Concelho, e em nada queriam prover pelas interessadas conveniências que tinham com a maldade de seus procedimentos.

Tão conhecida é a vontade dos Concelheiros do Recife, e seus ministros no assolar de toda esta Capitania, que só admitiam os alvitreiros, que ocasionavam modos de maior perdição sua; não deixando na imaginação aritmética que pudesse ajudar a ruína, que não executassem filosofando as extraordinárias traças, de não imaginados câmbios, com que o judaísmo, e o holandês porfiavam recíprocos os enganos todos sobre os pobres senhores dos engenhos, que não tinham domínio útil, e só feitorizavam sua fazenda para a desfrutarem flamengos, e judeus a puros embelecos; e sendo-lhe necessário algum fornecimento para suas moendas, tomando-o por excessivos preços cresciam em breves dias os câmbios, de sorte, que ficando impossibilitados a pagar, o fica-

vam de todo na peita (de todo digo) para impedir a execução, em tanto que homem houve, que tomando fiado em fazendas quantidade de trezentos mil réis, que aliás não valiam cento, se lhe multiplicaram os câmbios de minuto em minuto, com tal extremo, que em quatro anos lhe levaram o engenho pelo débito.

Apertaram tanto os governadores com estes miseráveis cativos, que até nas embarcações, em que haviam de tomar-lhes o seu mesmo açúcar pelos débitos, punham estanque, de maneira, que para embarcarem o açúcar com que pagavam, não só satisfaziam excessivos fretes, e avarias, mas ainda peitavam a quem lhe dava licença; e porque em tantos enredos a Companhia alcançou aos mais dos moradores em debitos muito grandes; os que governavam recebiam grandiosas peitas, por não executarem as dívidas, ficando por todas as vias assolando aos moradores com tanto aperto, que confiados muitos nas grandes dádivas, que ofereceram, e no alegre semblante com que lh'as aceitavam, mandaram suas caixas ao Recife para fazerem algum dinheiro, com que remediar sua necessidade, e apenas apareciam, quando sem lhe guardarem palavra, lei, nem urbanidade, lhe tomavam todas as caixas, sem reserva de uma só.

Porque ainda com estas traças entendiam não estavam de todo esgotados os moradores, inventaram outra endemoinhada de tomarem com poder, e em nome da Companhia, a solução dos débitos que os moradores deviam a judeus, e a outros mercadores, com condição de os devedores obrigarem à dita Companhia seus bens, e a Companhia ficar obrigada a pagar aos mais credores; fundamento com que muitos dos moradores, que tinham grandes débitos particulares, negociaram com os do governo se obrigarem às ditas dívidas, e ficarem eles moradores obrigados à Companhia mas com tal sulionato que fraudulenta, e enganosamente formavam muito mais excessivos os débitos do que os deviam, por logo receberem dos ministros da Companhia quantidade de escravos, e fazendas em várias espécies, com tanto consentimento, e notoriedade dos governadores, que por contraírem o bulrão e licioso negócio, aceitavam de peita grandes somas de mil cruzados em grande descrédito dos Senhores Estados de Flandres, e total ruína da Companhia, que serviam, e assolação geral desta República, como sucedeu com Jorge Homem Pinto na Paraíba, que por um destes negócios deu aos do governo mais de vinte mil cruzados; e to

dos os mais que o celebraram, que foram muitos, peitavam na forma que o negócio era, levando ainda destes a quarenta e dois por cento, por lhe alargar o débito a tempos, chegando por estas razões a tão miserável aperto que nos mais dos engenhos estavam atualmente olheiros da dita companhia, levando todo quanto açúcar faziam com os mais tirânicos embelecos que jamais juízo algum formou

Não tendo já para que apelar estes tristes moradores os obrigou sua grande miseria, e seu desconsolado cativeiro a olharem para si e verem no triste espetáculo de suas pessoas apagado o brio dos antigos portugueses, esquecida a valentia, com que foram criados vendo por lei fixada suas cintas sem espadas, suas fazendas com novos donos, muitas de suas casas com violentas desonras, com tão geral desamparo, que se algum comunicava sua dor ao outro, por alívio, saía da ocasião mais penoso por as repetidas lástimas do próximo, e o pior é que foram em tanto crescimento as afrontas, que se debilitaram os brios ainda à falta do ordinario sustento, com que foi força recorrer ao discurso, e ao sembuçar o envergonhado valor, que tantos anos havia andava coberto, e a amiudados juízos formar total resolução de livrar a patria de tão forte cativeiro, ou morrer na demanda; e porque os crueis ministros holandeses temiam do miseravel estado em que nos viam, a desesperação que seus danados corações adivinhavam, sem da nossa parte haver outro motivo; eles por se diziam que nós nos queríamos levantar, para impedimento do que escolheram entre si o mais tirano homem desta idade, por nome João Blar, que com trezentos soldados campeasse no sertão, aonde fez tais roubos, estupros, e violências quais se não historiarão dos mais crueis imperadores romanos; porque andando nas freguesias de São Lourenço, e outras, mandou matar a quantos homens estavam em suas casas, com tal brutalidade, que à vista do mundo antes de padecer a morte, comunicavam as virtuosas mulheres, repetidas pelos caboclos brasilianos gerais execuções lascivas, desflorando na presença do pai a vergonhosa donzela, que a lastimosos gemidos agonizava desamparadas desconsolações, tanto mais incuráveis quanto via o pai, o irmão rebolear no inocente sangue o mártir corpo, como as tiranias destes sucessos se publicaram, o direito natural nos ensinou a tratar da defensão, tanto por a lei de Deus que víamos ofendida no profanar dos templos, no sacrilégio, com que a Virgem Sagrada mãe de Deus foi des-

pojada de suas divinas roupas, e cortando-lhe as mãos, e seu corpo em suas imagens, como por sustentar as honras, e não perder as vidas às mãos atadas, a este respeito comunicada entre nós a geral dor, tratamos do remédio dela, e elegendo em primeiro lugar uma cabeça de tão leal coração, e de tal fazenda, que com ambas as coisas pudesse ajudar-nos a sustentar com as armas nas mãos, até que pudéssemos ter remédio na proteção, e amparo de Vossa Majestade, que nos não podia faltar, e assim elegemos por Governador de nossa liberdade a João Fernandes Vieira, em quem achamos igual conselho, vontade, e despesa. E porque neste tempo vmha endereçada a nossas portas a cruel procissão de nossos inimigos ameaçando nossos pescoços, honras, e fazendas, nos pusemos em armas com nosso governador, a apellidando a divina liberdade; e nos fomos retirando de mato em mato, avisando de tudo ao Governador, e Capitão Geral do Brasil, Antônio Teles da Silva, de quem por sua cristandade, por seu valor, e por seu sangue, esperávamos breve socorro, fazendo-lhe presente a miséria de nosso Estado, e o quanto por obrigação lhe corria valer-nos: com cujas esperanças nos iamos animando no que padeciamos. Neste mesmo tempo ardilaram os governadores do Recife outra pior traça para com público enganos destruírem totalmente a cristandade de todo o Brasil, e foi que não só se contentaram de degolar tão infinito número de almas desta Capitania, mas ainda quiseram com maliciosas embaixadas trazer a gente principal da Bahia esta Província, e fazer nela o mesmo efeito, para cujo fim mandaram logo por embaixadores ao Governador-General Antônio Teles da Silva, a Teodósio de Estrate, e a Gisbert Wit, que com uma carta dos do Concelho, pediram a grandes rogos ao dito governador-geral mandasse sossegar este alvoroto pelos meios mais convenientes, que reservavam à sua eleição tudo, porque mandando suas tropas, também as degolassem, como quiseram fazer, e se manifestara logo; nesta conjunção chegaram ao governador suas, e nossas cartas, as suas por mar, e as nossas por terra, em que a toda a diligência pedíamos socorro como a ministro tão inteiro, que era de V. Majestade, Rei, e Senhor nosso.

Consultadas umas, e outras razões, resolveu o gover nador-geral meter de permeio sua autoridade para aplacar estas sedições e estranhando a uns a crueldade, e tirania, e a outros a inobediência mandando com seu bom, e fidalgo

coração prender ao nosso Governador João Fernandes Vieira e entregá-lo no Recife para maior sossego, e paz.

Para este efeito mandou logo embarcar nos navios mercantes aos mestres de campo Martim Soares Moreno, e André Vidal de Negreiros, que com sua infantaria viessem dar satisfação ao pedido pelos governadores do Recife, e apadrinhar o temor de nossas pessoas: os quais chegados à praia de Tamandaré, a hospedagem, que acharam, foram preparadas, e simuladas traições, para serem degolados eles, e seus soldados destruidos, e profanados os templos sagrados, contaminados com as duras, e cruéis mortes, que nelos fizeram em quantidade de portugueses chamados amigavelmente a igreja de Cunhaú, e espedaçados a sangue frio, com tão excessivos roubos, latrocínios, e maldades, quais jamais se ouviram, de que eles darão conta a V. Majestade, e da conhecida razão que tiveram para despejar as forças de Sirinhaém, vendo-se ja atalaiados, e sitiados desta companhia de roubadores, que totalmente os queriam degolar com exércitos em campanha com que resolutamente tomaram as mulheres nobres da Várzea de Capibaribe, e depois de desfloradas muitas de suas filhas, roubadas suas casas, as mandaram presas ao Recife o que chegande à nossa notícia, conjurados a defender nossa honra, tomamos nosso governador do lugar da Muribeca aonde o trazia preso para o Recife o Mestre de Campo André Vidal de Negreiros, e sem ele o poder remediar, fomos na demanda de quem nos levava usurpado as nossas honras, e topando com o exército inimigo que as tinha usurpado o desbaratamos, e rendemos com quartel das vidas, que lhes concedeu o Mestre de Campo André Vidal de Negreiros, que vinha em nosso alcance, sem embargo de lhe haverem morto o cavalo com duas pelouradas, e a um honrado soldado, que diante de se levava com uma bandeira branca na mão.

Com este falso inimigo não tratou mais que de contínua traição; a primeira coisa que fez foi tomar o porto de Tamandaré, para não só impedindo nossa retirada nos degolar, mas ainda aos mesmos mestres de campo, e soldados, que chamou, queimando com a mais perversa crueldade os navios, em que haviam vindo, os mestre de campo, e neles vivos muitos nossos portugueses e aos mais que acolheram às mãos, botando-os vivos ao mar com pedras atadas nos pés, sem de nossa parte haver defesa alguma, pela ordem que o Capitão-mor Jerônimo Serrão de Paiva (que acutila-

ram, e prenderam) trazia do governador geral, que sempre celebrasse, e guardasse a paz tratada.

Considerados os apertados, e afligidos termos, em que este povo se está, vendo oprimido a contínuas traições, e aleivosias, em que cada hora esperamos crescimentos, se resolveram os mestres de campo, e nós por sua ordem a também não só defender as nossas vidas, honras e fazendas, mas fiados na misericórdia divina, que nos maiores perigos há de acudir a estes filhos obedientes de sua Igreja, queremos livrar nossa terra do tirano jugo, e cativeiro em que até agora esteve, com tão repetidas crueldades que cada hora usavam conosco; e de presente usaram no Rio Grande, onde este cruel inimigo mandou baixar quantidade de selvagens Tapuios, em companhia dos quais degolou quantidade de almas portuguesas, com apostas feitas entre os tiranos, a qual havia de executar mais extraordinário martírio no menino, na mulher, no velho, e finalmente em todos; dos quais obra de duzentos portugueses se repartiram em duas estacadas; e nelas se defenderam por muitos dias constantissimamente até que o inimigo vendo que os não podia levar, lhes mandou embaixada, oferecendo-lhes seguros das vidas, fazendas, e tratos, e que se o não aceitassem, mandariam da força baixar uma peça de artilharia, com que logo de todo os destruiriam.

Considerando estes oprimidos mártires a impossibilidade de sua defensa, e estado calamitoso, a que os tinha reduzido a fome, e sede, o jejum, o cilício, e outras notáveis penitências que tinham feito, se renderam como por de mais aos partidos, sabendo de seus corações as mortes que iam padecer; e conhecendo a traição, e aleivosia que estes flamengos usam, e têm usado nestas Províncias, sem guardarem palavra, direito, e lei, nem ainda a que professam, se despediram de suas mulheres, e de seus filhos, e de seus corações com muita consolação, e louvores a Deus, com que sendo apartados a pouco espaço foram por os tiranos flamengos entregues aos selvagens Tapuios, que muito por espaço fizeram suas festas, dilatadas em várias crueldades, cortando aqui um pé, acolá um braço, para que os clamores os gemidos suspirassem, dando todos graças a Deus, cujo dia foi muito seu; pois em todo ele o sangue destes vivos mártires correu com seu louvor, com tão larga satisfação destes bem-aventurados, que não houve corpo em que se não achasse, não um só, mas muitos cilícios, com claros sinais

de contínua disciplina. E seja presente a Vossa Majestade um caso bem natural, não ordinário; e foi que vendo uma menina de cinco anos dar cruéis golpes a seu pai, se deitou animosamente, e voluntariamente encima de seu corpo, pedindo misericórdia, a qual se lhe outorgou, restituindo-a ao sangue donde se originou misturando, e unindo a puros golpes na filha a carne com a de que tomou o ser.

Nao se relatam a Vossa Majestade muito pelo miudo as excessivas tiranias, e crueldades que neste seu povo cristão fez nesta ocasião, e em todas as mais esta gente, por nao escandalizar a real piedade de Vossa Majestade, nas afrontas, nos roubos, nas lascivias, nos desafios, que estes barbaros executaram nas mulheres destes martires, trazendo a muitas a ver agonizar dilatados golpes a seus maridos, a seus filhos, a seus pais. So diremos a Vossa Majestade, para consolação geral, que sucedidas estas mortes, foi tal o suave, e celestial cheiro de todo aquele território, que para o afirmarmos nao dizemos só que se espantaram os mesmos flamengos, e bárbaros, mas que as mulheres, desamparadas viúvas, se deram por mui confortadas, e se retiraram com valor mais que humano, e apenas elas se voltaram para Goiana, quando para alívio, acharam naquela casa aonde chegaram, mortas vinte e oito criaturas portuguesas, mulheres, e meninos, e homens, que àquela noite havia morto o flamengo, e o gentio Pitiguar, em um assalto. Em fé de tudo o relatado, que se apresenta a Vossa Majestade, o juramos aos Santos Evangelhos todos os abaixo assinados, cuja maior parte para satisfação de nossa verdade são holandeses, que lograram, e possuíram os maiores postos na guerra: O Mestre de Campo Teodósio de Estrate, o Sargento-mor Francisco de Latour, o Capitão Alberto Gerardo Gaspar Vand Lei Capitão dos cavaleiros, Job Eque, o mestre Paulo, Daniel Plaque, Francisco Berenguer de Andrade, juiz ordinário, Braz Barbalho, juiz ordinário Paulo de Araújo Azevedo, Gregório de Barros, Antônio Vieira, vereadores. Francisco Gomes de Abreu, procurador do conselho. Bernardino de Carvalho, Pedro da Cunha Pereira, Antônio Bezerra, Amaro Lopes de Madeira, João Gomes de Andrada, Cosmo de Crasto Passos, Manuel Cavalcanti, Arnão de Holanda, Sebastião Ferreira, Luiz Braz Bezerra, Gaspar de Mendonça, Álvaro Teixeira de Mesquita, Diogo Soares da Cunha, Antônio de Bulhões, Zacarias de Bulhões, Francisco Carneiro de Mariz, João de Mendonça, Lourenço Guterres, Baltazar de Matos

Homem, Diogo da Costa Maciel, Antônio Nunes Ximenes, João Soares de Albuquerque, Manuel Camelo de Quiroga, Matias Henriques, Manuel João de Paiva, Jerônimo da Rocha, o mestre Frei Manuel do Salvador, pregador apostólico por Sua Santidade, o Padre Francisco da Costa Falcão, vigário da Matriz da Várzea, o Padre Gaspar de Almeida Vieira, vigário da paróquia de São Lourenço, o Padre Antônio Bezerra, vigário da vila de Olinda, o Padre Simão de Figueiredo, o Padre João de Araújo o Padre Manuel Ribeiro, o Padre Manuel Alures, o Padre João Batista.

Tantos insultos, tantos roubos, tantas tiranias, tantos sacrilégios, tantos estupros, tantas violências, tantas traições, e tantas mortes nos puderam já de todo ter desanimado, se não livraramos nossa esperança em ter a Vossa Majestade Rei natural, e Senhor nosso, que por todas as vias nos deve acudir, e remediar, não só de razão de estado, como valendo a quem impetrou, e se protegeu de seu real amparo, mas da natural, pois somos portugueses vassalos de Vossa Majestade, filhos obedientes da Romana Igreja. Ainda de justiça requeremos a Vossa Majestade nos acuda a toda a pressa. E de misericórdia pedimos a enchentes de lágrimas nos seja propícia a clemência (timbre dos senhores reis portugueses) e confiados fazemos nosso Procurador ao Príncipe nosso Senhor, a quem representamos a mais agonizada aflição, a razão mais apertada de maior temor, mas a mais anmosa esperança em seu amparo, fazendo presente a Sua Alteza, e à Rainha nossa Senhora, que esta Província foi sempre mimosa dos nossos príncipes quando florente; e que agora na miséria do ameaço, que o cutelo lhe está fazendo à sua garganta, convém a Sua Alteza, como a coisa sua, procurar remi-la, porque na dificuldade, e na despesa temos bem fundada a esperança; pois tem o raio luzente de seu sol que nasce em que esmerar seu ofício.

Bem quererão nossos pecados representar, e persuadir a Vossa Majestade por dificuldade um trato estabelecido de paz nesta Província, que estes filósofos estadistas de suas conveniências chamam tréguas, por desculpar suas aleivosias coincídias. Mas Rei, e Senhor nosso, resolução uma, e muitas vezes resolução, que são inimigos mortais da cristandade, endereçados todos a um negócio mercantil, em que só idolatra seu trato, sem respeito a Deus, à verdade, nem à razão, porque como o fundamento se origina de uma Companhia de mercadores, como há esta de fazer cabedal

de vergonha para a satisfação? Nem medir a razão pela justiça? Mormente quando obra livre, sem subordinação aos Senhores Estados, ou aos príncipes soberanos, que podiam refrear o livre de seus procedimentos? E assim senhor, desengane-se a real prudência de Vossa Majestade, que não há de remediar sofrida, o que pode vencer desenganada Bem públicos, e bem próximos são os exemplos de Angola. São Tomé, e Maranhão, cujos termos aqui não repetimos pela indecência do desaforo deles. E só lembramos a Vossa Majestade que a emenda, que tiveram foi a que tem sentido este miserável povo, nas honras, e nas fazendas, e nas vidas e ainda no respeito de Deus. Considerando Vossa Majestade, que em tão dilatada Província, não há terra em que de vista a vista derramado o sangue português a puras traições. não esteja clamando a justiça de Deus, e por conseqüência a de Vossa Majestade, que por nenhum direito nos deve faltar

Nós nao fizemos a guerra, defendemos a terça parte das vidas que nos deixaram; eles nos atraiçoaram, quebrando o tratado com o respeito a Vossa Majestade: e não so por aqui mostraram bastantemente a vileza de sua pouca verdade, mas tambem chamarem em virtude da mesma paz aos mestres de campo, e seus soldados, e os quererem degolar. queimando, roubando, e assolando seus navios que tinham para tornar-se para a Bahia; com atrocidades das mortes que neles fizeram; pela qual razão, sendo eles tão públicos, sempre a Vossa Majestade convém valer-nos, porque de outra maneira não só será reprovada entre os príncipes cristãos a ação, mas ainda condenada a paciência, sendo presente a Vossa Majestade, que esta guerra (que por si o mostra) não é de príncipe a príncipe como os Senhores dos Estados, e os mais aliados a Vossa Majestade, mas de uma companhia de alguns particulares de vários Reinos, e Províncias, que não só primeiro quebrou a palavra a Vossa Majestade (razão mui bastante porque Vossa Majestade não fica obrigado a guardar-lh'a) mas porque com tantas traições, e martírios deu justíssimas causas a Vossa Majestade ressentir sua soberania, e ressuscitar os brios de seus fiéis vassalos que nesta Província de Pernambuco estavam amortecidos, e com todo o encarecimento de afligidos, mas não medrosos, pedimos a Vossa Majestade nos acuda, quanto logo seja possível, sem permitir que este nosso papel se consuma, e com ele nossa cristandade, e vidas, de Concelho, e em conselhos, porque só a Vossa Majestade compete isso. A Vossa Majestade que-

remos na brevidade Rei, e Senhor nosso; está o ver Vossa Majestade com os olhos de sua piedosa consideração, exaltado, e restituído o divinissimo Sacramento do altar a seus templos no Recife, aonde os muitos desacatos, e os insolentes sacrilégios, têm irritado a divina justiça. E por nenhuma maneira admita Vossa Majestade advertência de que com limitados socorros se faça guerra lenta, porque é conselho de total destruição nossa, em grande prejuízo, e consumição da real fazenda de Vossa Majestade; o que há de vir venha por uma vez, que ainda que tenha despesa com nós darmos o dízimo do que dávamos ao flamengo, não só a satisfaremos muito em breve, mas ainda acrescentaremos em grande parte a fazenda de Vossa Majestade, de cuja real grandeza esperamos remédio, amparo, e restituição; porque senhor pouco damos nas vidas, nas fazendas, nas honras pela obediência de leais, e fiéis vassalos de Vossa Majestade. Mas católico, e piedoso Rei nosso, está nesta dita Província de Pernambuco, muito ofendida, e impedida a verdadeira lei de Jesus Cristo, e muito semeada a cizânia das seitas de Calvino e Lutero com tanto excesso que lançaram muitas cartilhas de sua herética doutrina, e se acharam nas mãos de muitos meninos, e o que toca à honra de Deus não sofre respeito humano, e assim com toda a submissão prostrados aos pés de Vossa Majestade, tornamos a pedir socorro, e remédio com tal brevidade, que nos não obrigue a desesperação Pelo que toca ao culto divino, a buscar em outro príncipe católico o que de Vossa Majestade esperamos.

Esta é a cópia de verbo ad verbum do Manifesto, e carta, que aquele povo de Pernambuco, tão oprimido dos tiranos holandeses, mandou a Portugal a Sua Majestade El-Rei Dom João o Quarto deste nome; porém porque os moradores desta Província deixaram muitas coisas em esquecimento, que largamente puderam fazer este Manifesto mais manifesto, pois todas elas são públicas, e notórias, e já que eles as deixaram ficar sem relatá-las por não serem molestos em tanta escritura, e se fizeram imitadores dos segadores de Booz, que por permissão do varão ilustre seu amo deixaram por indústria ficar por detrás das costas muitas espigas e paveias de trigo; quero eu aqui fazer ofício de Ruth, in c. 2. num. 4, e irei apanhando estas espigas, e paveias, e quero aqui escrever as tiranias, que no Manifesto não se relatam, para que o mundo todo saiba, e conheça a muita razão, e a força da necessidade, e aperto que obrigou aos moradores da

Capitania de Pernambuco para tomarem as armas, e tratarem de sua liberdade.

Virgem sem par, puríssima María,
Vosso favor me dai, para que cante
o furor, a ambição, e tirania
Dos depravados monstros de Levante:
Mas porque seu rigor, e aleivosia
Aos cristãos reis, e príncipes espante,
Quero escrevê-lo em prosa, mas de modo
Que só de o ler se admire o mundo todo.

Como a intenção dos tiranos holandeses não era outra senão dissipar, e destruir a Provincia de Pernambuco, e parar de sorte aos moradores dela, que lhes não ficasse coisa em que por olhos para que ou forçados da necessidade despejassem a terra, e fossem buscar para viverem outras estranhas, ou constrangidos das muitas crueldades, e traições, lhe entregassem todas suas fazendas, e havendo de ficar na terra fossem mais que cativos, e escravos, trabalhando de dia, e de noite, não para si, senão para seus inimigos; tanto que se viram senhores absolutos de toda a terra, deram suas diabólicas traças, debaixo de um rebuçado engano, para irem adquirindo a si, com suavidade todo o dinheiro, fazendas, e substância dos miseráveis moradores, aos quais haviam assegurado os ânimos com passaportes, e salvo-condutos, para que os fizessem crer, que lhe haviam de guardar justiça, e lealdade, e conservá-los em boa paz, e assim tirassem a público para seu trato, e meneio algum dinheiro, se o tinham enterrado, que era a caça a quem eles tinham o laço armado, e logo ou por traças, ou por tiranias, lhe usurpassem tudo (como de efeito fizeram) ordenaram dois Concelhos de Justiça, e Politico, um ao outro subordinado; no primeiro do qual se apelava para o segundo; puseram oito juízes anuais, a saber quatro flamengos, e quatro portugueses, aos quais chamava escabinos, com todos os mais oficiais portugueses e flamengos, tantos de uma parte, como da outra, para se decidirem as causas dos moradores e do Concelho político que era o a quem se ia por apelação, e agravo, todos eram holandeses. Os juízes eram nove, a saber: cinco flamengos e quatro portugueses.

A pessoa que nestes Concelhos queria pôr alguma coisa, primeiramente havia de dar meia pataca para se lhe

receber petição, e as petições, e ações que faziam, forçosamente para se lhe deferir, as haviam de levar escritas em língua flamenga, e para isso (suposto que os mais dos ministros entendiam, e falavam a língua portuguesa) tinham ordenados certos oficiais, os quais trasladavam as petições dos portugueses em flamengo, e levavam por cada uma pataca: e logo iam os gastos tão excessivos que se um português queria cobrar de outro dez cruzados, que lhe devia, primeiro ele havia de gastar vinte, e o que devia gastava quarenta, porém há de se advertir, que o devedor, se dos dez cruzados que devia dava de peita cinco aos holandeses, logo se lhe dava absolvição plenária, e assim muitos deixavam perder suas dívidas, por não gastarem muito mais, que o que se lhes devia, e no fim das demandas saíam com todas as custas às costas.

E porque pode aqui replicar qualquer curioso, perguntando a razão porque os juízes portugueses não acudiam a atalhar estas injustiças? A isto respondo que ainda que no inferior Concelho eram quatro portugueses, e cinco holandeses, todavia os portugueses, como moravam em diversas partes em suas fazendas, raramente se ajuntavam todos, e os holandeses sim, porque todos moravam no Recife, e dado caso que se ajuntassem todos como a coisa ia por votos, sempre os holandeses prevaleciam, porque tanto que eles se inclinavam a uma parte não havia remédio, senão dar-se a sentença, por quem eles queriam, porque quando os portugueses replicavam, e a causa ia apelada, ou agravada para o Concelho político, sempre o parecer dos juízes holandeses saía confirmado; e assim no Concelho não se fazia mais que o que os holandeses queriam, os quais falavam uns com os outros em sua língua, e despachavam como lhe parecia, e davam o papel, ou sentença aos portugueses que assinassem e se replicavam, e a não queriam firmar não importava, porque só com a firma dos flamengos se dava logo à execução, e assim os portugueses, que eram eleitos em juízes, vinham poucas vezes a juntar-se, porque sabiam que os holandeses faziam o que queriam, e que aquele Concelho não era mais que um pêgo profundo de subornos, e uma capa de maldade.

Já se algum homem português trazia demanda com flamengo, saía com as mãos na cabeça, e por mais justiça que tivesse, sempre deixava a pele por as custas; e por não ser mui prolixo nesta matéria, somente referirei dois, ou três casos, para que deles se colijam os outros. Morava na Vár

zea de Capibaribe um homem honrado, lavrador de canas, chamado Manuel Felipe Soares, o qual viu andar no seu pasto um cavalo estranho, e sem dono, seis, ou sete dias, mandou o tomar, e preso em uma corda o levou a Joao Fernandes Vieira, que era o senhor do engenho (em cuja terra ele tinha o seu partido) e servia atualmente de juiz ordinário, e lhe disse que aquele cavalo andava no seu pasto sem se saber seu dono, e que mandasse dispor dele, como lhe parecesse, porquanto poderia ser de algum flamengo, e nao queria trabalhos, nem baralhas com flamengos, que de manos a boca, sem outra prova, lhe poderiam achacar que o havia furtado, só a efeito de o destruir de todo o ponto, ao qual respondeu Joao Fernandes Vieira, que o mandasse apregoar por as freguesias e que quando lhe não saisse dono, o levasse ao escolteto flamengo, a quem pertencia o dispor das coisas perdidas; assim o fez o dito Manuel Felipe Soares, e tirou certidões dos vigarios das paróquias de como haviam apregoado o tal cavalo nas estações, declarando os sinais que tinha, e que lhe nao havia saido dono; e com estas certidoes o levou ao escolteto chamado Paulo Antônio Damas, e lh'o entregou; e o dito escolteto lh'o tornou a entregar na mão, dizendo-lhe que não tinha estrebaria para o ter, porém que o fosse entregar de sua parte a João Fernandes Vieira, para que o deixasse andar nos seus pastos, para o que lhe deu uma carta para o dito João Fernandes Vieira o deixar andar no seu pasto, até que o dito Escolteto Paulo Antônio Damas dispusesse dele, e ao dito Manuel Felipe Soares deu um escrito por o qual o havia por desobrigado do dito cavalo, e confessava como lh'o havia apresentado, e juntamente assim mais se obrigava a defendê-lo em juízo, e fora dele de todo o mal que em algum tempo lhe pudesse vir sobre a matéria do dito cavalo.

Tornou Manuel Felipe a trazer o dito cavalo, ou rocim (porque era cavalo de campo, e não de estrebaria) e entregou-o com a carta do escolteto a João Fernandes Vieira, o qual o mandou soltar, e deitar por um escravo seu nos pastos de seu engenho aonde andou mais de um ano sem lhe sair dono, nem o escolteto dispor dele; sucedeu no fim deste tempo, que vieram chamar ao dito Manuel Felipe Soares para ir curar um enfermo, que estava muito mal na Barreta (que era o ofício em que se ocupava) e por ir com mais pressa pediu a João Fernandes Vieira lhe mandasse emprestar um cavalo porquanto estava ali em sua casa, e podia fa-

zer demora, e perigar o enfermo por a tardança, que poderia haver enquanto ele mandava buscar o seu ao partido aonde morava; e João Fernandes Vieira mandou por um negro tomar o cavalo sem dono, que andava no seu pasto, e o mandou selar, e enfrear, e disse a Manuel Felipe Soares, que fosse nele àquela distância de uma légua, que era o comprimento da jornada, e que quando tornasse o mandasse soltar no pasto aonde andava. Em hora que não devera fez Manuel Felipe a jornada, porque um flamengo taverneiro, que morava na Cidade Maurícia, o encontrou no cavalo, e perguntando-lhe quem lhe havia dado o tal cavalo, ou de quem o havia comprado, Manuel Felipe lhe contou tudo o que havia passado com o dito cavalo, e como havia mais de um ano que andava nos pastos de João Fernandes Vieira por ordem do Escolteto Paulo Antônio Damas.

Calou-se o flamengo, e no seguinte dia mandou citar a Manuel Felipe por o dito cavalo, e por os alugueres dele de todo o tempo que o havia perdido; e o flamengo taverneiro era sargento da companhia do Conde de Nassau João Maurício, e chamava-se Chifaen Snider. Acudiu Manuel Felipe à audiência no dia sinalado, e levou consigo as certidões dos vigários de como haviam apregoado o dito cavalo em três estações nos dias de festas, e escrito do escolteto, por o qual o dava por desobrigado, e a certificação de João Fernandes Vieira de tudo o que havia sucedido; e não obstante isto tudo, e o confessar o dito escolteto que tudo o que o português dizia era verdade, os juízes flamengos aceitaram a acusação do flamengo, e mandaram-lhe que corresse a causa por os termos ordinários. O taverneiro acusou ao português de ladrão, e pediu a restituição de seu cavalo, e duas patacas de aluguel por cada dia desde o tempo que lhe havia faltado E finalmente que fosse o português castigado pelo crime de ladrão. Correu a causa, e os juízes flamengos, quando Manuel Felipe, ou seu procurador apareciam nas audiências, não tratavam na causa por mais requerimentos que o dito Manuel Felipe fazia, antes sempre buscavam escusas, e ocupações fantásticas para não tratarem da causa, e no dia que o dito Manuel Felipe, e seu procurador não apareciam, então tomavam nas mãos a causa como à revelia. Em resolução depois de fazerem gastar ao dito Manuel Felipe muito dinheiro em justificações, réplicas, e tréplicas, que os flamengos juízes lhe mandavam fazer, no fim o condenaram que pagasse tudo o pedido por o taverneiro, e sobretudo fosse

preso por culpa de ladrão, e para se ver livre das mãos destes lobos carniceiros, se meteu de permeio Gaspar Dias Ferreira, e o dito Manuel Felipe pagou por conveniência por a bolada do rocim duzentos e oitenta mil réis, e deu graças a Deus quando se viu desembaraçado das mãos dos flamengos; os quais nos três dias seguintes depois de feito o pagamento, fizeram todos uma festa em casa do taverneiro, aonde se emborracharam, bebendo de dia, e de noite, e não saíram da dita taverna, senão foi para alguma necessidade corporal

Mandaram os flamengos fazer uma ponte, que atravessava o rio Capibaribe da Cidade Maurícia para o Recife. por escusar o grande incômodo que havia de passar em batéis de uma parte para outra, e até o meio do rio, que se fez de pilares de pedra de cantaria, custou por contrato noventa mil cruzados, e a outra metade se fez de pilares de pau mui grossos, e fixos, e de tal casta, que não apodrece a tal madeira na água, mas antes reverdece, a qual madeira se chama Baibiraba. Esta ponte se fez à custa de todos os moradores com palavra dada que a passagem seria livre, e para isso fintaram a todo o povo a um tanto por cada casal e todos contribuíram para a fábrica dela; e tanto que os do Concelho supremo viram a ponte acabada, mandaram-lhe fazer portas de uma, e outra parte, e puseram nelas soldados de guarda, e puseram premática que todas as pessoas brancas, que passassem por a ponte, pagassem por cada cabeça duas placas à entrada, e outras duas na outra porta quando tornassem, e que os negros pagassem uma placa, e que os que passassem a cavalo pagassem quatro placas, e os carros dois reales, e puseram pena que ninguém passasse de uma para outra parte em batéis, e ficaram livres desta lei os soldados holandeses, e todos os oficiais de seus concelhos, e os mais ministros da guerra, e justiça, e governo político; e como o trato do comprar, e vender, e os tribunais do governo estavam repartidos no Recife, e na Cidade Maurícia, e havia pena que ninguém passasse em batéis, senão pela ponte, sempre a ponte estava tão cheia de gente, que ia, e vinha, que parecia carreiro de formigas, e tiravam os holandeses daqui grande ganância de dinheiro, de maneira que os moradores pagaram os custos da ponte, debaixo de promessa que teriam a passagem livre, e ela acabada logo lhe puseram às costas a lei inviolável de pagarem a passa-

gem com a cobiça, e ambição de adquirirem tudo para si Cada três placas valem um vintém.

Tinham os holandeses necessidade de fazer armazéns de farinha, porque tinham notícia de que vinha uma armada nossa do Reino, e queriam estar aparelhados, e juntamente mandar farinha para sustentação de seus soldados que tinham em Angola, na Mina, e em S. Tomé, e para isso mandaram pôr taxa na farinha em Pernambuco para se lhe vender a eles por um preço baixo, e aos moradores por outro mais alto, e com esta traça foram comprando toda a farinha, que na terra havia, deixando aos moradores morrendo de fome, e fazendo esta queixa desta disparidade, e da miséria em que a terra se ia pondo por este caminho; o remédio que lhe deram foi que fizeram uma lei sob graves penas, que cada morador de Pernambuco plantasse cada ano nos tempos das plantas, que é em setembro, e janeiro, um certo número de covas de mandioca, segundo os escravos que cada um possuísse, e que destas covas de mantimentos me dariam os moradores razão todas as vezes que lh'as pedissem para sustentação de seus soldados, e replicando-lhe os moradores que os mais deles não tinham terra donde plantar porquanto as roças não se podiam fazer senão em terras para isso acomodadas, e replicando os senhores de engenhos, e lavradores de canas-de-açúcar, que nunca em sua vida fizeram roças, e só tratavam de beneficiar o açúcar, e que o mantimento era costume o comprarem-no aos lavradores de farinha; e replicando os oficiais que seu ofício não era plantar, e que nas repúblicas bem ordenadas cada um tratava de seu ofício para ganhar sua vida, todavia os do Concelho os não quiseram ouvir, antes vendo ali uma porta aberta para suas tiranias, acrescentaram a esta lei que todos os moradores fossem obrigados a ter cada um seu meio alqueire de pau afilado por oficiais que eles ordenaram sob graves penas, tomando por achaque que queriam que a cada um se desse o seu, e que o que vendia não enganasse ao que comprava, e o que comprava, soubesse que o não enganava o que lhe vendia, e outrossim mandaram que todos os moradores do campo, e matos, consertassem os caminhos das terras aonde viviam, para que os seus ministros não tivessem trabalho quando fossem por suas casas; e o caso era que isto faziam para tomar achaques de condenar, e roubar aos moradores com capa de seu governo.

Isto feito saíam seus escoltetos cada seis meses pelos campos, e matos, com outros ministros de justiça; e chegavam as casas dos moradores, e nenhum havia que não ficasse condenado em dinheiro, ainda que tivesse feito milagres no cumprimento de suas prematicas; e os escoltetos todas as condenaçoes que faziam eram para si, e dali davam metade aos do Concelho, segundo suas diabólicas mancomunações, e como os escoltetos condenavam sem apelação, nem agravo, para outro superior, alargavam a mao, e a boa-vontade, segundo lhes parecia; e nao tratando das tiranias que os escoltetos das outras vilas, e povoações fizeram aos moradores, que foram extraordinarias. Só quero aqui relatar as que fez o Escolteto Paulo Antônio Damas, no distrito do Recife (aonde assistia o Conde de Nassau João Maurício, que atalhava alguns desaforos) para que daqui se colija o que iria por as outras partes mais distantes.

Saiu o escolteto do Recife com outros ministros da Câmara por as casas dos moradores, dizendo que ia crestar suas colmeias, e deixando assolados os moradores da Várzea de Capibaribe, Apipucos, e Barreta, e distrito da vila de Olinda com uma 'ánngável composição, que com eles fez, de que cada morador lhe desse um tanto preço de dinheiro por não entender com eles, e fintando-os a cada um, segundo suas posses, e contribuindo os ditos moradores com a quantia que lhes pediu, por se verem livres de sua ira, e furor; entrou nas freguesias de Santo Amaro, e São Lourenço, e as abrasou com tirânicas condenações, porque aos que não achava compreendidos na prematica da planta das roças de mandioca, os condenava por não terem meio alqueire, e afilados, e se os tinham, dizia que a afilação era falsa, e os que achava por aqui livres, os condenava por não terem os caminhos bem plainos, e preparados, e quando por aqui não achava porta aberta para executar sua ambição, buscava outros apeguilhos por onde todos, altos, e baixos ficaram condenados; e ajuntou nestas duas freguesias mais de quinze mil cruzados, deixando aos moradores delas com as lágrimas nos olhos, e com a mágoa nos corações.

Chegou à casa de Manuel de Oliveira, e sabendo que um filho seu tinna um cachorro de caça, com o qual tomava veados, antas, e pacas, e outros animais silvestres, que no Brasil se comem, lhe disse que lhe mostrasse o seu cão de caça, e respondendo-lhe ele que já o havia vendido por doze mil réis a um seu amigo, o escolteto replicou que não obstan-

te isso o mandasse logo vir ali, ou mandaria preso para o Recife; vendo isto o mancebo foi distratar o preço do cachorro, e tornando a dar os doze mil réis ao que lh'o havia comprado, trouxe o cachorro diante do escolteto, o qual tanto que o viu disse ao mancebo estas palavras: *Vós sois fidalgo para poder ter cachorro de caça? Ora condenado em doze mil réis*, e lhe tomou o cachorro, e o deu a Antônio Cavalcanti, que ia em sua companhia, com o qual era como a unha, e a carne junto em amizade.

Chegou à casa de uma mulher pobre, que vivia de esmolas, e donde não podia tirar proveito por o caminho da quebrantação das prenáticas, e sabendo que a pobre mulher não tinha coisa em que pôr olhos, lhe pediu um púcaro de água, a pobre velha lhe trouxe a água em um coco por não ter outra coisa em que lh'a dar, ele vendo o coco, depois de beber disse: *E vos sois descortês, que não tendes um púcaro novo para dar de beber ao escolteto da ilustre Companhia, e com tão pouco pejo lhe dais água em um coco? Ora condenada em dez cruzados*. E não houve remédio para se ir dali até que um fiel cristão, vizinho da pobre velha, compadecido de ver suas lagrimas, e ouvir suas lástimas, foi à sua casa, e trouxe os dez cruzados, e os deu ao escolteto, e então se foi.

Chegou à casa de um ferreiro, o qual era tão pobre, que nem um negro tinha para o ajudar a trabalhar, e se servia com um alugado para lhe tanger os foles, e fazer o carvão, e perguntou-lhe se tinha meio alqueire afilado, ao que o ferreiro respondeu: *Senhor, eu para que hei de ter meio alqueire?. Para medir o ferro? Eu não compro, nem vendo, e a farinha, que como, m'a dão os lavradores por conta de ferramenta, que lhe faço*. E o escolteto o condenou em seis mil réis, dizendo que tinha obrigação de ter medida para ver se o enganavam, ou não; e logo pôs ali os seis mil réis, porque se viu agarrado por os soldados, que o escolteto levava consigo.

Chegou à casa de outro homem pobre, oitamado Pedro de Bastos, o qual não tinha mais que um negro de seu, o qual sabendo que o escolteto vinha, foi com o escravo, e aplainou o caminho da testada de sua casa, com a palma da mão, e sobre isto o varreu com uma vassoura; e chegando o escolteto o saiu a receber com alegre semblante, e lhe disse: *Vossa Mercê não tem aqui que fazer nesta casa, porque o caminho eu o preparei com minhas mãos, e o varri*,

como vossa mercê o tem visto. Eu tenho meio alqueire ajilado, e tendo obrigação de plantar mil covas de mantimento, tenho plantado mil e quinhentas, pelo que vossa mercê não tem aqui em que pegar. Ao que o escolteto respondeu: *E a vós quem vos deu licença para plantardes mais covas de mandioca do que a prematica ordena? Ora condenado em dez mil réis; e pagos logo logo, e senão haveis de ir preso;* e pagou-os sem lhe faltar uma placa, de sorte que por aqui, ou por ali, nenhum ficou nestas freguesias que não fosse condenado na bolsa, e ajuntou nelas o dito escolteto mais de quinze mil cruzados.

Vendo-se os moradores tao aperriados vieram todos de mão comum com uma petiçao ao Conde de Nassau Joao Mauricio, para que remediasse tao grande tirania, e crueldade, o Conde lhe respondeu, que ele poria logo remédio nisso, e castigaria tao grande maldade, e lhes mandaria restituir o que lhe haviam usurpado, e que no seguinte dia acudissem todos à porta do Concelho da Câmara; pareceu-lhe a estes moradores que tinham seu negócio bem parado; e para mais segurança de seu bom despacho, foram buscar a Gaspar Dias Ferreira à sua casa, e depois de lhe manifestarem suas lástimas, lhe pediram que pois tanta entrada tinha com o Conde de Nassau, os apadrinhasse para com ele naquela tribulação em que se viam; ele prometeu de o fazer, e naquela tarde foi falar com o Conde, e com o escolteto, e falou o que lhe pareceu mais conveniente à sua privança, e estando no seguinte dia todos os moradores esperando por o bom despacho à porta do Concelho da Câmara, aonde estavam os juízes escabinos, e o escolteto, entrou Gaspar Dias dentro, e dentro em um breve espaço de tempo saiu à varanda, e disse aos aflígidos moradores estas palavras: *Sua Excelência tinha determinação de castigar a vossas mercês mui asperamente por o atrevimento, que tiveram em vir fazer queixas dos ministros da justiça, porém esta lhe perdoa por ser a primeira, não se atrevam a fazer outra semelhante, e vão-se logo para suas casas.* Tornaram-se os miseráveis moradores mui confusos, e tristes para suas casas, dizendo mal de suas vidas e pedindo justiça ao céu; e o pior é, que falando depois disto algumas pessoas com o Conde de Nassau sobre esta matéria, respondeu ele: *Já mandei pôr remédio nessa maldade, e que se tornasse aos moradores o seu dinheiro.* Porém o dinheiro não o tornou o escolteto a dar, nem os moradores quiseram apertar com o negócio, por puro

temor, e medo dos holandeses, porém conjeture daqui o pio leitor o quanto estes pobres granjearam de favor na pedreira que foram buscar para seu remédio, e os caminhos por onde se ia precipitando a Província de Pernambuco.

Como estes leões vorazes determinavam destruir de todo o ponto aos moradores desta Província, e fazer-se senhores absolutos de suas fazendas, vendo que os senhores dos engenhos embarcavam nas frotas, que iam para Holanda algumas caixas de açúcar, para que de lá em retorno lhe viesse provimento para fornecer seus engenhos, e suas casas, ordenaram uma diabólica traça que nenhum morador desta terra embarcasse csixa siguma, e só eles fossem os que embarcassem, e tudo lhes corresse por as mãos, e esta foi que puseram tantos tributos sobre as caixas que se embarcavam dos moradores, que por respeito dos gastos, nenhum ousasse a embarcar ou perdessem tudo o que êmbarcavam. Primeiramente os que mandavam caixas ao Recife em carros, logo à porta lhe saía uma tropa de mariolas, a quem eles tinham dado o tal ofício, chamadcs trabalhadores, os quais traziam carros de mão, por os quais puxavam com cordas, e tirando as caixas dos carros dos moradores as punham nos sens, e as levavam à praça do mar, levando dois reales por cada caixa; logo levavam um tanto da balança, aonde se pesavam; logo outro tanto ao armador da tara, e alvidrador do peso, que podia ter a madeira de que a caixa era feita; logo um tanto da entrada, e outro tanto da saída; logo um tanto de avarias, e outro tanto da licença para poder embarcar; logo um tanto do tributo, a que chamam recognício; logo um tanto de uns panos breados, com que estas caixas se cobriam enquanto as não embarcavam, por estarem resguardadas das inclemências do tempo; logo outro tanto aos trabalhadores que as chegavam a bordo; logo finalmente os fretes que eram excessivos; e assim era necessário embarcar um morador seis caixas para lhe chegar uma livre a Holanda, e ainda esta davam suas ordens para que em Holanda se vendesse a arroba de açúcar dos particulares, três e quatro grossos menos que as da Companhia, e assim tanto foram perdendo os moradores, até que se vieram a desenganar já em tempo que estavam perdidcs de remate: e assim postos em cerco, e obrigados da necessidade, por não perderem de remate seus açúcares, os vendiam no Recife aos oficiais da Companhia por mui baixo preço, e como eles queriam, e desta sorte ficavam senhorcs de tudo.

Se algum senhor de engenho devia alguma coisa aos da Companhia, lhe mandavam pôr olheiros em seus engenhos, os quais não lhe deixavam tirar nem uma arroba de açúcar para fazer doces para os enfermos, senão que tudo lhe levavam, e sobretudo lhe sustentavam os olheiros em quanto a safra durava: e quando os senhores de engenho não lhe podiam pagar toda a dívida, porque não chegavam seus açúcares à quantia, tomavam os holandeses o açúcar dos particulares lavradores que lhe não deviam coisa alguma, e diziam que cobrassem os lavradores dos senhores de engenho, porque a Companhia havia de ser paga por qualquer caminho que fosse, porquanto estava pobre, e se os lavradores se queixavam que lhe tomavam sua fazenda sem lhe deverem nada, os do governo os ameaçavam, e lhes chamavam cachorros, *esquelmes, e urquent*, que quer dizer, velhacos, infames, e filhos de putas, e assim os pobres lavradores não tinham outro recurso senão levantar os olhos ao céu, e pedir a Deus justiça, e remédio.

Mora um homem honrado no Pau-Amarelo, chamado Gaspar Figueira, o qual por ser lugar despovoado tinha em sua casa um cachorro para sua guarda, e indo uma noite a pescar à praia com seus negros com uma rede, deixou suas negras em casa, com o cachorro; chegaram a ela seis flamengos para o roubarem, e ficando os cinco emboscados, chegou um a vigiar a casa, e saindo o cachorro o mordeu em uma perna, acudiram os cinco, e começaram a fazer bulha, dizendo que iam seu caminho para Itamaracá, e acudiu também Gaspar Figueira com os seus negros, apelidando ladrões, ladrões, porquanto os holandeses andavam de dia, e de noite por as casas dos moradores, e nas que achavam pouca resistência as roubavam, sem haver nisto repreensão, nem castigo de seus maiores; enfim os soldados se tornaram para o Recife, e acusaram ao dito Gaspar Figueira diante do fiscal, porque tinha em sua casa um cachorro que mordia a gente; foi o dito Gaspar Figueira notificado que aparecesse diante do fiscal, e em ouvindo a culpa que lhe impunham, respondeu que era verdade que ele tinha em sua casa aquele cachorro, e outros para guarda dela; e que pouca necessidade tinham os soldados de ir à sua casa de noite, sendo fora de caminho, e não estando ele em casa, e que o mais certo era que o iam a roubar, como costumavam fazer aos outros moradores, do que havia tantas, e tão contínuas queixas, sem emenda, nem castigo; e se não que mostrassem os ditos sol-

dados a ordem que levavam de seus maiores para irem por aquela paragem de noite, e que esta ordem a haviam de mostrar sem se sair daquela casa, porquanto podiam ir a fingir uma falsa, como muitas vezes fingiam, ou seus capitães lh'as davam, porque iam forros, e a partir com os furtos, que eles faziam, e que sendo caso que se lhe desse culpa de ele Gaspar Figueira ter cachorro em casa que mordia; a isto respondia que tinha nele um soldado de guarda, pois não se lhe permitia o ter armas ofensivas, nem defensivas, e que por isto dava de comer ao cachorro para que ladrasse, e despertasse a gente de casa, quando a ela chegassem ladrões; e que se o cachorro tinha cometido crime em morder ao ladrão, que ia roubar a casa, que ele dito Gaspar Figueira não tinha mais obrigação que de entregar o malfeitor nas mãos da justiça, para ser castigado, e assim ele trazia ali o cachorro para que o mandassem enforcar, se o merecia, ao que o fiscal respondeu: *Vós haveis de ser o enforcado, pois dais tantas razões*. Logo chegaram outros flamengos tão infames como o fiscal, e fingindo apadrinhar o negócio, fizeram com o fiscal que se abrandasse; e em remate de contas foi condenado Gaspar Figueira em vinte mil réis para as despesas da justiça, e em dez cruzados para a parte, e deu um copioso presente ao fiscal para que se aquietasse.

Na povoação do Arraial velho mora um português, chamado João de Matos, o qual vendia em sua casa fazendas secas, e molhadas, de comer, e beber. Chegou a sua porta um flamengo a cavalo com outros companheiros, e pediu um quartilho de vinho, que é quase uma canada de Portugal, e bebido aquele com seus companheiros, pediu outro, e outro, e sobre um pouco de pão, e manteiga, foi bebendo, e pedindo vinho, que fez soma de dois cruzados, e como se foram esquentando pediu mais, e dizendo-lhe o dito João de Matos que lhe pagasse primeiro o vinho, que tinha bebido, e então lhe daria mais, porque não queria contas com flamengos; o flamengo tirou um anel de ouro do dedo, e lh'o deu de penhor; pareceu-lhe a João de Matos que o anel poderia valer até dois cruzados, e isso não obstante lhe deu mais um cruzado de vinho; e pedindo o flamengo mais vinho, lhe respondeu João de Matos que o não tinha, disse então o flamengo, que lhe desse o seu anel; sobre não o hei de dar, sim o has de dar, ajuntaram-se os vizinhos, e houvera de haver uma bulha pesada. Foi-se o flamengo com os camaradas, e no seguinte dia mandou citar a João de Matos

por um anel de ouro, que lhe havia furtado; apareceu João de Matos diante dos juízes flamengos com as testemunhas que se haviam achado presentes ao caso, e não obstante isso foi condenado João de Matos que restituísse o anel ao flamengo, e pagasse quatro mil réis das custas, e usaram com ele desta moderação, porque se meteu de permeio Lourenço Guterres morador nos Apipucos, o qual ameaçou aos flamengos, que havia de ir fazer queixume daquela maldade ao Conde de Nassau João Maurício.

Marcos Alures morador na povoação de S. Lourenço, devia a um mascate flamengo quinze mil réis de fazenda, que lhe havia comprado fiado por um mês, e para isso lhe passou um crédito. No fim do mês veio o flamengo, e recebeu o seu dinheiro, e passou uma quitação de como estava pago, e satisfeito; daí a alguns dias o dito flamengo o mandou citar por os mesmos quinze mil réis; acudiu Marcos Alures à audiência, e apresentou a quitação, e testemunhas de como havia pago, e os juízes o mandaram que se tornasse para sua casa, e que se lhe faria justiça; não teve ele bem vindo para sua casa, quando dentro em três dias chegou um ministro da justiça com soldados, e com uma sentença na mão, pela qual se mandava que lhe fizessem a execução por os quinze mil réis da dívida, e por vinte e quatro de custas, e despesas, e quatro mil réis para os oficiais que iam a fazer a diligência; e pagou tudo; e se fora a replicar houvera de ser preso, e castigado na pessoa, e fazenda.

O Pe. Melchior Manuel Garrido, vigário da freguesia de S. Antônio do Cabo, sacerdote de mais de setenta anos de idade, veio um dia ao Recife a pagar quarenta mil réis de um negro que havia comprado, e passando por uma rua viu dentro em uma taverna estar cinco, ou seis flamengos comendo, e bebendo, os quais tanto que o viram saíram à rua, e o fizeram entrar na taverna, e o brindaram com uma vez de vinho, e logo deram sobre ele, e lhe tomaram os quarenta mil réis que levava, e outras patacas para seu gasto, e lhe tomaram o barrete, e o encheram de punhadas, e coices, e gritando ele acudiram os vizinhos, e outra gente que passava por a rua, e querendo fazer prender os ladrões, o dono da taverna pôs em pés de verdade, que o dito padre lhe estava solicitando sua mulher para dormir com ela, e começou a requerer que o prendessem, e castigassem, e visto por o dito padre tão grande maranha, e maldade, se veio sem dinheiro, e com muitas pancadas, e se tornou para sua casa, e

os flamengos, tanto que viram que o padre não ia a fazer queixume aos do supremo Concelho, se ficaram com o dinheiro, e fazendo muita festa, e galhofa.

Dest'arte usavam estes malditos, que vendo passar por as ruas aos portugueses os convidavam a beber, e chamavam outros seus camaradas, e tanto que os pobres forasteiros bebiam uma vez de vinho, lhe faziam pagar na taverna tudo quanto eles flamengos tinham comido, e bebido aquele dia, e o antecedente; e isto mesmo sucedeu a Marcos Alures, sapateiro, morador nos Apipucos, e a outro português chamado o Montante, que por uma vez de vinho de França, que lhe deram com uma fatia de pão, e um pedaço de carne assada, lhe fizeram pagar à taverneira oito mil réis.

Mandaram os do supremo Concelho publicar editais, e pregá-los nas portas das igrejas, sob graves penas, que nenhum português morador na Capitania de Pernambuco, fosse ousado não somente a vender carne, mas nem ainda a matar rês nenhuma para comer em suas casas, sem licença dos ministros da Câmara, e não somente compreendia este edital as reses maiores, como boi, vaca, porco, carneiro, ovelha, bode, ou cabra, senão também um leitão, que fosse, de maneira que os moradores haviam de criar o gado, e não haviam de ser senhores de matar uma rês para comerem, e a haviam de vender em pé aos carniceiros flamengos por baixo preço, e ao depois comprar-lhe a carne aos arratéis por o preço que os do Concelho ordenavam, e se algum morador queria matar alguma rês para sua casa, primeiro havia de haver licença dos do Concelho, e pagar de tributo aos carniceiros flamengos mil réis por cada cabeça de boi, ou vaca, e um cruzado por cada rês miúda, de sorte que não eram os pobres moradores senhores do seu, senão os flamengos, e porque Pedro Gomes morador no Arraial velho, achou um seu boi manso, que os negros do mato tinham já jarretado para lh'o comerem, o acabou de matar por não se lhe perder carne, não obstante que o matou com licença de Cosmo de Crasto Passos, que servia de juiz; todavia o escolteto o mandou prender, e o pôs em termo de ser açoitado na praça pública. Valeu-se o homem do Conde de Nassau, o qual lhe deu perdão da culpa por ser a primeira vez, e lh'o deu por escrito, e depois de lh'o ter dado, e apresentado em Câmara, acudiu o escolteto e Gaspar Dias Ferreira seu grande apaniguado, e resolveram a causa, de sorte que o dito Pedro Gomes não foi solto da cadeia senão depois que pagou ao escolteto oitenta dobrões de pena.

Deram os soldados holandeses em sair em quadrilhas de dez e vinte, por as casas dos moradores, e as roubavam, e salteavam aos portugueses que iam por os caminhos, e não havia quem se desse por seguro, e depois de estarem cheios de dinheiro, e fazenda, se metiam por os matos, e mandavam pedir perdão de suas culpas, e os do Concelho lh'o concediam por o que lhes cabia de proveito destas ladroíces, e tanto que estes ladrões se recolhiam para o Recife, saíam outra, e outras quadrilhas do mesmo Recife, como das outras povoações, aonde os holandeses tinham seus quartéis, e corpos de guarda, e não havia casa de morador que não roubassem, criação que não matassem; e sobretudo isto injuriavam de ruins palavras aos portugueses, e os espancavam, e feriam, e alguns mataram, e a escusa que davam era que morriam de fome, e que os senhores da Companhia não lhe pagavam, nem lhe davam de comer, e lhe mandavam que furtassem por onde pudessem.

Vendo-se os moradores de Pernambuco tão aperreados, e tiranizados, e que já não lhes restava mais, que o dar em desesperação, começaram a tratar de seu remédio, para sequer, escaparem as vidas das mãos destes tiranos, ou pelo menos defendê-las à custa de seu sangue, e para isto foram muitos ter com João Fernandes Vieira, como ao primeiro homem de Pernambuco, e lhe deram conta de sua determinação, o qual lhes respondeu, que considerassem bem o negócio, e guardassem segredo, e que de sua parte estivessem certos que os havia de amparar, e ajudar com a pessoa, fazenda, gente de seu serviço, e com o sangue, e vida, e daqui se começou a principar a fação da aclamação da liberdade, como se dirá no seguinte capítulo.

Cessem Sirenas das cerúleas ondas,
As Ninfas do dourado Tejo ameno,
Fingidos Camilotes, e Maimondas,
As memórias do Xanto, Tigre, e Reno
A fama do tebano Epaminondas,
Enquanto do animoso Lucideno,
Peito sagaz, valor, e empresas canto,
Reparo do Brasil, do inferno espanto.

Soberana Donzela Palestina,
Das Mães Virgens, a última, e primeira
Estrela de Jacob, pompa divina,

Que o ramo nos trouxestes da oliveira,
Daquela sacra fonte cristalina,
De quem vos fez o Verbo a dispenseira,
Uma gota me dai para que espante,
Com minha voz os monstros de Levante.

Uma chama me dai daquele fogo,
Que a alma vos abrasou, quando donzela
Obedecendo a Deus, ficastes logo
Casa de eterno sol, sendo uma estrela;
De Lucideno (se escutais meu rogo)
Farei que recebais uma capela
De lírios brancos, e encarnadas rosas,
E de outras mil boninas graciosas.

Se vós me dais favor Virgem Sagrada,
Rainha natural do céu sereno,
Os ramos da vossa árvore prezada
Plantarei sem temor, em prado ameno,
E serão defendidos com a espada
Do nobre, e valeroso Lucideno,
A quem deu vida a ilha da Madeira,
Das ocidentais ilhas a primeira.

No meio da multivaga morada,
Aonde se assenta a corte netunina,
Está uma grande ilha celebrada
Por rica, fértil, fresca, e peregrina,
Com canaviais doces cultivada,
Dos quais a humana indústria, e arte ensina
A tirar doce açúcar, tão gostoso,
Quanto para os viventes proveitoso.

Colhe-se muito trigo em seus outeiros,
As vinhas são sem número, seus prados
Em hortas, e jardins são os primeiros
Que podem ser no mundo nomeados;
Vacas, cabras, ovelhas, e carneiros,
São nesta terra muitos, e estremados,
Sem número os coelhos, e perdizes,
Galinhas, pombas, rolas, e cordonizes

O mar é ali tão fértil de pescado,
E vai naquela ilha tão barato,
Que o que na pescaria anda ocupado

Não pode medrar muito neste trato;
Pode ser um convento sustentado
Com bem provido, e abundante prato
Com a soma de peixe, que lhe dão
Por dois reales, ou por um tostão.

Chama-se esta ilha da Madeira,
Por seus copados, e altos arvoredos,
Terra montosa, e alta de madeira,
Que ao céu chegar parecem seus rochedos;
A gente que ali chega forasteira,
Mostram-lhe os moradores rostos ledos,
Porque a gente, que habita nesta terra,
Valor, honra, e primor no peito encerra.

Uma cidade ilustre, edificada,
Na enseada está daquela ilha,
De castelos, e muros rodeada,
Que parece uma nova maravilha;
Por três partes com rios é regada,
E a temores, e medos não se humilha,
Chama-se esta Cidade do Funchal.
Ilha, e cidade, a El-Rei sempre leal

Nesta cidade, e ilha foi criado,
De nobre, ilustre, e grave pai nascido,
O sem par Lucideno, e doutrinado
Na Fé de Cristo, e em armas instruído;
Nisto ocupava o tempo, e o cuidado
Dos pueris impulsos retraído.
Até que seu brioso peito forte
O meteu na palestra de Mavorte.

Sua capacidade, e fundamento,
A sublimes empresas o inclinava,
No coração sentia um movimento,
Que a mais que a gostos vis o encaminhava,
Jamais trouxe rasteiro o pensamento,
E de o manifestar não se prezava,
Para tratar buscava os generosos
De nome, fama, e honra cubiçosos

Jamais chegar-se pôde aos vadios,
Porque jamais o foram seus cuidados,

Nem o Norte seguiu dos desvarios,
Que os moços, após se leva enganados;
Conversava os de sangue, e altos brios,
De heróica virtude acompanhados,
Consagrando a Mavorte de pequeno
O generoso peito Lucideno.

O leão que é real, sempre nas unhas,
Se deixa conhecer desde pequeno,
E os doutos naturais são testemunhas,
Que jamais apetece a palha, e feno;
Formoso Délio, um dia quando punhas
O freio ao teu Pégaso, a Lucideno
Viste que em os dois lustros acabando
Foi sua amada pátria atrás deixando.

Olhava aquelas torres, e altos muros,
Que aos de Semíramis sombra faziam,
E aos edifícios raros, e seguros,
Que esta cidade ilustre enobreciam;
E diz (amada pátria) homens maduros,
Para em ti fenecer em ti se criam,
Em ti Minerva, e Marte se ajuntaram,
E com armas, e letras te adornaram.

Porém a mim me guia outro destino,
Que me faz denegar-te o que te devo,
Ausenta-me um primor santo, e divino,
E o amor de subir por norte levo;
Concede-me que viva peregrino
De ti, já que sem ti chegar me atrevo
Por entre os arcabuzes, e os arneses
Ao nome dos antigos portugueses.

Partiu-se Lucideno suspirando,
Da ilha ao apontar da primavera
Quando o sol cristalino, alegre, e brando
Nas aljofradas rosas reverbera;
A face volve atrás de quando em quando,
Como se amor por força o detivera,
Mas ele diz, eu vou seguir a guerra,
E não posso segui-la em minha terra.

E ainda que o pátrio amor me argua,
Que ausentando-me dela lhe resisto,
Responder-lhe-ei, que, Nemo in pátria sua

Profeta acceptus est, como o diz Cristo,
Dei a Marte a vontade, e é já sua,
Desejo em sua escola andar mui visto,
Portanto pátria minha, a Deus, que vejo
Guiado de outra estrela meu desejo.

A Pernambuco chega humilde, e pobre,
(porque quem foge aos pais tem mil desgraças)
Porém como seu sangue é sangue nobre,
Para passar a vida busca traças;
Considera que o ouro, a prata, o cobre,
É o que mais se estima pelas praças,
E assim para buscar a honesta vida,
Serve a um mercador por a comida.

Sai-se do Recife incontinenti,
Por não vir nele a dar a ser magano,
E não ser visto ali da muita gente
Que ia, e vinha da ilha cada um ano;
O coração cercado de ânsias sente,
Um engano o persegue, e outro engano,
Em resolução parte do Recife,
Que não diz bem ser nobre, e ser patife.

Busca a um mercador rico, e honrado,
Que tinha o trato grosso em demasia,
E logo sente o peito afeiçoado
Ao modo agencial da mercância;
Na arte se faz mui destro, e consumado,
Nota as grandes ganâncias que ali havia,
Compra, vende, chatina, e mercadeja,
E aos vizinhos causa grande inveja.

Tenteia o mercador sua verdade,
Com seu procedimento, e condição,
E acha nele tal fidelidade,
Que roubado lhe deixa o coração;
Manifesta-lhe indícios de amizade,
De ânimo grandioso, e afeição,
Fia dele partidas de importância,
Donde em breve tirou muita ganância

E como se mostrou tão pontual,
Em pagar a seu tempo o que devia,
Foi ajuntando grande cabedal,

E lhe fiavam tudo o que pedia;
Dos mercadores grossos cada qual
O buscava, e a todos respondia
Com tal primor, que a todos granjeava,
E os corações, e as almas lhe roubava.

Começou a mandar mil encomendas,
Das drogas do Brasil, por varias partes,
E vinham-lhe os retornos em fazendas
Para da mercância usar as artes;
Teve no que embarcou prosperas vendas
Nos retornos ventura, e bons descartes,
E assim em breve tempo, de mui pobre
Chegou a ser mui rico, sobre nobre.

Vendo-se com tão próspera ventura,
Por não se lhe quebrar a instável roda,
Que no trono aonde sobe nunca atura,
Mas dá na terra com a bonança toda;
Usou da estratagema mui segura,
Que muito ao bem das almas se acomoda,
E a mor parte dos bens, que Deus lhe dava,
Nas esmolas dos pobres a gastava.

Porém Deus que não sabe estar quieto,
Na remuneração dos esmoleres,
Por transversais caminhos em secreto
Lhe foi multiplicando seus haveres;
É divino primor, fixo decreto,
Que os prêmios, as bonanças, e prazeres,
Busquem a quem socorre com cautela
A viúva, a casada, e a donzela.

Nestes ofícios de acudir ao pobre,
E reformar as santas confrarias,
Despendia seu ouro, prata, e cobre
Lucideno entre gastos, e alegrias;
Porém Deus porque a paga lhe redobre
(Como se ambos andaram em porfias)
Lucideno aos pobres ia dando,
E Deus sua fazenda acrescentando.

Chegou a ser senhor de cinco engenhos
Por trato honesto, e justo, e por bons modos

(E ainda que fazendo alguns empenhos)
Moentes, e correntes os viu todos;
Não rompeu tal bonança seus desenhos,
Nem lhe fez a soberba seus engodos,
Mas antes na maior prosperidade
Se mostrou mais humilde de verdade.

Por se livrar dos rígidos enganos,
Com que o mundo costuma atormentar
Os corações dos míseros humanos,
E dar com eles no profundo mar:
Em chegando a idade de trinta anos
(Tempo oportuno para se casar)
Sua filha lhe deu para mulher
O ilustre Francisco Berenguer.

Era este varão nobre, natural
Da forte, e fresca ilha da Madeira
Nascido na Cidade do Funchal,
De estirpe ilustre, clara, e verdadeira;
Este porque conhece o quanto val
O sangue honrado, e nobre de Vieira,
Sua filha lhe dá Dona Maria
Que Berenguer, e César se dizia.

Era este insulano, descendente
Por via masculina, que o abona
Da prosápia, e tronco florescente
Dos Condes da temida Barcelona,
Hoje se vêem seus ramos claramente
No Reino de Valença, onde se entona
Dos Berenguéis a estirpe generosa
Em heróicos feitos tão famosa.

Por parte feminina tem plantada
A raiz nobre, ilustre e conhecida
Na Casa famosíssima de Andrada,
E os condes de Lemos lhe dão vida;
Por seus avós, e pais qualificada
Tem sua geração esclarecida.
Pois dois ilustres condes dos melhores
De sua estirpe são progenitores.

Este seu sogro na famosa empresa,
E determinação da liberdade
Da atribulada gente portuguesa,
Lhe guardou sempre amor, e lealdade;
Homem de siso, e grande madureza,
Amigo de tratar sempre verdade,
Com quem só Lucideno praticava
A perigosa empresa que intentava.

Ambos do Recife se ausentaram,
Primeiro o genro, o sogro mais ao tarde,
E com os nobres da terra praticaram,
Cada qual em furor se abrasa, e arde;
Em ser soldados seus se conjuraram,
Mas conselho lhe dão que se resguarde,
Porque não chegue o belga a entendê-lo,
E trate de matá-lo ou de prendê-lo.

Assim o faz, e no mais denso mato
Por seus escravos mais familiares,
Com quem mui liberal se mostra, e grato,
Mandou fazer humildes tijupares;
De dia aparecia, e tinha trato
Com toda a gente em todos os lugares
Tendo em cada caminho boa espia,
E de noite nos matos se escondia.

Alguns meses viveu neste fadario,
E retirar mandava por amigos
Tudo o que lhe era necessario
Para as mores tormentas, e perigos,
Já mil suspeitas tinha o adversario,
E chamando a alguns seus inimigos
Com mimos, e ameaços lhe arma lousa,
Porque digam do caso alguma cousa.

Vendo-se Lucideno com estado,
E sabendo que tinha Portugal
Um soberano Rei por o céu dado,
Rei da coroa herdeiro natural;
Vendo em Olinda o povo atribulado
Por o belga tirano capital
Tratou de o livrar da morte horrenda
Com sua vida, e ser, sangue, e fazenda.

Façamos pausa aqui, Musa querida,
Vamos por os caminhos ordinários,
Porque a costa do monte é muito erguida,
E tem barrancos mil, e atalhos vários;
Destempera-se a harpa, se é crescida
A tormenta, e os ventos são contrários,
Portanto é bem que um pouco descansemos,
E como descansarmos, cantaremos.

CAPÍTULO II

De como se principiou a aclamação da liberdade, e restauração da Provincia de Pernambuco

Tantas foram as tiranias, crueldades, e exorbitantes desaforos, que os pérfidos holandeses usaram com os miseráveis cativos moradores de Pernambuco, que se se houveram de especificar, e relatar, seriam necessárias uma, e muitas resmas de papel para tão larga escritura, o que visto por João Fernandes, e considerando o miserável estado dos moradores da terra, e que para atalhar a tantas, e tão atrozes crueldades, e tiranias, nao havia outro remédio senão o tomar as armas, e vender as vidas (que só restavam por tiranizar) por preço de sangue derramado, e por a força de braço; começou a deitar suas traças, e maquinar com o pensamento caminhos para poder sair a seguro porto, com o efeito de sua determinação, e honrado propósito, digno de um generoso peito, e para isto foi adquirindo a si todas as armas, que pôde, com toda a sagacidade; dissimulação, e segredo, e outrossim foi comprando muita pólvora, e pastas de chumbo, dizendo que a pólvora era para as festas de fogo que fazia na celebração dos santos, em cujas confrarias servia de juiz, e alguma mandou vir da Bahia secretamente por caminhos desusados dos matos desertos, e foi pondo tudo isto no interior da mata do Brasil em barracas que para isso mandou fazer com muito segredo.

Comprou outrossim grande número de alqueires de farinha, e outros legumes como arroz, favas, feijões, milho zaburro, peixe salgado, e seco, e carne de salé, e de fumo, e mandou fazer disto celeiros no mato, e juntamente meteu nestes ditos celeiros vinho, azeite, e vinagre, e muito sal, e mandou fazer todo o remate de seus engenhos em aguardente, e a foi mandando para a mata do Brasil, aonde tra-

zia muitos escravos a fazer pau do Brasil, com alguns feitores brancos seus criados, homens de confiança, e segredo, e nos carros em que mandava buscar o pau do Brasil, ia mandando todo o provimento que pôde, sem que o holandês tivesse disto notícia; e juntamente forneceu de muitas vacas os seus currais, que na mata tinha, e mandou para lá suas cabras, e ovelhas, debaixo do achaque de dizer que lhe morriam na Várzea de uma herva que comiam, chamada fava, e que não lhe multiplicavam, antes os negros Ardas, e Minas lh'as comiam; e somente deixou nos seus pastos dos engenhos algumas poucas ovelhas para agasalhar os hóspedes que lhe vinham à sua casa.

Sucedeu que neste tempo, que foi no mes de setembro do ano de mil e seiscentos e quarenta e quatro, veio o Tenente André Vidal de Negreiros da Bahia a este Pernambuco com intento de ir a visitar a seu pai, e mãe a Paraíba, aonde moravam, e levá-los consigo para o Maranhão, com cujo governo estava despachado, ou pelo menos despedir-se deles, e tomar sua bênção, e achou seu pai muito doente, da qual enfermidade veio a morrer; e tornando-se para o Recife para se tornar para a Bahia na caravela em que havia vindo, a qual havia trazido muitas mercâncias, assim secas, como molhadas, das quais Pernambuco estava muito falto Os holandeses do supremo Concelho não quiseram consentir que o piloto da caravela, nem os marinheiros, de quem as fazendas eram, as desembarcassem, nem vendessem; e somente deram licença ao mestre que pudesse vender dois barris de azeite, e duas pipas de vinho, para darem querena à caravela, e fazerem matalotagem para o caminho, e estas pipas, e barris compraram os mesmos do Concelho, para que ninguém tivesse o ganho, senão eles; e enquanto os marinheiros consertaram a caravela, e lhe tomaram uma água que fazia, no que se gastaram dez, ou doze dias, pediu o Tenente André Vidal de Negreiros licença aos do Concelho para sair do Recife, e ir a visitar seus amigos, que em Olinda, e na Várzea tinha; e o mesmo fez o Capitão Nicolau Aranha, que foi a estar em casa de seu irmão, e o Padre Frei Inácio da Ordem de S. Bento também pediu licença para poder levar consigo suas duas irmãs donzelas na caravela para a Bahia, porque as vinha buscar para as meter freiras em um convento de Portugal, esta licença concederam os do Concelho liberalmente, e com ela se avistou o Tenente André Vidal de Negreiros com João Fernandes Vieira, e foi

dele recebido com mui alegre semblante, e hospedado com muita largueza, e servido com muitos mimos, e regalos para a viagem.

Vendo João Fernandes Vieira tempo oportuno, lhe declarou os segredos de seu peito, e lhe deu conta da determinaçao que tinha entre maos, e lhe disse que o inimigo estava descuidado, e que tinha suas fortificações desmanteladas, e suas trincheiras caidas, suas paliçadas desfeitas, e finalmente com pouca gente de guerra, porque os melhores capitães, oficiais, e soldados os havia levado consigo para Holanda o Conde de Nassau João Mauricio, e outros se haviam ido porque tinham seu tempo acabado, e não tinham já que roubar em Pernambuco, por estar a terra destruída, e já no último fim de sua total ruina, e que a gente que na terra havia, eram mercadores, e taverneiros, e outros senhores de engenhos, e de partidos de canas, que os haviam usurpado tiranicamente aos portugueses, e viviam neles fora de suas fortificações, com tanta quietação, como se estivessem em Holanda, e que outros estavam divididos, morando por as povoações, e freguesias, vendendo, e chatinando, e que a mais da gente que havia dos muros a dentro, eram judeus com suas mulheres, e filhos, os mais dos quais haviam fugido de Portugal para Holanda, e estavam em Pernambuco com suas sinagogas, ou asnogas patentes, com tão grande escândalo da cristandade, que só por honra da Fé de Cristo deviam os portugueses arriscar as fazendas, e as vidas, e ainda perdê-las, e dá-las por bem empregadas em serviço de Jesus Cristo nosso salvador; quanto mais que as crueldades, e tiranias, que os holandeses tinham usado, e usavam com os miseráveis moradores os tinham posto em termo de desesperação, pelo que ele, e eles estavam deliberados a tomar as armas, e (sem falarem em El-Rei Dom João seu Rei, e Senhor) romperem com o inimigo em guerra a fogo, e sangue, apelidando a liberdade da pátria.

Ouviu o Tenente André Vidal de Negreiros, tudo o que João Fernandes Vieira lhe disse, e viu as fortificações do inimigo, e notou tudo o que na terra havia, com toda a dissimulação, e prudência, e recolheu-se para o Recife para se partir para a Bahia; e antes de sua partida sucedeu que os holandeses prenderam (por engano, e por serem malsinados) a quatro mancebos portugueses, que andavam pela campanha em companhia de outros, que haviam fugido da Bahia, e andavam no distrito do Porto Calvo, fazendo todo

o mal que podiam a todos os holandeses, que achavam desgarrados de suas fortificações. Presos estes, correu a fama logo, que os haviam de enforcar. Acudiu ao supremo Concelho o Tenente André Vidal de Negreiros, e o Padre Frei Manuel do Salvador, aonde o padre fez uma excelente prática aos que nele presidiam, trazendo-lhe à memória o como estavam em paz, e tréguas com Portugal, e que não era bem que enforcassem àqueles mancebos por não haver alvoroto no povo, e que ou os desterrassem para Holanda, ou que, pois eram soldados fugidos da Bahia, os entregassem ao Tenente André Vidal de Negreiros, que ali estava presente, para que os levasse ao Governador Antônio Teles da Silva, o qual os castigaria com muito rigor, segundo suas culpas mereciam, para que não se entendesse, nêm ainda suspeitasse, que aqueles, nem outros semelhantes andavam por a campanha com licença sua, beneplácito, ou ordem; e sobretudo isto lhe disse, que se eles queriam granjear os ânimos, e vontades aos portugueses, usassem de clemência com aqueles mancebos, e lhes perdoassem a morte, porquanto os portugueses querem ser levados por amor, e não por rigor, e que se os matavam poderia haver alguma revolução, e novidade, porquanto aqueles mancebos tinham irmãos, e parentes em Pernambuco, os quais haviam de pretender vingar seu sangue; esta mesma petição fez o Tenente André Vidal, e juntamente pediu licença para levar consigo todos os soldados fugidos da Bahia, que andavam desgarrados por a campanha, e que ele lhes assegurava perdão de suas culpas. Esta licença lhe outorgaram logo os do Concelho, e deram passaporte, e segurança das vidas a todos os campanhistas, e caminhos livres, para se poderem tornar para a Bahia com o tenente, ou por sua ordem; e no tocante aos quatro, que tinham presos, responderam que eles fariam justiça com toda a benignidade; e tanto que nos saímos do Concelho os mandaram tirar da cadeia, e mandaram enforcar aos três portugueses, e a um deles chamado Domingos Pereira, antes que o enforcassem lhe mandaram cortar as mãos em um cepo, e ao quarto, que era um castelhano, lhe perdoaram porque trazia consigo uns poucos de dobrões, com os quais mandou peitar ao fiscal por um judeu seu amigo, e parente; e o Tenente André Vidal viu padecer aos três de uma torre das casas de Luiz Hiens.

Despediu o Tenente André Vidal de Negreiros para o Porto Calvo ao seu alferes com um edital, no qual fazia sa-

ber a todos os soldados da Bahia, que andavam por a campanha por aquele distrito, que se ajuntassem na dita povoação, ou junto à barra grande, para se irem em sua companhia por mar, ou com o seu alferes por terra, e que ele lhe prometia perdão de suas culpas em nome do Governador Antônio Teles da Silva, e que outrossim estivessem seguros de que os holandeses lhe não haviam de fazer agravo algum, porquanto tinha passaporte, e salvo-conduto para eles, dado por os do supremo Concelho. Sabido este edital, e passaporte acudiram os soldados campanheses à barra grande, aonde o tenente os recebeu na sua caravela, e os levou consigo. Ficou no Porto Calvo um mancebo da Paraíba, chamado Miguel Fernandes, o qual não se pôde embarcar por estar mui enfermo, e em artigo de morte, e ficou o alferes de André Vidal esperando que melhorasse alguma coisa, para o levar em sua companhia por terra; e tanto que o Tenente André Vidal se fez a vela, e se engolfou no mar na derrota da Bahia, logo os do supremo Concelho mandaram prender a este mancebo, e o trouxeram ao Recife, aonde o enforcaram, e esquartejaram; do que o tenente, tanto que o soube se deu por muito agravado, e acabou de conhecer a pouca lealdade, fé, e palavra que estes cruéis tiranos guardam, pois havendo-lhe dado a ele mesmo o passaporte, e salvo-conduto das vidas para aqueles soldados, logo nas suas costas, e ainda em presença do seu alferes, o quebraram, e jurou o tenente de se vingar desta aleivosia, se o tempo oferecesse alguma ocasião.

Não queriam os do Concelho que estes três soldados, de que falamos atrás, nem este, de quem estamos falando, se confessassem, acudiu o Padre Frei Manuel ao Concelho, e disse-lhes que aquilo era mais tirania, e crueldade, que corações humanos, e que não dizia bem aquele rigor com o que nos tinham prometido, e jurado nas capitulações, que tinham celebrado com os moradores, que os deixariam viver, e morrer na pureza da Santa Fé Católica Romana, sem acrescentamento, nem diminuição, e que ali lhes impediam a confissão, e queriam não somente tirar-lhes as vidas, senão também roubar-lhes as almas, e lhes fez um protesto da parte de Deus, que deixassem confessar aqueles padecentes, e desistissem de tão depravado intento, sob pena de serem eles tidos, e havidos por causadores de todos os males, que daquela fação se originassem, então lhes deram licença para os confessar, porém não para os acompanhar até o pé da

forca, receando que ele dissesse em público algumas coisas dos misterios da nossa Santa Fé Catolica, que desdourassem as falsas seitas de Calvino, e Lutero; e tanto que o padre se apartou dos padecentes, chegou ao pé da forca um predicante calvinista, e começou a dizer aos padecentes algumas palavras de consolação, e exortação, para bem morrer, e um deles lhe disse: *Vá-se com todos os diabos, ministros de satanaz, enganador, e embusteiro, vá-se de diante dos nossos olhos, não seja o demônio, que aqui nos venha tentar, que não queremos ouvir suas razões, nem cremos em seus enganos; somos católicos cristãos, e cremos bem, e verdadeiramente na lei de Cristo, segundo a ensina e guarda a Santa Igreja Romana, e nela nos esperamos salvar, e não em lei de bêbedos, e velhacos ladrões.* Retirou-se o predicante confuso, e corrido, e os soldados foram enforcados; porém a este que disse ao predicante aquelas palavras resolutas, o algoz o fez estar penando na forca mais de meia hora, sem o acabar de matar, porém ele enquanto não morreu sempre chamou por o nome de Jesus, e da Virgem Maria, que todos o ouviram, e este se chamava Domingos Pereira do Porto Calvo.

Por o Tenente de General André Vidal de Negreiros escreveu João Fernandes Vieira ao Governador Antônio Teles da Silva, na qual carta foram assinados os mais principais, e mais fieis homens de Pernambuco, assim eclesiasticos, como seculares, na qual lhe manifestou por extenso todas as calamidades, e afliçôes daquela miseravel Provincia, e outrossim as traiçôes, aleivosias, afrontas, roubos, tiranias, e crueldades, que os pérfidos holandeses executavam nos pobres, e angustiados moradores, pelo que já quase desesperados estavam resolutos em se defender daqueles carniceiros algozes, e vender-lhes à custa de sangue derramado a terça parte das vidas que lhe haviam deixado, e dar-lhes a conhecer que ainda havia portugueses no mundo, que com as espadas nas mãos, e empunhadas as lanças, e endereçados os arcabuzes, e mosquetes, sabiam castigar desaforos, e vingar crueldades, e tiranias, e mais em tempo que já tinham rei dado por o céu para os amparar, e que lhe fazia a saber que estava tomada a resolução de tomar as armas, e romper com o inimigo em guerra, e deitá-lo fora de Pernambuco ou perderem as vidas na demanda, porquanto não tinham outro remédio do céu abaixo para salvarem suas honras, e vidas, pelo que pois ele dito Antônio Teles da Silva estava por S.

Majestade servindo o cargo de Governador, e Capitão Geral de todo o Estado do Brasil, e eles moradores de Pernambuco eram vassalos do dito Senhor, e o conheciam por seu legítimo, e natural Rei, e estavam aparelhados para dar as fazendas, as honras, e as vidas por seu serviço, que obrigação lhe cabia a ele dito governador de acudir, e amparar, e defender a estes afligidos vassalos do dito seu Rei, e Senhor, e juntamente de patrocinar a Santa Fé Católica, e não permitir que as falsas seitas de Lutero, e Calvino, e o que pior é o judaísmo, se apoderassem dos corações, e almas de tantos cristãos, como em Pernambuco havia; e assim que lhe pediam com todos os encarecimentos que logo, logo lhes mandasse socorro de pólvora, e armas, que era o de que mais necessidade tinham e de alguns soldados experimentados na milícia, que pudessem encaminhar, e governar nas armas os homens de Pernambuco, principalmente aos mancebos, nos quais tanto faltava a experiência das armas, quanto lhe sobrava de valor, e esforço, e ânimo para as menear, e que juntamente lhe requeriam da parte de Deus que os socorresse logo antes que a espada do inimigo se começasse a afiar em suas gargantas; e que quando ele lhes não mandasse o socorro que pediam, protestavam diante de Deus, que todo o mal que lhes sucedesse, a saber, estupros de donzelas, desonras de casadas, e viúvas, mortes de mennos inocentes, e perdição de toda aquela Província correria por conta dele dito governador, e Deus lhe tomaria disso estreita conta, e eles ditos moradores ficariam desculpados para com Deus, e para com o mundo, se oprimidos de tribulações, e desamparos dos ministros de seu Rei, e Senhor, buscassem remédio, e pedissem socorro a outro príncipe cristão, e lhe ajudassem a ganhar a terra, e lh'a entregassem, porquanto estavam já deliberados, ou perder as vidas, ou a deitar fora de toda a Capitania de Pernambuco, e das mais da parte do Norte os holandeses cruéis tiranos, e declarados inimigos do nome português, e cristão, e que lhe pedia logo resposta com brevidade.

Também João Fernandes Vieira escreveu com um próprio por terra a Dom Antônio Felipe Camarão, que estava alojado em Sergipe d'El-Rei, com todos os seus brasilianos, pedindo-lhe com muitos rogos, e encarecidas palavras, que pois havia naseido na Província de Pernambuco, e havia feito tantas proezas na defensão dela no tempo de Matias de Albuquerque, e do Conde de Banholo, que não lhe fal-

tasse agora na miséria, em que seus moradores estavam, e na tribulação em que se viam, que era a mais apertada que se podia imaginar, e que se ele como bom e leal vassalo de seu Rei, e Senhor, os não socorria, estava em risco toda a Capitania de se perder, e perder-se nela a Fé de Cristo com as mortes dos pais, e ficando os meninos inocentes entre as diabólicas seitas, e falsa doutrina, que os holandeses seguiam.

E porque poderá perguntar qualquer curioso, quem é este Dom Antônio Felipe Camarão? A isto respondo, que é um índio brasiliano, o mais leal vassalo, que Sua Majestade tem nesta América, e o mais amigo dos portugueses que todos os que até agora tem havido, nem de presente há em toda a terra do Brasil, e o mais valoroso, e ardiloso na guerra, que todos os de sua nação, o qual sendo principal, e capitão de sua aldeia, e de outras que lhe eram subordinadas, tanto que soube que os holandeses tinham ganhado a vila de Olinda, e o Recife por força de armas, e que o Governador Matias de Albuquerque tinha plantado arraial, e estava com exército formado, defendendo que o inimigo entrasse pela terra adentro, logo despejou suas aldeias, e trazendo consigo todos os índios, que lhe eram sujeitos, com todas suas mulheres, e filhos, desceu do sertão, e se veio a apresentar a Matias de Albuquerque, para servir a S. Majestade naquela guerra, e encarregando-lhe a mais vizinha estância às fortificações do inimigo, a defendeu com tanto ânimo, e lhe matou muita gente, e o teve tão refreado, para que não saísse fora do Recife, que entre os portugueses em uns causava admiração, e em outros inveja, e aos holandeses metia tanto pavor, que só de ouvir seu nome, tornavam para detrás, e em todo o decurso da guerra de Pernambuco, o fez tão valorosamente em muitos encontros que tivemos com os holandeses, que não havia mais que desejar; e em todos os trabalhos sempre acompanhou aos portugueses; e retirando-se Matias de Albuquerque para as Alagoas, foi com ele, e dali tornou com Dom Luiz de Roxas ao Porto Calvo, e sabendo ali que os holandeses que estavam já senhores da maior parte da Capitania, faziam grandes agravos, e usavam cruéis tiranias com os moradores que se haviam ficado na terra, e principalmente com os de Goiana; tornou a entrar na campanha com a sua gente de guerra, e retirou para onde estava o nosso exército a todos os moradores, que com ele se queriam tornar, homens, e mulheres, e meninos, de

toda a qualidade, trazendo-os por os caminhos do sertão tão resguardados, que a nenhum pôde o inimigo fazer dano, desejando-o muito; e saindo contra ele o Mestre de Campo General dos holandeses chamado Cristóvão Artixof com dois mil homens de guerra, ele o investiu, e brigou com ele tão valorosamente, que o fez retirar mui descomposto, e a costas viradas deixando no campo muitos mortos, e levando muitos feridos; e chegou a dizer o Artixof que havia mais de quarenta anos que militava em Polônia, Alemanha e Flandres, ocupando sempre postos honrosos, e que ninguém lhe abatera o orgulho, e o desonrara, senão um índio brasiliano, chamado o Camarão; quando a nossa gente de guerra se retirou para a Bahia com o Conde de Banholo, também o Camarão se retirou conosco, esperando que El-Rei nos mandasse socorro para ele se tornar para sua pátria em sua restauração.

Quando o Conde de Nassau João Maurício foi sobre a Bahia com uma grande armada, e desembarcou em terra, e formou arraial, o Camarão saiu da cidade com a sua gente, e com grande segredo, sem ser sentido, fez uma plataforma sobre um monte rodeado de mato, vizinho ao arraial do holandês, a tiro pouco mais que de mosquete, aonde pôs duas peças de artilharia, e cortando de noite o mato, ao apontar da manhã, começou de varejar com as peças aos holandeses, e lhes fez largar o sítio que haviam tomado, e enquanto o Conde de Nassau se deteve na Bahia, até que se tornou a embarcar, desesperado de seu intento, lhe deu o Camarão a alguns assaltos, e brigou com os holandeses com muito esforço, e valor. É finalmente um índio mui bem inclinado, mui cortesão em suas palavras, destro em ler e escrever, e com algum princípio de Latim, e mui grave, e pontual, que se quer mui respeitado, e o tempo que lhe vaga de seu ofício, e ordinárias ocupações, sempre o verão em sua casa com o rosário nas mãos encomendando-se a Deus, ou rezando o ofício de Nossa Senhora por umas horas; bem empregado foi o trabalho que os padres da Companhia, e outros religiosos de diferentes Ordens, fizeram neste índio.

Sua Majestade sendo informado da grande fidelidade, esforço, e valor, e outras boas partes deste índio, chamado antes Antônio Felipe Camarão, e havendo respeito aos honrados serviços, que na guerra lhe havia feito, mandou que se chamasse Dom, e lhe deu foro de nobre, e lhe mandou o hábito de Cristo com honrada tença, e lhe fez mercê

de o constituir por Governador, e Capitão Geral de todos os índios do Brasil, e assim se chama hoje Dom Antônio Felipe Camarão; estava na Bahia quando se aclamou por Rei de Portugal Sua Majestade o Senhor Dom João o Quarto deste nome, e como se assentaram tréguas entre Portugal e Holanda, veio-se a morar a Sergipe d'El-Rei, Capitania que estava despovoada de seus moradores, e aonde depois das tréguas publicadas edificaram à falsa fé os holandeses uma fortaleza na Cidade de S. Cristóvão; e o Camarão por não estar na Bahia, comendo o soldo, e a ração d'El-Rei, e gastando-lhe sua fazenda em tempo de paz, se veio com toda sua gente, e fez seu alojamento em Sergipe d'El-Rei bem perto da fortaleza do inimigo; e encontrando alguns soldados flamengos, que saíram a matar vacas para comerem, por haverem deixado os moradores grande quantidade delas quando se retiraram; Dom Antônio Camarão lhes mandou tomar as armas, e lhes disse, que pois eles haviam sido tão infames, e traidores que haviam fabricado fortaleza naquela terra, que era de seu Rei, e Senhor, em tempo que havia tréguas celebradas, razão, e ocasião tinha ele do os matar, como a ladrões, e aleivosos; porém que aquela vez lhes outorgava a vida por ser a primeira: e que se avisassem que não tornassem a sair mais fora da fortaleza, porque os havia de matar a todos, sem remissão, e tomar-lhe a fortaleza, passando a todos os que nela estivessem ao fio da espada, e assim nunca mais os holandeses saíram fora, e o que comiam era o que do Recife lhe mandavam por mar, e o Camarão tanto que recebeu a carta de João Fernandes Vieira lhe respondeu que tivesse ânimo, porque ele se estava preparando para se pôr ao caminho com toda sua gente por os seeretos caminhos do mato, tanto que o rigor do inverno abrandasse alguma coisa, e vazassem os rios que iam cheios.

Também João Fernandes Vieira escreveu outra carta a Henrique Dias, o qual é governador dos mulatos, e crioulos, e de todos os negros de Angola, Mina, e Arda, e outras nações que tomaram armas na guerra de Pernambuco, no tempo que governava Matias de Albuquerque; e suposto que alguns deles eram cativos, todavia Matias de Albuquerque os deu por forros vendo e valor com que pelejaram, e os mandou pagar a seus senhores da fazenda d'El-Rei. Este Henrique Dias é um negro crioulo forro, o qual é mui temido dos holandeses por se haverem encontrado com ele em muitas ocasiões, das mais das quais saíram sempre quebran-

tados, e com as mãos na cabeça, e no Porto Calvo quando o Conde de Nassau João Maurício investiu aquela praça com sete mil homens; brigou com ele este negro tão animosamente, que causou espanto, e ali no meio da bulha bem travada de uma, e outra parte na passagem da povoação do rio Comendaituba o feriram em uma mão, que foi a esquerda, com uma bala de mosquete, e acabada a escaramuça, estando os cirurgiões para o curarem, e dizendo que a ferida era perigosa, respondeu ele com muito ânimo. *Se eu posso viver cortando-me a mão, cortem-n'a logo na primeira cura, porque mais quero morrer cedo, que convalescer tarde*. Palavras do grande Alexandre, segundo o referem Quinto Cúrcio, e Plutarco. *Melius est citius mori, quam tarde convalescere*. E acrescentou: *Ainda me fica a mão direita para me vingar destes inimigos*. O mesmo valor, e esforço mostrou na Bahia quando sobre ela foi o Conde de Nassau, e em todas as coisas que os governadores o ocuparam, e no vir a correr a campanha ao holandês mostrou bem o ânimo, e brio que no coração tinha encerrado; pelo que Sua Majestade o fez governador de todos os mulatos, e negros, que na guerra tomassem armas, e lhe mandou a mercê do hábito de Cristo, e o despachou por capitão-mor da conquista de Angola; enfim deitado de parte o ter os couros pretos, a muitos brancos tem levado mui assinaladas vantagens.

A este Henrique Dias escreveu também João Fernandes Vieira, pedindo-lhe seu adjutório, e como ele não estava na Bahia, porque ali não era necessária sua assistência, porquanto não havia guerra no tempo das tréguas apregoadas: e havia saído aos matos desertos com sua tropa a buscar, e prender um grande número de negros, que haviam fugido a seus senhores, e haviam feito um mocambo aonde tinham povoação, e estavam feitos fortes; o mensageiro de João Fernandes Vieira o foi buscar ao mato, obrigado do grande estipêndio que nisto lhe estava prometido. Tanto que o Governador dos negros Henrique Dias viu a carta de João Fernandes Vieira logo lhe respondeu que suposto que se achava com pouca gente, todavia logo sem mais tardar se poria na volta de Pernambuco; e que lhe prometia de não pôr nos peitos o hábito de Cristo de que Sua Majestade lhe tinha feito mercê, senão depois de ver restaurado a Pernambuco.

Mas tornando à carta que João Fernandes Vieira escreveu ao Governador Antônio Teles da Silva, tanto que o Tenente André Vidal de Negreiros lh'a entregou, e o infor-

mou de tudo o que em Pernambuco passava, e de tudo o que tinha visto com os olhos, e ouvido aos moradores, e a deliberação, em que estavam; tanto que ele leu a carta mandou chamar ao Capitão Antônio Dias Cardoso, e aos capitães Taborda, e Paulo Veloso, e lhes deu em duas tropas sessenta soldados, e mandou que se partissem para Pernambuco por os caminhos do sertão, sem serem sentidos, nem vistos de pessoa alguma, e que procurassem falar com João Fernandes Vieira, e obedecessem a tudo o que ele lhes ordenasse; e a João Fernandes Vieira respondeu dizendo, que ele lhe não podia dar socorro, porquanto tinha expressa ordem de Sua Majestade que conservasse amizade, e paz com os holandeses de Pernambuco em confirmação das tréguas que estavam celebradas entre Portugal, e Holanda, e assim que não podia quebrar a ordem do seu Rei, e Senhor; ainda que bem sabia, e via que os holandeses depois das trégnas assentadas, tinham por muitas vezes quebrada a palavra a Sua Majestade, e feito-lhe notáveis agravos dos quais era necessário tomar vingança, e satisfação; porém que ali lhe mandava três capitães com duas tropas de trinta soldados cada uma, os quais todos eram destros na milícia, e capazes de serem oficiais na guerra, e governar companhias, e que estes soldados lhe mandava não para fazer guerra aos holandeses, senão para se defenderem deles, se se vissem em algum aperto de grande necessidade, e que logo lhe mandasse avisar do estado, em que as coisas se punham para ele prover o que lhe parecesse ser justo, e conveniente ao serviço d'El-Rei, e bem de seus vassalos, e que este aviso lhe levasse o Capitão Antônio Dias Cardoso por ser pessoa de grande confiança.

Chegaram os três capitães a Pernambuco, e sem serem sentidos tiveram fala de João Fernandes Vieira, o qual os mandou aposentar no interior da mata do Brasil, e ali por duas pessoas de grande segredo, um dos quais se chama Jerônimo da Cunha do Amaral, os mandou prover abundantemente de todo o mantimento necessário, e deu por bem principiado seu intento, e ao Capitão Antônio Dias Cardoso, depois de bem informado de tudo o que em Pernambuco havia o despediu para a Bahia com carta ao Governador Antônio Teles da Silva, e pedindo-lhe socorro de pólvora, e balas, e armas de fogo a toda a pressa, porque assim o pedia a grande tribulação, em que os moradores se viam; o Capitão Antônio Dias Cardoso chegou a Pernambuco no mês de

dezembro de mil e seiscentos e quarenta e quatro, e partiu para a Bahia no mês de janeiro de 1645.

Tanto que o Tenente André Vidal de Negreiros se tornou para a Bahia, como atrás temos dito, logo os judeus alevantaram, que a sua vinda a Pernambuco não havia sido com intento de visitar a seus pais, que tinha na Paraíba, senão como espia a vigiar o estado da terra, e que havia deitado nela na Barra Grande, e junto a Sirinhaem muitas armas, pólvora, e chumbo, e persuadiram aos holandeses do supremo Concelho, para que mandassem um navio à Bahia a dizer ao Governador Antônio Teles da Silva, que em Pernambuco corria fama em como ele queria fazer guerra em Pernambuco; e que lhe lembravam como aquela ação era contra as tréguas apregoadas entre Holanda, e Portugal; e para que de caminho soubessem de alguns cristãos novos da Bahia, os quais tinham lá por espias, os desenhos, e intentos do governador; os do Concelho prepararam um navio, e mandaram nele por embaixador a Gilberto de Vuith, um dos que assistiam no Concelho político, e a Teodósio de Estrate, governador, e capitão do forte do porto de Nazaré. Cabo de S. Agostinho, que é um dos portos principais da Capitania de Pernambuco, acomodado para nele entrarem, e saírem navios; chegou o navio dos holandeses à Bahia, e chegou por terra o Capitão Antônio Dias Cardoso com a carta de João Fernandes Vieira.

Viu o governador a carta, e informado das tiranias, roubos, crueldades, e traições, que os holandeses faziam aos moradores de Pernambuco, do que o capitão lhe deu larga informação. Ouviu tambem aos embaixadores holandeses, aos quais respondeu que ele tinha expressa ordem de Sua Majestade para conservar a amizade, e paz com os holandeses, que estavam em Pernambuco, e que por nenhum modo a havia de quebrar, porque se a quebrasse lhe mandaria Sua Majestade cortar a cabeça; porém que como eles holandeses haviam quebrado, e quebravam cada dia a palavra, que tinham dado a seu Rei, e Senhor, suas mesmas culpas, e aleivosias lhes faziam temer, e suspeitar que os portugueses não podendo sofrer os muitos agravos, e afrontas que os holandeses lhes faziam, lhe negariam a obediência, e tratariam de sua liberdade; pelo que se os holandeses queriam ter os moradores de Pernambuco quietos, e pacíficos deixassem de lhes fazer tantos roubos, tiranias, e agravos, porque assim os teriam sossegados; porém que estivessem certos que de

Bahia lhes não havia de fazer guerra, porque lh'o tinha proibido Sua Majestade, ainda que muitas causas provocativas havia para lh'a fazerem; e aos embaixadores mostrou o governador o decreto, e ordem de S. Majestade; porém também lhes certificou que havia de avisar a S. Majestade das aleivosias que os holandeses lhe haviam feito na costa do Brasil depois das tréguas estabelecidas, e as cruéis tiranias, roubos, agravos, e afrontas com que tratavam aos moradores de Pernambuco, e a pouca fé que lhe guardavam nas capitulações, que com eles haviam celebrado, para que S. Majestade o mandasse estranhar aos senhores Estados de Holanda, e ao Príncipe de Orange: e com isto despediu aos embaixadores, e respondeu aos do supremo Concelho.

Antes que estes embaixadores se partissem, vendo Teodósio de Estrate as grandes extorsões, e tiranias, que os holandeses usavam com os moradores de Pernambuco, e discursando com seu bom juízo, veio a resolver em que os portugueses de desesperados não tinham outro remédio, senão tomar as armas, e tratar de sua liberdade; e com este assento em seu peito, buscou ordem para falar em segredo com o Governador Antônio Teles da Silva, e lhe disse em como ele era um homem nobre, e nascido de bons pais, e que atualmente era capitão, e governador da fortaleza do Pontal de Nazaré, e tinha alguns parentes, e amigos, os quais em Pernambuco ocupavam honrosos cargos; porém que ele, vendo os infames termos dos holandeses, e as ladroíces que faziam, e crueldades, e tiranias que usavam, estava prevendo a ruína total daquela Província, e assim estava resolvido em não servir mais aos holandeses, senão em se ir a Portugal a servir na guerra a El-Rei Dom João o Quarto deste nome, a quem desde aquela hora aceitava, e conhecia por senhor; porém que antes de se partir de Pernambuco determinava fazer a Sua Majestade um grande serviço, pelo que se ele dito governador tinha intento de conquistar a Pernambuco lh'o declarasse, e que também ele lhe declararia o serviço que a Sua Majestade determinava fazer.

O Governador Antônio Teles da Silva como é mui sagaz, e prudente, temendo que fosse aquilo estratagema para esquadrinhar seu peito, lhe respondeu, que lhe agradecia muito o bom ânimo que mostrava de servir a Sua Majestade, e que ele lh'o faria a saber, para que o dito Senhor Rei o pusesse em lembrança, e memória, para lhe fazer mercê, em alguma ocasião; porém que de presente ele não tinha

intento de fazer guerra aos holandeses de Pernambuco, porque Sua Majestade lhe tinha mandado que os conservasse em amizade, e paz; porém que se houvesse alguma ocasião de novidade ele lh'o faria a saber em tempo acomodado, e com isto o despediu dando-lhe um mimo de muita consideração, e porte.

Partidos os embaixadores da Bahia, chegaram ao Recife, e disseram que na Bahia tudo estava quieto, e que não haviam podido descobrir novidade alguma pelos espias que nela tinham; e como haviam visto com seus olhos as ordens d'El-Rei de Portugal sobre a conservação da amizade, e paz, e que o governador não tinha intento algum danado, e que só lhes estranhara os muitos agravos que os holandeses faziam aos moradores da terra, e que prometera de o mandar dizer a Sua Majestade El-Rei Dom João o Quarto, porém que no tocante a romper em guerra tudo era falsidade, e velhacaria, e enredos dos judeus.

Tanto que os embaixadores se partiram, despediu logo o Governador Antônio Teles da Silva ao Capitão Antônio Dias Cardoso para Pernambuco, e mandou dizer a João Fernandes Vieira, que estivesse de bom ânimo, assim ele como os demais moradores, que sendo caso que os holandeses perseverassem em seus desaforos, e tiranias, ele lhe mandaria o socorro necessário, para que se defendessem de seu rigor, e tivessem comodidade para mandarem retirar suas mulheres, e filhos para a Bahia em companhia do Governador dos índios Pitiguares Dom Antônio Felipe Camarão, e de Henrique Dias, aos quais mandava logo marchar com suas tropas, não para moverem guerra, senão para ampararem o povo cristão, e os vassalos de seu Rei, e Senhor do furor do cruel inimigo, e que os homens se se vissem em último aperto, e necessidade queimassem todos os canaviais, e engenhos que havia em Pernambuco, e matassem todo o gado, que não pudessem levar consigo, e arrancassem os mantimentos, e deixassem a terra destruída de todo, para que os holandeses não tendo açúcares para carregar para suas terras, a fome, e o pouco proveito, que esperassem tirar da terra, os obrigasse a desampará-la, e ir-se para Holanda por escusar os excessivos gastos que faziam com suas naus, e soldados, e que feito isto se fossem todos os homens para os distritos da Bahia; e que se os holandeses com tudo isto perseverassem em habitar na terra, e cultivá-la, para isso estavam aí Henrique Dias, e o Governador Dom Antônio Felipe Cama-

rão, os quais com suas tropas lhe iriam correr a campanha, e os roubariam, e matariam a quantos achassem fora de suas forças, e que no tocante ao socorro de pólvora, e armas, o Governador Camarão as levaria.

Deu o Capitão Antonio Dias Cardoso a carta do Governador Antonio Teles da Silva a João Fernandes Vieira, e logo se retirou para a mata do Brasil, aonde havia deixado seus camaradas, prometendo-lhe João Fernandes Vieira boa remuneração do trabalho que havia tomado por o remedio dos moradores daquela Provincia. Leu João Fernandes Vieira a carta do governador, e nela viu que lhe dava poder para dar cargos de capitaes, e oficiais de guerra aos homens honrados, que lhes parecesse serem fieis, e idôneos, segundo as freguesias aonde cada um morava, para que se vissem que as crueldades dos holandeses iam de foz em fora, e pretendiam matar aos moradores, estivessem advertidos, e aparelhados para se ajuntarem a ele dito João Fernandes Vieira, e à sua obediência, tratassem de se defender. Ficou João Fernandes Vieira mui contente, e alentado com esta carta, e logo deu conta a três, ou quatro amigos dos de seu seio, e os mandou por as freguesias com cartas suas, nas quais constituiu por capitães aos homens honrados, e animosos, que lhe pareceu, que com todo o segredo, e valor poderiam mostrar na ocasião o valor, e o brio português; e estes eram dos que estavam mancomunados, e juramentados para a fação que se determinava executar. E no distrito de Ipojuca elegeu em capitão, e cabo de companhias a Amador de Araújo, senhor de um engenho, pessoa rica, nobre, e mui alentada, e na vila de Santo Antônio do Cabo, elegeu em capitães, a João Pais Cabral, e a Antônio de Crasto, e a Pedro Marinho Falcão, e nas outras freguesias, a outros, cujos nomes se declaram no decurso desta história, os quais todos se começaram a preparar com todo o segredo e diligência, esperando que até o dia de Páscoa da Ressurreição, chegassem o Camarão, e Henrique Dias, para que de sobressalto acometessem ao inimigo, e lhe tomassem o Recife, e suas fortalezas, o que houvera de ser sem dúvida por o descuido em que estava, e as poucas prevenções que fazia, e a pouca vigilância que tinha nas entradas, e saídas, o que tudo estava bem traçado, e considerado com maduro juízo.

Considerou João Fernandes Vieira na fação que intentava, e por conselho de seus maiores amigos determinou dar conta a Sua Majestade da empresa que acometia, obri-

gado da pura necessidade, e opressão, e mandar o aviso por via da Bahia, ainda que bem sabia, que quando este aviso chegasse a Portugal, ja em Pernambuco a empresa teria alcançado glorioso fim; e para isto se fez uma carta a Sua Majestade por vias, assinadas por os principais moradores, ecclesiasticos, e seculares, na qual se lhe relatavam as causas de seu levantamento, que eram as muitas, e jamais vistas tiranias, roubos, crueldades, infamias, desonras, traições, aleivosias, enganos, e tormentos, falsos testemunhos, e mortes, que os perfidos hollandeses executavam nos miseraveis moradores, e sobretudo tomando-lhe suas filhas, e casando-se com elas por força, e desonrando-lhes sues mulheres, e pretendendo extinguir em Pernambuco a Fé Catolica Romana, e introduzir as falsas seitas de Calvino, e Lutero, e a perfidia do judaismo, o que era patente, pois o Recife estava cheio de judeus, e muitos viviam ja por as freguesias do campo, e eram senhores dos engenhos que haviam usurpado aos portugueses com suas diabolicas traças, e maranhas, e estes publicavam a bandeiras despregadas, que todos os homens da nação hebrea, que moravam na Provincia de Pernambuco, eram judeus, e que se todos se nao declaravam, e circundavam como o tinham feito Gaspar Francisco da Costa, Simão do Vale, Vasco Fernandes, e seus filhos, Baltazar de Fonseca, Simão Drago, e outros, era porque temiam que desse o mundo alguma volta, e tornasse outra vez Pernambuco a ser de portugueses, e fossem rigorosamente castigados; ainda que não nego que poderia isto ser malicia dos judeus, e que derramavam esta cizânia por injuriar, e afrontar aos homens honrados de nação, porque não queriam seguir seus depravados erros; porque muitos conheço eu, os quais têm dado neste tempo de tanta largueza, e liberdade de consciências, tanta satisfação de fidelidade na santa Fé de Jesus Cristo, que me atrevera a jurar por eles, segundo o que moralmente, e por os atos exteriores, posso eu julgar.

Indo pois João Fernandes Vieira assinando por muitas pessoas, e zelosas do bem comum, esta carta, para a mandar a Sua Majestade, pediu a Sebastião de Carvalho que a assinasse, e o mesmo lhe sucedeu com Antônio de Oliveira, e ele não somente a não quis assinar, mas antes reprovou grandemente o intento, pondo-lhe infinitas dificuldades, mostrando nisto ser português no nome, e na língua, mas não nas obras, nem no coração, o que bem mostrou no Porto Calvo quando, João Corneliem Lictar o conquistou, que ele, e ou-

tros tais como ele, o foram visitar a Barra Grande, aonde havia aportado com suas naus, e esteve dentro nelas com grandes banquetes, e beberronias, e lhe mandou cavalos, e guias para vir a investir a povoação, e ao depois que a ganhou sempre teve com ele, e com os mais holandeses estreita amizade, e contratos, e lhes dava muitos alvitres; o que se pode ver em uma devassa, que contra ele em particular, e contra outros do mesmo coração, e consciência, tirou o Provedor André de Almeida com grande número de testemunhas, a qual devassa foi a Sua Majestade El-Rei Dom João Quarto deste nome, e o dito Sebastião de Carvalho temendo que o prendessem, se veio do Porto Calvo para junto do Recife pouco mais de meia légua, aonde assentou casa; e quando a esta costa veio a armada do Conde da Torre, temendo ele que Pernambuco fosse restaurado, e o prendessem por traidor, e o castigassem como merecia, deu um grande presente ao Conde de Nassau João Maurício, para que o mandasse prender por traidor contra os holandeses, e como tal o mandasse para Holanda, porque lhe importava assim para sua honra, e o Conde de Nassau o fez assim; e tanto que o Conde da Torre se voltou para Portugal, e não teve efeito a restauração de Pernambuco por as coisas que atrás apontamos, logo o dito Sebastião de Carvalho se tornou de Holanda para Pernambuco, aonde sempre viveu em braços, e estreita amizade com os holandeses.

Este pois, não somente não quis assinar a carta, mas antes logo foi dar ponto aos do supremo Concelho de tudo o que se passava, e o mesmo fez Antônio de Oliveira, e lhes declarou todas as pessoas que estavam mancomunadas, e juramentadas para a empresa. Calaram-se os holandeses, e não quiseram logo fazer estrondos, por se acharem com pouca gente, e cabedal, e suas fortificações caídas; porém começaram de as ir reparando com muita pressa, e com muito maior pressa começaram assim eles como os judeus a cobrar com grande rigor, e extorsões todos os açúcares, e outras dívidas que os moradores lhes deviam, e tudo recolhiam para dentro de suas fortificações, e debaixo desta capa de cobrarem suas dívidas, começaram a prender algumas pessoas, das quais haviam assinado a carta, e as detinham no Recife, com intenção de assim suavemente irem prendendo todos os juramentados, e tanto que os tivessem juntos mandá-los matar em uma hora.

Mas como Deus é pai de misericórdia, que nas maiores necessidades socorre, e ampara aos seus fiéis, ainda que muitas vezes por caminhos extraordinários, permitiu que se rompesse entre os judeus uma prática, dizendo que os portugueses se queriam levantar com a terra, e matar aos holandeses, e que todos eram traidores, tirando Sebastião de Carvalho, e Antônio de Oliveira, os quais haviam declarado aos senhores do supremo Concelho a traição, e maldade que se ordenava, e que não eram só estes dois, que tinham descoberta a traição, senão mais de dez, nem doze homens dos principais de Pernambuco (estes serão nomeados ao diante, porque nos há de ser necessário tratar de como foram presos por os portugueses, e por que culpas, e mandados para a Bahia).

Tanto que João Fernandes Vieira soube como esta empresa se praticava entre os judeus, logo tratou de pôr cobro em si, e nunca mais dormiu em sua casa, senão por os matos, e em diferentes partes, porque não se soubesse a paragem aonde se agasalhava, aonde sempre o acompanharam Diogo da Silva, que lhe servia de caixeiro, e secretário, mancebo de quem ele fazia muita confiança, por ele o merecer por sua fidelidade, e honrados procedimentos, e também por o conhecer, e a seus parentes por ser natural da sua pátria a ilha da Madeira, e Luiz da Costa de Sepúlveda, o qual sempre o acompanhou em todas suas tribulações, e lhe foi sempre leal amigo; e de dia aparecia João Fernandes Vieira em sua casa, no seu engenho de São João, e dali governava suas fazendas, e dava aviamento a todas as pessoas que o buscavam, e se preparava para a empresa com muita prudência, e sagacidade; porém sempre trazia sentinelas ao largo por os caminhos, que o avisavam se saíam algumas tropas de soldados flamengos para fora de suas fortificações, e o mesmo tinha no Recife, para pôr com tempo sua pessoa em salvo; e para alguma necessidade urgente tinha uma porta falsa em suas casas para se sair por ela sem ser sentido, e sempre tinha consigo quase cem escravos seus, Minas, Ardas e Angolas, valentes, e atrevidos, providos de dardos, arcos e flechas, para que se viesse alguma tropa de holandeses a prendê-lo sem serem vistos por as sentinelas, e se visse em aperto o defendessem, e livrassem.

Também mandou sua mulher Dona Maria César para casa de seu parente Antônio Bezerra, com achaque de ir a parir em sua casa, porquanto estava prenhe, e naquele seu

engenho lhe havia já movido por duas vezes; mandou também avisos a Amador de Araújo, e aos mais capitães, que tinha constituído por as freguesias, que se vigiassem para que os holandeses os não prendessem, porquanto o negócio estava descoberto por traidores; porém que tivessem ânimo porque não podiam tardar muito o Governador Dom Antônio Felipe Camarão, e Henrique Dias com as suas tropas, segundo estava já avisado de sua partida, e vinham já por caminho, com esta advertência trataram todos os ajuramentados de vigiar, e resguardar suas pessoas.

Chegou a Quaresma, e chegou a Páscoa, e o Governador Dom Antônio Felipe Camarão não chegava, porquanto sobreveio uma invernada tão grande, qual nunca os homens antigos do Brasil se lembram haver visto, e como o Camarão, e Henrique Dias vinham mui metidos ao sertão, e os rios encheram demasiadamente, gastaram quatro meses na jornada; e neste tempo se rompeu uma voz na vila de Santo Antônio do Cabo, em como da Bahia vinham tropas de soldados para Pernambuco, e que Amador de Araújo estava eleito por capitão-mor das freguesias de Ipojuca, e Santo Antônio, e Muribeca, e que estavam eleitos por capitães Felipe Pais Barreto, João Pais Cabral e Antônio de Crasto, Pedro Marinho Falcão, e João Soares de Albuquerque senhor do engenho de Muribeca, para conquistarem a terra, e rendê-la; sabendo isto Gaspar Vandlei, o qual havia servido aos holandeses de capitão da cavalaria, e de presente estava casado, ou amancebado com D. Maria de Melo, filha de Manuel Gomes de Melo, e de D. Adriana de Almeida; encontrando a Felipe Pais Barreto na vila de Santo Antônio, lhe deu os parebéns do cargo de capitão; e o mesmo fez por uma carta a Amador de Araújo; tanto que Felipe Pais ouviu estas coisas, lhe respondeu que em matérias tão pesadas não eram boas as zombarias, e que lhe fizesse mercê de o tratar com primor, e cortesia, porquanto não folgava de ouvir semelhantes palavras, e como para os holandeses qualquer leve suspeita era bastante para darem cruéis tormentos aos moradores, e enforcá-los. Partiu-se logo Felipe Pais para o Recife, e se apresentou aos do supremo Conselho, e lhe disse em como o Capitão dos Cavaleiros Gaspar Vandlei lhe havia dito tais palavras, ou fosse de veras, ou zombando, e porquanto ele não era homem com quem se devia zombar em matérias tão pesadas, ali se vinha apresentar, para que se tinha alguma culpa o castigassem, e se a

não tinha, acudissem por sua honra, e que para escusar algum falso testemunho, porquanto tinha inimigos, vinha determinado a assistir no Recife, e não se sair dele, e que pedia a eles holandeses mandassem para o seu engenho uma esquadra de soldados, que servissem de olheiros, e lhe guardassem sua casa, mulher, e filhos, e os defendessem se houvesse alguma revolta, pois eles tinham prometido com juramento de o defender dos inimigos; e que o bom fora que se castigassem velhacos noveleiros, que andavam com semelhantes embustes; os do supremo Concelho mandaram a Felipe Pais, que se tornasse para sua casa, e não lhe quiseram dar soldados de guarda; e logo os portugueses começaram a dizer que Felipe Pais havia vindo ao Recife a descobrir a fação, e alguns lh'o estranharam no seu mesmo rosto, porém não se averiguou esta mentira em verdade.

Amador de Araújo respondeu ao capitão dos cavaleiros por escrito, e lhe mandou dizer que não lhe merecia o escrever-lhe na sua carta palavras que cheiravam a chamar-lhe traidor, e alevantado, sendo ele um homem nobre, e rico, e um dos mais fiéis moradores que os holandeses tinham em toda a Capitania, e que quando ele o quisera ser, não lhe haviam faltado ocasiões, pois por sua casa havia passado o Capitão João Lopes Barbalho com trezentos soldados de armas de fogo, e a campanha andava cheia de tropas de soldados da Bahia, e a armada à vista, quando o Conde da Torre veio ao Brasil; e ele sempre se havia mostrado leal, não querendo tomar armas, pois o podia fazer; e que se de presente ele, e os mais holandeses, sem haver causa para isso, lhe queriam levantar algum falso testemunho, para lhe confiscarem fazenda, que bem o podiam fazer, como costumavam, e que ele não estimava fazendas, nem riquezas, senão a honra, e a vida, e que a fazenda depressa a largaria ou lhe poria o fogo, e que a honra, e vida trataria de a defender, e tomar, se pudesse, vingança de seus inimigos, porque aos homens de sua qualidade não lhes punham temor, embustes, nem maranhas; e logo Amador de Araújo pôs todo o seu fato por os matos, e ele se recolheu com sessenta homens armados em um lugar secreto, até avisar a João Fernandes Vieira do que se passava.

Tanto que o capitão dos cavaleiros leu a carta de Amador de Araújo, e chegou ao ponto aonde falava no Capitão João Lopes Barbalho, e em trezentos homens, e em tropas de soldados pela campanha; não passou mais por

diante, senão que meteu a carta em um escritório, e mandou aviso aos do supremo Concelho em como Amador de Araújo era traidor, e que por sua casa haviam passado trezentos soldados com João Lopes Barbalho, e a campanha andava cheia de tropas de portugueses; calaram-se os do Concelho, e mandaram um oficial de justiça chamado João à casa de Amador de Araújo com achaque de o notificarem por um resto de contas que devia a um judeu, chamado Duarte Saraiva, para que viesse aparecer no Recife para a primeira audiência, ou pagasse com efeito logo, logo: e mandaram ao fiscal que o trouxesse preso, e a bom recado; chegou o oficial a Ipojuca, e foi à casa de Amador de Araújo, e dizendo-lhe sua mulher, que não estava em casa, porque havia vindo a Sirinhaém; o oficial lhe revolveu toda a casa, e no fim não o achando por mais dissimular, notificou a sua mulher em seu nome, para que ele fosse aparecer no Recife dentro em oito dias para dar satisfação a Duarte Saraiva de um resto de contas que lhe devia, e que não indo, se procederia contra ele como rebelde, e desobediente aos mandados dos senhores do supremo Concelho, e administradores da Justiça.

Partido o oficial João com os soldados, foi logo sabedor Amador de Araújo do que havia passado, e escreveu duas cartas ao Recife, a saber uma à Duarte Saraiva, estranhando-lhe o mandar cobrar dele uma tão pequena quantia como lhe devi sem lh'a haver mandado pedir por um escrito, e não mandar à sua casa ministros da justiça holandesa com o estrondo dos soldados, como se ele lhe negara sua dívida, ou lhe não quisera pagar, ou fora um homem de capa em colo, de quem se presumisse que poderia fugir, e que não se inquietasse, porque dentro em dez dias lhe iria dar satisfação, porque já tinha doze caixas de acúcar metidas no barco do Conderão, e estava esperando por bom tempo, e águas vivas para deitar por a barra fora; e ao oficial João escreveu que se admirava muito de que sua mercê por respeito de um infame judeu lhe entrasse em sua casa, e lh'a revolvesse, e juntamente de não querer aceitar o comer, e beber, e o agasalhado que sua mulher lhe mandou oferecer; porém que dentro em dez dias iria, ou mandaria pessoalmente a dar satisfação ao judeu, e pagar-lhe a ele a sua diligência, e que se estivera em casa, logo levara consigo o pagamento, ou penhores de ouro e prata, de maior quantia; e esta carta deu o João Flamengo a ler ao Padre Frei Manuel, porquanto não

sabia bem ler a letra portuguesa; e com isto ficaram os holandeses esperando que Amador de Araújo chegasse ao Recife para o agarrarem, e enforcá-lo.

Neste tempo, que era entre Páscoa, e Páscoa, ajuntou Domingos Fagundes na Várzea do Capibaribe quarenta soldados animosos, e deliberados para qualquer empresa, e determinou retirar-se com eles para o mato feito seu capitão, e dali sair por os caminhos de emboscada, e matar quantos holandeses encontrasse desgarrados, e enterrá-los no mato, e tomarem-lhe as armas para se armarem com elas; porquanto não tinham mais que espadas, e duas espingardas, deu conta de seu intento ao Padre Frei Manuel, e ele o divertiu dele, dizendo-lhe, que não fizesse algum motim, que nos custasse a todos caro, e que presto cheguria o tempo, em que mostrasse seu ânimo, e bom zelo, de servir a S. Majestade, e que ele lhe daria aviso quando se chegasse o tempo da ocasião; pareceu-lhe bem o conselho, e porquanto os holandeses o traziam em olho por haver sido capitão da campanha, se passou para Ipojuca, e se agregou a Amador de Aranjo, que o estimou muito por conhecer o muito para que ele prestava. Este Domingos Fagundes é um mancebo pardo, mas forro, filho de um homem nobre, e rico, vianês, o qual no tempo que governou na Bahia o Marquês de Montalvão, veio a correr a campanha de Pernambuco por capitão de uma tropa de vinte soldados, aonde matou muitos holandeses que achou desgarrados por os caminhos, e roubou a outros sem que fizesse mal a algum dos moradores, e somente chegava a suas casas quando o apertava a fome, a pedir de comer; estando pois um dia alojado em um mato junto a Muribeca, foi malsinado por um homem de quem ele se fiou, para lhe ir buscar de comer, comprado com dinheiro, que para isso lhe deu; deram os holandeses de noite sobre ele, guiados por o malsim, e como a sua gente estava descuidada, e dormindo, arrimadas as armas, foi-lhe forçado aos mais deles deixarem as armas, e fugirem, e ficando-lhe somente quatro camaradas, brigou um largo espaço com os flamengos, e vendo que eram muitos, e não podia sair, com honra, nem vida da empresa, foi-se recolhendo para o coração do mato com os quatro companheiros, porém com intento de se tornar a refazer, e vir a pôr fogo ao quartel dos inimigos.

Passou-se da Muribeca para o distrito do Porto Calvo, aonde tomou nos holandeses, que encontrou boa satisfação da pirraça que lhe haviam feito, sucedeu pois que estando

em conversação de alguns portugueses e flamengos, um holandês chamado Mestre João, e falando no Capitão Fagundes, disse: *Não diga ninguém que é valente, porque é um covarde, e não sabe brigar senão no mato, e de emboscada como ladrão, e eu folgara muito de o encontrar só por só, e mostrar-lhe que era um coitado*. Este Mestre João estava casado com Izabel de Araújo, mulher que havia sido do Capitão Souto; não faltou quem fosse contar esta história ao Capitão Domingos Fagundes, o qual tanto que a ouviu, deitou suas espias, para que lhe dissessem quando ele saía da vila de Porto Calvo, e sabendo que ele ia para Camarajibe em companhia de um holandês chamado David de Vuries, que era senhor do engenho que foi do Ramalho, e que cada um deles levava uma pistola, e uma clavina, lhe saiu ao encontro e se lhe pôs diante, e lhe disse: *Vós sois o Mestre João? Pois eu sou Domingos Fagundes, fazei por me matar, e sereis mais valente que eu*. E antes que o Mestre João disparasse a sua clavina, lhe pôs o Fagundes a espingarda nos peitos, e lhe meteu duas balas no corpo, e o matou, e correndo com a espada na mão sobre ele, para o acabar de matar, vendo que David de Vuries ia fugindo, lhe disse: *Não fujais, que vos não hei de matar, nem fazer agravo, porque eu não faço mal aos flamengos que são amigos dos portugueses como estou informado que vós sois*.

Tornou-se David de Vuries para sua casa, e logo se partiu para o Recife, e deu conta do caso ao Conde de Nassau João Maurício, o qual estava já para se partir para Holanda, e o Conde disse que se este Capitão Fagundes quisesse deixar a campanha, e tomar passaporte, que ele lh'o daria de boa-vontade, e lhe perdoaria a culpa, para que não se dissesse em Holanda que ele havia deixado a campanha cheia de ladrões, e salteadores; foi manifesto este dito a Domingos Fagundes o qual se veio logo chegando para junto do Recife, aonde mandou buscar passaporte, que o Conde lhe mandou, e lh'o deram nas Curcuranas, e então deu cópia de si, e se deteve alguns dias em casa de Melchior Alures, que havia sido grande amigo de seu pai, e ali se refez de vestido para sair em público, porquanto andava com vestido de homem do mato; e logo em companhia de Melchior Alures veio a beijar a mão ao Conde por a mercê que lhe havia feito do passaporte; folgou o Conde de o ver, e disse-lhe: *Por que razão matastes ao Mestre João?* Ao qde ele respondeu: *Porque disse em público, que era mais valente que eu, e que eu era*

um covarde, e que se se encontrasse comigo, m'o havia de fazer confessar. Sorriu-se o Conde, e estimou muito de ver tão grande ânimo em corpo tão magro, e desprezível, e lhe disse que passasse seguro de que ninguém lhe fizesse algum agravo. Indo um dia Domingos Fagundes passeando por uma rua da Cidade Maurícia, com um sargento francês, chamado Marcos Jardim, iam perpassando dois soldados com suas clavinas às costas, e um deles revirando o cano da clavina como ao descuido, deu com ele na cabeça ao Capitão Fagundes, e dizendo-lhe ele: *Ah senhor soldado, essa é boa cortesia?* O holandês levantou a mão, e lhe deu uma grande bofetada; calou-se o Fagundes com bem mágoa de seu coração, por se achar metido entre holandeses, e da parte de dentro de suas fortifleações; porém notou o semblante do soldado, suas feições; e traje, para o conhecer; dali a poucos dias vindo o Capitão Fagundes da Muribeca de cobrar um pouco de dinheiro, que André Soares da Cunha devia à sua madrasta Guiomar de Azevedo, encontrou nos outeiros dos Guararapes ao holandês, que lhe havia dado a bofetada com sua espada na cinta, e clavina ao ombro, e não trazendo Domingos Fagundes consigo mais que uma espada, arremeteu ao holandês, e antes que ele disparasse a clavina o passou de parte a parte com uma estocada, e o matou, e lhe tomou as armas, e meteu o corpo morto em uma barroca sem se saber do caso; e logo se passou para as partes de Ipojuca, aonde esteve em casa de um amigo seu, até que se declarou a facção da liberdade, na qual fez as coisas que ao diante se dirão.

Desde o dia do Espírito Santo, que caiu a quatro do mês de junho até dia de Santo Antônio, que é aos treze, mandaram os moradores da Várzea fazer muitos facões, e ferros de dardos (porquanto estavam faltos de armas, que lh'as tinham os holandeses tomado) e começaram em forma de se preparar para toda a hora, em que João Fernandes Vieira lhes desse ponto, e todos pediam encarecidamente a Deus que cessasse a grande invernada para que chegassem o Camarão, e Henrique Dias com suas tropas. Havia vindo Gaspar Gonçalves Vilas, natural de Alter do Chão em Alentejo, e senhor do engenho da Pindova, por mandado do Capitão-mor Amador de Araújo a falar com João Fernandes Vieira, para que mandasse as ordens do que haviam de fazer, e saber o estado das coisas, e de caminho mandou retirar sua mulher para o mato, e levando as ordens de João Fernandes Vieira para Amador de Araújo, e dos outros capitães,

passou por a vila de Santo Antônio do Cabo, e encontrando-se com o Capitão dos Cavaleiros flamengos Gaspar Vandlel, lhe disse o capitão, que Amador de Araújo era um grandíssimo traidor, e que estava levantado, e que isto lhe faria ele evidente por uma carta do dito Amador de Araújo, na qual ele confessava, que a campanha estava cheia de tropas da Bahia, e que por sua casa havia passado João Lopes Barbalho com trezentos soldados, ao que Gaspar Gonçalves Vilas respondeu que tal não podia ser, nem ele lhe mostraria tal carta, nem Amador de Araújo podia escrever tal coisa, e para prova de tudo ser mentira, só bastava o não estar João Lopes Barbalho no Brasil, porque havia mais de um ano, que estava em Portugal servindo a El-Rei em cargo de sargento-mor; e isto replicou o capitão dos cavaleiros cheio de cólera, que ele era homem que falava verdade, e abrindo um escritório tirou a carta de Amador de Araújo, e a deu a ler a Gaspar Gonçalves Vilas, o qual tanto que a leu, se começou a rir, e disse: *Senhor capitão vossa mercê está mui enganado, porque Amador de Araújo não diz aqui o que vossa mercê publica, o que diz é que se ele se quisera levantar, e tomar armas, houvera de ser no tempo que aqui chegou a armada do Conde da Torre quando a campanha andava coalhada das tropas da Bahia, e João Lopes Barbalho passou por sua casa com trezentos soldados, e que agora, que tudo está em paz, grande agravo lhe faz vossa mercê em lhe chamar traidor por boas palavras*. Tornou o capitão a ler a carta, e mandou-a ler por outro flamengo que falava português; e conhecendo o engano em que estava, ficou muito confuso, e pesaroso do que havia dito a Amador de Araújo, e logo com a carta se partiu para o Recife, e desfez ante os do supremo Concelho os ódios, e rancores, que tinha excitado contra Amador de Araújo, ainda que já os do Concelho não se davam por quietos, porque as crueldades, e tiranias que tinham usado, e usavam com os moradores, lhes traziam os corações sobressaltados.

A cinco dias do mês de julho de mil e seiscentos e quarenta e cinco, chegou nova a João Fernandes Vieira em como os governadores dos índios, e negros, Dom Antônio Felipe Camarão, e Henrique Dias haviam passado com suas tropas o rio de S. Francisco, porém muito metidos ao sertão, e que se o tempo chuvoso abonançasse não podia tardar muitos dias, deu João Fernandes Vieira cópia desta boa nova a seus amigos, e aliados, do que muito se alegraram, e juntamente

mandou dizer a Sebastião de Carvalho, e a Antônio de Oliveira por o Padre Francisco da Costa Falcão vigario da matriz da Varzea, que lhe mandassem dizer se eram portugueses, ou holandeses? ao que eles responderam, que eram portugueses legitimos, e estavam aparelhados com a fazenda, e vida, para o serviço d'El-Rei de Portugal seu Senhor, e logo no seguinte dia, que foi aos dez do dito mês, foram ambos ao Recife, e levando por seus interpretes a dois judeus, um chamado o Febo, e outro seu primo ou irmão, disseram aos do supremo Concelho: dias ha que temos declarado a Vossas Senhorias a traição que Joao Fernandes, e outros seus mancomunados (e aqui declararam os nomes de todos), tem ordenado contra os Senhores holandeses; agora lhe vimos a manifestar em como a traição esta batendo à porta, e que ou se ha de dar à execução dia de Santo Antônio, ou dia de S. João, pelo que Vossas Senhorias recobrem sobre si, e estejam alerta; e Sebastiao de Carvalho lhe pediu encarecidamente, que pois ele lhes era tão leal, e verdadeiro amigo, mandassem prender a todos os que ali lhe nomeavam, porque todos eram traidores aos Estados de Holanda, e à ilustre Companhia, e que os primeiros que prendessem fossem a eles Sebastião de Carvalho, e Antonio de Oliveira, porque assim lhe importava, por sua honra, reputação, e crédito, e não viessem a conhecer os portugueses, que eles haviam sido os descobridores do alevantamento, e lhes roubassem, e abrasassem suas fazendas; agradeceram-lhe muito os do Concelho este aviso, e mandaram que logo se tornassem para suas casas, e na noite da véspera para o dia de Santo Antônio, que foi a mais chuvosa, e tempestuosa deste ano, quando os caminhos iam tais, e principalmente os da Várzea, que é terra de massapê, que com a muita lama, e atoleiros não havia quem pudesse andar por eles, nem a pé, nem a cavalo despediram em tropas de vinte, trinta, e quarenta soldados toda a soldadesca que tinham no Recife, e mandaram cercar todas as casas dos moradores que estavam malsinados, a quem tinham por cabeças do alevantamento conjurado, e que no dia de Santo Antônio pela manhã os trouxessem presos ao Recife, para que ali os mandassem enforcar, uns à vista dos outros, e mandar pôr todos os quartos por os caminhos.

Mandaram cercar a casa de João Fernandes Vieira com cinqüenta soldados, e outros cinqüenta ficaram emboscados nos canaviais para acudirem de socorro quando achassem resistência; mandaram vinte e cinco à casa de Antônio

Bezerra, e outros tantos (por forma) à casa de Antônio Cavalcanti, porque suposto que dos aliados, o tinham por amigo, mandaram a casa de Amaro Lopes de Madeira vinte, ao engenho de João Pessoa quinze, a casa de Manuel Cavalcanti doze, e outras tropas pequenas por as casas dos outros moradores, porem a nenhum acharam em sua casa, porque todos dormiam no mato, e no engenho de João Pessoa, lhe escaparam das maos João Pessoa, Francisco Berenguer de Andrade, Bernardino de Carvalho, e João de Matos Homem, os quais estavam dormindo na casa de purgar, e ouvindo o rumor, que os soldados faziam nas casas de morada fugiram por um buraco, e passando o rio Capibaribe com a água por o pescoço, se esconderam em um mato. Enfim naquela noite nao puderam fazer presa na Várzea, porque ainda que a noite foi muito tempestuosa, e chuvosa, todavia como todos andavam de sobreaviso, todos dormiam por os matos, e por entre os canaviais, todos digo os que se haviam mancomunado na empresa da liberdade da pátria.

Chegou uma tropa de vinte e cinco soldados à casa de Sebastião de Carvalho, que estava distância pouco mais de meia légua do Recife, e de consentimento dos soldados, segundo a ordem que levavam, fugiu de sua casa, e veio à casa de um vizinho seu chamado Antônio da Silva, e lhe disse que vinha fugindo de uma tropa de holandeses, que o vinham prender; e dizendo-lhe o dito Antônio da Silva que não tivesse temor, porque ele lhe daria uma casa secreta, e fora de caminho, aonde estivesse escondido, e seguro, até o dia seguinte que era o de S. Antônio, e que tanto que chegasse a luz do dia, ele iria ver o que se passava em sua casa, e segundo as novas que lhe trouxesse poderia ele fazer o que lhe estivesse melhor; todavia Sebastião de Carvalho lhe replicou que estava enfermo, e que quando fugira se havia arranhado entre as silvas do mato, e havia mister de ser sangrado; e dizendo-lhe Antônio da Silva que ele o sangraria por sua mão, porque o sabia fazer, e que ali lhe daria cama em que passasse à noite, e que não se tornasse para casa até saber o que aquilo era; a isto replicou Sebastião de Carvalho que se ele se não tornasse para casa poderiam os holandeses roubar-lhe toda sua fazenda, e que assim não poderiam alfazer, senão tornar-se para sua casa. Vendo isto Antônio da Silva, o deixou tornar, e acabou de conhecer (o que já se praticava) que aquilo era estratagema, e que o dito Sebastião de Carvalho tinha dado ordem aos holandeses, que o mandassem prender, para encobrir a maldade que havia

feito, e que o vir de noite à casa dele dito Antônio da Silva com aquela dissimulação, era somente para que ele publicasse em como o vira vir fugindo dos holandeses, e que por fugir se arranhara entre os espinhos do mato.

Tornou-se Sebastião de Carvalho para sua casa, e Antonio da Silva se meteu entre uma reboleira de arvores junto ao caminho, de donde viu passar uma tropa de soldados, os quais não chegaram a sua porta; e tanto que amanheceu foi logo a casa de Sebastião de Carvalho, a saber o que havia sucedido, e achou uma duzia de soldados flamengos, assentados ao pe de sua escada, e em uns carros que estavam ali no seu terreiro, sem lhe entrarem em casa; e entrando nela o dito Antonio da Silva achou nela a Sebastião de Carvalho, o qual se fingiu que estava mui doente, e lhe pediu que o sangrasse, o que ele fez; e logo Sebastião de Carvalho se pos a cavalo, em companhia de Francisco de Oliveira filho de Antônio de Oliveira, e se foi com os soldados para o Recife; e Antonio da Silva veio logo à porta da igreja da Varzea, e contou toda a estratagema que havia visto, do que todos zombaram, e mofaram; e querendo um homem honrado acudir por Sebastião de Carvalho, dizendo que não era traidor, senão mui leal, e verdadeiro vassalo d'El-Rei, lhe saíram logo outros ao encontro, e disseram: *Isso fora quando nós não soubéramos o contrário, porém nós sabemos, e é público e notório que Sebastião de Carvalho escreveu a Fernão do Vale senhor do engenho de São Bartolomeu, que lhe viesse a dar uma palavra nos outeiros dos Guararapes, porque lhe importava sua honra, e vida, e indo o dito Fernão do Vale a seu chamado, por serem grandissimos amigos, lhe contou toda a fação da empresa da liberdade, e lhe declarou as pessoas que estavam ajuramentadas para ele, e lhe propôs diante dos olhos muitas impossibilidades, para se poder sair com bom efeito no que se intentava, e lhe pediu mui encarecidamente que pois sabia falar bem a língua flamenga, quisesse manifestar esta fação aos senhores do supremo Concelho; e que ele a iria manifestar em primeiro lugar, e que logo fosse ele Fernão do Vale em seu seguimento, e que assim granjeariam a amizade dos holandeses, e ficariam com suas fazendas seguras, e sabemos que assim Sebastião de Carvalho foi manifestar o segredo, levando por seus intérpretes aos judeus, chamados os Febos, e Fernão do Vale também foi fazer o mesmo em companhia do Doutor Mercado, que é outro judeu boticário do Recife seu grande amigo.*

CAPÍTULO III

Do princípio do alevantamento da gente de Pernambuco contra os holandeses

Amanheceu o dia de Santo Antônio, e não se fez a festa na igreja do engenho de João Fernandes Vieira, por ele não se poder achar presente, e juntamente por um portento, que sucedeu na dita igreja, e foi que tendo armada a igreja e enramado o alpendre com ramos verdes, palmas, e canas de açúcar, e havendo preparado o altar do santo com a decência, e ornato possível, tanto que na prima noite tangeram o sino para avisar aos circunvizinhos, que havia ali festa, e pregação, subitamente se despregou o sobre-céu a modo de docel que estava sobre o altar, e se pôs dobrado sobre o mesmo altar diante da imagem do santo, coisa que causou grande admiração em todos os que se acharam presentes; e não sabendo o que aquilo significaria, ou se queria dizer o santo que cada um se vigiasse, e pusesse seu fato em cobro, se resolveram que a festa se fizesse na igreja matriz da Várzea, e assim se fez, porém na igreja não se achou pessoa alguma presente dos ajuramentados na empresa da liberdade, porque tanto que os holandeses cercaram a primeira casa dos homens principais da Várzea, logo os negros que fugiram foram dando rebate por todas as casas dos moradores, e todos se esconderam por entre os canaviais o melhor que puderam; enfim naquela noite não fizeram os holandeses boa jornada, nem prenderam pessoa alguma na Várzea, e se vieram recolhendo outra vez para o Recife, e muitos deles passaram por a porta da igreja.

Tanto que eles passaram, se veio ajuntando o povo, e se fez a festa do santo com muita solenidade, com sentinelas deitadas ao largo, e com resolução de todos os que se acharam presentes de se declararem todos, e se defenderem

dos holandeses, se acaso quisessem prender algum morador de lhe tirarem das maos a qualquer que levassem preso; pregou neste dia o Padre Frei Manuel do Salvador da Ordem de S. Paulo da Congregação dos Eremitas da serra d'Ossa, e pregou ja ao claro, porque ate ali nao ousava de se declarar em forma na façao da liberdade, porquanto os holandeses, debaixo do titulo de catolicos romanos, todas as vezes que ele pregava, que era em todas as festas, lhe mandavam olheiros por ouvintes, para notarem se pregava alguma coisa contra eles que tocasse a traiçao, para o prenderem, e degolarem; porem neste dia pregou tao claramente trazendo ante os olhos de todos os ouvintes todas as tiranias, crueldades, roubos, e traiçoes, que os holandeses lhe tinham feito, e faziam, e sobre o tema *Sint lumbi vestri praecincti*. Luc. cap. 12. Exortou a todos a que se preparassem para tratar da defensao da Fé Católica, e de se livrarem do tirano cativeiro em que estavam, e que tomassem as armas, lembrando-se que eram portugueses, filhos, e netos daqueles grandes heróis, que nas mais remotas partes do mundo, tantas proezas, e façanhas, haviam obrado; e que pois o glorioso Santo Antônio depois que se tratou da liberdade, lhes abriu por duas vezes as portas da sua igreja, havendo-as deixado fechadas, e com chave; e naquela noite havia despregado o céu do seu docel do altar, e o havia dobrado; era como se dissesse aos moradores de Pernambuco, que não temessem de acometer a empresa, pois ele lhe abria as portas de sua igreja, para os amparar, e ajudar, e que cada qual dobrasse o seu fato, e o pusesse em salvo, e tratasse de estar desembaraçado, e preparado para a guerra; enfim tais coisas disse o Padre Frei Manuel, que quando se acabou a missa, sairam todos da igreja, uns com as lágrimas nos olhos causadas de alegria, e os mais com firme propósito de se declararem contra o inimigo, e venderem suas vidas pelo rigor das armas, e com este intento se recolheram para suas casas.

Neste dia por a manhã saiu João Fernandes Vieira do mato aonde havia dormido, e descobrindo primeiro o campo se estava seguro, chegou ao engenho de Luiz Braz Bezerra para saber o que passava e tomar resolução no que devia fazer; ali se ajuntaram com ele as pessoas seguintes, Antônio Cavalcanti, Manuel Cavalcanti, João Pessoa Bezerra, Antônio Borges Uchôa, Francisco Berenguer de Andrada sogro de João Fernandes Vieira, com seu filho Cristóvão Beren-

guer, Cosmo de Crasto Passos, Antônio Carneiro Falcato, Antonio Bezerra, Miguel Bezerra Monteiro, Luiz da Costa de Sepulveda, Francisco de Faria, Alvaro Teixeira de Mesquita; e todos estes levaram alguns escravos, e criados armados com armas de fogo; com estes camaradas partiu João Fernandes Vieira do engenho de Luiz Braz Bezerra às três horas da tarde, e se foi pôr no meio de um mato sobre um outeiro (parte secreta) detras das casas de Maria de Tavora, aonde esteve tres dias, dispondo as coisas, segundo melhor lhe pareceu, porquanto o tinham todos eleitos em governador daquela empresa, aqui se lhe ajuntou o Capitão Joao Nunes com onze homens com armas de fogo, e o Capitao Francisco de Lisboa com toda a gente que o governador tinha nos seus engenhos e fazendas com suas armas, e alguns negros Minas e Angolas, seus escravos, em quem ele tinha confiança, e ali lhes prometeu de lhes dar cartas de alforria, se fizessem como valorosos soldados naquela ocasião. E daqui por diante se falará no Padre Frei Manuel do Salvador, nao como escritor deste tratado, senão como pessoa particular.

Também aqui se lhe ajuntaram João Lourenço Frances, com dois filhos, e um sobrinho, João de Matos Homem, João Cordeiro de Mendanha, Antonio da Silva, Domingos de Aguiar de Oliveira, Francisco de Faria, Amaro Lopes de Madeira, o qual tinha ido ao Recife a esquadrinhar secretamente os intentos, e determinações dos holandeses para avisar a João Fernandes Vieira, como por muitas vezes havia feito, ele se confiava muito de sua fidelidade, por ser homem que o merecia, e ser natural de sua pátria a ilha da Madeira, e ultimamente se achou ali com o governador um mancebo da ilha da Madeira, chamado Diogo da Silva, que lhe servia de secretário, e sempre o acompanhou a seu lado e em todos os transes, perigos, e ocasiões de importância.

Com esta gente, e alguma mais que se ajuntou, que tudo faria número de cento e trinta pessoas, marchou o governador para os mocambos de Camarajibe, aonde esteve alguns dias dispondo as coisas necessárias, e mandando avisos por todas as partes, e ajuntando alguma gente, e mandando dar rebate por as freguesias, que todos os negros crioulos, Angolas, Minas e Ardas, e mulatos cativos, que naquela empresa o acompanhassem, e o fizessem como bons soldados, ele lhe prometia carta de alforria, e liberdade, e de os pagar de sua fazenda a seus senhores, por o justo preço; por onde

alguns se lhe foram ajuntando, e outros andavam em magotes, e davam de noite nas fazendas dos flamengos, e judeus, e os roubavam, e então se acolhiam para o mato. E há de advertir que todos estes homens, que se agregaram a João Fernandes Vieira, sendo os mais deles casados, e ricos, desampararam suas fazendas, e deixaram suas mulheres, e filhos ao rigor do inimigo, como também o fez o mesmo João Fernandes Vieira, por não lhe ser possível o retirarem-nos para os matos; porque a muita pressa que o inimigo deu em querer prender os moradores depois que se lhe descobriu a conjuraçao, nao deu lugar a que os moradores se preparassem em forma, como lhes era necessário. Sendo ali avisado o governador em como os do supremo Concelho estavam informados por um mamsim, em como ele estava naquele sitio, e se preparavam para o mandar buscar; vendo que nao tinha força bastante para ter encontro ao inimigo, saiu-se daquele posto, e foi marchando aos mocambos do Borralho, ajuntando mais alguma gente com promessas que lhe fazia.

Nestes primeiros dias despedia o inimigo avisos a todos os comendores, que tinha em corpos de guardas por as povoações, e freguesias, para que lhes prendessem as pessoas que lhes mandavam por ról, que eram as que os traidores lhes tinham malsinadas; e assim prenderam a muitos homens honrados por toda a Capitania de Pernambuco, e os trouxeram presos ao Recife, e os puseram em ásperas prisões, não permitindo que nenhum português falasse com eles, e só Sebastião de Carvalho tinha liberdade de falar com todos e de o visitarem, e passear por a Cidade Maurícia, e algumas vezes vinha à sua casa, e outras mandava ir sua mulher aonde ele estava, aonde a tinha consigo, dois, e três dias, e então a tornavà a mandar, e lhe alcançou dos do supremo Concelho passaporte, e salvo-conduto para estar segura, e sem algum receio em sua casa, e que nenhum soldado fosse ousado a lhe fazer agravo, ou moléstia em sua fazenda; e este dito passaporte trazia ela escondido entre o forro da aba do gibão, que trazia vestido, e quando chegava alguma tropa de soldados holandeses à sua porta, lhe mostrava o passaporte, e eles logo tiravam os chapéus, e passavam por diante sem lhe fazerem mal algum. Também os do Concelho supremo mandaram apregoar um edital, que nenhuma pessoa pudesse tirar do Recife, ou da Cidade Maurícia coisa alguma de comer, ou beber, ou vestir, sem licença

dos do governo, sob graves penas, assim sobre os que comprassem, como os que lh'o vendessem; e só estava isento desta prematica Sebastião de Carvalho, a quem seus escravos lhe traziam todos os dias de comer, e os mimos, e regalos de sua casa, e tiravam do Recife tudo o que lhe era necessário, e para isto ia um mulatinho do governador das armas, em cuja casa ele estava preso, e chegava com seus negros até as portas das trincheiras, para que os guardas os deixassem passar livremente.

Ali vinha Antônio de Oliveira todos os dias a visitar a Sebastião de Carvalho, e tratava com ele todas as coisas que se passavam por a campanha; e nos matos aonde a nossa gente estava, o qual para isso trazia espias que lhe descobriam tudo. E tanto que se aconselhava com Sebastião de Carvalho, ia logo ao supremo Concelho a dar conta aos superiores holandeses, os quais algumas vezes vinham a visitar a Sebastião de Carvalho à chamada prisão, aonde estava, e ali se brindavam de parte a parte; e o que mais continuava com ele, era um chamado Matias Beque, que era coronel dos burgueses, e os judens jamais o deixavam estar só, e com eles praticava todos os segredos dos moradores, e lhes dava alvitres contra nós, para que como peritos na língua flamenga, os fossem manifestar aos do Concelho, e aos portugueses que o iam visitar dizia muitos males de João Fernandes Vieira, e lhe chamava muitos nomes indecentes, de velhaco, infame, cachorro, e outros ainda mais pesados, e o ameaçava, que logo os holandeses o haviam de ir a buscar, e o haviam de trazer amarrado, e o haviam de fazer em quartos, ou lh'o haviam de entregar, para ele o ter como uma braga no pé na sua estrebaria, para lhe pensar o seu cavalo; o que tudo se contou logo a João Fernandes Vieira no mato aonde estava com a nossa gente.

Também em companhia dos malsinados, que os holandeses prenderam, mandaram vir presos a outros homens graves, que não eram conjurados, e a estes soltaram em poucos dias, crestando-lhe primeiro as bolsas, e dando-lhe passaportes de segurança por duas patacas de Espanha cada um, e a todos obrigaram a fazer de novo prometimento de fidelidade, e os mandaram para suas casas, encarregando-lhe que aquietassem aos moradores; e também foram soltando a alguns dos malsinados debaixo dos mesmos passaportes, e prometimento de fidelidade, à vista das grandes peitas que lhe deram; do Porto Calvo veio preso Rodrigo de Barros Pimentel; de Una o Padre João Gomes de Aguiar; de Sirinhaém

Sebastião de Guimarães; de Ipojuca João Carneiro de Mariz, e seu filho Francisco Carneiro de Mariz, Francisco Dias Delgado, Miguel Fernandes de Sá; do Cabo de Santo Agostinho, Antônio Mendes de Azevedo; de Gurjaú Antônio Nunes Ximenes; de Sirinhaém Simeão Vieira; de Santo Amaro Antônio de Bulhões; de São Lourenço Gaspar Pereira, e seu filho Salvador Pereira (os quais ainda estão presos) e das outras freguesias da Capitania, desde o rio de São Francisco até à Paraíba, prenderam a muitos outros homens, cujos nomes me passaram da memória, e a outros muitos mandaram prender, os quais foram avisados, e se retiraram para os matos, e puseram suas fazendas móveis em cobro.

Aos dezoito dias de junho, publicaram os holandeses um edital, e o mandaram pregar por as portas das igrejas da Capitania, cujo teor é o seguinte: *Os ilustres, e mui nobres senhores do supremo, e segredo Concelho desta provincia de Pernambuco, ec. Porquanto à nossa noticia tem chegado (o que nos muito pesa) que alguns moradores de nossa jurisdição, receosos, e temerosos de um rumor falso, que se esparziu, que os nossos soldados haviam de sair por a campanha a matar, e roubar a todos os moradores que viviam fora de nossas fortificações, se hariam ausentado para os matos desertos, querendo nós atalhar a quantos males, e desgraças se podem seguir a este efeito aos moradores, e principalmente aos inocentes; por este nosso edital fazemos a saber, que a nossa intenção é defender, amparar, e conservar em paz, e quietação a todos os nossos súditos; e assim requeremos da parte de Deus, e da nossa a todos os moradores da nossa jurisdição, que com temor andam por os matos, que nós lhe damos plenario perdão de todas as culpas, que contra nós, e nosso Estado hajam cometido nesta traição, e alevantamento, contanto que logo todos se tornem para suas casas, e dentro em espaço de nove dias, termo preciso, e peremptório, que lhes concedemos, tanto que à sua noticia chegar este nosso edital, se venham apresentar a este supremo Concelho, para fazerem de novo juramento de fidelidade, e se lhe darem seus passaportes; e neste perdão não entrarão os que foram cabeças desta rebelião, e alevantamento, e não tornando os ditos moradores para suas casas, nem se vindo apresentar neste Concelho dentro no tempo que lhes assinamos, procederemos contra eles a ferro, e fogo, e mortes, como contra traidores, sem remissão, nem piedade alguma. Dado neste Recife em supremo Concelho, aos dezoito dias do mês*

de junho de mil e seiscentos e quarenta e cinco anos, selado com o selo maior de nosso cargo. João Bolestrate, Henrique Hamel, Petre Vaes, João de Valbeque.

Tanto que este edital se publicou acudiram ao supremo Concelho quase todos os moradores que se haviam ficado em suas casas, por não se haverem podido retirar por causa da grande invernada, e por não terem entre os matos com que sustentarem suas mulheres, e filhos; e juntamente porque não haviam sido sabedores do alevantamento, e rebelião, e assim por poderem estar quietos em suas casas enquanto se não ajuntavam os moradores, e se declarava em forma a aclamação da liberdade; foram todos tomar seus passaportes, e a cada um lhes custava duas patacas, no que os holandeses do supremo Concelho ajuntaram muito grande cópia de dinheiro (como das outras vezes tinham feito, sem nunca jamais guardarem os ditos passaportes) e outrossim mandavam seus soldados por as casas dos moradores a dizer-lhes que todos estivessem em suas casas, e não tivessem seus fatos por os matos, porque os haviam de mandar correr por os caboclos brasilianos, e que haviam de roubar tudo o que por os matos achassem escondido, e assim matar a todos os que entre eles achassem, e esta estratagema ordenaram, para que trazendo os moradores todos os seus bens móveis para suas casas, os mandassem logo roubar, como com efeito fizeram.

Outros em ouvindo o edital, e sendo certos em como o Governador da liberdade João Fernandes Vieira se havia retirado com a gente para o mato; foram caminhando para onde ele estava, e se lhe agregaram, e as mulheres, e filhos de alguns que se haviam retirado, se recolhiam nas casas dos que tinham passaporte, parecendo-lhe que ali estavam mui seguros de trabalhos, e só em casa de Gaspar de Mendonça nos Apipucos estavam recolhidas mais de cento e cinqüenta pessoas, entre mulheres, e meninas, com as quais o dito Gaspar de Mendonça teve não somente muita caridade em os agasalhar, e mandar esconder seu fato em lugares secretos, mas também muito gasto em as sustentar, e mais em tempo que tudo andava revolto, e perturbado.

Logo o inimigo mandou deitar um bando, em que prometia quinhentos florins a qualquer pessoa que matasse ao Governador João Fernandes Vieira, e mil florins a quem lh'o trouxesse vivo, ou a sua cabeça, e que se o matador fosse escravo, lhe dariam alforria, e lhe dariam os quinhentos flo-

rins; soube o Governador João Fernandes Vieira deste bando, e mandou deitar outro, e fixá-lo nos lugares públicos, nos quais prometeu oito mil cruzados a quem quer que lhe trouxesse a cabeça de cada um dos três do supremo Concelho; e aos do supremo Concelho escreveu uma carta, chamando-lhes tiranos, e ladrões embusteiros, e que não se cansassem em o buscar, porque ele os viria a buscar a eles, e beijar-lhe as mãos antes de muitos dias, porque para isso tinha quatorze mil soldados brancos, e vinte e quatro mil negros, e mulatos, com a qual carta os do Concelho supremo, e os judeus fizeram disto grande galhofa.

Tanto que em Ipojuca se soube como o Governador João Fernandes Vieira estava levantado, e metido com gente dentro no mato, logo determinaram de se levantar declaradamente; estavam no passo do rio de Ipojuca três barcos de flamengos, esperando por carga de açúcar, e farinha, e outras drogas dos holandeses, e judeus, para se partirem para o Recife, e sobre eu hei de embarcar minhas caixas, não haveis de embarcar senão eu, se atou Manuel de Miranda em palavras pesadas com um judeu de alguns, que na povoação moravam com lojas de mercadores, e de palavra em palavra vieram a mãos, um português, e um judeu e o português matou ao judeu; acudiu outro judeu à briga, e os moradores também o mataram, e acudindo os soldados flamengos do seu quartel, que era o convento de São Francisco, para prender aos delinqüentes. Os moradores da povoação deram sobre eles, e mataram alguns, e feriram outros, e entrando-lhe no seu quartel, lhe tomaram a todos as armas, com as quais se armaram, e logo foram ao Varadouro, e cortaram as enxárcias dos barcos, e lhe tomaram as velas, e aos barcos fizeram rombos, e os meteram no fundo do rio; e logo foram junto à fortaleza do Pontal, e mataram cinco marinheiros dos barcos, e a sete, ou oito deram a vida, porque lhe pediram bom quartel, com as mãos levantadas ao céu: e logo Amador de Araújo, que estava eleito em capitão-mor, foi ajuntando a si toda a gente daquela freguesia, que era idônea para poder tomar armas, e uns com paus tostados, e outros com facões, e dardos, e algumas armas de fogo, se preparou para se haver de defender do inimigo, se acaso o viesse buscar.

O primeiro, que em Ipojuca levantou companhia foi o Capitão Domingos Fagundes (a qual não tinha mais que dezesseis soldados) e logo com ela se foi à casa de um fla-

mengo chamado João Rotres e dando nela de sobressalto, rendeu a treze flamengos, que ali estavam mui bem armados, não levando o Capitão Domingos Fagundes mais que cinco armas de fogo, e quatro dardos, e os mais levavam bordões tostados, por falta de armas, que as não havia, e despojando aos treze flamengos das armas, e provendo com elas aos seus soldados, deu passaportes aos flamengos, e os mandou ao Capitão-mor Amador de Araújo, que então estava no Trapiche, que é um engenho de açúcar assim chamado.

Chegou esta nova ao Recife em como os moradores de Ipojuca se haviam levantado, e se haviam declarado por inimigos, e que Amador de Araújo era o seu capitão-mor, e tudo o mais que havia sucedido, e os judeus, e judias, fizeram grande pranto por os dois judeus que os portugueses haviam morto, e começaram a persuadir aos do supremo Concelho que lhe mandassem vingar aquelas mortes, e lhes ofereciam dinheiro para os gastos da jornada.

Saiu logo do Recife o Governador das armas Henrique Hus com seiscentos soldados, a melhor gente de guerra, que os holandeses tinham, e com trezentos índios brasilianos inimigos do sangue português, e saindo de noite da Cidade Maurícia, por não ser sentido dos portugueses, se foi na volta de Ipojuca com desenho de trazer preso a Amador de Araújo, e os de sua fação; em véspera de S. João estando o Capitão Domingos Fagundes na casa de João Flamengo posto de vigia, e mandou chamar Amador de Araújo, para o melhorar de companhia, e armas, para a fronteira dos Moriquipes, e ao meio-dia chegou ali o Governador das armas Henrique Hus com toda sua tropa, com a qual brigou o Capitão Fagundes mui valorosamente, não tendo mais que vinte homens consigo, e lhe feriu alguns soldados, e lhe matou três; e temendo que o holandês lhe deitasse mangas, e o acolhesse no meio, se retirou por entre o mato, não ousando o inimigo de o seguir, temendo alguma emboscada, porque viu que se ia retirando, e brigando sem virar as costas; e o Capitão Domingos Fagundes foi buscar ao Capitão-mor Amador de Araújo, e se incorporou com ele, e o governador das armas se veio alojar na povoação de Ipojuca para tomar resolução no que havia de fazer.

Neste tempo em que o governador das armas se deteve em Ipojuca, veio ao Recife um mulato de Antônio Cavalcanti, e disse aos do supremo Concelho, que se lhe des-

sem gente de guerra bastante, ele lhes entregaria nas mãos a João Fernandes Vieira, e trouxe aos do Concelho uma carta de Antônio Cavalcanti, com a qual eles muito se alegraram, e ao diante se dirá o que a carta continha. Sabido o que havia sucedido em Ipojuca por Sebastião de Carvalho, tratou logo com muitas veras de trazer para o Recife a seu irmão Bernardino de Carvalho, e lhe mandou por via de Antônio de Oliveira um, e outro, e outro recado, que não seguisse a João Fernandes Vieira, nem se fiasse nele, porque a empresa que ele acometia era uma parvoíce que não havia, nem podia conseguir bom fim, porquanto não tinham cabedal para seguir seu intento, e antes de muitos dias os holandeses o haviam de mandar buscar, e fazê-lo em quartos, e por seu respeito haviam de padecer os moradores muitos males, principalmente os que com ele se mancomunassem, pelo que ou se deixasse estar em sua casa, que ele lhe mandaria passaporte dos senhores do supremo Concelho, que já lh'o haviam prometido, ou para estar mais seguro se viesse para dentro do Recife, aonde seria bem tratado, e estimado de todos aqueles senhores, e estaria sem sobressaltos enquanto aquela parvoíce durasse, a qual não havia de durar muitos dias.

Porém Bernardino de Carvalho como era homem sagaz, e prudente, e de maduro juízo, e purificado entendimento, e vendo que tinha mandado a Portugal dois filhos seus a servir na guerra a Sua Majestade, chamados Antônio de Carvalho, e Bernardino da Cunha de Andrada, os quais ocupavam um o cargo de capitão, e outro da alferes, por não perder o bom serviço que a sua Majestade havia feito, e por sustentar a honra, e fidelidade, que a seu Rei, e Senhor devia, não quis condescender às persuasões de seu irmão Sebastião de Carvalho, antes tratou logo de ir em seguimento de João Fernandes Vieira, como de efeito o fez, levando consigo a um só filho que consigo tinha, chamado Manuel Alures de Carvalho, o qual na ocasião que tivemos da vitória dos tabocais o fez valorosamente, e como filho de quem era; e despedindo-se Bernardino da Carvalho de Manuel Camelo de Quiroga lhe disse (dando-lhe um apertado abraço): *Ficai-vos embora amigo, porque meu irmão eu o não tenho por tal, nem me prezo de o nomear por irmão, porque o serviço d'El-Rei, o amor da pátria, e principalmente a honra de Deus, nos peitos nobres andam em primeiro lugar. Eu me vou para o mato, porém eu vos certifico, que esta minha ida sôe daqui muito longe, nas últimas partes de Europa.*

No principio do mês de julho prepararam os do supremo Concelho uma nau, e a mandaram à Bahia com uma embaixada ao Governador Geral Antônio Teles da Silva, e para descobrirem debaixo desta capa de embaixada, se estava na Bahia alguma armada de Portugal; e mandaram por embaixadores a Teodósio de Estrate Sargento-mor, e Governador do forte do Pontal de Nazaré do Cabo de Santo Agostinho, e a Baltazar Vandforte, que havia sido fiscal, e de presente era um dos do Concelho político, os quais ambos sabiam falar a língua portuguesa. Os quais chegando à Bahia deram conta ao Governador General Antônio Teles da Silva do alevantamento de João Fernandes Vieira em Pernambuco, e de tudo o mais que se passava, e lhe fizeram protestos de que ele dito Governador Antônio Teles da Silva não favorecesse esta traição, e alevantamento, nem lhe fizesse guerra, pois estavam em tréguas, porque fazendo-lhe ele guerra, ou mandando socorro a João Fernandes Vieira, protestavam de mandar vir uma armada de Holanda, com a qual não somente passassem a cutelo a todos os moradores de Pernambuco, como rebeldes, e traidores, mas também lhes fossem a tomar a Bahia, e que já em Pernambuco se dizia publicamente, que em socorro de João Fernandes Vieira eram partidos da Bahia, e haviam passado o rio de São Francisco o Tenente de General André Vidal de Negreiros, e os capitães Paulo da Cunha, Pedro Cavalcanti, Lourenço Carneiro, Antônio Alures Tição, Ascenso da Silva, e outros mais, com grande número de soldados.

Ouvidas todas estas razões, mandou logo o Governador General Antônio Teles da Silva chamar ao Tenente André Vidal de Negreiros, e aos mais capitães atrás nomeados e tanto que os teve diante dos embaixadores, lhes respondeu desta sorte: *Os senhores do supremo Concelho, como não sabem outros primores mais que mercadejar, e tratar de seu interesse, não se lhes dá nada de usar de traições, e aleivosias, e quebrar a palavra aos reis, e príncipes cristãos, e mais a um tão primoroso, e poderoso como é El-Rei Dom João o Quarto meu Senhor, o que bem se tem visto em quantas traições, e aleivosias lhe tem feito neste Estado do Brasil, e no mar desta parte da linha, depois de celebradas as tréguas, e destes agravos pudera eu ter tomado boa satisfação, se m'o não impedira o mandado expresso que tenho de Sua Majestade, que conserve a amizade, e paz com os holandeses de Pernambuco; porém também me manda que me*

vigie, e esteja de sobreaviso, porque não se pode ter muita confiança de fidelidade em mercadores, e que tome exemplo do que eles têm feito, que no tempo de pazes celebradas, lhe foram à falsa fé tomar Angola, São Tomé e o Maranhão, e que de presente mandaram a ele dito governador embaixada cheia de embustes, e mentiras, dizendo que o Tenente André Vidal de Negreiros, e os mais capitães nomeados haviam já passado o rio de São Francisco com grandes tropas para Pernambuco, sendo que todos estavam ali na Bahia, como os viam diante de seus olhos, e que a quem não se lhe dava de mentir com tão pouco pejo, menos se lhe daria de quebrar a palavra prometida a S. Majestade, pelo que ele lhes fazia a saber, que ou haviam de deixar de tiranizar aos moradores de Pernambuco, não lhe roubando suas fazendas, oprimindo sua liberdade, e impedindo o culto divino, segundo a Religião Católica Romana, como lh'a impediam, ou ele lhe havia de fazer guerra a fogo, e a sangue, e assim o jurava por a Cruz de S. João que tinha nos peitos, ainda que soubesse que S. Majestade lhe havia de mandar logo cortar a cabeça por desobediente a seus mandados.

Ouvindo isto, responderam os dois embaixadores: *Ilustríssimo Senhor, os nossos superiores do supremo Concelho, nunca deram verdadeiro crédito, de que Vossa Senhoria lhe poderia mandar fazer guerra, porém como o povo todo fala, forçosamente haviam ter receios; e por isso nos mandaram pedir a Vossa Senhoria da parte dos Senhores da ilustre Companhia das Índias Ocidentais, e juntamente da parte de Sua Majestade El-Rei Dom João, que Vossa Senhoria mande aquietar os moradores de Pernambuco, e prender a João Fernandes Vieira, porque ele preso todos os mais se aquietarão; e para este efeito prometem os senhores do supremo Concelho passo franco, e livre por suas terras de Pernambuco, a todas as tropas que Vossa Senhoria mandar para benefício de paz, e quietação da terra.* Ao que o Governador Antônio Teles da Silva respondeu: *Esses senhores do supremo Concelho, como têm feito muitas traições a S. Majestade, e muitas extorsões, e agravos aos moradores de Pernambuco, suas maldades lhes trazem as consciências perturbadas, e os fazem temer, e arrecear; ora eu suposto que entendo que me enganam, me quero deixar enganar por esta vez, vão-se para Pernambuco, e digam aos do supremo Concelho, que dentro em quinze dias pouco mais, ou menos, eu mandarei aquietar os moradores de Pernambuco, e prender a João Fernandes*

Vieira, e entregá-lo preso no Recife para que eles o mandem a Sua Majestade, com as culpas que tem cometido, para que o dito Senhor Rei o mande castigar. E com isto despediu aos embaixadores.

Despediram-se os embaixadores do governador para se fazerem à vela no seguinte dia pela manhã, e naquela noite buscou o Sargento-mor Teodosio de Estrate ordem para se avistar com o dito governador secretamente, e tanto que se viu em sua presença lhe falou desta sorte: *Ilustrissimo Senhor, Vossa Senhoria ha de saber, que tanto que eu soube que Sua Majestade El-Rei Dom João o Quarto tomou posse da coroa, e cetro do Reino, e Monarquia de Portugal, logo em meu coraçao se acenderam uns grandes desejos de o ir a servir na guerra contra El-Rei de Espanha, e o pretendi pôr por obra, mas nunca os senhores do supremo Concelho do Recife me quiserem dar licença para me embarcar, pela muita necessidade que tinham de minha assistencia em Pernambuco, a respeito dos honrados cargos que tenho ocupado, e a experiencia que tenho na milicia. Hoje de presente sou capitão, e comendor do forte do porto do Pontal de Nazaré no Cabo de S. Agostinho, que é um porto dos mais principais da Capitania de Pernambuco, João Fernandes Vieira, sabendo os desejos que eu tinha de servir a El-Rei D. João me solicitou de um ano a esta parte, por três vezes, com boa cópia de dinheiro, e largas promessas, para que eu lhe entregasse a dita fortaleza, e eu o fui entretendo com umas confusas, e acauteladas esperanças, porquanto não me assegurava que podiam seus intentos alcançar glorioso fim; porém neste tempo tenho visto os extraordinários agravos, e afrontas, roubos, crueldades, e tiranias, que os holandeses governadores de Pernambuco têm feito aos moradores; e que eles obrigados da pura necessidade, e aflição, não tinham outro remédio, senão rebelar, e levantar-se, e tomar as armas contra os holandeses. Agora vejo que o povo está levantado, e João Fernandes Vieira já retirado para os matos com grande tropa de soldados ajuramentados a morrer na empresa, ou a livrar-se do cativeiro, em que estão, e vejo que João Fernandes Vieira, e todos os que o seguem, não fazem caso de fazendas, nem mulheres, nem filhos, e se vão ajuntando em um corpo, para darem sobre os holandeses; pelo que me ofereço a Vossa Senhoria, para lhe entregar a fortaleza de Nazaré, e nisto não haverá falta, à lei de cristão, e católico que sou, e filho de pais católicos; e por este serviço não quero*

prêmio algum, senão que saiba Sua Majestade o ânimo, que eu tenho de o servir, e sobre isto que prometo, espero em Deus de lhe fazer muitos serviços nesta empresa da liberdade, que João Fernandes Vieira tem principiado. O Governador Antônio Teles da Silva lhe agradeceu muito o bom zelo que mostrava de servir a Sua Majestade, e lhe prometeu a remuneração a seu tempo.

No seguinte dia, tanto que apareceu a luz do dia; saíram os dois embaixadores do porto da Bahia, e com vento em popa chegaram em tres dias ao Recife, aonde contaram aos do supremo Concelho por extenso tudo o que haviam passado com o Governador Antônio Teles da Silva, e disseram que era um homem mui prudente, e sagaz, e circunspecto, e sobretudo mui severo, determinado, e resoluto; também contaram em como no porto da Bahia havia muitas embarcações, porém que tudo eram naus, navios e caravelas mercantis, e que somente viram ali um galeão de guerra, o qual era de Salvador Correia de Sá de Benavides, que estava para ir para o Reino, acompanhando a frota dos açúcares, de que os navios, e caravelas estavam carregadas; finalmente disseram que o Governador Geral lhes prometera de mandar dentro em quinze dias aquietar aos moradores de Pernambuco, e a prender a João Fernandes Vieira; com esta resposta ficaram os do supremo Concelho mui satisfeitos, entendendo por esta via que se fariam senhores de todo o Brasil, matando com engano, e traição aos soldados que viessem da Bahia, que para boa razão haviam de ser os melhores, e mais práticos na guerra; e mortos eles iriam sobre a Bahia, e a ganhariam a mãos lavadas, e em Pernambuco tomariam vingança de todos os que foram ajuramentados no alevantamento com João Fernandes Vieira, como não tivessem donde esperar socorro.

E logo sem mais tardança mandaram chamar a João Blar, o mais cruel, e desumano homem, que dos de sua nação entrou em Pernambuco, e o constituíram em capitão-mor, e lhe deram trezentos soldados armados todos de clavinas, e espingardas, para não se sentir o cheiro do morrão, e lhe deram mais duzentos negros da terra, índios Pitiguares, chamados caboclos brasilianos, grandes inimigos do nome português, e lhe mandaram que com esta gente saísse de noite do Recife, e fosse aos mocambos do Borralho, aonde estava escondido João Fernandes Vieira com os de sua parcialidade, e o trouxessem vivo preso em algemas, e matassem

a todos os que com ele estavam. O Padre Frei Manuel alcançou esta cruel determinação, que lhe declarou um judeu de nação, a quem ele andava catequizando com muito cuidado, para o reduzir a lei de Cristo, Nosso Senhor, e batiza-lo, como ja o tinha feito a outros sete da mesma nação hebréia, dois dos quais haviam mandado para Portugal ao inquisidor-mor por via da Bahia, e do Governador Antonio Teles da Silva, por eles lhe pedirem que queriam ir a viver a Portugal, aonde se guardava a lei de Cristo inteiramente; e este judeu como nao lhe faltava mais para ser cristão, que o santo batismo, declarou o intento dos holandeses ao Padre Frei Manuel seu mestre catequizante, o qual logo mandou aviso a Joao Fernandes Vieira, que se preparasse, ou mudasse de posto, porque o inimigo guiado de dois malsins traidores o ia buscar, e este aviso lhe mandou por o Padre Manuel Ribeiro, morador na Várzea, o qual o fez com muita pontualidade, e porquanto nao pode ser o portador por andar mui enfermo, fez o aviso por duas pessoas de confiança, que iam, e vinham ao mato com as novas das determinações do inimigo.

Logo João Fernandes Vieira fez abalar a gente que consigo trazia, e foi tomar outro posto em um mato mais secreto, e proveu todos os caminhos, e atalhos de boas sentinelas, e mandou recado ao Capitão Antônio Dias Cardoso, o qual estava escondido na mata do Brasil, que logo descesse para baixo, e se viesse a unir com ele; e qual veio com muita diligência, e trouxe consigo quarenta e dois soldados mui bem armados com armas de fogo, e mui práticos na guerra, e mui animosos para qualquer empresa de importância.

Partiu João Blar do Recife em busca de João Fernandes Vieira, e em passando o Arraial velho lhe chegou um aviso de um traidor, que com rebuço de fiel amigo andava em companhia de João Fernandes Vieira, no qual lhe mandou dizer em como João Fernandes Vieira havia mudado o alojamento para outro mato mais retirado, pelo que se detivesse mais três, ou quatro dias até o segundo aviso; visto isto deixou João Blar o caminho dos Apipucos que levava, e tomou o caminho de Caité, que passando o rio Beberibe pela mata vai a dar nos rios Paratibe, e Jaguaribe e fazendas de D. Madalena, e estrada direita para Igarassu, e foi roubando a todos os moradores por onde passava, espancando a uns, e mandando matar a outros, e permitindo a seus solda-

dos, e aos gentios brasilianos, que forçassem as donzelas, e as casadas, e entrassem por as igrejas, e as saqueassem e quebrassem as santas imagens de Cristo Nosso Senhor e da Virgem Maria, e do outros santos, com tanto desaforo, que me não atrevo a escrevê-lo porque m'o impedem as muitas lágrimas, que neste passo me caem dos olhos, e também porque não quero ofender às piedosas orelhas dos fiéis cristãos, especificando cada uma de por si, as grandes crueldades, que este lobo carniceiro executou, e fez executar nos miseráveis, e tristes moradores, homens, e mulheres, e até nos meninos inocentes.

Tanto que o Capitão Antônio Dias Cardoso chegou ao mocambo aonde estava João Fernandes Vieira, logo João Fernandes Vieira o nomeou por sargento-mor de toda a gente do bando da restauraçao da liberdade; tomou-se conselho do que se havia de fazer, e o Governador João Fernandes Vieira se resolveu em sair a público, e dar cópia de si, deliberando a romper por todos os trabalhos, e perigos. Começou a marchar com duzentos e cinqüenta homens, e trinta negros Minas para Massiapé, aonde se lhe ajuntou o Capitao do campo Francisco Ramos, e o Capitão Braz de Barros com quarenta homens bem armados, e logo os seguiu o Capitao Cosmo do Rego com cinqüenta homens, e o Capitão João Barbosa; ali esteve o Governador João Fernandes Vieira cinco dias tratando das coisas importantes para a guerra, e mandou oficiais, que ajuntassem os moradores, e deu cargo de cabo de companhias para este ministério ao Padre Simão de Figueiredo, por haver sido capitão antes de ser sacerdote, e entender bem as coisas da milícia, e por sua boa diligência, e dos mais oficiais, se lhe ajuntaram em três dias oitocentos homens na freguesia de São Lourenço da Moribara, os quais com grande zelo da Fé de Cristo Nosso Senhor e da liberdade da Pátria, não repararam em desamparar suas casas, mulheres, e filhos, deixando-os ao rigor do inimigo, e encomendando-lhes que se escondessem por os matos enquanto durava aquela tribulação, a qual não podia durar muito pois a guerra se fazia por a honra de Deus e por a defensão da Fé Católica, e dos fiéis cristãos e verdadeiramente que os moradores desta freguesia são merecedores de que Sua Majestade os favoreça, e lhes faça muitas mercês pelo ânimo que mostraram, e o exemplo que deram a todos.

A estes moradores, porque estavam os mais deles desarmados mandou o Governador João Fernandes Vieira prover de chuços, facões, e de algumas armas de fogo, que logo se consertaram, porque de estarem escondidas, e ao rigor do tempo, estavam ferrugentas e desconsertadas. Teve o nosso governador notícia em como iam quatorze flamengos à povoação de São Lourenço a buscar farinha e mandou-os esperar ao caminho, por os capitães Paulo Veloso, e Francisco de Lisboa, e os mataram, e lhe tomaram as armas, e a pólvora que levavam, que nos foi de muito proveito, mandou-se assegurar o campo, e ao outro dia marchamos para São Lourenço com todo o corpo da gente, que fazia numero de novecentos homens, atora mulatos, e negros; aonde por o tempo fazer seu dever, e ser no coraçao do inverno, e a chuva continua, e os rios irem de foz em fora, não fizemos ali coisa de consideraçao, mas que juntar farinha e gado para a sustentação de soldados.

O Governador das armas holandesas Henrique Hus, que estava com o seu exército em Ipojuca, aonde seus soldados saquearam toda a povoação, e mataram a Francisco Godinho, e ao ermitão de Santa Luzia por a culpa de haver tangido e sino à missa, achacando-lhe que dava rebate à nossa gente; depois que Henrique Hus teve roubado a nossa gente de Ipojuca, mandou deitar bando que todos os moradores que se quisessem tornar para suas casas, o podiam fazer dentro em três dias porque ele lhes prometia segurança das vidas, e fazendas, e que para isso lhes daria seus passaportes, com o que alguns por não morrerem por os matos ao desamparo, se tornaram para as suas casas, aonde acharam somente as paredes, e telhados, e as caixas, e cadeiras, que os holandeses não puderam carregar às costas.

Vendo outrossim que não se podia encontrar com Amador de Araújo o qual vendo que tinha pouca gente, e sem armas, e que não podiam brigar em forma, e defender-se, se havia retirado para os matos, nos quais se ele dito Henrique Hus entrava se havia de ver perdido, e desbaratado; e finalmente, sendo ali avisado por os do supremo Concelho, em como João Fernandes Vieira tinha saído a campo, e estava posto em som de guerra, tratou logo de o ir buscar, e para isto se saiu de Ipojuca com toda a sua gente, e veio ajuntando a si os soldados que estavam no presídio da vila de Santo Antônio do Cabo e na Muribeca mandando roubar por os seus soldados, e índios brasilianos a todos os mora-

dores por onde passavam; e gastou mais de dez dias na jornada, por respeito das grandes cheias dos rios, e terrível invernada.

Teve João Fernandes Vieira aviso em como o Governador das armas holandesas Henrique Hus o ia buscar a São Lourenço com grande exército, e que por a parte do sertão vinha também marchando o capitão-mor, ou para melhor dizer o tirano-mor João Blar com a sua tropa para acolherem em meio à nossa gente, e a degolarem, sem escapar nenhum com vida; e assim tomando conselho sobre o negócio resolveram João Fernandes Vieira, e o seu Sargento-mor Antônio Dias Cardoso, que não nos estava a conto o esperarmos ali o inimigo, e assim passou a nossa gente toda ao engenho de Fernão Soares da Cunha na Moribara pequena, passando com muito trabalho o rio Capibaribe em duas jangadas; e a mais da gente a nado, por estar o rio mui cheio, e ali o padre João de Araújo, coadjutor de São Lourenço, depois de haver deixado a sua casa, e móveis ao rigor do inimigo, perdeu o seu cavalo, que se lhe afogou na passagem, e com andar mui enfermo, nunca deixou de nos acompanhar por águas, lamas e as mais descomodidades desta jornada que foram muitas, e terríveis.

Do engenho de Fernão Soares da Cunha, marchou a nossa gente para o engenho de São João fazenda de Arnáo de Holanda, o qual nos agasalhou com muita abundância, e grande despesa de sua fazenda em três dias, que ali nos detivemos, e se mancomunou conosco ele, e seus filhos; e daí mandou o Governador João Fernandes Vieira ao Padre Simão de Figueiredo com quatorze homens ligeiros a reconhecer aquele sítio, e a pôr sentinelas por os caminhos, e chegando ao rio Tapucurá, vendo que ia cheio demasiadamente, ordenou que se fizesse uma jangada com um vai e vem de cipós, a qual fez por suas mãos o Capitão João Barbosa de Sousa, por ser mui engenhoso, e sobretudo mui animoso, e sofredor de trabalhos; e nesta jangada passaram todos os nossos soldados de oito em oito, e de dez em dez, à vista de João Blar, o qual estava com o seu exército da outra parte entre uns matos, e chegamos à casa de Manuel Fernandes da Cruz, aonde não nos detivemos mais que uma noite, nem o nosso governador quis comer coisa de sua casa, nem dormir dentro nela, e se agasalhou na ermida do engenho, e o levou consigo mostrando-lhe ruim semblante por as grandes suspeitas que havia de que ele avisava ao inimigo de tudo o que entre nós se passava.

No engenho de Arnão de Holanda ficou como de vigia o Capitão Cosmo do Rego com cinqüenta homens, sobre o qual deu de noite, e de sobressalto João Blar com toda a sua gente, sendo guiado por um mulato traidor que sabia bem aqueles atalhos; e como o Capitão Cosmo do Rego estava descuidado, e confiado em que por tão ásperos matos, e tantas lamas e não trilhados caminhos, não poderia ali vir pessoa humana; não teve lugar de se pôr em defensão, nem brigar, porque se lhe espalharam os soldados; porém ainda os ajuntou do melhor modo que pôde; e rompendo por entre o inimigo se veio a incorporar com a nossa gente. Da casa de Manuel Fernandes da Cruz marchou João Fernandes Vieira com muito trabalho para a casa de Melchior Rodrigues Covas, com o nosso, exército, aonde nos detivemos vinte e dois dias esperando pelo inimigo para brigarmos com ele e neste meio tempo é bem que digamos o que passou no Recife, e as coisas que mais sucederam.

Enquanto o Governador Joãc Fernandes Vieira se deteve com a nossa gente, publicaram os do Concelho supremo do Recife um bando, e tirano edital, pelo qual mandaram, que todas as mulheres dos moradores que se haviam retirado com João Fernandes Vieira para os matos, fossem dentro em cinco dias naturais próximos seguintes em busca de seus maridos com seus filhos, e filhas, sob pena de morte, a fogo, e sangue, e perdimento de seus bens, e que passado este termo de cinco dias se não usaria de clemência, nem piedade com aquelas que tendo seus maridos, irmãos, ou filhos ausentes, se achassem em suas casas. Considere agora o pio leitor o que fariam as pobres, e miseráveis mulheres, vendo seus pais, maridos, irmãos, e filhos ausentes, sem saberem as paragens aonde estavam, vendo-se sós, e desamparadas, e no meio do rigor do inverno, sem mantimento para se sustentar entre as silvas hórridas dos matos; e vendo que a tirana espada do inimigo estava já ameaçando os seus pescoços, e gargantas; umas se prostravam de joelhos, e com as mãos levantadas ao céu, e os olhos arrasados em lágrimas pediam a Deus perdão e misericórdia, outras com os rosários da Virgem Maria nas mãos, os passavam uma, e muitas vezes, outras se abraçavam com os inocentes filhinhos e com soluços, e gemidos se despediam deles, outras caíam desmaiadas em terra sem dar acordo de si, outras que nunca haviam saído de suas casas, se não era no tempo da Quaresma, ou nos dias das festas principais à igreja, e ainda

então arrimadas em pajens, por não caírem; vendo-se neste aperto, e estreitura arremetiam com o súbito temor a entrar por entre os matos, e ali se punham aos pés das primeiras árvores que achavam, pedindo a misericórdia a Deus, e a proteção, e amparo à Virgem Maria, e aos santos, de quem eram mais devotas; porque de outra parte não esperavam que lhe pudesse vir socorro, nem remédio.

Acudiram a ver se podiam aplacar, e modificar este tão grande rigor, e tirania, Gaspar de Mendonça, senhor dos Apipucos, e Luis Braz Bezerra, e Manuel Ribeiro de Sá, e Manuel João de Paiva, e Lourenço Guterres; e para este efeito foram buscar ao Padre Mestre Frei Manuel do Salvador, a quem sabiam que os holandeses tinham grandes respeito e veneração por sua gravidade, e letras, e por sua louvável, e exemplar, e honesta vida, o qual por muitas vezes havia com suas boas razões mitigado a fúria dos holandeses em outras ocasiões trabalhosas, e outras vezes fazia que estes cruéis inimigos suspendessem as rigorosas sentenças que contra os portugueses fulminavam; e tão respeitado era este padre de todos os holandeses, grandes e pequenos, que quando ele passava pela Cidade Maurícia, e Recife, as mulheres lhe faziam mesuras, e os homens se desbarretavam e os meninos, e meninas de pequena idade, lhe vinham a beijar a mão; e se acaso este dito padre ia apressado a negociar alguma coisa de importância, os meninos flamengos iam correndo detrás dele, chamando a vozes, até que ele os esperava, e lhe dava a mão a beijar, e então se tornavam muito contentes; sendo que se por as ruas passavam alguns religiosos, ou clérigos nossos, os mesmos meninos lhe diziam palavras injuriosas: *Rut Papa, esquelmen, hurquent, deduvel*. Que monta tanto como dizer; vai fora papista, velhaco, filho de puta e diabo; e já pode ser que este respeito e afeição, que os meninos mostravam ao Padre Frei Manuel nascería da contínua vista, e vizinhança, que teriam com ele, ou porque muitos deles eram os seus afilhados, que os havia batizado, porque quando o pai era católico furtava a criança que lhe nascia, e sem a mulher luterana, ou calvinista o saber, o trazia ao Padre Frei Manuel, para que lh'a batizasse, e o mesmo fazia a mulher que era católica, às escondidas do marido herege; e muitos católicos, principalmente os franceses acudiam secretamente a ouvir missa nos dias festivais, na casa do dito padre aonde dizia missa em um oratório, às portas fechadas; e trazendo-lhe um dia

um menino de dez anos endemoniado, o dito padre lhe fez os exorcismos da Santa Igreja Romana, e sendo assim que quando entrou no oratório não havia dez homens que pudessem ter mão nele, e vindo todos admirados das hórridas visagens que fazia, e temerosos dos segredos que descobria, na terceira vez que o dito padre lhe fez os exorcismos foi Deus servido por sua misericórdia que o demônio se saiu fora daquele corpo, e o menino ficou livre, e são, e os que com ele haviam vindo, se tornaram para as suas casas, já renunciadas as falsas seitas de Calvino, e Lutero, e protestando de viver na Fé Católica Romana, porque o dito padre lhes fez uma prática, na qual lhes declarou os erros em que viviam, e depois disto os mais deles vinham a buscar o dito padre para que os instruíssem no caminho da verdade; e como isto ia passando de mão em mão, uns davam exemplo aos outros a que lhe tivessem respeito.

Tanto pois que Gaspar de Mendonça, e os mais atrás nomeados, contaram ao Padre Frei Manuel do Salvador e a que vinham ao Recife, ele se foi em sua companhia, e entraram todos com ele no supremo Conselho, e os que ali assistiam (deixando aos mais ficarem em pé) deram cadeira junto a si ao padre, e com muita cortesia lhe mandaram que falasse no que pretendia daquele tribunal, o qual lhes começou a falar desta maneira: *Lembrados devem estar Vossas Senhorias dos assentos, e capitulações, que o Senhor Príncipe João Maurício Conde de Nassau, e Vossas Senhorias, se obrigaram a guardar aos moradores desta Província, na dieta, que com os principais homens desta terra celebraram, pois para isto os chamaram a todos, as quais capitulações, e prometimentos nos começaram a quebrar, antes que o dito Senhor Conde se partisse para a Holanda, e depois de sua partida nenhuma coisa das prometidas se nos guardou; antes às bandeiras despregadas se nos quebrou tudo o prometido, e jurado, e sobre isso foram molestados os moradores com tantas, e injustas vexações, e agravos, como eu por algumas vezes o vim estranhar a Vossas Senhorias, e o vinha estranhar neste supremo Concelho, e prometendo-me sempre que em tudo poriam o remédio conveniente, nunca este remédio chegou; por a qual razão os moradores, como desesperados, se têm levantado, e tomado as armas para se defenderem, com resolução de morrerem na demanda; agora sou certo em como Vossas Senhorias mandaram pedir ao Governador Geral deste Estado Antônio Teles da Silva, que quisesse man-*

dar apaziguar este levantamento o que ele prometeu fazer entre breves dias. E pois os moradores desta terra até agora não têm feito outros males, nem desaforos, se não é o terem-se retraído para os matos, não têm Vossas Senhorias razão de mandar executar as crueldades, que os seus soldados vão usando com os moradores que se têm ficado em suas casas debaixo de seus passaportes, nos quais comprados por seu dinheiro Vossas Senhorias lhes promete de os defender, e guardar de inimigos com todo o cuidado possível; e o mundo está vendo que esta guarda, e defesa, é roubá-los, e matá-los, e obrigá-los com sem razões a que tambem se vão para os matos; e se uma vez se forem tarde hão de tornar, ou nunca; e quando outra coisa não puderem fazer, estão deliberados a queimar todos os canaviais, e engenhos, e retirar-se para a Bahia, deixando esta terra em tal estado, que em muitos anos não possam os senhores holandeses tirar dela fruto, nem proveito, e assim à pura necessidade e aos excessivos gastos, sem ganância obriguem a Vossa Senhoria a deixar a terra e tornar-se para as suas terras.

O Governador Geral Antônio Teles da Silva não pode tardar muitos dias em mandar apaziguar este alevantamento, e prender aos que foram cabeças desta jação, pois Vossas Senhorias lh'o mandaram assim pedir, e lhe deram licença para que pudesse mandar aqui ministros de guerra a pôr tudo em paz. Todas as monarquias do mundo, segundo contam as antigas, e modernas histórias, se conservaram por amor, e benevolência dos reis, e monarcas para com os seus vassalos; e tanto que começaram a usar de crueldade, tirania, e rigores, quando pareciam que estavam mais fixos, e estáveis, de repente deram consigo em terra, e do mais excelso de suas glórias se vieram a achar no mais profundo abismo das misérias. Os portugueses têm uma natureza, e condição mui diferente de muitas nações do mundo; a qual é; que sofrem com paciência e ânimo inteiro todos os agravos e perdas de seus bens, e ainda de suas vidas, porém em lhe tocando em desacatos feitos às suas mulheres, e filhas por nenhum modo sabem sofrer, sem tomar vingança, pelo que Vossas Senhorias não se atrevam a maltratar, e agravar as mulheres que não têm culpa no que seus pais, e maridos fazem, porque se põem em risco de terem guerra com portugeses enquanto esta memória durar. Como é possível que em cinco dias naturais vão as mulheres aonde estão os seus maridos, pois não sabem aonde estão e quando o soube-

ram, como hão de ir por os caminhos, e matos, andando tudo cheio de soldados flamengos, e de índios Pitiguares, os quais forçam, e injuriam as que estão em suas casas em companhia de seus pais, e seus maridos, e que se pode esperar que façam com as que acharem sós, e sem companhia? Cinco dias é um termo mui apertado, pelo que Vossas Senhorias suspendam este edital que têm publicado, ou lhe alarguem mais o tempo, porque não há de ser bem aceito entre os príncipes cristãos esta crueldade usada com as mulheres inocentes; e se seus maridos, pais, e irmãos têm cometido culpa, para isso têm Vossas Senhorias soldados, e armas, mandem os buscar, e matem-os; e ainda isto não cabe em razão depois de haver mandado pedir ao governador geral que mande apaziguar aos moradores, e havendo ele prometido que assim o fará com muita brevidade.

Ouviram os do supremo Concelho estas, e outras muitas razões que o padre apontou, e logo cheios de ira, e cólera, disseram que não haviam de revogar o edital se não que se as mulheres se não fossem para onde estavam os seus pais e maridos, haviam de morrer todas como estava decretado; ao que o padre respondeu, que tomava a Deus por testemunha de como lhes havia feito esta advertência, e requerimento; e querendo nós sair do Concelho, um dos que ali estavam presidindo, chamado João Bolestrate, fez assentar outra vez ao padre, e lhe mostrou uma carta de João Fernandes Vieira cheia de desgarros e ameaços, e que não se cansassem em o mandar buscar, porque em breves dias ele os viria buscar a eles, e outras muitas coisas em resposta de algumas palavras injuriosas e ameaças que lhe haviam contado, que eles ditos ministros haviam falado, e feito contra e em menoscabo de sua pessoa, e honra; e também se alargaram muito em palavras injuriosas contra o dito João Fernandes Vieira, e no fim resolveram dizendo: *Não cuide João Fernandes Vieira que todos os que andam em sua companhia, são seus amigos, e lhe guardam fidelidade porque também lá com ele andam amigos nossos particulares, que nô-lo hão de entregar nas mãos, ou vivo, ou morto.* E replicando-lhe o Padre Frei Manuel, que não podia ser que português algum cometesse tal aleivosia, salvo fosse algum herege, que esquecido de Deus, e da conta estreita que lhe havia de dar, tivesse já entregue a alma ao demônio; ouvido isto meteu o Bolestrate a mão na algibeira, e tirou uma carta escrita por Antônio Cavalcanti, e a meteu nas mãos do padre para que

a lesse; a qual com equivalentes palavras, dizia em um capítulo desta maneira:

Vossas Senhorias não recebam paixão, nem se inquietem, porquanto a cabeça principal uma mulher que gozou o título de mãe dos doze patriarcas juntos de Jacob, pela qual se viu Joseph adorado no Egito em cumprimento do sonho de que se havia de ver adorado do sol, e da lua, e de onze estrelas, esta dará em terra com a estatua de Nabuchodonosor, e quando ela não for bastante não faltará outro caminho mais fácil, e secreto, e caída a cabeça, logo todo o corpo se desfará em pós, e em cinza. Bem conheceu o padre que esta mulher de quem a carta falava, foi Bahia a qual na Santa Escritura foi chamada mãe comum dos doze patriarcas, o que debaixo deste rebuço se prometia aos holandeses, que uma bala de espingarda, ou arcabuz, tiraria a vida a João Fernandes Vieira, ou o matariam com peçonha, e que logo toda a conjuração da liberdade se acabaria; porém respondeu aos do Concelho que não entendia aquele enigma, nem lhe importava o querer saber o que significava. O Bolestrate lhe tomou a carta da mão, dizendo: *Bem está, bem está, não leia Vossa Reverência mais por diante.* Com isto nos despedimos do Concelho e o Padre Frei Manuel, e Lourenço Guterres, mandaram logo aviso a João Fernandes Vieira, que se vigiasse, e atentasse por sua vida, porque a trazia jugada a um tombo de dado, e porque este aviso foi mandado por uma pessoa de quem se teve receio que o descobrisse aos holandeses, e o Padre Frei Manuel considerou que o mostrarem-lhe os do Concelho aquela carta poderia ser para dali lhe levantarem alguma culpa de haver revelado o segredo; e como tinha avisado aos nossos de alguns intentos dos holandeses, e andava já mui sobressaltado de que se viesse a saber, e o prendessem e o matassem tanto que chegou a sua casa, que tinha na Cidade Maurícia, mandou pôr em caminho a dois negros que possuía, e mandou para fora das fortificações do inimigo em uma canoa por mar todos os seus papéis manuscritos, e fechou as portas de sua casa, deixando nela todos os móveis que nela tinha por não ser sentido que se ausentava; e saindo-se passeando com um bordão na mão; tanto que esteve fora das fortificações, se veio para os Apipucos em companhia de Gaspar de Mendonça, de Manuel João, e Lourenço Guterres; e ali se emboscou e escondeu entre o mato de uma ilhota que está rodeada de água do açude de João Pessoa e os holandeses e caboclos brasilia-

nos, lhe saquearam sua casa sem lhe deixar coisa alguma; porem o Padre resguardou seu corpo, e sua vida, e os holandeses principais diziam que o Padre Manuel era o maior traidor que eles tinham em Pernambuco, porém que eles o apanhariam às mãos. Tratemos agora do que sucedeu à nossa gente na mata do Brasil em casa de Melchior Rodrigues Covas.

Tanto que João Fernandes Vieira chegou à casa de Covas, que era a mais afamosa e espaçosa que no sertão de Pernambuco havia, e se alojou ali com a gente que o seguia, começou Antonio Cavalcanti (com ser um dos ajuramentados na empresa da liberdade) com outros de sua fação a alborotar o povo, dizendo-lhe que o inimigo os vinha seguindo com dois exercitos para os tomar em meio, e que sem duvida haviam de ser todos degolados, e que se quisessem pelejar não tinham ali comodidade para isso, nem para onde se pudessem retirar, nem cirurgiões nem medicinas para curar os feridos, e que o trabalho das chuvas, e lamas era intolerável; e que sobretudo não tinham que esperar socorro da Bahia, nem tinham polvora, nem armas bastantes para se defenderem dos holandeses, que vinham muitos, e bem armados, e finalmente que a intenção do Governador João Fernandes Vieira era acolher-se para a Bahia, e levar consigo os moradores de Pernambuco, o que não se podia fazer sem que o holandês os matassem a todos no caminho, e que assim melhor lhes estava irem-se todos para suas casas, e mandarem buscar passaportes, os quais lhes dariam os senhores do supremo Concelho de boa vontade; por a qual razão começou a haver um motim entre todos, e os mais queriam tornar-se para suas casas, e começaram de apartar ranchos.

Sobre este alboroto teve o Governador João Fernandes Vieira palavras mui pesadas com Antônio Cavalcanti, e com Bernardino de Carvalho, e com outros dos mais graves da terra, e estiveram em risco de virem às espadas. Logo esta divisão, e alboroto se soube no Recife, porque de entre a nossa gente mandavam cada dia avisos aos holandeses e Sebastião de Carvalho começou a dizer a bandeiras despregadas que João Fernandes Vieira havia mandado matar a seu irmão Bernardino de Carvalho, e a outros porque lhe haviam dito a verdade, e que deixasse as parvoices, em que andava metido, trazendo após si aos moradores enganados, prometendo-lhe socorros da Bahia, e liberdade da terra, a qual era impossivel poder-se alcançar; porém que se João

Fernandes Vieira havia morto a seu irmão, que também ele havia de morrer cedo porque sua morte seria logo vingada por seus parentes, e amigos que eram os melhores, e mais honrados da terra.

Estando pois quase toda a nossa gente amotinada em casa do Covas, chegaram-se para a parte de João Fernandes Vieira, Cosmo de Crasto Passos, e seu genro Manuel Cavalcanti, irmão de Antônio Cavalcanti (o qual não se falava com ele, por ver sua pouca fé, e lealdade para com seu rei, e sua pátria) e o capitão Antônio Carneiro Falcato, o Padre Simão de Figueiredo, Luiz da Costa de Sepúlveda, Álvaro Teixeira de Mesquita, Amaro Lopes de Madeira, o Padre João de Araújo, Sebastião Ferreira, o padre Frei João da Ordem de São Bento, Antônio da Silva, Francisco Gomes de Abreu, e o Sargento-mor Antônio Dias Cardoso, por cujo conselho mandou João Fernandes Vieira dar um rebate falso, dizendo que o inimigo vinha, ordenou logo o sargento-mor algumas emboscadas, e repartiu os postos aonde os capitães haviam de pelejar com seus soldados; e estando tudo preparado em som de guerra, chegaram as sentinelas, e disseram que não havia novidade de presente, e que tudo estava seguro.

Logo o Governador João Fernandes Vieira mandou aos capitães, que se viessem retirando por onde ele estava, e o primeiro foi o Capitão Paulo Veloso, o qual havia vindo da Bahia; e tanto que esta companhia esteve diante dele, se meteu no meio dos soldados, e lhe falou desta maneira: *Bem manifesto é senhores o rigor com que os holandeses vos têm tratado, e as crueldades e tiranias que têm usado com vossas pessoas, mulheres, e filhos, e o desaforo com que vos têm roubado todas vossas fazendas e mortos vossos parentes, violadas vossas filhas, e desonrado vossas mulheres, e sobretudo profanado os templos sagrados, despedaçando as imagens de Cristo Nosso Senhor e da Virgem Maria, e dos santos, querendo extinguir de todo o ponto a Fé Católica Romana, nesta miserável Província de Pernambuco; pela qual razão levado eu do zelo cristão, e obrigação que tenho de acudir pela honra da fé de Jesus Cristo Nosso Salvador; sendo o mais rico de todos vossas mercês, e podendo passar a vida regaladamente, ou aqui no Brasil, ou em Portugal, vendendo aqui meus engenhos e pondo o dinheiro no Reino, todavia tomei sobre meus ombros esta empresa da liberdade da pátria, e tenho dispendido nela a maior parte de minha fa-*

zenda, e a vou despendendo com muito gosto, e de presente tenho deixado por detrás das costas minha mulher, meus engenhos, e tudo quanto possuía, e tenho aqui sacrificado a vida aos fios da espada do inimigo só por libertar a vossas mercês do tirano cativeiro em que vivem. Eu não posso fazer isto só, sem vossas mercês me acompanharem, e ajudarem: também lhes faço a saber que eu não trago aqui a ninguém forçado pelo que os que me quiserem acompanhar, passem-se ali para a banda direita e estejam certos, que os não hei de levar para a Bahia, porque a misericórdia de Deus é grande, e não há de faltar ao seu povo cristão; e os que não me quiserem acompanhar, passem-se para aquela parte esquerda, e vão-se mui embora para as suas casas e vão entregar as vidas ao inimigo que já lhes tem roubado suas casas, e não lhe há de cumprir os passaportes que lhes der, como até agora a ninguém os cumpriu.

Esta mesma prática foi o Governador João Fernandes Vieira fazendo a todas as companhias que iam passando por diante dele; e a mesma mandou fazer por o Padre Simão de Figueiredo, aos ranchos dos moradores que dali estavam desviados e com os corações caídos; e o dito padre Simão de Figueiredo o fez com tanto zelo cristão, e tal prudência, que toda a gente se ajuntou em um corpo e a vozes altas começaram todos a dizer: *Nós queremos ao Senhor João Fernandes Vieira por nosso governador, e cabeça da liberdade da pátria, e em sua companhia prometemos, juramos de brigar com os holandeses, até vencer, ou morrer na demanda.* Ouvida esta tão bizarra resolução ficaram os alborotadores do povo mui confusos, e o Governador João Fernandes Vieira mui alentado, e satisfeito, e sendo avisado por testemunhas fiéis, e verdadeiras, que o determinavam matar com peçonhas, e que já a tinham preparada, tratou de trazer sempre soldados de guarda à sua pessoa de dia e de noite, e estes soldados eram da companhia do Capitão Paulo Veloso, a quem o Sargento-mor Antônio Dias Cardoso tinha encomendado este ministério e o dito Sargento-mor Antônio Dias Cardoso pôs dois soldados de guarda na porta da cozinha aonde se fazia de comer, e não entrava nela mas que um servo do Governador João Fernandes Vieira, em quem ele tinha muita confiança e lhe deu liberdade, e lhe fez outros muitos favores, e mercês prometendo-lhe de ser bom amigo pelo tempo adiante.

Tanto que o Capitão-mor Amador de Araújo soube em como o Governador das armas holandesas Henrique Hus ia em busca do nosso Governador João Fernandes Vieira por conselho do Capitão Domingos Fagundes ajuntou toda a gente que póde em Ipojuca, e em Santo Antônio do Cabo, e na Muribeca, que fazia número de quase quatrocentos homens, e veio marchando para a Varzea, aonde imaginou que achasse o Governador João Fernandes Vieira, e encarregou o Capitão Domingos Fagundes que governasse a tropa, por ser experimentado na milícia, ardiloso, e acautelado, o qual pôs a gente em ordem como havia de marchar, mandando descobridores do campo, e ele se ficou na retaguarda com doze soldados animosos, e vindo assim marchando, lhe saíram pelas costas trinta índios Pitiguares, dos que militavam contra nós no exército dos holandeses, e o Capitão Domingos Fagundes os investiu, e lhe feriu alguns da primeira surriada, e logo lhe matou cinco a espada, e os outros fugiram por entre o mato. Chegou o Capitão-mor Amador de Araújo à Várzea, e sabendo que o Governador João Fernandes Vieira estava alojado na mata do Brasil em casa do Covas, foi logo marchando para lá, e deixou ao Capitão Fagundes no engenho de Baltazar Gonçalves Moreno, para que ali estivesse ele aguardando por os que vinham atrás cansados, e atribulados das muitas lamas, e passagem dos rios, e os amparasse e guardasse para que a gente do inimigo os não matasse achando-os desgarrados.

Foi a chegada de Amador de Araújo à casa do Covas mui festejada do Governador João Fernandes Vieira, e de toda a nossa gente, porque se viram com mais cabedal para receber o inimigo; e muito mais festejada foi a chegada de quatorze índios do Governador Dom Antônio Felipe Camarão, armados de mosquetes biscainhos, e com um trombeta, o qual tocou seu instrumento, e deu por nova que o Governador dos índios brasilianos Dom Antônio Felipe Camarão, e o Governador dos mulatos, e negros crioulos Henrique Dias, chegariam àquele sítio dentro em cinco até seis dias, porque já vinham perto; com esta nova cobraram os nossos novo alento, e até os que estavam medrosos, como ovelhas, se tornaram de repente tão briosos como bravos leões; e o Governador João Fernandes Vieira deu dois escravos de alviçaras a uma sentinela que lhe trouxe nova de que vinham aqueles quatorze índios do Governador Dom Antônio Felipe Camarão. Os do supremo Concelho do Recife não se descuida-

ram, mas antes mandaram ao seu Governador Henrique Hus mais gente de guerra, pólvora, e balas, vinho, aguardente, cerveja, manteiga, queijos, e brotes, para que não lhe faltasse mantimento; partiu o Governador holandês da povoação de São Lourenço por caminhos secretos por não ser sentido; e por onde tinha mais comodidade para marchar com sua gente, e chegando a sua primeira tropa ao engenho do Moreno, o Capitão Domingos Fagundes (suposto que tinha ordem de que não pelejasse, senão que em vendo ao inimigo se retirasse, e viesse a dar recado) todavia ele brigou quase três quartos de hora com os holandeses, e lhe fez algum dano sem que dos seus soldados houvesse ferido nem morto; e logo se veio por um atalho a incorporar com a nossa gente à casa do Covas.

Chamou o nosso Governador João Fernandes Vieira a conselho as pessoas que para isso eram suficientes, e resolveram os moradores daqueles matos, que o lugar em que estavam não era acomodado para receber ao inimigo, e brigar com ele, porquanto além de o inimigo nos poder acometer por muitas partes, não havia ali lugar para retirada; porém que eles guiariam a nossa gente a um sitio aonde ficássemos superiores ao inimigo, e com vantagem. Também ali nos chegou um francês cirurgião chamado Mestrola, o qual vivia na povoação de Santo Amaro, e nosso Governador João Fernandes Vieira o mandou buscar por dez soldados, e cuidando o cirurgião que o queriam matar, disse aos nossos soldados: *Senhores eu sou cristão católico romano, e sempre curei a todos os portugueses com muito cuidado, e amor pelo que se vossas mercês me levam para os matos para lá me matarem, matem-me logo aqui, porque estou perto da igreja aonde algum cristão me enterrará pelo amor de Deus, e se me levam para eu curar aos portugueses feridos dêem-me um cavalo porque eu estou enfermo de uma perna, e não posso andar a pé* Deram-lhe então os nossos soldados um cavalo, e ele tomou a sua botica de unguentos, e se veio com eles aonde estava a nossa gente que se alegrou muito com sua chegada, porque não tinham consigo cirurgião algum que os curasse.

Mandou o Governador João Fernandes Vieira abalar toda a nossa gente da casa, e sítio do Covas, e viemos a parar à cidade de Braga (não porque ali haja alguma cidade mas antes é um mato deserto, senão porque lhe puseram aquele nome por respeito de um homem que ali morava com

sua mulher, e filhos, o qual se chamava Diogo de Braga, o qual fez ali umas barracas para morar, e pôs por nome ao sítio, cidade de Braga) junto a esta cidade de Braga está um alto e empinado monte cercado todo de tabocais mui cerrados, e ali fizemos nosso alojamento, e nos preparamos para pelejar; e se alguém perguntar que coisa são tabocais? respondo que há no Brasil pelos matos uma certa casta de canas brabas, grossas, e todas cheias de rígidos e agudos espinhos, que aonde chegam não há vestido que possa resistir a seus gadanhos, e puas, e aos lugares onde estas tabocas nascem, chamam os moradores da terra tabocais.

E R R A T A

VOLUME I

ONDE SE LÊ			LEIA-SE
Pág. 9 — linha 5 —	A casa de **Bragança** e cortesia		a cortesia
Pág. 9 — linha 19 —	A quem **pagar** tributo		pagam
Pág. 11 — linha 30 —	Livre, sobre seu **lombo** o **põem** na praia		põe
Pág. 19 — linha 16 —	Con tanta suavidad colmó su **faso**		vaso
Pág. 23 — linha 14 —	para se **rachar**		taxar
Pág. 26 — linha 33 —	**Platano** junto aos rios		Plátano
Pág. 27 — linha 19 —	Porém **que** a boa árvore		quem
Pág. 38 — linha 39 —	Os homens não **baviam**		havia
Pág. 40 — linha 7 —	**O.M. Fr. Cornélio de São Paulo**		(suprimir)
Pág. 43 — linha 8 —	**por** inconvenientes		pôr
Pág. 53 — linha 5 —	**Alures**		Alvres

Pág. 53 — linha 12 — **as costas**	**às**
Pág. 56 — linha 13 — c e r c o **áquela praça**	aquela
Pág. 57 — linha 1 — **Cavalheiro**	Cavaleiro
Pág. 57 — linha 20 — **Alures**	Alvres
Pág. 66 — linha 19 — **Companhia de São Bento**	Companhia,
Pág. 73 — linha 29 — **seis soldados**	seus
Pág. 79 — linha 17 — que esto se me **baze**	haze
Pág. 88 — linha 23 — com b a l a s **eivadas**	ervadas
Pág. 98 — linha 2 — **Governador Pedro da Silva. Deitou**	Silva deitou
Pág. 112 — linha 4 — os **pavões,** os perus	pavões:
Pág. 112 — linha 7 — o **búgio...apeteá**	bugio. apereá
Pág. 112 — linha 24 — nas **mãos,** naviam	nas mãos;
Pág. 119 — linha 4 — segundo **lhes** parecesse	lhe
Pág. 137 — linha 6 — h o m e m que **crer,** e professa	crê
Pág. 142 — linha 10 — **Manssüel**	Mansfuel
Pág. 143 — linha 30 — **Cavalheiro**	Cavaleiro
Pág. 146 — linha 41 — **Manssuel**	Mansfuel
Pág. 151 — linha 11 — Mandou **p o r** muitas barcas	pôr
Pág. 206 — linha 25 — **Concelho Pieres Bontur**	Concelho e Pieres Bontur
Pág. 210 — linha 12 — Manuel **Conde**	Code
Páf. 210 — linha 33 — **cavalheiro**	cavaleiro
Pág. 212 — linha 6 — **mercância**	mercancia

Pág.	213	— linha	25	— **mercãncias**	mercancias
Pág.	213	— linha	36	— **mercâncias**	mercancias
Pág.	214	— linha	6	— **furtos**	surtos
Pág.	216	— linha	36	— **camponeses**	campanheses
Pág.	218	— linha	8	— **companha**	campanha
Pág.	238	— linha	35	— que lhe **haviam** custado	que lhe não haviam custado
Pág.	256	— linha	3	— **remedie**	remedele
Pág.	256	— linha	12	— Aipo **Enfens**	Ensens
Pág.	257	— linha	11	— **lançado** finta **de farinhas**	lançando
Pág.	258	— linha	19	— **variam diversidades**	vária diversidade
Pág.	261	— linha	15	— a apelidando a **divina**	apelidando a divina
Pág.	262	— linha	32	— de **se** levava	de si levava
Pág.	262	— linha	39	— os **mestre** de campo	os mestres
Pág.	263	— linha	4	— **se está, vendo** oprimido	se está vendo
Pág.	264	— linha	31	— Alberto **Geraddo Gaspar**	Alberto Gerardo
Pág.	264	— linha	39	— **Arnão** de Holanda	Arnáo
Pág.	271	— linha	20	— **Chifaen** Snider	Chisaen
Pág.	275	— linha	1	— **ou mandaria**	ou o mandaria
Pág.	281	— linha	25	— **arratéis**	arráteis
Pág.	283	— linha	3	— **dispenseira**	despenseira
Pág.	283	— linha	39	— **E vai**	E val
Pág.	285	— linha	2	— **após se**	após si
Pág.	286	— linha	25	— **mercância**	mercancia

Pág.	287	— linha	9 —	**mercância**	mercancia
Pág.	291	— linha	18 —	sagacidade; **dissimulaçao**	sagacidade dissimulação
Pág.	292	— linha	22 —	**mercâncias**	mercancias
Pág.	336	— linha	20 —	**Massiapé**	Maciape

COLEÇÃO PERNAMBUCANA
1ª FASE

I	**Pernambuco seu Desenvolvimento Histórico;**	Manoel de Oliveira Lima
II	**Vocabulário Pernambucano;**	F. A. Pereira da Costa
III	**Memória Histórica e Biográfica do Clero Pernambucano;**	Padre Lino do Monte Carmelo Luna
IV	**Dicionário Topográfico, Estatístico e Histórico da Província de Pernambuco;**	Manoel da Costa Honorato
V	**Nova Lusitânia — História da Guerra Brasílica;**	Francisco de Brito Freyre
VI	**Os Tempos de Lima Cavalcanti;**	Costa Porto
VII	**Ensaios Pernambucanos;**	Vários autores
VIII	**Diálogos com Agamenon Magalhães;**	Padre Romeu Peréa
IX	**Luís Álvares Pinto — Arte de Solfejar;**	Estudo e edição preliminar do Padre Jayme Diniz
X	**Annaes da Medicina Pernambucana (1842-1844)**	
XI	**Diário de um Soldado;** **Olinda Conquistada;**	Ambrósio Richshoffer Padre João Baers Traduções de Alfredo de Carvalho
XII	**Arruar — História Pitoresca do Recife Antigo;**	Mário Sette
XIII	**Estudos Pernambucanos;**	Alfredo de Carvalho
XIV	**Os Tempos de Duarte Coelho;**	Costa Porto
XV	**Tempo dos Flamengos;**	José Antônio Gonsalves de Mello
XVI	**Notas Dominicais;**	L. F. de Tollenare
XVII	**Viagens ao Nordeste do Brasil;**	Henry Koster
XVIII	**Subsídios para História da Educação em Pernambuco;**	Ruy Belo
XIX	**Os Tempos de Gervásio Pires;**	Costa Porto
XX	**O Brasil que Nassau Conheceu;**	Edição de Leonardo Dantas Silva

OUTROS LANÇAMENTOS:

—	**Folclore;**	Vários autores
—	**Verdevida (O Tempo Simultâneo);**	Maria do Carmo Barreto Campello de Melo
—	**Fascínio do Candomblé;**	José Amaro Santos da Silva
—	**Pequeno Calendário Histórico-Cultural de Pernambuco;**	Leonardo Dantas Silva
—	**Ritmos e Danças — Frevo;**	Leonardo Dantas Silva
—	**Monumentos do Recife;**	Rubem Franca
—	**Mouros e Judeus na Tradição Popular do Brasil;**	Luiz da Câmara Cascudo
—	**História do Futebol em Pernambuco;**	Givanildo Alves
—	**Cancioneiro Pernambucano;**	Leonardo Dantas Silva
—	**O Imperador Itinerante;**	Fernando da Cruz Gouvêa

COLEÇÃO
PERNAMBUCANA
2ª FASE

I —	**História da Guerra de Pernambuco**	Diogo Lopes Santiago — Edição Integral
II —	**Anais Pernambucanos**	— 1493-1590; F. A. Pereira da Costa
III —	**Anais Pernambucanos**	— 1591-1634; F. A. Pereira da Costa
IV —	**Anais Pernambucanos**	— 1635-1665; F. A. Pereira da Costa
V —	**Anais Pernambucanos**	— 1666-1700; F. A. Pereira da Costa
VI —	**Anais Pernambucanos**	— 1701-1739; F. A. Pereira da Costa
VII —	**Anais Pernambucanos**	— 1740-1794; F. A. Pereira da Costa
VIII —	**Anais Pernambucanos**	— 1795-1817; F. A. Pereira da Costa
IX —	**Anais Pernambucanos**	— 1818-1823; F. A. Pereira da Costa
X —	**Anais Pernambucanos**	— 1824-1833; F. A. Pereira da Costa
XI —	**Anais Pernambucanos**	— 1834-1850; F. A. Pereira da Costa
XII —	**Raras e Preciosas Vistas e Panoramas do Recife**	— 1755-1855; Gilberto Ferrez
XIII —	**O Valeroso Lucideno e Triunfo da Liberdade**	Frei Manuel Calado (2 vol.)
XIV —	**Primeira Visitação do Santo Ofício a Pernambuco**	— Confissões e Denunciações — (1593-1595)
XV —	**O Monitor das Famílias**	(Edição comemorativa a visita do Imperador Dom Pedro II a Pernambuco — 1859)
XVI —	**Memórias de um Senhor de Engenho**	— Júlio Bello
XVII —	**Os Azevedos do Poço**	— Mário Sette
XVIII —	**Apartamento de Cobertura**	— Hilton Sette
XIX —	**O Seminário de Olinda e seu Fundador, Azeredo Coutinho**	— Monsenhor Severino Nogueira
XX —	**Fontes para a História do Nordeste do Brasil**	— Fernanda Ivo Neves
XXI —	**Sé de Olinda**	— José Luiz Mota Menezes
XXII —	**Capiba — O Livro das Ocorrências**	— Lourenço da Fonseca Barbosa
XXIII —	**Estudos Pernambucanos**	— José Antônio Gonsalves de Mello
XXIV —	**Anais Pernambucanos — Índice Onomástico**	— Geny da Costa e Silva
XXV —	**Igreja e Estado no Brasil Holandês**	— Frans Leônard Schalkwijk

A edição desta obra teve a coordenação editorial e supervisão gráfica da Diretoria de Assuntos da FUNDARPE, órgão da Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes do Governo do Estado de Pernambuco, sendo impressa pela Companhia Editora de Pernambuco – CEPE. A edição, integrante da segunda fase da Coleção Pernambucana, tem o patrocínio do Governador Roberto Magalhães Melo, sendo: Vice-Governador Gustavo Krause Gonçalves Sobrinho; Secretário da Fazenda, Luiz Otávio de Melo Cavalcanti; Secretário de Turismo, Cultura e Esportes, Francisco Austerliano Bandeira de Mello; Diretor-Presidente da FUNDARPE, Roberto José Marques Pereira; Diretor do Patrimônio Histórico, Roberto Jorge Dantas da Fonte; Diretor de Assuntos Culturais, Leonardo Dantas Silva.

Recife, agosto de 1985